O BEST-SELLER NÚMERO UM

john grisham

o testamento

ELES TÊM A VONTADE.
AGORA ELE PRECISA ACHAR OS MEIOS.



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

John Grisham

O TESTAMENTO

Título original americano
THE TESTAMENT
1999

Tradução
LÍDIA GEER
Círculo de Leitores
2000

Título original: THE TESTAMENT
Tradução: LÍDIA GEER
Capa: JOSÉ ANTUNES
Copyright 1999 by Belfry Holdings, Inc.
Impresso e encadernado para o Círculo de Leitores por
SIG — Sociedade Industrial Gráfica, Lda.
Camarate, Lisboa, Portugal
Dezembro de 2000

NOTA DO AUTOR

A região do Pantanal, no Brasil, que se estende pelos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, é um território de grande beleza natural e um lugar fascinante para se visitar. Espero não a ter retratado como se fosse um pantanal imenso, repleto de perigos. Não é. É, isso sim, uma gema ecológica que atrai muitos turistas, a maioria dos quais sobrevive à visita. Já lá estive em duas ocasiões e desejo voltar de novo.

Carl King, meu amigo e missionário baptista em Campo Grande, levou-me até ao interior do Pantanal. Não estou bem certo até que ponto é que as suas informações correspondem à verdade, mas durante quatro dias divertimo-nos imenso, contando crocodilos, fotografando a vida selvagem, procurando anacondas, comendo feijão-preto com arroz branco e contando histórias, tudo isto a bordo de um barco que, não sei bem como, cada vez ia ficando mais pequeno. Agradeço muito a Carl por me ter proporcionado esta aventura.

Também quero agradecer a Rick Cárter, Gene McDade, Penny Pynkala, Jonathan Hamilton, Fernando Catta-Preta, Bruce Sanford, Marc Smirnoff e Estelle Laurence. E muito obrigado, como sempre, a David Gernert por ter lido incansavelmente este manuscrito, transformando-o num livro melhor.

UM

Até ao último dia, e agora até mesmo à última hora. Sou um homem velho, solitário e carente de amor, doente, sofredor e farto de viver. Estou preparado para o outro mundo; tem forçosamente de ser melhor do que este.

Sou proprietário do arranha-céus de vidro onde me encontro sentado, bem como de noventa e sete por cento da empresa nele sediada; abaixo de mim, sou dono dos terrenos circundantes que se estendem por um raio de oitocentos metros em três direcções, o que abrange as duas mil pessoas que trabalham aqui e outras vinte mil algures; sou igualmente proprietário da rede de condutas subterrâneas de abastecimento de gás ao edifício, que é fornecido pelas minhas explorações no Texas; a rede de abastecimento de energia eléctrica também é minha; o satélite, que não se avista a quilómetros de distância acima de nós, através do qual, em tempos idos, dei ordens a um império que se estende pelas sete partidas do mundo, é meu por meio de um sistema de leasing. Os meus bens excedem os onze mil milhões de dólares. Sou dono de minas de prata no Nevada e de cobre no estado de Montana, sem esquecer as plantações de café no Quénia e as minas de carvão em Angola, de borracha na Malásia e de gás natural no Texas, explorações petrolíferas na Indonésia e aço na China. A minha empresa é proprietária de companhias que produzem electricidade, fabricam computadores e constróem barragens, possuindo ainda outros empreendimentos cujos sinais são captados pelo meu satélite. Sou ainda dono de várias subsidiárias com escritórios espalhados por mais países do que alguém possa imaginar.

Outrora, fui dono de todos os brinquedos apropriados a um homem com o meu estatuto — os iates, os aviões a jacto e as louras, as casas na Europa e as quintas na Argentina, uma ilha no Pacífico, cavalos puro-sangue e até mesmo uma equipa de hóquei. Contudo, comecei a ficar velho de mais para estes brinquedos.

O dinheiro é a raiz da minha infelicidade.

Tive três famílias — três ex-mulheres que me deram sete filhos, dos quais seis continuam vivos, empenhando-se em fazer tudo o que podem para me atormentar. Tanto quanto me é dado saber, sou o pai dos sete e já sepultei um deles. Melhor dizendo, a sua mãe é que lhe fez o funeral. Na altura, encontrava-me fora do país. Vivo separado de todas estas mulheres e filhos. Hoje, reunir-se-

ão aqui porque estou prestes a morrer, tendo chegado a altura de dividir os dinheiros.

Há muito tempo que tenho vindo a planear este dia. O meu edifício tem catorze andares, todos muito espaçosos quer em comprimento quer em largura, formando uma estrutura quadrada em redor de um pátio frondoso nas traseiras, onde, antigamente, costumava dar almoços ao ar livre em dias soalheiros. Habito e trabalho no último andar — em cerca de três mil e quinhentos metros quadrados de uma opulência que poderá parecer obscena aos olhos de muitos, facto que não me enfada minimamente. À força de suor, inteligência e sorte ganhei cada cêntimo da minha fortuna. Gastar dinheiro é uma prerrogativa que me assiste. Dá-lo a quem bem entender também deve ser uma opção a que tenho direito, mas acontece que estou a ser acossado por todos os lados.

Por que razão haveria eu de me incomodar por causa de quem quer que seja que venha a herdar o meu dinheiro? Com ele já fiz tudo o que se possa conceber. Enquanto aqui estou, sentado na minha cadeira de rodas, sozinho e à espera, não sou capaz de pensar numa única coisa que queira comprar, ou ver, ou ainda num só lugar que deseje visitar, tão-pouco me ocorre uma outra aventura que pretenda levar a cabo.

Já fiz tudo o que se possa imaginar e sinto-me extremamente cansado.

Não me interessa quem é que ficará com o meu dinheiro. Por outro lado, interessa-me muitíssimo quem não o vai receber. Cada um dos metros quadrados que este edifício ocupa foi desenhado por mim, o que me permite saber com exactidão onde colocar todos os que assistirão a esta pequena cerimónia. Estão todos aqui, aguardando e aguardando, embora não se incomodem com esta espera. Em virtude do que estou prestes a fazer, estariam dispostos a ficar completamente nus sob uma tempestade de neve. A primeira família é constituída por Lillian e respectiva prole — quatro dos meus descendentes dados à luz por uma mulher que só raramente me permitia que lhe tocasse. Casámos na nossa juventude — eu tinha vinte anos e ela dezoito -, razão por que Lillian também é velha. Há muitos anos que não a vejo, e hoje também não terei oportunidade de a ver.

Tenho a certeza de que ela continua a desempenhar o papel de primeira mulher, abandonada e mortificada: ainda que cumpridora dos seus deveres, foi trocada por um troféu. Nunca voltou a casar, e estou certo de que durante cinquenta anos nunca teve relações sexuais. Ainda estou para saber como é que fomos capazes de procriar.

O seu filho mais velho tem actualmente quarenta e sete anos, Troy Júnior,

um idiota sem o mínimo préstimo que está amaldiçoado pelo meu nome. Em rapaz, adoptou o diminutivo de TJ, continuando a preferi-lo ao nome de Troy. Dos seis filhos que neste momento se reúnem aqui, TJ é o mais burro, apesar de os outros não lhe ficarem muito atrás. Quando tinha dezanove anos, foi expulso da faculdade por vender estupefacientes.

TJ, à semelhança dos outros filhos, quando fez vinte e um anos recebeu cinco milhões de dólares. E, tal como aconteceu com os outros, esse dinheiro escoou-se-lhe pelos dedos como se fosse água.

Não sou capaz de suportar o relato das existências deploráveis que os filhos de Lillian vivem. Bastará dizer que todos, sem excepção, se encontram sobrecarregados de dívidas e virtualmente desempregados, com muito poucas esperanças de que esta situação se venha a alterar; por conseguinte, a minha assinatura neste testamento é o acontecimento mais crítico das suas vidas. Retomando o tema das minhas ex-mulheres, acrescento que da frigidez de Lillian passei para a paixão escaldante de Janie, uma coisinha jovem de grande beleza que foi contratada como secretária para o Departamento de Contabilidade, mas que foi rapidamente promovida quando decidi que necessitava da sua presença aquando das minhas viagens de negócios. Divorciei-me de Lillian e casei-me com Janie que era vinte e dois anos mais nova do que eu era então, estando ela decidida a manter-me satisfeito. Com toda a rapidez que lhe foi possível, deu à luz dois filhos. Servia-se deles como âncoras que me mantinham por perto. Rocky, o mais novo, morreu num acidente ao volante de um automóvel desportivo, juntamente com dois dos seus compinchas, acidente esse que me custou seis milhões para se chegar a um acordo sem a intervenção de um tribunal.

Quando tinha sessenta e quatro anos casei com Tira. Ela tinha vinte e três e eu já a tinha engravidado, na sequência do que nasceu um pequeno monstro a que chamou Ramble por qualquer razão que, na minha perspectiva, nunca foi muito clara. Actualmente, Ramble tem catorze anos e já conta com uma estadia na prisão por furto em lojas, além de uma outra detenção por posse de marijuana. Os cabelos sebosos deste rapaz colam-se-lhe ao pescoço, caindo-lhe bastante pelas costas abaixo; adorna-se com argolas nas orelhas, nos sobrolhos e no nariz. Dizem-me que só vai à escola quando muito bem lhe apetece.

Ramble sente-se envergonhado por o seu pai ter quase oitenta anos; por outro lado, o seu pai sente vergonha por o filho usar contas presas na língua. Além de que ele, de parceria com o resto destes meus familiares, espera que eu aponha o meu nome neste testamento, fazendo assim com que as suas vidas

sejam substancialmente melhoradas. Não obstante o incomensurável valor da minha fortuna, o dinheiro não durará muito tempo nas mãos destes mentecaptos. Um velho prestes a morrer não deveria sentir tanto ódio, mas este sentimento é mais forte do que eu. São um bando deplorável, todos eles. As mães odeiam-me, consequentemente os filhos também foram ensinados a odiar-me.

São abutres que circulam com as garras abertas, dentes aguçados e olhos avaros, atordoados perante a expectativa de uma riqueza ilimitada.

A minha sanidade mental, devido à peculiaridade desta situação, é um assunto da maior importância. Estão todos convencidos de que tenho um tumor, uma vez que digo coisas estranhas. Durante as reuniões, e quando falo ao telefone, o meu discurso é tartamudeado e incoerente, o que leva os meus assistentes, posicionados atrás de mim, a murmurar e a acenar com a cabeça pensando para si próprios: Sim, é verdade. É o tumor.

Há dois anos fiz um testamento onde legava toda a minha fortuna à última parceira de coabitação, a qual, na altura, se saracoteava pelo meu apartamento usando umas cuequinhas de um tecido com pintas de leopardo e mais nada; e, sim, imagino que sou louco por louras de vinte anos, desde que tenham todas as curvas apropriadas. Mas a última foi posta na rua. O testamento foi parar à retalhadora de papéis. Pondo as coisas em termos simples, fiquei farto dela.

Há três anos fiz outro testamento, apenas pelo mero prazer de o fazer, deixando tudo a obras de caridade que ultrapassavam a centena. Num belo dia em que eu praguejava contra TJ, que me retribuía exactamente da mesma maneira, falei-lhe deste novo testamento. Sem estarem com meias medidas, ele, a mãe e os irmãos apressaram-se a contratar um monte de advogados vigaristas, indo a correr para o tribunal, numa tentativa de me darem por mentalmente incapaz, o que me teria remetido a uma instituição para avaliação e tratamento. Na realidade, esta medida mostrou esperteza da parte dos advogados, uma vez que se eu tivesse sido dado como mentalmente incompetente o meu testamento seria anulado.

Mas acontece que eu também tenho os meus advogados, a quem pago mil dólares à hora com o objectivo de manipularem o sistema jurídico em meu benefício. Acabei por não ser internado, apesar de, nessa altura, ser muito provável que estivesse um tudo nada passado dos carretos.

Não nos devemos esquecer de que tenho uma máquina de destruir papéis para meu uso exclusivo, que não hesitei em utilizar para todos os testamentos anteriores. Já desapareceram todos, tragados por esta máquina que tanto jeito me dá. Costumo usar longas túnicas brancas feitas de seda tai, para além de rapar a

cabeça como se fosse um monge budista, e, dado que como pouco, o meu corpo ficou pequeno e mirrado. Eles pensam que sou budista, mas na realidade sou um estudioso de Zoroastro. Eles não sabem qual é a diferença. Não me custa muito a compreender o motivo que os leva a pensar que a minha capacidade mental se encontra diminuída.

Lillian e a primeira família estão na sala de reuniões da administração, situada no décimo terceiro andar, exactamente abaixo de mim. É uma sala espaçosa com mármores e madeiras de mogno, carpetes ricas e uma comprida mesa oval colocada no centro, em redor da qual, neste preciso momento, se sentam pessoas deveras nervosas. Não é de surpreender que estejam presentes mais advogados do que membros da família. Lillian tem o seu advogado, o mesmo acontecendo em relação a cada um dos seus quatro filhos, excepção feita a TJ que se fez acompanhar de três para mostrar a sua importância e garantir que todos os cenários possíveis serão devidamente analisados. TJ tem mais problemas com a lei do que a maior parte dos encarcerados que aguardam no corredor da morte. Perto de uma das cabeceiras da mesa foi instalado um enorme quadro digital que servirá para reproduzir os trâmites legais. O irmão de TJ, Rex, com quarenta e um anos, o meu segundo filho, está presentemente casado com uma stripper. O seu nome é Amber, uma pobre criatura desmiolada mas que, em contrapartida, é senhora de uns grandes seios fruto de implantes. É, penso eu, a sua terceira mulher. Será a segunda ou terceira, mas quem sou eu para fazer juízos de valor? Ela também se encontra presente, juntamente com o resto dos cônjuges actuais e/ou parceiros de coabitação, tudo gente nervosamente irrequieta perante a perspectiva iminente da partilha de onze mil milhões de dólares. A primeira filha de Lillian, a minha mais velha, é Libbigail, uma criança que amei desesperadamente até que começou a frequentar a faculdade, altura em que se esqueceu completamente da minha existência. Pouco depois casou com um africano e, acto contínuo, eliminei-a dos meus testamentos.

Mary Ross foi a última criança que Lillian deu à luz. É casada com um médico que aspira a ser super-rico, se bem que o casal esteja fortemente endividado.

Janie e a segunda família aguardam numa sala no décimo andar. Desde o nosso divórcio, há já muitos anos, Janie teve dois maridos.

Tenho quase a certeza de que actualmente vive sozinha. Costumo contratar os serviços de investigadores que me mantêm a par de tudo, mas nem sequer o FBI teria capacidade para se pôr ao corrente de todas as camas em que ela se deita. Tal como já mencionei, Rocky, o seu filho, morreu. A minha filha

Geena está presente com o seu segundo marido, um idiota com um curso de pós-graduação, que é suficientemente perigoso para agarrar em quinhentos milhões de dólares, ou coisa parecida, e, de forma magistral, vir a perdê-los no prazo de três anos.

E depois temos Ramble, sentado sem um mínimo de postura numa cadeira no quinto andar, a lamber a argola de ouro que tem ao canto do lábio, passando a mão pelos cabelos sebosos e esverdeados, com um ar embezerrado dirigido à mãe, por esta hoje ter tido o desplante de aparecer aqui com um chulo baixinho e cabeludo. A partir de hoje, Ramble está à espera de ficar rico, contando que lhe seja entregue uma fortuna, pura e simplesmente porque eu sou seu pai. E Ramble também veio com um advogado, um fulano tipo hippie radical que Tira viu na televisão, tendo contratado os seus serviços jurídicos logo depois de se ter deitado com ele. Também estão à espera, juntamente com o resto da cambada. Conheço bem esta gente. Observo-os.

Snead apareceu, vindo das traseiras do meu apartamento. Há quase trinta anos que é o meu moço de recados. É um homenzinho rotundo, um tanto tosco, com o seu colete branco, dócil e humilde, perpetuamente inclinado pela cintura como se fizesse uma vénia ao rei. Snead parou à minha frente com as mãos traçadas à altura da barriga, como é seu hábito, mantendo a cabeça inclinada de lado e com um sorriso untuoso.

— Como está o senhor? — pergunta numa cadência afectada e rítmica que adquiriu há alguns anos, aquando da nossa estadia na Irlanda. Não lhe respondo porque Snead não espera, nem de mim é exigido, que lhe dê réplica. — Um pouco de café, senhor doutor? — O almoço.

Snead pisca os dois olhos fazendo uma vénia ainda mais acentuada, após o que vai de divisão em divisão no seu andar gingado, com a dobra das calças a roçarem o soalho. Ele também espera ficar rico depois de eu morrer; suponho que, à semelhança dos outros, ande a contar os dias que ainda faltam.

O problema com o facto de termos dinheiro é que toda a gente deseja receber algum. Somente uma pequena porção, um quinhão. O que é um milhão de dólares para um homem que possui milhares de milhões'? Dá-me um milhão, meu velho, e nunca notarás a diferença. Passa para cá um empréstimo e ambos nos esqueceremos do assunto. Vê lá se pões o meu nome algures no testamento; existe muito espaço para isso.

Snead é bisbilhoteiro que se farta e, há alguns anos, apanhei-o a remexer na minha mesa de trabalho, procurando, penso eu, o testamento mais actualizado. Quer que eu morra porque espera vir a receber uns quantos milhões.

Que direito é que ele tem para esperar seja o que for? Há muitos anos que eu devia tê-lo posto no olho da rua.

O seu nome não é mencionado no meu último testamento. Coloca um tabuleiro defronte de mim: uma caixa por abrir de bolachas de água e sal Ritz, um pequeno boião de mel selado com uma tira de plástico à volta da tampa, assim como uma lata de trinta e três centilitros de Fresca, à temperatura ambiente. Qualquer variação e Snead seria despedido sem apelo nem agravo.

Depois de dispensar os seus serviços, começo a molhar as bolachas dentro do mel. A derradeira refeição.

DOIS

Fico sentado a olhar fixamente através das paredes de vidros foscos. Nos dias límpidos, consigo avistar o topo do monumento a Washington, a quase dez quilómetros de distância, mas hoje não é um desses dias. Hoje, o tempo está agreste e frio, ventoso e encoberto; não é um mau dia para se morrer. O vento sopra as últimas folhas que restam nas ramagens das árvores, espalhando-as pelo parque de estacionamento mais abaixo.

O que é que me leva a preocupar-me com as dores? Qual é o problema com um pouco de sofrimento? Causei mais infelicidade do que a maior parte dos meus semelhantes.

Carreguei num botão e Snead apareceu. Faz uma vénia e começa a empurrar a cadeira de rodas transpondo a porta do meu apartamento, entrando no vestíbulo de mármore e percorrendo o corredor também em pedra-mármore; passamos por outra porta. Estamos cada vez mais próximos, todavia, não sinto a mais pequena ansiedade. Mantive os psiquiatras à espera mais de duas horas. Atravessamos o meu gabinete e aceno a Nicolette, a minha última secretária, uma coisinha jovem de quem gosto muito. Dispusesse eu de mais algum tempo e seria muito possível que ela se tornasse na número quatro.

Mas o tempo de que disponho não é muito. Limita-se a uns escassos minutos.

A cambada continua a aguardar — bandos de advogados e alguns psiquiatras, que têm a incumbência de determinar se estou são ou demente. Apinham-se em redor da longa mesa na minha sala de reuniões, e quando entro, abruptamente, todas as conversas cessam e todos os presentes prendem o olhar em mim. Snead coloca-me num dos lados da mesa, perto do meu advogado, Stafford. Na sala foram colocadas câmaras de vídeo que apontam em todas as direcções; os técnicos andam numa grande azáfama focando as lentes no melhor ângulo.

Todos os sussurros, cada movimento, qualquer sopro de respiração ficarão gravados, uma vez que há uma grande fortuna em jogo. O último testamento que assinei providenciava pouca coisa para os meus filhos. Foi elaborado por John Stafford, como sempre. Esta mesma manhã, foi parar à máquina de destruir papel. Encontro-me sentado aqui com a finalidade de provar ao mundo que estou de posse de todas as minhas faculdades mentais, o que me

permitirá assinar um novo testamento. Uma vez que isso fique comprovado, o destino que darei aos meus bens nunca será posto em questão.

Directamente à minha frente estão sentados três psiquiatras — cada um presta os seus serviços a uma das famílias. Em fichas de arquivo dobradas defronte destes homens, alguém inscreveu os seus nomes — doutor Zadel, doutor Flowe e doutor Theishen. Examino atentamente os seus olhares e rostos. Dado que se espera que eu mostre uma aparência de sanidade mental, é importante que estabeleça contacto visual com eles.

Estão todos na expectativa que eu faça qualquer coisa de destrambelhado, mas estou prestes a comê-los ao almoço. Stafford será o mestre-de-cerimónias. Depois de todos devidamente instalados e de as câmaras de filmar estarem a postos, ele dá início à sessão.

— O meu nome é Josh Stafford e sou o advogado do senhor Troy Phelan, que se encontra sentado aqui, à minha direita.

Comecei a avaliar os psiquiatras, um de cada vez, olhos nos olhos, a troca de olhares penetrantes, até que, à vez, cada um afasta o olhar. Os três usam fatos escuros. Zadel e Flowe têm barbas mal cuidadas. Theishen usa laço no colarinho, não aparentando ter mais de trinta anos. Às famílias foi dado o direito de contratarem os serviços de quem bem lhes aprouvesse.

— O objectivo desta reunião é submeter o senhor Phelan à avaliação de um painel de psiquiatras, que determinarão as suas capacidades testamentárias — continuou Stafford. — Assumindo que esta junta médica venha a considerá-lo são de mente, então, ele tenciona assinar um testamento onde ficará estabelecido o destino a dar aos seus bens aquando da sua morte.

Stafford bateu com o lápis sobre um testamento com a espessura de cerca de dois centímetros e meio que colocara defronte de nós. Tenho a certeza de que as câmaras de filmar foram ajustadas para um grande plano, e estou certo de que a mera visão do documento provoca calafrios que percorrem a espinha dos meus filhos e das respectivas mães, todos espalhados pelos vários andares do meu prédio.

Não tiveram oportunidade de ver este testamento, tão-pouco lhes assiste o direito a tal. Um testamento é um documento pessoal que só é revelado após a morte do testador.

Aos testamentários só resta especular quanto ao conteúdo do mesmo. Os meus herdeiros já receberam alguns palpites, pequenas mentiras que eu próprio magiquei cuidadosamente. Foram levados a acreditar que o grosso dos meus bens será dividido equitativamente pelos filhos, se bem que não saibam de que

maneira, enquanto as minhas ex-mulheres serão contempladas com doações generosas. Estão bem cientes deste facto; sentem-no na pele. Há várias semanas, mesmo meses, que têm vindo a rezar fervorosamente por isto. No que lhes diz respeito, este assunto é de vida ou de morte, posto que todos eles se encontram endividados. O testamento à minha frente é suposto fazer com que venham a ficar ricos, pondo cobro a todas as questiúnculas. Foi elaborado por Stafford e, em conversas com os advogados dos herdeiros, ele descreveu a traços largos, com minha autorização, o suposto conteúdo do testamento. Cada um dos meus descendentes receberá qualquer coisa que ronda os trezentos a quinhentos milhões, enquanto cada uma das três ex-mulheres herdará cinquenta milhões de dólares. Na sequência dos divórcios, estas três mulheres foram generosamente contempladas em termos monetários, mas, como é evidente, esse pormenor já foi esquecido. O total dos legados destinados às famílias seria de, aproximadamente, três mil milhões de dólares. Depois de o governo ter arrecadado os respectivos impostos sucessórios, no valor de vários milhões de dólares, o resto seria doado a obras de caridade.

Portanto, podem ver por que motivo eles estão aqui, todos aprumados, radiantes e sóbrios (na sua maioria), olhando para os monitores com uma expressão de avidez, aguardando esperançados que eu, um homem velho, possa manter-me à altura da situação. Tenho a certeza de que disseram aos respectivos psiquiatras: «Não sejam muito duros para com o velhote. Queremos que esteja bom do juízo.» Uma vez que todos estão tão felizes, porquê o incómodo desta avaliação psiquiátrica? Porque os vou lixar pela última vez, o que pretendo fazer com todos os preceitos.

A presença dos psiquiatras é da minha lavra, contudo, os meus filhos e os seus advogados são de compreensão lenta, não se apercebendo desta realidade.

O primeiro a tomar a palavra é Zadel.

— Senhor Phelan, é capaz de nos indicar a data, hora e local onde nos encontramos'? Senti-me como se ainda andasse na primeira classe. Deixei cair o queixo sobre o peito, como se fosse um imbecil, ponderando a pergunta durante o tempo necessário para fazer com que se sentassem à beira das cadeiras murmurando entredentes: — Vamos lá, sacana velho e amalucado. Com certeza que sabes que dia é hoje.

— Segunda-feira — respondi em voz baixa. — Segunda-feira, dia nove de Dezembro de mil novecentos e noventa e seis. O local é o meu escritório.

— E a hora? — Mais ou menos duas e meia da tarde — acrescentando: — Não costumo usar relógio.

— E onde é que o seu escritório está localizado? — Em McLean, Virgínia.

— É capaz de nos indicar os nomes e datas de nascimento dos seus filhos? — perguntou Flowe, aproximando-se mais do microfone. — Não. Os nomes, talvez, mas não me recordo das datas de nascimento. — Muito bem, diga-nos quais os nomes.

Levo o meu tempo a responder. Ainda é cedo de mais para começar com astúcias. Quero que eles suem.

— Troy Phelan Júnior, Rex, Libbigail, Mary Ross, Geena e Ramble. — Articulo os nomes como se me fosse extremamente doloroso pensar neles sequer.

É permitido a Flowe um acompanhamento da questão.

— Mas havia uma sétima criança, não é verdade?

— Certo.

— Está recordado do seu nome?

— Rocky.

— E o que é que lhe aconteceu? — Morreu num acidente de viação. — Sentei-me mais a direito na minha cadeira de rodas, cabeça bem erguida, com um olhar vivaz que ia de um psiquiatra ao outro, manifestando a maior sanidade mental possível perante as câmaras. Tenho a certeza de que os meus filhos e ex-mulheres se sentem orgulhosos de mim, observando-me atentamente através dos monitores instalados próximo dos seus pequenos grupos, apertando a mão dos cônjuges actuais e sorrindo para os seus advogados esfomeados porque, até ao momento, o velho Troy tem estado a lidar lindamente com os preliminares. É possível que a minha voz seja baixa e cava e posso ter o aspecto de um lunático com a minha túnica de seda branca, faces mirradas e turbante verde, mas o certo é que respondi às perguntas que os psiquiatras me fizeram.

Vamos lá, meu velho, eles imploram-te.

— Qual é o seu estado físico actual? — pergunta Theishen. — Já me senti melhor.

— Diz-se que sofre de um tumor canceroso. «Importas-te de ir direito ao assunto?» — Pensei que estava a ser submetido a uma avaliação mental — repliquei olhando de relance Stafford que é incapaz de conter um sorriso. Mas as regras permitem qualquer pergunta. Não estamos num tribunal.

— E está — confirmou Theishen com cortesia. — No entanto, todas as perguntas são relevantes.

— Estou a ver.

— Importa-se de responder à pergunta?

— Sobre o quê? — perguntei.

— Sobre o tumor.

— Certamente. É na região da cabeça, do tamanho de uma bola de golfe, todos os dias se expande um pouco mais; é inoperável e o meu médico diz que não terei mais de três meses de vida. Quase consigo ouvir nos andares abaixo de mim o estalar das rolhas de cortiça das garrafas de champanhe. A existência do tumor fora confirmada! — Neste momento encontra-se sob a influência de qualquer medicação que lhe alivie as dores, estupefacientes ou álcool? — Não — respondi.

— Tem em seu poder algum género de medicação para lhe aliviar as dores?

— Ainda não.

— Senhor Phelan — Zadel tomou a palavra -, há três meses, a revista Forbes classificou o valor líquido da sua fortuna em oito mil milhões de dólares. Esta estimativa encontra-se próxima da realidade? — Desde quando é que a Forbes é conhecida pela exactidão dos seus artigos?

— Portanto, não é exacta? — Cifra-se entre os onze e os onze mil milhões e meio, dependendo da flutuação dos mercados financeiros. — Dou esta informação numa voz muito lenta, apesar de o meu timbre ser bastante claro e de as minhas palavras terem sido ditas com autoridade. Ninguém duvida da dimensão da minha fortuna.

Flowe decide dar continuidade ao tema do dinheiro. — Senhor Phelan, é capaz de descrever, de uma maneira generalizada, o organograma das suas holdings? — Sim, sou.

— Importa-se de me dar essa informação? — perguntou Zadel.

— Não vejo qualquer inconveniente. — Fiz uma pausa, fazendo com que suassem as estopinhas. Stafford tinha-me tranquilizado dizendo-me que, naquelas circunstâncias, eu não era forçado a divulgar informações de carácter pessoal. Acrescentando ainda que só era obrigado a dar-lhes uma panorâmica geral. — O Grupo Phelan é uma empresa privada de cujos bens fazem parte setenta outras empresas diversificadas, e algumas destas estão cotadas nos mercados financeiros.

— Que percentagem do Grupo Phelan é que o senhor detém? — Cerca de noventa e sete por cento. Os restantes três por cento pertencem a uma mão-cheia de funcionários.

Theishen junta-se à caçada. Não foi preciso muito tempo para se

concentrarem no filão de ouro.

— Senhor Phelan, a sua empresa tem direito a alguns dos lucros da Spin Computer? — Sim — respondi com lentidão numa tentativa para posicionar a Spin Computer na minha selva corporativa.

— Que percentagem de acções é que controla?

— Oitenta por cento.

— E a Spin Computer é uma companhia de capitais cotados em bolsa? — Exactamente — confirmei.

Theishen começa a remexer numa pilha de documentos de aspecto oficial; do lugar onde estou sentado vejo que ele tem o relatório anual da empresa, assim como os balanços trimestrais, documentos que qualquer estudante de faculdade semi-analfabeto poderia obter.

— Quando é que adquiriu a Spin? — pergunta ele.

— Há mais ou menos quatro anos.

— Quanto é que pagou por essa empresa? — Vinte dólares por acção, num total de trezentos milhões. — Quero responder a estas perguntas mais lentamente, mas sou incapaz de me refrear. O meu olhar parece perfurar Theishen, tal a ânsia que sinto pela próxima pergunta.

— E actualmente quanto é que vale? — pergunta ele. — Bem... ontem fechou a quarenta e três e meio, desceu um ponto. Desde que a comprei as acções desdobraram-se por duas vezes, por conseguinte o investimento passou a valer cerca de oito-cinquenta. — Oitocentos e cinquenta milhões? — Precisamente.

Nesta altura, a avaliação encontra-se basicamente concluída. Caso a minha capacidade mental consiga apreender o valor de fecho das acções no dia anterior, então, sem dúvida alguma que os meus adversários ficarão satisfeitos. Até me parece que estou a ver os seus sorrisos apalermados. Tenho a impressão de que ouço os hurras! de júbilo em surdina. Assim é que é, Troy. Fá-los passar as passas-do-algarve.

Zadel quer o passado. Trata-se de um esforço para pôr à prova os limites da minha memória.

— Senhor Phelan, onde é que nasceu?

— Em Montclair, Nova Jérsia.

— Quando?

— A doze de Maio de mil novecentos e dezoito — respondi.

— Qual era o apelido de solteira da sua mãe?

— Shaw.

— Em que data é que ela morreu?

— Dois dias antes do ataque a Pearl Harbor.

— E o seu pai?

— O quê?

— Quando é que ele faleceu? — Não sei. Desapareceu quando eu ainda era miúdo. Zadel olha para Flowe que entretanto reunira algumas perguntas que anotou num bloco-notas.

— Quem é a sua filha mais nova? — perguntou Flowe.

— De que família?

— Hum, da primeira — clarificou ele.

— Nesse caso é a Mary Ross.

— Certo...

— Claro que está certo.

— Onde é que ela frequentou a faculdade?

— Tulane, em Nova Orleães.

— Que curso é que ela tirou? — Qualquer coisa relacionada com a Era Medieval. Em seguida fez um mau casamento, tal como os outros. Calculo que tenham herdado esse talento de mim. — Parece que estou a vê-los a retraírem-se, todos eriçados. Também consigo imaginar os advogados e os actuais parceiros de coabitação e/ou cônjuges ocultando pequenos sorrisos, uma vez que ninguém pode contestar o facto de que, efectivamente, fiz maus casamentos.

Com a agravante de me ter reproduzido de forma ainda mais deplorável. De súbito, Flowe dá esta rodada por terminada. Por seu turno, Theishen sente-se enamorado pelo dinheiro.

— Detém um número de acções suficiente para controlar a Mountain-Com? — Sim, tenho a certeza de que esse amontoado de papelada contém essa informação. Trata-se de uma empresa de capitais cotados em bolsa. — Qual foi o seu investimento inicial? — À volta de dezoito dólares por acção, para um montante de dez milhões de acções.

— E agora estão a...? — Ontem fecharam ao preço de vinte e um por acção. Uma permuta e um desdobramento durante os últimos seis anos e a empresa titular, presentemente, vale quase quatrocentos milhões. Isto responde à sua pergunta? — Sim, estou em crer que sim. Quantas empresas cotadas em bolsa é que controla?

— Cinco — respondi.

Flowe trocou um olhar fugidio com Zadel; pergunto a mim mesmo quanto tempo mais é que isto vai durar. Subitamente, sinto-me cansado.

— Mais alguma pergunta? — interroga Stafford. Não tencionamos exercer a mínima pressão sobre eles, dado que desejamos que se sintam inteiramente satisfeitos.

— Tem a intenção de assinar algum novo testamento hoje? — pergunta Zadel.

— Sim, é o que tenciono fazer.

— É o testamento que tem sobre a mesa, diante de si? — Sim, é — concordei.

— De acordo com as cláusulas desse testamento, os seus filhos herdarão uma porção substancial dos seus bens? — De facto, assim é.

— Está preparado para assinar o testamento neste momento? — Estou sim.

Com gestos meticulosos, Zadel coloca a caneta em cima da mesa, cruza os dedos mostrando uma expressão pensativa, e fita Stafford.

— Em minha opinião, o senhor Phelan, nesta altura, encontra-se de posse das capacidades testamentárias suficientes para poder dispor dos seus bens. — Pronuncia estas palavras com grande ênfase, como se o meu comportamento os houvesse mantido numa espécie de limbo.

Os outros dois psiquiatras apressam-se a mostrar a sua aquiescência.

— Não me restam dúvidas nenhumas quanto à sua sanidade mental — diz Flowe a Stafford. — No que me diz respeito, o estado psíquico do senhor Phelan mantém-se inacreditavelmente arguto. — Não lhe resta a menor dúvida? — pergunta Stafford.

— Nenhuma, seja de que espécie for.

— Doutor Theishen? — Deixemo-nos de charadas. O senhor Phelan sabe exactamente o que é que está a fazer. O seu raciocínio é bastante mais rápido do que o nosso.

«Oh, muito obrigado.» Aquilo tem tanto significado para tuim. «Vocês são um bando de psiquiatras de pacotilha que se esforçam por ganhar cem mil dólares por ano. Eu já fiz milhares de milhões, e contudo dão-me palmadinhas na cabeça enquanto me dizem que esperto que eu sou.» — Portanto, a opinião é unânime? — finaliza Stafford. — Sim. Absolutamente. — Não conseguem concordar com um acenar de cabeça à velocidade que desejariam.

Stafford faz deslizar o testamento pelo tampo da mesa na minha direcção, entregando-me a caneta.

— Este é o último testamento onde se expressam as últimas vontades de Troy. Phelan — começa ele a dizer -, o qual revoga todos os anteriores

testamentos e codicilos. É composto por noventa páginas e foi elaborado por Stafford e outra pessoa do seu escritório de advogados.

Compreendo o conceito, embora as especificidades escapem à minha capacidade de percepção. Não o li, nem tão-pouco tenciono fazê-lo. Procuro a última folha do documento, rabisco um nome ilegível aos olhos de qualquer pessoa, após o que, pelo menos para já, coloco as mãos sobre a folha de rosto. Jamais será visto pelos abutres.

— A reunião está encerrada — declara Stafford, e todos começam a arrumar as suas coisas. De acordo com as minhas instruções, as três famílias são apressadamente conduzidas para fora das salas onde se encontravam, tendo-lhes sido pedido que abandonassem o edifício de imediato.

Uma das câmaras de filmar continua apontada a mim; o único destino destas imagens em filme são os arquivos. Num passo apressado, os psiquiatras e os advogados também saem do edifício. Digo a Snead que se sente à mesa. Stafford e um dos seus associados, Durban, permanecem na sala; também estão sentados à mesa. Depois de termos ficado sozinhos meto a mão por baixo da orla da túnica de onde retiro um sobrescrito que abro. Do interior tiro três folhas amarelas com linhas de um bloco de apontamentos, colocando-as defronte de mim sobre a mesa.

Naquele momento, com o meu objectivo a escassos segundos de vir a ser concretizado, sinto-me invadido por um vago frémito de medo. Aquela acção irá necessitar de mais força do que a que consegui reunir de há algumas semanas a esta parte.

21 Stafford, Durban e Snead olham atentamente para as folhas de papel amarelo, mostrando-se profundamente desnorteados. — Estas são as minhas últimas vontades — anunciei agarrando numa caneta. — Um testamento holografado por mim, todas as palavras são da minha lavra, passadas a papel apenas há algumas horas. É datado de hoje e é hoje que o assino. — Uma vez mais, rabisquei a minha assinatura. Stafford mostra-se demasiado perplexo para poder reagir.

— Este testamento revoga todos os que o precederam, incluindo o que assinei há menos de cinco minutos. — Voltei a dobrar as folhas de papel, após o que as meti de novo dentro do sobrescrito. Cerrei os dentes com força recordando a mim próprio o quão desesperadamente desejava morrer.

Empurrei o sobrescrito fazendo-o deslizar na direcção de Stafford, ao mesmo tempo que me levantei da cadeira de rodas. Sinto as pernas a tremer. O meu coração bate a um ritmo acelerado. Já só faltam alguns segundos. Com

certeza que terei morrido antes de aterrar.

— Ei! — gritou alguém, penso que foi Snead. Mas eu estou a afastar-me deles.

O homem paralítico começou a caminhar, quase que corre, passa por uma correnteza de cadeirões em pele, passa por um dos quadros a óleo que me retratam, por sinal é um de má qualidade que foi encomendado por uma das minhas mulheres, passando por tudo o mais, em direcção às portas corrediças de vidro, que não estão trancadas. O que eu sei porque ensaiei esta cena há apenas algumas horas.

— Pare! — grita alguém, e eles correm atrás de mim. No espaço de um ano ninguém me viu andar. Agarro na maçaneta e abro a porta. O ar é de um frio agreste; descalço, piso o chão da varanda estreita que circunda o último andar. Sem olhar para baixo, lanço-me por cima do gradeamento.

TRÊS

Snead encontrava-se dois passos atrás do senhor Phelan, e, por uma fracção de segundos, pensou que poderia detê-lo. O choque que sentiu ao ver o homem de idade, não só a levantar-se e caminhar mas também, praticamente, a correr para a morte, imobilizou-o. Havia muitos anos que o senhor Phelan perdera a capacidade de se deslocar com tanta rapidez.

Chegou junto do gradeamento limitando-se a soltar um grito de horror, após o que, sentindo-se impotente, ficou a olhar para o senhor Phelan que caía silenciosamente, contorcendo-se e a esbracejar à medida que cada vez ia ficando mais pequeno, e mais pequeno, até que acabou por se estatelar no pavimento. Snead enclavinhou as mãos no topo do gradeamento, olhando sem querer acreditar no que via, e então, começou a chorar. Josh Stafford chegou à varanda um passo atrás de Snead, testemunhando a maior parte da queda. Tudo aquilo aconteceu com enorme rapidez, pelo menos o salto; a queda, por si só, deu a impressão de ter durado uma hora. Um homem que pese aproximadamente setenta e cinco quilos cairá de uma altura de cerca de noventa metros em menos de cinco segundos; todavia, mais tarde, Stafford contou a algumas pessoas que o velho flutuara por uma eternidade, qual pena rodopiante levada ao sabor do vento. Logo atrás de Stafford, Tip Durban chegou perto do gradeamento, tendo assistido apenas ao impacte da queda do corpo contra o pátio de tijoleira situado entre a entrada da frente e um caminho circular. Por qualquer razão que lhe era desconhecida, Durban segurava no sobrescrito de que, num gesto abstracto, se apoderara durante o tumulto que a tentativa de agarrar Troy tinha provocado. Sentindo os efeitos do ar gélido, teve a sensação de que o sobrescrito era bastante mais pesado, enquanto mais abaixo avistava uma cena que parecia ter sido tirada de um filme macabro, observando os primeiros mirones que se aproximavam do local da tragédia.

A queda em flecha de Troy Phelan não atingiu o elevado nível de dramatização com que este sonhara. Ao invés de ter flutuado até ao solo como um anjo, num mergulho perfeito de cisne, com a túnica de seda adejando atrás de si perante as famílias que, havia ele imaginado, estariam a abandonar o edifício precisamente no momento certo, em choque à vista de todo aquele horror; a

única testemunha da sua queda foi um empregado de escritório de um escalão inferior, que trabalhava na secção de pessoal e que, num passo apressado, atravessava o parque de estacionamento depois de um almoço bastante prolongado num bar. O homem ouviu uma voz que o levou a olhar para o último andar, observando aterrorizado um corpo desnudado, de pele pálida, que tombava e esbracejava com o que parecia ser um lençol em redor do pescoço. Estatelou-se de costas sobre o piso de tijoleira, produzindo o estrondo abafado que qualquer pessoa esperaria de um impacte com aquelas características.

O empregado de escritório correu para o local ao mesmo tempo que um dos seguranças reparava em algo anómalo, saindo disparado do seu posto próximo da entrada principal da Torre Phelan. Nem o empregado de escritório nem o segurança conheciam o senhor Troy Phelan, consequentemente, nenhum dos dois identificou, de início, os restos mortais que olhavam estupidificados. O corpo, descalço, contorcido e nu, sangrava à vista de todos com um lençol amarfanhado nos braços. De facto, estava bastante morto. Uns escassos trinta segundos depois, e Troy teria tido o seu desejo satisfeito. Dado que haviam sido conduzidos a uma sala no quinto andar, Tira, Ramble e respectiva comitiva de advogados, acompanhados do doutor Theishen, foram os primeiros a abandonar o edifício. Por conseguinte, os primeiros a depararem com o suicídio. Tira gritou, não de dor, nem tão-pouco por amor ou por um sentimento de perda, mas sim devido ao choque de ver o velho Troy estatelado no pavimento de tijoleira. Soltou um berro capaz de perfurar os tímpanos de qualquer pessoa, que foi ouvido com toda a clareza por Snead, Stafford e Durban catorze andares mais acima.

Ramble pensou que a cena era bastante porreira. Uma criança que era um produto da televisão, viciado em jogos de vídeo, achou que aquele derramamento de sangue era como um íman que o atraía. Afastou-se da mãe que continuava a gritar ajoelhando-se junto do pai morto. O segurança de serviço colocou-lhe uma mão firme sobre o ombro.

— É Troy Phelan — disse um dos advogados mantendo-se inclinado por cima do cadáver.

— Não me diga — retorquiu o segurança.

— Ena! — exclamou o empregado de escritório.

Do interior do prédio começaram a sair mais pessoas que corriam para o local do acidente.

Janie, Geena e Cody, com o seu psiquiatra, o doutor Flowe, e respectivos advogados foram os próximos a sair. Desta feita, não se ouviram gritos nem

desfalecimentos. Mantinham-se juntos formando um grupo apertado, bastante afastados de Tira e comitiva, olhando embasbacados para o pobre Troy, a exemplo de todos os outros.

Começaram a ouvir-se os ruídos emitidos pelos walkie-talkies, quando chegou outro segurança que assumiu o controlo da situação. Este último chamou uma ambulância.

— De que é que isso serve? — perguntou o empregado da secção de pessoal que, em virtude de ter sido o primeiro a chegar ao local do incidente, assumia um papel mais preponderante no desenrolar da situação.

— Queres levá-lo no teu automóvel? — inquiriu o último segurança. Ramble mantinha-se atento ao sangue a encher as fissuras entre a tijoleira, correndo em ângulos perfeitos por um declive pouco acentuado, na direcção de uma fonte de água congelada ao pé de um mastro de bandeira.

Entretanto, chegou um elevador apinhado ao átrio do piso térreo do prédio; as portas abriram-se dando saída a Lillian e à primeira família acompanhados da sua comitiva. Porque TJ e Rex, em tempos, haviam sido autorizados a manter gabinetes no edifício, estes tinham estacionado nas traseiras. Todos os elementos do grupo viraram à esquerda dirigindo-se a uma saída, até que alguém perto da entrada principal começou a gritar.

— O senhor Phelan saltou! — Inverteram a direcção dos seus passos, transpondo apressadamente a porta principal; saíram para o pátio de tijoleira, perto da fonte, onde depararam com o cadáver. Bem vistas as coisas, não teriam de esperar pelo tumor. Joshua Stafford necessitou de um minuto, mais ou menos, para se recompor do choque, recomeçando a raciocinar como advogado que era. Aguardou até que a terceira e última família surgiu no piso térreo, após o que pediu a Snead e a Durban que voltassem a entrar no prédio.

A câmara de filmar continuava ligada. Snead colocou-se de frente para a máquina, ergueu a mão direita, e jurou dizer a verdade; em seguida, esforçando-se por conter as lágrimas, descreveu o que acabara de testemunhar. Stafford abriu o sobrescrito de onde retirou as folhas de papel amarelo, que colocou suficientemente perto da câmara para que pudessem ser filmadas.

— Sim, eu vi-o assinar estes papéis — afirmou Snead. — Há apenas alguns segundos.

— E esta é a assinatura dele? — perguntou Stafford, mostrando-lhe os papéis.

— Sim, é.

— Confirma que ele declarou que este é o seu último testamento e que

contém as suas últimas vontades? — Ele disse que isso era o seu testamento.

Stafford recolheu os papéis antes que Snead pudesse lê-los. Repetiu o mesmo processo de testemunho com Durban, após o que se colocou em frente da câmara de filmar apresentando a sua versão dos acontecimentos. A câmara foi desligada e os três desceram no ascensor até ao piso térreo, a fim de prestarem, respeitosamente, as últimas homenagens ao senhor Phelan. O elevador estava apinhado de empregados do Grupo Phelan que se mostravam abismados, embora ansiosos por aquele último olhar de relance, tão raro, ao homem de idade. O edifício começara a esvaziar-se. O choro soluçado de Snead, que se colocara a um canto, era abafado. Os seguranças haviam obrigado a multidão a recuar, deixando Troy sozinho no seu charco de sangue. Começou a ouvir-se o som de uma sirene que se aproximava. Houve alguém que tirou fotografias para imortalizar o momento da morte daquele homem; em seguida, o corpo foi coberto por um cobertor negro.

Pouco depois, o choque provocado por aquela morte, que as famílias sentiram, foi suplantado por ligeiras ferroadas de pesar. Mantinham-se de cabeça baixa, com olhos que fitavam tristemente o cobertor negro, enquanto organizavam os seus pensamentos em preparação para os assuntos que se avizinhavam. Era impossível olhar para Troy sem pensar em dinheiro. A tristeza pela morte de um familiar com quem não se mantinha contacto, até mesmo em relação a um pai, não pode ser obstáculo a quinhentos milhões de dólares.

No tocante aos empregados, o choque deu lugar à confusão. Ele fora um indivíduo excêntrico, louco e enfermo — os rumores abrangiam todas as hipóteses. Nunca gostara das pessoas. No edifício trabalhavam alguns vice-administradores que ocupavam cargos importantes que o viam apenas uma vez por ano. Uma vez que a empresa era gerida tão eficazmente sem ele, com certeza que os seus postos de trabalho se encontravam assegurados. Para os psiquiatras — Zadel, Flowe e Theishen — o momento estava cheio de tensão. Declara-se que um homem está são de mente e minutos depois ele salta para a morte. E, contudo, até mesmo um homem tresloucado pode ter um intervalo de lucidez — esse era o termo legal que eles repetiam a si próprios tremendo de frio entre a multidão que se juntara.

Doido varrido, mas com um intervalo nitidamente lúcido no meio de toda a sua loucura, podia-se pois dar execução a um testamento válido. Estavam decididos a defender com firmeza as suas opiniões. Graças a Deus que fora tudo gravado em filme. O velho Troy era astuto. E estivera lúcido.

Quanto aos advogados, o choque passou-lhes com rapidez, não havendo

lugar para qualquer sentimento de desgosto. Com expressões soturnas, permaneciam junto dos seus clientes mantendo-se atentos àquela cena digna de dó. Os honorários seriam avultados.

Entretanto, surgiu uma ambulância que atravessou o pavimento de tijoleira, detendo-se perto do cadáver de Troy. Stafford passou por baixo do cordão que interditava o local, murmurando algumas palavras aos seguranças.

Com rapidez, o corpo foi colocado sobre uma maca onde seria transportado.

Troy Phelan mudara a sua sede para a região norte da Virgínia, mudança que se efectuara há vinte e dois anos, com a finalidade de fugir aos impostos aplicados em Nova Iorque. Dispendera quarenta milhões na sua torre e terrenos circundantes, montante que duplicou muitas vezes por ter domiciliado os seus negócios na Virgínia.

Conhecera Joshua Stafford, um advogado de D. C.(1) em franca ascensão, no decurso de um desagradável processo litigioso que Troy perdeu e que Stafford ganhou. Troy admirava o seu estilo e tenacidade, o que o levou a contratar os seus serviços. Ao longo da última década, Stafford duplicara o volume de negócios do seu escritório, enriquecendo à custa do dinheiro que auferia por defender as causas de Troy.

Durante os últimos anos da sua vida, ninguém fora tão íntimo do senhor Phelan como Josh Stafford. Ele e Durban regressaram à sala de reuniões do décimo quarto andar, fechando a porta à chave. Snead foi dispensado com instruções para que não desse nas vistas. Ligando a câmara de filmar, Stafford abriu o sobrescrito de onde retirou as três folhas de papel amarelo. A primeira página era uma carta que Troy lhe endereçara. Começou a falar para a câmara. — Esta carta tem a data de hoje, segunda-feira, dia nove de Dezembro de mil novecentos e noventa e seis. Foi escrita à mão e eu sou o destinatário, *1. Iniciais que significam Distrito da Colúmbia; referem-se concretamente a Washington D. C. a capital dos Estados Unidos coextensiva a esse distrito federal. (N. da T.) tendo-me sido remetida por Troy Phelan. É composta por cinco parágrafos. Passo a lê-los sem qualquer omissão: «Caro Josh: Neste momento já morri. Estas são as minhas instruções e quero que as sigas escrupulosamente. Caso seja necessário, deves recorrer ao litígio para que os meus desejos sejam inteiramente cumpridos.

Em primeiro lugar, quero que me façam uma autópsia rápida, o que se deve a razões que mais tarde serão da maior importância. Em segundo lugar, não haverá funeral, nem qualquer serviço religioso, seja este de que espécie for.

Quero ser cremado e as minhas cinzas devem ser espalhadas pelo ar por cima do meu rancho no Wyoming.

Em terceiro lugar, quero que o meu testamento seja mantido em segredo até 15 de Janeiro de 1997. A lei não exige que o apresentes imediatamente. Deves guardá-lo durante um mês. Até mais ver. Troy.» Com lentidão, Stafford colocou a primeira folha de papel sobre a mesa e, cuidadosamente, agarrou na segunda. Ficou a examiná-la por um momento, após o que recomeçou a falar para a câmara. — Este é um documento composto por uma página que substancia o último testamento de Troy Phelan. Vou proceder à sua leitura integral.

«O último testamento de Troy L. Phelan. Eu, Troy L. Phelan, de posse de todas as minhas faculdades mentais, expresso, por este meio, a revogação de todos os testamentos e codicilos anteriores por mim executados, dispondo dos meus bens da seguinte maneira: Aos meus filhos, Troy Phelan Júnior, Rex Phelan, Libbigail Jeter, Mary Ross Jackman, Geena Strong e Ramble Phelan, deixo a cada um uma soma em dinheiro necessária para pagar todas as suas dívidas até à data. Quaisquer dívidas em que incorram a partir de hoje não serão abrangidas por esta doação. No caso de qualquer destes meus descendentes tentar impugnar a validade deste testamento, a doação que lhe cabia será automaticamente anulada. Às minhas ex-mulheres, Lillian, Janie e Tira não deixo nada. Na sequência dos processos de divórcio todas foram adequadamente providas em termos monetários.

O remanescente dos meus bens será herdado pela minha filha Rachel Lane, nascida a 2 de Novembro de 1954, no Hospital Católico, em Nova Orleães, Louisiana, de uma mulher de nome Evelyn Cunningham, que já faleceu.» Stafford nunca ouvira falar daquelas duas mulheres. Foi obrigado a recuperar o fôlego antes de poder prosseguir.

«Nomeio o meu advogado, Joshua Stafford, depositário de toda a minha confiança, como testamenteiro deste testamento, concedendo-lhe plenos poderes, sem quaisquer restrições, na execução do mesmo.

Este documento foi holografado por mim e contém as minhas últimas vontades. Todas as palavras foram escritas pelo meu punho e passo a assiná-lo.

Assinado no dia 9 de Dezembro de 1996, às quinze horas, por Troy L. Phelan.» Stafford colocou o documento em cima da mesa pestanejando para a câmara. Estava a precisar de dar um passeio em redor do edifício, talvez uma rajada daquele ar gélido lhe fizesse bem, mas obrigou-se a continuar. Agarrou na terceira folha de papel dando seguimento ao assunto.

— Esta é uma nota composta por um parágrafo que, uma vez mais, me é endereçada. Vou proceder à sua leitura. «Josh: Rachel Lane é uma missionária da organização Tribos Universais, presentemente em missão na fronteira Brasil-Bolívia. Trabalha junto de uma tribo índia numa região remota conhecida pelo nome de Pantanal. A cidade mais próxima é Corumbá. Foi-me impossível descobrir o seu paradeiro. Durante os últimos vinte anos não mantive qualquer contacto com ela. Assinado por Troy Phelan.» Durban desligou a câmara de filmar começando a andar em redor da mesa, cujo perímetro percorreu duas vezes, enquanto Stafford lia e relia aquele documento. — Sabias que ele tinha uma filha ilegítima? Com um olhar abstracto, Stafford fitava uma das paredes da sala. — Não. Elaborei doze testamentos a pedido de Troy e ele nunca mencionou a existência dessa filha.

— Calculo que não nos devíamos sentir surpreendidos. Stafford declarara em várias ocasiões que era incapaz de ser surpreendido por Troy Phelan. Tanto nos negócios como na sua vida particular, o homem mostrara-se sempre extravagante e caótico. Stafford ganhara milhões correndo atrás do seu cliente para apagar os fogos que ele ateava.

Mas, de facto, sentia-se abismado. Tinha acabado de testemunhar um suicídio em circunstâncias bastante dramáticas, durante o qual um homem que estivera confinado a uma cadeira de rodas inopinadamente se erguera, começando a correr. Naquele momento, encontrava-se de posse de um testamento válido que, nuns escassos parágrafos redigidos apressadamente, nomeava como herdeira de uma das maiores fortunas do mundo uma desconhecida, sem a menor indicação de planeamento em relação aos bens. O imposto sucessório seria brutal.

— Estou a precisar de uma bebida, Tip — disse Stafford. — Ainda é um bocado cedo.

Ambos se dirigiram para a porta contígua entrando no gabinete do senhor Phelan, onde encontraram tudo aberto. A actual secretária, e todos os outros que trabalhavam no décimo quarto andar, continuavam no piso térreo.

Depois de terem entrado trancaram a porta e, apressadamente, começaram a inspeccionar as gavetas de secretárias e armários-arquivo. Troy havia esperado que procedessem daquela maneira. Noutras circunstâncias, nunca teria deixado os seus espaços particulares por fechar. Soubera de antemão que Stafford agiria de imediato. Na gaveta do meio da sua mesa de trabalho, encontraram um contrato celebrado com um crematório em Alexandria, com data de há cinco semanas. Por baixo deste havia uma pasta com documentação relativa às

Missões Tribos Universais. Reuniram tudo o que pudessem levar consigo e foram à procura de Snead, instruindo-o para que fechasse o gabinete à chave. — O que é que o último testamento contém? — perguntou este. Estava pálido e tinha os olhos inchados. O senhor Phelan não podia morrer daquela maneira sem que lhe legasse qualquer coisa, alguns meios que lhe permitissem sobreviver. Fora um serviçal fiel ao longo de trinta anos.

— Não lhe posso dizer — respondeu Stafford. — Voltarei amanhã para inventariar tudo isto. Não permita a entrada a quem quer que seja. — Claro que não — anuiu Snead numa voz sussurrada, recomeçando a chorar.

Stafford e Durban passaram a meia hora seguinte com um polícia numa situação de rotina. Mostraram-lhe o local onde Troy saltara por cima do gradeamento, facultando-lhe o nome das testemunhas e descrevendo, sem grandes pormenores, o conteúdo da última carta e testamento. Não restava a mais pequena dúvida de que se tratava de um suicídio. Antes de sair do edifício, o polícia deu o caso por encerrado assim que recebesse o relatório da autópsia. Foram encontrar o cadáver nas instalações do médico-legista, onde se inteiraram da forma como a autópsia seria efectuada. — Por que é que estamos tão interessados nesta autópsia? — perguntou Durban numa voz segredada enquanto aguardavam por alguns papéis.

— Para que a inexistência de estupefacientes fique comprovada, assim como de álcool. Nada que pudesse ter afectado as capacidades de raciocínio de Troy Phelan. Ele pensou em tudo. Eram quase dezoito horas quando conseguiram ir a um bar no hotel Willard, próximo da Casa Branca, a dois quarteirões do escritório dos dois advogados. Só depois de uma bebida bem forte é que Stafford conseguiu esboçar o primeiro sorriso.

— Ele pensou em tudo, não é verdade? — Ele é um homem deveras cruel — comentou Durban, embrenhado nos seus pensamentos. O choque já começara a dissipar-se, contudo, a realidade começava a instalar-se.

— Era, queres tu dizer.

— Não. Ele continua connosco. Troy continua a puxar os cordelinhos todos.

— És capaz de imaginar o dinheiro que aqueles idiotas vão gastar no próximo mês? — Na minha opinião, é um crime não lhes darmos conhecimento. — Não podemos. Recebemos as nossas ordens.

Para os advogados cujos clientes só raramente falam uns com os outros, a reunião foi um momento de insólita cooperação. O maior egocentrista presente na sala era Hark Gettys, um litigante turbulento que representava os interesses de

Rex Phelan havia já vários anos. Hark insistira para que aquela reunião se realizasse pouco depois de ter regressado ao seu escritório na Avenida Massachusetts. De facto, ele segredara uma ideia aos advogados que representavam TJ e Libbigail na altura em que estes observavam o corpo do velho que era colocado na ambulância. Era uma ideia tão boa que os outros advogados não podiam apresentar quaisquer objecções. Chegaram aos escritórios de Gettys depois das dezassete horas, acompanhados de Flowe, Zadel e Theishen. Eram aguardados por um estenógrafo do tribunal e por duas câmaras de vídeo.

Por razões mais que evidentes, o suicídio era responsável pelo nervosismo que sentiam. Cada um dos psiquiatras foi interrogado separada e individualmente durante muito tempo, a fim de darem as suas impressões quanto ao estado do senhor Phelan antes de saltar da varanda.

Entre os três não havia resquício de dúvida quanto ao facto de o senhor Phelan ter sabido com toda a exactidão o que se propusera fazer, afirmando que ele se encontrara de posse de todas as suas faculdades mentais, pelo que a sua competência testamentária era mais do que suficiente para o efeito. A insanidade mental não é um requisito indispensável para que alguém cometa suicídio, fizeram eles questão de acentuar, à cautela.

Quando os advogados, em número de treze, conseguiram reunir todas as informações possíveis, Gettys deu a reunião por encerrada. Eram quase vinte horas.

QUATRO

De acordo com o que a Forbes dizia, Troy Phelan fora o décimo homem mais rico dos Estados Unidos. A sua morte era uma notícia digna de relevo; a maneira que escolhera para morrer era absolutamente sensacional.

No exterior, na rua da mansão onde Lillian morava, em Falis Church, reunira-se um grande grupo de repórteres que aguardavam quaisquer declarações que fossem feitas por um porta-voz da família. Filmavam amigos e vizinhos à medida que estes entravam e saíam, atirando para o ar perguntas banais quanto ao estado de espírito dos familiares.

No interior da casa, os filhos mais velhos de Phelan reuniam-se com as respectivas mulheres e filhos, recebendo as condolências que lhes eram apresentadas. Sempre que os visitantes se encontravam presentes os ânimos mostravam-se acabrunhados. Logo que estes partiam, a disposição alterava-se dramaticamente. A presença dos netos de Troy — em número de onze — forçava TJ, Rex, Libbigail e Mary Ross a, no mínimo dos mínimos, tentarem suprimir os sentimentos de júbilo. Era uma tarefa difícil. Eram servidos champanhe e vinhos finos em quantidades abundantes. O velho Troy não teria desejado que eles chorassem a sua morte, não seria verdade? Os netos mais velhos bebiam mais do que os progenitores. Na sala onde a família costumava fazer as refeições havia um televisor sintonizado para o canal da CNN; de trinta em trinta minutos, reuniam-se junto do televisor para se inteirarem das últimas notícias da dramática morte de Troy. Houve um correspondente financeiro que apresentou uma peça de dez minutos onde abordou a imensidão da fortuna de Phelan, o que fez com que todos sorrissem.

Lillian conseguia manter o lábio superior num trejeito de rigidez, uma façanha bastante credível em que se apresentava como a viúva sofredora. Amanhã trataria das providências necessárias. Hark Gettys chegou por volta das dez horas, explicando à família que tinha falado com Josh Stafford. Não haveria lugar a funeral, nem tão-pouco a qualquer tipo de serviço religioso; somente uma autópsia seguida da cremação e uma disseminação das cinzas. Eram instruções dadas por escrito, e Stafford estava preparado para se bater em tribunal com o intuito de proteger os últimos desejos do seu cliente.

Lillian estava-se positivamente nas tintas para o destino que dessem ao corpo de Troy Phelan, atitude que também era partilhada pelos seus filhos. No entanto, tinham de protestar e levantar objecções ao que Gettys lhes dizia. Não lhes parecia que fosse correcto mandá-lo para o outro mundo sem um serviço religioso. Libbigail até chegou ao ponto de verter uma lágrima enquanto falava numa voz entrecortada.

— No vosso lugar, não me oporia ao que ele quis — aconselhou Gettys mostrando uma expressão solene. — O senhor Phelan deu estas instruções por escrito momentos antes de morrer, pelo que os tribunais farão cumprir a sua última vontade Rapidamente, a família mudou de opinião. Não fazia qualquer sentido perder muito tempo e dinheiro em despesas de carácter judicial. Era desnecessário prolongar o sofrimento. Por que haveriam eles de piorar a situação? Em qualquer dos casos, Troy levara sempre a sua avante. Além do mais, já tinham aprendido à sua custa que não valia a pena entrar em complicações com Josh Stafford.

— Estamos dispostos a obedecer aos desejos dele — disse Lillian; os outros quatro, por detrás da mãe, acenaram com a cabeça mostrando uma expressão de tristeza.

Não foi feita menção alguma ao testamento nem quanto à data em que poderiam examiná-lo, se bem que a questão se mantivesse latente no pensamento de todos. Era preferível que se mostrassem adequadamente pesarosos durante mais algumas horas, após o que poderiam meter mãos à obra. Uma vez que não haveria um velório, funeral, ou serviço religioso, talvez fosse possível encontrarem-se logo no dia seguinte, a fim de discutirem os bens deixados pelo falecido. — Qual o motivo da autópsia? — perguntou Rex.

— Não faço a mais pequena ideia — redarguiu Gettys. — Stafford disse que foi indicada por escrito, mas até ele mesmo não tinha a certeza.

Depois de Gettys se ter ido embora, todos beberam um pouco mais. As visitas deixaram de aparecer e Lillian decidiu ir para a cama. Libbigail e Mary Ross saíram com as suas famílias. TJ e Rex foram para a sala de bilhar na cave, onde trancaram a porta e mudaram para o whisky. À meia-noite, batiam bolas em redor da mesa, bêbedos que nem um cacho, celebrando a fabulosa fortuna que lhes coubera em sorte.

Às oito horas do dia seguinte ao da morte do senhor Phelan, Josh Stafford dirigiu-se aos ansiosos directores do Grupo Phelan. Dois anos antes, o próprio Josh fora nomeado pelo senhor Phelan para membro do conselho de administração, embora aquele fosse um cargo que não lhe agradava

desempenhar.

Ao longo dos últimos seis anos, o Grupo Phelan operara de maneira bastante rentável, sem necessidade de grande assistência por parte do seu fundador. Por qualquer razão, provavelmente devido a um estado de depressão, Troy perdera todo o interesse na gestão do dia-a-dia do seu império empresarial. Dava-se por satisfeito com a simples tarefa de se manter ao corrente dos mercados financeiros e relatórios de rendimentos.

O administrador actual era Pat Solomon, um homem de confiança da companhia, que Troy contratara há quase vinte anos. Este mostrava tanto nervosismo quanto os outros sete quando Stafford entrou na sala.

Existiam sobejas razões para aquela ansiedade. No âmbito da cultura da empresa haviam sido acumuladas inúmeras informações referentes às mulheres e filhos de Troy. A mais vaga alusão que indicasse uma transferência de propriedade do Grupo Phelan, fosse de que maneira fosse, para as mãos dessa gente, aterrorizaria qualquer conselho de administração.

Josh começou por anunciar a última vontade do senhor Phelan com referência à sua sepultura.

— Não haverá nenhum funeral — esclareceu sombriamente. — Para vos ser franco, devo dizer-vos que não há maneira de se poder apresentar uma última homenagem.

Todos apreenderam o significado daquelas palavras sem fazerem qualquer comentário. Na eventualidade do falecimento de qualquer pessoa normal, essa lacuna seria vista com estranheza. Mas dado que se tratava de Troy Phelan, era difícil que alguém se mostrasse desconcertado.

— Quem é que passará a deter o controlo do grupo? — perguntou Solomon.

— Neste momento, não posso adiantar nada sobre esse assunto — respondeu Stafford bem ciente do quanto a sua resposta era evasiva e pouco satisfatória. — Momentos antes de saltar pela varanda, Troy assinou um testamento, instruindo-me para que não o divulgasse por um determinado período de tempo. Não posso, seja em que circunstâncias for, dar a conhecer o seu conteúdo. Pelo menos, de momento. — Então quando? — Dentro em breve. Mas não agora.

— Sendo assim, os negócios continuam a decorrer como até à data, certo? — Exactamente. Este conselho de administração não sofrerá alteração alguma; toda a gente deve continuar a ocupar os seus postos. Amanhã proceder-se-á na companhia tal como se fez na semana passada.

Ninguém via o mínimo inconveniente naquilo, todavia, ninguém acreditava. A titularidade da empresa estava prestes a mudar de mãos. Troy nunca fora apologista da partilha de acções dentro do Grupo Phelan. Pagara generosamente aos seus empregados, mas não acompanhou a tendência de permitir que fossem, ainda que parcialmente, donos da empresa. Existiam uns escassos funcionários, merecedores da sua preferência, que detinham três por cento das acções. Passaram uma hora a discutir a redacção de um comunicado à imprensa, após o que deram a reunião por encerrada até dali a um mês.

Stafford encontrou-se com Tip Durban no vestíbulo, e juntos seguiram de automóvel para o escritório do médico-legista, em McLean. A autópsia fora concluída.

A causa da morte era óbvia. Não haviam sido encontrados vestígios de doença cancerosa. À altura da sua morte, Troy Phelan estava de boa saúde, embora um tudo-nada mal alimentado. Tip quebrou o silêncio enquanto atravessavam o rio Potomac através da ponte Roosevelt. — Ele disse-te que tinha um tumor cerebral? — Sim, em várias ocasiões. — Stafford continuava a conduzir, apesar de ser evidente que se encontrava alheado das estradas, pontes, ruas e dos outros automóveis. Quantas mais surpresas é que Troy lhes reservaria? — Por que é que ele terá mentido? — Quem sabe? Estás a tentar analisar um homem que há pouco saltou do último andar de um prédio. A existência de um tumor cerebral imprimiu uma grande urgência a tudo. Todos, incluindo eu, pensávamos que ele estava à beira da morte. A excentricidade fez com que o painel de psiquiatras parecesse uma bela ideia. Ele armou a cilada, estes apressaram-se a cair nela, e agora são os próprios psiquiatras, contratados pelos familiares, que juram que Troy estava de posse de todas as suas faculdades mentais. Mais ainda, ele pretendia que lamentassem a sua pouca sorte. — Mas o certo é que ele era louco, não achas? Ao fim e ao cabo, não esqueçamos que ele deu o salto.

— Em muitos aspectos, Troy era desarranjado do juízo, mas sabia exactamente o que é que estava a fazer.

— O que é que o terá levado a saltar? — Um estado depressivo. Era um homem de idade avançada e extremamente solitário.

Haviam chegado à Avenida Constitution, ficando parados no meio de um trânsito intenso; ambos olhavam abstractamente para as luzes traseiras das viaturas diante de si, tentando destrinçar aquele assunto.

— Dá a impressão de se tratar de um caso fraudulento — adiantou Durban. — Ele atraiu-os mediante a promessa de dinheiro; satisfez as dúvidas

dos psiquiatras das famílias, e depois, no último instante, assina um testamento que os ludibria completamente. — De facto, foi fraudulento, mas há que levar em consideração que se trata de um testamento e não de um contrato. Um testamento é uma doação. Ao abrigo da lei em vigor na Virgínia, ninguém é obrigado a deixar um cêntimoaos filhos. — Mas eles vão contra-atacar, não te parece? — Provavelmente. Eles têm muitos advogados. Há demasiado dinheiro em jogo.

— Por que razão é que ele os teria odiado tanto? — Estava convencido de que eles eram como sanguessugas. Faziam com que se envergonhasse deles. Estavam sempre em discussão com ele. Jamais ganharam um cêntimo honesto, e não obstante conseguiram desbaratar muitos dos seus milhões. Troy nunca planeou deixar-lhes fosse o que fosse. Concluiu que se eles eram capazes de dilapidar milhões, também estariam aptos a esbanjar milhares de milhões. E tinha toda a razão.

— Até que ponto é que lhe cabia a responsabilidade das discussões familiares? — Em muito. Troy era um homem de quem era difícil gostar. Houve uma altura em que me disse ter sido um mau pai e um marido execrável. Era incapaz de manter as mãos afastadas das outras mulheres, especialmente das que trabalhavam para ele. Pensava que elas eram propriedade sua.

— Estou recordado de algumas queixas de assédio sexual. — Sem grandes alardes, conseguimos chegar sempre a um acordo. E por grandes montantes. Troy não desejava passar por constrangimentos dessa natureza.

— Achas que existe alguma possibilidade de haver mais herdeiros desconhecidos por aí? — Duvido muito. Mas quem sou eu para saber? Jamais me passou pela cabeça que ele tivesse outra herdeira, e a ideia de lhe deixar tudo o que possuía é algo que escapa à minha compreensão. Troy e eu passámos horas a falar dos seus bens e na melhor maneira de os partilhar. — Como é que vamos conseguir encontrá-la? — Não sei. Ainda não comecei a pensar nela.

O escritório de advogados Stafford encontrava-se num estado frenético quando Josh regressou ao escritório. De acordo com os padrões de Washington, era considerada de pequena dimensão — apenas sessenta advogados. Josh era o fundador e sócio maioritário. Tip Durban e outros quatro eram apelidados de sócios, o que significava que, ocasionalmente, Josh ouvia o que estes tinham para dizer, dando-lhes a partilhar uma fatia dos lucros. Durante trinta anos fora uma firma um tanto anárquica que defendia processos litigiosos, mas ao aproximar-se dos sessenta anos, Josh passara a dispender menos tempo na sala dos tribunais e mais sentado à sua secretária sempre apinhada de papéis. Poderia

ter tido a colaboração de uma centena de advogados, caso desejasse ex-senadores, defensores de grupos de interesses, analistas legislativos, enfim, a formação característica de D. C. Todavia, Josh adorava julgamentos e salas de tribunal, contratando apenas jovens associados que no mínimo já tinham defendido dez casos na presença de um júri.

A média de carreira de um litigante é de vinte e cinco anos.

Geralmente, o primeiro ataque cardíaco esfria-lhes o ímpeto o suficiente para atrasar o segundo. Josh evitara chegar ao ponto de exaustão tratando das necessidades labirínticas, em termos jurídicos, do senhor Phelan — aplicações financeiras, antimonopólios, fusões empresariais e assuntos de natureza pessoal.

Deparou com três grupos de associados que aguardavam na vasta sala de recepção do seu escritório. Duas secretárias empurraram memorandos e mensagens telefónicas na sua direcção, enquanto despia o sobretudo e se instalava à sua mesa de trabalho. — Quais é que são as mais urgentes? — perguntou Stafford. — Esta, penso eu — respondeu uma das secretárias. Era de Hark Gettys, um homem com quem Josh tivera oportunidade de falar, pelo menos três vezes por semana, ao longo do último mês. Ligou o número tendo sido imediatamente atendido por Hark. Com brevidade deram por terminadas as habituais trocas de saudações, após o que Hark foi logo direito ao assunto. — Ouve, Josh, podes imaginar como é que eu tenho a família Phelan à perna. — Tenho a certeza disso.

— Eles querem ver o diabo do testamento, Josh. Ou, no mínimo, pretendem inteirar-se do conteúdo.

As poucas frases que seriam ditas a seguir eram cruciais, o que levara Josh a planeá-las com todo o cuidado.

— Não andes tão depressa, Hark.

— Porquê? Existe algum problema? — perguntou Hark depois de uma pequeníssima pausa.

— O suicídio deixou-me um certo mal-estar — respondeu Josh. — O quê! O que é que pretendes dizer? — Vê bem, Hark, como é que qualquer homem poderá estar são de mente segundos antes de saltar para a morte? A voz irritadiça de Hark subiu uma oitava deixando transparecer nas palavras um acréscimo de ansiedade.

— Mas tu ouviste os nossos psiquiatras. Que raio, está tudo gravado em fita magnética.

— À luz do suicídio, eles continuam a manter as opiniões que deram? — Podes apostar que sim! — Podes provar isso? Eu ando à procura de ajuda para

este assunto, Hark.

— Josh, ontem à noite voltámos a pôr à prova a opinião dos nossos três psiquiatras, e eles mantêm-se firmes como uma rocha. Cada um deles assinou um depoimento ajuramentado composto por oito páginas, no qual juram que o senhor Phelan se encontrava inteiramente de posse das suas capacidades mentais. — Permites-me que veja esses depoimentos? — Vou enviá-los imediatamente ao teu cuidado através de um estafeta.

— Por favor, faz isso. — Josh desligou o telefone sorrindo para ninguém em particular. Os associados receberam ordem de entrada, três grupos de jovens advogados, brilhantes e ousados. Sentaram-se em redor de uma mesa de mogno situada a um canto do gabinete.

Josh começou por sumariar o conteúdo do testamento de Troy Phelan, escrito pelo seu punho, abordando os obstáculos de ordem jurídica a que, plausivelmente, daria origem. A primeira equipa foi destacada para se ocupar da pesada tarefa referente à capacidade testamentária. Josh sentia-se preocupado com a questão do tempo, o período que mediara entre a lucidez e a insanidade. Queria uma análise de todos os casos que se relacionassem, ainda que remotamente, com a assinatura de um testamento por uma pessoa que fosse considerada mentalmente incapaz.

A segunda equipa foi despachada com a incumbência de investigar testamentos holografados; especificamente, as melhores maneiras de os atacar e defender.

Quando ficou a sós com a terceira equipa, Stafford sentou-se relaxando-se. Aqueles eram os que tinham sorte, uma vez que não seriam forçados a passar os três dias seguintes enfiados numa biblioteca.

— Vou confiar-vos a missão de encontrarem uma pessoa que, desconfio bastante, não deseja ser encontrada.

Pô-los ao corrente de tudo o que sabia sobre Rachel Lane. Não era muito. A pasta com documentação que encontrara na secretária de Troy proporcionava poucas informações.

— Em primeiro lugar, há que investigar a organização Missões Tribos Universais. Quem são? Como é que operam? Como é que seleccionam as pessoas que trabalham com eles? Para onde é que as enviam? Em suma, tudo. Em segundo lugar, existem algumas agências excelentes especializadas em descobrir o paradeiro de pessoas desaparecidas, sediadas em D. C. Habitualmente, são formadas por antigos agentes do FBI, assim como por pessoas que trabalharam em outros organismos governamentais. Seleccionem as

duas melhores e amanhã tomaremos uma decisão. Em terceiro lugar, saibam que o nome da mãe de Rachel era Evelyn Cunningham, já falecida. Vamos compilar dados biográficos sobre ela. Vamos supor que ela e o senhor Phelan se envolveram num romance de onde nasceu uma criança.

— Vamos supor? — perguntou um dos associados.

— Sim. Não tomamos nada por garantido.

Stafford dispensou os jovens advogados, após o que se dirigiu a uma sala onde Tip Durban organizara uma pequena conferência de imprensa. Nada de câmaras de filmar, somente a imprensa escrita. Estavam presentes doze repórteres, ávidos de notícias, sentados à volta de uma mesa redonda, munidos de gravadores e microfones espalhados um pouco por todo o lado. Pertenciam a jornais de grande tiragem, assim como a publicações financeiras de renome. As perguntas tiveram início. Sim, existia um testamento que fora apresentado no último minuto, mas ele não podia revelar o conteúdo. Sim, tinha havido uma autópsia, mas não podia abordar esse assunto. A companhia continuaria a ser gerida sem quaisquer alterações. Não podia pronunciar-se sobre quem seriam os novos proprietários.

Não constituindo surpresa para ninguém, ficou bem patente que as famílias tinham passado o dia a falar em particular com os repórteres.

— Existe um forte rumor que diz que o último testamento do senhor Phelan divide a sua fortuna entre os seis filhos. Pode confirmar, ou negar, este boato?

— Não posso. Não passa de um boato.

— Confirma que ele estava a morrer de doença cancerosa? — Isso ficará apurado aquando da autópsia; até lá, não posso tecer qualquer comentário.

— Chegou-nos informação de que ele foi examinado por um painel de psiquiatras pouco antes da sua morte, os quais concluíram que ele se encontrava mentalmente são. Pode confirmar esta informação? — Sim — respondeu Stafford -, é verdade. — Em face daquela resposta, os repórteres passaram os vinte minutos seguintes a tentar esmiuçar o exame mental até à exaustão. Josh manteve-se firme, permitindo-se dizer apenas que o senhor Phelan «parecera» estar de posse das suas faculdades mentais.

Por seu lado, os repórteres especializados em assuntos financeiros queriam números. Porque o Grupo Phelan era uma empresa privada, que se rodeava de grande sigilo, sempre fora difícil obter esse tipo de informações. Esta era uma oportunidade para abrir uma brecha na muralha, ou assim pensavam. Contudo, Josh deu-lhes muito pouco.

Decorrida uma hora, pediu que o desculpassem e regressou ao seu gabinete, onde foi informado por uma secretária que tinham telefonado do crematório. Os restos mortais do senhor Phelan aguardavam que alguém os reclamasse.

CINCO

TJ tratou da sua ressaca até ao meio-dia, altura em que bebeu uma cerveja decidindo que estava na hora de impor a sua vontade. Ligou para o seu advogado principal para que este o pusesse a par dos últimos acontecimentos, ao que o advogado o aconselhou a ter paciência.

— Este assunto vai levar algum tempo, TJ — disse-lhe este.

— Talvez eu não esteja com disposição para esperar — ripostou TJ sentindo uma dor de cabeça lancinante.

— Vamos esperar uns dias.

TJ bateu com o auscultador no descanso e encaminhou-se para as traseiras do andar sujo onde vivia, sentindo-se grato por não ter esbarrado com a sua mulher. Já tinham discutido três vezes e pouco passava do meio-dia. Talvez ela tivesse ido às compras para gastar uma fracção da fortuna que lhes coubera recentemente. A partir de agora, as compras não o incomodariam.

— O bode velho morreu — disse ele em voz alta. Estava sozinho em casa.

Os seus dois filhos encontravam-se longe, na faculdade; os estudos eram custeados por Lillian, que ainda possuía algum do dinheiro que extorquira a Troy aquando do divórcio, há uns anos largos atrás. Portanto, TJ vivia sozinho com Biff, uma divorciada de trinta anos cujos dois filhos viviam com o pai. Biff era uma mediadora certificada de bens imobiliários, vendendo pequenos apartamentos feitos à medida dos recém-casados.

Abriu outra cerveja e começou a mirar-se no espelho de corpo inteiro do vestíbulo.

— Troy Phelan Júnior — proclamou. — Filho de Troy Phelan, o décimo homem mais rico da América, com um valor líquido de onze mil milhões de dólares, já falecido, que deixou esposas queridas e filhos amantíssimos; todos passaremos a amá-lo ainda mais depois de o testamento ter sido legitimado! Naquele preciso momento decidiu que a partir dessa data TJ desapareceria, passando a viver o resto da sua vida sob o nome de Troy Phelan Júnior. Aquele nome era pura magia. Do interior do andar emanava um certo cheiro desagradável porque Biff se recusava a executar qualquer tarefa doméstica.

Andava muito ocupada com os seus telefones celulares. Os soalhos estavam cobertos de lixo, mas as paredes não tinham nada. O mobiliário fora alugado a uma empresa que já contratara advogados para se reapossar de tudo. TJ deu um pontapé num sofá.

— Venham buscar esta trampa! — gritou. — Não há-de faltar muito tempo para eu poder contratar os serviços de vários decoradores. Estava quase a sentir vontade de deitar fogo à casa. Mais uma cerveja ou duas e era possível que começasse a brincar com fósforos.

Vestiu o seu melhor fato, um cinzento que usara no dia anterior quando o Querido Velho Papá enfrentara os psiquiatras, tendo-se saído maravilhosamente da situação. Dado que não haveria funeral, não seria obrigado a sair para comprar precipitadamente um fato preto.

— Amiani, aqui vou eu. — Assobiou cheio de contentamento enquanto fechava o fecho de correr das calças.

Pelo menos tinha um BMW. Era possível que vivesse num pardieiro, mas o mundo jamais teria oportunidade de o visitar. No entanto, o seu carro não passava despercebido ao mundo, consequentemente, todos os meses se esforçava por arranjar seiscentos e oitenta dólares para pagar a prestação do carro que comprara em sistema de leasing. Amaldiçoou o andar ao mesmo tempo que fazia marcha-atrás no parque de estacionamento. Era um de oitenta novos apartamentos construídos em redor de uma piscina pouco funda, numa zona de Manassas excessivamente populosa.

Fora criado em condições bastante melhores. Durante os seus primeiros vinte anos, a vida fora de bem-aventurança, rodeada de luxo, e depois entrara de posse do seu legado. Todavia, os cinco milhões dissiparam-se antes de ter atingido os trinta anos, o que lhe merecera o desprezo do pai.

Costumavam discutir ardorosa e regularmente. Júnior tivera vários empregos nas empresas do Grupo Phelan, mas todos haviam terminado em desastre. O pai despedira-o em numerosas ocasiões. Quando Troy Sénior tinha uma ideia para um negócio qualquer, dois anos mais tarde, essa mesma ideia passara a valer milhões. Por seu lado, as ideias de Júnior terminavam sempre na falência e em processos litigiosos.

Nos últimos anos, as discussões quase tinham deixado de existir. Nenhum dos dois conseguia mudar, assim limitavam-se a ignorar-se mutuamente. Mas quando o pai começou a sofrer de um suposto tumor, TJ voltou a reatar relações com ele.

42 — 43 A mansão que iria construir! E já sabia quem seria o arquitecto,

uma mulher japonesa de Manhattan de quem tivera conhecimento através de uma revista. Dentro de um ano, muito provavelmente, mudar-se-ia para Malibu, Aspen ou Palm Beach, locais onde poderia exibir o seu dinheiro passando a ser levado a sério. — O que é que uma pessoa poderá fazer com quinhentos milhões de dólares? — perguntou a si próprio ao rolar velozmente pela estrada interestadual. — Quinhentos milhões de dólares livres de impostos. — Começou a rir-se.

Fora um conhecido quem lhe tratara do contrato de leasing do seu automóvel, junto de um concessionário das marcas BMW-Porsche. Júnior entrou no salão de exposição como se fosse o rei do mundo, caminhando todo empertigado e sorrindo presunçosamente. Poderia comprar todo o estabelecimento se lhe apetecesse. Avistou o jornal da manhã em cima da secretária de um dos vendedores; leu um título de um negro carregado que lhe deu muita satisfação; noticiava a morte do pai. Nem uma centelha de desgosto. O gerente, Dickie, saiu apressadamente do seu gabinete. — TJ, lamento muito — disse à guisa de pêsames.

— Obrigado — retorquiu Troy Júnior com um ligeiro franzir do sobrolho. — Sabe, para ele foi melhor assim. — Seja como for, lamento muito.

— Esqueça o assunto. — Ambos entraram no gabinete fechando a porta.

— O jornal diz que ele assinou um testamento momentos antes de morrer — acrescentou Dickie. — Isso é verdade? Troy Júnior já começara a examinar as elegantes brochuras que apresentavam os últimos modelos.

— Sim. Eu estive presente. Ele dividiu todos os bens em seis partes iguais, uma para cada um de nós. — TJ disse aquilo sem erguer o olhar, num timbre de voz assaz casual, como se o dinheiro já estivesse na sua mão, tendo começado, desde já, a transformar-se num fardo.

Dickie ficou de queixo descaído, afundando-se mais na cadeira. Estaria ele, de súbito, na presença de uma verdadeira abastança? Aquele fulano, TJ Phelan, um inútil sem qualquer mérito, seria agora um milionário? À semelhança de todos os que conheciam TJ, Dickie sempre partira do princípio de que o velho o tinha eliminado para sempre do seu testamento.

— A Biff gostaria de ter um Porsche — informou TJ Júnior continuando a examinar as brochuras. — Um turbo Carrela 911 vermelho equipado com os dois tejadilhos.

— Quando? — Agora — respondeu TJ olhando fixamente para o vendedor. — Com certeza, TJ. E quanto ao pagamento? — Tenciono pagá-lo na mesma altura em que pagar pelo meu, em preto, também um novecentos e onze.

Quanto é que os dois custam? — Aproximadamente noventa mil cada um.

— Isso não constitui problema algum. Quando é que pode fazer a entrega? — Primeiro tenho de os encomendar, o que deve levar um dia ou dois. Pagamento em dinheiro?

— Evidentemente.

— Quando é que recebe o dinheiro? — Dentro de mais ou menos um mês. Mas quero os dois carros agora. Dickie ficou com a respiração suspensa mostrando-se um pouco agitado.

— Veja uma coisa, TJ, eu não posso entregar dois carros novos, assim sem mais nem menos, sem que haja uma entrada qualquer. — Muito bem. Nesse caso, vamos ver Jaguars. A Biff sempre quis um Jaguar. — Deixe-se disso, TJ.

— Não sei se sabe que eu podia comprar tudo isto. Neste preciso momento, posso ir a qualquer banco e pedir dez ou vinte milhões, qualquer que fosse o montante para comprar este lugar, e seria com toda a satisfação que eles me dariam esse dinheiro por sessenta dias. Está a compreender o que acabei de lhe dizer? A cabeça de Dickie abanou para cima e para baixo, os olhos estreitaram-se. Sim, compreendia. — Quanto é que ele lhe deixou? — O suficiente para poder comprar, também, o banco. Tenciona entregar-me os carros ou vou ter de ir a outro lado? — Vou ver o que posso fazer.

— Um homem esperto — retorquiu TJ. — Despache-se. Volto cá esta tarde. Comece já a telefonar. — Lançou as brochuras para cima da secretária de Dickie e, com uma postura empertigada, saiu do gabinete.

A noção que Ramble tinha de um período de luto era passar o dia fechado na cave a fumar erva, ouvindo música rap e ignorando todos os que batessem à porta ou telefonassem. A mãe permitira-lhe que faltasse à escola devido à tragédia que se abatera sobre a família; de facto, autorizara-o a faltar durante o resto da semana. Se se mantivesse minimamente a par da vida escolar do filho, 44 — 45 teria sabido que há um mês que ele não punha os pés nas aulas. No dia anterior, depois de terem saído da Torre Phelan, e já dentro do automóvel, o advogado de Ramble dissera-lhe que o dinheiro iria para um fideicomisso até ele fazer os dezoito ou vinte e um anos de idade, dependendo dos termos estipulados no testamento. E embora ele não pudesse, para já, tocar no dinheiro, certamente que teria direito a uma generosa mesada.

Tencionava formar uma banda e com o dinheiro gravariam discos. Tinha amigos que faziam parte de bandas que não conseguiam chegar a lado nenhum porque não tinham dinheiro para alugar tempo de estúdio, mas o caso dele seria diferente. A sua banda teria o nome de Ramble, decidiu ele, tocaria baixo e seria

o vocalista principal, passando a ser perseguido pelas raparigas. Dedicar-se-ia a um tipo de música rock alternativo com fortes influências de rap, algo de novo na cena musical. Qualquer coisa que já se encontrava em estado embrionário.

Dois pisos mais acima, no escritório da sua espaçosa casa, Tira, a mãe, passara o dia todo a tagarelar ao telefone com as amigas, que lhe ligaram para lhe apresentar umas condolências pouco sentidas. A maior parte das amigas tagarelaram durante o tempo suficiente para perguntarem quanto é que ela poderia receber de herança, mas ela receara pôr-se a adivinhar. Casara-se com Troy em 1982, quando tinha vinte e três anos; antes da realização da cerimónia assinara um acordo pré-nupcial, bastante denso, ao abrigo do qual teria direito a apenas dez milhões e uma vivenda, no caso de divórcio.

Há seis anos que o casal se separara. Já só lhe restavam dois milhões.

As suas necessidades eram imensas. Todas as suas amigas possuíam casas de praia aninhadas em encostas junto de enseadas tranquilas, nas Bahamas; ela via-se relegada para hotéis de luxo. As outras compravam as suas roupas de marca em Nova Iorque; ela era forçada a fazer as suas compras nas lojas locais. Os filhos das amigas viviam distanciados em colégios internos; Ramble encontrava-se na cave de onde se recusava a sair. Com toda a certeza que Troy lhe teria deixado mais ou menos cinquenta milhões. Um por cento de todos os bens do ex-marido rondaria uma centena de milhões. Um mero um por cento. Tira fez o cálculo num guardanapo de papel enquanto falava ao telefone com o advogado.

Geena Phelan Strong tinha trinta anos, tendo sobrevivido ao que se havia transformado num casamento tumultuoso com Cody, o marido número dois. Ele era de uma família com pergaminhos da região Leste, presumivelmente endinheirada, mas até à data esse dinheiro não passava de meros rumores. Era inquestionável que ela ainda não tinha visto nenhum. Cody recebera uma educação primorosa — Taft e Dartmouth, a par de um curso pós-graduação da Universidade Northwest -, considerando-se um visionário no mundo dos negócios. Fora incapaz de se manter num único emprego. Os seus talentos não podiam estar confinados às paredes de um escritório. Os seus sonhos não seriam restringidos pelas ordens e caprichos de meros patrões. Cody haveria de ser milionário, o que faria à sua custa, e como é evidente, muito provavelmente o mais novo em toda a história.

Mas ao cabo de seis anos de vida a dois, Cody ainda não encontrara o seu nicho. De facto, as suas perdas financeiras deixavam qualquer pessoa siderada. Arriscara-se na especulação de uma mina de cobre, em 1992, um negócio que

dera para o torto e que tinha custado mais de um milhão do dinheiro de Geena. E, dois anos mais tarde, ficara escaldado com algumas aplicações financeiras especulativas, quando os mercados de acções desceram drasticamente. Nessa altura, Geena deixara-o durante quatro meses, regressando depois de se submeter a aconselhamento matrimonial. Uma outra ideia, a «Snow-Packed Chickens»(1) também redundou num descalabro financeiro, em que Cody conseguiu escapar com um prejuízo de apenas meio milhão.

O casal gastava muito dinheiro. O conselheiro matrimonial recomendara-lhes que viajassem como meio terapêutico e, por conseguinte, já tinham visto o mundo. O facto de serem jovens e ricos atenuava muitos dos problemas, mas o dinheiro estava prestes a acabar. Os cinco milhões que Troy lhe havia dado por ocasião do seu vigésimo primeiro aniversário estava reduzido a menos de um milhão; simultaneamente, as dívidas de ambos não paravam de aumentar. A pressão a que o casamento se encontrava sujeito chegara ao ponto de rotura, quando Troy Phelan tinha achado por bem saltar da varanda.

Portanto, ambos tiveram uma manhã bastante preenchida à procura de casas em Swinks Mill, o local que traduzia os sonhos mais grandiosos de Geena. À medida que o dia avançava, os sonhos iam progredindo e, por volta da hora do almoço, já haviam começado a pedir informações sobre casas que custavam mais de dois milhões de dólares. Às duas da tarde, encontraram-se com uma agente de bens imobiliários desejosa de lhes agradar, uma mulher de nome Lee, com cabelos frisados, vários anéis de ouro, dois telefones móveis e um Cadillac com uma pintura cintilante.

*1. Literalmente, traduzido do inglês, Galinhas Embaladas em Neve. (N. da T.) Geena apresentou-se como sendo «Geena Phelan», pronunciando acentuadamente o último nome sem mostrar qualquer pejo. Era evidente que Lee não tinha por hábito ler as publicações financeiras, pelo que o nome não causou qualquer impacto; quando visitavam a terceira casa que a mulher tinha para lhes mostrar, Cody viu-se forçado a chamá-la de parte, segredando-lhe a verdade sobre o seu sogro.

— Esse fulano rico que saltou do último andar de um prédio? — perguntou Lee tapando a boca com a mão. Entretanto, Geena inspeccionava uma pequena divisão num corredor onde fora instalada uma pequena sauna.

Cody confirmou com um acenar de cabeça pesaroso. Com a chegada do crepúsculo, ambos inspeccionavam uma vivenda vazia cujo preço era de quatro milhões e meio; os compradores em perspectiva pensavam seriamente em fazer uma oferta. Lee jamais vira clientes tão endinheirados que a pusessem num tal

frenesi.

Rex, de quarenta e quatro anos, irmão de TJ, era, no momento da morte de Troy, o único dos seus seis filhos que se encontrava sob investigação criminal. Os seus problemas financeiros advinham de um banco que deixara de financiá-lo, o que dera lugar a vários processos judiciais e investigações consequentes, numa catadupa desenfreada. Os auditores bancários e o FBI há três anos que vinham a realizar indagações sem lhe darem tréguas. A fim de poder custear as despesas com a sua defesa, bem como o dispendioso estilo de vida que levava, Rex adquirira parte do espólio de um homem que fora morto durante um tiroteio: uma cadeia de bares onde as empregadas andavam nuas da cintura para cima e clubes de strippers situados na área de Fort Lauderdale. O negócio da carne humana era lucrativo; o tráfico era sempre bom e o dinheiro chegava-lhe às mãos com facilidade. Sem ser excessivamente ganancioso, embolsava cerca de vinte e quatro mil dólares por mês, livres de impostos; grosso modo, um rendimento de quatro mil por cada um dos seus clubes.

Os clubes funcionavam sob o nome de Amber Rockwell, a sua mulher e antiga stripper, em quem ele reparara pela primeira vez numa bela noite, num bar onde tinha ido. De facto, todos os seus bens se encontravam em nome dela, o que lhe causava bastante ansiedade. Desde que não usasse roupas esquisitas, e na ausência de maquilhagem e sapatos aberrantes, Amber conseguia passar por uma mulher respeitável nos círculos de Washington que ambos frequentavam. As pessoas que estavam a par do passado dela eram em número bastante reduzido. Mas bem no fundo do seu coração, ela era uma prostituta, o que, aliado ao facto de ser a única titular de todos os negócios de Rex, proporcionava ao pobre homem muitas noites de insónia. Aquando da morte do pai, Rex conseguira acumular contra si um montante de mais de sete milhões de dólares, sob a forma de penhoras e sentenças a favor de credores, sócios dos seus negócios e investidores do banco. E esse total não parava de crescer. Todavia, as sentenças não eram cumpridas, uma vez que não havia nada onde os credores pudessem ir buscar o que lhes era devido. Rex não tinha bens nenhuns em seu nome; não possuía nada, nem sequer o seu próprio automóvel. Ele e ela haviam adquirido um andar e dois Corvettes idênticos, através do sistema de leasing com toda a documentação em nome dela. Os bares e os clubes eram propriedade de uma empresa sediada num país estrangeiro, que ela legalizara sem qualquer menção do nome de Rex. Até à data, este mostrara-se demasiado escorregadio para se deixar apanhar pela lei.

O casamento era tão estável quanto seria de esperar de duas pessoas com

antecedentes de instabilidade; iam a muitas festas e tinham amigos para quem as convenções nada significavam; as lapas agarravam-se ao nome de Phelan. A vida era divertida, a despeito das pressões económicas. Mas Rex preocupava-se de forma obsessiva com Amber e com os bens que esta tinha em seu nome. Uma discussão mais grave e ela poderia levar sumiço de um momento para o outro.

Todas essas preocupações terminaram com a morte de Troy Phelan. O prato da balança oscilara, e de súbito Rex encontrou-se na mó de cima; finalmente, o seu apelido valia uma fortuna. Venderia os bares e os clubes, e, de uma só penada, pagaria todas as suas dívidas, após o que aplicaria o dinheiro que lhe restasse. Um só passo em falso e Amber voltaria a ver-se a dançar em cima de mesas, com notas de dólar molhadas presas nas cuecas enfiadas no rego do rabo.

Rex passou o dia com Hark Gettys, o seu advogado. Queria o dinheiro com toda a rapidez, desesperadamente, começando a exercer pressão sobre Gettys para que este telefonasse a Josh Stafford, pedindo-lhe que o deixasse ler os termos do testamento. Rex já começara a delinear grandes planos ambiciosos quanto à forma de gerir o dinheiro; Hark acompanhá-lo-ia em todas as fases daquele processo. Rex almejava controlar o Grupo Phelan. A parte que lhe caberia das acções, qualquer que esta fosse, acrescida ao quinhão de TJ e das duas irmãs, certamente que lhe proporcionaria a maioria das acções, tornando-o sócio majoritário. Mas estariam essas acções ao abrigo de um fideicomisso, tomaria ele imediatamente posse delas, ou teriam sido investidas em uma das cem aplicações tortuosas com que Troy, seguramente, se deleitaria da sua campa? — É imperioso que tenhamos acesso ao raio do testamento! — gritara ele a Hark ao longo de todo o dia. O advogado acalmou-o com um longo almoço regado com um bom vinho, que foi substituído por whisky às primeiras horas da tarde. Amber passou por casa onde deparou com os dois em eStado de embriaguez, mas não se mostrou irritada — Dadas as circunstâncias, não havia maneira nenhuma de Rex fazer com que se sentisse irritada. Amava-o mais do que nunca.

SEIS

A viagem até à região ocidental seria uma agradável quebra de rotina, que lhe permitiria afastar-se do caos provocado pelo salto para a morte do senhor Phelan. O rancho do falecido ficava perto de Jackson Hole, nas montanhas Tetons, onde o solo já fora coberto por cerca de trinta centímetros de neve, havendo a perspectiva de mais nevões. O que é que a menina Manners diria quanto à dispersão das cinzas por cima das terras atapetadas de neve? Deveria esperar-se até que começasse a derreter? Ou lançá-las, embora não soubesse bem como? Josh estava-se positivamente nas tintas. Estava na disposição de as lançar, nem que houvesse um desastre natural.

Era constantemente assediado pelos advogados dos herdeiros de Phelan. Os comentários prudentes que partilhara com Hark Gettys, a respeito da capacidade testamentária do velho Troy, produziram ondas de choque entre as famílias que haviam reagido com os histerismos previsíveis. E ameaças. Aquela viagem iria proporcionar-lhe umas férias curtas. Ele e Durban poderiam examinar as informações preliminares, fruto das indagações, e traçar planos para acções a serem postas em prática no futuro. Descolaram do aeroporto nacional a bordo do avião do senhor Phelan, o Corrente do Golfo IV, um aparelho em que Josh tivera o privilégio de se transportar numa única ocasião. Era o mais recente da frota e tinha sido adquirido pelo preço de trinta e cinco milhões de dólares, sendo o brinquedo mais extravagante do senhor Phelan. No Verão anterior tinham voado nele até Nice, uma praia onde o velho Troy se passeara todo nu olhando, com uma expressão um pouco pateta, para as rapariguinhas francesas. Josh e a sua mulher optaram por se manter vestidos, a exemplo dos outros norte-americanos, tomando banhos de Sol junto da piscina. O pequeno-almoço foi-lhes servido por uma hospedeira que, logo a seguir, desapareceu na copa situada na cauda do avião; terminada a refeição, começaram a espalhar os papéis em cima de uma mesa redonda. O voo duraria quatro horas.

Os depoimentos ajuramentados, que os doutores Flowe, Zadel e Theishen tinham assinado, eram extensos e primavam pela verbosidade, repletos de opiniões e redundâncias que se alargavam por vários parágrafos, não deixando lugar à mínima dúvida quanto ao facto de Troy ter estado de posse de todas as

suas faculdades mentais. Nos momentos que antecederam a sua morte, o homem agira, inequivocamente, com todo o brilhantismo, sabendo muitíssimo bem o que é que estava a fazer.

Stafford e Durban começaram a ler os depoimentos desfrutando da comicidade dos documentos. Quando o novo testamento fosse tornado público, os serviços daqueles três especialistas seriam dispensados; evidentemente que seriam contratados mais meia-dúzia de psiquiatras, os quais dariam voz a toda a espécie de suposições calamitosas sobre as doenças mentais do pobre Troy. Quanto à questão de Rachel Lane, pouco se conseguira saber com respeito à missionária mais rica do mundo. Os investigadores contratados pela firma continuavam a vasculhar, cheios de zelo profissional.

De acordo com as primeiras informações recolhidas através da Internet, a organização Missões Tribos Universais encontrava-se sediada em Houston, no Texas. Fundada em 1920, a organização tinha quatro mil missionários disseminados por todo o mundo, pessoas que trabalhavam exclusivamente com povos indígenas. O seu único propósito e objectivo era espalhar o Evangelho cristão junto de todas as tribos mais remotas a nível mundial. Era óbvio que Rachel não herdara do pai as crenças religiosas que perfilhara. Actualmente, as tribos índias do Brasil que eram orientadas pelos missionários da Tribos Universais, cifravam-se em vinte e oito, com pelo menos dez na Bolívia. Existiam outras trezentas espalhadas pelo resto do mundo. Porque as tribos que seleccionavam viviam em locais remotos, bastante afastados da civilização moderna, os missionários recebiam cursos exaustivos de formação que abrangiam técnicas de sobrevivência, aprendendo também a viver num meio ambiente inóspito, sendo-lhes dados conhecimentos de línguas e de cuidados médicos.

Josh lia com um interesse indisfarçável uma história escrita por um missionário que passara sete anos a viver sob um telheiro, no interior de uma floresta, tentando aprender o suficiente da linguagem primitiva de uma determinada tribo para poder comunicar com os nativos. Os índios não quiseram manter muitos contactos com ele. Ao fim e ao cabo, ele era um homem branco oriundo do Missouri que chegara a pé ao povoado daqueles indígenas com uma mochila às costas e munido de um vocabulário que se limitava a uns «Olá» e «Obrigado». Se necessitava de uma mesa, tinha de ser ele a construí-la. Se precisava de comida, era forçoso que a caçasse. Decorreram cinco anos até que os índios começaram a confiar no missionário. Já se encontrava bem a meio do sexto ano antes de ter tido oportunidade de narrar a sua primeira história bíblica.

A formação que recebera havia-o ensinado a ser paciente, a cimentar relações, a aprender a língua e a cultura locais, e, a pouco e pouco, muito lentamente, começou a espalhar os ensinamentos da Bíblia.

A tribo mantinha muito pouco contacto com o mundo exterior. Num período de mil anos, a vida daquela gente poucas alterações sofrera.

Que espécie de pessoa é que poderia estar imbuída de tanta fé e empenhamento, ao ponto de renunciar à sociedade moderna para poder entrar num mundo tão pré-histórico? Esse missionário escrevera que os índios não o aceitaram até terem compreendido que ele nunca partiria da povoação. Aquele homem da fé decidira viver para sempre com aqueles nativos. Amava-os e desejava vir a ser um deles.

Portanto, Rachel vivia numa palhota, ou sob um telheiro, dormindo numa cama que ela própria construíra e cozinhava sobre as chamas de uma fogueira, alimentando-se da comida que semeara ou de animais que apanhara em armadilhas, que posteriormente abatia com as suas próprias mãos enquanto contava histórias da Bíblia às criancinhas e ensinava o Evangelho aos adultos, sem saber nada, e seguramente sem se preocupar nada, com os acontecimentos, preocupações e pressões a que o mundo estava sujeito. Vivia numa grande felicidade. Era sustida pela sua fé.

Quase dava a impressão que incomodá-la seria uma crueldade. — É muito possível que nunca a encontremos — disse Durban depois de ter lido a mesma documentação. — Não existem telefones nem electricidade; que diabo, uma pessoa tem de se arrastar penosamente pelas montanhas para se conseguir chegar a esses povos.

— Não nos resta outra alternativa — retorquiu Josh. — Já entraste em contacto com a Tribos Universais? — Ainda hoje, mais tarde, tenciono tratar desse assunto. — O que é que tencionas dizer-lhes? — Ainda não sei. Mas o que não se lhes diz é que andamos à procura de uma das suas missionárias, porque ela acabou de herdar onze mil milhões de dólares. — Onze mil milhões ilíquidos. — Mesmo assim uma maquia bastante jeitosa.

— Então, o que é que estás a pensar dizer-lhes? — Vamos alegar que se trata de um assunto premente de natureza jurídica. É bastante urgente, pelo que temos forçosamente de falar com Rachel em pessoa.

Uma das máquinas de fax, instaladas a bordo, começou a funcionar e os documentos começaram a sair. O primeiro fora enviado pela secretária de Josh e continha uma listagem dos telefonemas da manhã — eram quase todas mensagens dos advogados dos herdeiros da família Phelan. Duas eram de

repórteres.

Por seu lado, os associados enviavam informações preliminares que tinham obtido sobre vários aspectos da aplicação das leis no estado da Virgínia. À medida que Durban e Josh iam lendo as folhas que chegavam, o testamento que o velho Troy rabiscara apressadamente ia ganhando cada vez mais impacto.

O almoço foi uma refeição ligeira composta de sanduíches e fruta, uma vez mais servido por uma assistente de bordo que continuava a manter-se na cauda do avião, e que, como que por milagre, só aparecia quando as chávenas de café estavam vazias. Aterraram em Jackson Hole com um tempo limpo, no meio da neve que havia sido removida para os extremos da pista de aterragem. Ambos desembarcaram do avião, percorrendo aproximadamente vinte metros e entrando no Sikorsky S-76C, o helicóptero que Troy preferira. Dez minutos mais tarde sobrevoavam o rancho que ele tanto amara. O aparelho foi agitado por uma rajada de vento forte, o que fez com que Durban empalidecesse. Josh fez deslizar a porta corrediça, lentamente, e com algum nervosismo; o vento forte açoitou-lhe as faces.

O piloto voava em círculos a uma altitude de mais ou menos seiscentos metros enquanto Josh esvaziava uma pequena urna preta. Acto contínuo, o vento começou a soprá-las em todas as direcções, de forma a que os restos mortais de Troy se desvaneceram muito antes de terem tocado no solo. Quando a urna ficou vazia, Josh recolheu a mão e o braço congelados, fechando a porta.

Tecnicamente, a casa era uma cabana de madeira, construída com a quantidade suficiente de vigas de madeira para lhe imprimir uma aparência de alguma rusticidade. Mas com uma superfície de cerca de três mil metros quadrados seria tudo menos uma cabana. Troy comprara-a a um actor cuja carreira fora às malvas. A porta foi-lhes aberta por um mordomo vestido de bombazina que agarrou nas malas, enquanto uma criada lhes preparava um café. Durban admirava os animais empalhados, troféus de caça pendurados pelas paredes, e Josh ligava para o escritório. Na lareira ardia um bom fogo; a cozinheira perguntou-lhes o que desejavam para o jantar. O associado chama-se Montgomery, um homem que trabalhava na firma há quatro anos e que fora seleccionado pessoalmente pelo doutor Stafford. Perdeu-se por três vezes na confusão de ruas de Houston, antes de ter encontrado os escritórios da organização Missões Tribais Universais, instalados discretamente no rés-do-chão de um edifício de cinco andares. Estacionou o automóvel de aluguer e endireitou a gravata.

Tinha falado ao telefone com o senhor Trill em duas ocasiões, e, embora

tivesse chegado uma hora atrasado para a reunião que haviam combinado, tal facto pareceu não fazer grande diferença. O senhor Trill era um homem cortês, de falas mansas, apesar de não se mostrar muito desejoso em cooperar. Trocaram os preliminares da praxe. — O que posso fazer por si? — perguntou Trill.

— Preciso de algumas informações acerca de uma das vossas missionárias — esclareceu Montgomery. Trill meneou a cabeça mas não lhe deu réplica.

— Uma Rachel Lane.

Os olhos do homem divagaram, como se tentasse identificar a pessoa em questão.

— O nome não me diz nada. O que não é de admirar, visto que temos quatro mil pessoas em campo.

— Ela trabalha perto da fronteira entre o Brasil e a Bolívia. — Quais são os conhecimentos que tem dela? — Não sei muita coisa. Mas o certo é que precisamos de a encontrar. — Com que finalidade? -Trata-se de um assunto de natureza jurídica — informou Montgomery com um ligeiro toque de hesitação que foi o suficiente para o tornar suspeito.

Trill franziu o cenho posicionando os cotovelos mais junto do peito. O seu pequeno sorriso desapareceu.

— Há algum problema? — inquiriu.

— Não. Mas o assunto é bastante urgente. É imperativo que a encontremos.

— Não pode enviar-lhe uma carta ou uma encomenda? — Receio bem que não. Precisamos da cooperação dela, juntamente com a sua assinatura. — Presumo que o assunto seja confidencial. — Extremamente.

Houve qualquer coisa que fez clique na mente de Trill; os sobrolhos franzidos suavizaram-se.

— Peço-lhe que me dê licença por um minuto. — Abandonou o gabinete deixando Durban a inspeccionar o mobiliário espartano. O único motivo decorativo era uma colecção de fotografias ampliadas, penduradas nas paredes, que retratavam crianças índias. Quando regressou ao gabinete, Trill mostrava-se um homem diferente, com uma postura rígida e sem sorrir, sendo evidente que não desejava colaborar.

— Lamento muito, senhor Montgomery — começou a dizer sem se sentar. — Não temos possibilidade de o ajudar.

— Ela está no Brasil?

— Lamento muito.

— Na Bolívia?
— Lamento muito.
— Será que ela existe?
— Não posso responder às suas perguntas.
— A nada?
— Nada de nada.
— Posso falar com o seu chefe ou supervisor?
— Claro que sim.
— Onde é que ele se encontra?
— No céu.

Depois de um jantar composto por bifes altos cozinhados num molho de cogumelos, Josh Stafford e Tip Durban retiraram-se para a sala de estar onde ardia um bom fogo. Um outro mordomo, um mexicano de casaco branco e calças de ganga bem engomadas, serviu-lhes um whisky escocês de malte, bastante envelhecido, da garrafeira do senhor Phelan. Mandaram vir charutos cubanos. Pavarotti entoava canções de Natal através de uma aparelhagem estereofónica que se ouvia à distância.

— Tive uma ideia — disse Josh olhando para as chamas na lareira. — Temos de enviar alguém que descubra o paradeiro de Rachel Lane, não é? Tip estava a meio de uma longa fumaça do seu charuto, limitando-se a um acenar de cabeça.

— E não podemos mandar qualquer pessoa. Terá de ser um advogado; alguém com capacidade para lhe explicar as questões jurídicas. Além de que terá de ser alguém da nossa firma por razões de confidencialidade.

Encheu as bochechas de fumo enquanto Tip continuava a acenar com a cabeça.

— Portanto, quem é que havemos de enviar? Tip exalou o fumo com lentidão, através da boca e das narinas; a nuvem de fumo pairou-lhe diante do rosto antes de começar a evolar-se em direcção ao tecto.

— Qual será a duração prevista para essa expedição? — perguntou Tip finalmente.

— Não sei ao certo, porém, não será uma viagem rápida. O Brasil é um país muito vasto, com uma superfície quase tão grande como os quarenta e oito estados do Sul do nosso país. Sem esquecer que estamos a falar de selvas e montanhas. Essa gente vive em locais tão recônditos que nunca viram um automóvel. — Eu não vou.

— Podemos contratar guias locais e pessoas desse género, mas mesmo

assim é muito possível que leve mais ou menos uma semana.

— Eles não têm canibais por essas terras?

— Não — respondeu Stafford.

— Anacondas?

— Acalma-te, Tip. Não és tu que vais.

— Obrigado.

— Mas estás a ver o problema, não é verdade? Temos sessenta advogados, todos sobrecarregados por um excesso de trabalho que é muito mais do que aquele que está, humanamente, dentro das nossas possibilidades. Nenhum de nós pode, assim sem mais nem menos, largar tudo para ir à procura dessa mulher. — Manda um dos assistentes jurídicos.

Aquela sugestão não agradava a Josh. Bebeu um gole do seu whisky e expeliu uma baforada de fumo do charuto, ouvindo o crepitar da madeira que ardia na lareira.

— Tem de ser um advogado — disse ele quase como se falasse consigo próprio.

Entretanto, o mordomo voltou a entrar na sala trazendo outros copos com whisky. Perguntou se desejavam sobremesa e café, mas os convidados já tinham o que queriam.

— O que é que dizes da hipótese de enviarmos Nate? — perguntou Durban quando ficaram de novo a sós.

Era óbvio que Josh estivera a pensar em Nate durante toda aquela conversa, o que irritou Tip, ainda que ligeiramente.

— Estás a brincar? — perguntou.

— Não.

Durante algum tempo, ambos ficaram a reflectir na hipótese de enviarem Nate; tanto um como o outro tentavam ultrapassar as objecções e receios iniciais. Nate O'Riley era um dos sócios, um homem que trabalhava para a firma há vinte e três anos e que, de momento, se encontrava internado num centro de desintoxicação nas montanhas Blue Ridge, a oeste de D. C. Ao longo dos últimos dez anos, tinha sido visitante frequente dos estabelecimentos de desintoxicação, onde tentava livrar-se das substâncias nocivas que tinha no organismo, quebrar hábitos, aproximando-se de um poder mais elevado, trabalhando para o bronze e aperfeiçoando o ténis, ao mesmo tempo que jurava que se libertaria de todos os seus vícios de uma vez por todas. E enquanto jurava a pés juntos que a recaída mais recente seria a última, a descida final até ter chegado ao fundo do poço, todas elas eram seguidas de uma queda ainda maior.

Agora, com quarenta e oito anos, estava falido, divorciara-se duas vezes e fora recentemente indiciado por evasão fiscal. O futuro que se desenhava à sua frente seria tudo menos brilhante.

— Ele costumava ser um tipo que gostava de actividades ao ar livre, não é verdade? — perguntou Tip.

— Sim. Praticava mergulho, montanhismo, enfim, todas essas coisas disparatadas. Depois começou a queda em que não fazia mais nada além de trabalhar.

A queda tivera início por volta dos trinta e cinco anos, mais ou menos na altura em que conseguiu reunir um conjunto de sentenças de grande relevo contra médicos acusados de negligência clínica. Nate O'Riley viu-se transformado numa celebridade no jogo da negligência médica, começou a beber excessivamente e a consumir cocaína. Descurou a família, tendo começado a sentir-se obcecado pelos seus três vícios — sentenças importantes, álcool e estupefacientes. De uma maneira inexplicável, conseguia equilibrar aquelas facetas da sua vida, embora estivesse permanentemente à beira de um desastre. Então perdeu uma causa e, pela primeira vez, tombou do cimo de um penhasco. A firma ocultou-o numa estância luxuosa até ele ter conseguido libertar-se dos vícios; o seu regresso ao trabalho foi impressionante. O primeiro de vários.

— Quando é que está previsto que ele tenha alta? — perguntou Tip que já não se sentia tão surpreendido perante aquela sugestão que lhe agradava cada vez mais.

— Dentro em breve.

Mas Nate transformara-se num viciado de primeira água. Era capaz de se manter desintoxicado durante meses a fio, até mesmo anos, mas voltava sempre ao mesmo. As substâncias químicas devastavam-lhe a mente e o corpo.

O seu comportamento tornava-se bastante aberrante, e os rumores da sua loucura insinuavam-se no seio da firma e, em última análise, espalhavam-se através da rede de advogados que tinham predilecção por aquele tipo de mexericos.

Há quase quatro meses que ele se fechara no quarto de um motel, acompanhado de uma garrafa de rum e de um saco cheio de comprimidos, no que muitos dos seus colegas consideraram ser uma tentativa de suicídio.

Pela quarta vez no período de dez anos, Josh internou-o compulsivamente.

— É possível que lhe faça bem — comentou Tip. — Percebes, afastar-se durante algum tempo.

SETE

Três dias após o senhor Phelan ter cometido suicídio, Hark Gettys chegou ao seu escritório antes do nascer da aurora, já cansado mas ansioso que o dia começasse. No dia anterior jantara, já bastante tarde, com Rex Phelan, ao que se seguiram duas horas passadas num bar, onde, com mostras de alguma agitação, abordaram o assunto do testamento, começando a planear uma estratégia. Devido à noitada, o advogado tinha os olhos vermelhos e inchados, sentindo uma forte dor de cabeça, mas apesar do mal-estar físico movimentava-se com rapidez, às voltas com a máquina de café. A tabela de honorários que Gettys cobrava à hora tinha algumas variações. No ano passado tinha tratado de um caso de divórcio pela quantia irrisória de duzentos dólares à hora, uma vez que costumava cobrar, a qualquer potencial cliente, trezentos e cinquenta à hora, o que era um pouco baixo para um advogado ambicioso de D. C. como era o seu caso, mas se conseguisse fazer com que eles transpusessem a ombreira da porta do seu escritório a trezentos e cinquenta, sem dúvida que posteriormente poderia manipular a conta de forma a receber o que merecia. Aparecera-lhe uma cimenteira indonésia que lhe pagara quatrocentos e cinquenta à hora por uma questão de somenos importância, após o que tentaram deixá-lo a ver navios quando lhes apresentou a conta. Também chegara a um acordo num caso de morte não acidental do qual auferiu um terço de trezentos e cinquenta mil dólares.

Hark era litigante numa firma onde trabalhavam quarenta advogados, instalados num segundo andar, que tinha um historial de confrontos e altercações internos que haviam prejudicado o seu crescimento, o que o levava a ansiar por abrir o seu próprio estaminé. Quase metade dos seus rendimentos anuais se destinava às despesas gerais do escritório; do seu ponto de vista, esse dinheiro devia ir parar às suas algibeiras.

A certa altura daquela noite em que não dormira, tomara a decisão de aumentar os seus honorários para quinhentos dólares à hora, valor que teria o efeito retroactivo de uma semana. Nos últimos seis dias dedicara-se exclusivamente ao assunto dos Phelan, e agora que o velho tinha morrido a família de doidos que lhe sobrevivera era o sonho de qualquer advogado.

O que Hark queria com todo o desespero era que houvesse uma contestação testamentária — um litígio longo e sórdido, com um grande número de advogados que dariam entrada em tribunal de toneladas de trampa jurídica. Um julgamento seria uma autêntica maravilha, um confronto que atingiria grande celeuma onde estaria em disputa uma das maiores fortunas da América do Norte e em que Hark seria o centro das atenções. Ganhar a causa seria bastante agradável, mas ganhar não era um aspecto crucial. Faria uma fortuna, para além de se tornar famoso, e isso era o cerne da prática da advocacia moderna.

À razão de quinhentos dólares por hora, sessenta horas por semana, cinquenta semanas por ano, a facturação ilíquida anual de Hark atingiria o montante de um milhão e quinhentos mil dólares. As despesas gerais com a instalação de um novo escritório — rendas, secretárias e assistentes jurídicos — no máximo cifrar-se-iam em meio milhão, pelo que Hark poderia arrecadar um milhão só para si, caso abandonasse aquela firma miserável para abrir um novo escritório na mesma rua, um pouco mais abaixo.

Dito e feito. Engoliu o café à pressa e, mentalmente, despediu-se do seu atravancado gabinete. Pôr-se-ia ao fresco levando consigo o processo Phelan e talvez um ou dois dos outros. Também levaria a sua secretária e o seu assistente jurídico, executando rapidamente o plano que arquitectara, antes que a firma tivesse hipótese de reivindicar quaisquer honorários do processo Phelan. Sentou-se à sua mesa de trabalho sentindo a pulsação acelerada, tal a expectativa pela concretização da sua nova aventura. Começou imediatamente a pensarem todas as maneiras que lhe permitiriam desencadear uma guerra com Josh Stafford. Tinha motivos para se preocupar. Stafford não mostrara a mínima vontade de revelar as disposições do novo testamento. À luz do suicídio ele pusera em questão a sua validade. Hark sentira-se abalado com a alteração que se verificara na atitude de Stafford logo após o suicídio. Agora, Stafford saíra da cidade, recusando-se a retribuir os seus telefonemas. Oh, tanto que Hark desejava uma luta renhida.

Às nove horas encontrou-se com Libbigail Phelan Jeter e Mary Ross Phelan Jackman, as duas filhas do primeiro casamento de Troy. Fora Rex quem combinara aquela reunião, a instâncias de Hark. Se bem que as duas mulheres já tivessem contratado os seus próprios advogados, Hark desejava tê-las como suas clientes. Quantos mais fossem os clientes, mais influência teria à mesa das negociações e na sala do tribunal, para além de significar que poderia debitara cada um deles quinhentos dólares à hora exactamente pelo mesmo trabalho. O

ambiente da reunião era de constrangimento; nenhuma das mulheres confiava em Hark, um reflexo da falta de confiança que o irmão, Rex, lhes merecia. Só para si, TJ contratara três advogados, e por seu lado a mãe dos três tinha outro exclusivamente ao seu serviço. Por que motivo haveriam eles de juntar esforços quando mais ninguém da família o fazia? Com tanto dinheiro em jogo, não seria preferível que cada um contratasse os seus próprios advogados? Hark continuava a exercer pressão, apesar de até então não ter conseguido ganhar muito terreno. Sentiu-se desiludido mas apesar disso, mais tarde avançou com os seus planos de abandonar imediatamente a firma. Já lhe chegava às narinas o cheiro do dinheiro.

Libbigail Phelan Jeter havia sido uma criança rebelde que não gostava de Lillian, a sua mãe, ansiando pelas atenções do pai, que só muito raramente é que estava em casa. Quando os pais se divorciaram tinha apenas nove anos.

Ao fazer catorze anos, Lillian empandeirou-a para um colégio interno. Troy não aprovava aquele género de estabelecimentos de ensino, como se tivesse alguns conhecimentos quanto à educação de crianças; durante todo o ensino secundário da filha, fez um esforço, que lhe era pouco característico, para se manter em contacto com ela. Dizia-lhe amiúde que era a sua filha preferida. Sem dúvida que era a mais inteligente.

Todavia, não esteve presente no final do curso, esquecendo-se de lhe enviar uma prenda. No Verão antes de entrar para a faculdade, Libbigail sonhava com maneiras de magoar o pai. Foi para a Universidade de Berkeley, ostensivamente com o propósito de estudar poesia irlandesa da Era Medieval, mas na realidade tencionava estudar muito pouco, se estudasse. Troy detestava a ideia de a filha frequentar qualquer universidade na Califórnia, especialmente num complexo universitário tão radical como aquele. A Guerra do Vietname estava a chegar ao fim. Os estudantes haviam saído vencedores e chegara a hora de celebrarem. Sem qualquer dificuldade, entrara na cultura das drogas e do sexo acidental. Vivia numa casa com três pisos que partilhava com um grupo de estudantes de todas as etnias, sexos e preferências sexuais. As combinações de parceiros sofriam alterações de semana para semana, assim como o número.

Consideravam que faziam parte de uma comunidade, embora qualquer estrutura ou regras primassem pela ausência. O dinheiro não constituía problema algum, dado que a maior parte provinha de famílias abastadas. Libbigail era conhecida, muito simplesmente, como sendo uma miúda rica oriunda de Connecticut. Nessa época, Troy valia apenas cem milhões ou coisa parecida. Imbuída de um sentido de aventura, movimentou-se pelo mundo da droga até

que a heroína se apossou de si. O seu traficante habitual era um músico de jazz que tocava instrumentos de percussão, de nome Tino, que, sem se saber bem como, passara a residir na comuna. Tino tinha quase quarenta anos e estudara em Memphis sem nunca ter acabado o ensino secundário; ninguém sabia exactamente como ou quando é que ele passara a fazer parte do grupo de estudantes. Contudo, ninguém se interessava muito com o assunto. Libbigail lavou-se e arranjou-se o suficiente para uma viagem até à região Leste, aquando do seu vigésimo primeiro aniversário, um dia glorioso para todos os jovens Phelan, porque era nessa ocasião que o velho lhes concedia a Dádiva. Troy não acreditava em fideicomissos quando se tratava dos filhos. Se não fossem pessoas responsáveis quando atingissem os vinte e um anos, por que razão haveriam os pais de acarretar com eles? Os fideicomissos exigiam especialistas fiduciários, advogados e bulhas constantes com os beneficiários, que se ressentiam por receberem o seu dinheiro, como se fosse uma esmola, das mãos de contabilistas. Troy concluíra que era preferível entregar-lhes o dinheiro com que eles se poderiam manter à tona ou afogar-se.

A maior parte dos Phelan afogava-se rapidamente. Troy não estivera presente no aniversário de Libbigail. Na altura, encontrava-se algures na Ásia numa viagem de negócios. Já havia casado pela segunda vez, com Janie, há alguns anos. Rocky e Geena ainda eram crianças quando ele perdeu todo o interesse que, eventualmente, pudesse ter tido pela sua primeira família. Libbigail não sentiu a falta do pai. Os advogados trataram de tudo o que se relacionasse com a Dádiva, após o que foi para a cama com Tino num hotel de aspecto espalhafatoso, em Manhattan, onde ficou pedrada durante uma semana.

O dinheiro durou-lhe quase cinco anos, um período de tempo que abrangera dois maridos, numerosos parceiros de coabitação, duas detenções prisionais, três internamentos prolongados, compulsórios, em centros de desintoxicação, e um acidente de automóvel que quase lhe levou a perna esquerda.

O actual marido de Libbigail era um ex-motoqueiro que conhecera durante uma das desintoxicações. Pesava aproximadamente cento e sessenta quilos e tinha umas barbas frisadas e grisalhas, que lhe davam pelo meio do peito. Dava pelo nome de Spike, e, por inacreditável que pudesse parecer, tinha acabado por se tornar num fulano decente. Construía armários numa oficina nas traseiras da casa modesta onde ambos viviam num subúrbio sem grandes pretensões de Lutherville, em Baltimore.

O advogado de Libbigail era um sujeito pouco cuidado que se chamava

Wally Bright, para cujo escritório ela se dirigiu imediatamente depois de ter acabado de falar com Hark. Relatou-lhe tudo o que este acabara de lhe dizer. Wally era um advogado de pouca importância que publicava anúncios de divórcios rápidos nas paragens de autocarro da área de Bethesda. Tinha tratado de um dos divórcios de Libbigail, tendo-se visto forçado a esperar um ano pelo pagamento dos seus honorários. Contudo, mostrara-se paciente com ela. Ao fim e ao cabo, convinha não esquecer que era uma Phelan. Ela seria o ingresso que lhe daria acesso aos honorários chorudos que nunca conseguira auferir. Na presença de Libbigail, Wally ligou para Hark Gettys, dando início a um confronto insidioso, através do telefone, que durou uns acalorados quinze minutos. Mantinha-se num estado de grande agitação por detrás da sua mesa de trabalho, esbracejando enquanto proferia obscenidades ao telefone.

— Estou disposto a matar pela minha cliente! — vociferou ele a certa altura da sua tirada, o que impressionou Libbigail de forma extraordinária.

Depois de ter dado a conversa por terminada, cheio de cortesia, acompanhou-a à porta, dando-lhe um beijo na face. Todo ele era salamaleques com ela. Deu-lhe a atenção por que ela sempre ansiara durante toda a sua vida. Libbigail não era uma mulher desengraçada; talvez um pouco pesada e a denunciar os efeitos de uma vida difícil, mas Wallyjá tinha visto muito pior. Já dormira com mulheres de aspecto bastante pior. Caso a oportunidade se lhe apresentasse, Wally talvez não hesitasse em aproveitá-la.

OITO

A pequena montanha de Nate estava coberta por cerca de quinze centímetros de neve acabada de cair quando foi despertado pelos sons melodiosos de Chopin que se ouviam através das paredes. Na semana passada ouvira-se Mozart. Na semana anterior a essa não era capaz de se recordar do autor da música. Vivaldi fizera parte de um passado recente, mas muita da sua música permanecia numa semiobscuridade mental.

À semelhança do que tinha vindo a fazer todas as manhãs durante quase quatro meses, Nate encaminhou-se para a janela do seu quarto admirando o vale Shanandoah que se alargava diante dos seus olhos, quase mil metros abaixo de si. Também estava atapetado de branco, o que fez com que lhe ocorresse que o Natal se encontrava próximo. Na quadra natalícia já teria saído dali. Eles — os seus médicos e Josh Stafford — haviam-lhe prometido que assim seria. Começou a pensar no Natal sentindo uma tristeza enorme. Num passado não muito distante tinha desfrutado de alguns bastante agradáveis, quando as crianças ainda eram pequenas e tinha uma vida estável. Mas agora os filhos haviam desaparecido, ou porque eram adultos ou porque as respectivas mães os tinham afastado do pai; a última coisa que Nate desejava era passar outro Natal num bar qualquer, na companhia de outros bêbados desgraçados que entoavam cantares de Natal, fingindo que se sentiam felizes.

O vale estava coberto por um manto branco que lhe emprestava uma atmosfera de quietude, avistando-se alguns carros que se deslocavam à distância como se fossem formigas.

Supostamente, Nate deveria meditar por um período de dez minutos, quer fosse a rezar quer dedicando-se à prática de ioga, o que haviam tentado ensinar-lhe em Walnut Hill. Em vez disso, optou por fazer abdominais, após o que foi nadar.

O pequeno-almoço foi café simples e um pãozinho de milho com manteiga, refeição que tomou na companhia de Sérgio, o seu conselheiro, terapeuta e guru. Durante os últimos quatro meses, Sérgio também fora o seu melhor amigo. Estava a par de tudo o que se relacionava com a vida desgraçada de NateO'Riley.

— Hoje tens uma visita — disse Sérgio.

— Quem?

— O doutor Stafford.

— Estupendo.

Qualquer contacto com o mundo exterior era sempre bem-vindo, principalmente porque eram tão restritos. Josh visitava-o uma vez por mês. Dois outros amigos que trabalhavam na firma, também se haviam dado ao incómodo de fazerem a viagem de três horas de D. C. até ali, mas todos eles tinham muito que fazer, o que Nate compreendia.

A televisão estava proibida em Walnut Hill devido à publicidade a marcas de cerveja, e também porque muitos dos programas e filmes glorificavam a ingestão de bebidas alcoólicas e até mesmo o consumo de estupefacientes. As revistas mais populares também estavam interditas pelas mesmas razões. Proibições que, no que dizia respeito a Nate, não tinham a menor importância. Decorridos quatro meses, tudo o que pudesse acontecer no Capitólio, em Wall Street ou no Médio Oriente lhe era absolutamente indiferente.

— Quando? — perguntou Nate.

— Mais ao fim da manhã.

— Depois do exercício físico?

— Evidentemente.

Nada poderia interferir com o exercício físico, uma orgia de duas horas de suor, imprecações e gritos com um monitor pessoal sádico, uma mulher bem musculada e enérgica que Nate adorava em segredo. Descansava nos seus aposentos, comendo uma laranja sumarenta, e admirava, uma vez mais, a magnífica paisagem do vale, quando Josh chegou.

— Estás com um aspecto excelente — disse Josh. — Quantos quilos perdeste? — Sete quilos — respondeu Nate batendo no estômago. — Estás muito elegante. Talvez eu devesse passar algum tempo aqui. — Recomendo vivamente este lugar. A comida não tem qualquer gordura, para além de não ter o mínimo sabor, e é preparada por um cozinheiro que fala com um sotaque acentuado. As porções cabem em metade de um pires e em duas garfadas acabamos a refeição. Caso mastiguemos devagar, o almoço e o jantar levam cerca de sete minutos.

— Por mil dólares ao dia, seria de esperar que a alimentação fosse espectacular.

— Trouxeste algumas bolachas ou qualquer coisa do género, Josh? Uns quantos ChipsAhoy ou Oreos! Com certeza que tens qualquer coisa escondida na

tua pasta.

— Lamento, Nate. Estou liso.

— Ao menos uns Doritos ou uns M & Ms!

— Lamento muito.

Nate deu uma dentada na laranja. Permaneciam sentados lado a lado, desfrutando da panorâmica. Decorreram alguns minutos. — Como é que tens passado? — perguntou Josh.

— Preciso de sair daqui, Josh. Estou a transformar-me num robô.

— O teu médico diz que terás de ficar apenas mais ou menos uma semana.

— Óptimo. E depois o quê?

— Veremos.

— O que é que queres dizer com isso?

— Quero dizer que veremos.

— Deixa-te disso, Josh.

— Vamos com calma e veremos como é que as coisas correm. — Posso voltar para a firma, Josh? Diz-me! — Não te apresses tanto, Nate. Sabes que tens alguns inimigos.

— Quem é que não tem? Mas que diabo, ao fim e ao cabo, estamos a falar da tua firma. Esses tipos terão de concordar com tudo o que disseres. — Acontece que tu tens um ou dois problemas.

— Na realidade, tenho um milhar de problemas. Mas não me podes pôr no olho da rua.

— A falência é uma coisa que poderemos resolver. Mas a indiciação não é assim tão fácil.

Não, não era nada fácil e Nate não podia limitar-se a pôr o assunto para trás das costas. De 1992 a 1995, não se dera ao trabalho de declarar cerca de sessenta mil dólares de outros rendimentos além dos da firma.

Atirou a casca da laranja para dentro de um caixote do lixo. — Em face da situação, o que é que, supostamente, deverei fazer? — perguntou Nate. — Ficar sentado todo o dia dentro de casa? — Tu tens muita sorte. — O que é que pretendes dizer com isso? Josh tinha de proceder com diplomacia. O seu amigo estava a sair de um buraco negro. Os choques e as surpresas teriam de ser evitados.

— Estás convencido de que acabarei por ir para a cadeia? — perguntou Nate.

— Troy Phelan morreu — redarguiu Josh, e Nate necessitou de um

segundo para mudar o rumo da conversa.

— Oh, o senhor Phelan — disse ele.

Nate ocupara uma pequena ala nas instalações da firma. Ficava ao fundo de um longo corredor, no sexto andar; ele e outro advogado, juntamente com três assistentes jurídicos e meia-dúzia de secretárias trabalhavam em processos instaurados contra médicos, preocupando-se pouco com as outras actividades da firma. Sem dúvida que sabia quem era Troy Phelan, mas nunca tocara em qualquer processo que lhe dissesse respeito. — Lamento muito — disse Nate. — Isso quer dizer que não ouviste as notícias? — Aqui não ouço nada. Quando é que ele morreu? — Há quatro dias. Saltou de uma varanda. — Sem pára-quedas? — Acertaste em cheio. — Não podia voar.

— Não. Nem sequer tentou. Eu assisti a tudo. Ele tinha acabado de assinar dois testamentos... O primeiro foi preparado por mim; o segundo, e último, foi escrito pelo seu próprio punho. Logo de seguida, lançou-se em frente e saltou.

— E tu viste?

— Sim — confirmou Stafford.

— Ena! Deve ter sido um sacana completamente doido. Na voz de Nate adivinhava-se um traço de humor. Há quase quatro meses fora encontrado por uma criada num quarto de motel, com o estômago cheio de rum e comprimidos.

— Deixou toda a sua fortuna a uma filha ilegítima de que nunca ouvi falar.

— É casada? Qual é o seu aspecto?

— Quero que descubras o paradeiro dessa mulher.

— Eu?

— Sim — confirmou Stafford.

— Anda desaparecida?

— Não sabemos onde está.

— Quanto é que ele...

— Qualquer coisa na ordem dos onze mil milhões de dólares ilíquidos.

— E ela tem conhecimento dessa herança?

— Não. Nem sequer sabe que ele morreu.

— E sabe que Troy era o seu pai?

— Não sei o que é que ela sabe.

— Onde é que ela está? — Estou em crer que no Brasil. É missionária e trabalha com uma tribo de índios numa localidade muito remota.

Nate pôs-se de pé, começando a percorrer o quarto. — Em tempos passei

uma semana no Brasil — disse ele. — Acho que foi antes, ou talvez quando entrei, para a faculdade de Direito. Foi durante o Carnaval, as raparigas nuas a dançarem pelas ruas do Rio de Janeiro, as escolas de samba, um milhão de pessoas que passavam a noite em festas. — A voz de Nate baixou de tom quando aquela pequena recordação lhe ocorreu à mente para logo desaparecer. — Isto não tem nada a ver com o Carnaval.

— Não. Tenho a certeza de que não. Apetece-te tomar um café? — Sim. Simples.

Nate carregou num botão na parede e encomendou através do inter-comunicador. Um milhar de dólares por dia incluía serviço de quartos.

— Durante quanto tempo é que terei de me ausentar? — perguntou, sentando-se de novo junto dajanela.

— Só podemos fazer uma estimativa, mas eu atrevo-me a dizer que será durante uns dez dias. Não há pressa, além de que é possível que seja difícil encontrá-la.

— Por que zona do país é que devemos começar? — Pela região ocidental, próximo da Bolívia. A organização a que ela pertence é especializada no envio de pessoas para as florestas tropicais, onde ensinam religião aos índios que continuam a viver na Idade da Pedra. Já efectuámos algumas pesquisas, e ao que tudo indica eles sentem grande orgulho em descobrirem pessoas que vivam nos locais mais recônditos à face da Terra. — Em primeiro lugar queres que descubra qual a selva em questão, depois queres que vá a pé à procura da tribo de índios em questão, após o que, não sei bem como, pretendes que os convença de que sou um advogado amigo que veio dos Estados Unidos, pelo que eles devem ajudar-me a encontrar uma mulher que, para começar, se calhar nem sequer deseja ser encontrada. — É mais ou menos isso. — É capaz de ser divertido — acrescentou Nate. — Pensa nessa viagem como sendo uma aventura.

— Além do mais, servirá para me manter afastado do escritório, não é verdade, Josh? É disso que estamos a falar? Uma manobra de diversão enquanto solucionas as coisas? — Alguém terá de ir até lá, Nate. É necessário que seja um advogado da nossa firma que se encontre face a face com esta mulher, para lhe mostrar uma cópia do testamento, explicar-lhe o conteúdo e descobrir o que é que ela tenciona fazer a seguir. É um assunto que não pode ser tratado por um dos nossos assistentes jurídicos, nem tão-pouco por um advogado brasileiro. — Porquê eu? — Porque todos os nossos colegas estão assoberbados com trabalho. Tu conheces bem a rotina. Há mais de vinte anos que vives com ela. A vida

passada no escritório, os almoços no tribunal, dormir nos comboios. Além do mais, é muito possível que essa viagem te seja benéfica.

— Estás a tentar manter-me afastado das ruas, Josh? Porque se for esse o caso, estás a perder o teu tempo. Estou limpo. Limpo e sóbrio. Acabaram-se os bares e as festas, nada de traficantes. Estou limpo, Josh. Para sempre.

Josh aquiesceu com um acenar de cabeça, porque tinha a certeza que era isso que o amigo esperava de si. Mas aquela situação era-lhe por demais familiar.

— Acredito no que dizes — retorquiu, desejando do fundo do coração poder acreditar.

Entretanto, um auxiliar de enfermagem bateu à porta antes de entrar com o café numa bandeja prateada.

— E quanto à indiciação? — perguntou Nate algum tempo depois. — Supostamente, não devo sair do país até que o assunto esteja solucionado.

— Já falei com o advogado dizendo-lhe que se tratava de um assunto da maior importância. Ele quer ver-te dentro de noventa dias.

— Ele é simpático?

— É um autêntico pai-natal.

— Portanto, se for condenado, achas que ele me dará uma oportunidade? — Ainda falta um ano até à data do julgamento. Deixemos esse assunto para mais tarde.

Nate sentava-se a uma pequena mesa, inclinado sobre a chávena de café, fitando-a enquanto pensava nas próximas perguntas. Josh encontrava-se no lado oposto continuando a olhar ao longe. — E se eu me recusar? — perguntou Nate.

Josh encolheu os ombros como se aquilo não tivesse importância.

— Não será nada de especial. Haveremos de encontrar outra pessoa. Pensa nessa viagem como se fosse umas férias. Não estás com medo de ir para a selva, pois não?

— Claro que não.

— Nesse caso, vai e diverte-te.

— Se decidir ir, quando é que partiria? — Dentro de uma semana. Para entrares no Brasil precisas de um visto, e vamos ter de puxar uns quantos cordelinhos. Além de que ainda há uns assuntos por concluir aqui.

Walnut Hill requeria pelo menos uma semana de período de pré-alta, um espaço de tempo necessário para condicionar os seus clientes de forma a lançá-los de volta aos lobos. Estes haviam sido mimados, mantinham-se sóbrios, tinham sido sujeitos a uma lavagem ao cérebro e, de mansinho, recuperavam um

bom estado emocional, físico e mental. O período de pré-alta couraçava-os para a reentrada no mundo real. — Uma semana — repetiu Nate para si próprio. — Sim, cerca de uma semana. — E a viagem terá a duração de dez dias. — É só um palpite.

— Isso significa que estarei fora durante a quadra natalícia.

— Calculo que sim — confirmou Stafford. -Uma ideia esplêndida.

— Não te apetece festejar o Natal?

— Acertaste em cheio.

— E os teus filhos? Eram quatro, dois de cada uma das ex-mulheres. Uma que se preparava para entrar na faculdade, um na universidade e dois na primeira fase do ensino secundário.

Nate começou a mexer o café com uma pequena colher. — Nem uma palavra, Josh — disse ele. — Há quase quatro meses que estou aqui e nem sequer uma única palavra por parte de qualquer deles. — Da sua voz transparecia um sentimento de sofrimento. Mantinha os ombros descaídos. Por um breve segundo, Nate mostrou um aspecto bastante frágil. — Lamento muito — disse Josh.

No entanto, este tivera notícias das famílias. As duas mulheres tinham advogados que haviam telefonado ao cheiro de dinheiro. O filho mais velho de Nate frequentava a Universidade de Colúmbia e precisava de dinheiro para custear os estudos, e fora ele quem, pessoalmente, telefonara a Josh para se informar do estado de saúde do pai, perguntando-lhe se sabia do seu paradeiro, mas, mais importante, quisera informar-se sobre a quota-parte do pai nos lucros da firma referentes ao ano passado. Era um rapaz atrevido e grosseiro, levando Josh a admoestá-lo depois de ter esgotado a paciência.

— Gostaria de poder evitar todas as festividades e o júbilo desta quadra— disse Nate, recompondo-se e começando a andar descalço pelo quarto.

— Portanto, estás disposto a ir? — É para a Amazónia? — Não. Vais para a região pantanosa mais vasta do Pantanal.

— Piranhas, anacondas e crocodilos? — acrescentou Nate.

— Claro que sim.

— Canibais? — Não mais do que em D. C. — retorquiu Stafford. — Estou a falar a sério.

— Não me parece que haja lugar para esses receios. Há onze anos que eles não perdem um missionário.

— E quanto a advogados? — Tenho a certeza que adorariam transformar

um deles em bifes. Deixa-te disso, Nate. Esta missão não tem nada de transcendente. Se eu não tivesse tanto trabalho, adoraria poder ir. O Pantanal é uma reserva ecológica magnífica. — Nunca ouvi falar dessa região.

— O que se deve ao facto de teres deixado de viajar há muitos anos. Entraste no escritório e nunca mais de lá saíste — acrescentou Stafford. — Excepto para me submeter às desintoxicações.

— Faz umas férias. Terás oportunidade de visitar outra parte do mundo. Nate começou a beber o seu café, permitindo-se tempo suficiente para mudar o rumo da conversa.

— E o que é que acontecerá quando regressar do Brasil? Continuarei a ter o meu gabinete? Continuarei a ser sócio da firma? — É isso que queres? — Claro que sim — respondeu Nate, embora tivesse hesitado um pouco.

— Tens a certeza?

— Que mais é que posso fazer? — Não sei, Nate, mas a realidade é que esta é a tua quarta desintoxicação em dez anos. As recaídas são cada vez mais graves. Caso saísses agora, poderias ir directamente para o escritório, onde, durante seis meses, serias o maior litigante do mundo em casos de negligência médica. Ignorarias os teus velhos amigos e os velhos bares, evitarias os velhos locais de reunião. Nada além de trabalho, trabalho e mais trabalho. Dentro em pouco terias conseguido duas sentenças de grande impacto, julgamentos importantes, muita pressão. Levarias as coisas um tudo nada longe de mais. Decorrido um ano, haveria algo que acabaria por ceder. Possivelmente, encontrarias um velho amigo. Uma rapariga de uma outra vida. Talvez um júri que não te fosse favorável, que possivelmente daria uma sentença que te fosse adversa.

Com certeza que eu me manteria atento a todos os teus movimentos, mas nunca sou capaz de me aperceber do início do resvalo. — Não existirão mais resvalos, Josh. Juro-te.

— Eu já ouvi isso em outras ocasiões e só quero poder acreditar em ti. Mas se os teus demónios se mostrarem de novo, Nate? Da última vez, estiveste à beira de te matares. — Não existirão mais recaídas.

— Nate, a próxima será a última. Faremos um funeral em que nos despediremos de ti enquanto ficaremos a vê-los baixarem o teu corpo à terra. Não quero que isso aconteça. — Não acontecerá, juro-te que não.

— Nesse caso, esquece-te do escritório. Tem um ambiente em que a pressão é excessiva.

O que Nate mais detestava nas desintoxicações eram os longos períodos

de silêncio, ou meditação, o termo que Sérgio utilizava. Esperava-se que os internados se agachassem como monges na semiobscuridade, que fechassem os olhos e que encontrassem paz interior. Nate conseguia agachar-se e tudo o mais, mas por detrás das pálpebras cerradas revia os julgamentos das causas que defendera, confrontando-se com os serviços do IRS e maquinando contra as suas ex-mulheres, e, mais importante que tudo o resto, preocupando-se com o seu futuro. A conversa que naquele momento travava com Josh era uma que efectuara mentalmente em muitas ocasiões. Contudo, as suas réplicas inteligentes e argumentos rápidos falharam-lhe sob pressão. Quase quatro meses passados numa solidão virtual embotaram os seus reflexos. Era capaz de mostrar uma aparência deplorável e mais nada.

— Deixa-te disso, Josh. Não podes limitar-te a pôr-me no olho da rua.

— Há mais de vinte anos que és advogado de defesa, Nate. Uma carreira que é mais ou menos a média. Chegou a altura de começares a fazer qualquer coisa de diferente.

— Sendo assim, tornar-me-ei no porta-voz de grupos de interesses, passando a almoçar com secretários de imprensa de um milhar de congressistas de somenos importância.

— Haveremos de te descobrir uma situação adequada. Mas nunca será na sala de um tribunal.

— Não sou muito bom nesse género de almoços. Quero litigar. — A resposta é não. Poderás continuar na firma, ganhar rios de dinheiro, começar a jogar golfe e a vida correr-te-á da melhor maneira, partindo do princípio de que o IRS não te põe atrás das grades.

Durante alguns momentos agradáveis, o fisco fora completamente esquecido. Agora encontrava-se presente; Nate voltou a sentar-se. Apertou uma pequena embalagem de mel que deitou no café que entretanto esfriara um pouco; o açúcar e os adoçantes artificiais eram substâncias que não podiam ser permitidas num estabelecimento tão saudável como Walnut Hill.

— A hipótese de umas duas semanas passadas nos pantanais brasileiros começa a agradar-me — disse Nate.

— Isso quer dizer que irás?

— Sim — confirmou Nate.

Em virtude de Nate dispor de muito tempo para ler, Josh deixou-lhe uma pasta espessa de cartolina que continha documentação referente à herança Phelan, assim como sobre a nova herdeira tão misteriosa. Também lhe deixou dois livros cujo tema abordava os índios da América do Sul que viviam em

locais remotos. Durante oito horas, Nate leu sem qualquer interrupção, tendo-se esquecido completamente do jantar. Subitamente, sentia-se ansioso por partir, queria dar início à sua aventura. Quando Sérgio o visitou às vinte e duas horas, deparou com ele sentado, como se fosse um monge, no meio da cama, com vários papéis espalhados em seu redor, perdido num outro mundo. — Chegou a hora de me ir embora — disse Nate.

— Sim, de facto chegou-replicou Sérgio.-Amanhã mesmo começarei a tratar da papelada.

NOVE

As disputas internas começaram a piorar à medida que os herdeiros Phelan passavam menos tempo a falar entre si e mais nos escritórios dos seus advogados. Decorreu uma semana sem testamento e sem planos de legitimação oficial do mesmo. Com as respectivas fortunas à vista, embora fora de alcance, os herdeiros mostravam-se cada vez mais agitados. Vários dos advogados foram despedidos, dando lugar a outros que os substituíram.

Mary Ross Phelan Jackman dispensou os serviços do seu porque ele não lhe cobrava o suficiente à hora. O seu marido era um cirurgião-ortopedista bem sucedido que tinha vários interesses empresariais. Todos os dias tinha de tratar com advogados. O mais recente que haviam contratado, de nome Grit, era pura dinamite, tendo entrado na confusão de forma espalhafatosa, a seiscentos dólares à hora.

Enquanto os herdeiros aguardavam o desenrolar da situação, incorriam em dívidas excessivas. Foram feitas escrituras de aquisição de mansões. Os novos automóveis eram entregues. Contratavam-se consultores para tarefas tão variadas como o traçado de anexos de piscinas, descobrirem o avião a jacto mais apropriado, para além de aconselharem qual o puro-sangue que deveria ser adquirido. Quando os herdeiros não discutiam andavam a fazer compras. Ramble era a excepção, mas apenas por ser de menor idade. Andava sempre com o seu advogado, que de certeza absoluta contraía dívidas pelo seu cliente.

As litigações em cadeia começam, com frequência, com uma corrida até ao tribunal. Considerando que Josh se recusava a revelar o conteúdo do testamento, ao mesmo tempo que aqui e ali ia dando palpites misteriosos relativos à falta de capacidade testamentária de Troy Phelan, os advogados dos herdeiros Phelan começaram finalmente a entrar em pânico.

Dez dias após o suicídio, Hark Gettys apresentou-se perante o tribunal civil do condado de Fairfax, na Virgínia, onde deu entrada de uma petição compulsória do último testamento e vontades de Troy L. Phelan. Com toda a finura de um advogado ambicioso, com quem os seus oponentes teriam de se haver, deu uma dica a um repórter do Post. Depois de ter submetido a petição ao tribunal, ambos conversaram durante uma hora, abordando alguns comentários

que deveriam ser mantidos em sigilo, enquanto outros se destinavam a glorificar o advogado. Na ocasião, houve um fotógrafo que tirou algumas fotografias.

De maneira bastante peculiar, Hark apresentou a sua petição em nome de todos os herdeiros da família Phelan. Listou todos os nomes e endereços como se fossem seus clientes. Enviou-lhes cópias via fax logo que regressou ao escritório. No espaço de dez minutos, as suas linhas telefónicas estavam todas ocupadas. O artigo do Post, na manhã seguinte, era complementado por uma grande fotografia de Hark, que o mostrava de sobrolho franzido ao cofiar pensativamente as barbas. A história preenchia ainda mais espaço do que se atrevera a sonhar. Leu o artigo ao nascer do Sol num café em Chevy Chase; terminada a leitura, seguiu apressadamente de automóvel para o seu novo escritório. Duas horas mais tarde, pouco depois das nove horas, o gabinete do oficial de diligências do tribunal civil do condado de Fairfax estava apinhado de advogados, em número superior ao normal. Chegavam em pequenos grupos coesos, exprimindo-se em frases concisas ao falarem com os funcionários, fazendo todos os esforços para se ignorarem mutuamente. Se bem que as petições fossem variadas, todos eles desejavam as mesmas coisas — serem reconhecidos na questão dos Phelan, para além de quererem passar uma vista de olhos pelo testamento.

Os assuntos de legitimação que decorressem no Condado Fairfax eram distribuídos aleatoriamente por uma dúzia de juízes. O processo Phelan foi parar à secretária do meritíssimo F. Parr Wycliff, de trinta e seis anos, um jurista com pouca experiência mas de grandes ambições. Sentiu-se empolgado por lhe caber um caso de tanto relevo.

O gabinete de Wycliff era no tribunal do condado de Fairfax; durante toda a manhã, manteve-se atento aos processos que davam entrada no gabinete do oficial de diligências. A sua secretária entregava-lhe as petições que ele começava a ler imediatamente. Quando as coisas se acalmaram mais, telefonou a Josh Stafford, a quem se apresentou. Ambos trocaram as trivialidades da praxe durante alguns minutos, os preliminares habituais da advocacia, cautelosos e rígidos, dado que as matérias de mais peso se encontravam por perto. Josh nunca ouvira qualquer menção ao juiz Wycliff.

— Existe algum testamento? — perguntou este por fim. — Sim, meritíssimo. Existe um testamento. — Josh escolhia as suas palavras com todo o cuidado. No estado da Virgínia, a sonegação de um testamento era considerada um delito grave. Se o juiz desejasse saber, certamente que Josh estaria disposto a cooperar.

— Onde é que se encontra?

— No meu escritório.

— Quem é o testamenteiro?

— Eu — respondeu Stafford.

— Quando é que tenciona proceder à homologação? — O meu cliente pediu-me que esperasse até ao dia quinze de Janeiro.

— Hum. Por alguma razão em particular? Existia uma razão muito simples. Troy desejara que os seus filhos gananciosos desfrutassem de uma última orgia de esbanjamento, antes de lhes tirar o tapete de debaixo dos pés. Muito característico de Troy Phelan no seu melhor, mesquinho e cruel.

— Não faço a mais pequena ideia — respondeu Josh. — O testamento é holografado. O senhor Phelan assinou-o segundos antes de ter saltado.

— Um testamento holografado?

— Sim — replicou Josh.

— O doutor não se encontrava junto dele?

— Sim. É uma história muito comprida.

— Talvez eu devesse ouvi-la.

— Talvez devesse.

Josh tinha pela frente um dia bastante ocupado. O que não era o caso com Wycliff, embora este desse a impressão de que todos os seus minutos haviam sido bem planeados. Concordaram em se encontrar para almoçarem juntos, uma sanduíche rápida no gabinete de Wycliff.

A Sérgio não agradava em nada a perspectiva da viagem de Nate à América do Sul. Depois de quase quatro meses passados num lugar extremamente estruturado, como Walnut Hill, onde as portas e portões se mantinham fechadas à chave, havendo um segurança, que não se deixava ver, munido de uma arma enquanto vigiava a estrada numa extensão de mil e seiscentos metros pela montanha abaixo, e onde os televisores, filmes, jogos, revistas e telefones eram mantidos sob uma vigilância apertada, a reentrada numa sociedade familiar era, amiudadas vezes, uma situação traumática. A hipótese de uma reentrada através do Brasil era mais do que perturbadora.

Nate não se sentia incomodado com aquilo. Não fora internado em Walnut Hill por ordem do tribunal. Tinha sido Josh quem o levara para lá, e se Josh lhe pedia que jogasse às escondidas pelas selvas brasileiras, pois que assim fosse. Sérgio podia implicar e resmungar até se fartar.

O período de pré-alta transformou-se numa semana verdadeiramente infernal. O regime alimentar alterou-se de zero gorduras para gorduras de baixo

teor, acompanhado dos inevitáveis ingredientes como o sal, a pimenta, o queijo e pequenas porções de manteiga acrescentados aos alimentos, numa preparação do sistema para os malefícios que existiam fora dos muros do estabelecimento hospitalar. O estômago de Nate rebelou-se e, como resultado, perdeu mais quilo e meio.

— Isso é só uma amostra do que te espera lá fora — dissera Sérgio presunçosamente.

Ambos se confrontavam durante a terapia, prática que era comum em Walnut Hill. As sensibilidades tinham de ser atenuadas, as têmperas acalmadas. Sérgio começou a distanciar-se do seu paciente. Regra geral, era difícil dizer adeus, o que levou Sérgio a abreviar as sessões de terapia, mostrando-se indiferente. Com o fim à vista, Nate começou a contar as horas. O juiz Wycliff perguntou quais eram as disposições testamentárias e Josh, com toda a cortesia, recusou-se a informá-lo. Comeram sandes de carnes frias sentados a uma pequena mesa no pequeno gabinete de Sua Excelência. A lei não exigia que Josh revelasse o conteúdo de um testamento, pelo menos de momento. Wycliff mostrava-se ligeiramente fora dos trâmites normais ao insistir na pergunta, mas a sua curiosidade era compreensível. — De certa maneira, sinto alguma simpatia pelos requerentes — alegou ele. — Assiste-lhes o direito de saberem o que está escrito no testamento. Por que motivo é que isso deverá ser atrasado? — Limito-me a seguir os desejos do meu cliente — replicou Josh. — Mais cedo ou mais tarde terá de tratar da homologação do testamento. — Evidentemente que sim — concordou Stafford.

Wycliff fez deslizar a sua agenda para mais próximo do prato de plástico, olhando com um piscar de olhos por cima das lentes dos óculos de ver ao perto.

— Estamos a vinte de Dezembro. Não existe a mínima possibilidade de reunirmos todos os interessados antes do Dia de Natal. O que é que lhe parece se marcarmos para o dia vinte e sete? — O que é que tem em mente? — Uma leitura do testamento — respondeu o juiz.

Aquela hipótese deixou Josh atordoado, tendo estado prestes a engasgar-se com um pedaço de pepino em conserva. Juntá-los a todos, os Phelan e respectivas comitivas, novos amigos e os que não os largavam, assim como todos os seus folgazões advogados, apinhando toda a gente dentro da sala de tribunal de Wycliff. Tinha de se certificar de que a imprensa seria informada do acontecimento. Enquanto mastigava outro bocado de pickles, examinando o seu pequeno livro de capa negra, Josh conteve um sorriso. Imaginava ouvir os arquejos e os gemidos, as ondas de choque, a extrema incredulidade feita de

azedume, ao que se seguiriam as imprecações entre-dentes. Depois, talvez uma fungadela e um soluço chorado, ou dois, enquanto os Phelan tentavam absorver o que o seu amado pai lhes reservara. Seria um momento absolutamente único na história da jurisprudência norte-americana, perverso e glorioso; de súbito, Josh sentiu que não poderia adiar aquele momento por mais tempo. — No que me diz respeito, o dia vinte e sete é óptimo. — Esplêndido. Vou notificar os interessados logo que me seja possível identificar todos. São representados por um grande número de advogados.

— O que é compreensível se não nos esquecermos de que existem seis filhos e três ex-mulheres, o que dá lugar a nove conjuntos principais de advogados.

— Só espero que a minha sala de tribunal seja suficientemente espaçosa para acomodar todos.

«Só se ficarem de pé», esteve Josh quase a dizer. Imaginava as pessoas apinhadas, sem que se fizesse ouvir um único som enquanto o sobrescrito era aberto, o testamento começava a ser desdobrado e as palavras inacreditáveis a serem lidas.

— Sugiro-lhe que leia o testamento — alvitrou Josh. Sem a menor dúvida que era o que Wycliff tencionava fazer. Mentalmente, imaginava a mesma cena que preenchia os pensamentos de Josh. Seria um dos seus momentos mais altos, a leitura de um testamento que dispunha de onze mil milhões de dólares. — Suponho que esse testamento seja um tanto ou quanto controverso — disse o juiz. — É perverso.

Na realidade, Sua Excelência chegou a esboçar um sorriso.

DEZ

Antes da sua recaída mais recente, Nate vivera num andar de um prédio antigo em Georgetown, apartamento que alugara depois do seu último divórcio. Mas naquele momento, essa casa esfumara-se, vítima da sua falência pessoal. Assim, literalmente, não havia lugar nenhum onde Nate pudesse passar a sua primeira noite de liberdade.

Tal como era seu costume, Josh planeara cuidadosamente a saída do amigo do centro de desintoxicação. Chegou a Walnut Hill à hora combinada, levando um saco de tecido maleável cheio de calções novos J. Crew bem passados a ferro, que se destinavam à viagem até terras do hemisfério sul. Tinha o passaporte e respectivo visto de entrada, dinheiro em abundância, e montes de instruções e bilhetes de avião, assim como um plano de acção. Até mesmo um estojo de primeiros socorros.

Nate nunca chegou a ter a oportunidade de sentir ansiedade. Despediu-se de alguns membros do pessoal médico, embora a maior parte estivesse ocupada nas suas tarefas algures, o que se devia ao facto de terem por hábito evitar as despedidas. Nate transpôs a porta principal com uma postura orgulhosa depois de cento e quarenta dias de uma sobriedade maravilhosa; desintoxicado, bronzeado, em boa forma física, tendo perdido cerca de oito quilos, com um peso de mais ou menos setenta e dois quilos, um peso de que não se pudera gabar durante os últimos vinte e anos. Josh era quem conduzia o automóvel; ao longo dos primeiros cinco minutos, os dois homens não trocaram palavra. A neve cobrira as pastagens com um manto branco, mas, de um momento para o outro, começou a ficar menos espessa à medida que se afastavam de Blue Ridge. Era o dia vinte e dois de Dezembro. No rádio do carro ouviam-se canções alusivas ao Natal num volume de som reduzido. — Podes desligar isso? — perguntou Nate por fim. — O quê? — O rádio.

Josh premiu um botão e a música a que não prestara atenção deixou de se ouvir.

— Como é que te sentes? — inquiriu Josh.

— Podes parar na primeira loja de conveniência por que passarmos? — Com certeza. Porquê? — Quero comprar uma embalagem de seis latas de

cerveja.

— Muito engraçado.

— Estou capaz de matar por uma Coca-Cola.

Compraram refrigerantes e amendoins numa loja rural. A senhora de serviço à caixa registadora brindou-os com um jovial «Feliz Natal», que Nate se sentiu incapaz de retribuir. De volta ao automóvel, Josh tomou a direcção do Aeroporto de Dulles, a duas horas de distância.

— O teu voo aterrará em São Paulo, onde farás uma escala de três horas antes de apanhares outro voo que te levará a uma cidade de nome Campo Grande.

— Essa gente fala inglês?

— Não. São brasileiros. Falam português.

— Claro que falam.

— Mas no aeroporto encontrarás pessoas que sabem falar inglês. — Qual é o tamanho de Campo Grande? — Tem meio milhão de habitantes, mas não é o teu destino final. A partir daí, seguirás num voo doméstico que te levará a um lugar chamado Corumbá. A partir daí, as cidades são cada vez mais pequenas.

— Tal como os aviões.

— Sim, à semelhança do que acontece aqui.

— Por qualquer razão que desconheço, a ideia de um voo doméstico brasileiro não me atrai por aí além. Dá-me uma ajuda, Josh. Estou nervoso.

— Ou é esse voo ou uma viagem de seis horas numa camioneta de carreira.

— Continua.

— Em Corumbá, encontrar-te-ás com um advogado de nome Valdir Ruiz. Ele sabe falar inglês.

— Já falaste com ele?

— Sim — confirmou Josh.

— Conseguiste compreender o que ele disse?

— Sim, pelo menos a maior parte do que disse. É um homem muito simpático. Trabalha por mais ou menos cinquenta dólares à hora, se é que consegues acreditar nisso.

— De que tamanho é Corumbá? 80 — 81 — Tem uma população de noventa mil pessoas.

— Isso quer dizer que haverá água e comida, bem como um lugar onde se poderá dormir.

— Sim, Nate, terás um quarto reservado para ti. O que é mais do que

podes dizer aqui.

— Ah!

— Desculpa. Queres mudar de ideias? — Quero, mas não tenciono fazê-lo. Nesta altura, o meu objectivo é fugir deste país antes de ouvir Jingle Bells outra vez. Estaria disposto a dormir numa vala durante as próximas duas semanas, só para evitar a canção Frosty the Snowman.

— Esquece-te da vala. Trata-se de um hotel muito agradável. — Supostamente, o que é que devo fazer com Valdir? — Ele tem andado à procura de um guia que te leve até ao Pantanal.

— Como? De avião. De helicóptero? — Mais provavelmente de barco. Pelo que me é dado saber, essa região só tem pântanos e rios.

— E cobras, crocodilos e piranhas.

— Mas que cobardolas que tu me saíste. Estava convencido de que querias ir.

— E quero. Guia mais depressa.

— Acalma-te. — Josh apontou para uma pasta no assento de trás. — Abre-a — disse ele. — É a tua bagagem de mão.

— Pesa uma tonelada — comentou Nate num resmungo depois de puxar a pasta para si. — O que é que tem dentro? — Coisas boas.

Era de couro castanho, recém-adquirida, embora tivesse sido manufacturada de molde a parecer usada; era suficientemente espaçosa para conter uma pequena biblioteca de natureza jurídica. Nate colocou-a sobre os joelhos abrindo o fecho. — Brinquedos — disse ele.

— Esse instrumento pequeníssimo cinzento é um telefone digital de topo de gama — explicou Josh, todo inchado pelas coisas que conseguira reunir. — Assim que chegares a Corumbá, Valdir tratará de te arranjar uma linha local. — Portanto, há telefones no Brasil.

— Uma data deles. De facto, os serviços de telecomunicações brasileiros atravessam uma fase de grande desenvolvimento. Toda a gente tem um telefone celular.

— Coitadas dessas pessoas. O que é isto? — Um microcomputador. — Para que diabo é que eu quero isto? — É da última geração tecnológica. Repara como é pequeno. — Nem sequer sou capaz de ler o teclado.

— Podes ligá-lo ao telefone, o que te permitirá receberes o teu correio electrónico.

— Ena! E é suposto que faça isso no meio dos pantanais, com as serpentes e os crocodilos a olharem para mim? — Isso depende de ti.

— Josh, nem sequer me sirvo do correio electrónico quando estou no escritório — adiantou Nate.

— Não se destina a ti, mas a mim. Quero manter-me ao corrente de tudo o que fazes. Quando a encontrares quero que me informes imediatamente.

— O que é isto? — O melhor brinquedo de todos. É um telefone-satélite. Podes utilizá-lo em qualquer lugar à face da Terra. Se mantiveres o acumulador de energia carregado, poderás entrar em contacto comigo a qualquer momento.

— Acabaste de dizer que os brasileiros têm uma rede telefónica magnífica.

— Não no Pantanal. É uma região pantanosa com uma superfície de cento e sessenta mil quilómetros quadrados, onde não existe qualquer cidade e a população é escassa. Esse telefone-satélite será o teu único meio de comunicação depois de saíres de Corumbá. Nate abriu a caixa de plástico rígido examinando o pequeno telefone com um revestimento lustroso. — Quanto é que isto custou? — perguntou. — A mim, nem um cêntimo.

— Muito bem, quanto é que custou ao património Phelan? — Quatro mil e quinhentos dólares. Mas vale todos os cêntimos que custou.

— Os meus índios têm electricidade? — Nate folheava o manual de instruções do utilizador.

— Claro que não.

— Nesse caso, como é que estás à espera que mantenha as baterias carregadas? — Vem acompanhado de um conjunto suplementar. Tenho a certeza que hás-de pensar em alguma coisa.

— Lá se vai a hipótese de uma estada tranquila.

— Verás que a tua missão decorrerá na maior tranquilidade. Quando chegares ao Brasil, ainda me vais agradecer por estes brinquedos.

— Posso agradecer-te agora?

— Não — respondeu Josh.

— Obrigado, Josh. Por tudo.

— Não tens de quê.

No terminal cheio de gente, sentados a uma pequena mesa do lado de fora de um bar com muito movimento, ambos bebiam um café expresso enquanto liam o jornal. Josh sentia-se muito consciente da existência do bar; Nate dava a impressão de estar alheado. Era difícil não reparar no anúncio em luzes de néon à cerveja Heineken.

Perto deles, passou um pai-natal magricela num passo vagaroso, procurando crianças que tirassem da sua saca prendas de pouco valor. Elvis

entoava Blue Christmas, canção que era emitida pela jukebox do bar. O movimento de pessoas era intenso e o barulho enervante; toda a gente queria apanhar um voo que os levasse de regresso a casa, onde passariam a quadra natalícia. — Estás a sentir-te bem? — perguntou Josh.

— Sim, estou óptimo. Por que é que não te vais embora? Tenho a certeza de que tens mais que fazer.

— Tenciono ficar até que partas.

— Josh, garanto-te que me sinto lindamente. Se estás a pensar que estou à espera de que te vás embora para ir logo a correr para o bar emborcar uns quantos vodkas, estás muito enganado. Não sinto vontade nenhuma de tomar bebidas alcoólicas. Estou limpo, o que me faz sentir muito orgulhoso de mim próprio.

Josh mostrou uma expressão um tanto quanto acanhada, principalmente porque Nate lhe adivinhara os pensamentos. As orgias de álcool a que ele se entregava eram lendárias. Caso cedesse ao vício, em todo o aeroporto não existiriam bebidas suficientes para o satisfazer.

— Não estou preocupado com isso — retorquiu Josh, mentindo. — Sendo assim, vai-te embora. Já sou muito crescidinho. Despediram-se junto da porta de embarque, trocando um abraço caloroso e promessas de telefonemas logo que fosse possível. Nate sentia-se ansioso por se instalar no seu pequeno nicho na primeira classe. Por seu lado, Josh tinha um milhar de coisas que o aguardavam no escritório.

Em segredo, Josh tomara duas pequenas precauções. Em primeiro lugar, reservara dois lugares contíguos no avião. Nate poderia viajar sentado junto da janela; o lugar da coxia ficaria desocupado. Não havia necessidade nenhuma de que esse lugar fosse ocupado por qualquer executivo sequioso, que se sentaria junto de Nate emborcando whisky e vinho. Cada passagem de ida e volta custara mais de sete mil dólares, mas o dinheiro não constituía obstáculo nenhum.

Em segundo lugar, Josh falara demoradamente com um funcionário da companhia aérea sobre a desintoxicação de Nate. Ninguém lhe deveria servir qualquer bebida alcoólica, fossem quais fossem as circunstâncias. Josh tinha escrito uma carta que fora enviada para bordo do avião, na eventualidade de ser necessário apresentá-la a fim de convencer Nate.

Entretanto, uma das assistentes de bordo serviu-lhe um sumo de laranja e café. Envolveu-se num cobertor fino admirando a panorâmica de D. C. que desaparecia abaixo de si, enquanto o avião da Varig se elevava por entre o manto de nuvens. Aquela fuga proporcionava-lhe um sentimento de alívio, permitindo-

lhe escapar a Walnut Hill e a Sérgio, à cidade e ao seu movimento desgastante, à última das suas mulheres e à falência, à actual situação confrangedora em que se encontrava por causa das autoridades fiscais. A uma altitude de mais ou menos nove mil metros, Nate já quase decidira que nunca mais regressaria.

Mas o certo era que todas as reentradas se faziam sob um extremo desgaste de nervos. O receio de outra recaída estava sempre presente, logo abaixo da superfície. O aspecto mais assustador com que Nate se defrontava de momento era o terem existido muitas reentradas, o que o levava a sentir-se como se houvesse alcançado o estado de veterano. À semelhança do que acontecia com as ex-mulheres e as sentenças de maior relevo, encontrava-se plenamente habilitado a estabelecer comparações. Será que haveria sempre uma outra? Durante o jantar, compreendeu que Josh se mantivera activo nos bastidores. Ninguém lhe ofereceu vinho. Limitou-se a debicar a comida com a cautela de alguém que acabara de passar quase quatro meses a desfrutar das melhores alfaces do mundo; até há quatro dias, nada de gorduras, manteiga, banha ou açúcar. A última coisa que desejava era uma indisposição de estômago.

Nate passou pelas brasas, mas sentiu-se farto de dormir. Na qualidade de advogado extremamente ocupado e frequentador da noite, aprendera a viver com poucas horas de sono. Durante o primeiro mês que passara em Walnut Hill haviam-no drogado com pílulas ao ponto de dormir dez horas por dia. Não tinha possibilidade de lhes fazer frente quando se encontrava num estado de semi-coma.

Começou a reunir todos os seus brinquedos em cima do assento desocupado ao seu lado, começando a ler a colecção de manuais de instruções do utilizador.

O telefone-satélite intrigava-o, apesar de lhe ser difícil acreditar que viesse a ser forçado a utilizá-lo. Havia um outro telefone que despertou a sua atenção. Era o engenho tecnológico mais recente das viagens aéreas, um pequeno dispositivo maneirinho praticamente dissimulado na parede junto do seu assento. Utilizou-o telefonando para casa de Sérgio. Este comia um jantar tardio, mas apesar disso mostrou-se contente por ter notícias de Nate. — Onde é que estás? — perguntou.

— Num bar — replicou Nate em voz baixa, uma vez que a intensidade das luzes no interior da cabina havia sido reduzida. — Muito engraçado.

-Provavelmente, neste momento estou a sobrevoar Miami, com a perspectiva de mais oito horas de viagem. Acabei de descobrir este telefone a bordo e só queria saber como é que estás.

— Portanto, está tudo bem contigo?

— Estou óptimo. Tens saudades minhas?

— Ainda não. E tu, tens saudades minhas? — Estás a brincar comigo? Eu sou um homem livre a caminho da selva, rumo a uma aventura maravilhosa. Mais tarde sentirei saudades tuas, de acordo? — De acordo. Se tiveres algum problema, não hesites em me telefonar.

— Não haverá problema nenhum, Sérgio. Desta vez isso não acontecerá.

— Assim é que é, Nate.

— Obrigado, Sérgio.

— Não tens de quê. Sempre que te apetecer, telefona-me. Entretanto, começou a ser exibido um filme, embora ninguém lhe prestasse atenção. A assistente de bordo serviu-lhe outro café. A secretária de Nate era uma mulher chamada Alice, que suportava pacificamente os seus desaires e que, há quase dez anos, tentava imprimir um mínimo de ordem aos seus papéis. Vivia com a irmã numa casa antiga em Arlington. Foi para ela que ligou a seguir. Ao longo dos últimos quatro meses tinham conversado apenas uma vez. A conversa durou meia hora. Ela sentira-se deleitada ao ouvir a voz de Nate e ao saber que ele tivera alta do centro de desintoxicação. Não tinha conhecimento algum da sua viagem à América do Sul, o que era um tudo nada estranho uma vez que, habitualmente, se mantinha ao corrente de tudo. Todavia, Alice mostrou-se reservada ao telefone, até mesmo cautelosa. Nate, com a perspicácia característica de um advogado de defesa, começou a pensar que ali havia gato, passando ao ataque como se tentasse impugnar o testemunho de alguém em tribunal.

Ela continuava a trabalhar no departamento de causas litigiosas, ocupando a mesma secretária, desempenhando mais ou menos as mesmas funções para um outro advogado. — Quem? — perguntou Nate num tom de exigência.

Um tipo que começara a trabalhar para a firma há pouco tempo. Um novo litigante. As palavras de Alice eram estudadas, pelo que Nate se apercebeu que ela fora cuidadosamente instruída pelo próprio Josh. Seria inevitável que Nate acabasse por lhe telefonar assim que tivesse alta.

Em que gabinete é que o novo fulano fora instalado? Quem era o seu assistente jurídico? De onde é que ele viera? Qual a experiência que tinha em casos de negligência médica? Ela mostrou-se bastante vaga.

— Quem é que ocupou o meu gabinete? — perguntou Nate.

— Ninguém. Ninguém lhe tocou. Continua a ter pilhas de processos por

todo o lado.

— O que é que o Kerry tem andado a fazer? — Continua muito ocupado. À sua espera. — Kerry era o assistente jurídico que Nate preferia.

Alice dava-lhe as respostas mais adequadas, embora pouco revelasse. Mostrava-se especialmente reservada a respeito do novo litigante.

— Comece a preparar-se — disse Nate quando a conversa começou a esmorecer. — Está na hora do meu regresso.

— As coisas têm andado bastante enfadonhas por aqui, Nate. Com gestos lentos, este desligou o telefone, revendo mentalmente as palavras de Alice. Havia algo que lhe soava de forma diferente. Pela calada, Josh reestruturava o seu escritório de advocacia. No meio das alterações, seria Nate dispensado? Não era plausível, contudo os seus dias de sessões no tribunal haviam chegado ao fim. Decidiu que se preocuparia com aquele assunto mais tarde. Havia tantas pessoas a quem queria telefonar, e tantos telefones com que poderia fazê-lo. Conhecia um juiz que conseguira libertar-se do vício do álcool há dez anos, o que levava Nate a desejar inteirar-se um pouco mais sobre aquele maravilhoso caso de desintoxicação. A sua primeira ex-mulher merecia um telefonema acrimonioso, todavia Nate não estava com disposição para isso. Além de que pretendia telefonar aos seus quatro filhos, para lhes perguntar por que motivo é que não lhe haviam ligado ou escrito. Não obstante essa intenção, agarrou numa das pastas de cartolina que tinha na pasta, começando a ler acerca do senhor Troy Phelan e do caso que tinha em mãos. À meia-noite, algures por cima das Caraíbas, o sono apoderou-se de Nate.

ONZE

Uma hora antes do nascer do Sol, o avião iniciou as manobras de aterragem. Nate dormira enquanto o pequeno-almoço era servido; quando despertou, houve uma hospedeira que se apressou a levar-lhe uma chávena de café.

A cidade de São Paulo surgiu abaixo de si, estendendo-se por uma superfície de cerca de mil e trezentos quilómetros quadrados. Nate mantinha-se atento ao mar de luzes abaixo de si, perguntando a si mesmo como é que uma só cidade poderia ter vinte milhões de habitantes.

Num português apressado, o piloto deu os bons-dias seguidos de vários parágrafos de saudações que escaparam inteiramente à compreensão de Nate. A tradução em inglês que se seguiu não foi muito mais perceptível. Certamente que esperava não ser obrigado a apontar e a grunhir pedindo que lhe indicassem o caminho através do país. A barreira linguística provocou-lhe um pequeno baque de ansiedade, que terminou quando uma bonita assistente de bordo lhe pediu que pusesse o cinto de segurança.

A atmosfera no aeroporto era quente e fervilhante de pessoas. Nate pegou no seu saco maleável e atravessou os serviços alfandegários sem que ninguém lhe lançasse um só olhar, após o que se dirigiu ao balcão da Varig validando a passagem para Campo Grande. Em seguida, descobriu um café cuja ementa estava afixada na parede. — Café expresso — disse, apontando. A empregada de serviço à caixa registadora deu entrada do preço. Franziu as sobrancelhas ao ver o dinheiro em moeda norte-americana, mas ainda assim entregou-lhe o troco correcto. Nessa altura, um real brasileiro valia tanto como um dólar. Naquele momento, Nate passara a ser possuidor de uns quantos reais.

Bebeu o café de pé, ombro a ombro com alguns turistas japoneses barulhentos. Em seu redor, ouvia outras línguas; alemão e espanhol de mistura com o português que era emitido através dos altifalantes.

Desejou ter comprado um dicionário de frases idiomáticas, de forma a poder compreender uma ou duas palavras.

A sensação de isolamento instalou-se dentro dele, inicialmente, a pouco e pouco. No meio de multidões, era um homem solitário. Não conhecia ninguém.

Eram muito poucas as pessoas que sabiam onde se encontrava no momento presente, sendo bastante escassas as que se interessavam por ele. Estava envolvido pelo fumo dos cigarros que os turistas fumavam, o que o levou a afastar-se num passo apressado, dirigindo-se para a área principal do aeroporto, de onde podia avistar o tecto dois andares mais acima, assim como o piso abaixo de si. Sem destino certo, começou a caminhar entre a multidão levando a pasta que tão pesada estava, motivo que o levou a praguejar mentalmente contra Josh por a ter enchido com tanta tralha.

Começou a ouvir uma conversa em inglês travada em voz alta que o levou a dirigir-se nessa direcção. Avistou alguns homens de negócios que esperavam próximo do balcão da United Airlines. Ao lado havia uma cadeira vazia e ele sentou-se. Nevava em Detroit e os homens estavam ansiosos por regressar a casa, onde queriam passar o Natal. Tinham ido ao Brasil por causa do negócio de um oleoduto; passado pouco tempo, Nate já estava enfastiado com as tolices que eles diziam. Quaisquer saudades que pudesse sentir da sua terra natal, foram dissipadas por aqueles indivíduos. Sentia a falta de Sérgio. Depois do último período de desintoxicação, a clínica decidira instalar Nate, pelo período de uma semana, numa casa onde gozara de liberdade parcial, situação que tivera a finalidade de lhe facilitar a reentrada. Tinha detestado tanto o lugar quanto a rotina; contudo, em retrospectiva, tinha de admitir que a ideia tivera algum mérito. Eram necessários alguns dias para que uma pessoa voltasse a adquirir o sentido de orientação. Talvez a razão estivesse do lado de Sérgio. Telefonou-lhe de uma cabina pública a uma hora que o despertou. Em São Paulo eram seis e trinta, mas na Virgínia eram apenas quatro e meia da manhã.

Sérgio não se mostrou incomodado. Fazia parte das suas funções. No voo para Campo Grande não havia primeira classe, nem sequer lugares desocupados. Nate sentiu-se satisfeito ao constatar que todos os rostos se mantinham ocultos por detrás dos primeiros jornais do dia, bastante diversificados. A imprensa diária era de tendência tão popular e moderna como qualquer jornal publicado nos Estados Unidos, jornais que eram lidos por pessoas ávidas de notícias. Talvez o Brasil não fosse um país tão atrasado como ele tinha pensado que fosse. Aquelas pessoas sabiam ler! O interior do avião, um 727, estava limpo, sendo evidente que a decoração havia sido renovada recentemente.

O carrinho das bebidas estava bem fornecido com Coca-Cola e Sprite; sentia-se quase como se estivesse no seu país de origem. Sentado junto da janela à distância de vinte filas de assentos da carlinga, Nate alheou-se do memorando acerca dos índios que tinha sobre as pernas, admirando a paisagem rural que se

estendia abaixo de si. Era vasta e luxuriante, verdejante e cheia de colinas, pontilhada por explorações de gado atravessadas por estradas de terra batida de tons avermelhados. O solo mostrava uma tonalidade laranja-queimado; os caminhos haviam sido abertos como que por acaso, saindo de um pequeno povoado até ao que lhe ficava adjacente. As auto-estradas eram praticamente inexistentes.

No ângulo de visão de Nate surgiu uma estrada pavimentada com bastante tráfego automóvel. O piloto preparou o avião para a aterragem, dando as boas-vindas a Campo Grande aos passageiros a bordo. A cidade tinha arranha-céus, uma baixa com muito movimento, o campo de futebol, que não poderia faltar, e muitas ruas cheias de automóveis; todas as residências tinham telhados de telhas vermelhas. Graças à eficiência típica de uma grande firma, Nate estava de posse de um memorando, que sem dúvida alguma fora preparado pelos associados mais novatos que trabalhavam por trezentos dólares à hora, no qual a cidade de Campo Grande era analisada como se a sua existência fosse crucial para os assuntos em questão. Tinha seiscentos mil habitantes e um entreposto de comercialização de gado. Um grande número de vaqueiros. Um crescimento fulminante. Todas as conveniências modernas. Elementos que era bom possuir, mas o que é que isso lhe interessaria? Nate nem sequer pernoitaria naquela cidade. O aeroporto dava a impressão de ser excessivamente pequeno para uma cidade com aquelas dimensões; Nate apercebeu-se de imediato que estava a comparar tudo o que via em termos dos Estados Unidos. Tinha de parar com aquilo. Logo que saiu do avião, sentiu uma onda de calor. A temperatura era de trinta e dois graus centígrados. Dois dias antes do Natal sentia o calor sufocante do hemisfério sul. Semicerrou os olhos perante a radiância do Sol, começando a descer as escadas mantendo uma mão firme sobre o corrimão. Com alguma dificuldade, conseguiu encomendar o almoço num restaurante do aeroporto; quando a refeição chegou à mesa, sentiu-se agradavelmente surpreendido ao constatar que era algo que podia ingerir. Uma sanduíche de frango grelhado num pãozinho que nunca vira antes, acompanhada de umas batatas fritas tão quebradiças como as que habitualmente eram servidas nos restaurantes de comida rápida nos Estados Unidos. Nate comeu lentamente enquanto observava a pista de aterragem à distância. A meio do almoço, avistou um bimotor propulsionado por motores turbo da Air Pantanal que aterrou, aproximando-se do terminal. Desse aparelho, desembarcaram seis pessoas.

Parou de mastigar enquanto se debatia com um súbito ataque de medo. Os voos domésticos eram os que faziam as notícias dos jornais, aqueles que eram

noticiados pela CNN, com a diferença de que ninguém na sua terra natal alguma vez ouviria falar de um desses aparelhos caso se despenhasse.

Mas o avião parecia-lhe ser resistente e estar em bom estado, até mesmo, em certa medida, moderno, além de que os pilotos, nas suas fardas impecáveis, mostravam profissionalismo. Nate continuou a comer. «Pensamentos positivos», disse a si mesmo. Terminada a refeição, deambulou pelo pequeno terminal durante uma hora. Num dos quiosques comprou um dicionário de frases idiomáticas em português, começando a memorizar as palavras. Mas a sua atenção foi despertada pela publicidade a viagens aventurosas por terras do Pantanal — ecoturismo, era o nome que lhes eram atribuídas em inglês. Também avistou um balcão de aluguer de automóveis. Outro destinava-se ao câmbio de moeda, assim como um bar com tabuletas de marcas de cerveja e garrafas de whisky alinhadas sobre uma prateleira. Próximo da entrada, alguém colocara uma árvore de Natal artificial, de aspecto raquítico, enfeitada com uma única correnteza de luzes. Nate olhava para as pequenas luzes intermitentes ao som de uma canção brasileira alusiva às festividades; a despeito de todos os seus esforços em contrário, Nate pensou nos seus filhos.

Era o dia que antecedia a véspera de Natal. Nem todas as recordações eram dolorosas.

Com os dentes cerrados e postura rígida, entrou a bordo do avião onde dormiu durante a maior parte da hora de viagem até Corumbá. A atmosfera no pequeno aeroporto da cidade, apinhado de bolivianos que aguardavam um voo que os levasse para Santa Cruz, era de uma humidade opressiva. Aqueles passageiros estavam carregados de caixas e sacos com prendas de Natal. Depois de aterrar, entrou num táxi, cujo motorista não falava uma única palavra de inglês. Nate mostrou-lhe as palavras «Hotel Palace» que constavam do seu itinerário de viagem, após o que o homem arrancou a toda a velocidade no seu Mazda antigo e sujo. A fazer fé num outro memorando elaborado pelos funcionários de Josh. Corumbá tinha uma população de noventa mil pessoas. Situada junto do rio Paraguai, na fronteira com a Bolívia, há muito que se declarara a capital de Pantanal. O tráfego fluvial e o comércio haviam fundado aquela cidade actividades que continuavam a mantê-la viva.

Sentindo os efeitos do calor sufocante que reinava no assento traseiro do táxi, Nate ficou com a sensação de que Corumbá era uma pequena cidade agradável com um ritmo de vida um tanto indolente. As ruas eram pavimentadas e amplas, bordejadas por árvores.

Os comerciantes sentavam-se à sombra, na entrada dos seus

estabelecimentos, esperando pelos clientes enquanto trocavam trivialidades entre si. Os adolescentes passavam por entre o tráfego automóvel nas suas lambretas, quais flechas céleres. As crianças descalças comiam sorvete sentados às mesas das esplanadas nos passeios.

À medida que se aproximavam da zona onde se concentravam as actividades empresariais, os carros iam-se aglomerando para ficarem engarrafados sob o calor escaldante. Embora tivesse resmungado qualquer coisa, o taxista não parecia estar particularmente incomodado com a paragem. Qualquer motorista de táxi, em Nova Iorque ou D. C, já estaria prestes a atingir um paroxismo de violência.

Mas aquilo era o Brasil, e o Brasil era na América do Sul. Os ponteiros dos relógios avançavam com menor lentidão. Nada era urgente. O tempo não era um elemento crucial. «Livra-te do teu relógio», disse Nate a si próprio. Ao invés, cerrou os olhos e respirou o ar pesado.

O hotel Palace localizava-se no centro da baixa, numa rua que tinha um ligeiro declive em direcção ao rio Paraguai, cujas águas majestosas se avistavam ao longe. Pagou ao taxista com uma mão-cheia de reais, aguardando pacientemente que o homem lhe desse o troco. Agradeceu-lhe em português com um «Obrigado» um tanto frouxo. O homem sorriu-lhe dizendo-lhe qualquer coisa que Nate não entendeu. As portas que davam acesso ao átrio mantínham-se abertas, tal como acontecia com todas as portas que davam para os passeios das ruas de Corumbá.

As primeiras palavras que ouviu, assim que transpôs as portas do hotel, foram gritadas por alguém que se expressava com o sotaque característico do Texas. Nate deparou com um bando de trabalhadores da indústria petrolífera que se preparavam para abandonar o hotel, pagando as suas contas. Tinham estado a beber, o que justificava a expansividade que mostravam, ansiosos por chegar à sua terra natal, onde passariam a quadra natalícia. Nate sentou-se junto de um televisor à espera que os homens se fossem embora.

O seu quarto ficava no oitavo andar. Por dezoito dólares diários coube-lhe um quarto com doze por doze onde havia uma cama estreita excessivamente baixa. Se tivesse colchão, este deveria ser pouco alto. A estrutura de molas era coisa que não valia a pena mencionar. Também viu uma mesa e respectiva cadeira, e um aparelho de ar condicionado encastrado no vidro da janela, um pequeno frigorífico que continha água engarrafada, colas e cerveja; também dispunha de uma casa de banho limpa com sabonete e muitas toalhas. Nate pensou para consigo que as acomodações não eram nada más. Aquilo era uma

aventura. Certamente que não era o Four Seasons, mas era habitável.

Durante meia hora Nate tentou estabelecer ligação telefónica com Josh. Contudo, a barreira linguística frustrou os seus intentos. O recepcionista do hotel sabia inglês suficiente para o pôr em contacto com uma telefonista da companhia dos telefones, mas a partir daí a língua portuguesa passou a ser dona e senhora. Tentou telefonar através do seu novo telefone celular, concluindo que a ligação à rede local ainda não fora estabelecida. Nate estendeu o corpo cansado a todo o comprimento da sua pequena cama de aspecto tão periclitante, adormecendo quase de imediato.

Valdir Ruiz era um homem baixo com uma cintura muitíssimo fina, pele ligeiramente trigueira e com uma pequena cabeça lustrosa, onde faltava grande parte do cabelo, à excepção de uns quantos a que aplicara brilhantina, penteando-os para trás. Tinha uns olhos negros rodeados por inúmeras rugas, o resultado de trinta anos a fumar cigarros em excesso. Tinha cinquenta e dois anos; com dezassete deixara a casa paterna para passar um ano com uma família em Iowa, como estudante de intercâmbio, estadia que lhe fora arranjada por um clube de rotários. Sentia-se orgulhoso do seu inglês, apesar de não ter muitas oportunidades de usar essa língua em Corumbá. Passava a maior parte dos seus serões a ver a CNN e outros canais norte-americanos, num esforço para se manter fluente nessa língua estrangeira.

Decorrido o ano passado em Iowa, fizera os últimos anos do ensino secundário em Campo Grande, após o que frequentara a Universidade de Direito no Rio de Janeiro. Com alguma relutância, regressara a Corumbá com a finalidade de trabalhar num pequeno escritório de advocacia do tio, assim como para cuidar dos progenitores já idosos. Ao longo de mais anos do que lhe interessava recordar, Valdir fora obrigado a suportar a passada lânguida a que a prática de advocacia em Corumbá avançava, ao mesmo tempo que sonhava com o rumo que a sua vida poderia ter levado na cidade grande. Todavia, era um homem com uma personalidade simpática, feliz com a vida, à semelhança da maneira de ser característica da maior parte dos brasileiros. Trabalhava com eficiência no seu pequeno escritório, coadjuvado por uma secretária que tinha a função de atender o telefone e dactilografar a correspondência. Valdir gostava das actividades que se prendiam com o negócio das imobiliárias, de escrituras, contratos e coisas no género. Nunca trabalhava em tribunais, em primeiro lugar porque as salas de tribunal não constituíam parte integrante da prática jurídica no Brasil. Os julgamentos eram raros. O estilo norte-americano de processos litigiosos ainda não desbravara o caminho até sul; na realidade, continuava

confinado aos cinquenta estados que formavam o país. Valdir sentia-se maravilhado com as façanhas e as conversas dos advogados que via na CNN. «Por que motivo é que eles clamam tanto por atenção?», interrogava-se ele frequentemente. Eram advogados que davam conferências de imprensa, participando em todos os debates televisivos onde falavam sobre os seus clientes. Era uma prática de advocacia absolutamente inexistente no Brasil. O escritório de Valdir situava-se a três quarteirões do hotel Palace, numa área ampla e frondosa que o tio adquirira há várias décadas. O telhado era coberto pelos ramos de árvores de grande porte, o que permitia, fosse qual fosse a intensidade do calor, que Valdir mantivesse as janelas sempre abertas. Agradava-lhe o ruído abafado que vinha da rua. Passava um quarto de hora das quinze quando avistou um homem que nunca tinha visto, que parou em frente do seu escritório começando a examiná-lo. Apercebeu-se logo de que o indivíduo era estrangeiro, de facto um norte-americano. Valdir adivinhou imediatamente que se tratava do doutor O'Riley.

A secretária serviu-lhes um cafezinho, o café forte e negro, bem açucarado, que se bebe no Brasil em pequenas chávenas ao longo de todo o dia; Nate sentiu-se imediatamente viciado por aquela bebida. Encontrava-se sentado no escritório de Valdir, onde os dois já se tratavam pelos respectivos nomes, admirando tudo o que o rodeava: a ventoinha de tecto que rangia acima dele, as janelas abertas que deixavam entrar os sons ensurdecedores da rua, as correntezas bem alinhadas de pastas de arquivo poeirentas sobre as prateleiras atrás de Valdir, as tábuas riscadas do soalho antigo que ambos pisavam. Estava bastante calor no escritório, embora não causasse desconforto. Nate tinha a sensação de que participava num filme rodado há cinquenta anos.

Valdir ligou para D. C. estabelecendo comunicação com Josh. Trocaram algumas palavras antes de entregar o telefone a Nate, sentado do outro lado da mesa.

— Olá, Josh — saudou este. Ficou bem patente que Josh sentiu um alívio enorme ao ouvir a sua voz. Nate contou-lhe os pormenores da viagem até Corumbá, dando ênfase ao facto de estar a sentir-se bem, continuando sóbrio e ansioso pelo desenrolar da sua aventura.

Entretanto, Valdir mostrava-se ocupado a um canto folheando uma pasta de arquivo, enquanto tentava dar a impressão de que não tinha o mínimo interesse na conversa que decorria junto de si, se bem que não lhe escapasse uma só palavra.

Por que razão é que Nate O'Riley se sentiria tão orgulhoso da sua

sobriedade? Terminada a conversa telefónica, Valdir apresentou uma carta de navegação aérea, que começou a desdobrar, referente ao estado de Mato Grosso do Sul, que tinha aproximadamente a mesma superfície territorial do Texas, apontando para o Pantanal. Era uma região que abrangia toda a região noroeste do estado, alargando-se até ao interior de Mato Grosso, a norte, e à Bolívia a ocidente. Os rios e respectivos afluentes eram às centenas, espalhando-se como se fossem artérias através das terras pantanosas. Tinha uma coloração amarela, não havendo nenhuma indicação de quaisquer cidades no Pantanal. Tão-pouco se viam redes viárias ou auto-estradas. Um território pantanoso que abrangia cento e sessenta mil quilómetros quadrados, recordou-se Nate que lera essa informação num dos inúmeros memorandos que Josh lhe tinha preparado.

Enquanto examinavam o mapa, Valdir acendeu um cigarro. Já tinha feito algum trabalho preliminar. Viam-se três X traçados no mapa a vermelho ao longo da linha limítrofe próximo da Bolívia. — Aqui vivem algumas tribos — indicou Valdir apontando para as marcas a vermelho. — Os Guató e os Ipicas.

— Qual é o tamanho da população? — perguntou Nate, aproximando-se mais; as primeiras olhadelas genuínas que dava a um terreno que se esperava que ele passasse a pente fino à procura de Rachel Lane. — Na verdade, não se sabe bem quantos são — replicou Valdir em palavras espaçadas e precisas. Esforçava-se com todo o denodo em impressionar o norte-americano com o conhecimento que tinha da língua inglesa. — Há cem anos eram em número muito maior. Mas em cada geração as tribos ficam mais pequenas.

— Até que ponto é que esses nativos mantêm contacto com o mundo exterior? — inquiriu Nate.

— Os contactos são bastante reduzidos. Há mil anos que a cultura destes povos não sofre qualquer alteração. Costumam efectuar pequenas permutas com os barcos fluviais, mas não mostram o mínimo desejo de alterar o seu estilo de vida.

— Por acaso eles saberão onde é que os missionários se encontram? — É difícil dizer. Tive oportunidade de falar com o ministro da saúde do estado de Mato Grosso do Sul. Conheço-o pessoalmente. O ministério tem uma ideia geral do local onde os missionários trabalham. Também já falei com o representante da FUNAI(1); é a nossa secretaria para os assuntos indígenas.

*1. Fundação Nacional do índio. (N. da T.) — Valdir apontou para dois dos «X» antes de prosseguir. — Estes são os Guató. Muito provavelmente alguns dos missionários terão sido destacados para esta região.

— Tem informação de alguns dos nomes desses missionários? —

perguntou Nate, embora aquela pergunta fosse um tiro no escuro. De acordo com um dos memorandos de Josh, Valdir não fora informado do nome de Rachel Lane. Fora-lhe dito apenas que a mulher em questão trabalhava para a organização Tribos Universais, sem qualquer outro pormenor. Valdir sorriu abanando a cabeça.

— Isso seria fácil de mais. Tem de compreender que existem pelo menos vinte organizações diversas de missionários, tanto canadianas como norte-americanas, que trabalham no Brasil. É fácil entrar no nosso país, não sendo nada difícil que se desloquem por toda a parte. Especialmente, nas regiões menos desenvolvidas. Ninguém se interessa verdadeiramente com quem anda por aí, assim como pelo que possam fazer. Concluímos que se são missionários, então, terão de ser pessoas de bem. Nate apontou para Corumbá, e em seguida para o X vermelho mais próximo. , — Quanto tempo é que leva para se ir daqui para ali? — Depende. Caso se vá de avião, cerca de uma hora. Por barco, de três a cinco dias. — Nesse caso, onde é que está o meu avião? — As coisas não são assim tão fáceis — adiantou Valdir recorrendo a outro mapa. Desdobrou-o e alisou-o em cima do primeiro. — Este é um mapa topográfico de Pantanal. Estas são as fazendas.

— As quê?

— Fazendas. Quintas de grande dimensão.

— Eu pensava que só existiam pântanos.

— Não. Há muitas áreas em terrenos suficientemente elevados para se poder criar gado. As fazendas foram fundadas há duzentos anos e os pantaneiros continuam a trabalhar nelas. Somente um escasso número de fazendas é que têm acesso pelo rio, pelo que a maioria utiliza pequenos aviões. As pistas de aterragem estão assinaladas a azul.

Nate apercebeu-se de que havia muito poucas pistas de aterragem nas cercanias dos povoados índios.

— Ainda que decidisse ir de avião para essa região — continuou Valdir -, continuaria a ter de recorrer a um barco para poder chegar aos índios. — Qual é o estado das pistas de aterragem? — Os pisos são todos de erva. Por vezes é cortada, mas em alguns casos isso não se verifica. O maior problema são as vacas.

— As vacas?! — Sim. O gado bovino gosta de erva. Em algumas ocasiões é difícil aterrar porque as vacas pastam nas pistas — acrescentou Valdir sem tentar fazer humor.

— E o gado não pode ser deslocado?

— Sim, quando se espera a chegada de alguém. Mas o problema é que não existem linhas telefónicas.

— Nas fazendas não há telefones?

— Nenhum. Estão muito isoladas.

— Isso quer dizer que não posso ir de avião até ao Pantanal, e depois alugar um barco para descobrir o paradeiro dos índios? — Não. Os barcos estão aqui, em Corumbá. Tal como os guias. Nate olhou atentamente para o mapa, em especial para o rio Paraguai, cujo curso sinuoso corria para Norte, na direcção dos povoados dos índios. Algures ao longo do rio, esperava que na sua proximidade, entre todos aqueles vastos terrenos pantanosos, estaria uma simples serva de Deus que vivia cada dia em paz e tranquilidade, pensando muito pouco sobre o futuro, enquanto, sossegadamente, ia ministrando o seu rebanho. Tinha de a encontrar.

— Pelo menos, gostaria de poder sobrevoar essa área — acrescentou Nate. Valdir voltou a enrolar o segundo mapa.

— Posso contratar um piloto com o respectivo avião. — E quanto ao barco? — Tenho andado a tratar disso. Estamos na estação das chuvas, o que significa que a maioria das embarcações está a ser utilizada. Os rios estão cheios. Nesta altura do ano existe mais tráfego fluvial.

Fora muito simpático da parte de Troy Phelan ter decidido suicidar-se durante a estação das cheias. De acordo com o trabalho de investigação que a firma levara a cabo, as chuvas começavam em Novembro, prolongando-se até Fevereiro; consequentemente, todas as terras baixas e muitas das fazendas ficavam submersas. -No entanto, devo adverti-lo de uma coisa — continuou Valdir, acendendo outro cigarro e enrolando o primeiro mapa-, as viagens aéreas não são isentas de riscos. Os aparelhos são pequenos e, no caso de avaria no motor, bem... — interrompeu-se revirando os olhos com um encolher de ombros, como se não houvesse a mínima esperança de sobrevivência. — O que é que quer dizer com isso? — Não existe lugar nenhum onde se possa efectuar uma aterragem de emergência, nenhum sítio onde se possa descer. Há um mês, houve um avião que se despenhou. Encontraram o que restou do aparelho perto da margem do rio, rodeado por crocodilos.

— O que é que aconteceu aos passageiros? — perguntou Nate, sentindo-se aterrorizado com a resposta.

— Pergunte aos crocodilos.

— Mudemos de assunto.

— Mais café? — ofereceu Valdir.

— Sim, por favor.

Valdir gritou chamando a secretária. Os dois homens aproximaram-se da janela observando o movimento dos automóveis. — Estou em crer que descobri um guia — disse Valdir pouco depois. — Óptimo. Ele fala inglês? — Sim, e muito bem. É um homem novo que acabou de sair do exército. Um rapaz esplêndido. O pai era barqueiro no rio. — Isso é magnífico.

Valdir dirigiu-se à sua mesa de trabalho agarrando no telefone.

A secretária ofereceu a Nate outra chávena pequena de cafezinho que ele bebeu de pé junto da janela. No outro lado da rua havia um pequeno bar com três mesas no passeio encimadas por um toldo. Um anúncio vermelho publicitava cerveja Antárctica. Avistou dois homens em mangas de camisa que partilhavam uma mesa, tendo uma garrafa de litro da mesma cerveja entre os dois. Aquele era um ambiente perfeito — um dia de calor, um estado de espírito jovial e uma bebida gelada de que desfrutavam dois amigos sentados à sombra.

Subitamente, Nate começou a sentir tonturas. O anúncio à cerveja passou a estar desfocado; viu aquela cena numa escassa fracção de segundos em que surgiu e desapareceu, regressando logo a seguir ao mesmo tempo que o seu coração batia desordenadamente, cortando-lhe a respiração. Apoiou-se ao de leve contra o peitoril da janela, receando perder o equilíbrio. As mãos tremiam-lhe, e à cautela colocou o cafezinho em cima de uma mesa. Apesar de Valdir se encontrar atrás de Nate não se apercebeu, enquanto mantinha uma conversa em português, que Nate não compreendia. O suor começou a escorrer-lhe em fileiras alinhadas acima das sobrancelhas. Sentia o sabor da cerveja. O resvalo estava prestes a iniciar-se. Uma fissura na armadura. Uma fenda na barragem. Uma agitação na montanha de resoluções que arquitectara durante os últimos quatro meses, com a ajuda de Sérgio. Nate respirou fundo tentando recompor-se. Aquele momento haveria de passar; sabia que assim seria. Já passara por aquela situação vezes sem conta.

Agarrou na chávena de café que começou a beber com frenesi, enquanto Valdir desligava o telefone anunciando que o piloto se mostrava hesitante, não desejando voar para onde quer que fosse na véspera de Natal. Nate voltou para a cadeira onde estivera sentado debaixo da ventoinha que continuava a ranger. — Ofereça-lhe mais algum dinheiro — sugeriu Nate. Valdir fora informado pelo doutor Josh Stafford de que o dinheiro não constituía obstáculo algum em tudo o que se relacionasse com aquela missão.

— Ele ficou de me telefonar dentro de uma hora — retorquiu Valdir. Nate estava pronto para se ir embora. Sacou do seu telefone celular novinho em folha;

Valdir começou a explicar-lhe como é que poderia entrar em contacto com um operador da AT & T que falasse inglês. Depois de aquela operação ter sido concluída, e à guisa de experiência, Nate ligou o número de Sérgio mas foi o atendedor de chamadas que ouviu do outro lado da linha. Em seguida ligou para Alice, a sua secretária, desejando-lhe as boas-festas. O telemóvel estava a funcionar na perfeição; sentia-se muito orgulhoso do aparelho. Agradeceu a Valdir, dirigindo-se para a porta do escritório. Antes de aquele dia chegar ao fim, ambos voltariam a travar outra conversa.

Encaminhou-se na direcção do rio um pouco mais abaixo, a escassos quarteirões do escritório de Valdir, passando por um pequeno parque onde alguns trabalhadores dispunham cadeiras para um concerto. O fim de tarde estava húmido; sentia a camisa encharcada de suor colada ao peito. O pequeno episódio de há pouco assustara-o mais do que queria admitir. Sentou-se na extremidade de uma mesa de piqueniques, admirando a vastidão do Pantanal que se estendia diante de si. Vindo de nenhures, surgiu-lhe um adolescente esfarrapado que se ofereceu para lhe vender marijuana. Tinha droga dentro de sacos de tamanho ínfimo, numa pequena caixa de madeira. Com um gesto da mão, Nate mandou-o embora. Talvez numa outra vida.

Entretanto, um músico começou a tocar viola; um grupo de gente começou ajuntar-se vagarosamente, à medida que o Sol se punha por detrás das montanhas da Bolívia, não muito distantes dali.

DOZE

O dinheiro deu os seus frutos. Ainda que com alguma relutância, o piloto concordou em efectuar o voo, apesar de ter insistido em que descolassem cedo, a fim de poderem estar de regresso a Corumbá por volta do meio-dia. Tinha filhos ainda pequenos e uma mulher que se irritava com facilidade, para além de que, ao fim e ao cabo, estava-se na véspera de Natal.

Valdir prometeu-lhe que sim, acalmando o homem a quem adiantou um bom depósito em dinheiro.

Jevy, o guia com quem Valdir negociara durante uma semana, também recebeu um adiantamento. Jevy tinha vinte e quatro anos, era solteiro e praticava halterofilismo, o que lhe acrescentara aos braços muita massa muscular suplementar. Quando, num passo gingão, entrou no átrio do hotel Palace, usava um chapéu de mato, calções de zuarte, botas pretas ao estilo do exército, uma camisola de algodão de manga curta e uma faca de lâmina longa e cintilante com ponta de fio duplo, que enfiara por dentro do cinto para o caso de poder vir a necessitar de esfolar qualquer coisa. Quando apertou a mão de Nate quase lhe esmagou os ossos. — Bom-dia — saudou por entre um sorriso rasgado. — Bons-dias — retribuiu Nate cerrando os dentes ao sentir o estalar dos dedos. A faca não poderia ser ignorada; a lâmina tinha um comprimento de cerca de vinte centímetros. — Sabe falar português? — perguntou Jevy.

— Não. Apenas inglês.

— Isso não é problema — retorquiu Jevy largando finalmente a mão que continuava a apertar com toda a força. — Eu sei falar inglês. — Falava com um sotaque deveras acentuado, mas até ao momento Nate conseguira compreender todas as palavras que ele dissera. — Aprendi no exército — adiantou ele cheio de orgulho.

Jevy era uma pessoa de quem se gostava sem hesitação após conhecê-lo. Agarrou na pasta de Nate dizendo uma graçola à recepcionista por detrás do balcão. Ela corou desejando ouvir mais.

A sua camioneta era uma Ford de 1978 de caixa aberta, que podia transportar um peso de três quartos de tonelada, o maior veículo que Nate vira até então em Corumbá. Parecia estar preparada para viagens na selva, com pneus

de perfil alto, um guincho fixo ao pára-choques dianteiro, uma grade de barras grossas que cobria os faróis; fora pintada recentemente de um verde-escuro e não tinha pára-lamas. Não estava equipada com ar condicionado. Percorriam as ruas de Corumbá acompanhados do troar do motor, abrandando de velocidade, ainda que apenas ligeiramente, sempre que se aproximavam das luzes vermelhas dos semáforos, ignorando completamente os sinais de stop e, de uma maneira geral, infringindo os direitos dos condutores dos automóveis e motos, todos eles ansiosos por evitarem o tanque de Jevy. Quer fosse por negligência, quer fosse deliberadamente, a panela do escape não funcionava em boas condições. O motor era barulhento, embora esse pormenor não impedisse Jevy de continuar a conversar ao mesmo tempo que manobrava o volante como se fosse um piloto de corridas de automóvel. Nate não conseguia ouvir uma única palavra. Sorria e acenava, qual imbecil, mantendo-se na mesma posição sem fazer qualquer movimento — pés firmemente apoiados no chão, com uma mão que se agarrava à moldura dajanela, enquanto a outra não largava a pasta. Quando se aproximavam de qualquer cruzamento, o seu coração deixava de bater.

Era evidente que todos os condutores compreendiam um sistema de trânsito onde as regras de condução, se existissem algumas, eram ignoradas. Não se verificou acidente algum, nem tão-pouco qualquer carnificina. Toda a gente, incluindo Jevy, conseguia parar, dar prioridade ou desviar-se no último instante. O aeroporto estava deserto. Estacionaram junto do pequeno terminal continuando a pé até ao extremo da pista de aterragem, onde se encontravam quatro pequenos aviões presos ao solo. Um destes era preparado pelo piloto, um homem que Jevy não conhecia. As apresentações foram feitas em português. O nome do piloto assemelhava-se a algo parecido com Milton. Mostrava-se assaz cordial, embora fosse por demais evidente que teria preferido não voar, ou ter de trabalhar, na véspera de Natal.

Enquanto os brasileiros travavam um diálogo, Nate examinava o aparelho. A primeira coisa em que reparou foi que estava precisado de uma pintura nova, e isso, por si só, preocupava-o bastante. Se o exterior se encontrava deteriorado, com a pintura a lascar, poderia o interior manter-se em melhores condições? Os pneus estavam carecas. Em redor do compartimento do motor viam-se várias manchas de óleo. Era um Cessna 206, já antigo, um monomotor.

O abastecimento de combustível levou quinze minutos, e a partida, entusiasticamente combinada para uma hora mais cedo, continuava a arrastar-se sem fim à vista, com a aproximação das dez horas. Nate sacou do seu sofisticado telefone celular, que guardara na algibeira mais funda dos calções de caqui,

ligando para Sérgio. Este tomava café com a mulher, fazendo planos para as últimas compras de Natal. Uma vez mais, Nate sentiu-se grato por se encontrar fora do país, afastado do frenesi das festividades próprias daquela quadra. A meio do Atlântico estava frio e caía granizo misturado com chuva. Nate garantiu-lhe que continuava a aguentar-se muito bem; não havia qualquer problema. Pensava que conseguira deter a recaída. Tinha acordado com uma nova força, mais determinado do que nunca; tudo não passara de um momento passageiro de fraqueza. Por conseguinte, não mencionou o assunto a Sérgio. Deveria tê-lo feito, mas por que haveria Nate de o preocupar naquela quadra festiva? Durante a conversa, o Sol ocultou-se por detrás de uma nuvem escura, ao mesmo tempo que começavam a cair umas quantas gotas esparsas de chuva em redor. Mal reparou naquilo. Desligou depois do tradicional «Feliz Natal».

Entretanto, o piloto anunciou que estava pronto para descolar. — Não se sente preocupado com a segurança do avião? — perguntou Nate a Jevy quando levaram para bordo a pasta e uma mochila. — Sem dúvida — respondeu Jevy com uma gargalhada. — Este homem tem quatro filhos pequenos e uma mulher bonita, pelo menos é o que diz. Por que haveria ele de arriscar a vida? Jevy confiou a Nate que desejava ter lições de voo, o que o levou a oferecer-se para se sentar ao lado de Milton. Nate não viu qualquer inconveniente. Sentou-se atrás dos dois num espaço bastante exíguo, tendo apertado o cinto de segurança e as correias dos ombros tanto quanto lhe foi possível. Com mostras de alguma relutância, demasiada, na óptica de Nate, o motor começou a funcionar; o interior da pequena carlinga transformou-se numa fornalha até Milton ter aberto a janela do seu lado. O ar de retorno do propulsor ajudou-os a respirar. O aparelho começou a rolar aos solavancos até ao fim da pista alcatroada. A autorização de descolagem não oferecia o mínimo obstáculo, dado que não havia mais tráfego aéreo. Depois de terem descolado, a camisa de Nate colara-se-lhe às costas devido à transpiração que lhe escorria do pescoço.

Imediatamente, Corumbá ficou abaixo dos viajantes. Vista do ar, a cidade parecia mais bonita, com as fileiras alinhadas de pequenas casas, em ruas que davam a impressão de terem sido estruturadas de acordo com um plano bem organizado. Naquele momento, havia bastante movimento na baixa, com os automóveis parados devido aos congestionamentos de trânsito, juntamente com os peões que atravessavam as artérias num passo apressado. A cidade ia desaparecendo de vista acima do nível do rio. O avião rumou para norte acompanhando o curso das águas, elevando-se com lentidão enquanto Corumbá se desvanecia atrás do aparelho. Depararam com algumas nuvens pouco densas e

uma ligeira turbulência.

A cerca de mil duzentos e vinte metros de altitude, a grandiosidade do Pantanal surgiu inesperadamente à frente deles, no momento em que atravessavam uma nuvem extensa que não augurava nada de bom. A oriente e a norte avistaram dúzias de pequenos cursos de água que descreviam círculos entrecruzados, cujas águas, aparentemente, não seguiam para parte alguma, ligando cada um dos brejos a uma centena de outros. Por causa das inundações, os rios estavam cheios, confluindo em vários lugares. As águas apresentavam diversas tonalidades. Os brejos estagnados eram de um azul-escuro, quase negro em algumas áreas onde a vegetação era mais espessa. Os charcos mais profundos eram verdes. Os afluentes mais pequenos arrastavam uma lama avermelhada, enquanto o grandioso Paraguai estava cheio e tão castanho como o chocolate de malte. No horizonte, tão longe quanto a vista conseguia abranger, toda a extensão de água era azul e a terra verde. Enquanto Nate olhava para norte e para oriente, os seus dois companheiros observavam o ocidente, em direcção às montanhas distantes da Bolívia. Jevy apontou despertando a atenção de Nate. Para lá das montanhas o firmamento apresentava-se de uma tonalidade mais escura.

Quinze minutos após terem iniciado a viagem, Nate avistou a primeira habitação desde que haviam levantado voo. Era uma fazenda na margem do Paraguai. A casa era pequena e tinha um aspecto cuidado, com o obrigatório telhado de telhas vermelhas. As vacas de pelagem branca pastavam num campo bebendo água à beira do rio. A roupa lavada fora estendida numa corda perto da casa. Não se via nenhum sinal de actividade humana — tão-pouco se via qualquer veículo, antena de televisão ou cabos eléctricos. A pouca distância da casa havia um jardim quadrado todo vedado, um pouco abaixo de um caminho de terra batida. O avião atravessou uma nuvem e a fazenda desapareceu.

Mais formações nublosas. Estas eram mais densas, o que obrigou Milton a descer a cerca de novecentos metros para se manter abaixo das nuvens.

Jevy explicou-lhe que era um posto de visitas turísticas, pelo que se deveriam manter-se tão baixos quanto lhes fosse possível. O primeiro povoado dos Guató situava-se a cerca de uma hora de Corumbá.

O piloto guinou, afastando-se do rio por alguns minutos e começando a sobrevoar uma fazenda. Jevy dobrou o mapa, traçando um círculo em redor de qualquer coisa e entregando-o a Nate atrás de si.

— A Fazenda da Prata — explicou apontando para baixo. No mapa, todas as fazendas estavam assinaladas pelos respectivos nomes, como se fossem

grandes propriedades. No solo, a Fazenda da Prata não era muito maior do que a primeira quinta que Nate avistara. Havia mais vacas, umas duas construções pequenas, uma casa ligeiramente maior e uma longa faixa de terra que Nate compreendeu por fim ser uma pista de aterragem. Por perto, não se via qualquer rio nem vestígios de estradas. O acesso só poderia ser feito por via aérea.

Milton mostrava-se cada vez mais preocupado por causa do céu escurecido que via mais para oeste. Deslocava-se para leste e seguiam em direcção ao norte, o encontro parecia ser inevitável. — Ele não está a gostar da cor do céu mais ali — gritou Jevy, inclinando-se para trás.

A Nate também não agradava nada, mas o piloto não era ele. Limitou-se a encolher os ombros, uma vez que não lhe ocorreu mais resposta nenhuma.

— Vamos manter-nos atentos à situação por alguns minutos — acrescentou Jevy. Milton queria regressar a casa. Por seu turno, Nate desejava, no mínimo dos mínimos, ver os povoados índios. Continuava a albergar a esperança ínfima de, não sabia bem como, conseguir voar ao encontro de Rachel, podendo, quiçá, levá-la consigo para Corumbá, onde poderiam almoçar num café simpático enquanto discutiam o espólio que o pai lhe deixara. Esperanças com pouco fundamento que depressa começaram a sumir-se. A hipótese de um helicóptero não estava fora de questão, com certeza que o património poderia dar-se a esse luxo. Caso Jevy conseguisse encontrar a aldeia dos índios que procuravam, bem como o lugar apropriado onde pudessem aterrar, Nate alugaria um helicóptero sem mais demoras. Estava a sonhar.

Outra pequena fazenda, esta a pouca distância do rio Paraguai. As gotas de chuva começaram a bater de rijo contra as janelas do avião, o que levou Milton a descer a mais ou menos seiscentos metros. À esquerda, bastante mais próxima, ficava uma impressionante cordilheira, com um rio sinuoso atravessando a floresta densa no sopé das montanhas.

Do cume montanhoso, a tempestade abatia-se sobre eles com toda a sua fúria. De súbito, o firmamento escureceu bastante mais; as rajadas de vento agitavam o Cessna. O aparelho começou a perder muita altitude, fazendo com que a cabeça de Nate batesse no tejadilho da carlinga. Instantaneamente, sentiu-se aterrorizado.

— Vamos inverter a direcção — gritou Jevy para trás. À sua voz faltava a tranquilidade que Nate teria preferido ouvir. Milton afivelara uma expressão empedernida, todavia os óculos de Sol à aviador haviam desaparecido, dando lugar às gotas de suor que lhe cobriam a testa. O avião guinou acentuadamente para a direita, e logo depois para oriente, após o que numa manobra brusca

rumou a sueste, e quando completaram a viragem em direcção ao sul foram confrontados por uma visão doentia. O céu entre eles e Corumbá estava enegrecido.

Milton não queria nada com aquelas condições atmosféricas. Sem hesitar tomou rapidamente o rumo que os levaria para oriente, dizendo qualquer coisa a Jevy que Nate não compreendeu. — Não podemos voltar a Corumbá — gritou Jevy pouco depois voltando-se para trás. — Ele vai tentar encontrar uma fazenda. Vamos aterrar e aguardar que o temporal comece a amainar. — A sua voz era elevada, deixando adivinhar uma grande ansiedade. O sotaque era bastante mais acentuado.

Nate acenou com a cabeça o melhor que lhe foi possível. Sentia a cabeça atordoada devido aos solavancos; as dores foram provocadas pela primeira fissura que se abrira no tejadilho. O seu estômago começara a protestar.

Durante alguns minutos, tudo indicava que aquela corrida seria ganha pelo Cessna. Certamente que um avião de qualquer dimensão poderia deixar para trás uma tempestade. Massajou o topo da cabeça decidindo que não iria olhar para trás. Mas agora as nuvens escuras também se aproximavam dos lados.

Que espécie de piloto idiota e retrógrado é que descolaria sem verificar previamente o radar? Por outro lado, o radar, se é que dispunham dele, muito provavelmente já teria vinte anos, tendo sido desactivado durante a quadra natalícia.

A chuva tamborilava sobre o avião. O ruído das rajadas de vento ouvia-se em redor do aparelho que era ultrapassado pelas nuvens. O temporal desencadeou-se, assenhoreando-se da situação, e o pequeno avião começou a ser empurrado em todas as direcções, impelido tanto para cima como para baixo. Durante um período de dois longuíssimos minutos, Milton ficou incapaz de pilotar o aparelho devido à violência da turbulência.

Tinha a impressão de pilotar um potro do oeste norte-americano, e não um aeroplano.

Nate olhava através da sua janela não avistando fosse o que fosse; nem água, nem sequer brejos ou pequenas fazendas com pistas de aterragem alongadas. Afundou-se mais no assento. Cerrou os dentes jurando a si mesmo que não vomitaria.

Um poço de ar provocou uma descida súbita do avião em cerca de trinta metros em menos de dois segundos; os três homens gritaram algo indiscernível. Nate soltou um elevado «Oh, merda!». Por seu lado, os companheiros brasileiros praguejaram em português. As exclamações manifestavam o muito medo que os

três homens sentiam. Fez-se uma interrupção nas condições climatéricas, muito rápida, e em que o ar se manteve sereno. Milton accionou a alavanca de controlo para a frente começando a mergulhar a pique. Nate assumiu uma posição que o preparava para qualquer impacte, colocando as duas mãos com firmeza sobre as costas do assento de Milton, e, pela primeira vez, e esperava que pela última, sentiu-se como se fosse um piloto kamikaze. A pulsação do seu coração era acelerada e sentia um nó no estômago. Fechou os olhos e pensou em Sérgio, assim como no instrutor de ioga de Walnut Hill que o ensinara a rezar e a meditar.

Tentou orar e meditar, o que lhe foi impossível ao sentir-se encurralado num avião em queda livre. A morte encontrava-se apenas a alguns segundos de distância.

O som estrondoso de um trovão mesmo acima do Cessna deixou-os atordoados, como se tivesse sido um disparo numa sala escura, sobressaltando-os até aos ossos. Nate sentiu os tímpanos prestes a rebentar.

A queda foi interrompida a cerca de cento e cinquenta metros do solo, enquanto Milton tentava resistir à força dos ventos, conseguindo estabilizar o aparelho.

— Veja se descobre uma fazenda! — gritou Jevy do lugar da frente. Nate, com alguma relutância, começou a perscrutar o solo através do vidro da janela. O solo abaixo de si era matraqueado pela chuva e pelo vento. A folhagem das árvores agitava-se enquanto a superfície dos pequenos charcos se encapelava formando cristas de espuma. Jevy examinou o mapa, constatando que estavam irremediavelmente perdidos.

A chuva abatia-se em bátegas brancas, que restringiam a visibilidade a uns escassos metros. Em algumas ocasiões, Nate mal conseguia destrinçar os contornos do solo. Estavam rodeados por torrentes de chuva, açoitados de um lado para o outro por fortes rajadas de vento. O pequeno avião era agitado como se fosse um simples papagaio de papel.

Milton manejava desesperadamente o painel de instrumentos do aparelho, enquanto Jevy, aterrorizado, olhava em todas as direcções. Não estavam dispostos a despenhar-se sem luta contra os elementos.

Contudo, Nate desistiu. Uma vez que nem sequer conseguiam distinguir o solo, como é que poderiam esperar aterrar em segurança? O pior da tempestade ainda não se fizera sentir. Estava tudo acabado.

Não se daria como culpado perante Deus, a fim de reduzir o tempo de pena. Aquilo era o que merecia pelo estilo de vida que levara. Havia centenas de

pessoas que morriam em desastres de aviação todos os anos; ele não era melhor do que os outros. Avistou o rio de relance, precisamente abaixo deles, e de súbito recordou-se dos crocodilos e das anacondas. Sentiu-se horrorizado perante a perspectiva de se despenhar num pântano. Imaginava-se gravemente ferido, mas sem ter morrido agarrando-se à vida, lutando pela sua sobrevivência, tentando activar o raio do telefone-satélite, ao mesmo tempo que se defendia dos répteis esfaimados.

A carlinga foi abanada por outro trovão de grande intensidade; Nate decidiu, malgrado tudo, lutar contra as inclemências atmosféricas. Perscrutava o solo numa tentativa vã de descobrir uma fazenda. Durante um segundo, ficaram cegos por um forte relâmpago. O motor começou a engasgar-se, mas acabou por retomar um funcionamento regular. Milton desceu a uma altitude de mais ou menos cento e vinte metros, altitude que seria segura em circunstâncias normais. Do mal o menos, não existiam colinas nem montanhas no Pantanal com que tivessem de se preocupar. Nate apertou ainda mais as correias que lhe prendiam os ombros, após o que começou a vomitar por entre as pernas. Não sentiu o mínimo constrangimento por aquela indisposição. Tudo o que sentia limitava-se a um profundo sentimento de terror.

Foram tragados pela escuridão. Milton e Jevy falavam aos gritos ao mesmo tempo que eram sacudidos de um lado para o outro, esforçando-se por dominar os comandos do avião. Os ombros de ambos roçavam-se e embatiam um contra o outro. Jevy mantinha o mapa preso entre as pernas, inteiramente inútil naquelas circunstâncias.

A tempestade continuava a desencadear-se abaixo dos três homens. Milton desceu a uma altitude de cerca de sessenta metros, o que lhes permitia avistar secções do solo. Houve uma rajada de vento mais forte que os atirou de lado, literalmente, empurrando o Cessna de lado; Nate compreendeu quão desesperada era a situação em que se encontravam. Mas, então, avistou um objecto negro abaixo de si começando a gritar e a apontar. — A cow! A cow! — Uma vaca! Uma vaca! — berrou Jevy traduzindo para Milton. Desceram por entre as nuvens a uma altura do solo de pouco mais de nove metros, cercados por bátegas de chuva que os cegavam por breves instantes, sobrevoando directamente por cima das telhas vermelhas do telhado de uma casa. Jevy gritou de novo, apontando para qualquer coisa que vira no seu lado do avião. A pista de aterragem dava a impressão de ter o comprimento igual a um bom caminho de acesso de qualquer casa nos subúrbios, perigosa mesmo em condições climatéricas favoráveis. Não obstante, isso não fazia a mínima diferença. Não

lhes restava outra alternativa. Caso se despenhassem, pelo menos, sabiam que haveria gente por perto.

Haviam descoberto a pista tarde de mais para que pudessem aterrar com o vento de feição, o que levou Milton a preparar o avião, pronto para aterrar bem no núcleo do temporal. O vento açoitou o Cessna obrigando-o a descrever um círculo, cujo efeito foi o de praticamente neutralizar o motor. A chuva reduzia o ângulo de visibilidade praticamente a zero. Nate inclinou-se para a frente com o propósito de examinar a pista de aterragem, vendo apenas as bátegas de água que açoitavam violentamente o pára-brisas. A pouco mais de quinze metros de altitude, o Cessna foi arremessado de lado. Milton conseguiu equilibrá-lo. — Cows! Vacas! — gritou Jevy. De imediato, Nate compreendeu o significado da palavra. Também viu os animais. Não tiveram oportunidade de avistar o primeiro.

Na rápida sequência de imagens antes da colisão, Nate avistou um garoto que corria com um pau por entre a erva alta, encharcado e assustado. Também viu uma vaca que corria afastando-se da pista de aterragem. Reparou em Jevy que se firmava enquanto olhava através do pára-brisas, com a boca aberta, embora não emitisse qualquer palavra, e olhos arregalados.

Embateram contra as ervas, mas o aparelho não se deteve. Era uma aterragem de emergência e não uma colisão; naquela fracção de segundos, Nate albergou a esperança de que não morreriam. O avião elevou-se do solo a uma altura de mais ou menos três metros, impelido por uma forte rajada de vento, para logo voltar a colidir com o solo. — Cow! Vaca! O propulsor golpeou uma enorme vaca curiosamente imóvel. O aparelho capotou com violência e o impacte fez os vidros das janelas em estilhaços; os três homens gritaram as suas derradeiras palavras.

Nate recuperou a consciência, dando consigo deitado de lado e coberto de sangue, sem ter palavras que descrevessem o susto que apanhara, embora se sentisse bem vivo, apercebendo-se inesperadamente que continuava a chover. O vento ululava através do aparelho. Milton e Jevy estavam amontoados, um em cima do outro, apesar de se moverem tentando desprender os cintos de segurança. Nate viu uma janela por onde meteu a cabeça. O Cessna caíra de lado, com uma das asas quebrada e dobrada sob a carlinga. O sangue espalhava-se por todo o lado, mas era da vaca e não dos passageiros. A chuva, que continuava a cair em fortes bátegas, tratava de o lavar rapidamente.

O rapaz com o pau conduziu-os a um pequeno estábulo próximo da pista de aterragem. Depois de abrigado da tempestade, Milton caiu de joelhos

dedicando uma pequena, mas fervorosa, oração à Virgem Maria numa voz entrecortada. Nate observava-o, começando mais ou menos a rezar com ele.

Ninguém ficara gravemente ferido. Milton sofrera um pequeno golpe na fronte. Um dos pulsos de Jevy começara a inchar. As dores far-se-iam sentir mais tarde.

Deixaram-se ficar sentados na terra durante muito tempo, olhando para a chuva, ouvindo o vento, pensando na tragédia que poderia ter acontecido, sem proferirem uma única palavra.

TREZE

O dono da vaca apareceu aproximadamente uma hora mais tarde, altura em que o temporal começou a amainar um pouco e a chuva parou por uns momentos. Estava descalço; usava uns calções de ganga e uma camisola de algodão de manga curta, toda esfarrapada, com o emblema dos Chicago Bulls. O seu nome era Marco; era evidente que não se sentia imbuído do espírito de alegria característico da quadra natalícia.

Disse ao garoto que se fosse embora, após o que iniciou uma discussão acalorada com Milton e Jevy sobre o valor da vaca. Milton mostrava-se mais preocupado com o seu avião e Jevy com o seu pulso inchado. Nate mantinha-se de pé junto de uma janela, perguntando a si mesmo, exactamente, por que carga d'água é que se encontrava naquela situação, em plena selva brasileira na véspera de Natal, numa manjedoura fedorenta, cheio de dores e hematomas, coberto pelo sangue de uma vaca, ouvindo três homens que discutiam numa língua estrangeira, tendo muita sorte por estar vivo. Não encontrou quaisquer respostas elucidativas. A julgar pelo aspecto de outras vacas que pastavam por perto, estas não valeriam grande coisa.

— Eu pago pelo raio da criatura! — interveio Nate dirigindo-se a Jevy. Este perguntou ao homem quanto é que a vaca valia. — Cem reais — informou Jevy.

— Ele aceita o pagamento com o cartão de crédito da American Express? — perguntou Nate, mas o seu sentido de humor perdeu-se. — Eu pago o animal. — Cem dólares. Estaria disposto a pagar essa quantia só para que Marco deixasse de se lamentar. Depois de o acordo ter sido celebrado, o homem assumiu a posição de anfitrião dos três. Conduziu-os a sua casa, onde o almoço era preparado por uma mulher baixinha e descalça, que sorriu brindando-os com umas boas-vindas calorosas. Por razões que saltavam à vista, convidados era uma coisa de que nunca se ouvira falar no Pantanal, e quando o casal compreendeu que Nate viera dos Estados Unidos chamou os filhos. O rapaz do pau tinha dois irmãos; a mãe disse aos três que examinassem Nate com toda a atenção porque ele era norte-americano.

Pouco depois, agarrou nas camisas dos homens pondo-as de molho numa

selha cheia de água da chuva e sabão. Comeram arroz branco e feijão preto sentados a uma pequena mesa, de tronco nu, sem que isso os incomodasse. Nate tinha orgulho nos seus bíceps bem musculados e estômago plano. Jevy tinha o aspecto de um halterofilista a sério. Só o pobre Milton é que mostrava os sinais de quem se aproximava rapidamente da meia-idade, embora fosse bem patente que isso não lhe interessava.

Durante o almoço, os três disseram muito pouco. O horror da colisão ainda estava muito fresco na mente de todos. As crianças sentavam-se no chão perto da mesa, comendo pão achatado e arroz, sem perderem pitada dos movimentos de Nate.

Havia um pequeno rio a cerca de quatrocentos metros ao fundo de um trilho, e Marco tinha um barco a motor. O rio Paraguai encontrava-se a cinco horas de distância. Talvez ele tivesse gasolina suficiente para a viagem, ou talvez não. Mas seria impossível levar os três homens a bordo.

Quando o céu ficou limpo de nuvens, Nate e as crianças dirigiram-se ao local do acidente, retirando a pasta do interior do avião. Durante a pequena caminhada, Nate ensinou os garotos a contar até dez em inglês. Eles retribuíram-lhe, ensinando-o a contar em português. Eram garotos amáveis, muitíssimo tímidos inicialmente, mas à medida que os minutos passavam mostravam-se cada vez mais desinibidos em relação a Nate. Recordou a si mesmo que era véspera de Natal. Teria o Pai-Natal o costume de visitar o Pantanal? Ninguém dava mostras de aguardar a sua chegada. Em cima de um cepo de árvore, com o maior cuidado, Nate começou a desembalar e a montar o telefone-satélite. A pequena antena parabólica tinha um diâmetro de trinta centímetros, e o telefone, em si, não era maior do que um microcomputador portátil. Os dois instrumentos eram ligados por um fio condutor de energia. Nate ligou o aparelho, dando entrada dos dígitos correspondentes à sua identidade e número PIN, em seguida, lentamente, fez girar a parabólica até conseguir apanhar o sinal emitido pelo satélite Astar-East, que se mantinha em órbita a uma altitude de cento e sessenta quilómetros acima do oceano Atlântico, algures próximo do equador. O sinal era forte, o que era confirmado por um «bip» constante. Marco e a sua família amontoaram-se ainda mais perto de Nate, à sua volta. Perguntou a si mesmo se eles já teriam tido oportunidade de ver um telefone.

Jevy indicou-lhe o número de casa de Milton em Corumbá. Nate marcou os dígitos em gestos vagarosos, após o que susteve a respiração e esperou. Caso não conseguissem estabelecer ligação, seriam forçados a passar o Natal com Marco e família. A casa era pequena; Nate presumia que iriam dormir no

estábulo. Perfeito. O plano «B» era enviar Jevy e Marco no barco. Eram quase treze horas. Cinco horas de viagem até ao rio Paraguai colocá-los-ia aí um pouco antes de escurecer, partindo do princípio de que o combustível seria em quantidade suficiente. Chegados ao grande rio, teriam de se haver com a tarefa de encontrar ajuda, o que poderia levar várias horas. Na hipótese de a gasolina não chegar, ficariam irremediavelmente encalhados no Pantanal. Jevy não tinha vetado esse plano assim que foi conhecido, todavia, ninguém se mostrava muito entusiasmado em dar-lhe execução. Ainda existiam outros factores a ponderar. Marco não ocultava a relutância que sentia por ter de partir àquela hora do dia, que já ia adiantado. Habitualmente, quando efectuava as suas transacções no rio Paraguai, saía de casa ao nascer do Sol. E se bem que houvesse a possibilidade de encontrar combustível suplementar, em casa de um vizinho a uma hora de distância, estava muito longe de ter a certeza disso.

— Oi — respondeu uma voz feminina através do altifalante, o que desenhou um sorriso nos lábios de todos. Nate entregou o telefone a Milton que saudou a sua mulher, para logo de seguida começar a relatar a história triste da situação adversa em que se encontravam. Jevy segredava a tradução ao ouvido de Nate. As crianças não escondiam o quanto se sentiam maravilhadas ao ouvir falar inglês.

A conversa começou a ficar mais tensa tendo sido abruptamente interrompida.

— Ela foi procurar um número de telefone — explicou Jevy. O número que foi dado era de um piloto que Milton conhecia. Com a promessa de que estaria em casa à hora de jantar, desligou. O piloto não se encontrava em casa. A mulher informou que o marido fora a Campo Grande tratar de um assunto, esperando que ele regressasse ao fim do dia. Milton indicou-lhe o local onde se encontravam, e ela foi procurar mais números de telefone onde talvez fosse possível encontrar o marido.

— Peça-lhe que fale depressa — indicou Nate enquanto marcava outro número de telefone. — Esta bateria não vai durar para sempre. Milton não obteve resposta depois de ligar o número seguinte. Após outra ligação, o piloto em questão foi chamado ao telefone; a meio da conversa em que explicava que o seu avião estava a ser reparado, o sinal foi interrompido.

As nuvens, uma vez mais, cobriam o firmamento. Nate olhou para o céu cada vez mais escuro sem querer acreditar no que via. Milton estava à beira de uma crise de lágrimas.

Caiu uma chuvada rápida, uma chuva fria que as crianças aproveitaram

para brincar, enquanto os adultos ficavam sentados no alpendre observando-as em silêncio.

Jevy arquitectou outro plano. Nas proximidades de Corumbá havia uma base militar. Não tinha prestado serviço nessas instalações do exército, mas costumava praticar halterofilismo com vários dos oficiais. Quando o céu voltou a clarear, regressaram para junto do cepo colocando-se em redor do telefone. Jevy ligou o número de um amigo que lhe facultou alguns números de telefone. O exército dispunha de helicópteros. Ao fim e ao cabo, haviam sido vítimas de um acidente aéreo. Quando o segundo-oficial atendeu o telefone, Jevy explicou rapidamente o que lhes acontecera, pedindo-lhe auxílio.

Ouvir apenas a parte da conversa que correspondia a Jevy, para Nate, era uma autêntica tortura. Não compreendia uma única palavra, embora a linguagem corporal lhe contasse o diálogo. Sorrisos e franzires de sobrolho, pedidos ansiosos, pausas frustrantes, ao que se seguiu a repetição de frases que já tinham sido ditas.

— Ele vai telefonar ao seu comandante — explicou Jevy depois de ter terminado a conversa. — Quer que eu lhe ligue dentro de uma hora.

Uma hora pareceu-lhes uma semana. O Sol regressou ressequindo as ervas molhadas. O teor de humidade era bastante elevado. Continuando de tronco nu, Nate começou a sentir o ardor provocado pela exposição excessiva ao Sol.

Acolheram-se à sombra de uma árvore para escaparem aos efeitos da intensidade do Sol. A senhora foi inspeccionar as camisas, que tinham ficado penduradas durante a última chuvada, constatando que ainda estavam molhadas.

Jevy e Milton tinham uma pele com uma pigmentação bastante mais escura do que a de Nate, pelo que não estavam absolutamente nada preocupados com a intensidade dos raios solares. Marco também não se mostrava incomodado; os três brasileiros dirigiram-se ao avião para avaliarem a extensão dos estragos. Nate ficou para trás, procurando a sombra de uma árvore, onde se sentiria mais seguro. O calor da tarde era sufocante. Sentiu que o peito e os ombros começavam a entorpecer, e a hipótese de uma sesta ocorreu-lhe ao pensamento. Mas os garotos tinham outros planos em mente — Luís era o mais velho, aquele que correra com uma das vacas para fora da pista de aterragem segundos antes da colisão. Oli era o irmão do meio e o mais pequeno chamava-se Tomás. Servindo-se do dicionário de frases idiomáticas que guardara na pasta, a pouco e pouco, Nate foi rompendo a barreira linguística. «Olá. Como é que está? Como é que se chama? Boa tarde.» Os rapazes repetiam as frases em

português, para que Nate aprendesse a pronunciá-las correctamente, após o que o processo era invertido revertendo ao inglês.

Entretanto, Jevy aproximou-se trazendo alguns mapas; fizeram outro telefonema. Ficaram com a impressão de que o exército mostrava algum interesse pela situação em que se encontravam. — A Fazenda Esperança — disse Milton apontando para um dos mapas, o que Jevy repetiu com grande entusiasmo. No entanto, o sinal enfraqueceu alguns segundos depois, forçando-o a desligar. — Não consegue encontrar o comandante — informou ele em inglês tentando mostrar-se confiante. — Bem vê, não nos devemos esquecer de que estamos no Natal.

O Natal passado no Pantanal. Trinta e dois graus centígrados e com o teor de humidade ainda mais elevado. Um Sol escaldante sem que Nate pudesse recorrer a um protector solar. Toda a espécie de insectos sem o recurso de um repelente. Garotos vivazes e alegres cuja esperança de receberem quaisquer brinquedos era nula. Nada de música porque não havia energia eléctrica. Tão-pouco havia uma árvore de Natal. A comida, champanhe ou vinhos próprios do Natal também primavam pela ausência. Aquilo era uma aventura, repetia Nate constantemente para si próprio. «Onde é que está o teu sentido de humor?» Nate voltou a guardar o telefone no seu estojo que fechou com firmeza. Milton e Jevy abeiraram-se do avião. A senhora foi para dentro de casa. Marco tinha algo a fazer nas traseiras. Por seu turno, Nate voltou a procurar a protecção da sombra que a árvore lhe proporcionava, pensando no quanto seria agradável ouvir um único verso de White Christmas, o que acompanharia com um copo de champanhe.

Os seus pensamentos foram interrompidos por Luís que apareceu com três dos cavalos mais escanzelados que Nate alguma vez vira. Um dos animais estava selado com uma espécie de sela, de aspecto cruel, feita de couro e madeira assente sobre um bocado de tecido de um laranja garrido, que parecia ter sido cortado de uma velha carpete esfarrapada. A sela destinava-se a Nate. Luís e Oli saltaram para a garupa em pêlo do cavalo sem o mais pequeno esforço; com apenas um impulso seguido de um salto, os garotos montaram, mantendo-se perfeitamente equilibrados. — Where? — perguntou Nate depois de ter examinado o cavalo que lhe coubera em sorte. — Onde? Luís apontou indicando o trilho. Nate sabia, o que deduzira de vários gestos que apontaram nessa direcção, durante e depois do almoço, que aquele caminho ia ter ao rio onde Marco mantinha o seu barco.

E por que não? Tratava-se de uma aventura. Que mais é que poderia fazer

enquanto as horas se arrastavam interminavelmente? Foi buscar a camisa à corda da roupa e depois de a vestir lá conseguiu montar o pobre cavalo, sem cair e sem se magoar. Em finais de Outubro, Nate, acompanhado de alguns dos outros viciados de Walnut Hill, tinham passado um domingo bastante agradável montados a cavalo, percorrendo um caminho através de Blue Ridge, absorvendo a magnificência daquele Outono. Sentira o traseiro e as coxas doridas durante uma semana; contudo, conseguira ultrapassar o receio que as bestas lhe haviam causado. Até certo ponto.

Debateu-se com os estribos até ter conseguido ajustar os pés, após o que puxou tanto as rédeas que o animal não se mexia. Mostravam-se muito divertidos, cavalgando as suas montadas que seguiam a trote enquanto o observavam. Por fim, o cavalo de Nate também começou a trotar, um trote lento e um tanto acidentado que lhe magoava as virilhas, com solavancos que lhe arremessavam o corpo de um lado para o outro. Preferindo um andamento mais suave, puxou as rédeas e o cavalo abrandou o ritmo do trote. Os rapazes deram a volta para se colocarem junto dele, seguindo ao seu lado. O trilho atravessava um pequeno terreno de pastagem, após o que descrevia uma curva, pelo que, ao fim de pouco tempo, deixaram de avistar a casa. Mais à frente viram água — um pântano, igual aos inúmeros terrenos pantanosos que Nate tivera oportunidade de ver do ar. Aquilo não constituiu obstáculo para os garotos, uma vez que a vereda atravessava o pântano a meio; os cavalos estavam acostumados a fazer aquela travessia. Nunca abrandaram o ritmo a que seguiam. De início, a água tinha uma profundidade de apenas alguns centímetros, passando a trinta centímetros e pouco depois já lhe chegava aos estribos. Como seria de esperar, os rapazes estavam descalços, dando a impressão que tinham uma pele rija que nem couro, completamente despreocupados com a água e alheados daquilo que pudesse conter. Nate calçara o par de sapatos ténis Nike de que mais gostava, os quais, ao fim de pouco tempo, ficaram todos molhados.

As piranhas, pequenos peixes perversos com dentes afiados que nem lâminas, espalhavam-se por toda a superfície de Pantanal. Preferia ter invertido a marcha, mas não fazia a mínima ideia de como é que poderia exprimir esse desejo aos garotos. — Luís — disse numa voz que traía os receios que sentia. Os garotos olharam-no sem deixarem adivinhar a mais pequena preocupação.

Quando a água já chegava ao peito dos cavalos, abrandaram um pouco. Depois de mais alguns passos, Nate recomeçou a ver os seus pés. Os cavalos saíram no outro extremo retomando o mesmo trilho. Passaram pelo que restava de uma vedação que lhes ficava à esquerda. Em seguida, depararam com uma

habitação em escombros. O trilho alargava-se dando lugar ao piso de um antigo caminho de terra batida. Há muitos anos, a fazenda fora mais próspera, mantendo, sem dúvida alguma, uma exploração de gado onde teria trabalhado um grande número de trabalhadores.

A região do Pantanal começara a ser povoada há mais de duzentos anos, o que Nate soubera através da leitura de uma série de publicações, constatando que pouco se alterara desde então. O isolamento em que as pessoas viviam era uma situação surpreendente. Não se viam vestígios de vizinhos ou de outras crianças; a mente de Nate era preenchida por pensamentos de escola e educação. Será que os jovens, ao atingirem a idade suficiente, se escapuliam para Corumbá onde procuravam trabalho e cônjuges? Ou cuidariam das pequenas quintas, criando a geração seguinte de pantaneiros? Saberiam Marco e a mulher ler e escrever, e, se fosse esse o caso, ensinariam os filhos? Tencionava fazer aquelas perguntas a Jevy. Um pouco mais à frente deparou com mais água, um pântano de maiores dimensões com árvores desenraizadas que formavam uma amálgama nas duas extremidades. É claro que o trilho atravessava aquelas áreas a meio. Estava-se na estação das cheias e um pouco por todo o lado os caudais de água haviam engrossado. Nos meses mais secos, os terrenos pantanosos transformavam-se em lamaçais, pelo que qualquer novato naquelas paragens poderia percorrer o trilho sem temor de vir a ser comido. «Nesse caso, volta cá nessa altura», disse Nate a si próprio. Nem por sombras tencionava fazê-lo. Os cavalos seguiam o seu percurso como se fossem máquinas, sem se preocuparem com a água que lhes salpicava as pernas. Os rapazes seguiam semiadormecidos. À medida que a água subia, a cadência da passada abrandava. Quando a água chegou aos joelhos de Nate, e já estava pronto para gritar qualquer coisa desesperada a Luís, Oli apontou para a direita numa atitude de grande indiferença, indicando um local onde dois troncos de árvore bastante carcomidos se elevavam cerca de três metros da água. Entre os dois, avistou um réptil enorme que se mantinha muito sereno dentro de água.

— Jacaré — disse Oli um pouco por cima do ombro, como se Nate desejasse inteirar-se daquela presença. Alligator. Acima do resto do corpo, os olhos eram protuberantes; Nate tinha a certeza de que o seguiam muito em especial. Sentiu as batidas aceleradas do coração, 115 invadido por uma vontade irresistível de gritar, de berrar por ajuda. Então, Luís voltou-se para trás com uma careta sorridente porque sabia que o seu convidado estava aterrorizado. Este tentou esboçar um sorriso, como se estivesse empolgado por finalmente ter tido a oportunidade de ver uma criatura daquelas bem de perto. Quando a água se

elevou mais, os cavalos ergueram a cabeça. Nate esporeou o seu debaixo de água, mas não obteve qualquer reacção. Em movimentos vagarosos, o crocodilo começou a submergir até que a única parte do seu corpo que ficou visível foram os olhos; em seguida, impulsionou-se para a frente, na direcção deles, desaparecendo nas águas escuras. Num movimento brusco, Nate retirou os pés dos estribos levando os joelhos ao peito, de uma maneira que o fez desequilibrar na sela. Os rapazes disseram qualquer coisa que lhes provocou risadas à socapa, mas Nate não se sentiu constrangido.

Depois de terem percorrido metade do pântano, a água desceu até às pernas dos cavalos, continuando a baixar até às patas. Já em segurança no outro lado, Nate descontraiu-se. Então, começou a rir-se de si próprio. Quando regressasse à sua terra natal, seria capaz de contar este episódio de molde a que fosse verosímil. Tinha amigos que, de mochila às costas, gostavam de fazer férias arriscadas — canoagem em rápidos, incursões por trilhos através de terrenos acidentados, os que gostavam de ir no encalço de gorilas, tipos que gostavam de safaris, gente que tentava sempre salientar-se dos demais com histórias das suas façanhas, descrevendo as experiências quase mortais por que passavam nos confins do mundo. Caso se lhes apresentasse a faceta ecológica do Pantanal, e por dez mil dólares, seria com a maior satisfação que eles saltariam para a garupa de um potro, a fim de atravessar as águas pantanosas, fotografando cobras e crocodilos ao longo do percurso.

Sem nenhum rio à vista, Nate concluiu que estava na hora de fazer o caminho de regresso. Apontou para o seu relógio, ao que Luís os conduziu até casa.

O comandante, em pessoa, foi levado até junto do telefone. Ele e Jevy travaram um diálogo de militar para militar durante cinco minutos — aludindo a lugares para onde haviam sido destacados, referindo-se a pessoas que ambos conheciam — enquanto a luz indicadora do acumulador de energia piscava a intervalos cada vez menores, e o telefone-satélite esgotava pouco a pouco a energia acumulada. Nate apontou; Jevy respondeu-lhe começando a explicar ao comandante que aquela era a última oportunidade de que dispunham para poderem falar.

Não havia motivo para preocupações. Já tinham preparado um helicóptero; estavam só a reunir a tripulação. Qual era a gravidade dos ferimentos? — Internos — respondeu Jevy lançando um olhar fugidio a Milton. De helicóptero, a fazenda ficava a quarenta minutos de distância, a fazer fé nos pilotos do exército.

— Dêem-nos uma hora — disse o comandante. Pela primeira vez em todo o dia, Milton esboçou um sorriso.

Decorreu uma hora e o optimismo começou a esmorecer. A ocidente, o Sol punha-se rapidamente; o crepúsculo não vinha longe. Uma missão de resgate nocturno encontrava-se inteiramente fora de questão.

Como que atraídos, aproximaram-se dos destroços do avião em que Milton e Jevy tinham estado a trabalhar durante toda a tarde. Já haviam removido a asa quebrada, fazendo o mesmo ao propulsor. Naquele momento, encontravam-se sobre as ervas, ainda manchadas de sangue, próximo do aparelho. A estrutura do mecanismo de aterragem do lado direito ficara retorcida, apesar de não necessitar de ser substituída.

A vaca morta já fora esquartejada por Marco, ajudado pela sua mulher. O que restava da carcaça mal era visível no mato que rodeava a pista de aterragem.

De acordo com o que Jevy dissera, Milton planeava regressar por barco logo que conseguisse descobrir uma nova asa e propulsor. Na perspectiva de Nate, aquilo seria virtualmente impossível. Como é que ele poderia transportar algo tão volumoso como a asa de um avião numa embarcação suficientemente pequena para poder navegar pelos caudais dos tributários do Pantanal, após o que teria de a carregar através dos mesmos pântanos que Nate visitara montado a cavalo? Mas esse era um problema que só a ele diria respeito. Nate tinha outros assuntos com que se preocupar.

A senhora levou-lhes café quente e bolachinhas; sentaram-se nas ervas próximas do estábulo começando a conversar de trivialidades. As três pequenas sombras, que não largavam Nate, mantinham-se por perto, com receio de que ele pudesse deixá-los. Passou outra hora.

Foi Tomás, o garoto mais novinho, quem primeiro ouviu o barulho ensurdecedor e monocórdico. Disse qualquer coisa, levantando-se e apontando, o que teve o efeito de imobilizar os outros. O som aumentava de intensidade tornando possível identificar, sem margem para erro, o barulho abafado e repetitivo dos rotores de um helicóptero. Correram para o centro da pista de aterragem, onde ficaram a observar o firmamento.

Quando o aparelho aterrou, surgiram quatro soldados que saltaram através da abertura da porta corrediça, começando a correr em direcção ao grupo.

Nate ajoelhou-se entre os garotos, oferecendo dez reais a cada um.

— Merry Christmas — disse ele. Boas-Festas. Em seguida, deu-lhes um abraço rápido, agarrou na pasta e correu para o helicóptero. Quando descolaram, Jevy e Nate fizeram um gesto de despedida, dizendo adeus à pequena família.

Milton estava demasiado ocupado, agradecendo aos pilotos e soldados, para se preocupar com despedidas. A cerca de cento e cinquenta metros de altitude, o Pantanal começou a estender-se para a linha de horizonte. A oriente, o firmamento escurecera.

O céu também estava enegrecido sobre Corumbá quando começaram a sobrevoar a cidade, meia hora mais tarde. Depararam-se com uma panorâmica de grande beleza — os edifícios e as vivendas, as luzes de Natal, o tráfego automóvel. Aterraram na base militar a ocidente da cidade, por entre um acumulado de nuvens acima do rio Paraguai. O comandante foi ao encontro dos três homens, recebendo os profusos agradecimentos de que tão merecedor era. Mostrou-se surpreendido perante a ausência de ferimentos graves, apesar disso não escondeu a satisfação que sentia por uma missão levada a bom porto. Enviou-os para o centro da cidade num jipe descapotável, conduzido por um jovem soldado raso. Ao entrarem na cidade, o jipe guinou bruscamente, estacionando em frente de uma mercearia. Jevy entrou no estabelecimento de onde saiu com três garrafas de cerveja Brahma. Ofereceu uma a Milton e outra a Nate.

Depois de uma ligeira hesitação, Nate desarrolhou a tampa e levou a garrafa aos lábios. A superfície do vidro estava muito molhada e gelada; a cerveja tinha um sabor delicioso. Ao fim e ao cabo, era Natal, o que é que uma cerveja teria de mais? Ele era muito capaz de dominar a situação.

Seguindo na parte traseira do jipe, enquanto percorriam as ruas poeirentas sentindo o ar húmido a bafejar-lhe as faces, uma garrafa de cerveja gelada numa mão, Nate recordou a si próprio a sorte que tivera por ainda continuar vivo.

Havia quase quatro meses que ele tentara pôr fim à vida. Há seis horas tinha sobrevivido ao despenhamento de um avião. Todavia, o dia não fora frutuoso. Não se encontrava mais próximo de descobrir o paradeiro de Rachel Lane do que no dia anterior. A primeira paragem foi no hotel. Nate desejou aos seus companheiros de viagem um Natal cheio de felicidades, indo para o seu quarto, onde se despiu, após o que tomou um duche que durou vinte minutos.

Alguém colocara quatro latas de cerveja dentro do frigorífico. Bebeu-as todas no espaço de uma hora, garantindo a si próprio à medida que as ia bebendo que aquilo não era o início de uma queda no abismo. Tinha a situação sob controlo.

Enganara a morte, por que motivo é que não haveria de celebrar com um pouco do espírito festivo de Natal. Ninguém jamais viria a saber. Conseguiria dominar a situação.

Além do mais, a sobriedade nunca resultara com ele. Provaria a si mesmo que seria capaz de se manter apenas com um pouco de álcool. Nada que fosse razão para preocupações. Umas quantas cervejas aqui e ali. Que mal é que isso lhe poderia fazer?

CATORZE

O telefone despertou-o, embora levasse algum tempo para o atender. A cerveja não produzira quaisquer efeitos retardados, para além do sentimento de culpa, apesar de a aventura a bordo do Cessna estar a cobrar o seu tributo. O pescoço, ombros e região da cintura já estavam de um azul-enegrecido: correntezas bem delineadas de nódoas negras onde as correias de couro o haviam mantido preso na altura em que o avião colidiu com o solo. Tinha pelo menos dois hematomas no crânio, um devera-se a uma pancada, quanto ao outro não se recordava de como é que o arranjara. Com os joelhos quebrara as costas das cadeiras dos pilotos — de início, apenas uns ferimentos ligeiros, pensara Nate, mas a gravidade acentuara-se durante a noite. Os braços e o pescoço estavam queimados do Sol.

— Boas-Festas — saudou uma voz. Era Valdir e eram quase nove horas.

— Obrigado — agradeceu Nate. — O mesmo para si.

— Certo. Como é que se sente?

— Óptimo. Obrigado.

— Esplêndido. Bem... o Jevy telefonou-me ontem à noite e contou-me como é que o avião se despenhou. O Milton deve ser doido para voar ao encontro de uma tempestade. Nunca mais voltarei a usar os seus serviços.

— Também eu não.

— Dói-lhe alguma coisa?

— Sim — confirmou Nate.

— Precisa de um médico? -Não.

— Jevy disse-me que achava que você estava bem.

— Estou óptimo, apenas um pouco dorido.

Fez-se uma pequena pausa que deu tempo a Valdir para mudar de assunto.

— Esta tarde vou dar uma pequena festa de Natal em minha casa. Só estarão presentes a minha família e alguns amigos. Gostaria de ir? 120 — 121 Nate ficou com a impressão de que aquele convite era feito um pouco a contragosto. Não era capaz de discernir se Valdir estava apenas a mostrar-lhe alguma cortesia, ou se a questão se prendia com barreiras linguísticas e de sotaque.

— É muito amável da sua parte — disse Nate -, mas ainda tenho de ler muita coisa.

— Tem a certeza?

— Sim; de qualquer maneira, obrigado.

— De acordo. Tenho boas notícias. Ontem, finalmente, consegui alugar um barco. — Não lhe fora preciso muito tempo para largar o assunto da festa e passar ao do barco.

— Óptimo. Quando é que posso partir? — Talvez amanhã. Estão a prepará-lo. O Jevy já conhece a embarcação que aluguei.

— Estou ansioso por navegar no rio. Especialmente, depois do incidente de ontem.

Em seguida, Valdir começou com o arrazoado de como não se deixara levar pelo proprietário do barco, um notório unhas-de-fome que inicialmente exigira mil reais por semana. Tinham acabado por chegar a um acordo pela quantia de seiscentos reais. Nate ouvia o que o outro lhe dizia sem mostrar grande interesse. O património Phelan podia suportar aquela despesa sem a mínima dificuldade. Pouco depois, Valdir despediu-se com outro Feliz Natal. Os Nike de Nate continuavam húmidos, mas mesmo assim ele calçou-os, vestindo uns calções e uma camisola de algodão de manga curta. Ia tentar correr um pouco, mas se o corpo se recusasse a responder ao exercício, limitar-se-ia a caminhar. Necessitava de ar fresco e exercício físico. Movimentando-se devagar pelo quarto, reparou nas latas vazias de cerveja no caixote do lixo. Mais tarde trataria daquele assunto. Aquilo não era uma recaída que terminasse numa hecatombe. A sua vida desfilara ontem pela sua mente, o que tinha alterado as coisas. Poderia ter morrido. A partir de agora, todos os dias passariam a ser uma dádiva, todos os momentos tinham de ser saboreados ao máximo. Por que não haveria de desfrutar de alguns dos poucos prazeres que a vida proporcionava? Apenas um pouco de cerveja e vinho, nada mais forte e nunca narcóticos.

Aquele terreno era-lhe familiar; mentiras que vivera anteriormente.

Tomou dois Tylenol e aplicou na pele um bálsamo próprio para longas exposições ao Sol. No televisor do átrio do hotel estava a ser transmitido um programa alusivo ao Natal sem que ninguém o visse, uma vez que não se via vivalma. A jovem de serviço à recepção sorriu-lhe, desejando-lhe os bons-dias. O calor pesado e a humidade pegajosa entravam pelas portas de vidro abertas. Nate deteve-se para tomar um café rápido bem açucarado. A garrafa térmica encontrava-se sobre o balcão, junto de pequenos copos descartáveis bem empilhados, à espera de alguém que fizesse uma pausa para desfrutar de pouco

mais de vinte e oito gramas de cafezinho. Dois cafés e Nate já transpirava antes de deixar o hotel. No passeio, tentou distender o corpo, mas os músculos queixaram-se sentindo as articulações empenadas. O desafio não seria uma corrida; ao invés, seria uma caminhada sem coxear de forma a que se notasse muito.

Mas não havia ninguém que pudesse observá-lo. As lojas estavam fechadas e as ruas vazias, o que não gorava as suas expectativas. Depois de ter percorrido dois quarteirões, sentiu a camisa colada às costas. Nate tinha a sensação de se estar a exercitar numa sauna.

A avenida Rondon era a última artéria pavimentada ao longo da base do penhasco sobranceiro ao rio. Durante bastante tempo, seguiu o traçado do passeio que acompanhava o curso das águas, coxeando ligeiramente enquanto os músculos se soltavam um pouco, ainda que com alguma relutância, e as articulações deixavam de reclamar. Foi ter ao pequeno parque onde estivera há dois dias, no dia vinte e três, quando a multidão se reunira para ouvir música e cantares de Natal. Algumas das cadeiras desdobráveis continuavam ali. As pernas de Nate estavam a precisar de descanso. Sentou-se à mesma mesa de piquenique e olhou em redor, procurando o mesmo adolescente esfarrapado que tentara vender-lhe drogas. Contudo, não avistou vivalma. Com suavidade massajou os joelhos, admirando a grandiosidade do Pantanal, que se estendia defronte de si por centenas de quilómetros até desaparecer no horizonte. Uma desolação magnífica. Pensou nos rapazes — Luís, Oli e Tomás -, os seus pequenos compinchas com dez reais no bolso e sem maneira de os gastarem. Para aqueles garotos, o Natal não tinha o mínimo significado; todos os dias eram iguais aos anteriores. Algures, nos vastos terrenos pantanosos que Nate tinha diante de si, encontrava-se uma Rachel Lane, presentemente uma humilde serva de Deus, prestes a tornar-se uma das mulheres mais ricas do mundo. Se efectivamente ele conseguisse encontrá-la, como é que ela reagiria ao ouvir a notícia da sua imensa fortuna? Como é que ela reagiria ao conhecê-lo, um advogado norte-americano que conseguira descobrir-lhe o paradeiro? As respostas possíveis provocavam um certo mal-estar em Nate. Pela primeira vez, ocorreu-lhe que, ao fim e ao cabo, Troy Phelan fora um homem tresloucado. Existiria alguma mente lúcida, e racional, que deixasse onze mil milhões de dólares a uma pessoa que não tinha o mínimo interesse em riquezas terrenas? Uma mulher praticamente desconhecida de toda a gente, incluindo aquele que escrevera o testamento pelo seu próprio punho? O acto parecia-lhe insano, muito mais naquele momento em que Nate se sentava num ponto acima do Pantanal,

olhando para a aridez dessas terras, a quatro mil e oitocentos quilómetros da sua terra natal.

O que fora possível desvendar sobre Rachel era muito pouco. Evelyn Cunningham, a mãe, era oriunda da pequena cidade de Deli, na Louisiana. Com dezanove anos, mudara-se para Baton Rouge, onde conseguira arranjar um emprego como secretária, numa empresa envolvida na exploração de gás natural. Troy Phelan era o dono da empresa, e durante uma das suas visitas de rotina, regressado de Nova Iorque, Evelyn despertara-lhe a atenção. Evidentemente, ela fora uma mulher de grande beleza, bastante ingénua em consequência da maneira como fora criada numa pequena cidade. Fazendo jus à sua reputação de abutre, Troy investiu sem mais delongas e, ao cabo de poucos meses, Evelyn constatou que estava grávida. O que tinha acontecido na Primavera de 1954. Em Novembro desse mesmo ano, a gente de Troy, que trabalhava na sede da firma, tratou de arranjar as coisas pela calada, de forma a que Evelyn fosse internada no Hospital Católico, em Nova Orleães, onde Rachel nasceu assim que a mãe foi admitida. Evelyn nunca chegou a ver a filha que dera à luz.

Secundado por um grande número de advogados e uma pressão extraordinária, Troy Phelan tratou de arranjar uma adopção rápida, o que foi feito sem a intervenção de qualquer organismo estatal, e o resultado foi Rachel ter sido adoptada por um sacerdote de Kalispell, Montana, e esposa. Na altura, transaccionava em minas de cobre e zinco nesse estado, o que lhe permitia ter alguns contactos através das empresas que possuía. Os progenitores adoptivos não conheciam a identidade dos pais biológicos.

Evelyn não quisera aquela criança, da mesma forma que não desejava continuar a manter qualquer contacto com Troy Phelan. Aceitou dez mil dólares, após o que regressou a Deli, onde, como seria de esperar, era aguardada por rumores da sua conduta pecaminosa. Foi viver com os pais, aguardando pacientemente que a celeuma se esfumasse. Tal não se veio a verificar. Com uma crueldade peculiar em cidades pequenas, Evelyn viu-se votada ao ostracismo entre as pessoas de que mais necessitava. Era muito raro que saísse de casa, e, com o passar do tempo, começou a viver ainda mais isolada, recolhendo-se à semi-obscuridade do seu quarto. Foi ali, na escuridão oculta do seu pequeno mundo, que Evelyn começou a sentir saudades da filha.

Escreveu várias cartas a Troy, sem que tivesse obtido resposta a nenhuma dessas missivas. Eram arquivadas por uma secretária que as ocultava. Duas semanas depois do suicídio de Troy Phelan, um dos investigadores contratados por Josh encontrou essas cartas perdidas nos arquivos pessoais dele, no seu

apartamento. Com o decorrer dos anos, Evelyn foi mergulhando cada vez mais no seu próprio abismo. Os rumores tornaram-se mais esporádicos, apesar de nunca se terem dissipado de todo. Sempre que os pais iam à igreja, ou ao supermercado local, eram recebidos com olhares e palavras segredadas, o que acabou por também os levar a ter uma vida bastante reservada.

Evelyn cometeu suicídio no dia 2 de Novembro de 1959, no quinto aniversário de Rachel. Conduziu o carro dos pais até ao extremo da cidade saltando de uma ponte. O obituário, acompanhado do relato da sua morte publicado num jornal local, foram parar aos escritórios de Troy, em Nova Jérsia, onde também permaneceram esquecidos depois de terem sido arquivados.

Sabia-se muito pouco a respeito da infância de Rachel. O sacerdote e Mrs. Lane mudaram-se por duas vezes, de Kalispell para Butte, e depois de Butte para Helena. Ele morreu de cancro quando Rachel tinha apenas dezassete anos. Era filha única.

Por razões que ninguém conseguia explicar, além de Troy, ele decidira reentrar na vida da filha na altura em que esta concluía o ensino secundário. Possivelmente, sentiria alguns sentimentos de culpa. Talvez se tivesse sentido preocupado em relação à educação universitária da filha, sem saber se ela poderia custeá-la. Rachel sabia que fora adoptada, embora nunca tivesse mostrado nenhum interesse em conhecer os seus verdadeiros progenitores.

Os pormenores eram desconhecidos, mas sabia-se que Troy Phelan se tinha encontrado com Rachel no Verão de 1972. Quatro anos mais tarde, ela licenciou-se na Universidade de Montana. Depois dessa data, existiam várias lacunas, grandes vazios na sua existência que investigação alguma conseguira preencher.

Nate desconfiava que somente duas pessoas é que poderiam, de maneira adequada, documentar esse relacionamento. Uma dessas estava morta; a outra vivia como uma índia algures na região onde Nate se encontrava, numa das margens de um rio, entre o milhar que existia naquela região.

Nate tentou correr ao longo de um quarteirão, mas as dores obrigaram-no a desistir. Caminhar já era suficientemente difícil. Passaram dois automóveis; as pessoas começavam a movimentar-se pelas ruas. O barulho aproximou-se com rapidez, vindo de trás dele, tão depressa que nem teve tempo de reagir. Jevy meteu travões a fundo junto do lancil do passeio.

— Bom-dia — gritou fazendo-se ouvir acima do barulho do motor.

— Bom-dia — retribuiu Nate com um acenar de cabeça. Jevy accionou a chave da ignição parando o motor.

— Como é que se sente?

— Dorido. E você? -Nada de preocupante. A recepcionista disse que você tinha ido correr. Vamos dar um passeio.

Nate preferia correr, apesar das dores que isso lhe provocava, a passear na camioneta de Jevy, mas o trânsito era pouco, o que o fez pensar que as ruas seriam mais seguras.

Percorreram a baixa da cidade; Jevy continuava a comportar-se como um condutor que ignorava todos os sinais de trânsito e semáforos. Enquanto atravessavam os cruzamentos a grande velocidade, continuava a não olhar em seu redor. — Quero que veja o barco — disse Jevy a certa altura. Se se sentia dorido, devido ao acidente aéreo, o que lhe dificultaria os movimentos do corpo, não dava indícios de sentir esse incómodo. Nate limitou-se a concordar com um aceno de cabeça. Chegaram a uma espécie de doca a leste da cidade, ao fundo de um penhasco, numa pequena enseada de águas turvas onde abundavam as manchas de óleo. Nate avistou um conjunto de embarcações, que já tinham visto melhores dias, balouçando suavemente à superfície do rio — algumas haviam sido abandonadas há anos, havendo outras que só muito raramente é que eram utilizadas. Era manifesto que duas delas serviam para o transporte de gado, com os tombadilhos separados por grades de madeira cheias de lama.

— Ali está ele — indicou Jevy apontando para o rio sem especificar um ponto preciso. Estacionaram na rua, caminhando até à doca onde se viam vários barcos de pesca, pequenos e baixos, que balouçavam sobre a água; os proprietários aportavam ao cais ou faziam-se ao largo. Nate não sabia qual das duas coisas. Jevy gritou a dois deles, obtendo uma resposta bem-humorada.

— O meu pai era barqueiro das embarcações que andam pelo rio — explicou. — Eu costumava vir aqui todos os dias.

— Onde é que está agora? — perguntou Nate. — Afogou-se durante uma tempestade.

«Que maravilha!», pensou Nate. «Os temporais tanto nos apanham no ar como no mar.» Havia uma prancha de contraplacado, prestes a ceder, que servia de ponte entre o cais e o barco. Pararam à beira de água para admirar a embarcação, o Santa Loura.

— Agrada-lhe? — perguntou Jevy.

— Ainda não sei — replicou Nate. Não lhe restavam dúvidas de que a embarcação tinha melhor aspecto que os barcos de transporte de gado. Ouviram o som de alguém a martelar à popa. Certamente que uma pintura melhoraria consideravelmente o aspecto do barco. Media pelo menos dezoito metros de

comprimento, com dois convés e a ponte ao cimo das escadas. Era maior do que Nate esperara. — Sou só eu, não é verdade? — perguntou. — Exactamente. — Não irão outros passageiros? — Não. Apenas você e eu e um marujo que também sabe cozinhar. — Como é que se chama? -Welly.

A prancha de contraplacado estalou mas não se quebrou. O barco adornou um pouco quando desceram a bordo. Na proa viam-se vários bidões com água e gasolina. Depois de transporem uma escotilha e de terem descido dois degraus entraram na cabina, onde havia quatro beliches, todos com lençóis brancos e uma placa de espuma de borracha que servia de colchão. Os músculos de Nate contraíram-se quando pensou que teria de dormir, toda uma semana, num daqueles beliches. O tecto era baixo e as escotilhas mantinham-se fechadas; concluiu que o problema mais importante seria a falta de ar condicionado. O interior da cabina era uma autêntica fornalha.

— Podemos arranjar uma ventoinha — adiantou Jevy, adivinhando-lhe os pensamentos. — Quando o barco começar a navegar não será tão mau como agora. -Nate achava impossível acreditar naquilo. Andando de lado, começaram a percorrer um passadiço estreito dirigindo-se para a popa, passando por uma cozinha equipada com um lava-louças e um fogão a gás propano, a casa das máquinas, e, finalmente, uma pequena casa de banho. Na casa das máquinas viram um homem de tronco nu, todo sujo de óleo, que suava profusamente, olhando com fixidez para uma chave-inglesa que tinha nas mãos como se esta o houvesse ofendido.

Jevy conhecia o homem, tendo conseguido dizer a coisa menos adequada, a julgar pelas palavras agrestes que se fizeram ouvir de súbito. Nate retrocedeu para o passadiço que dava para a popa, onde encontrou uma pequena embarcação de alumínio amarrada ao Santa Loura. Estava equipada com remos e um motor fora de borda. Inesperadamente, pela mente de Nate passou uma visão de Jevy e de si próprio fugindo desabaladamente através de águas rasas, abrindo caminho por entre ervas e troncos de árvores, esquivando-se aos jacarés para cairem noutro beco sem saída. A aventura continuava a desenrolar-se com grande intensidade.

Jevy riu-se, desanuviando a tensão.

— Ele precisa de uma bomba de óleo — disse, encaminhando-se para a popa. — Mas hoje a loja está fechada.

— E que tal amanhã? — perguntou Nate.

— Não haverá problema.

— Para que é que este pequeno barco serve?

— Para muita coisa.

Subiram um lanço de degraus em travessas até à ponte, onde Jevy inspeccionou o leme e os comandos do motor. Por detrás da ponte havia um pequeno compartimento com dois beliches; Jevy e o outro membro da tripulação dormiriam ali por turnos. Mais atrás via-se um tombadilho com pouco mais de quatro metros quadrados encimado por um toldo de um verde-garrido. De um lado ao outro deste convés havia uma rede de dormir, de aspecto confortável, que despertou imediatamente a atenção de Nate.

— Isto é para si — disse Jevy com um sorriso. — Vai ter muito tempo para ler e dormir.

— Que perspectiva tão agradável — redarguiu Nate. — Por vezes, este barco é utilizado por turistas, geralmente alemães que desejam visitar o Pantanal. — Já trabalhou como piloto desta embarcação? — Sim, em duas ocasiões. Há já muitos anos. O proprietário não é um homem muito simpático.

Tomando todas as precauções, Nate sentou-se na rede espreguiçadeira, descrevendo um semicírculo com as pernas doridas até se encontrar em cima dela. Jevy deu-lhe um pequeno empurrão para o ajudar, após o que se afastou para ter outra conversa com o mecânico.

QUINZE

Os sonhos de Lillian Phelan de ter uma ceia de Natal num ambiente acolhedor ficaram desfeitos quando Troy Júnior chegou, tarde e embriagado, em resultado de uma discussão grosseira que mantivera com Biff. Chegaram em automóveis separados, cada um ao volante de um Porsche novo de cores diferentes. Os gritos em crescendo, que ambos trocavam, acentuaram-se ainda mais quando Rex, que já ingerira umas quantas bebidas, começou a admoestar o irmão mais velho por estragar o Natal da mãe. A casa estava cheia. Os quatro filhos de Lillian — Troy Júnior, Rex, Libbigail e Mary Ross — encontravam-se presentes, acompanhados de onze netos, juntamente com uma variedade de amigos dos filhos e netos que, na sua maior parte, não haviam sido especificamente convidados por Lillian. Os netos Phelan, à semelhança dos progenitores, haviam atraído novos compinchas e confidentes desde o falecimento de Troy. Até à chegada de Troy Júnior, o ambiente fora de uma maravilhosa celebração natalícia. Nunca se tinham trocado tantas prendas fabulosas. Os herdeiros do espólio Phelan haviam comprado presentes que trocariam entre si e ofereceriam a Lillian, sem qualquer preocupação pelo preço das coisas — roupas de marca, peças de joalharia, engenhocas electrónicas e até mesmo obras de arte. Durante algumas horas, o dinheiro trouxera à superfície o que de melhor havia no íntimo de cada um deles. A generosidade que mostravam não conhecia limites.

Dentro de apenas dois dias, o testamento seria dado a conhecer publicamente.

O marido de Libbigail, Spike, o ex-motoqueiro que conhecera durante um período de internamento para desintoxicação, ainda tentou intervir na disputa desencadeada entre Troy Júnior e Rex, tentativa que lhe mereceu imprecações do primeiro que não hesitou em lhe recordar que era um «hippie gordo cujo cérebro fora frito em L S D». Por seu turno, Libbigail sentiu-se ofendida, brindando Biff com o epíteto de prostituta. Lillian correu para o seu quarto, fechando a porta à chave. Os netos, e respectivas comitivas, a pouco e pouco, começaram a dirigir-se para a cave, onde alguém guardara uma geleira cheia de cerveja. Mary Ross, a mais razoável — ainda que este aspecto fosse bastante discutível -, mas

inquestionavelmente a menos volátil dos quatro, convenceu os irmãos e Libbigail a pararem de gritar e a procurarem cantos separados onde se mantivessem entre cada assalto. Começaram a formar-se pequenos grupos; alguns no escritório, outros na sala de estar. Estabeleceu-se um cessar-fogo feito de mal-estar.

Os advogados não ajudavam em nada aquele estado de coisas. Actualmente, trabalhavam em equipas como representantes daquilo que afirmavam ser os melhores interesses de cada um dos herdeiros Phelan. Ao mesmo tempo também passavam várias horas a maquinar, tentando arranjar maneira de vir a obter uma fatia maior do bolo. Eram quatro pequenos exércitos de advogados, bem distintos entre si — seis, caso se contasse com os de Geena e Ramble — todos a trabalharem febrilmente. Quanto mais tempo os herdeiros Phelan passavam com os seus advogados, mais eram as discussões entre eles.

Depois de uma hora de paz, Lillian saiu do quarto com o objectivo de inspeccionar as tréguas. Sem dizer nada, dirigiu-se à cozinha para acabar de preparar a ceia. Naquela situação, fazia sentido que fosse servida uma refeição volante. Sugeriu que comessem por turnos, entrando na sala de jantar em grupos onde encheriam os pratos, após o que se podiam retirar de imediato para a segurança dos seus cantos.

E foi assim que a primeira família Phelan, ao cabo de todas as controvérsias, acabou por desfrutar de uma ceia de Natal num ambiente de serenidade. Troy Júnior, sozinho, comeu perna de porco fumada e batata-doce junto do bar, perto do pátio das traseiras. Biff comeu com Lillian na cozinha; Rex e a sua mulher, Amber, astripper, fizeram uma refeição de peru no quarto, enquanto assistiam a um jogo de râguebi pela televisão. Libbigail, Mary Ross e respectivos maridos comeram de tabuleiro, no escritório.

Os netos e compinchas levaram pizzas congeladas para a cave, onde a cerveja era abundante.

A segunda família não teve Natal de espécie alguma, pelo menos não o passaram em conjunto. Janie nunca gostara muito daquela quadra do ano, o que a levou a sair do país rumo a Klosters, na Suíça, onde a gente bonita da Europa se reunia a fim de ser vista a esquiar. Fez-se acompanhar de um instrutor físico chamado Lance que, com vinte e oito anos, metade da idade dela, se sentiu bastante satisfeito com a oportunidade daquela viagem. A filha, Geena, viu-se forçada a passar o Natal com os familiares por afinidade em Connecticut, normalmente uma perspectiva sombria e tristonha. Mas a realidade é que a situação se havia alterado drasticamente. Na óptica do marido de Geena, Cody,

tratava-se de um regresso triunfante à vetusta propriedade da família, nos arredores de Waterbury.

A família Strong, em tempos idos, possuíra uma fortuna adquirida na marinha mercante, mas ao cabo de séculos de gestão ruinosa e da prática de endogamia, o dinheiro praticamente se esgotara. O nome, aliado à linhagem, continuava a garantir admissão nas escolas e clubes mais reservados; o casamento de qualquer Strong continuava a ser anunciado com destaque na imprensa local. Contudo, a gamela não tinha uma capacidade infinita, e era facto indesmentível que um número excessivo de gerações já comera dela. Formavam um bando de gente arrogante, orgulhosa do nome de família, do sotaque com que se exprimiam e da sua consanguinidade; à superfície, mostravam-se indiferentes quanto ao decréscimo dos bens familiares. Tinham carreiras profissionais em Nova Iorque e Boston. Gastavam tudo o que ganhavam, uma vez que a fortuna familiar funcionara sempre como uma rede de segurança. O último Strong que tivera alguma visão da situação dera-se evidentemente conta de que o fim não se encontrava longe, tendo estabelecido fídeicomissos que custeariam educações académicas, os quais haviam sido elaborados por inúmeros advogados de forma que impedia que viessem a ser contestados juridicamente, fídeicomissos inexpugnáveis, como se fossem protegidos por uma cortina de ferro, de forma a resistirem aos assaltos desesperados dos Strong das gerações vindouras. Os assaltos não se fizeram esperar; não obstante, os fídeicomissos mantiveram-se inabaláveis, permitindo que todos os Strong mais jovens continuassem a ter a garantia de uma boa educação escolar. Cody estivera internado em Taft, tendo conseguido ser um estudante médio na Universidade de Dartmouth, ao que se seguiu uma pós-graduação na Universidade de Colúmbia.

O seu casamento com Geena Phelan não fora bem recebido pela família, principalmente porque era o segundo matrimónio dela. O facto de o seu arredio pai valer, à altura do casamento, seis mil milhões de dólares, ajudou a facilitar a entrada de Geena naquele clã. No entanto, ela seria sempre vista com maus olhos porque fora uma mulher divorciada, para além de ter tido uma educação de qualidade inferior, sem nunca ter frequentado nenhuma das universidades da Ivy League(1), ao que se aliava o facto de Cody ser um pouco estranho.

Não obstante, toda a família se encontrava presente para a saudar no Dia de Natal. Geena nunca vira tantos sorrisos no rosto de pessoas que detestava; tantos pequenos abraços dados a contragosto e beijos fugidios, dados de má-vontade nas suas faces, sem esquecer as palmadinhas cordiais no ombro. Passou a odiá-los ainda mais por toda aquela manifestação de hipocrisia. Depois de duas

bebidas, Cody começou a soltar a língua. Os homens agruparam-se à sua volta no escritório.

— Quanto? — perguntou alguém pouco tempo depois. Cody franziu o sobrolho como se o dinheiro já lhe tivesse começado a pesar.

— Provavelmente quinhentos milhões de dólares — respondeu numa deixa perfeita que ensaiara em frente do espelho da casa de banho de sua casa.

Alguns dos homens ficaram boquiabertos. Outros exibiram esgares porque conheciam bem Cody e todos eram membros da família Strong, sabendo de antemão que jamais veriam um cêntimo dessa fortuna. Bem no seu íntimo, todos fervilhavam de inveja. Aquela informação filtrou-se para fora do grupo, e, ao fim de pouco tempo, as mulheres espalhadas por toda a casa murmuravam acerca do meio bilião. A mãe de Cody, uma mulher baixinha, engelhada e afectada, cujas rugas se entrecruzavam sempre que sorria, mostrou-se abismada perante a obscenidade de tamanha fortuna. — É dinheiro de novos-ricos — comentou com uma das filhas. Dinheiro de novos-ricos que fora ganho por um velho bode escandaloso, que contraíra matrimónio três vezes e que procriara um grupo de filhos degenerados, nenhum dos quais frequentara qualquer escola de ensino superior da Ivy League. Quer fosse de família ou recentemente adquirido, aquele dinheiro era muito invejado pelas mulheres mais novas. Podiam imaginar os aviões a jacto e as casas de praia, assim como as fabulosas reuniões de família em ilhas distantes, a par dos fideicomissos a favor de sobrinhas e sobrinhos, e talvez mesmo ofertas directas em dinheiro.

O dinheiro teve o condão de amansar os Strong, amansá-los ao ponto de mostrarem uma cordialidade que jamais haviam manifestado para com um estranho à família, *1. Conjunto de universidades norte-americanas, há muito estabelecidas na região leste, que gozam de grande prestígio social e académico. (N. da T.) amansá-los ao ponto de estarem prestes a desfazer-se em mesuras. Ensinou-os a serem mais abertos e ternos, o que proporcionou um Natal cordial num ambiente acolhedor.

Ao fim da tarde, quando a família se reuniu em redor da mesa para o jantar tradicional, começou a nevar. Que Natal tão perfeito, comentaram todos os membros da família Strong. Naquele momento, Geena odiou-os mais do que nunca.

Ramble passou a quadra natalícia com o seu advogado, ao preço de seiscentos dólares à hora, embora a conta viesse a ser manipulada como somente os advogados sabem manipular coisas dessa natureza. Tira também se ausentara para o estrangeiro acompanhada de um jovem chulo. Encontrava-se algures

numa praia, muito provavelmente a praticar nudismo, completamente alheada do que o seu filho de catorze anos poderia estar a fazer durante a sua ausência.

O advogado, Yancy, era solteiro, tendo-se divorciado por duas vezes e acabando por ficar com a tutela dos gémeos de onze anos do seu segundo casamento. Os dois rapazes eram excepcionalmente inteligentes para a idade, enquanto Ramble era penosamente lento de raciocínio para a idade que tinha, pelo que os três jovens se divertiram à grande entretidos no quarto com jogos de computador, ao mesmo tempo que Yancy via um jogo de râguebi sozinho. O seu cliente estava predestinado a herdar obrigatoriamente cinco milhões de dólares aquando do seu vigésimo primeiro aniversário, e, em virtude do coeficiente de maturidade dele, a par do ambiente familiar, esse dinheiro nem sequer duraria o tempo que durara aos outros filhos de Phelan. Todavia, Yancy não estava interessado naqueles magros cinco milhões; que diabo, ele receberia esse montante em honorários que lhe adviriam da quota-parte de Ramble na herança através do testamento.

Yancy tinha outras preocupações. Tira contratara os serviços de outro escritório de advogados, uma firma agressiva situada perto do Capitólio que tinha melhores contactos. Ela era apenas uma ex-mulher e não uma filha, pelo que o seu quinhão do espólio seria bastante inferior a qualquer quantia que Ramble viesse a herdar. Era evidente que os novos advogados já se tinham apercebido dessa realidade. Andavam a exercer pressão sobre Tira para que esta dispensasse os serviços de Yancy, desviando o jovem Ramble na sua direcção. Felizmente, a mãe não se interessava muito pelo garoto, o que permitia a Yancy fazer um trabalho esplêndido manipulando o rapaz no sentido de tentar afastá-lo da mãe.

Os risos dos três garotos eram música para o seu coração.

DEZASSEIS

Ao fim da tarde, ele parou numa pequena charcutaria situada a escassos quarteirões do hotel. Andara pelos passeios sem destino. Apercebendo-se de que o estabelecimento estava aberto, entrou com a esperança de que lhe servissem uma cerveja. Nada mais além de uma cerveja, talvez duas. Estava sozinho naquele fim do mundo. Era Natal e não tinha ninguém com quem pudesse partilhar aquele dia. Uma onda de solidão e depressão profundas abateram-se sobre Nate, e o resultado foi começar a sentir os efeitos da recaída iminente. Um sentimento de auto-comiseração apoderou-se de si. Avistou uma fileira de garrafas com bebidas alcoólicas, todas cheias e por abrir, whiskies, vodkas e gins, alinhadas como pequenos e belos soldadinhos de uniformes aprumados. Acto contínuo, sentiu a boca ressequida, como se estivesse crestada. Deixou cair o queixo e fechou os olhos. Agarrou-se ao balcão para não vacilar; a sua fisionomia contorceu-se de sofrimento ao pensar em Sérgio, em Walnut Hill e em Josh, nas ex-mulheres e em todos os que magoara tantas vezes sempre que se deixava cair na tentação. Os pensamentos desfilavam-lhe freneticamente pela mente, e estava prestes a desfalecer quando o homem baixinho lhe disse qualquer coisa. Nate ficou a olhar para ele, mordeu os lábios e apontou para uma garrafa de vodka. Duas garrafas, oito reais.

Todas as recaídas haviam sido diferentes. Algumas eram lentas na sua formação, uma bebida ali, um trago aqui, uma fenda na barragem seguida de outras. Numa ocasião, chegara ao ponto de ir voluntariamente para um centro de desintoxicação. Numa outra altura, despertara preso a uma cama por correias, com uma agulha intravenosa espetada no pulso. Durante a última recaída, fora encontrado por uma das criadas num estado de semi-coma, no quarto de um motel ordinário cuja diária era de trinta dólares.

Enclavinhou os dedos no saco de papel, encaminhando-se num passo determinado para o seu hotel, contornando um grupo de rapazinhos transpirados que driblavam uma bola de futebol num passeio. «Que sorte que as crianças têm», pensou. Não tinham de carregar fardos nem bagagens emocionais. O amanhã seria apenas um outro jogo. Dentro de uma hora começaria a ficar escuro, e Corumbá, suavemente, voltava a despertar para a vida. Os cafés com

esplanadas e os bares abriam pouco a pouco, enquanto as ruas eram percorridas por uns quantos automóveis. No hotel, a música ao vivo que vinha da piscina filtrava-se através do átrio, e durante uma fracção de segundos Nate sentiu-se tentado a sentar-se a uma mesa para ouvir uma última canção.

Mas não o fez. Dirigiu-se ao seu quarto, onde trancou a porta e encheu um copo alto de plástico com cubos de gelo. Alinhou as duas garrafas, abriu uma e lentamente começou a verter vodka por cima do gelo, prometendo a si mesmo que não pararia até que as duas estivessem vazias.

Jevy esperava o comerciante de peças sobressalentes quando este chegou, às oito horas. O Sol já ia alto no céu sem nuvens. O piso dos passeios escaldava ao toque.

Não havia nenhuma bomba de óleo, pelo menos uma que se adequasse àquele motor a gasóleo. O comerciante fez dois telefonemas enquanto Jevy se afastava a grande velocidade, ao volante da sua camioneta de caixa aberta. Conduziu até aos arrabaldes de Corumbá, onde um negociante de barcos geria um ferro-velho atulhado de salvados de dúzias de embarcações. Na oficina de motores, um rapaz que trabalhava ao balcão, apresentou-lhe uma bomba de óleo usada, coberta por óleo e sebo, que embrulhou numa rodilha suja da oficina. Foi com todo o prazer que Jevy pagou vinte reais pela peça em segunda mão.

Conduziu até ao rio, estacionando junto da linha de água. O Santa Loura continuava no mesmo sítio. Ficou satisfeito ao ver que Welly já tinha chegado. Welly era um marujo sem experiência, que ainda não fizera dezoito anos, que afirmava que sabia cozinhar, pilotar, guiar, limpar e navegar, estando apto a desempenhar todo e qualquer serviço que lhe fosse requerido. Jevy sabia que ele estava a mentir, mas as bravatas daquela natureza não eram invulgares entre os rapazes que procuravam trabalho na faina do rio.

— Viste o doutor O'Riley? — perguntou-lhe Jevy.

— O americano? — inquiriu Welly.

— Sim, o americano.

— Não. Ainda não vi sinais dele.

Entretanto, houve um pescador a bordo de um barco de madeira que gritou algo a Jevy, mas este não lhe prestou atenção, sentindo-se preocupado com outros assuntos. Percorreu a prancha, periclitante, de contraplacado até à embarcação, onde o martelar recomeçara à popa. O mesmo mecânico sujo de nódoas de óleo debatia-se com o motor. Mantinha-se acima dele semi-agachado, sem camisa e com o suor a gotejar-lhe da pele. No interior da casa das máquinas estava um calor sufocante. Jevy entregou-lhe a bomba de óleo, que ele começou

a inspeccionar com os seus dedos curtos e grossos.

O motor era um cinco cilindros em linha a gasóleo, com a bomba no fundo do cárter, mesmo abaixo do extremo de uma superfície de grades de madeira. O mecânico encolheu os ombros, dando a Jevy o benefício da dúvida: talvez aquela aquisição resolvesse o problema. Manobrou a barriga em redor do tubo de distribuição, ajoelhando-se em gestos lentos, inclinando-se para baixo com o topo da cabeça apoiado no sistema de escape.

Resmungou qualquer coisa e Jevy passou-lhe para a mão uma chave-inglesa. Com lentidão, a bomba de substituição foi ajustada no seu lugar. Ao cabo de alguns minutos, a camisa e os calções de Jevy estavam ensopados em transpiração.

Com os dois homens apertados na casa das máquinas, Welly decidiu aparecer, perguntando se necessitavam dos seus serviços. Não, de facto não era preciso.

— Mantém-te atento à chegada do americano — disse-lhe Jevy limpando o suor que lhe perlava a testa.

O mecânico soltou uma praga e continuou a manusear várias chaves-inglesas durante os trinta minutos seguintes, após o que declarou que a bomba de óleo estava pronta para entrar em acção. Pôs o motor a funcionar, passando alguns segundos a vigiar a pressão do óleo. Finalmente, esboçou um sorriso começando a reunir as suas ferramentas.

Jevy meteu-se na camioneta e dirigiu-se para o hotel onde Nate estava alojado.

A recepcionista tímida ainda não tinha visto o doutor O'Riley. Ligou para o quarto e não obteve resposta. Uma criada que na altura passava pela recepção também foi interrogada. Não, que soubesse, o hóspede não deixara o quarto. Com alguma relutância, a rapariga entregou uma chave a Jevy.

A porta estava fechada à chave, mas a corrente interior não fora corrida; Jevy entrou devagar. A primeira coisa estranha em que reparou foi na cama vazia com os lençóis completamente desalinhados. Em seguida, avistou as garrafas.

Uma estava vazia, tombada de lado no chão; a outra estava meia. O ambiente no quarto era bastante fresco, uma vez que o aparelho de ar condicionado estava ligado no máximo. Viu um pé descalço, aproximando-se mais, deparando com Nate estendido no chão, completamente nu, entre a cama e a parede, com um lençol puxado para baixo e enrolado à volta dos joelhos. Com suavidade, Jevy deu-lhe um pontapé no pé, agitando a perna que deu um solavanco. Do mal o menos, o homem não estava morto.

Jevy começou a chamar Nate, agitando-o por um ombro e decorridos alguns segundos ouviu um grunhido. Um som baixo e de sofrimento. Agachando-se em cima da cama, Jevy, com todas as precauções, colocou as mãos por baixo do sovaco que lhe ficava mais próximo, puxando Nate do chão e afastando-o da parede; com alguma dificuldade fê-lo rolar para cima da cama, onde se apressou a cobrir-lhe as partes privadas com um lençol. Outro resmungo de dor. Nate estava deitado de costas com um pé pendurado fora da cama, olhos inchados que continuavam cerrados, o cabelo todo despenteado e com uma respiração pesada que se fazia a custo. Jevy deixou-se ficar aos pés da cama fitando Nate.

A criada e a recepcionista chegaram pouco depois, abrindo uma fresta da porta; com um gesto, Jevy indicou-lhes que se fossem embora. Fechou a porta à chave e apanhou a garrafa vazia caída no chão.

— Está na hora de nos irmos embora — disse ele sem ter obtido qualquer espécie de resposta. Talvez fosse melhor chamar Valdir, que, por sua vez, entraria em contacto com o norte-americano que enviara para o Brasil aquele pobre bêbedo. Talvez mais tarde. — Nate! — gritou numa voz troante. — Fala comigo! Nenhuma resposta. Se não despertasse dentro em pouco, Jevy decidiu que chamaria um médico. Uma garrafa e meia de vodka numa só noite podia matar um homem. Talvez o seu organismo estivesse envenenado e ele necessitasse de recorrer ao serviço de urgência de um hospital.

Na casa de banho encharcou uma toalha com água fria que enrolou à volta do pescoço de Nate. Este começou a contorcer-se, abrindo a boca num esforço para conseguir falar.

— Onde é que estou? — perguntou num resmungo com a língua espessa e pegajosa numa voz pastosa.

— No Brasil. No quarto de um hotel.

— Estou vivo.

— Mais ou menos.

Jevy agarrou numa ponta da toalha e limpou as faces e os olhos de Nate. — Como é que está a sentir-se? — perguntou.

— Quero morrer — respondeu Nate estendendo a mão para a toalha que agarrou e começou a meter dentro da boca, começando a chupá-la.

— Vou-lhe buscar um copo de água — ofereceu-se Jevy. Abriu o frigorífico de onde tirou uma garrafa de água. — É capaz de erguer a cabeça? — inquiriu.

— Não — respondeu Nate num grunhido.

Jevy verteu algumas gotas de água sobre os lábios e a língua de Nate. Algumas das gotas escorreram-lhe pelas bochechas caindo na toalha. Nate não deu sinais de se incomodar. Sentia a cabeça a latejar, dando-lhe a impressão de que estava prestes a abrir-se; o seu primeiro pensamento foi querer saber exactamente como diabo é que tinha acordado.

Abriu um olho, o direito, ainda que com muita dificuldade. As pálpebras da vista esquerda continuavam coladas. A luminosidade escaldava-lhe o cérebro, sentindo que o corpo era percorrido por uma onda de náusea que foi dos joelhos até à garganta. Com uma rapidez surpreendente, voltou-se, ficando de lado, após o que ficou de gatas, numa posição de desequilíbrio, quando os vómitos lhe assomaram à boca.

Jevy deu um salto para trás e foi buscar outra toalha. Deixou-se ficar na casa de banho, ouvindo a tosse e os arrancos dos vómitos de Nate. A visão de um homem nu, apoiado sobre as mãos e os joelhos no meio de uma cama, a vomitar as entranhas, era uma situação que dispensava de boa vontade. Abriu as torneiras do chuveiro, misturando a água quente e fria até obter uma temperatura adequada.

O contrato que fizera com Valdir permitia-lhe auferir mil reais por levar o doutor O'Riley até ao Pantanal, encontrar a pessoa que ele procurava, após o que deveria levá-lo de volta a Corumbá são e salvo. O pagamento era bom, todavia ele não era nem ama-seca, nem enfermeiro. O barco estava pronto. Caso Nate não fosse capaz de andar sem alguém que tomasse conta de si, então Jevy procuraria o trabalho seguinte.

Houve uma interrupção no ataque de náuseas e Jevy ajudou Nate a ir para a casa de banho, metendo-o debaixo do chuveiro, onde caiu desamparado sobre o chão sintético.

— Peço muita desculpa — repetia Nate incessantemente. Jevy deixou-o no chuveiro; que se afogasse que a ele isso não faria a mínima diferença. Endireitou os lençóis tentando dar alguma arrumação à confusão, em seguida desceu as escadas para pedir uma cafeteira de café bem forte.

Eram quase duas horas da tarde quando Welly se apercebeu da chegada dos dois. Jevy estacionou à beira de água; a camioneta enorme levantava as pedras do piso, despertando os pescadores até que o motor parou de funcionar. Não viu vestígios do norte-americano.

Pouco depois, algures no interior da cabina, lentamente, começou a soerguer-se uma cabeça. Os olhos estavam ocultos por uns óculos de sol de lentes muito escuras, e a pala de um boné fora puxada para baixo tanto quanto

era possível. Jevy abriu a porta do pendura, ajudando o doutor O'Riley a descer para o solo coberto de pedras. Welly aproximou-se da camioneta retirando o saco e a pasta da caixa do veículo. Queria ser apresentado ao doutor O'Riley, mas aquela não era a altura mais apropriada. Ele sentia-se bastante adoentado; estava muito pálido, transpirando copiosamente, além de estar demasiado fraco para poder caminhar sozinho. Welly seguiu os dois até à linha de água, ajudando-os a percorrer a placa de contraplacado, que tão pouca segurança oferecia, até à embarcação, após o que atravessaram o pequeno passadiço que levava ao pequeno tombadilho, onde a rede espreguiçadeira aguardava Nate. Jevy empurrou-o para cima dela. Quando regressaram ao outro convés, Jevy ligou o motor enquanto Welly recolhia o cordame.

— O que é que se passa com ele? — perguntou este.

— Está bêbedo.

— Mas são só duas horas da tarde.

— Está bêbedo há muito tempo.

O Santa Loura começou a afastar-se de terra, e, navegando rio acima, ia lentamente deixando Corumbá para trás. Nate observava a cidade que ficava cada vez mais para trás. O toldo acima da sua cabeça era uma lona verde e usada, estendida por cima de uma estrutura de metal presa ao convés por quatro postes. Dois destes serviam de suporte à rede que balouçara um pouco logo depois da partida. As náuseas voltaram a insinuar-se dentro de si. Tentou permanecer imóvel. Desejava que tudo se mantivesse absolutamente imobilizado. A embarcação navegava suavemente rio acima. As águas estavam calmas. De momento não soprava vento nenhum, o que permitiu a Nate continuar deitado bem fundo na sua rede, sem despregar os olhos do toldo verde-escuro que lhe proporcionava sombra. No entanto, era-lhe difícil reflectir, porque sentia dores de cabeça e tonturas. A concentração era um verdadeiro desafio.

Antes de pagar a conta do hotel, telefonara a Josh do telefone do quarto. Com sacos de gelo no pescoço e um caixote do lixo entre os pés, não fosse ter vontade de vomitar, ligara o número, esforçando-se ao máximo para que a sua voz soasse normalmente. Jevy não dissera nada a Valdir. Consequentemente, este nada dissera a Josh. Ninguém estava ao corrente, para além de ele próprio e Jevy; ambos tinham concordado em manter o assunto confidencial. A bordo do barco não havia qualquer bebida alcoólica, e Nate prometera manter-se sóbrio até que regressassem. Como é que ele conseguiria encontrar uma bebida no Pantanal? Se Josh estava preocupado, não o deixou transparecer na voz. A firma ainda estava fechada por causa do Natal, etc, mas ele estava atafulhado em

trabalho. O costume. Nate disse-lhe que estava óptimo. O barco era adequado ao que se pretendia e já tinha sido devidamente reparado. Estavam ansiosos por se pôr a caminho. Quando desligou o telefone, voltou a vomitar. Depois tomou outro duche. De seguida, Jevy ajudou-o a chegar ao elevador e a atravessar o hcill do hotel.

O rio fez uma curva ligeira, mais uma contra-curva, e Corumbá ficou para trás. O tráfego fluvial em torno da cidade ia diminuindo à medida que a viagem progredia. O local de refúgio de Nate dava-lhe uma panorâmica privilegiada, tanto para o rio à sua frente como para as águas lamacentas que borbulhavam na esteira do barco. O Paraguai tinha menos de dez metros de largura e estreitava rapidamente a cada curva. Passaram por uma barcaça carregada de bananas verdes e dois miúdos disseram-lhes adeus. O matraquear constante do motor a diesel não parou, como Nate desejara, mas transformou-se num murmúrio baixo, uma vibração constante que se propagava por todo o navio. Não havia outro remédio a não ser aceitá-lo. Tentou balançar-se na rede, um balanço suave, só para sentir melhor a brisa. A náusea desaparecera.

Não pensar no Natal, nem no lar, nas crianças e nas memórias desfeitas; não pensar nos vícios. Esta recaída vai ficar por aqui, disse a si próprio.

O barco era o seu centro de recuperação. Jevy era o seu conselheiro. Welly a enfermeira. Iria desintoxicar-se no Pantanal para nunca mais voltar a beber. Quantas vezes poderia ele mentir a si próprio? O efeito da Aspirina que Jevy lhe tinha dado começou a passar e a dor de cabeça regressou em força. Caiu num estado de semi-sonolência e acordou quando Jevy apareceu com uma garrafa de água e uma tigela de arroz. Comeu o arroz à colherada, com as mãos a tremer de tal forma que os bagos se espalhavam pela camisa e pela rede. Estava quente e apetitoso, Nate comeu-o até ao fim. — Mais? — perguntou Welly.

Nate abanou a cabeça na negativa e bebeu um gole de água. Deixou-se afundar na rede e tentou fazer uma sesta.

DEZASSETE

Depois de umas quantas falsas partidas, ojet lag(1) e a fadiga, a par dos efeitos do vodka, começaram a fazer-se sentir. O arroz também ajudou e Nate mergulhou num sono profundo. De hora a hora, Welly ia ver como é que ele estava.

— Está a ressonar — disse ele a Jevy, que se encontrava ao leme. O sono era despovoado de sonhos. A sesta durou seis horas, enquanto o Santa Loura navegava lentamente rumo a algures no Norte, contra o vento e contra a corrente. Nate acordou com o ruído rítmico do motor a gasóleo e com a sensação de que a embarcação efectivamente não se deslocava. Com movimentos cautelosos, soergueu-se da rede, espreitando por cima da extremidade, examinando a margem onde procurava quaisquer sinais de progressos. A vegetação era densa. O rio parecia estar completamente desabitado. O barco deixava uma esteira de espuma à sua passagem e ao fixar o olhar numa árvore Nate pôde ver que, de facto, estavam a navegar fosse para onde fosse. Mas muito lentamente. O nível das águas subira devido às chuvas; a navegação era mais fácil, mas o curso rio acima não se fazia com tanta rapidez.

As náuseas e dores de cabeça tinham desaparecido, mas os movimentos continuavam a ser feitos com cuidados redobrados. Nate deu início ao desafio de se levantar da rede, principalmente porque necessitava de urinar. Conseguiu colocar os pés em segurança sobre o tombadilho sem quaisquer incidentes, e quando fez uma pausa Welly apareceu como se fosse um ratinho satisfeito oferecendo-lhe uma pequena chávena de café.

*1. Condição que se caracteriza por vários efeitos psicofisiológicos (fadiga e irritação) que se verificam depois de viagens longas através de vários fusos horários. (N. da T.) Nate agarrou na chávena quente com as duas mãos e cheirou o café. Nunca nada lhe cheirara tão bem.

— Obrigado — agradeceu em português.

— Sim — retorquiu Welly com um sorriso ainda mais radiante. Nate

começou a beber aquele precioso café bem adoçado, tentando não retribuir o olhar fixo de Welly. O rapaz usava as roupas habituais de quem trabalhava no rio; uns calções velhos de ginástica, uma camisola de algodão velha e sandálias de borracha das mais baratas, que protegiam a sola endurecida dos pés cheios de cicatrizes. Tal como Jevy, Valdir e a maior parte dos brasileiros que conhecera até então. Welly, um mulato, tinha cabelos negros, olhos pretos e feições de mestiço, com uma tonalidade de pele acastanhada mais clara do que alguns, embora mais escura do que outros, um tom que era só dele. «Estou vivo e sóbrio», pensou Nate continuando a beber pequenos goles do seu café. «Uma vez mais, por breves instantes, cheguei ao limiar do inferno tendo conseguido sobreviver. Despenhei-me no fundo do fosso, entrei em colapso, fitei a imagem desfocada do meu rosto e dei as boas-vindas à morte, e contudo aqui estou eu sentado e a respirar. Por duas vezes no espaço de três dias proferi as minhas últimas palavras. Talvez ainda não tenha chegado a minha hora.» — Mais? — perguntou Welly fazendo um gesto na direcção da chávena vazia.

— Sim — respondeu Nate entregando-lhe a chávena. Dois passos e ele tinha desaparecido.

Sentindo o corpo dorido por causa do acidente de aviação, e abalado pelos efeitos do vodka, Nate levantou-se permanecendo no meio do convés sem a ajuda de ninguém, embora numa postura pouco estável com os joelhos dobrados. Mas ainda assim foi capaz de se manter de pé, o que, por si só, tinha um grande significado. A recuperação não era mais do que uma série de pequenos passos, pequenas vitórias. Quando se uniam sem deslizes e sem derrotas estava-se tratado. Nunca curado, apenas tratado ou desintoxicado, ou ainda higienizado por algum tempo. Nate já fizera aquele quebra-cabeças anteriormente, comemorando todas as pequenas peças.

Foi então que o fundo chato da embarcação roçou por um baixio, sacudindo-a, e Nate tombou desamparado contra a rede. Ficou esparramado no convés, onde a cabeça bateu contra uma tábua. A muito custo conseguiu pôr-se de pé, agarrando-se à amurada com uma mão enquanto massajava o crânio com a outra. Não sangrara, ficara apenas com um pequeno alto, somente mais outro pequeno ferimento infligido ao seu corpo. Mas o tombo despertou-o e quando os olhos começaram a ver com clareza, deslocou-se com lentidão ao longo da amurada até à exígua ponte, onde Jevy se encontrava sentado num banco com uma mão em redor do leme.

— Como é que te sentes? — perguntou depois do sorriso espontâneo característico a todos os brasileiros.

— Muito melhor — respondeu Nate sentindo-se um pouco envergonhado. Mas a vergonha era uma emoção que Nate abandonara há vários anos. Os viciados não sentem vergonha. Degradam-se a si próprios tantas vezes que ficam imunes a esse sentimento. Welly subia as escadas num passo gingão, trazendo café nas duas mãos. Deu um a Nate e o outro a Jevy, após o que retomou o seu lugar num banco estreito junto do comandante.

O Sol começara a pôr-se por detrás das montanhas distantes da Bolívia, enquanto as nuvens se formavam a norte, directamente defronte deles. O ar não estava tão opressivo e era bastante mais fresco. Jevy procurou a sua camisola de algodão e vestiu-a. Nate receava outro temporal, mas o rio não era muito largo. Certamente que poderiam ancorar o raio do barco prendendo-o a uma árvore. Aproximavam-se de uma pequena casa quadrada, a primeira habitação que Nate avistava desde que haviam saído de Corumbá. Depararam com sinais de vida; um cavalo e uma vaca, uma corda de estender roupa e uma canoa perto da linha de água. Avistaram um homem que usava um chapéu de palha, um pantaneiro de primeira água que saiu para o alpendre acenando-lhes num gesto preguiçoso. Depois de passarem pela casa, Welly apontou para um ponto com uma vegetação densa e rasteira que entrava rio adentro. — Jacarés — disse ele. Jevy olhou mas deu a impressão de não ter ficado muito preocupado. Já tivera oportunidade de ver milhões de crocodilos. Nate somente vira um, quando estava montado a cavalo, e quando olhou para aqueles répteis viscosos, que os perscrutavam do fundo lodoso, sentiu-se perplexo ao constatar o quanto pareciam mais pequenos quando observados do convés de uma embarcação. Concluiu que preferia a distância.

No entanto, houve algo que lhe disse que antes daquela viagem terminar, uma vez mais, seria forçado a estar bastante mais perto daqueles animais do que desejaria. A pequena embarcação que continuava a ser puxada pelo Santa Loura viria a ser utilizada na busca de Rachel Lane. Ele e Jevy navegariam por pequenos rios, esquivando-se à vegetação rasteira, passando a vau através de águas escuras cheias de flora aquática. Não tinha a menor dúvida de que encontrariam jacarés pelo caminho, assim como outras espécies de répteis perigosos que esperariam pela próxima refeição.

Mas, estranhamente, naquele momento Nate não se preocupava com isso. Na sua viagem ao Brasil, até então, ele provara a si mesmo ser bastante resistente. Metera-se numa aventura, mas o seu guia parecia ser um homem destemido.

Agarrando-se à amurada, e com muito cuidado, conseguiu descer as

escadas, após o que, num passo arrastado, percorreu o passadiço estreito, passando pela cabina e cozinha onde Welly tinha uma panela ao lume. O motor troava na casa das máquinas. A última paragem foi na casa de banho, um pequeno compartimento com uma sanita, um lavatório sujo a um canto e um chuveiro bastante periclitante que oscilava de um lado para o outro escassos centímetros acima da cabeça. Aliviou-se ao mesmo tempo que examinava a corrente do chuveiro. Deu uns passos atrás e puxou-a. Saiu um jacto de água ligeiramente acastanhada, mas que tinha força suficiente. Era óbvio que a água era do rio, extraída de uma fonte ilimitada, e que, presumivelmente, não seria filtrada. Acima da porta havia um cesto de arame onde se poderia colocar uma toalha e uma muda de roupa. Portanto, era necessário que uma pessoa se despisse e que, ele não estava a ver bem como, se escarranchasse por cima da sanita enquanto puxava o cordão do duche com uma mão, ensaboando-se com a outra.

«Que se lixe», pensou Nate. Decidiu muito simplesmente que não tomaria duche muitas vezes.

Olhou para dentro da panela ao lume, constatando que estava cheia de arroz e feijão-preto, interrogando-se se todas as refeições seriam a mesma comida. Era um assunto que não o interessava particularmente. No que lhe dizia respeito, a alimentação era uma questão de somenos importância. Durante a sua estadia em Walnut Hill eles limpavam as pessoas de todas as substâncias tóxicas, ao mesmo tempo que, de mansinho, permitiam que passassem fome. Havia alguns meses que o seu apetite fora substancialmente reduzido.

Nate sentou-se nos degraus da ponte de costas para o piloto do barco e para Welly, observando as águas do rio a escurecerem. Com o cair do crepúsculo, a vida selvagem preparava-se para a noite que se avizinhava. Os pássaros sobrevoavam a superfície da água, voando de árvore em árvore enquanto procuravam um último peixinho de água doce para o jantar. Chamavam uns pelos outros enquanto o barco passava, fazendo ouvir os seus chilreios bem acima do barulho monocórdico do motor a gasóleo. A água salpicava as margens onde os crocodilos se deslocavam vagarosamente. Era possível que por ali também andassem serpentes, anacondas de grande porte enroladas no solo, mas Nate preferia não pensar nelas. Sentia-se assaz em segurança a bordo do Santa Loura.

A brisa corria ligeira e mais quente de encontro aos seus rostos. A borrasca ainda não se desencadeara.

O tempo passava velozmente em qualquer outra parte do mundo; todavia,

no Pantanal o passar do tempo não tinha qualquer relevância. Vagarosamente, Nate ajustava-se àquele ritmo. Começou a pensar em Rachel Lane. Qual seria o efeito que o dinheiro teria nela? Ninguém, independentemente do grau de fé e empenho que se pudesse sentir, poderia continuar a ser a mesma pessoa. Estaria ela disposta a acompanhá-lo, regressando aos Estados Unidos, onde administraria os bens que o pai lhe deixara? Em qualquer altura poderia sempre voltar para junto dos seus índios. Como é que ela receberia a notícia? De que maneira é que reagiria ao deparar-se com um advogado norte-americano que conseguira descobrir o seu paradeiro? Entretanto, Welly começou a dedilhar uma viola já antiga, ao que Jevy acrescentou uns sons vocais baixos e pouco refinados. O dueto era agradável, quase tranquilizante; a balada de homens simples que viviam dia-a-dia e não minuto a minuto. Homens que pensavam pouco no amanhã, ignorando inteiramente aquilo que pudesse, ou não, vir a acontecer no ano seguinte. Nate invejava-os, pelo menos na altura em que entoavam a sua canção.

Era uma recuperação notável para um homem que tentara beber até morrer no dia anterior. Desfrutava do momento presente, feliz por continuar vivo, na expectativa do desfecho da sua aventura. Verdadeiramente, o seu passado ficara num outro mundo, à distância de anos-luz, nas ruas antigas de pavimento molhado de Washington.

Nada de bom poderia acontecer nessa cidade. Nate provara, sem margem para dúvidas, que aí seria incapaz de levar uma vida sem substâncias nocivas, conhecendo as mesmas pessoas, levando a cabo o mesmo tipo de trabalho, ignorando os mesmos hábitos, há muito arreigados, até entrar em queda livre na auto-destruição. Era inevitável que acabasse sempre no fundo do poço. Welly iniciou uma música a solo que despertou Nate das divagações do passado. Era uma balada lenta e sofrida que se prolongou até o rio ter escurecido por completo. Jevy ligou dois pequenos holofotes, um em cada lado da proa. O rio era fácil de navegar. As águas subiam e baixavam ao sabor das estações sem nunca chegarem a ter grande profundidade. As embarcações eram baixas e de fundo chato, construídas de forma a não ficarem danificadas pelos bancos de areia que por vezes apareciam ao longo do percurso. Pouco antes de escurecer, Jevy embateu num deles e o Santa Loura imobilizou-se. Jevy fez marcha à ré, após o que se fez de proa; ao cabo de cinco minutos repetindo as mesmas manobras, recomeçaram a navegar sem quaisquer obstáculos. O barco era insubmersível.

A um canto da cabina, não muito distante dos quatro beliches, Nate comia

sozinho, sentado a uma mesa fixa ao chão. Welly servia-lhe o feijão com arroz, acompanhados de galinha cozida e uma laranja. Bebeu água gelada de uma garrafa. Uma lâmpada pendente de um cordão eléctrico oscilava por cima da comida. O ar no interior da cabina era quente e sem ventilação. Welly sugerira-lhe que dormisse na rede espreguiçadeira.

Jevy entrou trazendo uma carta de navegação do Pantanal. Queria planear a rota de forma produtiva, dado que até ali os progressos haviam sido insignificantes. Na realidade, navegavam a montante do rio Paraguai a passo de tartaruga; a distância percorrida entre Corumbá e a posição actual era insignificante.

— As águas estão elevadas — explicou Jevy. — No regresso poderemos navegar com muito mais velocidade.

O regresso não era coisa a que Nate houvesse dedicado muitos pensamentos.

— Não há problema — continuou Jevy, indicando várias direcções e fazendo mais alguns cálculos. — O primeiro povoado índio situa-se nesta área — prosseguiu apontando para um ponto que parecia estar à distância de semanas, caso se levasse em linha de conta a velocidade a que haviam navegado até então. — Os Guató? — Yes. Sim. Acho que devíamos ir até lá em primeiro lugar. Se ela não estiver nessa aldeia, talvez haja alguém que conheça o seu paradeiro. — Daqui a quanto tempo é que chegaremos lá? — Dois, talvez três dias.

Nate encolheu os ombros. O tempo tinha parado. Guardara o relógio de pulso no bolso. A sua colecção de formas de acompanhar as horas, os dias, as semanas e os meses há muito que havia sido esquecida. O seu calendário, onde costumava anotar a data dos julgamentos, o único mapa da sua vida que nunca fora desrespeitado, fora guardado no fundo de uma gaveta qualquer da sua mesa de trabalho. Fizera batota com a vida, pelo que, actualmente, cada dia era uma dádiva.

— Ainda tenho de ler muita coisa — disse Nate. Com cuidado, Jevy voltou a dobrar o mapa.

— Está a sentir-se bem? — perguntou.

— Estou óptimo. Sinto-me lindamente.

Havia muito mais coisas que Jevy queria perguntar. Mas Nate ainda não estava preparado para uma confissão.

— Estou óptimo — repetiu. — Esta pequena viagem far-me-á muito bem.

Sentado à mesa, leu durante uma hora sob a lâmpada oscilante, até se

aperceber de que estava banhado em suor. Foi buscar ao seu beliche um repelente de insectos, uma lanterna e uma pilha de memorandos elaborados por Josh e, num passo cauteloso, dirigiu-se para a proa, subindo os degraus até à casa do leme, onde Welly assumira a navegação enquanto Jevy passava pelas brasas. Nate cobriu os braços e pernas com jactos do repelente em aerossol e subiu para a rede espreguiçadeira, dando voltas ao corpo até conseguir ajustar a cabeça numa posição mais elevada do que o seu traseiro. Depois de tudo se encontrar perfeitamente equilibrado, com a rede a oscilar suavemente ao sabor do movimento das águas do rio, ligou a lanterna e retomou a sua leitura.

DEZOITO

Tratava-se apenas de uma audiência informal, a leitura de um testamento, embora os pormenores fossem cruciais. Durante a quadra natalícia, F. Parr Wycliff tinha pensado pouco em qualquer outro assunto. Todos os lugares na sala de tribunal estariam ocupados, com mais espectadores apinhados em três filas junto das paredes. Preocupara-se a tal ponto que, no dia a seguir ao Natal, andara de um lado para o outro na sua sala de tribunal ponderando onde é que havia de sentar toda a gente.

E, como seria de esperar, a imprensa estava absolutamente fora dos eixos. Queriam câmaras de filmar no interior, o que ele recusara veementemente. Pretendiam instalar câmaras no corredor com as lentes a espreitarem através das pequenas vidraças quadradas recortadas nas portas, ao que ele se opusera. Desejavam lugares preferenciais; uma vez mais, a resposta fora um rotundo não. Queriam que ele lhes concedesse entrevistas, mas de momento, mantinha-os à distância.

Os advogados também apresentaram as suas exigências. Alguns pretendiam que toda a audiência decorresse à porta fechada, havendo outros que desejavam que fosse televisionada, por razões bem patentes. Uns queriam que o processo fosse selado, enquanto outros desejavam que lhes fossem enviadas cópias do testamento por fax, a fim de lhes poderem dar uma vista de olhos. Apresentaram moções para isto e para aquilo, pedidos para se sentarem aqui e ali, manifestando apreensões a respeito de quem é que teria permissão para entrar na sala de tribunal, e também quanto aos que não gozariam dessa autorização. Os excessos de alguns dos advogados levaram-nos ao ponto de quererem que lhes fosse permitido abrir e ler o testamento. Alegavam que era bastante extenso, o que já se sabia, pelo que talvez fossem obrigados a explicar algumas das provisões mais intrincadas à medida que fossem lidas.

Wycliff chegou cedo, reunindo-se com os delegados suplementares que tinha pedido. Estes acompanharam-no, juntamente com a sua secretária e o seu assistente jurídico, numa inspecção à sala de tribunal, enquanto ele designava os lugares onde cada um ficaria sentado, contando assentos e experimentando o sistema sonoro. Sentia-se deveras preocupado com as mais pequenas minúcias.

Alguém o informou de que havia uma equipa noticiosa de um canal de televisão que pretendia instalar-se ao fundo do corredor, ao que ele enviou imediatamente um dos delegados para que retomasse posse da área em questão.

Com a sala de tribunal a postos, com tudo organizado, Wycliff retirou-se para o seu gabinete a fim de tratar de outros assuntos. Era-lhe difícil concentrar-se. A sua agenda diária jamais voltaria a proporcionar-lhe tais emoções. De uma maneira bastante egoísta, albergava a esperança de que o testamento de Troy Phelan revelasse ser escandalosamente controverso; que não deixasse dinheiro nenhum a uma das ex-famílias em benefício de outra. Ou ainda que talvez Phelan tivesse deixado todos os seus filhos amalucados a verem navios, enriquecendo qualquer outra pessoa. Uma contestação longa, levada a cabo em moldes grosseiros, certamente que imprimiria alguma vivacidade à carreira rotineira de Wycliff no campo das homologações. Ele estaria no centro da tempestade, uma que sem dúvida alguma faria sentir os seus efeitos devastadores durante muitos anos, uma vez que em jogo se encontravam onze mil milhões.

Estava seguro de que isso viria a suceder. Sozinho, com a porta trancada, passou os quinze minutos seguintes a passar a ferro a sua toga.

O primeiro espectador a chegar foi um repórter que chegou passava pouco das oito e, dado que era o primeiro, teve direito ao tratamento completo por parte de um segurança enervado, que bloqueava as portas duplas que davam acesso à sala de tribunal. Foi saudado com rispidez, tendo-lhe sido pedido que apresentasse um documento com fotografia que o identificasse, sendo ainda obrigado a assinar uma folha destinada aos jornalistas, para além de o segurança lhe ter inspeccionado o bloco de estenografia, como se este fosse uma granada. Só depois é que lhe indicaram que passasse por um detector de metais, onde dois seguranças encorpados deixaram transparecer a decepção que sentiam quando não ouviram o toque das sirenes à sua passagem. O repórter sentiu-se muito grato por não o mandarem despir para o revistarem. Uma vez no interior da sala de tribunal, foi conduzido até meio da coxia por outro segurança de uniforme, que lhe indicou um lugar a duas filas da frente. Sentiu-se aliviado por se poder sentar. A sala de tribunal estava vazia.

A audiência fora marcada para as dez horas; por volta das nove, já se tinha reunido uma multidão jeitosa no vestíbulo às portas da sala do tribunal.

Os seguranças levavam o seu tempo com as papeladas e as revistas às pessoas. No corredor formara-se uma fila.

Alguns dos advogados dos herdeiros Phelan chegaram de rompante, mostrando-se imediatamente irritados com a demora para entrarem na sala do

tribunal. Foram trocadas algumas palavras acrimoniosas; fizeram-se ameaças dirigidas aos advogados, assim como aos delegados. Houve alguém que mandou chamar Wycliff, mas este estava a engraxar as botas e não desejava ser importunado. A exemplo de uma noiva antes do casamento, não desejava ser visto pelos convidados antes do início da sessão. Foi dada prioridade aos advogados e herdeiros, o que aliviou uma situação de grande tensão.

Lentamente, a sala do tribunal começou a encher-se. Haviam sido colocadas algumas mesas que formavam uma ferradura, com a mesa do juiz na parede oposta às portas, de forma a que Sua Excelência pudesse, do seu poleiro, olhar para baixo e manter-se atento a todos os presentes: advogados, herdeiros e espectadores. À esquerda da mesa, em frente da bancada do júri, via-se uma mesa em redor da qual os Phelan estavam a ser sentados de acordo com o lugar destinado a cada um. Troy Júnior foi o primeiro, com Biff logo atrás de si. Indicaram-lhes o lugar mais próximo da mesa do juiz, onde se sentaram junto de três advogados da sua equipa jurídica, enquanto se esforçavam desesperadamente por apresentar uma expressão sombria, ao mesmo tempo que ignoravam todos os demais presentes na sala do tribunal. Biff estava furiosa porque um dos seguranças lhe tinha confiscado o telefone celular. Estava impossibilitada de fazer telefonemas aos agentes imobiliários. Ramble sentava-se a seguir. Para aquela ocasião negligenciara particularmente o cabelo, onde ainda se podiam ver algumas madeixas de um verde viscoso, para além de não ser lavado há duas semanas. As argolas que usava eram ostentadas em todo o seu esplendor — no nariz, na orelha, no sobrolho. Vestia um colete de couro negro e tinha tatuagens temporárias nos braços escanzelados. Calças de ganga esfarrapadas; botas coçadas. Uma fisionomia carrancuda. Quando começou a percorrer a coxia, atraiu a atenção de todos os jornalistas presentes. Era apaparicado e adulado a todo o instante por Yancy, o seu advogado hippie, já bem entrado nos anos, o qual, de alguma maneira, conseguira manter o seu cliente mais precioso.

Yancy lançou um olhar fugaz ao lugar que coubera a cada um, pedindo que os sentassem tão longe quanto possível de Troy Júnior. O delegado acedeu colocando-os ao fundo de uma mesa temporária, de frente para a mesa do juiz. Ramble afundou-se no seu assento, com os cabelos esverdeados a cairem pelas costas da cadeira. Os espectadores, mostrando-se horrorizados, ficaram a olhar para ele — aquela coisa estava prestes a herdar quinhentos milhões de dólares? O potencial para que se verificasse uma situação de violência caótica não tinha limites.

A seguir sentava-se Geena Phelan Strong, acompanhada do marido, Cody, e dois dos advogados do casal. Com um olhar mediram a distância entre Troy Júnior e Ramble, em seguida dividiram a diferença, sentando-se tão distanciados de ambos quanto lhes foi possível. Cody mostrava-se particularmente sobrecarregado emocionalmente e ansioso, começando de imediato a rever alguns documentos importantes com um dos seus advogados. Geena limitava-se a olhar aparvalhada para Ramble; mal podia acreditar que fossem meios-irmãos.

Amber, a stripper, fez uma grande entrada com a sua saia curta e blusa decotada, que revelava a maior parte dos seus seios generosos. O delegado que a escoltava pela coxia abaixo nem queria acreditar na sorte que lhe coubera. Trocando algumas banalidades com ela, simultaneamente, não despregava os olhos da linha do decote da blusa. Rex vinha logo atrás, usando um fato escuro e trazendo uma pasta bastante cheia, como se hoje o aguardasse algum trabalho importante. Atrás dele vinha Hark Gettys, que continuava a ser o advogado mais barulhento de toda a cambada. Hark fazia-se acompanhar de dois dos seus novos assistentes: a actividade da sua firma aumentava de semana a semana. Dado que Amber e Biff não se falavam, Rex interveio pressuroso indicando um lugar entre Ramble e Geena.

As mesas estavam a encher-se; os espaços fechavam-se. Dentro em pouco, alguns dos Phelan seriam forçados a sentar-se junto uns dos outros.

A mãe de Ramble, Tira, trouxe consigo dois homens ainda bastante jovens que tinham mais ou menos a mesma idade. Um deles usava calças justas de ganga e tinha um peito peludo; o outro vinha bem vestido com um fato escuro com riscas finas. Ela deitava-se com o chulo. O advogado teria o seu quinhão na volta. Preencheu-se outro espaço. No outro lado da mesa do juiz, o ambiente na sala de tribunal era vivaz com as bisbilhotices e especulações articuladas em sussurro.

— Não admira que o velho tenha saltado — comentava um repórter com um colega enquanto observavam os Phelan.

Os netos da família haviam sido obrigados a sentarem-se entre os espectadores, gente comum. Mantinham-se junto das suas pequenas comitivas e grupos de apoio, rindo-se à socapa com mostras de nervosismo, esperando ver o que é que o destino lhes reservara.

Libbigail Jeter chegou acompanhada do marido, Spike, o ex-motoqueiro que pesava cento e sessenta quilos; ambos começaram a percorrer a coxia, sentindo-se tão pouco à vontade como os demais, apesar de já terem visto a sua quota-parte do interior de salas de tribunal. Seguiam Wally Bright, o advogado

que haviam encontrado nas páginas amarelas. Wally usava uma gabardina às pintas cuja orla arrastava pelo soalho, calcando um par de botas de sola rasa com a biqueira virada para cima, com uma gravata de um tecido sintético que se usara há vinte anos, e caso os espectadores tivessem direito ao voto como deve ser, ganharia com a maior facilidade o prémio oferecido ao advogado mais mal-vestido. Levava os seus papéis numa pasta de fole, uma que já utilizara para inúmeros divórcios e outras causas de pouca monta. Por qualquer razão, Bright nunca comprara uma pasta. Classificara-se em décimo na turma do seu curso tirado à noite. Encaminharam-se directamente para o espaço mais alargado. Quando ocupavam os seus lugares, Bright iniciou o processo barulhento de despir a gabardina. A bainha esfiapada roçou contra o pescoço de um dos associados, sem nome, de Hark, um jovem empenhado que já se sentira incomodado com o odor corporal que emanava de Bright.

— Importa-se de ter mais cuidado! — ripostou ele com agressividade, lançando as costas da mão na direcção de Bright sem lhe acertar. As palavras pareceram estalar através do ar cheio de tensão e nervosismo. As cabeças em redor das mesas voltaram-se num movimento rápido, esquecidos de imediato todos os documentos que tão importantes haviam sido até então. Toda a gente detestava toda a gente.

— Desculpe! — ripostou Bright num timbre pleno de sarcasmo. Dois dos delegados avançaram prontos para intervir em caso de necessidade. Mas a gabardina encontrou um lugar debaixo da mesa sem que se verificassem mais incidentes; finalmente, Bright conseguiu sentar-se junto de Libbigail, com Spike sentado no lado oposto, cofiando as barbas, enquanto fitava Troy Júnior como se adorasse esbofeteá-lo.

Eram poucas as pessoas presentes naquela sala de tribunal que esperavam que aquela breve escaramuça fosse a última entre os Phelan.

Quando uma pessoa morre deixando onze mil milhões de dólares, é inevitável que os outros se interessem em conhecer as últimas vontades expressas no testamento. Muito em especial quando existe a probabilidade de uma das maiores fortunas em todo o mundo estar prestes a servir de alimento aos abutres. Os pasquins também se encontravam presentes, juntamente com os jornais locais e as revistas mais importantes especializadas em assuntos económicos. As três filas que Wycliff destinara aos membros da imprensa, às nove e trinta já estavam cheias.

Os jornalistas haviam-se deliciado prestando atenção aos Phelan que começavam a reunir-se à sua frente. Havia três desenhadores que trabalhavam

freneticamente; o panorama que tinham à frente dos olhos era uma rica fonte de inspiração. O inútil de cabelos verdes merecia mais do que a sua quota-parte de esboços. Às nove e cinquenta minutos, Josh Stafford entrou na sala do tribunal. Tip Durban vinha com ele, assim como outros dois membros da firma e um par de assistentes jurídicos, o que arredondava o número de homens da lei. Com expressões sombrias e inflexíveis, tomaram os seus lugares à mesa que lhes fora destinada, bastante espaçosa quando comparada com o espaço exíguo ocupado pelos herdeiros Phelan e respectivos advogados. Josh colocou uma única pasta de cartolina frente a si, embora esta fosse espessa. Imediatamente, todos os olhares se prenderam naquela pasta. O interior continha aquilo que parecia ser um documento com quase cinco centímetros de espessura, muito semelhante ao que o velho Troy assinara enquanto era filmado por uma câmara de vídeo, o que tivera lugar apenas dezanove dias antes.

Não podiam resistir à tentação de olhar para aquilo. Isto é, todos menos Ramble. A lei em vigor na Virgínia permitia que os herdeiros recebessem cópias antecipadas caso os bens fossem líquidos, o que não daria lugar à mínima preocupação em relação ao pagamento de dívidas e impostos. As estimativas adiantadas pelos advogados dos Phelan cifravam-se numa média baixa de dez milhões por herdeiro, um número bastante distanciado do palpite de Bright, que se cifrava em cinquenta milhões. Em toda a sua vida, Bright nunca tivera oportunidade de ver cinquenta mil dólares. Às dez horas, os delegados cerraram as portas e, como que impulsionado por uma deixa secreta, o juiz Wycliff surgiu através de uma entrada por detrás da sua mesa; o silêncio abateu-se sobre a sala do tribunal. Instalou-se no seu cadeirão, acomodando a toga bem passada a ferro em seu redor com um sorriso nos lábios. — Bom-dia — disse falando ao microfone.

Todos os presentes lhe retribuíram o sorriso. Para sua grande satisfação, verificou que toda a capacidade da sala fora ocupada. Uma contagem rápida dos delegados revelou oito armados e prontos. Começou a examinar os Phelan; não se via um único espaço vazio. Alguns dos advogados dos herdeiros estavam, praticamente, sentados ombro contra ombro.

— Todos os interessados estão presentes? — perguntou o juiz. À volta de todas as meses as cabeças acenaram afirmativamente. — Preciso de identificar todos — acrescentou ele estendendo a mão para alguns papéis. — A primeira petição foi apresentada por Rex Phelan.

Antes que as palavras fossem apreendidas por todos os presentes, Hark Gettys já se pusera de pé, aclarando a garganta. — Meritíssimo, eu sou Hark

Gettys — informou numa voz retumbante na direcção da mesa do juiz — e represento os interesses do senhor Rex Phelan. — Muito obrigado. Pode permanecer sentado.

Fez uma ronda a todas as mesas e, metodicamente, tomou apontamento do nome dos herdeiros e dos respectivos advogados. De todos os advogados. Os repórteres tomavam nota tão depressa quanto o juiz. Ao todo eram seis herdeiros e três ex-mulheres. Encontravam-se todos presentes na sala de tribunal.

— Vinte e dois advogados — disse Wycliff entredentes para si próprio.

— Tem o testamento consigo, doutor Stafford? — perguntou o juiz. — Tenho — respondeu Josh, segurando uma outra pasta de cartolina. — Quer fazer o favor de se dirigir ao banco das testemunhas? Josh contornou as mesas, passando pelo estenógrafo do tribunal e dirigindo-se para o banco das testemunhas.

— Está aqui em representação de Troy Phelan? — perguntou Wycliff.

— Fui eu quem o representou. Durante um determinado número de anos.

— Elaborou algum testamento a seu pedido?

— Elaborei vários.

— Elaborou o seu último testamento? Fez-se uma pausa que cada vez se tornava mais longa, fazendo com que os Phelan se aproximassem mais uns dos outros. — Não, não elaborei — respondeu Josh com lentidão observando os abutres. As palavras haviam sido proferidas num tom suave, mas cortaram o ar como se fossem trovões. Os advogados da família Phelan reagiram com muito mais celeridade do que os herdeiros, vários dos quais não sabiam bem como interpretar o que ouviram. Contudo, era algo de grave e inesperado. Em redor das mesas abateu-se outra camada de tensão. O silêncio que reinava na sala de tribunal acentuou-se ainda mais.

— Quem é que preparou as últimas vontades e o testamento do senhor Phelan? — inquiriu Wycliff, qual actor de fraca qualidade a ler um argumento. — O próprio senhor Phelan — replicou Stafford.

Aquilo não correspondia à verdade. Tinham visto o velho sentado à mesa rodeado pelos advogados e por três psiquiatras — Zadel, Flowe e Theishen — directamente do lado oposto da mesa. Fora declarado como estando mentalmente são sem mais delongas, e segundos depois agarrara num testamento composto por muitas páginas, preparado por Stafford e um dos seus associados, declarando que era seu, após o que o assinou. Quanto a este aspecto não havia nada a pôr em causa.

— Oh, meu Deus! — exclamou Hark Gettys numa voz entrecortada,

embora suficientemente elevada para todos poderem ouvir. — Quando é que ele o assinou? — perguntou Wycliff. — Momentos antes de ter saltado para a morte. — Foi escrito à mão? — Foi — confirmou Stafford. — Ele assinou-o na sua presença? — Assinou. Além de que estavam presentes outras testemunhas. A assinatura também ficou registada em vídeo. — Faça o favor de me entregar esse testamento.

Com gestos deliberados, Josh retirou apenas um sobrescrito da pasta de cartolina, passando-o para as mãos de Sua Excelência. Tinha um aspecto tremendamente pequeno. Não havia qualquer maneira de poder conter linguagem suficiente para proporcionar aos Phelan aquilo que por direito lhes pertencia. — O que raio é isto? — perguntou Troy Júnior numa voz sibilada ao advogado mais próximo de si. Mas este não sabia como lhe responder.

O sobrescrito continha apenas uma folha de papel amarelo com linhas. Wycliff retirou-a com lentidão, dando oportunidade a todos de a verem, e com cuidado começou a desdobrá-la, após o que a examinou por um momento.

O pânico apoderou-se dos Phelan, mas não havia nada que pudessem fazer. Teriam eles sido lixados pelo velho uma última vez? Estaria o dinheiro a escapar-se-lhes das mãos? Talvez ele tivesse mudado de ideias deixando-lhes ainda mais do que pensavam. À volta das mesas acotovelaram e tocaram nos seus advogados, os quais se haviam remetido a um mutismo extraordinário.

Wycliff pigarreou aproximando-se um pouco mais do microfone. — Nas minhas mãos tenho um documento composto por uma página que passa por ser um testamento escrito pelo punho de Troy Phelan. Vou passar a lê-lo em toda a sua inteireza.

«O último testamento de Troy L. Phelan. Eu, Troy L. Phelan, de posse de todas as minhas faculdades mentais, venho por este meio anular irrevogavelmente todos os anteriores testamentos e codicilos elaborados a meu pedido, passando a dispor dos meus bens como se segue: Aos meus filhos, Troy Phelan Júnior, Rex Phelan, Libbigail Jeter, Mary Ross Jackman, Geena Strong e Ramble Phelan, lego a cada um deles o montante em dinheiro necessário para saldar todas as suas dívidas até à data de hoje. Quaisquer dívidas em que possam incorrer depois da data atrás mencionada não serão abrangidas por esta disposição testamentária. Se qualquer dos herdeiros atrás referidos tentar contestar a validade deste testamento, então essa dádiva será definitivamente anulada no que respeita a esse herdeiro.» Até mesmo Ramble ouviu as palavras sem dificuldade em compreendê-las. Geena e Cody começaram a chorar de mansinho. Rex inclinou-se para a frente com os cotovelos apoiados sobre a

mesa, ocultando o rosto nas mãos; a sua mente estava entorpecida. Libbigail olhou para Bright por cima da cabeça de Spike. — O grande filho da puta. — Foram as palavras viperinas que lhe saíram da boca.

Spike concordou. Mary Ross cobriu os olhos enquanto o seu advogado lhe afagava um joelho. O marido afagava o outro. Somente Troy Júnior é que conseguiu afivelar uma expressão que nada demonstrava, mas não foi capaz de a manter por muito mais tempo. Mas ainda lhes estavam reservadas mais desgraças. Wycliff não terminara.

«Às minhas ex-mulheres, Lillian, Janie e Tira não deixo nada. Aquando do divórcio, elas foram adequadamente contempladas em termos financeiros.» Naquele momento, Lillian, Janie e Tira perguntavam a si mesmas o que diabo é que tinham ido fazer àquela sala de tribunal. Teriam elas realmente esperado vir a receber mais dinheiro de um homem que odiavam? Sentiram os olhares dos presentes focados em si, tentando esconder-se entre os seus advogados. Os repórteres e jornalistas exibiam uma frivolidade espantosa. Desejavam tomar apontamentos, mas tinham receio de deixar escapar uma única palavra. Alguns mostravam sorrisos idiotas, era mais forte do que eles.

«O remanescente da minha herança reverterá a favor da minha filha Rachel Lane, nascida a dois de Novembro de mil novecentos e cinquenta e quatro, no Hospital Católico da Louisiana, em Nova Orleães, a qual foi dada à luz por uma mulher de nome Evelyn Cunningham, presentemente falecida.» Wycliff fez uma pausa, embora não o fizesse para obter um efeito mais dramático. Faltando-lhe apenas ler dois parágrafos pouco extensos, o estrago já fora feito. Os onze mil milhões de dólaresjá haviam sido legados a uma herdeira de nascimento ilegítimo de quem ele nunca ouvira falar. Os Phelan defronte de si sentiam que haviam sido espoliados. Não podia evitar olhar para eles.

«Nomeio o meu advogado de confiança, Joshua Stafford, para exercer a função de testamenteiro deste testamento, conferindo-lhe plenos poderes discricionários na administração do mesmo.» Por momentos, tinham-se esquecido da existência de Josh. Todavia, ali estava ele, no banco, qual testemunha inocente de um acidente de viação; começaram a olhá-lo com uma expressão de fúria que reflectia tanto ódio quanto conseguiam reunir. Até que ponto é que ele tivera conhecimento daquele último testamento? Seria ele um conspirador? Certamente que ele teria podido tomar alguma medida que impedisse aquilo.

Josh esforçou-se por manter uma expressão impassível.

«Este documento é um documento holografado. Todas as palavras foram

escritas pelo meu punho e passo a assiná-lo.» — Wycliff baixou o documento, acrescentando: — Este testamento foi assinado por Troy L. Phelan às quinze horas do dia nove de Dezembro de mil novecentos e noventa e seis. Pousou o testamento e percorreu com o olhar todos os presentes, concentrando-se no epicentro. O terramoto estava a chegar ao fim, chegara a hora das réplicas do abalo sísmico. Os Phelan mantinham-se acabrunhados nos seus lugares, alguns esfregavam os olhos e as frontes, enquanto outros olhavam fixamente e com frenesi para as paredes. De momento, os vinte e dois advogados haviam perdido a capacidade de falar.

Os choques percorreram as filas de espectadores, entre os quais, estranhamente, se viam alguns sorrisos. Ah, eram os meios de comunicação social, subitamente desejosos de abandonarem a sala a toda a velocidade, a fim de começarem a escrever os seus artigos. Amber chorava convulsivamente, de forma a que todos ouvissem, até que acabou por se recompor. Encontrara-se com Troy Phelan apenas numa ocasião, altura em que ele lhe fizera uma proposta ordinária. O seu desgosto não se devia à perda de um ente amado. Geena chorava de mansinho, tal como fazia Mary Ross. Libbigail e Spike optaram por praguejar.

— Não se preocupem — dizia Bright dando-lhes a impressão de que poderia remediar aquela injustiça numa questão de dias. Biff olhava enfurecida para Troy Júnior; as sementes do divórcio estavam a ser lançadas à terra. Desde o suicídio do pai que ele se mostrara particularmente arrogante e condescendente para com ela. Por razões mais do que óbvias ela tolerara aquele comportamento, mas isso acabara-se. Era com satisfação que se mantinha na expectativa da primeira discussão, que certamente teria lugar apenas a alguns metros de distância das portas da sala do tribunal.

Também haviam sido semeadas outras sementes. Para os advogados de sentimentos embotados, a surpresa foi recebida, absorvida e instintivamente repelida, tal como um pato sacode a água das suas penas. Estavam prestes a ficar ricos. Os seus clientes haviam contraído dívidas excessivas sem qualquer alívio à vista. A única alternativa que lhes restava era contestar a validade do testamento. Os processos de litigação arrastar-se-iam ferozmente por muitos anos.

— Para quando é que está a prever a homologação do testamento?

— perguntou Wycliff a Josh.

— Dentro de uma semana.

— De acordo. Pode abandonar o banco das testemunhas. Josh regressou ao seu lugar com uma expressão de triunfo, enquanto os demais advogados

remexiam nos seus papéis, fingindo que tudo estava a correr da melhor maneira.
— A sessão está encerrada.

DEZANOVE

Verificaram-se três discussões no corredor logo depois do encerramento da sessão. Felizmente, nenhuma delas envolveu os Phelan em confronto com outros membros da sua família. Essas disputas teriam lugar posteriormente.

Havia uma multidão de repórteres que aguardava às portas do tribunal, ao mesmo tempo que os Phelan eram consolados no interior pelos respectivos advogados. Troy Júnior foi o primeiro a sair, tendo sido imediatamente rodeado por uma alcateia de lobos, vários destes empunhando microfones numa posição de ataque. Para começar, ele estava de ressaca, e agora que se sentia mais pobre em quinhentos milhões de dólares, não estava com disposição nenhuma para falar sobre o seu pai.

— Ficou surpreendido? — perguntou um idiota qualquer falando por detrás de um microfone.

— Pode apostar que sim — ripostou ele tentando atravessar aquele mar de gente. — Quem é Rachel Lane? — perguntou um outro.

— Calculo que seja a minha meia-irmã — respondeu com brusquidão. Um rapazinho magricela com uns olhos que reflectiam estupidez e uma pele num estado miserável parou mesmo em frente de Troy metendo-lhe um gravador mesmo à frente do rosto. — Quantos filhos ilegítimos é que o seu pai teve? — perguntou. Num gesto instintivo, Troy Júnior empurrou o gravador na direcção do rapaz. Foi embater-lhe com grande impacto mesmo acima do nariz, e enquanto ele tombava de costas Troy Júnior desferiu-lhe uma poderosa esquerda contra o ouvido que o fez cair por terra. No meio da confusão que se gerou, um dos delegados empurrou Troy Júnior noutra direcção e ambos se puseram rapidamente em debandada.

Por seu lado, Ramble escarrou num outro repórter, que teve de ser contido por um colega que lhe recordou que o miúdo era de menor idade.

A terceira escaramuça teve lugar quando Libbigail, que continuava a chorar, tropeçou num cabo eléctrico, tombando para cima de um repórter que também caiu. Ouviram-se gritos e imprecações e, quando o repórter conseguiu pôr-se de gatas, esforçando-se por se levantar, Spike deu-lhe um pontapé nas costelas. O homem soltou um guincho e voltou a cair esparramado. Quando

tentava pôr-se de pé outra vez, um dos pés prendeu-se na orla do vestido de Libbigail, que não hesitou em dar-lhe uma bofetada, pelo sim pelo não. Spike estava prestes a desancá-lo quando um dos delegados interveio mesmo a tempo.

Os delegados puseram fim a todas aquelas escaramuças, tomando sempre o partido dos Phelan em detrimento dos repórteres. Ajudaram a conduzir apressadamente os herdeiros assediados e seus advogados pelas escadas abaixo, atravessando o átrio e transpondo a porta do edifício.

O advogado Grit, que representava Mary Ross Phelan Jackman, sentiu-se avassalado com a visão de um número tão grande de repórteres. A primeira emenda da constituição assenhoreou-se da sua mente, pelo menos na compreensão rudimentar que tinha dela, o que o levou a sentir-se compelido a falar livremente. Com o braço por cima do ombro da sua cliente, que tão conturbada estava, e com uma expressão sinistra, ofereceu a reacção de ambos perante a perplexidade daquele testamento. Era obviamente obra de um homem demente. De que outra maneira é que se poderia justificar deixar uma fortuna de tal dimensão a uma herdeira desconhecida? A sua cliente adorava o pai, tendo-lhe dedicado um profundo amor, venerara-o; enquanto Grit continuava a expressar-se incoerentemente acerca do incomensurável amor que existira entre pai e filha, ao fim de algum tempo, Mary Ross compreendeu a deixa começando a chorar. O próprio Grit parecia estar à beira das lágrimas. Sim, lutariam pelos direitos da sua cliente. Empenhar-se-iam em combater aquela grave injustiça junto do supremo tribunal. Por que motivo? Porque aquilo não era obra do Troy Phelan que haviam conhecido. Paz à sua alma. Ele amara os seus filhos, que lhe tinham retribuído esse amor. O laço que os unira era de uma força indestrutível, forjado através de tragédias e situações adversas. Lutariam porque o pai que tanto amavam não estava em si quando garatujou aquele testamento chocante.

Josh Stafford não tinha grande pressa de deixar o tribunal. Com serenidade, falou com Hark Gettys e alguns dos advogados sentados a outras mesas. Prometeu enviar-lhes cópias daquele hediondo testamento. Inicialmente, as coisas decorreram com cordialidade, mas pouco depois as hostilidades começaram a crescer. Um repórter que ele conhecia do Post aguardava no átrio, e Josh teve de passar dez minutos a conversar com ele sem lhe ter dito nada de substancial. O aspecto que despertava mais interesse era Rachel Lane; os seus antecedentes e paradeiro. Fizeram-lhe uma série de perguntas, no entanto, Josh não tinha resposta nenhuma a dar-lhes. Seguramente que Nate haveria de a encontrar antes de qualquer outra pessoa.

A história foi crescendo. Passou da sala de tribunal para as ondas

emissoras das mais recentes engenhocas utilizadas pelos sistemas de telecomunicações e equipamento de alta tecnologia. Os repórteres não perderam tempo a utilizar os seus telemóveis, microcomputadores e pagers, falando sem pensar no que diziam. Os mais importantes meios de comunicação começaram a difundir as notícias vinte minutos após o encerramento da sessão, e meia hora mais tarde, o primeiro canal televisivo, que transmitia noticiários vinte e quatro horas sobre vinte e quatro, interrompeu a transmissão de boletins noticiosos repetidos em série para passar a transmitir em directo os comentários do seu repórter, em frente à câmara, no exterior do tribunal. — Daqui apresentamos algumas notícias de pasmar... — começou ele a dizer, iniciando a narração da história cingindo-se, na sua maior parte, à veracidade dos factos.

Sentado ao fundo da sala do tribunal encontrava-se Pat Solomon, a última pessoa seleccionada por Troy Phelan para gerir o Grupo Phelan. Desempenhara a função de administrador durante seis anos, seis anos muito lucrativos em que nunca lhe acontecera nenhuma adversidade digna de menção.

Abandonou o tribunal sem ter sido reconhecido por qualquer repórter. Afastando-se do edifício, sentado no assento traseiro de uma limusina, Solomon tentava analisar a última bomba lançada pelo velho Troy. Não se sentia chocado com a atitude dele. Depois de ter trabalhado com Troy durante vinte anos não havia nada que pudesse surpreendê-lo. A reacção dos idiotas dos filhos e dos seus advogados era bastante reconfortante. Tinha havido uma ocasião em que Solomon fora incumbido da tarefa impossível de descobrir, dentro da companhia, uma função que Troy Júnior pudesse desempenhar sem causar uma quebra nos lucros trimestrais. Fora um verdadeiro pesadelo. Mimado, imaturo, mal-educado e carecendo de todas as capacidades básicas de gestão, Troy Júnior gerira de maneira calamitosa toda uma divisão de minérios antes de Solomon ter tido luz verde, vinda do topo, para o despedir. Alguns anos mais tarde, verificara-se um episódio similar com Rex na procura da aprovação e do dinheiro do pai. No fim, Rex intercedera junto de Troy Phelan para que este despedisse Solomon.

As mulheres e os outros filhos tinham interferido ao longo dos anos, mas Troy mantivera-se firme. A sua vida particular era um fiasco, contudo não permitia que nada pudesse prejudicar a companhia que tanto amava.

Solomon e Troy nunca tinham mantido uma relação íntima. De facto, ninguém, talvez com a excepção de Josh Stafford, alguma vez conseguira tornar-se num confidente do magnata. A parada de louras havia, evidentemente, partilhado das intimidades óbvias, mas Troy nunca tivera amigos. E à medida

que se fechava mais em si mesmo, declinando mental e fisicamente, aqueles que geriam a empresa murmuravam por vezes entre si sobre quem é que passaria a deter o título de propriedade da empresa. Com certeza que Troy não a deixaria aos filhos.

Não o fizera. Pelo menos não fizera seus herdeiros aqueles que seria de esperar.

O conselho de administração aguardava no décimo quarto andar, na mesma sala de reuniões onde Troy apresentara o testamento, antes de se ter despenhado da varanda abaixo. Solomon descreveu o que se tinha passado na sala do tribunal, e a sua narrativa bastante colorida tinha alguns aspectos bem-humorados. A hipótese de os herdeiros virem a assumir o controlo causara grande mal-estar entre os membros do conselho. Troy Júnior dera a conhecer que ele e os seus irmãos eram detentores do número de votos suficientes para lhes garantir a maioria, planeando fazer uma limpeza geral e começar a mostrar lucros a sério.

Os demais membros do conselho de administração queriam saber de Janie, a ex-mulher número dois. Trabalhara na empresa como secretária até ter sido promovida a amante, e a seguir a esposa; depois de ter atingido o topo, mostrara-se particularmente abusiva para com muitos dos funcionários da empresa. Troy proibira-a de entrar na sede.

— Quando saiu do tribunal ia a chorar — disse Solomon cheio de satisfação.

— E quanto a Rex? — perguntou um dos directores, o chefe do departamento financeiro que em tempos fora despedido por Rex num elevador.

— Um rapaz que não se mostrou muito feliz. Não sei se sabem que ele está sob investigação policial.

Continuaram a falar sobre a maior parte dos filhos de Troy Phelan e de todas as mulheres, o que imprimiu um cunho de festividade à reunião.

— Contei vinte e dois advogados — continuou Solomon com um sorriso. — Uma cambada bem tristonha.

Uma vez que se tratava de uma reunião informal do conselho de administração, a ausência de Josh era inconsequente. O director do departamento jurídico declarou que o testamento, ao fim e ao cabo, fora um rasgo de sorte.

Só tinham de se preocupar com uma herdeira desconhecida, em vez de terem de lidar com seis idiotas.

— Alguém faz alguma ideia de quem é esta mulher? — Nenhuma — respondeu Solomon. — Talvez Josh saiba. Ao fim da tarde, Josh fora forçado a

sair do seu gabinete, retirando-se para uma pequena biblioteca na cave do seu edifício. A sua secretária parara de contar as mensagens telefónicas quando chegou ao número cento e vinte. Desde o fim da manhã que o vestíbulo da entrada principal estava apinhado de repórteres. Josh deixara instruções estritas a todas as secretárias para que ninguém o importunasse durante uma hora. Portanto, quando bateram à porta sentiu-se especialmente incomodado. — Quem é? — gritou através da porta.

— É uma emergência, doutor Stafford — respondeu uma das secretárias.

— Entre.

A cabeça dela espreitou apenas o suficiente para poder olhar para o rosto do advogado dizendo: — É o doutor O'Riley — Josh parou de massajar as têmporas, chegando ao ponto de sorrir. Olhou em redor, recordando-se que ali não havia telefones. A secretária deu dois passos e colocou um aparelho portátil na mesa, após o que desapareceu. — Nate — disse Josh falando para o bucal.

— És tu, Josh? — retorquiu Nate. O som era excelente mas as palavras eram um pouco arranhadas. Todavia, a recepção era melhor do que a maior parte dos aparelhos instalados em automóveis.

— Sim, ouves-me bem, Nate?

— Ouço.

— Onde é que estás? — Estou a ligar-te através do telefone-satélite, à popa do meu pequeno iate enquanto navegamos pelo rio Paraguai. Consegues ouvir-me? — Sim, em boas condições. Estás bem, Nate? — Sinto-me às mil maravilhas, estou a divertir-me à grande, só temos um pequeno problema com o barco.

— Que espécie de problema?

— Bem, o propulsor foi apanhado por uma corda perdida e o motor foi-se abaixo. A minha tripulação está a tentar soltar a corda. Estou a supervisionar os trabalhos.

— Pela tua voz pareces estar óptimo.

— Trata-se de uma aventura, não é verdade, Josh? — Claro que sim. Já descobriste algum sinal da rapariga? — Nem pensar nisso. Na melhor das hipóteses, estamos à distância de dois dias e agora flutuamos de marcha à ré. Não tenho a certeza de que alguma vez cheguemos ao nosso destino.

— Tens de chegar, Nate. Esta manhã procedeu-se à leitura do testamento na sala do tribunal à porta aberta. Dentro em pouco, todo o mundo andará à procura de Rachel Lane.

— No teu lugar, eu não me preocuparia com isso. Ela está em segurança.

— Quem me dera estar junto de ti.

A extremidade de uma nuvem enfraqueceu o sinal.

— O que é que disseste? — perguntou Nate num tom de voz mais alto. — Nada. Isso quer dizer que vais estar com ela dentro de dois dias, certo? — Se a sorte estiver do nosso lado. O barco nunca pára, navegamos vinte e quatro horas por dia, mas temos de seguir rio acima e estamos na estação das chuvas, o que significa que os rios estão cheios e as correntes são fortes. Além do mais, não temos a certeza absoluta quanto ao local para onde deveremos seguir. Dois dias é uma estimativa demasiado optimista, partindo do princípio de que vamos conseguir pôr o raio do propulsor em boas condições de funcionamento.

— Isso quer dizer que as condições climatéricas não são as melhores — redarguiu Josh um pouco distraidamente. Não havia muito que pudessem discutir. Nate estava vivo e bem, continuando a deslocar-se na direcção geral do alvo.

— Está um calor infernal e chove cinco vezes ao dia. Para além disso, é uma maravilha.

— Já encontraste alguma cobra? — Umas duas. Anacondas mais compridas do que o barco. Montes de crocodilos. Ratos tão grandes que mais parecem cães. Chamam-lhes capivaras. Vivem nas margens dos rios entre os crocodilos, e quando esta gente sente fome suficiente matam-nos e comem-nos. — Mas tu tens comida suficiente, não é verdade? — Oh, sim. As nossas provisões são feijão-preto e arroz branco. Welly cozinha-os para eu comer três vezes ao dia. Nate articulava as palavras com clareza num timbre pleno de aventura. — Quem é esse Welly? — O meu marinheiro. Neste momento, está debaixo do barco a uma profundidade de mais de três metros e meio, sustendo a respiração enquanto corta a corda que se emaranhou no propulsor. Tal como te disse, estou a supervisionar.

— Mantém-te fora de água, Nate — advertiu Josh.

— Estás a brincar? Estou no convés superior. Tenho de desligar. Estou a gastar energia e ainda não arranjei uma maneira de recarregar o acumulador. — Quando é que tencionas telefonar de novo? — Vou tentar esperar até depois de encontrar a nossa Rachel Lane. — Boa ideia. Mas não hesites em ligar se tiveres algum problema. — Problema? Por que motivo é que eu haveria de te telefonar, Josh? Não há uma única coisa no mundo que tu possas fazer, Josh. — Tens razão. Não telefones.

VINTE

O temporal desencadeou-se ao crepúsculo, na altura em que Welly cozia arroz na cozinha e Jevy observava as águas do rio a escurecerem. O vento despertou Nate, uma rajada súbita e ululante sacudiu a rede espreguiçadeira, fazendo com que ele se levantasse de um salto. Seguiram-se os relâmpagos e os trovões. Aproximou-se de Jevy olhando para norte, para uma mancha vasta de uma negridão de pez.

— Uma grande tempestade — disse Jevy, mostrando-se indiferente. «Não deveríamos estacionar esta coisa?», perguntou Nate a si próprio. «Pelo menos, ir para águas mais baixas?» Jevy dava a impressão de não sentir a mínima preocupação; por vezes, a sua indiferença era reconfortante. Quando a chuva começou a abater-se, Nate desceu para comer o seu arroz com feijão. Comeu em silêncio, com Welly a um canto da cabina. A lâmpada acima da sua cabeça oscilava pela acção do vento que balouçava a embarcação. Os vidros das janelas eram açoitados por pesadas gotas de chuva.

Na ponte, Jevy vestiu um poncho de oleado amarelo manchado de óleo, enfrentando a chuva que lhe zurzia as faces. A exígua casa do leme não tinha janelas. Os dois projectores tentavam iluminar o caminho através das trevas, embora não revelassem muito mais de quinze metros de águas revoltas que se agitavam à frente da embarcação. Jevy conhecia bem o curso do rio, tendo enfrentado outros temporais mais severos.

Era difícil ler com o barco em desequilíbrio. Após alguns minutos de leitura, Nate começou a sentir-se enjoado. No seu saco, encontrou um poncho com capuz que lhe dava pelo joelho. Josh pensara em tudo. Agarrando-se às amuradas, começou lentamente a subir as escadas onde Welly se sentava, encharcado, junto da casa do leme.

O curso do rio desviava-se para oriente, em direcção ao coração do Pantanal, e quando viraram o vento açoitou o costado do navio. O barco balouçou, arremessando Nate e Welly violentamente contra a amurada.

Jevy firmou-se na porta da casa do leme, com os braços grossos que lhe permitiam manter-se ali sem perder o controlo dos seus movimentos.

As rajadas de vento e chuva eram impiedosas e sucessivas, separadas por

apenas alguns segundos; o Santa Loura parou, deixando de navegar rio acima. A tempestade empurrou-o para terra. Agora as bátegas de chuva eram intensas e frias, abatendo-se com inclemência sobre os três homens. Jevy desencantou uma lanterna comprida numa caixa ao lado da casa do leme, entregando-a a Welly.

— Vê se encontras a margem! — gritou ele numa voz que se esforçava por se fazer ouvir acima da chuva pesada e do ulular do vento. Nate agarrava-se à amurada, seguindo Welly, uma vez que queria ver para onde é que se dirigiam. Mas o feixe de luz só iluminava as bátegas de chuva, uma pluviosidade tão cerrada que parecia uma parede de nevoeiro a rodopiar sobre as águas do rio. Foi então que os relâmpagos vieram em sua ajuda. Fez-se um clarão que lhes permitiu ver a vegetação densa e escura na margem, não muito distante. O vento empurrava-os naquela direcção. Welly gritou e Jevy respondeu-lhe qualquer coisa aos berros, no preciso momento em que outra rajada de vento açoitou a embarcação, fazendo com que adernasse violentamente para estibordo. O solavanco súbito fez com que Welly largasse a lanterna; viram-na desaparecer nas águas tumultuosas.

Agachado no passadiço, agarrando-se firmemente à amurada, encharcado e a tremer, ocorreu a Nate que uma de duas coisas estava prestes a acontecer e nenhuma delas estava sob o controlo de qualquer deles. Primeiro, o barco poderia capotar. Caso isso não acontecesse, estavam à beira de serem empurrados para a margem do rio, onde os esperava um atoleiro cheio de répteis. Sentiu-se ligeiramente receoso até que os papéis lhe ocorreram à mente. Quaisquer que fossem as circunstâncias, Nate não poderia dar-se ao luxo de perder aqueles documentos. Num movimento brusco, pôs-se de pé no preciso momento em que a embarcação adernava de novo, o que fez com que quase fosse impelido pela borda fora por cima da amurada.

— Tenho de ir lá abaixo! — gritou a Jevy que se agarrava ao leme. O comandante também se sentia assustado.

De costas voltadas para o vento, Nate desceu pelos degraus de tábuas. O tombadilho estava escorregadio devido ao gasóleo derramado. Um dos bidões tinha tombado e vertia. Tentou pô-lo direito, mas compreendeu que seriam necessários dois homens para o levantar. Baixou a cabeça entrando na cabina, despiu o poncho que lançou para um canto e foi buscar a pasta que colocara debaixo do beliche. O vento continuava a agitar o barco com violência.

Apanhou-o desprevenido sem estar agarrado a nada. Embateu violentamente contra a parede ficando de pernas para o ar. Foi então que Nate compreendeu que existiam duas coisas que não poderia perder. Primeiro, os

papéis; e segundo, o telefone-satélite. Ambos estavam dentro da pasta, nova e de boa qualidade, mas que não era impermeável. Agarrou-a bem junto do peito, deitando-se no seu beliche enquanto o Santa Loura enfrentava a borrasca.

A agitação cessou. Esperava que Jevy tivesse desligado o motor. Ouvia os passos dos dois brasileiros mesmo acima de si. «Estamos prestes a atingir a margem», pensou Nate. «É preferível que o propulsor não esteja em funcionamento.» Certamente que não estariam com problemas no motor.

As luzes foram-se abaixo. A escuridão era total. Deitado às escuras, balouçando por força da agitação das águas, aguardando que o Santa Loura embatesse contra a margem, Nate teve um pensamento horrível. Na hipótese de ela se recusar a assinar a validação do testamento ou a renunciar por escrito ao seu direito ao espólio, era muito possível que fosse necessário regressar ao Pantanal. Dali a muitos meses, talvez mesmo anos, haveria alguém, talvez ele próprio, que seria forçado a navegar de novo pelo Paraguai a fim de informar a missionária mais rica do mundo de que as coisas estavam finalizadas, e que ela podia tomar posse do dinheiro que herdara.

Lera algures que os missionários tiravam licenças — longos períodos de tempo em que não trabalhavam, regressando aos Estados Unidos com a finalidade de recarregarem as energias. Por que não haveria Rachel de tirar uma licença, ou até mesmo voltar para os Estados Unidos com ele, permanecendo na sua terra natal durante o tempo suficiente para que a confusão que o pai tinha arranjado fosse deslindada? Por onze mil milhões de dólares, aquilo parecia ser o mínimo que ela poderia fazer. Tencionara sugerir-lhe aquela hipótese, isto é, se alguma vez conseguisse encontrá-la. Deu-se uma colisão e Nate foi arremessado ao chão. Tinham chegado ao mato.

O Santa Loura tinha o fundo chato, tendo sido construído, à semelhança de todas as embarcações que navegavam pelo Pantanal, de forma a poderem encalhar nos baixios e a colidir com toda a espécie de destroços sem sofrer danos de maior. Depois de a tempestade ter amainado, Jevy ligou o motor e durante meia hora fez marcha à ré, após o que se fez à proa várias vezes, manobras que lhe permitiram desencalhar a embarcação, atolada na areia e no lodo, a pouco e pouco. Depois de se libertarem, Welly e Nate limparam os tombadilhos de toda a espécie de vegetação.

Inspeccionaram o barco procurando novos passageiros, mas não encontraram quaisquer serpentes ou jacarés. Durante uma pausa rápida para um café, Jevy contou um episódio que lhe acontecera havia vários anos, de uma anaconda que conseguira entrar a bordo. Tinha atacado um membro da

tripulação que na altura estava a dormir.

Nate disse-lhe que não estava particularmente interessado em histórias de serpentes. Fez uma busca cuidadosa levando o tempo que foi necessário.

Pouco depois, as nuvens desapareceram dando lugar a uma meia-lua magnífica acima do rio. Welly preparou uma cafeteira de café. No rescaldo da violência do temporal, o Pantanal parecia determinado em manter-se absolutamente plácido. A superfície do rio estava tão suave como um espelho. A Lua orientava-os, desaparecendo quando acompanhavam as partes mais sinuosas do rio, mas sempre presente quando voltavam a navegar para norte.

Porque Nate naquele momento já se sentia um tanto abrasileirado, deixara de usar relógio. A passagem do tempo era irrelevante. Já era tarde, provavelmente meia-noite. Haviam sofrido as inclemências da chuva durante quatro horas.

Dormiu algumas horas na rede espreguiçadeira, despertando logo após a aurora. Encontrou Jevy a ressonar no seu beliche, na cabina exígua por detrás da casa do leme. Welly estava ao leme, ele próprio meio a dormir. Nate disse-lhe que fosse buscar um café, colocando-se ao leme do Santa Loura.

As nuvens haviam retornado, apesar de não se verem indícios de chuva. O rio estava pejado de folhagem e troncos em resultado da tempestade da noite anterior. O curso das águas era amplo, não havendo mais tráfego fluvial, por conseguinte, Nate, assumindo a navegação, disse a Welly que se deitasse na rede para descansar um pouco, enquanto ele ficava ao leme.

Aquela situação ganhava aos pontos a qualquer sala de tribunal. De tronco nu, descalço e bebendo café bem adoçado enquanto comandava uma expedição rumo ao coração do maior pântano do mundo. Nos seus dias de glória, estaria a dirigir-se apressadamente para um julgamento algures, ocupando-se de dez assuntos ao mesmo tempo, qual malabarista, com telefones a saírem-lhe de todas as algibeiras. Não sentia realmente saudades desse frenesi; nenhum advogado que estivesse bom da cabeça sentiria a falta das salas de tribunal. Mas Nate nunca o admitiria.

A embarcação navegava praticamente por si própria. Com os binóculos de Jevy, mantinha-se atento às margens procurando jacarés, cobras e capivaras. Também começou a contar os tuiuiús, aves pernaltas do Brasil, brancas e com a cabeça vermelha, que se haviam tornado no símbolo do Pantanal. Avistou um bando de doze em cima de um banco de areia. Mantiveram-se imóveis, atentas à passagem do barco. O comandante e a sua tripulação sonolenta navegaram rumo ao norte, ao mesmo tempo que o firmamento adquiria um tom alaranjado,

anunciando o início de um novo dia. Seguiam cada vez mais para o interior do Pantanal, incertos quanto ao lugar para onde aquela viagem os levaria.

VINTE E UM

O coordenador das Missões da América do Sul era uma mulher chamada Neva Collier. Nascera num igloo na Terra Nova, onde os progenitores haviam trabalhado durante muitos anos entre os nativos inuit. Ela própria passara onze anos a trabalhar nas montanhas da Nova Guiné, pelo que tinha conhecimento, em primeira mão, dos desafios e dificuldades por que passavam as cerca de novecentas pessoas cujas actividades coordenava. Era a única pessoa que sabia que Rachel Porter em tempos fora Rachel Lane, a filha ilegítima de Troy Phelan. Depois de se ter licenciado em Medicina, Rachel mudara de nome, num esforço para apagar tanto do seu passado quanto lhe fosse possível. Não tinha família; tanto o pai como a mãe adoptiva tinham falecido. Tão-pouco tinha irmãos ou irmãs. Nem tias, tios, primos, ou primas. Pelo menos familiares de que tivesse conhecimento. Só tivera Troy Phelan, a quem quisera remover, desesperadamente, da sua vida. Depois de ter frequentado o seminário da organização Tribos Universais, Rachel confiara os seus segredos a Neva Collier.

A hierarquia superior da Tribos Universais tinha conhecimento de que Rachel guardava alguns segredos, apesar do seu passado não constituir obstáculo ao seu desejo fervoroso de servir Deus. Ela tirara o curso de Medicina e também possuía uma licenciatura do seminário. Era pois uma serva humilde e dedicada de Cristo, ansiosa por começar a fazer o trabalho missionário de campo. Prometeram-lhe que nunca divulgariam fosse o que fosse a seu respeito, no que se incluía o local exacto onde desempenhava as suas funções na América do Sul.

Sentada no seu pequeno gabinete, muito arrumado, em Houston, Neva lia o relato extraordinário da leitura do testamento do senhor Phelan. Desde o suicídio que acompanhara atentamente o desenrolar da história.

As comunicações com Rachel eram um processo bastante moroso. Trocavam correspondência duas vezes por ano, em Março e em Agosto, e geralmente Rachel telefonava uma vez por ano de um telefone público em Corumbá, quando se ia abastecer de provisões. Neva falara com ela no ano anterior. A última licença que Rachel gozara tinha sido em 1992. Decorridas seis semanas desistira, optando por regressar ao Pantanal. Nessa ocasião, confiara a Neva que não sentia o mínimo interesse em visitar os Estados Unidos. O seu lar

não era ali. Rachel pertencia à terra natal da sua gente. A ajuizar pelos comentários de um advogado, transcritos num artigo da imprensa, o assunto estava muito longe de vir a ser resolvido. Neva pôs de lado os jornais que estivera a ler, decidindo que esperaria. Na altura apropriada, quando quer que isso fosse, informaria o seu conselho de direcção da verdadeira identidade de Rachel.

Tinha a esperança de que esse momento nunca se concretizasse. No entanto, como é que uma pessoa poderia ocultar onze mil milhões de dólares? Na verdade, ninguém esperava que os advogados estivessem de acordo quanto ao local onde deveriam reunir-se. Cada uma das firmas insistia em ser ela a escolher. O facto de terem concordado em se encontrar com um aviso prévio tão curto era por si só um feito de proporções monumentais.

Por conseguinte, optaram por se reunir num hotel, o Ritz, em Tysons Comer, num salão de banquetes onde as mesas foram apressadamente agrupadas formando um rectângulo perfeito. Por fim, quando a porta foi fechada, havia cerca de cinquenta pessoas no salão, uma vez que todas as firmas se sentiram na obrigação de se fazerem representar por associados suplementares, assistentes jurídicos e até mesmo secretárias para impressionarem as demais.

A tensão era quase visível. Nenhum dos Phelan se encontrava presente, apenas as suas equipas de homens de lei. Coube a Hark Gettys abrir a sessão, tendo tido a atitude sensata de dizer uma piada com bastante graça. A exemplo do bom humor numa sala de tribunal, onde as pessoas se sentem ansiosas e sem esperarem o mínimo sentido de humor, os risos que se seguiram foram saudáveis e bastante sonoros. Gettys sugeriu que se pedisse a todos em redor da mesa que nomeassem um advogado de cada equipa de representantes dos herdeiros que transmitiria à assembleia o que a respectiva equipa pensava. Ele seria o último. Alguém levantou uma objecção. — Quem são exactamente os herdeiros? — Os seis filhos Phelan — respondeu Hark. — E quanto às três mulheres? — Elas não são herdeiras. São ex-mulheres.

Esta definição não agradou nada aos advogados das mulheres, e depois de uma discussão acalorada ameaçaram abandonar a reunião. Alguém sugeriu que, em qualquer dos casos, lhes fosse permitido expressar as suas opiniões, o que resolveu momentaneamente o problema.

Grit, o litigante espalhafatoso que Mary Ross Phelan Jackman e o marido contrataram, pôs-se de pé, apresentando uma moção de guerra.

— Não nos resta outra alternativa para além de procedermos à impugnação da validade do testamento — disse ele. — Foi exercida uma

influência perniciosa, pelo que temos de provar que o velho estava maluco. Que diabo, ele deu um salto para a morte. Para além de ter deixado uma das maiores fortunas do mundo a uma herdeira qualquer desconhecida. Na minha opinião, isto só pode ser o acto de um homem louco. Podemos contratar psiquiatras que atestarão isso mesmo.

— E quanto aos três que o examinaram antes de ele ter saltado? — gritou alguém do outro lado da mesa.

— Isso foi uma estupidez — ripostou Grit numa voz rosnada. — Foi tudo uma cilada e vocês caíram nela.

Aquelas palavras aborreceram Hark e os outros advogados que haviam concordado com o exame mental.

— Esse comentário mostra uma visão das coisas sob um prisma retrospectivo — atalhou Yancy, o que abrandou momentaneamente o ímpeto de Grit.

A equipa jurídica de Geena e Cody Strong era encabeçada por uma mulher chamada Langhorne, alta e corpulenta, envergando um fato saia e casaco Armani. Outrora, leccionara na Universidade de Georgetown; sempre que se dirigia a um grupo de pessoas, fazia-o com o ar de quem sabia tudo. Ponto um: Existiam somente dois fundamentos para que se pudesse impugnar um testamento na Virgínia — influência perniciosa e falta de capacidades mentais. Levando em consideração que ninguém conhecia Rachel Lane, era seguro pressupor que ela mantivera poucos, ou nenhuns, contactos com Troy Phelan. Consequentemente, seria muito difícil, senão impossível, provar que alguém exercera sobre ele uma influência perniciosa quando elaborou o último testamento. Ponto dois: A falta de capacidade testamentária era a única esperança que lhes restava. Ponto três: Era melhor esquecer qualquer alegação de fraude. Sem dúvida que ele os iludira com pretextos falsos para que o exame mental se efectuasse, mas nenhum testamento poderia ser posto em causa com fundamento num acto fraudulento. Um contrato, sim, um testamento, não. A sua equipajá levara a cabo um trabalho de pesquisa, coligindo os casos que estavam na sua posse, caso alguém estivesse interessado.

Ela apresentava os seus argumentos com base num resumo breve mas extraordinariamente bem preparado. Era apoiada por nada menos do que seis advogados da sua firma, que se mantinham agrupados atrás de si.

Ponto quatro: Seria muito difícil atacar o exame mental. Ela vira o vídeo. Muito provavelmente perderiam a guerra, mas poderiam ao menos ser pagos pela batalha. A conclusão de Langhorne: Que contestassem a validade do

testamento por todos os meios ao seu alcance, na esperança de conseguirem obter um acordo lucrativo feito à margem do tribunal.

A dissertação da advogada durou dez minutos, tendo coberto poucos aspectos novos. Foi tolerada sem qualquer interrupção devido ao facto de ser mulher, além de que a sua lógica era cristalina. Wally Bright, o da escola nocturna, foi o orador seguinte e, num acentuado contraste com a doutora Langhorne, o homem enfureceu-se e zangou-se em face das injustiças em geral. Não trouxera nada preparado — nenhum sumário ou apontamentos, nem sequer alguns pensamentos coordenados sobre o que diria a seguir; tudo resumido, não passava de um fala-barato de ânimos exaltados que se deixava levar sempre pelos ímpetos do momento. Dois dos advogados de Lillian levantaram-se ao mesmo tempo, dando a impressão de que estavam ligados à altura da anca. Ambos usavam fatos pretos e tinham uma tez pálida, característica dos defensores públicos que só muito raramente viam o Sol. Um deles começava as frases, que eram terminadas pelo outro. Um deles fazia uma pergunta de retórica para a qual o outro tinha uma resposta pronta. Um dos dois mencionou um processo, o outro tirou-o de dentro da pasta. A equipa siamesa mostrou-se, em certa medida, eficiente, tendo repetido de maneira sucinta tudo o que já fora dito. Com bastante rapidez, começou a chegar-se a um consenso generalizado. Lutar porque (a) havia pouco a perder, (b) não lhes restava qualquer outra alternativa, e (c) era a única maneira de forçar um acordo monetário. Isto para não mencionar que (d) seriam remunerados principescamente, à hora, pela luta que travariam em tribunal.

Yancy mostrou-se particularmente insistente, exortando os colegas a recorrerem a um processo de litigação. Tinha toda a razão para o fazer. Ramble era o único herdeiro menor, pelo que não tinha quaisquer dívidas significativas. O fideicomisso, que lhe pagaria cinco milhões de dólares quando fizesse vinte e um anos de idade, fora estabelecido há várias décadas, não podendo ser revogado. Com cinco milhões garantidos, Ramble encontrava-se numa situação financeira bastante mais invejável do que qualquer dos irmãos. Sem ter nada a perder, por que não haveria ele de instaurar um processo para receber mais? Decorreu uma hora antes que alguém mencionasse a cláusula de exclusão constante do testamento. Os herdeiros, com a exclusão de Ramble, corriam o risco, na hipótese de contestarem a validade do testamento, de vir a perder o pouco que Troy Phelan lhes deixara. Os advogados limitaram-se a aflorar esta questão de forma superficial. Já tinham decidido impugnar o testamento, sabendo de antemão que os seus gananciosos clientes seguiriam os conselhos

que lhes dessem.

Mas havia muita coisa que não era dita. Para começar, o processo de litigação seria um fardo enorme. A medida mais sensata, e mais eficiente em termos de custos, seria seleccionar uma firma com experiência que actuasse na qualidade de conselheiro-chefe em julgamento. Os outros poderiam permanecer nos bastidores, continuando a proteger os interesses dos seus clientes, mantendo-se sempre ao corrente do desenrolar da situação. Esta estratégia exigiria dois elementos: (1) cooperação e (2) uma restrição voluntária da maior parte dos egocentrismos presentes naquele salão.

Estes aspectos nunca foram mencionados ao longo da reunião, que se prolongou por três horas.

Embora tal não tivesse acontecido devido a qualquer grande esquema da lavra dos advogados — os esquemas exigem cooperação -, eles conseguiram dividir os herdeiros de forma a que não houvesse sequer dois a partilhar os serviços da mesma firma. Por meio de uma manipulação habilidosa, que não é ensinada na Faculdade de Direito, mas que é adquirida naturalmente depois de concluído o curso, aqueles advogados tinham convencido os respectivos clientes a passarem mais tempo a conversar com eles do que com os seus co-herdeiros. A confiança não era uma virtude conhecida entre os Phelan, nem tão-pouco entre os seus advogados. Aquele caso estava a adquirir os contornos de um processo litigioso prolongado e caótico.

Não se ouviu uma única voz corajosa que se atrevesse a sugerir que não tocassem no testamento. Ninguém mostrava o mais pequeno interesse em acatar as últimas vontades do homem que efectivamente ganhara aquela fortuna, que agora conspiravam com o objectivo de desmembrar.

Durante a terceira ou quarta ronda a todos o que se sentavam à volta da mesa, foi feito um esforço no sentido de se determinar a extensão das dívidas em que cada um dos seis herdeiros havia incorrido aquando da morte do senhor Phelan. Mas esse esforço fracassou sob uma barragem jurídica de ninharias. — As dívidas dos cônjuges também estão incluídas? — perguntou Hark, o advogado de Rex, cuja mulher, Amber, a stripper, era proprietária dos clubes de má nota, pelo que o seu nome constava da maior parte das dívidas.

— E em relação às dívidas para com o IRS? — inquiriu o advogado de Troy Júnior, sabedor de que este tinha problemas de impostos que remontavam a quinze anos.

— Os meus clientes não me autorizaram a divulgar informações de carácter financeiro — disse Langhorne que, com aquela lúgubre declaração,

esfriou eficazmente o assunto.

A relutância confirmou o que todos os presentes sabiam — os herdeiros Phelan estavam empenhados até à ponta dos cabelos, enterrados em empréstimos e hipotecas.

Todos os advogados, sendo o que eram, tinham uma profunda preocupação com a publicidade, a maneira como a sua actuação seria retratada pelos meios de comunicação social. Os seus clientes não eram, pura e simplesmente, uma cambada de filhos vorazes e estragados que haviam sido eliminados do espólio do pai. Não obstante, receavam que a imprensa os retratasse nesses moldes. As percepções eram elementos cruciais.

— Sugiro que contratemos os serviços de uma empresa de relações públicas — alvitrou Hark. Era uma ideia magnífica, uma de que vários dos seus colegas se assenhorearam, imediatamente, como se tivesse partido deles. Contratar profissionais que pintassem os herdeiros Phelan com as cores de filhos de coração desfeito, que haviam amado um homem que lhes dedicara pouquíssimo do seu tempo. Um excêntrico, namoradeiro, meio louco... Sim! Era isso mesmo! Pois que se pintasse Troy Phelan com as cores do mau da fita. E que fizessem os seus clientes parecerem vítimas! A ideia floresceu e a ficção expandiu-se com todo o entusiasmo em redor da mesa, até que alguém perguntou se eles tinham a mais pequena noção de como é que iriam pagar esses serviços.
— Essas firmas são tremendamente dispendiosas — adiantou um dos advogados, que por acaso cobrava seiscentos dólares à hora pelos seus serviços, e quatrocentos, também à hora, por cada um dos seus três associados absolutamente inúteis.

Não tardou muito que a ideia perdesse o seu atractivo inicial, até que Hark avançou com uma sugestão inaceitável: todas as firmas envolvidas adiantariam algum dinheiro para as primeiras despesas. A assembleia ficou, de repente, incrivelmente silenciosa. Aqueles que até há pouco tinham tanta coisa a dizer sobre tudo e mais alguma coisa, agora mostravam-se embrenhados na linguagem técnica de memorandos e causas antigas. — Podemos discutir este assunto mais tarde — sugeriu Hark numa tentativa para salvar a face. Não lhe restava a mínima dúvida de que o assunto nunca mais voltaria a ser abordado.

Em seguida, começaram a discutir Rachel; os advogados interrogavam-se sobre o seu paradeiro. Deveriam eles contratar uma das firmas de investigações, topo de gama, que fosse capaz de a localizar? A ideia parecia ser bastante atraente, tendo recebido mais atenção do que merecia. Qual seria o advogado que não almejava representar a herdeira escolhida? Mas acabaram por decidir

que não procurariam Rachel, essencialmente porque não foram capazes de chegar a acordo quanto ao que fariam caso a encontrassem.

Não tardaria muito que ela se desse a conhecer, e com certeza que estaria rodeada pela sua própria comitiva de advogados. A reunião foi encerrada com uma nota agradável. Os advogados proporcionaram a si mesmos o desfecho que mais desejavam. Saíram do salão com planos de telefonarem de imediato aos respectivos clientes, a fim de lhes darem a conhecer, muito orgulhosos, os progressos que haviam sido feitos. Podiam dizer, inequivocamente, que fora a sabedoria combinada de todos os advogados dos Phelan a ditar que o testamento deveria ser impugnado com toda a veemência.

VINTE E DOIS

As águas do rio subiram regularmente ao longo do dia e, lentamente, em algumas áreas, começaram a estender-se além da margem, tragando bancos de areia, cobrindo o mato cerrado e inundando os pequenos quintais lamacentos das casas por onde eles passavam a intervalos de três horas. O número de destroços no rio era cada vez maior — ervas e vegetação, troncos e árvores de pequeno porte. À medida que o curso do rio se alargava, as águas eram mais fortes e as correntes com que o barco se deparava abrandavam ainda mais a velocidade de navegação. Mas ninguém olhava para o relógio. Com toda a cortesia, Nate fora aliviado das responsabilidades de responsável pelo leme depois de o Santa Loura ter sofrido a colisão de um tronco mais caprichoso, em que ele nem sequer reparara. A embarcação não sofreu danos nenhuns, mas o solavanco fez com que Jevy e Welly corressem disparados para a casa do leme. Nate regressou ao seu pequeno convés, com a rede espreguiçadeira estendida a toda a largura, onde passou o resto da manhã a ler e a observar a vida selvagem.

Jevy juntou-se-lhe para tomarem uma chávena de café. — O que é que pensas do Pantanal? — perguntou. Sentaram-se num banco corrido com os braços através das grades da amurada e os pés suspensos da extremidade do tombadilho. — Tem uma paisagem magnífica. — Conheces o Colorado? — perguntou Jevy.

— Sim, já lá estive.

— Durante a estação das chuvas, os rios do Pantanal transbordam do leito. A área que fica inundada é do tamanho do Colorado.

— Já alguma vez estiveste nesse estado?

— Sim. Tenho um primo que vive lá.

— Onde mais é que estiveste? — Há três anos, o meu primo e eu percorremos, numa camioneta da Greyhound, quase todos os estados da América do Norte. Só nos faltou visitar seis.

Jevy era um rapaz de vinte e quatro anos, um brasileiro pobre. Nate tinha o dobro da sua idade e durante grande parte da sua carreira sempre dispusera de bastante dinheiro. E, contudo, Jevy já conhecia muito mais dos Estados Unidos do que ele. O que não era de admirar, uma vez que, sempre que o dinheiro

abundava, Nate optara por viajar para a Europa. Os seus restaurantes preferidos eram em Roma e Paris.

— Quando as cheias baixam — continuou Jevy -, temos a estação seca. Pastagens, brejos, mais lagoas e pântanos do que é possível contar. Este ciclo — as inundações e a estação seca — produz mais vida animal do que em qualquer outro lugar do mundo. Temos seiscentas e cinquenta espécies de aves, mais do que o Canadá e os Estados Unidos juntos. No mínimo, duzentas e sessenta espécies piscícolas. Serpentes, caimões, crocodilos, até mesmo lontras gigantescas vivem nesta água.

Como se a cena houvesse sido encenada, Jevy apontou para um arvoredo na extremidade de uma pequena floresta. — Olha, um veado — disse. — Temos muitos veados. Assim como inúmeros jaguares, papa-formigas gigantes, capivaras, tapires e araras. O pantanal está repleto de vida selvagem. — Nasceste aqui? — perguntou Nate.

— A primeira vez que respirei foi num hospital em Corumbá, mas nasci nestes rios. A minha terra natal é aqui.

— Recordo-me de me teres dito que o teu pai era um barqueiro do rio.

— Sim. Quando eu ainda era apenas um garoto, comecei a acompanhá-lo. Às primeiras horas da manhã, ainda toda a gente dormia, às vezes ele deixava-me ir ao leme. Quando fiz dez anos, já conhecia todos os rios principais. — E ele morreu no rio? — Não neste, mas no Taquiri, mais para oriente. Seguia ao leme de uma embarcação onde seguiam turistas alemães quando se desencadeou um temporal. O único sobrevivente foi um marinheiro. — Quando é que isso aconteceu? — Há cinco anos.

Na qualidade de advogado habituado a defender causas em tribunal, Nate tinha muitas mais perguntas que desejaria ter feito. Gostaria de se ter inteirado de todos os pormenores — são as minúcias que ganham processos litigiosos em tribunal.

— Lamento muito — limitou-se a dizer deixando que o assunto morresse.

— Há gente que pretende destruir o Pantanal — adiantou Jevy. — Quem? — Muitas pessoas. Grandes empresas proprietárias de explorações imensas. Para norte e leste do Pantanal estão a desbravar grandes porções de terras, que darão lugar a explorações agrícolas. A principal colheita é a soja. Querem exportá-la. Quanto mais florestas eles desbravarem, mais enxurradas atingirão a região do Pantanal. Todos os anos, a camada sedimentar se acumula no leito dos nossos rios. O solo que arroteiam não é de boa qualidade para a agricultura, o que leva essas empresas a abusar das pulverizações e dos fertilizantes, produtos que lhes

permitam ter boas colheitas. Para nós ficam as substâncias químicas. Muitas dessas grandes fazendas constróem diques nos rios, com a finalidade de possuírem mais terras de pastagem. O que altera o ciclo das cheias. Além de que o mercúrio está a dizimar os nossos peixes. — Como é que o mercúrio vai parar às águas? — Através da mineração. No Norte, eles procuram ouro, o que faz com que o mercúrio escorra para os rios e, posteriormente, acabe por vir desaguar no Pantanal. Os peixes ficam contaminados e acabam por morrer. Tudo e mais alguma coisa é despejado no Pantanal. Cuiabá é uma cidade com um milhão de habitantes, situada a oriente. Não tem um sistema de tratamento de águas. Adivinhe para onde é que os esgotos vão.

— E o governo não faz nada para alterar essa situação'? — perguntou Nate.

— Não — respondeu Jevy que, a custo, soltou uma risada de azedume.

— Já ouviste falar da Hidrovia?

— Não.

— Trata-se de uma vala enorme que será escavada através do Pantanal. Supostamente, ligará o Brasil, a Bolívia, o Paraguai, a Argentina e o Uruguai. É suposto salvar a América do Sul. Mas o certo é que esse empreendimento drenará o Pantanal. E o nosso próprio governo está a apoiar esse projecto.

Nate esteve prestes a dizer algo que o mostrasse consciente das responsabilidades ambientais, mas recordou-se atempadamente de que os seus próprios concidadãos eram os maiores prevaricadores, em termos energéticos, que o mundo alguma vez vira. — Mas isso não impede que continue a ser uma região de grande beleza — optou ele por dizer.

— De facto é. — Jevy acabou de beber o seu café. — Por vezes penso que a minha única esperança é o facto de ser demasiado vasta para eles poderem destruí-la.

Passaram por uma enseada estreita que dava entrada a mais água no rio Paraguai. Uma pequena manada de veados atravessou a vau as terras inundadas, mordiscando as trepadeiras verdejantes, completamente abstraídos dos sons que vinham do rio. Sete veados, dois dos quais eram crias de pelagem malhada.

— A poucas horas de distância existe um pequeno posto comercial — disse Jevy pondo-se de pé. — Devemos chegar lá antes de escurecer. — O que é que vamos comprar? — perguntou Nate.

— Nada, calculo eu. O proprietário chama-se Fernando e costuma manter-se a par de tudo o que se passa no rio. É possível que tenha ouvido dizer qualquer coisa acerca dos missionários. Jevy despejou para o rio o café que lhe

sobrou na chávena distendendo os braços.

— Às vezes ele tem cerveja para vender. Nate manteve o olhar na água.

— Não me parece que devêssemos comprar nenhuma — acrescentou Jevy, afastando-se.

«No que me diz respeito não vejo qualquer inconveniente nisso», pensou Nate. Bebeu o café todo, engolindo as borras e o açúcar do fundo.

Uma garrafa bem fria de vidro castanho, talvez uma Brahma ou Antárctica, as duas marcas brasileiras que já provara. Eram cervejas de excelente qualidade. Na sua juventude, um dos seus poisos preferidos tinha sido um bar frequentado por universitários, próximo de Georgetown, cuja ementa listava cento e vinte marcas estrangeiras de cerveja. Nate experimentara todas. Costumavam servir amendoins torrados em pequenas cestas, esperando-se que os clientes atirassem as cascas para o chão. Quando os seus amigalhaços da Faculdade de Direito iam à cidade, encontravam-se sempre nesse bar, onde recordavam os bons velhos tempos. A cerveja era gelada; os amendoins salgados servidos ainda quentes; as cascas estalavam quando se pisava o soalho e as raparigas eram jovens e sem inibições. Dava a impressão que aquele bar estivera no mesmo lugar desde sempre, e durante cada um dos intervalos entre a desintoxicação e a sobriedade era aquele o bar de que Nate sentia mais saudades.

Começou a transpirar, apesar de o sol se manter oculto e de soprar uma brisa fresca. Aninhou-se mais na rede rezando para que o sono viesse, um estado de coma profundo que os levasse pela noite adentro, afastando-os do pequeno estabelecimento. A transpiração acentuou-se até sentir a camisa encharcada. Começou a ler um livro cujo tema era a extinção dos povos indígenas do Brasil, tentando adormecer de novo.

Estava completamente desperto quando as rotações do motor começaram a diminuir e o barco iniciou as manobras de atracagem. Ouviu várias vozes e sentiu um solavanco suave quando acostaram ao ancoradouro do posto comercial. Com movimentos lentos, Nate levantou-se da rede, regressando ao banco corrido onde se sentou. Era uma espécie de estabelecimento rural, construído sobre estacas — uma construção muito pequena de tábuas de madeira sem pintura, com um telhado de chapa ondulada e um alpendre estreito, onde, como seria de esperar, se viam dois residentes da localidade sentados a descansar, fumando cigarros e bebendo chá mate. Nas traseiras, a loja era circundada por um pequeno afluente que desaparecia no Pantanal. Preso a uma das paredes, havia um bidão de combustível bastante grande.

Também se via um molhe muito periclitante onde as embarcações

atracavam. Jevy e Welly saíram para o ancoradouro, com cuidado, porque as correntes eram fortes. Deram dois dedos de conversa com os pantaneiros sentados no alpendre antes de transporem a porta que se mantinha aberta.

Nate jurara a si mesmo que ficaria no barco. Dirigiu-se para o outro lado do convés sentando-se no banco oposto, e enfiando os braços e as pernas através das barras da amurada, admirando a amplitude das águas que corriam. Tencionava manter-se no tombadilho, sentado no banco corrido, com os braços e pernas presos entre as barras da amurada. A cerveja mais gelada do mundo não conseguiria arrancá-lo dali.

Tal como aprendera à sua custa, as visitas abreviadas no Brasil eram inexistentes. Especialmente nas margens do rio, onde os visitantes eram coisa rara. Jevy comprou mais ou menos cento e quinze litros de gasóleo para substituir o combustível que se perdera durante a tempestade. Nate começou a ouvir o barulho do motor a funcionar.

— O Fernando diz que há uma mulher missionária. Trabalha junto dos índios. — Jevy ofereceu-lhe uma garrafa de água gelada. Já tinham recomeçado a navegar.

— Onde? — Ele não tem bem a certeza. Existem algumas povoações mais para o norte, próximo da Bolívia. Mas os indígenas não se deslocam através do rio, pelo que ele não sabe muita coisa acerca deles. — A que distância fica o povoado mais próximo? — De manhã já deveremos estar perto. Mas não podemos ir neste barco. Temos de prosseguir no bote.

— Até pode ser que seja divertido.

— Estás lembrado do Marco, o agricultor, aquele da vaca que matámos no acidente com o nosso avião? — Claro que sim. Tinha três filhos pequenos.

— Sim. Ele ontem esteve aqui — acrescentou Jevy apontando para o pequeno estabelecimento, que desaparecia com o dobrar de uma curva do rio. — Costuma ir à loja uma vez por mês. — Os garotos estavam com ele? — Não. É demasiado perigoso.

Que mundo tão pequeno. Nate esperava que os rapazinhos tivessem gasto o dinheiro que lhes oferecera no Natal. Ficou a olhar para a loja até esta desaparecer do seu ângulo de visão. Talvez no caminho de regresso já estivesse suficientemente bem para poder tomar uma cerveja bem gelada. Só umas duas, para celebrar o êxito da expedição. Voltou à segurança da sua espreguiçadeira amaldiçoando-se pela sua fraqueza. Na vastidão desértica daquele pântano gigantesco tivera um quase encontro com o álcool, e durante várias horas os seus pensamentos haviam sido consumidos por esse desejo, incapaz de pensar em

mais nada. A expectativa, o medo, os suores e as maquinações para encontrar uma maneira de poder tomar uma bebida. Em seguida, a quase cedência ao desejo, a fuga por meio da sua própria força de vontade, e agora, no rescaldo, a fantasia de poder renovar o seu romance com o álcool. Umas quantas bebidas não constituiriam o mínimo problema, dado que seria capaz de parar. Aquela era a mentira preferida de Nate.

Não passava de um bêbedo inveterado. Podiam interná-lo numa clínica de desintoxicação das mais luxuosas, com uma diária de mil dólares, que não seria isso que o impediria de continuar a ser um viciado. Que o obrigassem a assistir às reuniões dos Alcoólicos Anónimos, na cave de uma igreja qualquer, às terças-feiras à noite não era isso que o impediria de continuar a ser um bêbedo.

A percepção de que os seus vícios se mantinham bem arreigados no seu íntimo fez com que Nate se sentisse desesperado. Era ele quem custeava o diabo do barco; Jevy trabalhava para si. Caso ele insistisse em que invertessem a marcha, seguindo direitinhos de volta ao estabelecimento, era o que fariam. Tinha meios para poder comprar toda a cerveja que Fernando tivesse em armazém, carregando-a com gelo debaixo do convés, bebendo Brahma durante todo o trajecto até à Bolívia. E não havia rigorosamente nada que alguém pudesse fazer para impedir isso.

Como se fosse uma miragem, Welly surgiu com um sorriso nos lábios e uma chávena de café acabado de fazer.

— Vou cozinhar — disse ele.

A comida ajudaria um pouco, pensou Nate. Até mesmo uma outra travessa de feijão-preto, arroz branco e galinha cozida.

A comida satisfaria os seus gostos, pelo menos serviria para lhe desviar o pensamento de outros desejos.

Comeu devagar, instalado no tombadilho superior, sozinho no escuro, enxotando os mosquitos gordos que esvoaçavam junto do seu rosto. Depois de ter acabado a refeição, espalhou o repelente em aerossol desde o pescoço até aos pés descalços. A crise já terminara, sentindo apenas ligeiras réplicas que se recusavam a abandoná-lo. Já não saboreava a cerveja nem cheirava a fragrância dos amendoins torrados, esquecera-se do seu bar preferido. Recolheu ao seu santuário. Recomeçara a chover, uma chuvinha tranquila sem vento nem trovoada. Josh também lhe enviara quatro livros para leitura recreativa. Todas as súmulas e memorandos já haviam sido lidos e relidos. Não tinha mais nada para ler, além daqueles livros. Já lera metade do menos espesso. Instalou-se bem fundo na rede retomando a leitura da história triste dos povos indígenas do

Brasil.

Quando o descobridor português Pedro Álvares Cabral pisou pela primeira vez solo brasileiro, em Abril de mil e quinhentos, na costa da Baía, o país tinha cinco milhões de índios espalhados por novecentas tribos de povos indígenas. Nessa época, falavam mil cento e setenta e cinco dialectos, e com a excepção das costumeiras escaramuças tribais, eram povos pacíficos. Após cinco séculos em que os nativos foram «civilizados» pelos europeus, a população índia tinha sido dizimada. Haviam sobrevivido apenas duzentos e setenta mil, em duzentas e seis tribos, onde se falavam cento e setenta dialectos. As guerras coloniais, o assassínio, a escravidão, as perdas territoriais e as doenças eram os responsáveis — as culturas, ditas civilizadas, não tinham negligenciado nenhum método que pudesse exterminar os índios.

Era um historial doentio e de grande violência. Se os povos nativos eram pacíficos e tentavam cooperar com as potências colonizadoras, ficavam sujeitos a estranhas doenças — sarampo, varíola, febre amarela, gripe e tuberculose — para as quais o seu organismo não possuía as mínimas defesas naturais. Caso não cooperassem, eram chacinados por homens que empunhavam armas mais sofisticadas do que as flechas e as lanças com ponta envenenada. Sempre que os índios lhes davam luta, matando os seus atacantes, eram marcados com ferros em brasa com a marca de escravos. Eram escravizados pelos mineiros, rancheiros e barões da borracha. Eram banidos da terra natal dos seus ancestrais por qualquer grupo que tivesse armas suficientes.

Eram queimados vivos depois de terem sido amarrados a postes pelos padres, perseguidos por exércitos e bandos de bandidos, violados por qualquer homem robusto com apetites sexuais vorazes e chacinados com a maior das impunidades. Em todas as épocas da história, quer estas tenham sido relevantes ou insignificantes, sempre que os interesses dos nativos brasileiros entrassem em conflito com os dos brancos, os índios saíam a perder. Quando se perde sempre ao longo de quinhentos anos, espera-se muito pouco da vida. O maior problema com que se defrontavam algumas tribos dos tempos modernos era a elevada percentagem de suicídios entre a sua gente mais jovem.

Depois de séculos de genocídio, o governo brasileiro decidira, finalmente, que tinha chegado a hora de proteger os seus «bons selvagens». Os massacres ocorridos nos nossos dias tinham merecido a condenação internacional, razão pela qual se instituíram burocracias e se promulgaram leis. Com uma fanfarra farisaica, foram devolvidas aos nativos algumas terras tribais e traçadas linhas nos mapas topográficos do governo, delimitando áreas declaradas como zonas de

segurança.

Contudo, o governo também era o inimigo. Em 1967, uma investigação feita à secretaria responsável pelos assuntos índios deixou a maior parte dos brasileiros em estado de choque. O relatório revelou que alguns agentes, especuladores de terras e rancheiros — arruaceiros que ou trabalhavam para essa secretaria de Estado, ou eram por ela beneficiados -, tinham vindo a utilizar sistematicamente substâncias químicas e armas bacteriológicas com o fito de eliminarem os índios da face da Terra. Distribuíam aos nativos vestuário contaminado com o vírus da varíola e o bacilo da tuberculose. Recorriam a aviões e helicópteros para disseminarem as bactérias mortíferas, espalhando-as pelas terras e populações índias.

Na bacia do Amazonas e outras fronteiras, os rancheiros e os mineiros preocupavam-se pouco com o traçado dos mapas. Em 1986, um rancheiro da Rondónia utilizou pulverizadores de sementeiras para pulverizar com químicos letais as terras próximas dos territórios dos índios. Pretendia cultivar aquela área, mas primeiro tinha de eliminar os seus habitantes. Morreram trinta índios; o rancheiro nunca chegou a ser indiciado. Em 1989, um outro rancheiro em Mato Grosso ofereceu recompensas a caçadores de cabeças que lhe trouxessem orelhas de nativos assassinados. Em 1993, os mineiros de ouro em Manaus atacaram uma tribo pacífica porque os nativos se recusavam a abandonar as suas terras. Foram assassinados treze índios; nunca ninguém chegou a ser preso.

Na década de 90, o governo procurou abrir agressivamente a bacia do Amazonas, uma região de vastos recursos naturais a norte do Pantanal. Mas os nativos continuavam a ser um empecilho. A maior parte dos que restavam vivia na bacia; de facto, estimava-se que cinquenta tribos da selva tinham tido a sorte de escapar até então aos contactos com a civilização.

Agora, a civilização preparava-se para os atacar de novo. Os abusos de que os índios eram vítimas cresciam entre os mineiros, madeireiros e rancheiros, que penetravam cada vez mais no interior da Amazónia, agindo com o beneplácito do governo. Aquele relato era fascinante, ainda que deprimente. Nate embrenhou-se na leitura durante quatro horas consecutivas, tendo acabado de ler o livro.

Quando terminou, dirigiu-se para a casa do leme, onde tomou um café na companhia de Jevy. A chuva parara de cair. — Achas que conseguiremos chegar lá de manhã? — perguntou Nate. — Creio que sim.

As luzes da embarcação reflectiam-se sobre a superfície das águas, que se agitavam suavemente, para cima e para baixo, ao sabor da corrente. Parecia que

mal se deslocavam. -Nas tuas veias corre algum sangue índio? — perguntou Nate depois de alguma hesitação. Aquele era um assunto do foro mais íntimo de qualquer pessoa, uma questão que nos Estados Unidos ninguém se atreveria a abordar. Jevy sorriu sem afastar o olhar do rio.

— Todos nós temos sangue índio. Por que é que perguntas?

— Tenho estado a ler a história dos índios do Brasil.

— E qual é a tua opinião?

— É bastante trágica.

— De facto é. Pensas que os nativos têm sido maltratados neste país?

— Claro que sim.

— E no teu país? — redarguiu Jevy.

Por qualquer razão que lhe escapava, o general Custer foi o primeiro que lhe ocorreu ao pensamento. Pelo menos os índios norte-americanos tinham conseguido obter algumas vitórias. E não tinham sido queimados vivos amarrados a postes, nem pulverizados com substâncias químicas, ou vendidos por esclavagistas. Ou tinham? E quanto às reservas índias? Por toda a parte, a terra. — Receio que a vida deles não tenha sido muito melhor — admitiu Nate sentindo-se derrotado. Era uma discussão que não desejava travar.

Após um longo silêncio, Nate desceu até à casa de banho. Quando terminou o que tinha ido fazer, puxou a corrente do autoclismo e saiu do pequeno compartimento. A água ligeiramente acastanhada do rio começou a correr dentro da sanita, escoando-se juntamente com os excrementos através de um tubo, que a enviava directamente de novo para o rio.

VINTE E TRÊS

Ainda estava escuro quando o motor do barco parou, acordando Nate. Levou a mão ao pulso esquerdo, mas recordou-se de que deixara de usar relógio. Ouvia os movimentos que Jevy e Welly faziam abaixo de si. Os dois estavam à popa da embarcação, falando em voz baixa. Nate sentia-se orgulhoso de si próprio por outra manhã em que despertava sóbrio, outro dia desintoxicado a inscrever na agenda. Seis meses atrás, todos os despertares eram uma mancha desfocada com olhos inchados, pensamentos incoerentes, como que enredados por teias de aranha, boca ressequida, sentindo na língua uma sensação de aridez, um hálito amargo e a grande pergunta diária: «Por que é que eu fiz isto?». Era frequente vomitar no chuveiro; às vezes era ele próprio que induzia o vómito para arrumar o assunto de uma vez por todas. Depois do duche, confrontava-se sempre com o dilema: o que comer ao pequeno-almoço? Algo quente e gorduroso que lhe acalmasse o estômago ou um bloody niary(1) que lhe acalmasse os nervos? Em seguida, saía para o escritório onde chegava todos os dias às oito horas, sentando-se logo à sua mesa de trabalho, dando início a outro dia brutal de litigações. Todas as manhãs. Sem excepção. Nos últimos dias da última recaída passara várias semanas sem que houvesse uma única manhã em que os seus pensamentos fossem claros. Motivado por um sentimento de desespero, tinha consultado um conselheiro, e quando este lhe perguntou se se recordava do último dia em que estivera sóbrio, Nate foi forçado a admitir que não. Sentia falta de beber, mas não das ressacas.

Entretanto, Welly puxou o bote para bombordo do Santa Loura, prendendo-o de forma a ficar bem seguro. Estavam a carregá-lo com provisões quando Nate desceu as escadas.

*1. Bebida preparada com sumo de tomate, vodka e condimentos. (N. da T.) A aventura entrava numa nova fase. Nate encontrava-se preparado para uma mudança de cenário.

O céu estava encoberto, ameaçando mais chuva. Cerca das seis horas da manhã, finalmente o Sol conseguiu atravessar as nuvens. Nate sabia porque decidira voltar a equipar-se com o relógio. O ar foi atravessado pelo cantar de um galo. Ancoraram junto de uma pequena quinta, amarrando a proa a um

tronco que em tempos servira de suporte a um embarcadouro. Para ocidente, à esquerda da embarcação, corria um rio bastante mais pequeno que desaguava no Paraguai.

O desafio que tinham pela frente era carregar o barco sem que a carga fosse excessiva. O nível das águas subira nos pequenos afluentes em que estavam prestes a navegar; as margens nem sempre seriam visíveis. Caso o bote ficasse bastante abaixo da linha de água, corriam o risco de encalhar ou, pior ainda, danificar o propulsor do motor fora de borda. O bote tinha apenas um motor sem nenhum sobressalente, estando equipado apenas com um par de remos que Nate se pôs a observar enquanto bebia um café. Concluiu que os remos cumpririam a sua missão, especialmente se fossem perseguidos por índios selvagens ou quaisquer animais esfaimados.

No centro do bote foram alinhados três pequenos bidões de combustível que continham pouco mais de onze litros.

— Esta gasolina deve durar-nos para quinze horas — explicou Jevy.

— O que é bastante tempo — comentou Nate.

— Prefiro jogar pelo seguro.

— A que distância é que fica o povoado?

— Não tenho a certeza. — Jevy apontou na direcção de uma casa.

— O agricultor que vive ali disse que o trajecto seria de quatro horas.

— Ele conhece os índios? — Não. Não gosta dos nativos. Diz que nunca os vê pelo rio. Jevy embalou uma pequena tenda, dois cobertores e dois mosquiteiros, um toldo para a entrada da tenda, dois baldes onde recolheriam água da chuva e o seu poncho. Welly acrescentou uma caixa com mantimentos e outra com água engarrafada. Sentado no beliche dentro da cabina, Nate retirou da pasta uma cópia do testamento, o documento de validação e o de renúncia de direitos juntando-os e dobrando-os, após o que os colocou dentro de um sobrescrito de tamanho nomializado. Um sobrescrito com o logotipo do Escritório de Advogados Stafford. Uma vez que a bordo não havia sacos de plástico auto-vedantes nem sacos para o lixo, Nate envolveu o sobrescrito numa tira com pouco mais de trinta centímetros que rasgou da orla do seu poncho; selou as extremidades com fita isoladora e depois de ter examinado a sua obra declarou que o seu embrulho era à prova de água. Em seguida, prendeu-o com fita colante à camisola de algodão que vestira, no sentido da largura do tórax, que cobriu com uma camisa leve de zuarte. A bordo do Santa Loura deixou cópias suplementares daqueles documentos dentro da pasta. E, dado que o barco lhe parecia ser bastante mais seguro do que o bote, decidiu que também não

levaria o telefone-satélite. Voltou a inspeccionar os papéis e o telefone, após o que fechou a pasta à chave, colocando-a no seu beliche. Pensou que aquele talvez fosse o grande dia, pensamento que não partilhou com ninguém. A perspectiva de, por fim, vir a conhecer Rachel Lane provocava-lhe uma sensação de empolgamento. O pequeno-almoço foi rápido, um simples pãozinho com manteiga que comeram de pé no convés enquanto observavam o bote mais abaixo e as nuvens no firmamento. No Brasil, quatro horas traduziam-se em seis ou oito; Nate estava ansioso por partir. A última coisa que Jevy levou para o pequeno barco foi um machete de lâmina aguçada e cintilante, com um longo cabo.

— Isto é para as anacondas — disse ele rindo-se. Nate tentou ignorar o comentário. Fez um gesto de despedida a Welly, bebeu apressadamente a sua última chávena de café, oscilando ao sabor da ondulação do rio, até que Jevy ligou o motor fora de borda. Mesmo acima da superfície das águas instalara-se um manto de neblina e o ar estava fresco. Desde que haviam saído de Corumbá, Nate observara sempre o rio a partir do convés superior, em condições de segurança; naquele momento, encontrava-se praticamente sentado na água. Olhou em seu redor avistando os coletes salva-vidas. A ondulação do rio batia contra o casco. Nate olhava com alguma desconfiança para a camada nublosa, mantendo-se atento a qualquer destroço; qualquer tronco grosso, com uma extremidade aguçada, e o bote passaria à história. Navegaram contra a corrente até entrarem na embocadura do afluente que os levaria até à aldeia dos índios. Entraram em águas bastante mais mansas. O motor fora de borda parecia gemer, deixando uma esteira de águas borbulhantes. O rio Paraguai desapareceu rapidamente.

De acordo com a carta de navegação que Jevy consultava, aquele afluente fora designado oficialmente pelo nome de Cabixa. Jevy nunca tinha navegado por aquele curso de água, uma vez que jamais tivera necessidade de o fazer. Saía do Brasil serpenteando, entrava na Bolívia, e, aparentemente, não ia dar a lugar algum. Na foz, quando muito, teria uma largura de cerca de vinte e cinco metros, estreitando-se até ficar com uma amplitude de aproximadamente quinze metros. Era neste trecho que, na altura, navegavam.

Em alguns pontos, a água transbordara do seu leito; noutros, a vegetação ao longo das margens era mais densa do que as águas do Paraguai.

Quinze minutos depois de terem começado a navegar, Nate viu as horas. Tencionava cronometrar todo o trajecto. Abrandou a velocidade do bote quando se aproximaram da primeira bifurcação, a primeira de um milhar. Outro rio do

mesmo tamanho divergia para a esquerda, pelo que o piloto da embarcação se viu face a uma decisão quanto à rota que os manteria no curso do Cabixa. Optaram por navegar pelo da direita, seguindo a uma velocidade ligeiramente mais moderada; ao fim de pouco tempo entraram numa bacia. Jevy desligou o motor.

— Temos de parar aqui — disse ele pondo-se em cima dos bidões de combustível para poder inspeccionar as águas que os circundavam, naquela altura bastante acima do nível normal. A pequena embarcação mantinha-se absolutamente imobilizada. A sua atenção foi despertada por uma fileira de árvores enfezadas e nada vicejantes. Apontou dizendo algo para si próprio. Precisamente até que ponto é que o percurso a percorrer era obra de uma estimativa era um factor que Nate não conseguia adivinhar. Jevy consultava as suas cartas de navegação, para além de ter vivido naqueles rios. Todos eles confluíam para o Paraguai. Ainda que optassem por uma rota que não os levasse até onde desejavam ir, vindo a perder-se, era inevitável que as correntes acabassem eventualmente por os levar de regresso ao ponto onde Welly ficara. Seguiram a correnteza de árvores enfezadas e os maciços de mato submerso que, na estação seca, formavam a margem, e, ao cabo de pouco tempo, foram dar ao meio de um pequeno curso de água coberto de ramos de árvores. A Nate não pareceu que aquele curso fosse o Cabixa, mas um rápido olhar ao rosto do barqueiro só revelou confiança no que este fazia.

Depois de uma hora de viagem aproximaram-se da primeira habitação — uma pequena cabana salpicada de lama com um telhado de telhas vermelhas. Estava submersa até quase à altura de um metro, não se avistando quaisquer vestígios de vida humana ou animal. Jevy reduziu a velocidade de forma a poderem falar.

— Durante a estação das cheias, há muita gente que vive no Pantanal que opta por se mudar para terras mais altas. Juntam as vacas e os filhos e partem por três meses.

— Ainda não avistei terras nenhumas a um nível mais elevado. — Não existem muitas. Mas todos os pantaneiros têm um lugar para onde ir nesta altura do ano.

— E em relação aos índios? — Também vão para outras paragens.

— Mas que maravilha! Não sabemos onde é que vivem e ainda por cima gostam de andar de um lado para o outro.

— Havemos de os encontrar — disse Jevy com uma risada bem-humorada.

Continuando no bote, aproximaram-se da cabana. Não tinha portas nem janelas. Como habitação para onde se regressasse, não era grande coisa.

Noventa minutos de viagem e Nate esquecera-se completamente da probabilidade de vir a ser comido, quando contornaram um troço sinuoso chegando perto de um grupo de crocodilos que dormiam amontoados na água com uma profundidade de pouco mais de quinze centímetros. O ruído do motor do bote sobressaltou-os, perturbando a sua sesta. As caudas zurziram a água, espargindo-a. Nate lançou um olhar fugaz ao machete, não fosse o diabo tecê-las, desatando a rir-se da sua tolice.

Os répteis não os atacaram. Olhavam para o bote que deslizava suavemente.

Ao longo dos vinte minutos seguintes não encontraram animal nenhum. O curso do rio voltou a estreitar-se. As margens mantinham-se tão unidas que as ramagens das árvores de ambos os lados se tocavam acima da superfície. Subitamente, viram-se envoltos pela escuridão. Navegavam através de uma espécie de túnel. Nate olhou para o seu relógio de pulso. O Santa Loura encontrava-se a duas horas de distância.

Enquanto seguiam pelo curso sinuoso através de brejos, avistavam intervaladamente a linha do horizonte. As montanhas da Bolívia agigantavam-se ao longe, dando a impressão de que se aproximavam cada vez mais. O leito das águas alargava-se e o arvoredo passou a ser menos denso; entraram numa bacia ampla para onde confluíam mais de uma dúzia de pequenos rios de curso sinuoso. Com lentidão, começaram a descrever um primeiro círculo, ao que se seguiu um segundo ainda mais devagar. Todos os afluentes tinham o mesmo aspecto. O Cabixa era um de entre uma dúzia de rios e o comandante não fazia a mais pequena ideia por qual é que deveria optar. Uma vez mais, Jevy colocou-se em cima dos bidões de gasolina examinando as águas transbordantes; por seu lado, Nate deixava-se ficar sentado sem fazer qualquer movimento. No outro lado da bacia, avistaram um pescador junto do matagal. O facto de terem encontrado aquele homem foi a única sorte que tiveram naquele dia. O pescador sentava-se pacientemente numa canoa de fabrico artesanal, uma pequena embarcação que fora escavada de um tronco de árvore há muito tempo.

Usava um chapéu de palha, que já vira dias melhores, que lhe ocultava grande parte do rosto. Quando já se encontravam a menos de um metro dele, suficientemente perto para poderem examiná-lo, Nate reparou que ele pescava sem a ajuda de uma cana de pesca, ainda que improvisada. Tinha uma linha enrolada à volta da mão. Jevy disse todas as coisas apropriadas à ocasião,

falando em português, oferecendo-lhe uma garrafa de água. Nate limitou-se a sorrir, ouvindo o cadenciado melodioso da maneira como os brasileiros falavam aquela língua que lhe era estranha. Era mais lenta do que o espanhol, quase tão nasalada como a língua francesa.

Se o pescador sentiu satisfação por ter visto outro ser humano no meio de nenhures, certamente que a sua fisionomia não o mostrou. Onde é que aquele pobre homem poderia viver? Foi então que os dois homens começaram a apontar numa direcção vaga, que parecia ser a das montanhas, se bem que, quando o diálogo terminou, o homenzinho já abrangia toda a extensão da bacia, bem como tudo o que a rodeava. Jevy e o pescador trocaram mais algumas palavras e Nate ficou com a impressão de que o primeiro tentava obter todas as informações que o outro lhe quisesse dar. Era possível que passassem muitas horas até que avistassem outro ser humano. Uma vez que a linha de água dos pântanos e rios estava acima do nível normal, a navegação tornara-se difícil. Após duas horas e meia de trajecto, já estavam perdidos.

Uma nuvem formada por pequenos mosquitos negros passou junto deles, o que teve o efeito de fazer com que Nate recorresse de imediato ao repelente de insectos. Com uma expressão de curiosidade, o pescador observava todos os seus movimentos. Despediram-se do homem e começaram a remar ao sabor da brisa ligeira que se fazia sentir. — A mãe dele era índia — disse Jevy.

— Que bom — retorquiu Nate que enxotava os mosquitos.

— Existe um povoado nativo que se situa a algumas horas daqui.

— A algumas horas?

— Talvez três — especificou Jevy.

Podiam contar com quinze horas de combustível e Nate tinha a intenção de contar cada um dos minutos dessas horas. Retomaram o curso do Cabixa numa enseada onde um outro rio, muito idêntico, também deixava a bacia para trás. Alargava-se, o que lhes permitiu retomar a navegação a toda a velocidade.

Nate baixou-se no fundo do bote, descobrindo um lugar entre a caixa das provisões e os dois baldes, sentando-se com as costas contra o banco.

Naquele lugar, a sua cabeça não era atingida pelos salpicos de espuma. Considerava a hipótese de passar pelas brasas quando o motor se engasgou. O bote adernou e abrandou de velocidade. Nate mantinha o olhar no rio, receoso de se voltar para trás e ver a expressão de Jevy.

Os problemas com o motor eram algo a que ainda não começara a dedicar o seu tempo. Aquela jornada já tivera a sua quota-parte de pequenos perigos. Seriam necessários vários dias a remar arduamente para conseguirem voltar para

junto de Welly. Seriam forçados a dormir no bote, comendo aquilo de que se haviam abastecido até que os alimentos se esgotassem, recolhendo a água da chuva e esperando com desespero que fossem capazes de encontrar o pescador baixito que lhes indicaria o caminho da salvação. De súbito, Nate sentiu-se aterrorizado.

Mas pouco depois recomeçavam a navegar, com o motor a funcionar como se não houvesse acontecido nada de anormal. Aquilo transformou-se numa rotina; mais ou menos de vinte em vinte minutos, precisamente quando Nate se encontrava prestes a passar pelas brasas, o funcionar estável do motor era interrompido e, acto contínuo, a proa mergulhava abaixo do nível de água. Imediatamente, Nate inspeccionava as margens do rio procurando animais selvagens. Jevy começava a praguejar em português a tentar afinar a entrada de ar e a válvula reguladora, após o que tudo recomeçaria a correr bem até dali a mais ou menos vinte minutos.

Almoçaram — queijo, bolachas de água e sal e biscoitos — ao abrigo de uma árvore junto de uma pequena confluência de cursos de água, com a chuva que caía à sua volta.

— Aquele pescador baixinho que encontrámos há pouco — começou Nate a dizer — conhece os índios? — Conhece. Mais ou menos uma vez por mês, eles vão até ao rio Paraguai, onde efectuam trocas com os comerciantes dos barcos. Ele costuma vê-los.

— Perguntou-lhe se por acaso tinha visto uma missionária?

— Perguntei. Ele disse que não. Você é o primeiro norte-americano que ele alguma vez viu.

— A sorte que ele tem! O primeiro indício da existência do povoado surgiu-lhes eram quase sete da tarde. Nate avistou uma pequena coluna de fumo azulado que se evolava acima da copa das árvores, próximo do sopé de uma colina. Jevy tinha a certeza de que se encontravam em território da Bolívia. O solo era mais elevado, para além de estarem mais próximo das montanhas. As áreas inundadas haviam ficado para trás.

Chegaram a um espaço aberto entre o arvoredo, uma clareira onde estavam duas canoas. Jevy manobrou o bote nessa direcção. Com rapidez, Nate saltou para terra, ansiando pela oportunidade de poder estender as pernas e de pisar terra firme. — Mantenha-se por perto — advertiu Jevy enquanto trocava os depósitos de combustível da embarcação. Nate fitou-o. Os seus olhares cruzaram-se e Jevy fez um sinal na direcção das árvores. Estavam a ser alvo da atenção minuciosa de um índio. Um homem de pele morena, de tronco nu, que

usava uma espécie de saia de palha que lhe pendia da cintura; à primeira vista não trazia nenhuma arma. O facto de não estar armado ajudou bastante, dado que a primeira sensação que Nate experimentou foi de terror. O indígena tinha uns cabelos negros escorridos e listras vermelhas à largura da testa e, caso empunhasse uma lança, Nate ter-se-ia rendido sem proferir a mais pequena palavra de objecção. — Achas que ele é amigável? — Estou em crer que sim. — Será que fala português? — Não sei — respondeu Jevy.

— Por que é que não vais falar com ele, assim já ficarias a saber?

— sugeriu Nate.

— Acalme-se. Jevy saiu do bote.

— Ele tem ar de canibal — acrescentou numa voz sussurrada. A tentativa de fazer humor não resultou.

Ambos deram alguns passos na direcção do índio que, por seu turno, também deu uns quantos passos encaminhando-se para os dois. Os três detiveram-se quando ainda havia uma distância mútua confortável. Nate sentiu-se tentado a erguer a palma dizendo: «Como é que vai isso?».

— Falas português? — perguntou Jevy com um sorriso de grande cordialidade.

O nativo reflectiu na pergunta, o que lhe levou bastante tempo, tornando-se por demais evidente que não falava português. Tinha um aspecto jovem, muito provavelmente ainda não teria vinte anos; por mero acaso, encontrava-se perto do rio quando ouviu o barulho do motor fora de borda do bote.

Os três homens examinavam-se mutuamente a uma distância de aproximadamente seis metros, enquanto Jevy analisava as suas opções. Entretanto, o mato por detrás do índio começou a agitar-se, deixando adivinhar a presença de algo que se mexia. Por entre as árvores, surgiram três homens da mesma tribo; felizmente, todos estavam desarmados. Constatando que os outros eram em número superior, para além de ele e Jevy estarem a invadir propriedade alheia, Nate encontrava-se disposto a começar a correr dali para fora. Os nativos não eram particularmente corpulentos, mas tinham a vantagem de se encontrar no seu próprio território. Além de que não eram gente que primasse pela cordialidade, nada de sorrisos ou de saudações.

Repentinamente, de entre as árvores, surgiu uma jovem que se colocou ao lado do primeiro índio. Também tinha uma pele escura e estava de tronco nu. Nate esforçou-se por não olhar para os seios. — Falo — disse ela.

Falando espaçadamente, Jevy explicou-lhes a razão que os levara ali, manifestando a vontade de falar com o chefe da tribo. Ela traduziu as palavras

para que os seus companheiros de tribo compreendessem, os quais, de imediato, se agruparam, começando a travar um diálogo que, a julgar pelas suas expressões, não augurava nada de bom para os visitantes.

— Alguns querem comer-nos sem mais demoras — disse Jevy em voz baixa. — Mas os outros dizem que devem esperar até amanhã. — Muito engraçado — retorquiu Nate.

Quando os nativos concluíram a sua conversa, dirigiram-se à mulher. Pouco depois, esta comunicou aos intrusos que deviam esperar junto ao rio, enquanto a notícia da sua chegada era devidamente relatada à hierarquia superior. O que convinha bastante a Nate. No entanto, Jevy mostrou-se um pouco perturbado com aquelas palavras. Perguntou se junto deles vivia alguma missionária. A nativa insistiu em que tinham de aguardar.

Entretanto, os outros índios sumiram-se entre o arvoredo.

— O que é que te parece? — perguntou Nate depois de eles terem desaparecido. Nenhum dos dois se deslocou um centímetro que fosse. Permaneceram entre as ervas que lhes davam pelo tornozelo olhando para as árvores que formavam um maciço cerrado, de onde, Nate estava certo, eram atentamente observados.

— Os estranhos pegam-lhes doenças — explicou Nate. — É por isso que se mostram tão cuidadosos.

— Eu ainda não toquei em ninguém.

Regressaram ao barco, onde Jevy começou a ocupar o seu tempo a limpar as velas de ignição. Nate despiu a camisola de algodão e a camisa, a fim de inspeccionar o conteúdo do saco improvisado à prova de água. Os documentos continuavam secos. — Esses papéis são para entregar à mulher? — perguntou Jevy.

— São — confirmou Nate. — Por quê? O que é que se passa com ela? As regras rígidas que regiam a confidencialidade entre advogado e cliente pareciam a Nate menos vinculadoras naquelas circunstâncias. Na prática, era como se fosse um caso de vida ou de morte; todavia, sentado num bote no interior do Pantanal, sem que houvesse outro norte-americano num raio de muitos quilómetros, as regras poderiam ser um tudo nada infringidas. E por que não? Com quem é que Jevy poderia partilhar o que lhe dissesse? Que mal é que poderia advir de uma pequena conversa? De acordo com as instruções que Josh dera a Valdir, este limitara-se a dizer a Jevy que havia um assunto importante, de natureza jurídica, nos Estados Unidos, que exigia que Rachel fosse encontrada.

— O pai dela morreu há algumas semanas. Deixou-lhe em herança uma

data de dinheiro.

— Quanto?

— Vários biliões. -Biliões?

— Exactamente — confirmou Nate.

— Isso quer dizer que ele era muito rico?

— Sim, era.

— Tinha mais filhos?

— Seis, penso eu — replicou Nate.

— Também lhes deixou vários biliões?

— Não. Deixou-lhes uma quantia irrisória.

— Por que motivo é que deixou tanto dinheiro só para ela?

— Ninguém sabe. Foi uma surpresa para todos.

— Ela sabe que o pai morreu?

— Não.

— Ela gostava do pai? — Duvido muito. É filha ilegítima. Tudo indica que tentou fugir dele e de tudo o mais. Não te parece? — Como que a demonstrar a sua teoria, com um gesto do braço, Nate abrangeu o Pantanal. — Sim. De facto é um óptimo lugar para alguém que pretenda esconder-se. Ele sabia onde é que a filha estava quando morreu? — Não exactamente. Sabia que era missionária e que trabalhava com os índios algures por aqui.

Jevy esquecera-se por completo da vela de ignição que tinha na mão enquanto absorvia aquelas novidades. Tinha muitas perguntas que gostaria de fazer. A quebra de sigilo por parte de um advogado ia-se alargando cada vez mais.

— Por que razão é que ele teria deixado uma fortuna dessas a uma filha que não o amava? — Talvez fosse louco. Matou-se saltando de uma varanda abaixo. Aquilo era mais do que Jevy conseguia absorver de uma só vez. Semi— cerrou os olhos fitando o rio, embrenhado nos seus pensamentos.

VINTE E QUATRO

Os índios eram da tribo dos Guató, que viviam ali desde épocas imemoriais e, à semelhança dos seus antepassados, preferiam não manter contactos com o mundo exterior. Cultivavam os seus alimentos em pequenas parcelas de terra, pescavam nos rios e caçavam com arco e flecha.

Era por demais óbvio que eram um povo determinado. Decorrida uma hora, Jevy sentiu o cheiro de fumo. Trepou a uma árvore próxima do barco; quando chegou a uma altura de cerca de doze metros começou a avistar os telhados das palhotas. Convidou Nate a reunir-se-lhe.

Há quarenta anos que Nate não subia a uma árvore, mas naquele momento não havia mais nada que pudesse fazer. Trepou com menos agilidade do que Jevy, até que finalmente descansou numa ramada frágil. Com um braço agarrava-se ao tronco.

Conseguiam ver o telhado de três palhotas — palha espessa colocada em correntezas bem alinhadas. O fumo azulado evolava-se de entre duas das palhotas, de um ponto que não conseguiam lobrigar. Seria possível que estivesse assim tão perto de Rachel Lane? Estaria ela ali naquele preciso momento ouvindo o que a sua gente lhe dizia, para depois decidir que atitude tomar? Estaria ela a pensar enviar um guerreiro da tribo que os fosse buscar ou optaria por, muito simplesmente, atravessar o arvoredo para os saudar? — É um povoado pequeno — comentou Nate, tentando não se mexer. — É provável que existam mais palhotas.

— O que é que te parece que eles estejam a fazer? — A falar. Apenas a falar — replicou Jevy.

— Pois bem, detesto tocar neste assunto, mas a verdade é que temos de fazer qualquer coisa. Deixámos o barco há oito horas e meia. Gostaria muito de poder ver o Welly antes que escureça. — Não há problema nenhum. No percurso de regresso seremos ajudados pela corrente. Além do mais, conheço bem o trajecto. Será muito mais rápido.

— Não te sentes preocupado? — perguntou Nate.

Jevy abanou a cabeça como se nem sequer lhe tivesse passado pela cabeça o pensamento de terem de navegar pelo Cabixa depois do cair da noite.

Não era o caso com Nate. O que o preocupava em especial eram as duas grandes bacias que tinham encontrado; ambas tinham vários afluentes e, à luz do dia, eram todos semelhantes. O plano de Nate limitava-se a dizer olá a Ms. Lane, contar-lhe um pouco da história, abordar os requisitos jurídicos, mostrar-lhe os documentos e responder a umas quantas perguntas básicas, conseguir a sua assinatura, apresentar-lhe os seus agradecimentos e dar o encontro por encerrado o mais depressa possível. Sentia-se preocupado com as horas e com o motor, que falhava constantemente, assim como com a viagem de regresso ao Santa Loura. O mais provável seria ela querer conversar, por outro lado, talvez não. Provavelmente, teria muito pouco a dizer. Também era possível que fosse uma mulher de poucas palavras, desejando que eles partissem para nunca mais voltarem. Já no solo, Nate instalara-se no bote com a intenção de fazer uma pequena sesta quando Jevy avistou os índios. Disse qualquer coisa apontando para um determinado ponto e Nate olhou para o arvoredo. Numa passada vagarosa, os nativos aproximavam-se da margem do rio; vinham em fila indiana atrás do chefe da tribo, o guató mais idoso que tinham visto até então. Era encorpado e tinha uma barriga avantajada, trazendo um pau comprido cuja finalidade era difícil adivinhar. Não dava a impressão de ser uma arma perigosa ou com a ponta aguçada. Junto de um dos extremos tinha um tufo de penas coloridas; Nate achou que muito provavelmente seria uma lança cerimonial.

O chefe avaliou os dois intrusos rapidamente, passando a dirigir os seus comentários a Jevy.

— Que motivo é que vos trouxe aqui? — perguntou em português. A sua expressão não era cordial, embora a sua postura não denotasse agressividade. Nate examinava a lança.

— Andamos à procura de uma missionária norte-americana — explicou Jevy.

— De onde é que vocês vieram? — perguntou o chefe, analisando Nate. — De Corumbá — respondeu Jevy.

— E ele? — Todos os olhares se prenderam em Nate. — Ele é norte-americano. Precisa de encontrar uma mulher. — Por que é que ele necessita de encontrar a mulher? Era o primeiro indício de que talvez os índios soubessem do paradeiro de Rachel Lane. Ter-se-ia ela escondido algures no povoado, ou talvez na floresta, ouvindo o que eles diziam? Entretanto, Jevy iniciou uma explicação empolada em que descrevia a forma como Nate tinha percorrido grandes distâncias, explicando o acidente em que a vida dele estivera por um fio. O que os levara à aldeia era um assunto da maior importância, que só dizia respeito aos

norte-americanos, nada que ele, Jevy, ou os índios, pudessem compreender minimamente.

— Ela corre perigo? — perguntou o chefe da tribo.

— Não. Nenhum.

— Ela não está aqui.

— Ele diz que ela não está no povoado — traduziu Jevy a Nate, falando em inglês.

— Diz-lhe que eu acho que é um sacana mentiroso — pediu Nate em voz baixa.

— Não me parece.

— Viste alguma vez uma missionária por estas paragens? — perguntou Jevy ao chefe tribal. Este abanou a cabeça numa negação muda.

— E ouviste falar de alguma? — continuou Jevy.

De início, não houve qualquer resposta. Os olhos do índio estreitaram-se ao fitar Jevy, numa avaliação silenciosa, como se dissesse: «Poder-se-á confiar neste homem?». Em seguida um acenar fugidio. — Onde é que ela está? — insistiu Jevy.

— Numa outra tribo — respondeu o chefe por fim. — Onde? O índio disse que não tinha a certeza, se bem que começasse a apontar. Na direcção de um ponto indefinido.

— Algures para norte e ocidente — disse ele abrangendo com a lança a extensão de metade do Pantanal.

— Com os Guató? — perguntou Jevy.

— Com os Ipicas — respondeu o chefe da tribo mostrando uma expressão escarninha, franzindo o cenho enquanto abanava a cabeça.

— A que distância? — continuou Jevy. — A um dia daqui.

Jevy ainda tentou fazer com que ele fosse mais específico, mas pouco depois ficou bem ciente de que as horas não tinham o mínimo significado para os índios. No que lhes dizia respeito, um dia não eram vinte e quatro horas, nem tão-pouco doze. Era simplesmente um dia. Experimentou servir-se do conceito de meio dia, o que não o levou longe. — Entre doze e quinze horas — explicou a Nate.

— Mas isso é se forem nas pequenas canoas em que eles navegam, certo? — perguntou Nate num murmúrio.

— Sim — confirmou Jevy.

— O que significa umas três ou quatro horas no nosso caso. Isto é, se conseguirmos encontrar o local.

Jevy foi buscar dois mapas que estendeu sobre o mato raso. Os índios mostraram-se muito curiosos. Agacharam-se junto do chefe da tribo.

A fim de poderem saber para onde é que teriam de se dirigir, primeiro teriam de descobrir onde é que se encontravam; todavia, a concretização desse desejo ficou ameaçada quando o chefe índio informou Jevy de que o rio por onde tinham vindo, na realidade, não era o Cabixa. Depois do encontro com o pescador, os dois homens tinham navegado por um afluente errado que os trouxera ao encontro dos índios Guató. Jevy recebeu aquela notícia a contragosto, e em inglês, numa voz sussurrada, pôs Nate ao corrente da novidade. Por seu turno, este recebeu a notícia ainda com mais desagrado. Colocara a sua vida nas mãos de Jevy.

As cartas de navegação com cores rebuscadas pouco ou nada significavam para os índios. Ao fim de pouco tempo foram inteiramente ignoradas, quando Jevy começou a desenhar o seu próprio mapa. Principiou pelo rio, de nome desconhecido, que se encontrava defronte deles, e, falando sem cessar com o chefe da tribo, lentamente, começou a traçar o percurso para norte. Entretanto, o chefe colhia informações que lhe eram dadas por dois jovens índios. Aqueles dois, explicou ele a Jevy, eram pescadores excelentes e ocasionalmente navegavam até ao rio Paraguai. — Contrata-os já — murmurou Nate a Jevy.

Este tentou, mas no decurso das negociações ficou a saber que os dois homens nunca tinham visto os Ipicas, coisa que não desejavam particularmente, além de não saberem com exactidão onde é que esses nativos viviam e de não terem a mínima noção do conceito de trabalho e da consequente remuneração. Para não mencionar que o chefe da tribo não desejava que eles partissem. A rota que Jevy traçava ia de um rio a outro, percorrendo um trajecto sinuoso em direcção ao norte, até que o chefe índio e os seus dois pescadores chegaram a um ponto em que foram incapazes de concordar; a partir dali, não sabiam qual o rumo que deveria ser tomado. Jevy comparou o seu desenho com as cartas de navegação. — Acabámos de a encontrar — disse a Nate. — Onde? — Aqui existe um povoado de ipicas — explicou Jevy, apontando para um dos mapas. — A sul de Porto índio, situado no sopé das montanhas. As indicações destes índios permitirão que cheguemos próximo desse local.

Nate inclinou-se para baixo e começou a examinar os pontos assinalados.

— Como é que podemos chegar até lá? — Acho que devemos voltar ao barco, navegando para norte através do Paraguai, percorrendo uma rota que nos levará metade de um dia. Em seguida, voltamos a utilizar o bote para chegarmos

a essa aldeia.

O curso do rio Paraguai descrevia um arco relativamente perto do ponto que desejavam alcançar, para além de que navegar até lá a bordo do Santa Loura era uma sugestão que, na opinião de Nate, era excelente.

— Quantas horas no bote? — inquiriu Nate.

— Quatro, mais ou menos. O «mais ou menos» abrangia tudo no Brasil. No entanto, a distância parecia menor do que a que tinham percorrido desde as primeiras horas da manhã.

— Nesse caso, de que é que estamos à espera? — perguntou Nate pondo-se de pé e sorrindo aos índios.

Jevy começou a apresentar os seus agradecimentos aos anfitriões, ao mesmo tempo que dobrava os mapas. Agora que os dois homens estavam prestes a partir, os índios manifestavam uma postura mais descontraída desejando dar mostras de alguma hospitalidade. Ofereceram comida que Jevy declinou. Explicou que de repente tinham muita pressa, uma vez que planeavam voltar ao rio grande antes de anoitecer.

Nate brindou os nativos com uma expressão risonha enquanto retrocedia para o rio. Os índios pretendiam ver a embarcação. Mantinham-se na margem junto da linha de água, perscrutando Jevy sem ocultarem a curiosidade que sentiam ao observá-lo a preparar o motor. Quando o pôs a funcionar, deram um passo atrás. O rio, qualquer que fosse o seu nome, tinha um aspecto completamente diferente no percurso inverso. Ao aproximarem-se da primeira curva, Nate olhou por cima do ombro avistando os Guató que continuavam na margem do rio.

Eram quase quatro horas da tarde. Com um pouco de sorte, poderiam passar pelas duas bacias antes de escurecer, após o que seguiriam pelo Cabixa. Welly estaria à espera deles com o arroz e feijão já preparados. Enquanto Nate fazia aqueles cálculos rápidos, começaram a cair as primeiras gotas de chuva.

A falha no motor não se devia à sujidade nas velas de ignição. Decorridos os primeiros cinquenta minutos do trajecto de regresso, deixou de funcionar por completo. A pequena embarcação navegava ao sabor da corrente quando Jevy retirou a caixa de protecção, atacando o carburador munido de uma chave de parafusos. Nate perguntou se poderia ajudar, sendo pressurosamente informado de que não. Pelo menos na reparação do motor. No entanto, se quisesse ser prestável, poderia agarrar num dos baldes e recolher a água da chuva. Também podia pegar num dos remos mantendo-os no centro do rio cujo nome continuavam a desconhecer.

Nate acatou as duas sugestões. A corrente continuava a mantê-los em movimento, embora a um ritmo bastante mais vagaroso do que Nate teria desejado. A chuva caía em períodos intermitentes. As águas do rio eram menos profundas quando se aproximaram de um nó muito acentuado, mas Jevy estava demasiado atarefado para reparar nesse pormenor. O bote começou a ganhar velocidade e os rápidos empurraram-no para um maciço de mato extremamente denso. — Estou a precisar de alguma ajuda — disse Nate. Jevy agarrou no outro remo. Guinou a embarcação de molde a que a proa colidisse sem capotar.

— Aguente-se! — advertiu enquanto embatiam contra o maciço. As trepadeiras e ramagens voavam em redor de Nate, que começou a desviá-las com o remo.

Houve uma pequena serpente que caiu dentro do bote, passando mesmo por cima do ombro de Nate que não se apercebeu. Jevy conseguiu colocá-la em cima da pá do seu remo arremessando-a para dentro do rio. Achou preferível não mencionar o incidente. Durante alguns minutos enfrentaram as correntes, ao mesmo tempo que se defrontavam entre si. Sem se saber como, Nate conseguia a proeza de remar em todas as direcções menos adequadas. O entusiasmo com que remava mantinha a pequena embarcação numa situação de precariedade, prestes a rolar sobre si mesma. Depois de conseguirem libertar-se, afastando-se do mato e da vida selvagem, Jevy agarrou os dois remos, incumbindo Nate de outra tarefa. Pediu-lhe que segurasse no seu poncho, estendendo-o acima do motor, de forma a que não entrasse água no carburador. Consequentemente, Nate assumiu uma posição, que mais se assemelhava à de um anjo, com os braços estendidos, um pé em cima de um bidão de combustível e o outro firmado na superfície lateral do interior do bote, paralisado de medo.

Passaram vinte minutos que lhe pareceram intermináveis, enquanto navegavam à deriva sem saberem em que direcção pelo curso descendente do rio estreito. A herança Phelan tinha meios para poder adquirir todos os motores fora de borda, novinhos em folha, que existissem no Brasil, mas no entanto ali estava Nate a observar um mecânico amador que tentava consertar um que era mais velho do que ele próprio.

Jevy aparafusou a caixa de protecção do motor e em seguida começou a afinar a válvula reguladora, dando a Nate a impressão de que levava uma eternidade. Jevy puxou a corda da ignição na altura em que Nate deu por si a rezar uma oração. À quarta tentativa, o milagre concretizou-se. O motor começou a dar sinais de vida, embora com menos regularidade do que anteriormente. Engasgava-se ameaçando ir-se abaixo. Jevy tentou afinar os

cabos da válvula reguladora, sem grande resultado.

— Vamos ter de navegar mais devagar — informou sem que o seu olhar se cruzasse com o de Nate.

— Óptimo. Desde que saibamos onde estamos.

— Não há problema nenhum.

A tempestade ameaçava acima das montanhas da Bolívia, mas pouco depois começou a desencadear-se sobre o Pantanal, muito similar ao temporal que quase os matara aquando do despenhamento do avião. Nate permanecia sentado no fundo do bote, abrigado debaixo do poncho, mantendo-se atento às águas a oriente do rio, procurando algo que lhe parecesse familiar quando sentiu a primeira rajada de vento. Bruscamente, a chuva começou a cair com mais intensidade. Em movimentos lentos, olhou para trás. Jevy já se tinha apercebido da aproximação da borrasca, embora não fizesse qualquer comentário. O firmamento adquirira uma tonalidade plúmbea, quase negra. As nuvens baixas fervilhavam em direcção ao solo, impedindo-os de verem as montanhas. As bátegas de chuva encharcaram os dois homens. Nate sentia-se extremamente vulnerável e indefeso.

Não havia lugar nenhum onde pudessem procurar abrigo, nem tão-pouco um único porto ou ancoradouro onde aguardassem o fim da tempestade. Em redor só havia água, quilómetros de água em todas as direcções. Encontravam-se no meio de uma inundação, podendo recorrer apenas à copa de umas quantas árvores esparsas, e demais vegetação, que lhes permitissem orientar-se através dos rios e pântanos. Eram forçados a manter-se no bote porque não lhes restava outra alternativa.

Foram açoitados por uma rajada mais forte que sentiram vinda de trás, o que impeliu o bote de proa enquanto a chuva lhes caía de rijo contra as costas. O céu escureceu ainda mais. Nate só desejava poder aninhar-se debaixo do seu banco de alumínio, agarrar-se à almofada insuflável e esconder-se tanto quanto lhe fosse possível sob o poncho que o protegia. A despeito desse desejo, a chuva continuava a acumular-se à volta dos seus pés. Os mantimentos já estavam empapados. Agarrou num dos baldes e começou a baldear a água da chuva.

Pouco depois, chegaram a uma confluência por onde Nate teve a certeza de que não tinham passado anteriormente, ao que se seguiu uma bifurcação de rios que mal conseguiam avistar através da cortina de chuva. Jevy reduziu a entrada de combustível que passava pela válvula reguladora com o objectivo de observar as águas; em seguida, imprimiu mais velocidade ao motor acompanhando o curso de uma curva acentuada para a direita, como se soubesse

exactamente para onde se dirigia. Nate estava convicto de que se tinham perdido.

Alguns minutos depois, o rio desaparecia num maciço de árvores desenraizadas — uma visão memorável que avistavam pela primeira vez. Rapidamente, Jevy inverteu a direcção do bote. Agora seguiam a toda a velocidade para o centro do temporal, uma perspectiva verdadeiramente aterradora. O céu estava completamente negro. As correntes encapelavam as águas, formando cristas espumosas. De regresso ao ponto onde os rios confluíam, Nate e Jevy trocaram algumas palavras gritadas, tentando fazer-se ouvir acima do barulho do vento e das bátegas de chuva, após o que decidiram seguir pelo curso de outro rio.

Mesmo antes de cair a noite, passaram por uma vasta planície inundada, um lago temporário que lhe pareceu vagamente similar ao sítio onde haviam encontrado o pescador entre as ervas. Desta vez, o homem não se encontrava por perto.

Jevy escolheu um dos afluentes, um de entre vários, procedendo como se costumasse navegar por aquela área do Pantanal todos os dias. Então, os relâmpagos fizeram-se anunciar e, por algum tempo, os dois homens quase conseguiam ver para onde se dirigiam. A chuva abrandou de intensidade. Sem grandes pressas, a tempestade preparava-se para os abandonar.

Jevy desligou o motor, começando a examinar as margens do rio. — Em que é que estás a pensar? — perguntou Nate. Durante a tempestade não houvera muitas oportunidades de poderem conversar. Estavam perdidos, disso tinham a certeza. Contudo, Nate não forçaria Jevy a admitir essa realidade. — Devíamos acampar — alvitrou este. Era mais uma sugestão do que um plano. — Porquê? — Porque temos de dormir num sítio qualquer.

— Podemos dormir à vez dentro do bote — alvitrou Nate. — Pelo menos é mais seguro — acrescentou com a segurança de um guia fluvial muito experimentado.

— Talvez sim. Mas na minha opinião, acho que devíamos ficar por aqui. Se continuarmos a navegar às escuras, corremos o risco de nos perdermos.

Nate sentia vontade de lhe dizer que havia três horas que andavam à deriva.

Jevy manobrou o bote em direcção a uma margem que tinha alguma vegetação. Começaram a seguir pelo rio abaixo ao sabor das correntes, mantendo-se próximos da margem, examinando os baixios com a ajuda de lanternas. Dois pequenos pontos vermelhos a brilhar logo acima da superfície do rio significariam que um crocodilo estava de atalaia, mas felizmente não

avistaram nenhum. Ancoraram prendendo o cabo de amarração a um ramo a cerca de três metros da margem.

O jantar foi composto por umas bolachas de água e sal, parcialmente secas, que acompanharam uns peixinhos enlatados que Nate nunca experimentara, bananas e queijo.

Quando o vento amainou, dando lugar aos mosquitos, o repelente de insectos começou a ser passado das mãos de um para as do outro. Nate espalhou-o pelo pescoço e pela cara, chegando ao ponto de o aplicar nas pálpebras e cabelo. Os pequenos insectos eram ágeis e perversos, esvoaçando em pequenas nuvens negras da popa do bote até à proa. Apesar de a chuva ter parado, nenhum deles despiu o poncho. Embora os mosquitos tentassem com todas as ganas, não conseguiam penetrar através do oleado.

Por volta das onze da noite, o firmamento clareou um pouco; no entanto, a Lua manteve-se oculta. A corrente imprimia um balanço suave à pequena embarcação. Jevy ofereceu-se para fazer o primeiro quarto de vigia, enquanto Nate tentava instalar-se o mais confortavelmente possível para conseguir passar pelas brasas. Deitou a cabeça sobre a tenda, esticando as pernas. O poncho abriu-se um pouco, dando entrada a um bando de mosquitos diligentes, que começaram a ferrá-lo na região da cintura. Qualquer coisa chapinhou no rio, possivelmente um réptil. Decididamente, aquele bote de alumínio não fora concebido para servir de cama. Dormir estava absolutamente fora de questão.

VINTE E CINCO

Flowe, Zadel e Theishen, os três psiquiatras que haviam examinado Troy Phelan apenas algumas semanas antes e apresentado uma opinião clínica unânime, tanto em vídeo como posteriormente por meio de longos depoimentos ajuramentados, em que atestavam que ele estivera de posse de todas as suas faculdades mentais, foram sumariamente despedidos. Não só foram despedidos, como também foram repreendidos pelos advogados dos herdeiros Phelan, que lhes disseram que eles não estavam bons da cabeça, e que estavam mesmo completamente «pírulas».

Contrataram-se os serviços de outros psiquiatras. Hark pagou os serviços do primeiro ao preço de trezentos dólares à hora. Descobrira o seu nome numa revista especializada em julgamentos, nos anúncios classificados que abrangiam analistas de radiografias, até aos que se dedicavam à reconstituição de acidentes de viação. O doutor Sabo era um homem que desistira da prática clínica, mas que actualmente se encontrava disponível para vender o seu testemunho. Um rápido olhar ao comportamento do senhor Phelan e ele aventurou-se a dar uma opinião preliminar, de acordo com a qual o homem carecera claramente de capacidades testamentárias. O acto de saltar de uma varanda abaixo não se coadunava com uma mente lúcida e clara. Para além de que o facto de ter deixado uma herança de onze mil milhões de dólares a uma desconhecida comprovava, sem margem para dúvidas, que se tratava de uma pessoa profundamente perturbada.

Sabo saboreava a ideia de trabalhar no caso Phelan. A probabilidade de poder refutar a opinião clínica dos três primeiros psiquiatras era um desafio estimulante. A publicidade que rodeava o caso também era um factor deveras atractivo — nunca lhe passara pelas mãos um caso célebre. Para não mencionar que os honorários que ia receber chegariam para custear uma viagem ao Oriente.

Todos os advogados dos Phelan se esforçavam afincadamente em arrasar o testemunho dos doutores Flowe, Zadel e Theishen.

A única maneira de os desacreditar era encontrar novos peritos que perfilhassem opiniões contraditórias à que fora inicialmente adiantada.

O montante chorudo que os advogados viessem a receber à hora

compensariam quaisquer contingências. Contudo, os Phelan não estavam em condições financeiras que lhes permitissem satisfazer os honorários mensais, muito substanciais, que estavam prestes a ter de custear, em virtude do que os seus advogados acederam, graciosamente, a simplificar a questão estabelecendo percentagens. As quantias que estas atingiriam eram colossais, se bem que nenhuma firma estivesse na disposição de divulgar em quanto é que a sua fatia se cifrava. Hark pretendia quarenta por cento, mas Rex censurou-o pela ganância que manifestava. Finalmente, concordaram em ficar-se pelos vinte e cinco por cento. Grit conseguiu esmifrar essa percentagem a Mary Ross Phelan Jackman.

O vencedor incontestável era Wally Bright, o lutador de ruas, que insistiu numa combinação equitativa com Libbigail e Spike. Receberia cinquenta por cento do montante que lhes coubesse. Na competição renhida que teve lugar antes de darem entrada em tribunal dos respectivos processos, nem um único dos herdeiros Phelan se interrogou se estariam a proceder da melhor maneira. Confiavam nos seus advogados, e além do mais todos os outros contestavam a validade do testamento. Nenhum deles se poderia dar ao luxo de ficar de fora. Havia muita coisa em jogo. Porque Hark era dos advogados dos Phelan o que mais fazia ouvir a sua voz, despertou a atenção de Snead, o antigo moço de recados de Troy Phelan, que tantos anos estivera ao serviço deste. No rescaldo do suicídio ninguém reparara em Snead. Fora esquecido na debandada que se seguiu à audiência no tribunal. Tinha perdido o seu emprego. Quando se procedeu à leitura do testamento, Snead também estivera presente na sala de tribunal, disfarçado por detrás de uns óculos de sol e de um chapéu, não tendo sido reconhecido por ninguém. Abandonou o tribunal lavado em lágrimas. Odiava os filhos de Troy Phelan porque este também nutrira ódio pelos próprios filhos. Ao longo dos anos, Snead fora obrigado a fazer toda a espécie de coisas desagradáveis, a fim de proteger o patrão das suas famílias. Tratara de arranjar abortos, para além de ter subornado polícias sempre que os rapazes eram apanhados na posse de estupefacientes. Tivera de mentir às mulheres legítimas para proteger as amantes, e quando estas, por seu turno, se tornaram esposas, o pobre Snead também fora forçado a mentir-lhes com a finalidade de proteger as namoradas.

Como compensação pelos seus bons ofícios, as ex-mulheres e respectivos rebentos haviam-no apelidado de maricas. E, como recompensa de uma carreira de fiel dedicação, o senhor Phelan não lhe deixara nada em testamento. Nem um cêntimo. Fora bem remunerado ao longo dos anos de trabalho, o que lhe permitira aplicar algum dinheiro em fundos mútuos, embora os dividendos não

fossem suficientes para sobreviver. Sacrificara tudo ao seu emprego e ao seu patrão. Fora privado de uma vida normal porque o senhor Phelan esperava que ele estivesse ao seu serviço durante vinte e quatro horas por dia. Formar família tinha sido um assunto inteiramente fora de questão. Não tinha quaisquer amigos verdadeiros dignos de menção.

O senhor Phelan fora o seu único amigo e confidente, a única pessoa em quem Snead pudera ter confiança.

Com o passar dos anos, tinham existido inúmeras promessas feitas pelo velho, em que este garantira a Snead que ficaria bem na vida. Tinha a certeza de que fora contemplado num dos outros testamentos. Vira o documento com os seus próprios olhos. Aquando da morte do senhor Phelan, ele herdaria um milhão de dólares. Nessa altura, Troy tinha uma fortuna cuja liquidez se cifrava em três mil milhões de dólares; Snead recordava-se de ter pensado na altura o quão pequena lhe parecera a quantia de um milhão. À medida que o velho ia enriquecendo cada vez mais, Snead imaginava que a sua doação testamentária aumentaria com a elaboração de cada testamento.

Ocasionalmente, fizera algumas perguntas relativas ao assunto, inquirições subtis, como que feitas ao acaso no momento mais adequado, pensava ele. No entanto, o senhor Phelan praguejara, invectivando-o e ameaçando que não o contemplaria no seu testamento.

— És tão mau como os meus filhos — dissera ele então, arrasando o pobre Snead.

Sem se saber como, ele descera de um milhão para zero dólares, o que provocava em Snead um grande azedume. Seria obrigado ajuntar-se aos inimigos, simplesmente porque não tinha outra opção.

Descobriu o endereço do novo escritório de Hark Gettys & Associados, perto do Largo Dupont. A recepcionista explicou-lhe que o doutor Gettys estava muito ocupado.

— Também eu — ripostara Snead com grosseria. Porque mantivera tanta intimidade com Troy Phelan, passara a maior parte da sua vida envolvido com advogados. Eram gente que estava sempre extremamente ocupada.

— Entregue-lhe isto — disse Snead entregando um sobrescrito à recepcionista. — O assunto é de grande urgência. Vou esperar sentado ali durante dez minutos, e se ele não me receber até lá tenciono seguir pela rua abaixo até encontrar o próximo escritório de advogados. Snead sentou-se e ficou a olhar fixamente para o chão. Era revestido por uma alcatifa barata. A recepcionista hesitou por um momento, mas acabou por desaparecer depois de

transpor uma porta. O sobrescrito continha uma pequena missiva escrita à mão onde se lia: «Trabalhei para Troy Phelan durante trinta anos. Estou ao corrente de tudo. Malcolm Snead.» Hark dirigiu-se à recepção numa fracção de segundo trazendo a mensagem e esboçando um sorriso idiota, como se a sua pretensa cordialidade pudesse impressionar Snead. Percorreram um extenso corredor, praticamente em passo de corrida até chegarem a um gabinete espaçoso, acompanhados da recepcionista que vinha logo atrás deles. Não, Snead não queria tomar café, chá, água ou uma cola. Hark fechou a porta com estrondo, trancando-a. O gabinete ainda tinha o cheiro a tinta fresca. A mesa de trabalho e a estante eram novas, o tipo de madeiras não se coadunava. Ao longo das paredes viam-se caixas de arquivo umas em cima das outras, e toda a espécie de tralha empilhada. Snead levou o seu tempo a examinar todos os pormenores.

— Acabou de se mudar para este escritório? — perguntou. — Há umas duas semanas — confirmou Hark.

Snead detestou o gabinete, sentindo-se bastante inseguro em relação ao próprio advogado. Este usava um fato de uma fazenda ordinária que, pelo aspecto, deveria ter sido muito mais barato do que o que ele próprio usava.

— Trinta anos, não é verdade? — comentou Hark que ainda segurava na missiva que Snead lhe escrevera.

— Exactamente.

— Estava junto dele quando saltou da varanda?

— Não. Ele saltou sozinho.

Uma risada que soava a falso, após o que o sorriso voltou a estampar-se-lhe nos lábios.

— O que quero dizer é se estava na mesma sala — elucidou Hark.

— Estava. Foi por um triz que não consegui apanhá-lo.

— Deve ter sido terrível.

— De facto foi. Continua a ser.

— Viu-o assinar o testamento? Estou a referir-me ao último. -Vi. — E também o viu assinar o raio desse papel? Snead encontrava-se perfeitamente preparado para mentir. A verdade não tinha qualquer significado, uma vez que o velho não se coibira de lhe mentir. O que é que teria a perder? 210 — 211 — Vi uma data de coisas — acrescentou. — E sei muito mais. Esta visita só tem como objectivo o dinheiro, mais nada. O senhor Phelan prometeu que eu seria contemplado no seu testamento. Fez muitas promessas e acabou por não cumprir nenhuma delas. — Por conseguinte, você está metido nos mesmos apuros em que o meu cliente se encontra — retorquiu Hark.

— Espero bem que não. Só sinto desprezo pelo seu cliente e pelos seus estuporados filhos. Quero que isto fique bem claro logo de início.

— Parece-me que está bem de ver.

— Ninguém era mais íntimo de Troy Phelan do que eu. Presenciei e ouvi coisas que mais ninguém poderá atestar com veracidade. — Isso significa que deseja ser testemunha? — Eu sou testemunha, uma autoridade no assunto. Devo acrescentar que muito dispendiosa.

O olhar dos dois prendeu-se por uma fracção de segundos. A mensagem havia sido entregue e recebida.

— A lei estipula que os leigos não podem emitir opiniões quanto ao grau de capacidade mental de alguém que elabore um testamento, no entanto, isso não o impedirá de depor em tribunal sobre actos específicos e acções que comprovem uma mente malsã. — Estou a par de tudo isso — replicou Snead com rudeza. — Ele estava louco? — O facto de ele ter estado doido ou não, é coisa que me é indiferente. Tanto posso optar por uma hipótese como pela outra. Hark viu-se forçado a parar para ponderar aquelas palavras. Coçou a face fitando a parede à sua frente. Snead decidiu dar-lhe uma pequena ajuda.

— Vou explicar-lhe a forma como vejo este assunto. O seu rapaz foi lixado, juntamente com o irmão e as irmãs. Cada um recebeu cinco milhões de dólares quando fizeram vinte e um anos, e sabemos bem qual o caminho que deram a esse dinheiro. Dado que todos estão atolados em dívidas, a única alternativa que lhes resta é impugnar a validade do testamento. No entanto, não existe júri nenhum a quem eles possam inspirar compaixão. São uma cambada de falhados gananciosos. Será uma causa muito difícil de ganhar. Mas você e os outros especialistas em jurisprudência criarão uma confusão enorme sob a forma de um processo judicial que, rapidamente, fará as parangonas dos pasquins porque estão em jogo onze mil milhões de dólares. Uma vez que o seu caso não tem grande consistência, você tem a esperança de vir a conseguir um acordo, à margem do tribunal, antes que o processo vá a julgamento.

— Você é rápido na percepção das coisas.

— Não. Mas tive a oportunidade de observar o senhor Phelan ao longo de trinta anos. Seja como for, o montante desse hipotético acordo dependerá muito de mim. Se as minhas recordações forem claras e pormenorizadas, então, talvez o meu velho patrão tenha carecido de capacidades testamentárias quando escreveu o testamento em questão.

— Isso significa que a memória que tem das coisas é variável.

-A minha memória tem o grau de clareza que eu quiser. Não há ninguém

que a possa pôr em questão.

— O que é que você pretende?

— Dinheiro — respondeu Snead.

— Quanto — perguntou Gettys.

— Cinco milhões.

— Isso é muito dinheiro.

— Não é nada. Estou disposto a recebê-lo venha ele de onde vier. — Como é que, supostamente, eu conseguirei arranjar cinco milhões de dólares para si? — Não sei. Não sou advogado. Calculo que você e os seus compinchas de profissão serão capazes de maquinar um plano pouco recomendável.

Fez-se uma longa pausa enquanto Hark começava a maquinar mentalmente. Apetecia-lhe fazer muitas perguntas, mas desconfiava que não conseguiria obter muitas respostas. Pelo menos de momento. — Sabe de mais alguma testemunha? — perguntou.

— Só uma. Chama-se Nicolette. Foi a última secretária que o senhor Phelan contratou.

— Até que ponto é que ela está ao corrente da situação? — Depende. Ela pode ser comprada — respondeu Snead. — Isso quer dizer que já falou com ela. — Falo todos os dias. Agimos em consonância. — Quanto é que lhe caberá? — Os cinco milhões chegarão para a compensar. — Um bom negócio. Mais alguém? — Ninguém que possa ser relevante para o caso. Hark cerrou os olhos massajando as frontes.

— Não tenho objecções a levantar quanto aos cinco milhões que pretende — disse o advogado apertando o nariz. — Só não sei de que maneira é que poderei fazê-los chegar às suas mãos. — Tenho a certeza que há-de pensar em qualquer coisa. — Dê-me algum tempo, de acordo? Preciso de reflectir sobre este assunto.

 — Não tenho pressa. Dou-lhe uma semana. Na hipótese de você não estar pelos ajustes, dirigir-me-ei à outra parte interessada. — Não existe outra parte interessada. — Não esteja tão seguro disso. — Sabe alguma coisa acerca de Rachel Lane? — Eu estou a par de tudo — retorquiu Snead, após o que saiu do gabinete do advogado.

VINTE E SEIS

Os primeiros raios de sol do amanhecer não trouxeram quaisquer surpresas. O bote encontrava-se amarrado a uma árvore na margem de um pequeno rio que se parecia com todos os outros que já tinham visto. Uma vez mais, as nuvens eram densas; a luz do dia surgia lentamente.

O pequeno-almoço consistiu numa pequena embalagem de biscoitos, a última das rações que Welly embalara para os dois. Nate comeu devagar perguntando a si mesmo, cada vez que trincava um biscoito, quando é que voltaria a comer.

A corrente era forte, o que lhes permitiu segui-la à deriva enquanto o Sol se elevava no firmamento. O único som que se ouvia era o marulhar das águas. Poupavam combustível, adiando o momento em que Jevy seria forçado a tentar ligar o motor. A corrente arrastava-os para a área inundada, o ponto de confluência de três afluentes; por um momento ficaram imobilizados em águas mansas.

— Calculo que estejamos perdidos, não é verdade? — perguntou Nate.

— Sei exactamente onde é que estamos.

— Onde? — Estamos no Pantanal. E todos os rios confluem para o Paraguai. — Mais cedo ou mais tarde.

— Sim, mais cedo ou mais tarde — Jevy removeu a protecção do motor secando a humidade que se acumulara no carburador. Afinou a válvula reguladora, verificou o nível do óleo e em seguida experimentou ligar o motor. À quinta tentativa o motor pegou, engasgou-se e foi-se abaixo.

«Estou destinado a morrer aqui», disse Nate para consigo. «Acabarei por morrer afogado, de fome, ou serei comido, mas será aqui, na vastidão deste pântano, que exalarei o meu último suspiro.» Para grande surpresa dos dois homens, ouviram um grito. A voz era aguda, como se pertencesse a uma rapariguinha. O ruído do motor atraíra a atenção de outro ser humano.

A voz vinha da vegetação rasa de um brejo ao longo da margem de um afluente, que desaguava naquele local. Jevy gritou e alguns segundos mais tarde voltou a ouvir-se a mesma voz. Entre o mato, avistaram um garoto que não deveria ter mais de quinze anos e que vinha numa canoa exígua, escavada à mão

num tronco de árvore. Com um remo, também de fabrico caseiro, atravessava a água com uma velocidade e uma facilidade deveras espantosas.

— Bom-dia — saudou com um sorriso rasgado. O rosto pequeno tinha uma pele escura e feições rectilíneas e era, muito provavelmente, o mais belo que Nate via de há muitos anos a esta parte. Lançou uma corda que uniu as duas embarcações.

Iniciou-se uma longa troca de palavras que, ao fim de algum tempo, fez com que Nate se sentisse agitado.

— O que é que ele está a dizer? — perguntou a Jevy num tom desabrido.

— É norte-americano — disse Jevy ao garoto, que fitava Nate.

— Diz que estamos a uma grande distância do rio Cabixa — explicou Jevy.

— Eu próprio poderia ter-lhe dito isso.

— Também disse que o rio Paraguai fica à distância de um dia para oriente.

— Numa canoa grande, certo?

— Não, de avião.

— Muito engraçado. Quanto tempo é que levaremos para chegar lá? — Quatro horas, talvez menos.

Na opinião de Nate seriam cinco, talvez mesmo seis horas. E isso partindo do princípio de que pudessem contar com um motor que funcionasse em boas condições. Caso fossem obrigados a remar, necessitariam de uma semana.

A conversa em português foi retomada sem grandes pressas. A canoa estava vazia, com a excepção de um rolo de linha de pesca enrolada à volta de uma lata e um boião com lama, que Nate presumia que conteria minhocas para isco. Mas o que é que ele sabia de pesca? Coçou as mordidelas de mosquito.

Há um ano, fora esquiar com os filhos numa estância em Utah. A bebida do dia era um cocktail com tequilla que, como era seu hábito, bebeu à farta até adormecer num estado comatoso. A ressaca prolongara-se por dois dias.

A conversa adquiriu um estilo floreado e, de súbito, os dois brasileiros começaram a apontar. Enquanto falava, Jevy olhava para Nate.

— O que é que se passa? — perguntou este.

— Os índios não se encontram muito longe daqui.

— A que distância é que estão?

— Uma hora, talvez duas.

— O rapaz pode levar-nos até lá?

— Eu conheço o caminho — afirmou Jevy.

— Tenho a certeza que sim. Mas sentir-me-ia melhor se ele viesse connosco.

Aquilo era uma ligeira afronta ao orgulho de Jevy, mas dadas as circunstâncias em que se encontravam, não podia opor-se. — É possível que ele queira algum dinheiro.

— Isso não é obstáculo. — Se o garoto soubesse. O espólio Phelan a uma das cabeceiras da mesa, e o pequeno pantaneiro magricela na outra. Nate sorriu perante aquela imagem que lhe ocorrera à mente. E que tal uma frota de canoas com canas de pesca modernas e sondas de profundidade? «Só tens de dizer o que queres, meu filho, e poderás ter tudo o que desejares.» — Dez reais — adiantou Jevy depois de uma breve negociação. — Óptimo. — Por cerca de dez dólares seriam conduzidos até junto de Rachel Lane.

Estabeleceram um plano de acção. Jevy inclinou o motor fora de borda de forma a que o propulsor ficasse fora de água; começaram a remar. Seguiram atrás do rapaz, que ia na sua canoa, durante vinte minutos, até entrarem num pequeno afluente com bancos de areia e correntes com rápidos. Nate retirou o seu remo de dentro de água, recuperou a respiração e limpou o suor que lhe cobria o rosto. Sentia o coração a pulsar aceleradamente e os músculos doridos. As nuvens mostravam-se menos densas, deixando-se atravessar pelos raios solares.

Jevy começou a trabalhar no motor do bote. Felizmente pegou, mantendo-se em funcionamento; continuaram a seguir o rapaz, cuja canoa lhes levava avanço, o que não era difícil com aquele motor fora de borda que se engasgava constantemente.

Era quase uma da tarde quando chegaram a terras mais elevadas. Gradualmente, as águas da inundação começavam a desaparecer, dando lugar à vegetação cerrada e aos maciços de arvoredo que flanqueavam as margens dos rios. O jovem mostrava uma expressão taciturna, e, estranhamente, revelava apreensão quanto à posição do Sol.

— É ali, mais em cima — explicou o rapaz a Jevy. — Ao dobrar daquela curva do rio. — Dava a impressão de sentir receio de ir mais longe.

— Fico-me por aqui — disse o rapaz. — Preciso de voltar para casa.

Nate entregou-lhe o dinheiro que fora combinado, agradecendo-lhe.

O rapaz tomou o caminho de retorno ajudado pela corrente, desaparecendo rapidamente. Os dois homens continuaram a avançar, malgrado o motor que funcionava a meio gás, engasgando-se e falhando constantemente,

mas que apesar disso lá ia cumprindo a sua missão, ainda que parcialmente.

O rio entrava por uma floresta onde os ramos das árvores pendiam para a superfície das águas, tão baixos que se entrelaçavam formando uma espécie de túnel que bloqueava a entrada da luminosidade. Estava escuro e o barulho incerto do motor ressoava vindo das margens. Nate sentia uma desconfiança soturna que lhe dizia que estavam a ser observados. Poderia dizer que quase tinha a sensação de que se encontravam sob mira. Preparou-se para a iminência de um ataque de dardos mortíferos, soprados através de zagaias por selvagens que usariam pinturas de guerra, treinados para matar qualquer pessoa de pele branca.

A despeito daqueles maus presságios, começaram por avistar crianças franzinas e morenas, com um ar feliz, que chapinhavam à beira de água. O túnel acabava perto do povoado. As mães dos garotos também se banhavam, tão completamente nuas como os filhos, absolutamente alheadas da sua nudez. De início, retrocederam para a margem quando deram pela presença do bote. Jevy desligou o motor, começando a falar e a sorrir enquanto eram impelidos pela corrente do rio. Uma rapariga mais velha fugiu na direcção do povoado.

— Sabem falar português? — perguntou Jevy dirigindo-se ao grupo formado por quatro mulheres e sete crianças. Estas limitaram-se a fitá-los. Os garotos mais pequenos esconderam-se por detrás das mães. As mulheres eram de estatura baixa e tinham corpos bem constituídos, com seios pequenos. — São amistosos? — perguntou Nate. — Os homens é que nos dirão.

Ao cabo de alguns minutos, os homens começaram a surgir; vieram num grupo de três; também eram baixos e encorpados, com corpos bem musculados. Felizmente, tinham as partes privadas cobertas com pequenas bolsas de couro.

O mais velho afirmava falar a língua de Jevy, mas ainda que com toda a boa vontade, tínhamos que admitir que o seu português era bastante rudimentar. Nate permaneceu na embarcação onde as coisas lhe pareciam ser mais seguras, enquanto Jevy estava encostado ao tronco de uma árvore próximo da margem, esforçando-se por se fazer compreender. Os índios amontoaram-se em seu redor; era trinta centímetros mais alto do que os nativos.

217 Depois de alguns minutos de palavras repetidas e gestos com as mãos, Nate não se conteve.

— Tradução, por favor. Os índios ficaram a olhar para ele.

— É um norte-americano — explicou Jevy, o que deu origem a outra conversa.

— E quanto à mulher? — perguntou Nate.

— Ainda não chegámos a esse assunto. Continuo a tentar convencê-los a que não o queimem em vida.

— Tente com mais empenho.

Começaram a chegar mais índios. À distância de pouco menos de um metro, avistavam-se as suas palhotas, perto do perímetro da floresta. Rio acima, viam-se meia-dúzia de canoas amarradas à margem. As crianças manifestavam o aborrecimento que sentiam. Lentamente, foram-se afastando das mães caminhando até ao bote para o inspeccionarem mais de perto. Também se sentiam intrigados com aquele homem de pele branca. Nate sorriu e piscou o olho; ao fim de pouco tempo foi brindado com um sorriso. Se Welly não tivesse sido tão unhas-de-fome com os biscoitos, Nate teria partilhado alguns com as crianças.

Entretanto, a conversa entre Jevy e os nativos continuava a desenrolar-se. O interlocutor índio, periodicamente, virava a palma das mãos para cima como se ilustrasse um ponto, e, inevitavelmente, as suas palavras causavam grande apreensão a Nate. A sua linguagem era composta por uma série de grunhidos primitivos acompanhados de distorções faciais, manifestações que eram articuladas com o menos movimento de lábios que lhes era possível.

— O que é que ele diz? — perguntou Nate numa voz rosnada. — Não sei — replicou Jevy.

Entretanto, um dos garotinhos colocou a mão na extremidade do bote, examinando Nate com umas pupilas negras tão grandes como moedas.

— Hello — disse o garoto numa voz muito suave. Nate ficou ciente de que se encontravam no local certo. Ninguém ouviu o garoto além de Nate.

-Hello — retribuiu Nate em voz baixa, inclinando-se mais para a frente.

— Good-bye — continuou a criança em inglês, sem arredar pé. Rachel ensinara-lhe pelo menos duas palavras em inglês. — Como é que te chamas? — perguntou Nate numa voz segredada. — Hello — repetiu o rapazinho.

Debaixo da árvore, a tradução conhecia os mesmos progressos. Os índios mantinham uma conversa animada enquanto as mulheres não diziam uma só palavra.

— E a mulher? — insistiu Nate.

— Já perguntei. Não me deram resposta — replicou Jevy. — O que é que isso significa? — Não tenho a certeza. Penso que ela está aqui, mas eles mostram-se relutantes por qualquer razão que desconheço.

— Por que motivo é que haveriam de mostrar relutância? Jevy franziu o sobrolho desviando o olhar. Como é que Nate esperava que ele tivesse uma

resposta para justificar aquela atitude? Trocaram mais algumas palavras com os índios e, pouco depois, estes afastaram-se em massa — os homens em primeiro lugar, a seguir as mulheres e por último as crianças. Marchavam em fila indiana em direcção ao povoado, desaparecendo do ângulo de visão dos dois homens. — Disseste alguma coisa que os irritasse? — Não. Eles querem ter uma reunião qualquer. — Achas que ela está aqui? — perguntou Nate.

— Parece-me que sim. — Jevy retomou o seu lugar dentro do bote, preparando-se para uma pequena sesta. Era quase uma hora da tarde, fosse qual fosse o fuso horário que os regia. A hora do almoço terminou sem sequer uma bolacha de água e sal meio ensopada. A caminhada começou por volta das quinze horas. Ambos foram conduzidos por um pequeno grupo de homens jovens, afastando-se do rio e começando a percorrer um trilho de terra batida que levava ao povoado, através de palhotas onde toda a gente permanecia imobilizada, observando tudo com muita atenção; começaram a afastar-se do povoado, percorrendo outro caminho floresta adentro.

«Trata-se da caminhada da morte», pensou Nate. «Estão a levar-nos para a selva, onde executarão um ritual sangrento qualquer que remonta à Idade da Pedra.» Seguia atrás de Jevy, que caminhava num andar gingão cheio de confiança.

— Para onde diabo é que estamos a ir? — perguntou Nate numa voz sibilada, como se fosse um prisioneiro de guerra receoso de ofender os seus carcereiros.

— Acalme-se — retorquiu Jevy.

O arvoredo abria-se numa clareira, e, uma vez mais, encontravam-se próximo do rio. Subitamente, o chefe do cortejo deteve-se e apontou. À beira de água estava uma anaconda estendida ao Sol. Tinha a pele negra malhada de amarelo na região inferior do corpo. No seu ponto mais largo, a barrigueira tinha um diâmetro de pelo menos trinta centímetros.

— Qual será o comprimento dela? — perguntou Nate. — Deve medir uns seis ou sete metros. Finalmente, tem a oportunidade de ver uma anaconda de perto — disse Jevy. Os joelhos de Nate estiveram quase a ir-se abaixo; sentia a boca ressequida. Tinha dito várias piadas acerca das anacondas. Contudo, a visão de uma em carne e osso, comprida e maciça, era verdadeiramente espantosa.

— Alguns índios idolatram as serpentes — adiantou Jevy. Nesse caso, o que é que os missionários andariam a fazer por aquelas paragens?, pensou Nate. Teria de interrogar Rachel sobre aquela prática idólatra.

Os mosquitos davam a impressão de que só o incomodavam a ele. Os

nativos eram imunes. Por seu lado, Jevy nunca os enxotava. Nate batia na sua própria pele, coçando-se até deitar sangue. Deixara o repelente de insectos no bote, juntamente com a tenda, o machete e tudo o mais que constituía os seus pertences de momento, haveres que, sem dúvida alguma, seriam objecto de uma análise minuciosa por parte das crianças.

A caminhada revelou ser uma aventura durante os primeiros trinta minutos, após o que o calor e os insectos tornaram as coisas bastante mais monótonas.

— Ainda temos de andar por muito mais tempo? — perguntou Nate, apesar de, em boa verdade, não esperar qualquer resposta com um mínimo de precisão.

Jevy disse qualquer coisa ao homem que apontara para a anaconda que lhe replicou algo.

— Já não falta muito — indicou Jevy. Atravessaram outro trilho ao que se seguiu um outro mais largo. Naquela área não se via a presença de quaisquer outros seres humanos além deles. Ao fim de pouco tempo avistaram a primeira palhota, chegando-lhes às narinas o cheiro a fumo.

Quando já se encontravam a pouco menos de duzentos metros, o chefe apontou para uma zona à sombra, perto da margem do rio. Nate e Jevy foram conduzidos até um banco corrido feito de canas ocas, presas por ráfia, onde foram deixados sob a vigilância de dois guardas enquanto os outros anunciavam a sua chegada ao povoado. Com o passar do tempo, os dois vigilantes começaram a mostrar-se entediados, decidindo passar pelas brasas. Sentaram-se com as costas encostadas ao tronco de uma árvore e ao fim de pouco tempo dormiam a sono solto.

— Calculo que poderíamos escapar-nos daqui para fora — sugeriu Nate.

— E para onde é que iríamos?

— Tens fome?

— Mais ou menos. E tu? 220 — Não, estou cheio — respondeu Nate com ironia. — Comi sete bolachas fininhas há nove horas. Não me deixes esquecer de dar uns tabefes ao Welly da próxima vez que o vir.

— Só espero que ele esteja bem — redarguiu Jevy. — Por que é que não haveria de estar? A esta hora está a balançar-se na minha rede espreguiçadeira, a beber café acabado de fazer, em segurança, seco e de barriga cheia.

Certamente que os índios não os teriam levado tão longe se Rachel não se encontrasse por perto. Enquanto Nate descansava sentado no banco, olhando fixamente para o telhado das palhotas à distância, ia formulando um sem número

de perguntas sobre ela. Sentia curiosidade quanto à sua aparência física — supostamente, a mãe fora uma mulher de grande beleza. Que tipo de vestuário é que ela usaria? Os ipicas que ela evangelizava andavam nus. Qual fora a última vez que estivera num lugar civilizado? Seria ele o primeiro norte-americano a visitar aquele povoado? Como é que ela reagiria à sua presença? E com respeito ao dinheiro? Enquanto o tempo se arrastava interminavelmente, Nate sentia-se cada vez mais ansioso perante a perspectiva de se encontrar com ela.

Os dois guardas continuavam adormecidos quando se sentiram movimentos vindos do povoado. Jevy atirou um seixo aos dois índios, emitindo um assobio ensurdecido. De um salto, puseram-se de pé, reassumindo as suas posições.

As ervas ao longo do trilho davam-lhes pelos joelhos. À distância, Nate e Jevy avistaram uma patrulha que se encaminhava na direcção deles através da vereda. Rachel acompanhava os homens; finalmente, decidira ir ao encontro dos dois. No meio daqueles peitos escuros via-se uma blusa de um amarelo-esmaecido, assim como um rosto de tez mais clara protegida por um chapéu de palha. À distância de pouco menos de cem metros, Nate conseguia distingui-la entre os nativos. — Encontrámos a nossa rapariga — disse ele. — Sim, estou em crer que encontrámos.

O cortejo levava o seu tempo. Três homens jovens tomavam a dianteira do grupo, que era fechado por outros três. Ela era ligeiramente mais alta do que os índios, caminhando com uma postura de elegância que nela parecia ser natural. Poder-se-ia imaginá-la durante um passeio por entre canteiros de flores. Não mostrava a mínima pressa.

Nate mantinha-se atento a cada um dos seus passos. Tinha uma figura muito esbelta e uns ombros com uma estrutura óssea larga. Começou a olhar na direcção dos dois homens à medida que se ia aproximando.

221 Nate e Jevy levantaram-se do banco preparando-se para o encontro com Rachel.

Os índios detiveram a sua marcha na extremidade da sombra, embora ela continuasse a caminhar. Tirou o chapéu da cabeça. Os seus cabelos eram castanhos e meio grisalhos, com um corte bastante curto. Parou a menos de um metro de Nate e Jevy. -Boa tarde, senhor-disse em português dirigindo-se a Jevy, após o que olhou para Nate. Tinha uns olhos de um azul-escuro que se aproximava do indigo. No seu rosto não se via uma única ruga nem traços de maquilhagem. Tinha quarenta anos, envelhecendo sem grandes alterações fisionómicas, com a radiância suave de alguém que não sentia os efeitos de uma

vida tensa. — Boas-tardes — acrescentou em português.

Não se ofereceu para trocar apertos de mão nem sequer indicou o seu nome. O gesto seguinte cabia aos dois.

— Chamo-me Nate O'Riley. Sou um advogado de Washington. — E você? — perguntou ela a Jevy.

— O meu nome é Jevy Cardoso e venho de Corumbá. Sou o guia dele. Rachel olhou os dois homens de alto a baixo esboçando um pequeno sorriso. No que lhe dizia respeito, aquele momento não lhe era desagradável. Desfrutava do encontro.

— O que é que vos trouxe até aqui? — perguntou. Expressava-se no inglês que se falava pela maior parte dos Estados Unidos, sem traços de qualquer sotaque, quer da Louisiana quer de Montana, era o inglês neutro e preciso, sem a mínima inflexão, que se falava em Sacramento ou em Saint Louis.

— Ouvimos dizer que a pesca por aqui era boa — retorquiu Nate, bem-humorado.

— As piadas dele não têm graça nenhuma — atalhou Jevy num tom de quem tentava desculpar alguém, ao ver que ela não oferecia resposta.

— Peço desculpa. Procuro Rachel Lane. Tenho razões para acreditar que ela e você são a mesma pessoa — acrescentou Nate. Ela sopesou aquelas palavras sem alterar a expressão do seu rosto. — E o que é que o leva a querer encontrar Rachel Lane? — Porque sou um advogado e a minha firma tem um assunto jurídico muito importante a tratar com Rachel Lane. — Que espécie de questão jurídica? — Só posso partilhar essa informação com ela e mais ninguém. — Lamento muito ter de o informar de que não sou Rachel Lane. Jevy suspirou e Nate deixou descair os ombros numa postura abatida. Ela observava todos os movimentos dos dois homens, todas as reacções, todos os tiques.

222 — Têm fome? — perguntou-lhes.

Ambos acenaram que sim. Chamou os índios a quem deu algumas instruções.

— Jevy — disse ela -, vá com estes homens até ao povoado. Eles dar-lhe-ão comida, assim como a quantidade suficiente para o doutor O'Riley.

Sentaram-se no banco, à sombra que ia escurecendo com o passar do tempo, observando silenciosamente os índios que acompanhavam Jevy até à aldeia. Este voltou-se uma vez para trás, com o intuito de se certificar de que Nate estava bem.

VINTE E SETE

Afastada dos índios, ela não parecia ser tão alta. Era evidente que evitara comer o que quer que fosse que as mulheres índias comiam e que as fazia corpulentas. As suas pernas eram compridas e esbeltas. Calçava sandálias de couro, o que, até certo ponto, não se enquadrava numa cultura onde todos andavam descalços. Onde é que as teria arranjado? E onde é que teria desencantado a blusa amarela de mangas curtas, bem como os calções de caqui? Oh, eram tantas as perguntas que ele lhe queria colocar.

As roupas que ela usava eram simples e usadas. Na hipótese de não ser Rachel Lane, certamente que saberia qual o paradeiro desta. Os joelhos de ambos quase se tocavam.

— Rachel Lane deixou de existir há muitos anos — disse ela olhando abstractamente para o povoado à distância. — Mantive o nome Rachel mas deixei de usar Lane. O assunto que o trouxe aqui deve ser sério, de outra maneira a sua presença não se justificaria. — Falava num timbre de voz suave espaçando bem as palavras; não omitia uma única sílaba, ponderando-as cuidadosamente. — Troy Phelan morreu. Matou-se há três semanas.

Rachel baixou ligeiramente a cabeça e fechou os olhos, dando a impressão de que rezava. Foi uma oração breve, seguida de uma longa pausa. O silêncio não a incomodava.

— Chegou a conhecê-lo? — perguntou ela por fim.

— Vi-o apenas uma vez. A nossa firma tem muitos advogados; pessoalmente, nunca tratei de nenhum assunto que dissesse respeito a Troy Phelan. Não posso dizer que o conhecia. — Tão-pouco eu. Ele era o meu pai terreno e passei muitas horas a orar por ele, mas para mim foi sempre um estranho. — Quando é que o viu pela última vez? — As palavras de Nate também eram ditas lentamente com serenidade. Rachel irradiava uma sensação de placidez.

— Há já muitos anos. Antes de ter ido para a faculdade... Até que ponto é que está inteirado da minha vida? — Não sei muita coisa. Você não é uma pessoa cuja passagem pela vida deixe adivinhar muita coisa.

— Nesse caso, como é que conseguiu encontrar-me? — Troy auxiliou-

me. Ainda tentou descobrir o seu paradeiro antes de morrer, mas foi incapaz. Contudo, ele sabia que você era uma das missionárias da Tribos Universais e que se tinha radicado nesta região do globo. O resto dependeu muito de mim. — Como é que ele terá conseguido essa informação? — perguntou Rachel como se falasse consigo mesma. — Não se esqueça que ele era podre de rico. — E é por isso que você está aqui.

— Sim, foi esse o motivo que me fez vir ao Brasil. Temos alguns assuntos a tratar.

— Troy deve ter-me deixado alguma coisa no seu testamento. — Pode pôr a questão nesses termos — confirmou Nate. — Não quero falar de negócios. Só desejo conversar de trivialidades. Sabe com que frequência é que ouço falar inglês? — Imagino que só muito raramente.

— Uma vez por ano vou a Corumbá abastecer-me de provisões. Nessa altura telefono para os escritórios da missão e falo inglês durante dez minutos. É uma experiência invariavelmente assustadora. — Porquê? — Sinto-me nervosa. As minhas mãos tremem quando agarro no telefone. Conheço as pessoas com quem falo, mas tenho receio de utilizar as palavras menos adequadas. Às vezes até chego a gaguejar. Apenas dez minutos por ano.

-Você tem a oportunidade de desempenhar uma missão de grande mérito.

— Sou uma pessoa bastante nervosa.

— Descontraia-se. Eu não sou mau fulano.

— Mas o certo é que conseguiu encontrar-me. Há uma hora, estava eu a examinar um doente quando os rapazes me foram dizer que um norte-americano acabara de chegar ao povoado. Corri para a minha palhota e comecei a rezar. A oração inculcou-me novas forças. — Eu vim em paz para com toda a humanidade.

— Você dá a impressão de ser uma pessoa de bem. «Se soubesses...», pensou Nate para consigo.

— Obrigado pelas suas palavras... você disse qualquer coisa acerca de ter ido ver um doente.

— Sim — confirmou Rachel.

— Pensei que vivia aqui na qualidade de missionária. — E de facto assim é. Mas também sou formada em medicina. E a especialidade de Nate era instaurar processos a médicos por negligência. Mas aquela não era a altura nem o lugar mais apropriados para que a negligência médica fosse debatida. — Isso não consta das informações que coligi — acrescentou Nate. — Depois de ter saído do colégio mudei de nome, antes de ter entrado para a faculdade e de

frequentar o seminário. Provavelmente é aí que as pistas acabam.

— Precisamente. O que é que a levou a mudar de nome? — É um assunto bastante complicado, ou, no mínimo, era-o nessa altura. Agora já não me parece que fosse assim tão importante. Começou a soprar uma brisa vinda do rio. Eram quase quinze horas. O manto de nuvens que cobria a floresta era escuro e estacionário. Rachel apercebeu-se de que Nate lançava um olhar de relance ao relógio de pulso.

— Os rapazes vão trazer a sua tenda para aqui. É um bom local para dormir esta noite.

— Obrigado, calculo que sim. Ficaremos em segurança, não é verdade? — Sim. Deus protegê-lo-á. Não se esqueça de dizer as suas orações. Naquele momento, Nate tencionava rezar que nem um padre. A proximidade do rio causava-lhe uma preocupação acrescida. Nate podia fechar os olhos e visualizar a anaconda, que tinha visto à pouco, a deslizar em movimentos coleantes até ao interior da sua tenda.

— O senhor costuma rezar, não é verdade senhor O'Riley? — Por favor, trate-me por Nate. Sim, costumo rezar. — É de ascendência irlandesa? — perguntou Rachel. — Eu sou uma espécie de rafeiro. Mais alemão do que qualquer outra coisa. O meu pai tinha antepassados irlandeses. O historial da minha família nunca me interessou por aí além. — Qual é a religião que perfilhou? — A igreja episcopal. — Católica, luterana ou episcopal era-lhe indiferente. Desde o seu segundo casamento que Nate nunca mais pusera o pé no interior de uma igreja.

A sua vida espiritual era um assunto que preferia evitar. A teologia não era o seu ponto forte, além de que não desejava discuti-la com uma missionária. Rachel fez uma pausa e, como era seu hábito, Nate mudou o rumo da conversa. — Estes índios são pacíficos? — perguntou.

 — Na sua maioria, são. Os Ipicas não são índios guerreiros, embora não confiem nas pessoas de raça branca.

— E isso também se aplica a si? — Há onze anos que vivo aqui. Já fui aceite pelos nativos. — Quanto tempo é que essa aceitação demorou? — Eu tive muita sorte porque houve um casal de missionários que esteve nesta aldeia antes de eu chegar. Já tinham aprendido a língua e traduzido o Novo Testamento. Além do mais, tenho a vantagem de exercer medicina. Comecei a fazer amigos com bastante rapidez quando ajudei as mulheres no trabalho de parto. — Fiquei com a impressão de que você fala bem português. — Falo fluentemente. Também sei falar espanhol, o dialecto dos Ipicas e o dos Machiguenga. — O que

é isso? — Os Machiguenga são nativos que vivem nas montanhas peruanas. Vivi nessa região durante seis anos. Precisamente quando comecei a falar com à-vontade nesse dialecto, eles decidiram evacuar-me. — Porquê? — perguntou Nate, intrigado. — Por causa dos guerrilheiros.

Como se as serpentes, os crocodilos e as doenças, sem esquecer as inundações, não fossem mal que bastasse.

— Nessa altura raptaram dois missionários numa aldeia não muito afastada do local onde eu vivia. Mas Deus salvou-os. Foram libertados quatro anos mais tarde sem terem sofrido quaisquer danos físicos. — E por aqui também há guerrilheiros? — Não. Estamos no Brasil. As pessoas são gente pacífica. Existem alguns traficantes de estupefacientes, mas ninguém costuma vir ao interior do Pantanal, é uma região muito remota. — O que faz com que me ocorra um pormenor bastante interessante. A que distância é que fica o rio Paraguai? — Nesta época do ano, a mais ou menos oito horas. — Horas brasileiras? — Estou a ver que já aprendeu que o tempo aqui corre mais devagar

— retorquiu Rachel com um sorriso. — De oito a dez horas, horas norte-americanas.

— De canoa? — O nosso meio de locomoção é esse. Em tempos tive um barco a motor. Mas começou a ficar velho e acabou por ser impossível continuar a utilizá-lo.

— Quanto tempo é que a viagem demora num barco a motor? 227 — Cinco horas, mais coisa menos coisa. Estamos na estação das cheias e é fácil as pessoas perderem-se.

— Já aprendi isso à minha custa.

— Os rios confluem entre si. Quando se for embora, vai necessitar de levar consigo um dos pescadores. Ser-lhe-á praticamente impossível encontrar o rio Paraguai sem a ajuda de um guia. — E você costuma ir a Corumbá uma vez por ano? — Sim, mas faço a viagem na estação seca, em Agosto. Nessa altura o tempo é mais fresco e não há tantos mosquitos. — Vai sempre sozinha? — Não, vou com Lako, o meu amigo índio que me acompanha sempre até ao Paraguai. De canoa levamos cerca de seis horas quando as águas do rio estão baixas. Quando chego à margem, espero que passe um barco e apanho boleia até Corumbá. Fico uns dias na cidade, a tratar do que tenho a tratar, e depois regresso numa embarcação que navegue pelo rio.

Nate pensou que se tinha cruzado com muito poucos barcos no rio Paraguai.

— Uma embarcação qualquer? — Habitualmente é um barco de

transporte de gado. Os comandantes não se importam de levar passageiros.

«Ela viaja de canoa porque o barco era velho e já não servia para nada. Pede boleia ao comandante dos barcos de transporte de gado para ir até Corumbá, o seu único contacto com a civilização. De que forma é que o dinheiro a transformaria?», perguntou Nate a si mesmo. Aquela questão parecia-lhe impossível de responder. Tencionava contar-lhe tudo no dia seguinte, quando o dia ainda estivesse fresco, depois de ter descansado e comido, com muitas horas pela frente para os dois poderem tratar dos assuntos pendentes. Na linha limítrofe do povoado surgiram algumas figuras — uns homens que caminhavam na direcção de Nate e Rachel. — Aqui estão eles — disse ela. — Comemos antes de escurecer e depois vamos dormir.

— Imagino que não há nada que se possa fazer depois do jantar. — Nada que possamos discutir hoje — acrescentou Rachel pressurosamente, o que teve uma certa graça.

Jevy apareceu com um grupo de índios; um destes entregou a Rachel um pequeno cesto rectangular. Por seu turno, ela entregou-o a Nate, que tirou do interior um pão.

— Este pão é de farinha de mandioca — explicou Rachel. — É o nosso alimento principal.

E, evidentemente, o único alimento de que dispunham, pelo menos para aquela refeição. Nate começara a comer o seu segundo pão quando se lhes juntaram alguns nativos do primeiro povoado. Tinham ido ao bote buscar a tenda, o mosquiteiro, os cobertores e a água engarrafada. — Vamos pernoitar aqui — disse Nate a Jevy. — Quem disse? — É o melhor local — interveio Rachel. — Por mim, oferecer-vos-ia um lugar na aldeia, mas a visita de homens brancos tem de ser previamente aprovada pelo chefe da tribo.

— Isso aplica-se a mim — adiantou Nate.

— Sim — confirmou ela.

— E não a ele? — perguntou Nate acenando na direcção de Jevy. — Ele foi buscar comida e não para pedir autorização para pernoitar na aldeia. As regras são muito complicadas por aqui. Aquilo deixou Nate abismado — nativos primitivos que ainda tinham de descobrir a utilização de roupas, mas que se regiam por um sistema de regras deveras complicado.

— Gostaria de poder partir amanhã por volta do meio-dia — acrescentou Nate dirigindo-se a Rachel.

— A sua partida também depende do chefe da tribo. — Está a dizer-me que não nos podemos ir embora quando muito bem nos apetecer? — Partirão

quando ele disser que se podem ir embora. Não se preocupe com isso.

— Você e o chefe da tribo mantêm relações amistosas? — Damo-nos bem.

Rachel disse aos índios que regressassem ao povoado. O Sol desaparecera por detrás do cume das montanhas. Começavam a ser envolvidos pelas sombras da floresta.

Por alguns minutos, Rachel observou Nate e Jevy que se esforçavam por montar a tenda. Dentro do saco, parecia bastante pequena e quando a prenderam aos postes que a suportavam não ficou muito maior. Nate não tinha a certeza de que houvesse espaço suficiente para Jevy, quanto mais para os dois. Depois de montada dava-lhe pela altura da cintura, alargando-se acentuadamente para os lados; infelizmente, era pequena de mais para dois homens adultos.

— Vou-me embora — informou Rachel. -Ficarão muito bem aqui. — Promete? — perguntou Nate com sinceridade.

— Se preferir, posso pedir a dois rapazes que fiquem de guarda. — Não há necessidade — atalhou Jevy.

— A que horas é que costumam despertar na aldeia? — perguntou Nate. — Uma hora antes do nascer do Sol.

— Estou seguro que a essa hora já estaremos acordados — retorquiu Nate lançando um olhar fugaz à tenda. — Podemos encontrar-nos logo de manhãzinha? Temos muitos assuntos a tratar.

— De acordo. Ao amanhecer enviarei alguém com alguma comida. Depois do pequeno-almoço podemos conversar. — Isso seria esplêndido — concordou Nate.

— Não se esqueça de rezar as suas orações, doutor O'Riley. — Esteja descansada que não me esqueço.

Rachel afastou-se por entre as trevas deixando de ser vista pouco depois. Durante algum tempo, Nate avistou os contornos da sua silhueta percorrendo o trilho sinuoso. O povoado perdera-se na escuridão da noite.

Ficaram sentados no banco corrido durante algumas horas, esperando que o ar refrescasse, receando o momento em que seriam forçados a entrar na tenda acanhada, onde dormiriam costas contra costas; os dois homens sentiam o corpo transpirado, de onde emanava um odor pouco agradável. Todavia, não lhes restava outra alternativa. A tenda, de um tecido quase translúcido, protegê-los-ia pelo menos das picadas dos mosquitos e outros insectos. Também manteria do lado de fora tudo o que rastejasse. Deram um passeio pelo povoado. Jevy começou a contar a Nate lendas dos índios em que todas terminavam com a

morte de alguém. — Chegou a dizer-lhe alguma coisa sobre o dinheiro? — perguntou finalmente. -Não. Tenciono contar-lhe amanhã.

— Agora que já a encontrou, o que é que ela pensará da herança? — Não faço a mais pequena ideia — admitiu Nate. — É óbvio que se sente feliz entre os índios. Parece-me uma crueldade perturbar a existência que leva aqui.

— Sendo assim, ofereça-me esse dinheiro. Garanto-lhe que não perturbará a minha vida.

Cingindo-se à hierarquia social, Nate foi o primeiro a gatinhar para dentro da tenda. Passara a noite anterior a olhar para o firmamento deitado no fundo do bote, pelo que a fadiga cedo se apoderou de si.

Quando Nate já ressonava, tentando não fazer barulho, Jevy abriu o fecho de correr da entrada da tenda, virando-se desassossegadamente até encontrar uma posição mais confortável. O seu companheiro de viagem estava como que morto para a vida.

VINTE E OITO

Depois de nove horas de sono, os Ipicas levantaram-se antes da alvorada, iniciando as actividades de um novo dia. As mulheres fizeram pequenas fogueiras onde cozinhariam do lado de fora das palhotas, após o que se afastaram em direcção ao rio acompanhadas das crianças, a fim de irem buscar água e tomar banho. De uma maneira geral, esperavam pela primeira luz do amanhecer para começarem a percorrer os trilhos de terra batida. Era prudente que vissem tudo o que estivesse diante deles.

Em português, a cobra venenosa era conhecida pelo nome de urutu. Os índios chamavam-na bima. Era vulgar encontrá-las nas passagens de água da região meridional do Brasil; frequentemente, a sua mordidela era fatal. O nome da garota era Ayesh, tinha sete anos e viera para este mundo com a ajuda de uma missionária branca. Na altura, Ayesh caminhava à frente da mãe, em vez de se manter atrás dela como era costume; sentiu a bima que se contorcia debaixo do seu pé descalço.

Abocanhou-a abaixo do tornozelo e a garota gritou. Quando o pai chegou junto da filha, ela encontrava-se em estado de choque e o pé direito tinha o dobro do tamanho normal. Um rapaz de quinze anos, o corredor mais veloz da tribo, foi imediatamente enviado para chamar Rachel.

Havia quatro pequenos povoados de índios ipica ao longo das margens de dois rios que confluíam perto do local onde Nate e Jevy tinham ancorado. A distância que mediava a confluência e a última palhota dos ipica não era superior a oito quilómetros. As aldeias eram compostas por pequenas tribos autónomas distintas entre si, embora todos os nativos fossem ipicas que falavam o mesmo dialecto, tendo as mesmas origens e costumes. Socializavam e casavam entre si.

Ayesh vivia no terceiro povoado para cá da confluência. Rachel encontrava-se no segundo, o maior. Quando o corredor chegou, ela lia a Santa Escritura na pequena palhota onde vivia há onze anos. Rapidamente, inspeccionou a sua provisão de medicamentos e encheu a pequena maleta de médico.

Naquela zona do Pantanal viviam quatro espécies de cobras venenosas, e em diversas ocasiões Rachel pudera sempre recorrer aos antídotos apropriados.

Mas isso não aconteceu desta vez. O corredor índio disse-lhe que a cobra era uma bima. O antídoto era fabricado por uma empresa farmacêutica brasileira, apesar de ela não ter conseguido encontrar o medicamento aquando da última viagem que fizera a Corumbá. As farmácias da cidade tinham menos de metade dos fármacos de que necessitava habitualmente. Apertou os atacadores das botas de couro e saiu com a sua maleta. Lako e dois outros rapazes da sua aldeia juntaram-se-lhe ao longo do caminho que percorreram entre o mato alto e os maciços cerrados de arvoredo. De acordo com as estatísticas de Rachel, no conjunto dos quatro povoados viviam oitenta e seis mulheres adultas, oitenta e um homens adultos e setenta e duas crianças, um total de duzentos e trinta e nove índios ipica. Quando começou a trabalhar com aqueles nativos, havia onze anos, o número de nativos cifrara-se em duzentos e oitenta. De tantos em tantos anos, a malária levava os mais fracos. Em 1991, um surto de cólera que grassara numa das aldeias tinha morto vinte nativos. Se Rachel não tivesse insistido que se impusesse uma quarentena, a maior parte dos ipicas teriam sido dizimados.

Com a diligência de uma verdadeira antropóloga, Rachel mantinha registos de todos os nascimentos, mortes, casamentos, árvores genealógicas, doenças e respectivos tratamentos. Na maioria das vezes, sabia quem é que mantinha uma relação extra-conjugal e com que parceiro. Conhecia o nome de todos os habitantes de cada um dos povoados. Baptizara os progenitores da pequena Ayesh no mesmo rio onde costumavam banhar-se.

A garota era franzina e pequena; muito provavelmente viria a morrer pela falta do antídoto que neutralizaria o veneno. Era um medicamento que se encontrava à venda em qualquer parte dos Estados Unidos, assim como nas cidades mais populosas do Brasil, e que não era exageradamente dispendioso. O pequeno orçamento que ela tinha da organização Tribos Universais cobriria aquela verba. Apenas três injecções ministradas num período de seis horas, e aquela morte poderia ser evitada. Sem o medicamento, a garota seria acometida de vómitos violentos, ao que se seguiriam febres muito elevadas, um estado de coma e, finalmente, a morte. Tinham passado três anos desde a última vez que os Ipicas haviam testemunhado uma morte devido à mordidela de uma cobra venenosa. E, pela primeira vez em dois anos, Rachel não possuía o antídoto.

Os progenitores de Ayesh eram cristãos, recém-convertidos, empenhados em aprender uma nova religião. Cerca de um terço dos índios ipica tinham-se convertido ao cristianismo. Graças ao trabalho de Rachel e dos seus predecessores, metade deles sabia ler e escrever.

Enquanto caminhava num passo apressado atrás dos dois rapazes, rezava.

Apesar de comer pouco, todos os dias percorria vários quilómetros. Os nativos admiravam a sua capacidade de resistência e perseverança.

Jevy lavava-se no rio quando Nate abriu o fecho de correr do mosquiteiro, saindo da tenda com alguma dificuldade. Ainda tinha hematomas provocados pelo acidente aéreo. As noites que passara a dormir no barco e no chão não haviam contribuído para aliviar o corpo dorido. Distendeu as costas e os braços, sentindo dores por todo o corpo; o peso de cada um dos seus quarenta e oito anos de idade estava bem presente. Avistava Jevy mergulhado até à cintura numa água que parecia muito mais límpida do que nas outras zonas do Pantanal.

«Estou perdido», sussurrou Nate para si próprio. «Tenho fome. Não tenho papel higiénico.» Um pouco a medo, tocou nos dedos dos pés enquanto inventariava os seus pensamentos pouco animadores. Que diabo, aquilo era uma aventura! Estava-se na época do ano em que todos os advogados entravam no novo ano firmemente empenhados na decisão de facturarem mais horas de trabalho, ganhar causas importantes, cortarem nas despesas administrativas e, em suma, dispostos a levarem mais dinheiro para casa. Havia anos que ele se batia pelos mesmos objectivos, contudo agora tinha a sensação de que tudo isso era um disparate.

Com um pouco de sorte, naquela noite dormiria na sua rede espreguiçadeira, depois de se balouçar ao sabor da brisa bebendo um café. Se a memória não o atraiçoava, Nate nunca antes sentira saudades de comer feijão-preto com arroz branco. Jevy regressou à tenda na mesma altura em que uma patrulha de índios chegava do povoado. O chefe da tribo queria falar com eles.
— Ele quer que lhe dêem pão — disse Jevy enquanto se afastavam referindo-se a Nate.

— O pão é uma ideia excelente. Pergunte-lhes se também têm toucinho fumado e ovos.

— Eles têm o hábito de comer muita carne de macaco. Jevy não dava a impressão de estar na brincadeira. Quando chegaram ao limite da aldeia, depararam com um grupo de crianças que esperavam com a finalidade de observarem os estrangeiros bem de perto. Nate brindou-as com um sorriso de timidez. Em toda a sua vida nunca tivera tanta consciência da sua pele branca, para não acrescentar que pretendia que gostassem de si. Algumas mães nuas fitavam-no da primeira palhota com uma expressão aparvalhada. Quando ele e Jevy chegaram à ampla clareira comum, todos interromperam as suas tarefas olhando-os com fixidez. Havia pequenas fogueiras que continuavam a arder fora das palhotas; o pequeno-almoço já fora tomado. O fumo mantinha-se suspenso

acima dos telhados das palhotas, como se fosse um manto de nevoeiro, tornando o ar húmido ainda mais opressivo e pegajoso. Passavam poucos minutos das sete e já se sentia um calor abrasador.

Quem planeara aquela aldeia fizera um trabalho excelente. Cada uma das habitações era perfeitamente quadrada, com um telhado de colmo num declive acentuado que caía quase até ao solo. Alguns eram maiores do que os outros, embora a concepção se mantivesse inalterável. As palhotas estavam dispostas de forma oval em redor de uma ampla clareira, todas de frente para esta — o largo da aldeia. No centro da clareira haviam sido erigidas quatro habitações espaçosas — duas circulares e duas rectangulares — todas com telhados de palha com várias camadas.

Eram aguardados pelo chefe da tribo. A habitação deste era a maior palhota da aldeia, como seria de esperar. O chefe era o índio mais corpulento de todos os nativos. Ainda era um homem novo, não se lhe vendo rugas profundas que lhe sulcassem a testa, possuindo uma barriga avantajada, característica dos homens mais velhos que as exibiam com um orgulho indisfarçável. Mantinha-se de pé enquanto lançava um olhar a Nate que teria horrorizado John Wayne. Um guerreiro mais idoso fazia de intérprete. Passados poucos minutos, Jevy e Nate foram convidados a sentar-se à volta de uma fogueira, onde a mulher do chefe da tribo, completamente nua, preparava o pequeno-almoço.

Sempre que ela se inclinava para a frente, os seus seios oscilavam de um lado para o outro; o pobre Nate estava absolutamente incapaz de afastar o olhar, ainda que fosse por um único segundo, como que mesmerizado. Não havia nada de especialmente sensual naquela mulher nua e nos seus seios. O que lhe prendia o olhar era o facto de ela poder mostrar-se tão desnudada, mantendo-se absolutamente alheada dessa nudez.

Onde é que ele teria deixado a sua máquina fotográfica? Se não lhes levasse uma prova, os tipos do escritório jamais acreditariam no que lhes contasse.

A mulher ofereceu a Nate um prato de madeira cheio do que parecia ser uma porção de batatas cozidas. Lançou um olhar de revés a Jevy que lhe respondeu com um breve acenar de cabeça, como se soubesse tudo o que havia a saber sobre culinária índia. O chefe da tribo foi o último a ser servido e quando começou a comer com os dedos Nate seguiu-lhe o exemplo. Saboreou um produto híbrido que era uma mistura de nabo e batata de casca vermelha, com um sabor pouco definido.

Jevy falava ao mesmo tempo que comia, conversa que dava prazer ao

chefe tribal. Ao cabo de algumas frases, Jevy traduzia em inglês para que Nate pudesse acompanhar o diálogo. Aquele povoado nunca sofria o efeito das cheias. Há mais de vinte anos que se tinham instalado naquela região. O solo era bom para a agricultura. Preferiam não andar de terra em terra, mas por vezes o solo forçava-os a isso. O seu pai também fora chefe da tribo. O chefe tribal, de acordo com o que ele dizia, era o homem mais sábio, inteligente e justo de entre todos, estando-lhe interdito que se envolvesse em relações extra-conjugais. A maior parte dos outros ipicas fazia-o, mas nunca o chefe da tribo. Nate desconfiava que havia muito pouca coisa com que um homem pudesse ocupar o seu tempo por ali, além de se divertir um pouco com as práticas amorosas.

O chefe nunca vira o rio Paraguai. Preferia a caça à pesca, o que o levava a passar mais tempo na floresta do que nos cursos fluviais. Aprendera os rudimentos da língua portuguesa que o pai lhe ensinara, juntamente com os missionários brancos. Nate comia e ouvia prestando atenção a tudo o que se passava na aldeia, à espera de ver alguns sinais da presença de Rachel. O chefe tribal explicou-lhe que ela não estava ali, fora chamada ao outro povoado para tratar de uma criança que tinha sido mordida por uma cobra venenosa. Não sabia com exactidão quando é que ela regressaria. «Mas que maravilha!», pensou Nate com ironia.

— Ele quer que esta noite durmamos aqui, na aldeia — traduziu Jevy. Entretanto, a mulher do chefe voltava a encher os pratos.

— Eu não sabia que ficávamos aqui mais um dia — replicou Nate.

— Ele diz que sim, que ficamos.

— Diz-lhe que vou pensar no assunto.

— Diz-lhe tu.

Nate amaldiçoou-se por não ter trazido o telefone-satélite. Com certeza absoluta que, naquele momento, Josh estaria a andar desassossegadamente de um lado para o outro no seu gabinete, de tão preocupado que se sentiria. Há quase uma semana que não comunicavam um com o outro.

Jevy disse qualquer coisa vagamente bem-humorada que quando traduzida era hilariante. O chefe começou a rir a bandeiras despregadas e pouco depois todos os presentes faziam coro com ele, incluindo Nate que se ria de si próprio por se estar a rir, a exemplo dos índios.

Ambos declinaram um convite para irem caçar. Uma patrulha de homens jovens escoltou-os de regresso ao primeiro povoado, até ao bote. Jevy queria limpar as velas de ignição, uma vez mais, e tentar afinar o carburador. Nate não tinha nada com que ocupar o seu tempo.

O advogado Valdir atendeu o telefonema matutino do doutor Stafford. As cortesias da praxe levaram apenas uns escassos segundos.

— Há vários dias que não tenho notícias de Nate O'Riley — disse Stafford.

— Mas ele levou um desses telefones — retorquiu Valdir na defensiva, como se sentisse que tinha a obrigação de proteger o doutor O'Riley.

— Sim, de facto levou. É isso que me preocupa. Tem a possibilidade de me telefonar a qualquer altura onde quer que se encontre.

— E pode utilizar o telefone se as condições atmosféricas não forem boas?

— Não. Suponho que não.

— Temos tido muitos temporais severos por estas paragens. Ao fim e ao cabo, estamos na estação das cheias.

— Já teve notícias do guia que contratou? — Não. Eles partiram juntos. Este guia é muito capaz. O barco também é bom. Tenho a certeza de que estão bem.

— Nesse caso, por que razão é que ele não me telefona? — Não lhe sei responder. Mas todos os dias temos tido muitas nuvens. Talvez seja por isso que ele não consegue usar o telefone. Combinaram que Valdir telefonaria a Josh no momento em que tivesse alguma notícia de Nate. Valdir aproximou-se da janela do seu gabinete, olhando para as ruas cheias de movimento de Corumbá. Um pouco mais abaixo, ao fundo da colina, via-se o rio Paraguai. Havia inúmeras histórias de pessoas que tinham navegado por aquele rio até ao Pantanal para nunca mais regressarem. Fazia parte da lenda e do fascínio.

O próprio pai de Jevy navegara pelos rios durante trinta anos e o seu corpo nunca fora encontrado.

Welly descobriu o escritório de advocacia uma hora mais tarde. Nunca se encontrara com o doutor Valdir, mas soubera através de Jevy que era o advogado quem custeava localmente a expedição. — É um assunto importante — disse ele à secretária. — Muito urgente. No seu gabinete, Valdir ouviu a troca de palavras e saiu para a recepção.

— Quem é você? — perguntou num tom de exigência. — O meu nome é Welly. Jevy contratou-me como marujo no Santa Loura.

— O Santa Loura).

— Sim — confirmou Welly.

— E o Jevy, onde é que está?

— Continua no Pantanal.

— Onde é que o barco ficou? — Naufragou — respondeu Welly sucintamente.

Valdir apercebeu-se de que o rapaz estava cansado e assustado. — Sente-se — convidou enquanto a secretária se apressava a ir buscar um copo de água. — Conte-me tudo o que se passou. Welly encrespou as mãos no braço da cadeira começando a falar com rapidez.

— Eles foram pelo rio no bote à procura dos índios, estou a referir-me a Jevy e ao doutor O'Riley.

— Quando? — perguntou Valdir.

— Não sei ao certo. Há alguns dias. Ficou combinado que eu ficaria a bordo do Santa Loura. Mas houve uma tempestade, o maior temporal que vi até hoje. A meio da noite, as amarras do barco soltaram-se com a força do vento, o que fez com que capotasse. Eu fui arremessado para a água e mais tarde fui salvo por uma embarcação de transporte de gado. — Quando é que você chegou? — Há meia hora.

Entretanto, a secretária voltou com o copo de água. Welly agradeceu-lhe e pediu-lhe um café. Valdir, encostado à mesa onde ela trabalhava, observava o pobre rapaz. Estava sujo e cheirava a excrementos de vaca.

— Portanto o barco naufragou, não é verdade? — constatou Valdir. — Sim. Tenho muita pena. Não pude fazer nada para evitar que se perdesse. Nunca tinha visto um temporal daqueles. — E durante essa tempestade, onde é que o Jevy estava? — Algures no rio Cabixa. Receio que lhe tenha acontecido alguma coisa.

Valdir dirigiu-se para o seu gabinete, entrou, fechou a porta e aproximou-se da janela. O doutor Stafford encontrava-se a uma distância de quase cinco mil quilómetros. Jevy tinha possibilidades de ter sobrevivido numa pequena embarcação. Não fazia sentido começar a tirar conclusões precipitadas. Decidiu que não telefonaria nos dias mais próximos. Daria algum tempo a Jevy que, certamente, regressaria a Corumbá dentro em pouco.

O índio mantinha-se de pé no bote, tendo-se agarrado ao ombro de Nate para não perder o equilíbrio. O motor não dava mostras de ter melhorado o seu rendimento. Continuava a falhar e a engasgar-se, e ainda que o pusessem a funcionar a todo o gás o rendimento ficava-se por metade da capacidade que mostrara quando deixaram o Santa Loura.

Passaram pelo primeiro povoado, onde o curso do rio era tão sinuoso que quase chegava ao ponto de formar círculos. Um pouco mais à frente bifurcava e o índio apontou. Vinte minutos mais tarde, a tenda onde passaram a noite

começou a avistar-se da pequena embarcação. Acostaram no sítio onde Jevy tomara banho às primeiras horas do dia. Desmontaram o acampamento e transportaram tudo o que haviam trazido para a aldeia, onde o chefe da tribo queria que se alojassem. Rachel ainda não voltara. Porque ela não fazia parte da tribo, a sua palhota situava-se num local afastado das outras, dispostas de forma oval. Ficava a uma distância de cerca de trinta metros, mais perto do perímetro da floresta, completamente isolada. À primeira vista, parecia ser mais pequena do que as outras. Quando Jevy quis saber a razão daquelas diferenças, o índio que fora designado para os acompanhar explicou que era por ela não ter família. Os três — Nate, Jevy e o índio que lhes coubera como escolta — passaram duas horas debaixo de uma árvore entre a aldeia e a floresta, mantendo-se atentos às tarefas rotineiras do dia a dia enquanto esperavam que Rachel chegasse.

O casal de missionários que vivera no povoado antes de Rachel, os Cooper, tinham ensinado português ao índio. Também sabia algumas palavras de inglês que, a intervalos regulares, tentava experimentar com Nate. Os Cooper haviam sido os primeiros brancos que qualquer dos ipicas vira. A senhora Cooper tinha morrido de malária e o senhor Cooper regressou ao local de onde viera. Os homens caçavam e pescavam — explicou o nativo aos convidados, enquanto os mais jovens, com toda a certeza, já se tinham escapado sorrateiramente da aldeia para se encontrarem com as namoradas. Às mulheres cabiam as tarefas mais duras — cozinhar, cozer o pão, limpar e vigiar as crianças. No entanto, o trabalho era feito a um ritmo vagaroso. Partindo do princípio de que o tempo passava mais lentamente a sul do equador, no que dizia respeito aos índios ipica, o conceito das horas era inexistente.

As portas das palhotas permaneciam abertas e as crianças corriam de uma para a outra. As rapariguinhas sentavam-se à sombra entrançando os cabelos, enquanto as suas mães trabalhavam junto das fogueiras.

A limpeza era uma obsessão. O chão de terra batida das áreas comuns era varrido constantemente com vassouras de palha. O exterior das palhotas mantinha-se bem limpo e arrumado.

As mulheres e as crianças banhavam-se na água do rio três vezes ao dia; os homens banhavam-se duas vezes e nunca ao mesmo tempo que as mulheres. Toda a gente andava nua, mas existiam determinadas coisas que se faziam em privado.

Ao fim da tarde, os homens reuniam-se à entrada da palhota que lhes fora reservada, a maior das duas rectangulares no centro da clareira. Durante algum tempo ocupavam-se com os seus cabelos — que cortavam e arranjavam — e em

seguida começavam a lutar entre si. Aquelas pelejas amigáveis tinham lugar entre dois nativos que se colocavam frente a frente; o objectivo era fazer com que o adversário ficasse caído por terra. Era uma luta agressiva, embora obedecesse a regras rígidas, e quando terminava havia uma grande profusão de sorrisos. O chefe da tribo arbitrava qualquer disputa que eventualmente pudesse surgir. Da porta das suas palhotas, as mulheres assistiam às lutas masculinas manifestando pouco interesse, como se se esperasse que fossem espectadoras. Os garotos imitavam os pais.

Por seu turno, Nate sentava-se num tronco de árvore, visualizando um drama de outra etapa da sua vida, perguntando-se, o que não fazia pela primeira vez, onde é que estava.

VINTE E NOVE

Eram poucos os índios, dos que se encontravam em redor de Nate, que sabiam que a garota se chamava Ayesh. Era apenas uma criança que vivia numa outra aldeia. Não obstante esse desconhecimento, todos sabiam que havia uma rapariga que fora mordida. Falaram sobre o assunto ao longo de todo o dia, enquanto tomavam a precaução de manter os seus próprios filhos por perto. Durante o jantar chegou a notícia de que a garotinha morrera. A má nova foi dada ao chefe da tribo por um mensageiro que chegou a correr, e num espaço de poucos minutos a notícia espalhou-se por todas as palhotas. As mães juntaram os filhos mais pequenos, não lhes permitindo que se afastassem para longe. Recomeçaram a comer até verem o movimento de pessoas no trilho principal. Rachel regressava com Lako e os outros homens que a tinham acompanhado durante todo o dia. Quando entrou no povoado, todos pararam de comer, interrompendo as conversas; todos se levantaram prendendo os olhos nela. Enquanto ia passando pelas palhotas os indígenas baixavam a cabeça. Rachel sorriu a uns quantos, dirigindo palavras murmuradas a outros e detendo-se durante o tempo necessário para dizer qualquer coisa ao chefe, após o que se dirigiu para a sua palhota seguida por Lako, que coxeava mais do que o costume.

Rachel passou perto da árvore onde Nate, Jevy e o seu índio haviam passado a maior parte da tarde, mas não deu pela presença deles. Não estava a olhar. Sentia-se cansada e sofria, parecendo ansiosa por chegar a casa.

— E agora o que é que fazemos? — perguntou Nate a Jevy que passou a pergunta traduzindo-a em português.

— Esperamos — foi a resposta que lhe foi dada.

— Como se eu esperasse outra resposta.

Quando o Sol já se punha para lá das montanhas, Lako aproximou-se deles. Jevy e o índio foram comer alguns restos do jantar. Nate seguiu o rapaz pelo trilho que ia dar à habitação de Rachel. Estava à porta a secar a cara com uma toalha de rosto. Tinha o cabelo molhado e mudara de roupa.

— Boa-noite, doutor O'Riley — saudou na mesma voz baixa e vagarosa que não traía qualquer emoção. — Olá, Rachel. Por favor, trate-me por Nate.

— Sente-se ali, Nate — indicou Rachel apontando para um cepo pouco

alto e extraordinariamente parecido com aquele em que Nate se mantivera sentado ao longo das últimas seis horas. Fora colocado em frente da palhota, próximo de um círculo de pedras onde ela costumava fazer a sua fogueira. Sentou-se, embora ainda sentisse o traseiro dorido por ter estado sentado durante tanto tempo. — Lamento muito o que aconteceu à menina — disse Nate. — Está junto do Senhor. — Mas os pobres pais não estão.

— Não. Estão a passar por um grande desgosto. É uma situação muito triste.

Rachel sentou-se à entrada da palhota com os braços à volta dos joelhos e o olhar perdido à distância. O jovem índio mantinha-se vigilante debaixo de uma árvore não muito longe; no meio das sombras, era difícil vê-lo.

— Convidá-lo-ia a entrar na minha casa — começou Rachel a dizer -, mas isso não seria apropriado. — Por mim, isso não tem importância nenhuma.

— Só as pessoas casadas é que podem estar a sós dentro das palhotas a esta hora do dia. É um costume dos nativos.

— Em Roma, faz como os romanos.

— Roma fica muito longe.

— Tudo fica muito longe daqui.

— Sim, de facto assim é. Tem fome?

— E você? — perguntou Nate.

— Não. Mas habitualmente eu como muito pouco.

— Estou bem. Precisamos de conversar.

— Peço-lhe desculpa pelo que sucedeu hoje. Tenho a certeza que compreende.

— Claro que sim.

— Se lhe apetecer, posso oferecer-lhe um pouco de mandioca e algum sumo.

— Não, de verdade que não me apetece. Estou bem. — Hoje o que é que fez? — Falámos com o chefe da tribo, tomámos o pequeno-almoço com ele, fomos a pé até à primeira aldeia e estivemos a trabalhar no motor do bote, em seguida montámos a tenda por detrás da palhota do chefe, e ficámos à sua espera.

— O chefe gostou de si?

— Evidentemente. Quer que fiquemos.

— Que opinião é que tem da minha gente?

— Andam todos nus.

— Sempre andaram — confirmou Rachel.

— De quanto tempo é que precisou para se habituar a esta nudez? — Não sei bem. Talvez uns dois anos. Gradualmente, vamo-nos acostumando, como a tudo o mais. Durante três anos senti muitas saudades da minha terra natal, e ainda existem ocasiões em que gostaria de me sentar ao volante de um automóvel, comer uma pizza e poder ver um bom filme. Mas acabamos por nos adaptar. — É-me extremamente difícil conceber uma coisa dessas. — É uma questão de vocação. Perfilhei a fé cristã quando tinha catorze anos, e foi então que soube que Deus queria que eu viesse a ser uma missionária. Na altura não sabia exactamente onde, mas pus toda a minha fén'Ele.

— Não há dúvida que Ele escolheu um diabo de uma terra... — Gosto muito de ouvir o seu inglês, mas por favor não pragueje. — Peço desculpa. Acha que podemos falar de Troy Phelan? — As sombras da noite aproximavam-se com rapidez. Entre Rachel e Nate havia uma distância de cerca de três metros; ainda conseguiam ver-se um ao outro, mas dentro em pouco seriam separados pela escuridão.

— Faça como lhe aprouver — retorquiu ela com uma expressão resignada que também era fruto do cansaço.

— Troy foi casado com três mulheres que lhe deram três filhos, tanto quanto sabemos, além de você que, como é evidente, foi uma surpresa para toda a gente. Ele não gostava dos outros seis, embora, ao que tudo indica, tivesse dedicado bastante afecto a si. Em herança, deixou-lhes praticamente nada, apenas o suficiente para saldar as dívidas que todos têm. O resto dos bens foi integralmente deixado a Rachel Lane, nascida de uma relação extramatrimonial, a 2 de Novembro de 1954, no Hospital Católico de Nova Orleães, de uma mulher chamada Evelyn Cunningham, já falecida. Essa Rachel seria você.

As palavras caíam pesadamente no ar opressivo devido à humidade; não se ouviam quaisquer outros sons. A silhueta de Rachel absorvia-os e, como era seu costume, ela ponderou bem as suas palavras antes de falar.

242 — 243 — Troy não gostava de mim. Não nos vimos durante vinte anos. — Esse aspecto não é importante. Ele deixou-lhe toda a sua fortuna. Ninguém teve oportunidade para lhe perguntar por que razão é que decidiu saltar da varanda abaixo, depois de ter assinado o último testamento. Trouxe uma cópia para si. — Não quero vê-la.

— Também tenho outros documentos que gostava que assinasse, talvez amanhã, bem cedo, assim que houver luz. Feito isso, poderei pôr-me a caminho. — Que espécie de documentos? — Papelada oficial, tudo em seu benefício.

— Você não está preocupado com o meu bem-estar. — Aquelas palavras

de Rachel foram muito mais rápidas e desabridas. Nate sentiu-se melindrado com a admoestação.

— Isso não é verdade — replicou numa voz pouco convincente. — Claro que é. Você não sabe o que é que eu quero, ou do que necessito, ou do que gosto, ou do que não gosto. Você não me conhece, Nate, portanto, como é que pode saber aquilo que me beneficiará ou não? — De acordo, tem toda a razão. Admito que não a conheço, tal como você não me conhece. Estou aqui em representação do espólio que o seu pai lhe deixou. Para mim, continua a ser muito difícil acreditar que efectivamente estou sentado aqui, na escuridão, do lado de fora de uma palhota, num povoado de índios primitivos, perdido num pântano com um território do tamanho do Colorado, num país do terceiro mundo que nunca tinha visitado, enquanto converso com uma missionária encantadora que, por acaso, é a mulher mais rica do mundo. Sim, tem razão, não sei o que é que será melhor para si. Apesar de tudo, é da maior importância que você leia estes documentos, após o que deverá assiná-los. — Não tenciono assinar coisa nenhuma. — Ora, vamos lá, deixe-se disso.

— Não tenho o mínimo interesse nos seus papéis. — Ainda nem sequer os viu.

— Nesse caso, diga-me de que é que tratam — atalhou Rachel. — São meras formalidades. A minha firma tem de proceder à homologação da herança que o seu pai deixou. Todos os herdeiros que foram mencionados no testamento têm a obrigação de informar o tribunal, em pessoa ou por escrito, de que tomaram oficialmente conhecimento dos trâmites jurídicos, tendo-lhes sido dada a oportunidade de participar. É uma exigência que a lei determina. — E se me recusar? — Para lhe falar com franqueza, essa é uma hipótese que nem sequer me passou pela cabeça. É um processo tão rotineiro que ninguém se recusa a cooperar.

— Por conseguinte, tenho de me submeter ao tribunal de...? — Da Virgínia. O tribunal de homologações desse estado tem jurisdição sobre si, embora se encontre ausente do país. — Não sei bem se essa ideia me agrada.

— Óptimo; sendo assim, salte para dentro do barco e partamos a caminho de Washington.

— Não estou disposta a sair daqui — replicou Rachel. A estas palavras seguiu-se um silêncio prolongado, interlúdio que se tornou ainda mais silencioso devido à escuridão que os envolvia. O rapaz índio continuava completamente imobilizado debaixo da copa da árvore. Os outros nativos instalavam-se nas suas palhotas sem fazerem qualquer ruído, à excepção do choro ocasional de uma

criança.

— Vou buscar um pouco de sumo para bebermos — disse Rachel num murmúrio que quase não se ouviu, entrando na palhota. Nate levantou-se distendendo o corpo dorido, ao mesmo tempo que enxotava os mosquitos. Deixara o repelente de insectos na tenda. Nate deu por um pequeno ponto de luz que bruxuleava no interior da palhota. Rachel trazia uma pequena tigela de barro com uma chama no centro.

— São folhas daquela árvore que está ali — explicou enquanto se sentava no chão à entrada da palhota. — Costumamos queimá-las porque mantêm os mosquitos afastados. Sente-se aqui, mais perto das folhas.

Nate acatou o que Rachel lhe disse. Pouco depois, ela voltou a sair trazendo duas malgas cheias de um líquido que ele não conseguia ver.

— É de macajubeira, assemelha-se ao sumo de laranja. — Os dois sentavam-se no chão, os corpos quase se tocavam, com as costas encostadas à palhota e a malga onde ardiam as folhas perto dos pés.

— Fale em voz baixa — advertiu Rachel. — Os índios estão a tentar adormecer; a escuridão e o silêncio são bons condutores de vozes. Além de que eles se sentem muito curiosos a nosso respeito. — Não são capazes de compreender o que dizemos.

— É verdade, mas mesmo assim pôr-se-ão à escuta. Havia vários dias que o corpo de Nate não sabia o que era um sabonete; inesperadamente, sentiu-se preocupado com a sua higiene pessoal. Bebeu uns quantos goles de sumo. — Você tem família? — perguntou Rachel.

— Já tive um par delas. Dois casamentos. Dois divórcios e quatro filhos. Actualmente vivo sozinho.

— É tão fácil que as pessoas se divorciem, não acha? Nate bebeu um gole muito pequeno da bebida morna. Até à data conseguira evitar as diarreias violentas, indisposição que frequentemente afligia tantos estrangeiros. Com certeza que aquela bebida um tanto turva seria inofensiva.

Dois norte-americanos sozinhos no meio da selva. Ambos tinham tantos assuntos de que conversar, por que motivo é que não podiam evitar o tema do divórcio? — Na realidade, é um processo bastante doloroso. — Mas isso não impede que continuemos com a nossa vida. Casamo-nos e depois divorciamo-nos. Encontramos outra pessoa e voltamos a casar e divorciamo-nos de novo. Uma vez mais, encontramos outra pessoa. — Nós?! — exclamou Nate.

— Só estou a usar o pronome. Gente civilizada, educada. Pessoas complicadas. Os índios nunca se divorciam.

— Também nunca conheceram a minha primeira mulher. — Ela era assim tão desagradável? Nate respirou fundo e bebeu outro gole de sumo. «Tens de ser indulgente com ela», disse a si próprio. «Está desesperada por conversar com alguém da sua raça.» — Peço desculpa — disse Rachel. — A minha intenção não é intrometer-me. Esse assunto não interessa.

— Ela não era má pessoa, pelo menos nos primeiros anos de casamento. Eu trabalhava muito e bebia ainda mais. Quando não estava no escritório, poderia ser encontrado num bar qualquer. Ela começou a ressentir-se com essa minha atitude, a pouco e pouco foi-se tornando má e por último perversa. As coisas entraram num círculo vicioso de onde não havia saída, o que nos levou a odiarmo-nos.

Num ápice, a pequena confissão chegou ao fim, tendo bastado tanto para um como para o outro. O seu descalabro matrimonial parecia-lhe tão descabido e irrelevante naquela situação. — E você, Rachel, nunca se casou? — Não — respondeu ela bebendo outro gole de sumo. Era canhota e quando levava a malga aos lábios tocava em Nate com o cotovelo.

— Não sei se sabe, mas Paulo nunca se casou.

— Paulo, quem?

— O apóstolo Paulo.

— Ah, esse Paulo.

— Costuma ler a Bíblia? — Não — respondeu Nate.

— Quando andava na faculdade, houve uma ocasião em que pensei que estava apaixonada. Desejava casar com ele, mas o Senhor afastou-me.

— Porquê? — Porque o Senhor queria que eu viesse para aqui. O rapaz por quem eu me tinha apaixonado era um bom cristão, mas fisicamente não era um homem forte. Jamais teria sobrevivido ao trabalho de campo dos missionários.

— Durante quanto mais tempo é que está a pensar viver aqui? — Não faço tenções de me ir embora.

— Isso quer dizer que os índios é que lhe farão o funeral? — Suponho que sim. Isso não é um assunto com que me preocupe por aí além.

— Existem muitos missionários da Tribos Universais que optem por permanecer nos locais onde desempenham a sua missão até morrerem? — Não. A maior parte aposenta-se e regressa às suas terras de origem. Mas esses têm famílias que se encarregarão de lhes fazer o funeral.

— Se você decidisse regressar ao seu país, constataria que a partir de agora teria muitos familiares e amigos. Tornar-se-ia numa personagem bastante

famosa.

— Uma boa razão para que eu me deixe ficar onde estou. Para mim, esta é a minha terra. Não quero esse dinheiro. — Não seja disparatada.

— Não sou disparatada. No que me diz respeito, o dinheiro não tem qualquer significado. O que me parece que devia ser por demais evidente.

— Nem sequer sabe a quanto ascende a sua herança. — Não perguntei. Hoje cumpri a minha missão durante todo o dia sem pensar no dinheiro uma só vez. E amanhã farei o mesmo, assim como nos dias que se seguirem.

— Estamos a falar de onze mil milhões de dólares, mais coisa menos coisa. — Está à espera que eu me sinta impressionada? — Teve o condão de despertar a minha atenção.

— Mas você sente adoração pelo dinheiro, Nate. Faz parte de uma cultura onde tudo é aferido em termos monetários. É uma religião. — Verdade. Mas o sexo também é muito importante. — De acordo, dinheiro e sexo. E que mais? — A fama. Toda a gente pretende vir a ser uma celebridade. — É uma cultura muito triste. As pessoas vivem num autêntico frenesi. Passam o tempo a trabalhar para ganharem o dinheiro com que poderão comprar coisas que impressionem os outros. Toda a gente é avaliada em função das suas posses materiais.

— Estarei eu incluído nessa categoria?

— Acha que sim?

— Suponho que sim — admitiu Nate.

— Isso quer dizer que você vive sem Deus. Pressinto que é uma pessoa muito solitária, Nate. Nem sequer conhece a palavra de Deus.

Nate agitou-se pensando num argumento com que se pudesse defender rapidamente, mas a verdade deixou-o desconcertado. Não dispunha de quaisquer armas ou argumentos, nem tão-pouco fundamento nenhum a que pudesse recorrer.

— Acredito na existência de Deus — retorquiu com sinceridade mas com pouca convicção.

— É fácil fazer essa afirmação — retorquiu Rachel na sua voz habitual, suave e lenta. -Não duvido de si. Contudo, dizê-lo é uma coisa, mas viver de acordo com as nossas crenças é outra questão.

— Aquele rapaz coxo, que está ali, debaixo da árvore, é o Lako. Tem dezassete anos e é franzino para a idade que tem, está constantemente adoentado. A mãe disse-me que o seu nascimento foi prematuro. Lako é sempre o primeiro a ficar contagiado por qualquer doença que nos bata à porta. Duvido muito que viva até aos trinta anos de idade. Mas essa adversidade não afecta Lako.

Adoptou a fé cristã há vários anos, é a pessoa com o espírito mais encantador de todos os que vivem nesta aldeia. Passa todo o dia a falar com Deus; de facto, provavelmente, neste preciso momento estará a rezar. Não tem preocupações nenhumas, nem medos. Caso tenha um problema, dirige-se logo a Deus deixando com Ele seja o que for que o perturbe.

Nate ficou a olhar para a escuridão, fitando o local debaixo da árvore onde Lako estaria a orar, mas não viu nada. — Aquele pequeno índio não tem nada neste mundo a que possa chamar de seu — continuou Rachel -, mas está a acumular grandes riquezas no céu. Sabe que quando morrer passará toda a eternidade no paraíso celeste junto do seu Criador. Lako é um rapaz muito rico. — E com respeito a Troy Phelan? — Duvido muito que Troy acreditasse em Cristo quando morreu. O que, a confirmar-se, fará com que neste momento esteja a arder nas profundas do inferno.

— Você não acredita no que está a dizer.

— O inferno é um lugar muito real, Nate. Leia a Bíblia. Sem a mínima hesitação, Troy daria os seus onze mil milhões de dólares por um copo de água fresca.

Nate estava bem ciente de que não se encontrava preparado para debater questões teológicas com uma missionária. Durante algum tempo manteve-se em silêncio; ela compreendeu a razão daquele mutismo. Passaram alguns minutos até que a última criança do povoado adormecesse. A noite estava de um negrume imperscrutável, serena, sem Lua ou estrelas; a única luz era a pequena chama amarelada que irradiava perto dos pés de Nate e Rachel. Num gesto cheio de suavidade, ela tocou-lhe. Bateu-lhe três vezes no braço.

— Peço desculpa — disse ela. — Nunca lhe devia ter dito que era um homem solitário. Como é que eu posso saber uma coisa dessas? — Não tem importância — tranquilizou-a Nate.

Rachel manteve os dedos ligeiramente apoiados no braço dele, como se estivesse desesperada por tocar em qualquer coisa. — Você é boa pessoa, não é verdade, Nate? — Não, realmente não sou boa pessoa. Faço muitas coisas que são condenáveis. Sou um homem fraco, de uma fragilidade enorme, e não desejo falar sobre este assunto. Não vim aqui com o objectivo de encontrar Deus. Já foi suficientemente difícil descobrir o seu paradeiro, Rachel. A lei exige que eu lhe entregue estes documentos.

— Não tenciono assinar os papéis e não quero o dinheiro. — Deixe-se disso...

— Por favor, não me peça isso. A minha decisão é final. Não falemos

mais desse dinheiro.

— Mas o dinheiro é a única razão que me trouxe até aqui. Rachel afastou os dedos, embora, de uma forma inexplicável, tivesse ficado uns quantos centímetros mais próxima dele, de maneira que os joelhos de ambos quase se tocavam. — Lamento muito que tenha vindo ao Brasil. Fez uma viagem em vão. Outra pausa no diálogo. Nate necessitava de se aliviar, mas pensar que seria forçado a caminhar, ainda que só um metro em qualquer direcção, era uma ideia aterradora.

Lako disse qualquer coisa, sobressaltando Nate. Estava a uma distância de menos de três metros, continuando oculto pela escuridão.

— Ele precisa de ir à tenda — disse Rachel pondo-se de pé. — Vá atrás dele.

Nate ergueu-se do chão começando a levantar-se com movimentos lentos, sentindo as articulações a estalar enquanto os músculos se distendiam com alguma relutância.

— Gostaria de poder partir amanhã — disse ele.

— Óptimo. Falarei com o chefe da tribo.

— Parece-lhe que ele possa levantar algum obstáculo?

— Provavelmente não.

— Vou precisar de trinta minutos do seu tempo para que, no mínimo dos mínimos, possamos rever os papéis e mostrar-lhe uma cópia do testamento.

— Falaremos desse assunto mais tarde. Boa-noite. Enquanto percorriam o pequeno trilho até à aldeia, Nate ia praticamente colado a Lako.

— Aqui — disse Jevy num sussurro que ecoava na escuridão. Sem que Nate compreendesse bem como, ele conseguira arranjar duas redes espreguiçadeiras que suspendera dos postes do pequeno alpendre da palhota reservada aos homens. Nate perguntou-lhe como é que as conseguira. Jevy prometeu-lhe que lhe explicaria na manhã seguinte. Lako sumiu-se por entre as trevas da noite.

TRINTA

F. Parr Wycliff presidia na sua sala de tribunal, ouvindo a leitura monótona das petições que sumariavam os actos de processos judiciais. Munido da cassete de vídeo, Josh aguardava no gabinete atravancado do juiz, onde andava de um lado para o outro numa manifestação de impaciência, agarrando no telemóvel embora os seus pensamentos estivessem num outro hemisfério. Continuava sem notícias de Nate.

As garantias que Valdir não se cansava de lhe repetir pareciam-lhe bem ensaiadas — o Pantanal é uma região muito vasta, o guia era muito competente, o barco grande e seguro, os índios costumavam mudar-se de um lado para o outro, os índios não desejavam ser encontrados, estava tudo a correr pelo melhor. Assim que tivesse notícias de Nate ligar-lhe-ia imediatamente.

Josh tinha considerado a ideia de organizar uma expedição de salvamento. Todavia, considerava que chegar a Corumbá, por si só, já era um desafio de peso; penetrar no interior do Pantanal, com a missão de procurar um advogado desaparecido, parecia-lhe ser uma tarefa impossível de concretizar. Mesmo assim, nada o impedia de ir a Corumbá, onde esperaria com Valdir até receberem notícias. Andava a trabalhar doze horas por dia, seis dias por semana, e o caso Phelan estava à beira de explodir. Josh mal tinha tempo para almoçar, quanto mais para pensar numa viagem ao Brasil. Tentou ligar para Valdir através do telefone celular, mas a linha estava interrompida.

Pouco depois, Wycliff entrou no gabinete, apresentando as suas desculpas enquanto despia a toga. Desejava impressionar um advogado que gozava de tanta influência como Stafford, falando-lhe da importância dos sumários relativos aos actos de processos.

Não havia mais ninguém no gabinete, apenas os dois. Viram a primeira parte da cassete de vídeo sem fazer qualquer comentário.

Começava com o velho Troy sentado na sua cadeira de rodas, enquanto Josh ajustava o microfone à frente dele, e os três psiquiatras com as suas páginas cheias de perguntas. O exame mental tinha a duração de vinte e um minutos, após o que os médicos chegaram unanimemente à conclusão de que o senhor Phelan sabia exactamente o que estava a fazer. Wycliff foi incapaz de conter um

sorriso. Os psiquiatras saíram da sala. A câmara de filmar, directamente em frente de Troy Phelan, continuava ligada. Este endireitou o testamento holografado assinando-o quatro minutos depois de ter sido submetido ao exame que aferira as suas capacidades mentais.

— É aqui que ele salta da varanda — disse Josh.

A câmara não foi deslocada. Continuava a filmar Troy quando este se afastou da mesa num movimento rápido, levantando-se logo de seguida. Desapareceu do ecrã enquanto Josh, Snead e Tip Durban o observavam, e, por uma fracção de segundos, ficaram incrédulos sem acreditarem no que os seus olhos viam, após o que desataram a correr atrás do velho. As cenas eram bastante dramáticas. Decorreram cinco minutos e meio durante os quais a máquina de filmar não registou nada, além de cadeiras vazias e vozes. O pobre Snead senta-se no lugar que fora ocupado por Troy. Estava visivelmente abalado e à beira das lágrimas, embora tivesse conseguido reunir a coragem suficiente para relatar em frente da câmara o que acabara de testemunhar. Josh e Tip Durban seguiram-lhe o exemplo. Trinta e nove minutos de filme em vídeo.

— Como é que eles vão deslindar tudo isto? — perguntou Wycliff terminado o filme. Era uma pergunta que não tinha resposta. Dois dos herdeiros — Rex e Libbigail -já haviam dado entrada de petições contestando a validade do testamento. Os seus advogados — Hark Gettys e Wally Bright, respectivamente, tinham conseguido atrair bastante as atenções, na sequência do que eram muito fotografados e entrevistados pela imprensa.

Os outros herdeiros não tardariam muito a seguir aquele exemplo. Josh já falara com a maior parte dos advogados dos herdeiros; a corrida aos tribunais já se iniciara.

— Todos os psiquiatras desacreditados deste país querem participar nisto — disse Josh. — Há-de surgir um monte de opiniões jurídicas.

— Sente-se preocupado por causa do suicídio? — perguntou o juiz. — Claro que sim. Mas ele planeou tudo com tamanho cuidado, até mesmo a sua morte. Sabia com toda a precisão como e quando é que desejava morrer.

— E quanto ao outro testamento? O que era composto de muitas folhas e que ele assinou primeiro.

— Ele nunca chegou a assiná-lo. — Mas eu vi-o assinar. Ficou gravado em vídeo.

— Não, o senhor Phelan limitou-se a rabiscar o nome de Rato Mickey. Entretanto, Wycliff tomava apontamentos num bloco de apontamentos de papel amarelo com linhas; a sua mão parou a meio de uma frase. — Rato Mickey?! -

repetiu ele.

— A nossa situação é esta, senhor juiz. De 1982 a 1996, elaborei onze testamentos a pedido do senhor Phelan. Alguns eram volumosos e outros nem por isso; neles dispunha-se da sua fortuna de mais maneiras do que aquelas que a sua mente possa conceber. A lei estipula que com a elaboração de cada novo testamento, o que o precedeu tem de ser destruído. De acordo com isso, eu costumava levar o testamento mais recente ao seu escritório, onde passávamos duas horas a analisar pormenorizadamente todas as cláusulas, após o que ele o assinava. Eu guardava os testamentos no meu gabinete, tendo sempre o cuidado de lhe levar o último sempre que o anterior era substituído. Depois de ele ter assinado a nova versão, nós, o senhor Phelan e eu próprio, destruíamos o que o antecedera na máquina de retalhar papéis que ele tinha junto da sua mesa de trabalho. Era um ritual que lhe agradava imensamente. Ficaria feliz durante alguns meses até que um dos filhos fizesse algo que o enfurecesse e, acto contínuo, recomeçava a falar em alterar o testamento.

— Na hipótese de os herdeiros conseguirem provar que ele não se encontrava de posse de capacidades mentais suficientes na altura em que elaborou esse último testamento escrito à mão, isso significa que não existe nenhum outro. Todos os que o precederam foram destruídos.

— O que, a vir ser provado, significa que ele morreu sem deixar qualquer testamento — acrescentou Wycliff.

— Sim, tal como certamente saberá, ao abrigo das leis em vigor na Virgínia, o espólio será equitativamente dividido entre os filhos. — Sete herdeiros. Onze mil milhões de dólares.

— Sete de que nós tenhamos conhecimento. Onze mil milhões é um número bastante exacto. Se estivesse no lugar deles, não tentaria impugnar o testamento? — perguntou Josh.

Tudo o que Wycliff mais almejava era exactamente uma bela contestação, bastante prolongada, que pusesse em questão a validade do testamento. E sabia que os advogados, incluindo Josh Stafford, ficariam ainda mais ricos graças a essa disputajudicial.

Contudo, a batalha necessitava de dois opositores e até à data só se apresentara um. Teria de aparecer alguém que se batesse pela validade do último testamento do senhor Phelan.

— Teve alguma notícia de Rachel Lane? — perguntou Wycliff. — Ainda não, mas continuamos a tentar encontrá-la. — Por onde é que ela anda? — Pensamos que trabalha como missionária algures na América do Sul. Mas ainda

não conseguimos descobrir-lhe o rasto. Já enviámos pessoas que andam à procura dela nessa região. — Josh apercebeu-se de que utilizara a palavra «pessoas» de uma maneira pouco definida.

Wycliff examinava o tecto, profundamente embrenhado nos seus pensamentos.

— Por que razão é que ele terá deixado onze mil milhões de dólares a uma filha ilegítima, que ainda por cima é missionária? — Não sou capaz de responder a essa pergunta, senhor juiz. Ele conseguiu surpreender-me tantas vezes que, até certo ponto, fiquei imunizado.

— É um comportamento que nos leva a pensar um pouco na possibilidade da loucura, não lhe parece? — Sou forçado a admitir que, no mínimo, é estranho.

— Sabia alguma coisa sobre essa filha ilegítima?

— Não — retorquiu Josh.

— Acha que poderão existir outros herdeiros?

— Tudo é possível.

— Pensa que ele não estava bom do juízo? — Não acredito. Era estranho, excêntrico, caprichoso e perverso até ao extremo. Mas é inquestionável que sabia bem o que estava a fazer. — Descubra o paradeiro dessa rapariga, Josh. — É o que estamos a tentar fazer.

Na reunião participaram apenas Rachel e o chefe da tribo. Do local onde Nate estava sentado, no alpendre acima da sua rede espreguiçadeira, via o rosto dos dois e conseguia ouvir as suas vozes. O chefe mostrava-se incomodado com qualquer coisa que via nas nuvens. Dizia o que tinha a dizer e depois escutava o que Rachel lhe replicava, e em seguida, num movimento lento, erguia o olhar para o céu como se antecipasse uma morte que caísse do firmamento. Na óptica de Nate, o chefe da tribo não só ouvia Rachel com atenção, como também procurava os seus conselhos. Em redor dos dois, a refeição da manhã chegava ao fim enquanto os índios ipica se preparavam para um novo dia. Os caçadores reuniam-se em pequenos grupos na palhota reservada aos homens, aguçando a ponta das suas setas e ajustando as cordas dos arcos. Por seu lado, os pescadores estendiam as suas redes e linhas de pesca. As mulheres mais jovens meteram mão à obra, iniciando a interminável tarefa de manterem limpa a área adjacente às suas palhotas, varrendo todos os detritos. As suas mães encaminhavam-se para as hortas e campos de cultivo próximos da floresta. — Ele pensa que vai cair um temporal — explicou Rachel depois de a reunião ter terminado. — Diz que você pode partir mas que não permitirá que nenhum guia da aldeia vá consigo. É demasiado perigoso.

— Achas que nos podemos safar sem um guia? — perguntou Nate a Jevy. — Sim — respondeu este.

Nate replicou-lhe com um olhar que transmitia inúmeros pensamentos.

— Não seria uma atitude sensata — interveio Rachel. — Os rios comunicam entre si. É fácil que qualquer pessoa se perca. Até mesmo os ipicas já perderam pescadores durante a estação das chuvas.

— Quando é que lhe parece que a tempestade amaine? — perguntou Nate.

— Vamos ter de esperar para ver.

Nate respirou fundo deixando descair os ombros num gesto de desânimo. Sentia-se fatigado e tinha o corpo dorido cheio de picadas de mosquitos; também tinha fome e estava farto da sua pequena aventura, preocupado por saber que Josh estaria numa grande aflição sem notícias suas. Até ao momento, a sua missão redundara em fracasso. Não tinha saudades de casa pela simples razão de não haver nada a que desejasse regressar. Mas queria ver Corumbá uma vez mais, com os seus pequenos cafés acolhedores, hotéis de ambiente agradável e as ruas onde a vida seguiam a um ritmo indolente. Desejava outra oportunidade de estar a sós consigo próprio, desintoxicado e sóbrio sem receio de beber até a morte o levar. — Lamento muito — acrescentou Rachel.

— Tenho mesmo de regressar. Há pessoas no escritório que esperam notícias minhas. Esta pequena expedição já se prolongou por mais tempo do que seria de esperar.

Ela ouvia o que ele dizia, mas a verdade é que as suas palavras não lhe interessavam. Umas quantas pessoas preocupadas num escritório de advogados em D. C. era coisa que não a afligia por aí além. — Podemos conversar? — perguntou Nate.

— Tenho de ir ao povoado mais próximo para assistir ao funeral da pequenita. Por que não vem comigo? Teremos muito tempo para conversar.

Lako tomava a dianteira caminhando com o pé direito deformado metido para dentro, o que fazia com que o corpo se inclinasse para a esquerda sempre que dava um passo, para logo a seguir se contorcer para a direita. Olhar para ele inspirava dó. Rachel caminhava atrás do rapaz índio com Nate, que a seguia de perto, transportando um saco de pano que ela trouxera. Jevy mantinha-se bastante atrás deles, uma precaução para não ouvir qualquer conversa que não lhe dissesse respeito. Depois de terem deixado para trás as palhotas, passaram por pequenas parcelas quadradas de terras de cultivo, presentemente abandonadas ao mato rasteiro.

— Os ipicas cultivam os seus alimentos em pequenas hortas que arroteiam na selva — explicou Rachel. Nate seguia logo atrás dela tentando acompanhar o seu passo. Rachel dava passadas longas com as suas pernas vigorosas. Uma caminhada de três quilómetros por entre a floresta, para ela, era uma brincadeira de crianças. — As colheitas esgotam o solo e depois de alguns anos a terra deixa de produzira. Abandonam as parcelas de que a natureza se apodera, vendo-se forçados a penetrar mais no interior da selva. Com o decorrer do tempo, o solo volta a normalizar-se e entretanto ninguém ficou prejudicado. Na perspectiva dos nativos, a terra é tudo. É a sua própria vida. A maior parte das terras foi-lhes retirada pelas pessoas ditas civilizadas.

— Aí está uma coisa que me soa familiar — retorquiu Nate. — Sim, soa. Nós dizimamos estes povos com doenças e derramamento de sangue, para depois os privarmos das suas terras. Em seguida, instalamos os índios em reservas e não compreendemos por que motivo é que não se sentem felizes com essa mudança. Rachel saudou duas mulheres nuas de figura miudinha que amanhavam a terra perto do trilho.

— Às mulheres cabe o trabalho mais árduo — comentou Nate. — Sim, mas o trabalho é fácil quando comparado com dar à luz. — Por mim, acho que prefiro vê-las a trabalhar.

O ar tinha um elevado teor de humidade, mas livre do fumo que pairava incessantemente sobre a aldeia. Quando entraram na floresta, Nate já transpirava.

— Conte-me alguma coisa a seu respeito, Nate — disse ela por cima do ombro. — Onde é que nasceu?

— Isso é capaz de levar algum tempo.

— Limite-se aos pontos mais altos da sua vida.

— Existem mais dos que estive em baixo.

— Vá lá, Nate. Você é que queria conversar; pois bem, conversemos. Ainda temos caminhada para mais meia hora.

— Nasci em Baltimore e era o mais velho de dois filhos, os meus pais divorciaram-se quando eu tinha quinze anos, fiz a primeira fase do ensino secundário na Saint Paul, os últimos três anos estudei em Hopkins, ao que se seguiu a faculdade de direito na Universidade Georgetown, depois da licenciatura fui para D. C. — Teve uma infância feliz? — Suponho que sim. Fiz muito desporto. O meu pai trabalhou na Cervejeira Nacional durante trinta anos, pelo que nunca me faltaram bilhetes para os jogos dos Colts e dos Orioles. Baltimore é uma grande cidade. Também vamos falar sobre a sua meninice? —

Se quiser — anuiu Rachel. — Não foi muito feliz. «Que grande surpresa!», pensou Nate para consigo. «Esta pobre mulher nunca teve uma oportunidade de vir a sentir felicidade.» — Durante a sua adolescência soube que queria formar-se em Direito? — Claro que não. Nenhum miúdo no seu perfeito juízo quer vir a ser advogado. O que eu desejava era jogar nos Colts ou nos Orioles, ou mesmo em ambas as equipas.

— Costumava frequentar a igreja?

— Com certeza. No Natal e na Páscoa.

O trilho tinha praticamente desaparecido, forçando-os a atravessar por entre a vegetação agreste. Nate caminhava sem despregar o olhar das suas botas.

— Essa cobra que matou a rapariga, de que espécie é? — perguntou quando deixou de poder ver as botas.

— Os índios chamam-na bima, mas não se preocupe. — Por que é que acha que não devo preocupar-me? — Porque teve o cuidado de calçar botas. Estamos a falar de uma cobra pequena que morde abaixo do tornozelo.

— Mas pode haver uma grande que me morda.

— Acalme-se.

— E Lako que caminha todo despreocupado? Ele nunca usa qualquer tipo de calçado.

— Sim, mas ele vê tudo.

— Presumo que essa bima é bastante mortífera.

— Pode ser, mas existe um antídoto. Pude dispor desse medicamento em ocasiões anteriores, se o tivesse tido ontem a garotinha não teria morrido.

— Isso significa que se possuísse muito dinheiro poderia comprar toda a espécie de antídotos. Teria meios para armazenar qualquer quantidade de medicamentos de que necessitasse. Também poderia comprar um bom barco com motor fora de borda que a levasse a Corumbá e trouxesse de volta à aldeia. Disporia de dinheiro mais que suficiente para mandar construir uma clínica, uma igreja e uma escola, espalhando a palavra de Deus por todas as regiões do Pantanal.

Rachel deteve-se abruptamente e voltou-se para trás. Ambos ficaram frente a frente.

— Não fiz nada para merecer esse dinheiro e não conheci o homem que o ganhou. Por favor, não volte a mencionar esse assunto. — As suas palavras eram firmes, a sua fisionomia não deixava adivinhar o mais pequeno sinal de frustração.

— Desfaça-se dele. Ofereça-o a obras de caridade. — Não me pertence

para o poder dar a quem quer que seja. — Estará destinado a ser dilapidado. Vários milhões de dólares irão parar às mãos dos advogados, e o que restar será partilhado entre os seus meios-irmãos. E, acredite em mim, você não iria desejar que isso acontecesse. Não faz a mais pequena noção da infelicidade e sofrimento que essa gente causará, caso venha a herdar essa fortuna. Aquilo que não esbanjarem passará para os filhos, e assim o dinheiro dos Phelan contaminará a próxima geração. Rachel agarrou no pulso de Nate, apertando-o.

— Isso não me interessa. Tenciono rezar por eles — disse ela numa voz tão baixa que quase não se ouvia.

Ditas aquelas palavras, voltou-se e recomeçou a caminhar. Lako já se encontrava bastante mais à frente. Jevy mal se avistava atrás dos dois. Em silêncio, percorreram um campo próximo de um riacho entrando numa zona de arvoredo cerrado, com árvores de grande porte. A folhagem e os ramos entrelaçavam-se uns nos outros, formando um dossel de sombra. De súbito, o ar ficou mais fresco.

— Descansemos um pouco — sugeriu Rachel. As águas do riacho atravessavam a floresta, correndo num leito serpenteante de pedras azuladas e alaranjadas. Ela ajoelhou-se junto da água e refrescou a cara.

— Pode beber desta água — informou Rachel. — Vem directamente das montanhas.

Nate agachou-se junto dela e meteu a mão dentro de água. Estava fresca e era límpida.

— Este é o meu lugar preferido — disse ela. — Venho até aqui quase todos os dias para tomar banho, rezar e meditar. — É difícil acreditar que estejamos em pleno Pantanal. O ar é muito mais fresco.

— Estamos no perímetro. As montanhas da Bolívia não ficam muito distantes. O Pantanal começa algures perto daqui, estendendo-se para oriente quase até ao infinito.

— Eu sei, nós sobrevoámo-lo, tentando encontrá-la. — Oh, a sério? — Sim, foi um voo curto, mas proporcionou-me uma boa panorâmica do Pantanal.

— E não conseguiu encontrar-me? — Não. Voámos em direcção a uma tempestade e fomos obrigados a fazer uma aterragem de emergência. Tive sorte, consegui safar-me dessa. Nunca mais voltarei a aproximar-me de um avião pequeno. — Por aqui não existe nenhum lugar onde pudesse aterrar. Descalçaram as meias e as botas, metendo os pés dentro da água do riacho. Sentaram-se em pedras ouvindo o correr da água cristalina. Estavam sozinhos; não se via sinal da presença de Lako ou de Jevy.

— Quando eu era garota, vivíamos numa pequena cidade do estado de Montana, onde o meu pai, refiro-me ao meu pai adoptivo, era pastor de uma igreja. Não muito longe da linha limítrofe da cidade havia um pequeno ribeiro, mais ou menos do tamanho deste riacho. Também havia um lugar, debaixo de umas árvores altas, semelhantes a estas, para onde eu costumava ir; metia os pés dentro de água e deixava-me ficar durante horas esquecidas. — Escondia-se de alguma coisa? — Às vezes — admitiu Rachel. — E agora, também anda escondida? — Não — respondeu ela. — Penso que sim.

— Não. Está enganado. Sinto uma paz absoluta, Nate. Há muitos anos que rendi a minha vontade a Cristo, e vou para onde Ele me conduz. Você pensa que eu sinto a solidão... mas está enganado. Ele está comigo em todos os momentos da minha vida. Deus conhece os meus pensamentos, as minhas necessidades, e Ele afasta de mim todos os medos e preocupações. Vivo neste mundo numa paz perfeita e completa.

— Nunca tinha ouvido isso em nenhuma outra ocasião. — Ontem à noite você disse que era fraco e de uma fragilidade enorme. O que é que quis dizer com isso? Durante as sessões de terapia, Sérgio dissera-lhe que as confissões eram boas para a alma. Uma vez que ela desejava saber, Nate daria o seu melhor para tentar chocá-la com a verdade nua e crua.

— Sou um alcoólico — confiou ele quase como se sentisse orgulho daquele vício, tal como lhe haviam ensinado a admitir durante os períodos de desintoxicação. — Ao longo dos últimos dez anos caí no fundo do abismo em quatro ocasiões; saí de um centro de desintoxicação expressamente para poder efectuar esta viagem. Não posso dizer com segurança que nunca mais voltarei a beber. Deixei o vício da cocaína por três vezes e estou em crer, embora não tenha uma certeza absoluta, que jamais voltarei a sentir dependência desse estupefaciente. Há quatro meses dei entrada de um pedido de falência pessoal durante a última estadia na clínica. Actualmente pende sobre mim uma indiciação por fuga aos impostos, pelo que me vejo perante a possibilidade de ir parar à cadeia; as hipóteses são de cinquenta por cento, além de poder vir a ser expulso da Ordem dos Advogados, o que me impedirá de continuar a praticar advocacia. Já está a par dos meus dois divórcios. As minhas duas ex-mulheres não gostam de mim e conseguiram envenenar os meus filhos, voltando-os contra mim. Não há dúvida que, sem a ajuda de ninguém, consegui destruir a minha vida.

Às primeiras impressões, Nate não sentia o mínimo alívio nem satisfação por ter posto a sua alma a nu.

Rachel ouvia aquelas confissões com uma expressão inalterável. — Mais alguma coisa? — perguntou ela.

— Oh, sim. Também tentei matar-me pelo menos em duas ocasiões — duas vezes que eu me lembre. Uma vez em Agosto passado, o que me levou a outro período de desintoxicação. A outra foi há alguns dias, em Corumbá. Parece-me que foi na noite de Natal.

— Em Corumbá? — Sim, no quarto do hotel onde fiquei alojado. Bebi vodka de má qualidade que quase me levou à morte.

— Pobre homem.

— De acordo, estou doente. Sofro de uma doença. Facto que admiti inúmeras vezes perante muitos terapeutas.

— Alguma vez confessou essa fraqueza a Deus?

— Tenho a certeza de que Ele sabe.

— Também estou segura de que Ele sabe — retorquiu Rachel. — Mas Ele não o ajudará a menos que você Lhe peça. Ele é omnipotente, mas você tem de ir até Deus através das orações, imbuído do espírito de perdão. — O que é que acontecerá então? — Os seus pecados ser-lhe-ão perdoados. O seu passado será apagado. Os seus vícios serão banidos do seu corpo. O Senhor perdoará todas as suas transgressões e você transformar-se-á num novo crente em Cristo. — E quanto ao IRS? — Isso não desaparecerá, mas você passará a ter força suficiente para resolver esse assunto. Por meio da oração, você poderá ultrapassar qualquer adversidade.

Nate já tinha ouvido sermões noutras alturas. Havia-se rendido aos Poderes Superiores tantas vezes que quase seria capaz de ser ele próprio a fazer sermões. Fora aconselhado por homens da igreja, por terapeutas, gurus e psiquiatras de todos os tipos e feitios. Uma vez, durante um período de três anos em que se mantivera sóbrio, chegara ao ponto de trabalhar como conselheiro para os Alcoólicos Anónimos — ensinando a tabela de doze alíneas que ajudava a recuperação de outros alcoólicos — na cave de uma igreja antiga em Alexandria. Mas pouco depois tivera uma recaída desastrosa.

Por que não haveria ela de tentar salvá-lo de si próprio? A vocação da sua vida não era converter os que andavam tresmalhados? — Não sei rezar — disse Nate por fim.

Rachel tomou-lhe a mão, apertando-a com firmeza. — Feche os olhos, Nate. Repita depois de mim: Querido Deus, perdoai os meus pecados e ajudai-me a perdoar aqueles que pecaram contra mim. — Nate tartamudeou as palavras e apertou-lhe a mão ainda com mais força. Aquilo parecia-lhe vagamente

parecido com o Pai-Nosso. — Dai-me força para não cair no pecado da tentação, livrai-me dos vícios e ajudai-me nos julgamentos que terei pela frente. -Nate continuou a falar entredentes, continuando a repetir as palavras de Rachel, se bem que aquele pequeno ritual fosse confuso. A oração assomava com facilidade aos lábios de Rachel, uma vez que ela costumava rezar tantas vezes. Para Nate era um rito estranho.

— Amen — disse ela. Abriram os olhos mas continuaram de mãos dadas. Ouviam o som da água que corria suavemente por cima das pedras. Nate sentiu uma sensação peculiar, como se as suas atribulações lhe tivessem começado a pesar menos; sentia os ombros mais leves e os pensamentos mais claros, a sua alma dava a impressão de estar mais aliviada. Todavia, Nate carregava tanta coisa adversa que não tinha a certeza de quais os fardos que haviam sido afastados e os que permaneciam.

Continuava a temer o mundo verdadeiro. Era muito fácil ser corajoso no interior desértico do Pantanal, onde as tentações eram escassas, mas sabia o que é que o esperava no seu país natal. — Os seus pecados foram perdoados, Nate — acrescentou Rachel. — Quais? São tantos. — Todos — replicou Rachel.

— Isso é fácil de mais. Deixei atrás de mim muita destruição. — Esta noite voltaremos a rezar.

— Serão precisas mais orações para mim do que para a maior parte das pessoas.

— Confie em mim, Nate. E tenha confiança em Deus. Ele já viu gente pior do que você.

— Confio em si. Deus é que me preocupa.

Rachel apertou-lhe a mão ainda com mais força; durante longos momentos ambos ficaram a olhar para a água que borbulhava em redor.

— Temos de retomar o nosso caminho — disse Rachel finalmente. — Mas nenhum dos dois se mexeu.

— Tenho estado a pensar neste funeral, o da garotinha — adiantou Nate.

— Em quê concretamente?

— Teremos oportunidade de ver o corpo dela? — Suponho que sim. É difícil que nos passe despercebido. — Sendo assim prefiro não ir. O Jevy e eu vamos voltar à aldeia, onde ficamos à sua espera.

— Tem a certeza, Nate? Podíamos conversar durante várias horas. — Não quero ver o corpo de uma criança morta. — Muito bem. Eu compreendo a sua atitude.

Nate ajudou-a a levantar-se, apesar de ela não necessitar de qualquer

auxílio. Ficaram de mãos dadas até Rachel começar a calçar-se. Como de costume, Lako materializou-se vindo não se sabia bem de onde, e pouco depois retomaram a caminhada desaparecendo por entre o arvoredo cerrado.

Encontrou Jevy a dormir à sombra de uma árvore. Com cuidado, começaram a percorrer o trilho, mantendo-se atentos às serpentes em cada passo que davam, regressando ao povoado numa passada lenta.

TRINTA E UM

O chefe da tribo não era um meteorologista muito eficiente. O temporal nunca chegou a desencadear-se. Durante o dia choveu por duas vezes, enquanto Nate e Jevy se esforçavam por combater o tédio, dormindo uma sesta nas redes espreguiçadeiras que lhes haviam emprestado. As chuvadas foram breves e depois de cada queda de chuva o Sol regressava para cozer o solo humedecido, fazendo aumentar o grau de humidade. Até mesmo à sombra, fazendo somente os movimentos indispensáveis, os dois homens sufocavam com o calor escaldante.

Sempre que havia alguma actividade, ambos observavam atentamente os índios, mas o trabalho e as brincadeiras esmoreceram e interromperam-se por força do calor. Sempre que o Sol se fazia sentir em toda a sua radiância, os ipicas recolhiam-se no interior das suas palhotas ou sentavam-se à sombra das árvores por detrás destas. Durante as chuvadas de pouca duração, as crianças brincavam sob a chuva. Quando o Sol ficava oculto pelas nuvens, as mulheres aventuravam-se a retomar as suas tarefas, dirigindo-se para o rio.

Ao cabo de uma semana passada no Pantanal, Nate sentia-se entorpecido pela apatia do ritmo indolente com que a vida decorria. Cada dia parecia ser uma cópia exacta do anterior. Ali, nada mudara ao longo dos séculos.

Rachel regressou a meio da tarde. Acompanhada de Lako, dirigiu-se imediatamente ao chefe da tribo, a fim de lhe relatar os acontecimentos ocorridos na outra aldeia. Depois falou com Nate e Jevy. Sentia-se exausta e queria passar pelo sono antes de tratarem dos assuntos pendentes.

«Que diferença é que faz mais uma hora sem nada que se possa fazer?», raciocinava Nate. Ficou a vê-la afastar-se. Rachel era esbelta e resistente e, muito provavelmente, ainda lhe restava fôlego para correr maratonas.

— Para onde é que estás a olhar? — perguntou Jevy fazendo uma careta risonha.

— Para nada.

— Que idade é que ela tem?

— Quarenta e dois — respondeu Nate.

— Já foi casada?

— Não — respondeu Nate.

— Acha que ela se deitou alguma vez com um homem? — Por que é que não lhe fazes essa pergunta? — E tu, perguntaste? — É assunto que não me interessa minimamente.

Uma vez mais, os dois adormeceram, dormiam porque não havia nada que pudessem fazer naquele povoado. Dentro de duas horas recomeçariam as lutas entre os nativos, seguir-se-ia o jantar e depois a escuridão. Nate sonhou com o Santa Loura, uma embarcação modesta na melhor das hipóteses, mas com o passar do tempo o barco ia adquirindo contornos mais requintados. Nos seus sonhos, transformava-se rapidamente num iate de linhas aerodinâmicas. Quando os índios começaram a reunir-se para arranjarem o cabelo em preparação para os jogos de luta, Nate e Jevy tentaram afastar-se furtivamente. Um dos nativos mais robustos gritou-lhes e, com uns dentes de uma brancura cintilante, fez o que pareceu ser um convite para que ambos participassem nas lutas. Nate escapuliu-se ainda mais depressa. Subitamente surgiu-lhe à mente a visão da sua pessoa a ser arremessada por toda a aldeia, por um pequeno guerreiro atarracado, com os genitais a oscilarem em todas as direcções. Jevy também não desejava participar naquelas brincadeiras. Foram salvos por Rachel.

Ela e Nate afastaram-se das palhotas encaminhando-se em direcção ao rio, para o mesmo local onde estava o banco estreito debaixo das árvores. Sentaram-se perto um do outro, com os joelhos que se tocavam uma vez mais.

— Foi muito sensato da sua parte não ter partido — disse ela. A sua voz soava a cansaço. A sesta não conseguira recuperar-lhe as forças.

— Porquê? — Todas as aldeias têm uma espécie de médico. Chamam-lhe shalyun, é ele quem prepara as mezinhas com ervas e raízes. Também invoca os espíritos que ajudam a resolver toda a espécie de problemas. — Ah, o velho curandeiro.

— Algo parecido com isso. É mais semelhante a um feiticeiro. Na memória colectiva dos índios existem muitos espíritos e, supostamente, os shalyun orientam as idas e vindas destes. Seja como for, estes feiticeiros são os meus inimigos naturais. Eu sou uma ameaça às suas crenças.

Estão constantemente ao ataque. Perseguem os que acreditam no cristianismo. Passam a vida a atormentar os recém-convertidos. Querem que eu me vá embora e por isso estão sempre a exercer pressão sobre os chefes tribais, insistindo para que eles corram comigo da aldeia. É um conflito diário. No último povoado, situado mais abaixo, junto ao rio, fundei uma pequena escola onde ensinava a ler e a escrever. Destinava-se principalmente aos crentes,

embora estivesse aberta a toda a gente que a quisesse frequentar. Há um ano sofremos um surto de malária que matou três pessoas. O shalyun local convenceu o chefe dessa tribo de que a doença tinha sido um castigo que se abateu sobre o povoado por causa da minha escola. Continua encerrada.

Nate limitava-se a ouvir. A coragem de Rachel, já de si admirável, atingia uma estatura ainda mais elevada. O calor, aliado ao ritmo remansoso da vida naquelas aldeias, levara-o a acreditar que tudo era paz entre os ipicas. Nenhum visitante suspeitaria de que uma guerra latente enraivecia aquelas almas.

— Os pais de Ayesh, a garota que morreu, são cristãos muito convictos da sua nova fé religiosa. O shalyun da aldeia espalhou o rumor de que poderia salvar a vida da menina, mas os pais não o chamaram. Como é evidente, eles desejavam que eu a curasse. Desde tempos imemoriais que os nativos têm de viver com as cobras bima, situação que deu origem a algumas mezinhas caseiras que o feiticeiro prepara. Nunca vi uma só que tivesse o efeito desejado. Ontem, depois de a garota ter morrido e de eu ter saído da aldeia, o shalyun invocou uns espíritos celebrando um ritual no centro do povoado. Culpou-me da morte da menina, assim como culpou Deus. As palavras fluíam dos lábios de Rachel com mais velocidade do que habitualmente, como se ela pretendesse despachar-se para não perder a oportunidade de utilizar a língua inglesa uma vez mais. -Hoje, durante o funeral, o feiticeiro e uns quantos arruaceiros começaram a entoar cânticos e a dançar por perto. Os pobres pais sentiram-se assolados pela humilhação e sofrimento. Não consegui terminar o serviço religioso. — Faltou-lhe a voz, ainda que quase imperceptivelmente; Rachel mordeu o lábio.

— Está tudo bem. Isso já lá vai — disse Nate afagando-lhe o braço como que a tentar acalmá-la.

Chorar era uma emoção que ela não podia mostrar defronte dos índios. Tinha de ser forte e estóica, cheia de fé e de coragem, fossem quais fossem as circunstâncias. Contudo, junto de Nate podia dar-se ao luxo de chorar, ele compreenderia. Pelo menos esperava que isso acontecesse.

264 Rachel limpou os olhos e pouco a pouco recuperou o domínio das suas emoções.

— Peço-lhe desculpa — disse ela.

— Está tudo bem — repetiu Nate mostrando-se ansioso por poder confortá-la. As lágrimas de qualquer mulher faziam ruir a sua fachada de frieza, quer fosse num bar ou sentado junto de um rio. Pouco depois, ouviu-se um rebuliço que vinha do povoado. O jogo de lutas tinha começado. À mente de Nate ocorreu um breve pensamento acerca de Jevy. Com certeza que ele não

teria sucumbido à tentação de alinhar nos folguedos dos rapazes. — Acho que chegou a hora de se ir embora — acrescentou Rachel, abruptamente quebrando o silêncio. Com as emoções sob controlo, a sua voz readquirira o timbre normal. — O quê? — Você sabe. Dentro de muito pouco tempo.

— É verdade que estou ansioso por partir, mas a que é que se deve essa pressa tão repentina? Daqui a três horas já será escuro.

— Tenho razões para me sentir preocupada.

— Sou todo ouvidos.

— Estou em crer que hoje detectei um caso de malária na outra aldeia. Os mosquitos são os portadores da doença, que se dissemina com rapidez.

Nate começou a coçar-se sentindo-se pronto para se meter imediatamente no bote, até que se recordou das pílulas.

— Estou a salvo. Ando a tomar uns comprimidos de cloro-qualquer-coisa.

— Cloroquinino?

— É isso mesmo.

— Quando é que começou?

— Dois dias antes de sair dos Estados Unidos.

— Onde é que guardou esses comprimidos?

— Deixei-os a bordo do barco grande.

Rachel abanou a cabeça mostrando uma expressão de censura. — É suposto que os tome antes, durante e depois da viagem. — O seu tom de voz tinha a autoridade de um médico, como se a morte pudesse estar iminente.

— E quanto a Jevy? — perguntou ela. — Ele tem andado a tomar os comprimidos? — Ele esteve no exército. Tenho a certeza de que não há problema nenhum com ele.

— Não estou disposta a discutir consigo, Nate. Já falei com o chefe da tribo. Ele enviou dois pescadores esta manhã, antes do nascer do Sol.

265 As águas das cheias são traiçoeiras durante as primeiras duas horas de navegação, após o que o percurso se torna mais familiar. Ele providenciará três guias, que seguirão em duas canoas, e eu enviarei Lako para servir de intérprete. Depois de chegarem ao rio Xeco, o trajecto é sempre a direito até ao rio Paraguai. — Que distância é que temos de percorrer? — O Xeco fica a uma distância de aproximadamente quatro horas. O rio Paraguai a seis. Não esqueçamos que navegará com a corrente a seu favor.

— Seja como for. Você dá-me a impressão de já ter tudo planeado. — Acredite em mim, Nate. Eu própria já tive malária duas vezes; é uma doença que não vai querer contrair. Durante o segundo ataque estive às portas da morte.

Nunca tinha ocorrido a Nate que ela pudesse morrer. O património Phelan já se encontrava num estado suficientemente caótico, com Rachel escondida na selva e recusando-se a assinar os documentos. Caso ela viesse a morrer, seriam necessários vários anos para que o assunto se resolvesse.

Para não mencionar que Nate sentia uma admiração enorme por ela. Rachel era tudo o que ele não conseguia ser — forte e corajosa, bem fundamentada na sua fé, feliz na sua simplicidade, segura do seu lugar no mundo e no além. — Não morra, Rachel — disse Nate.

— A morte não é uma coisa que me atemorize. Para um cristão, a morte é uma recompensa. Mas peço-lhe que reze por mim, Nate. — Prometo-lhe que a partir de agora passarei a rezar mais vezes. — Você é um homem bom. Tem um coração generoso e uma boa mente. Só precisa de um pouco de ajuda. — Eu sei. Não sou uma pessoa muito forte.

Metera os papéis dentro de um sobrescrito que guardara na algibeira de onde os tirou. — Podemos ao menos discutir estes documentos? — Sim, mas somente a título de um favor que lhe faço pessoalmente. Na minha maneira de pensar, já que você veio até aqui, o mínimo que posso fazer é concordar em travarmos essa pequena conversa de carácter jurídico.

— Obrigado. — Entregou-lhe a primeira folha, uma cópia do testamento de Troy que se resumia a uma única página. Rachel fez uma leitura vagarosa, esforçando-se por compreender algumas partes da escrita à mão.

— Este testamento é válido aos olhos da lei? — perguntou ela depois de ter terminado.

 — Até ver, sim. — Mas é tão primitivo.

— Os testamentos escritos à mão são válidos. Lamento, mas é o que a lei diz.

Voltou a ler o documento. Nate reparou nas sombras que surgiam no enfileiramento das árvores. Começara a recear a escuridão, tanto em terra como na água. Sentia-se ansioso por partir. — Troy não se interessou pela sorte dos outros filhos, não lhe parece? — comentou ela com uma expressão um tudo nada divertida. — No lugar dele, você teria sentido o mesmo. Mas, por outro lado, tenho sérias dúvidas de que ele tenha sido um bom pai. — Recordo-me do dia em que a minha mãe adoptiva me falou dele. Tinha eu dezassete anos. Foi no fim do Verão. O meu pai adoptivo tinha acabado de falecer de doença cancerígena, e a vida parecia-me bastante sombria. Não sei como, Troy tinha acabado por descobrir o meu paradeiro e não parava de insistir com ela para que lhe permitisse visitar-me. Ela contou-me a verdade acerca dos meus pais biológicos,

o que para mim não teve o mínimo significado. Essas pessoas não me interessavam em nada. Nunca os conhecera e não sentia o mínimo desejo de me encontrar com eles. Mais tarde vim a descobrir que a minha mãe de nascimento se tinha matado. O que é que você pensa de uma coisa destas, Nate? Tanto a minha mãe como o meu pai biológicos cometeram suicídio. Existirá alguma coisa nos meus genes? — Não, você é uma pessoa muito mais forte do que eles foram. — Eu daria as boas-vindas à morte.

— Não diga uma coisa dessas. Quando é que conheceu Troy? — Entretanto passou um ano. Ele e a minha mãe adoptiva começaram a falar ao telefone com regularidade. Ela acabou por se convencer de que os motivos dele eram bons, e um belo dia ele apareceu em nossa casa. Tomámos chá e comemos bolo, após o que ele se foi embora. Começou a enviar dinheiro para o colégio. Também começou a exercer pressão para que eu aceitasse um emprego numa das suas empresas. Passou a comportar-se como um pai e eu comecei a não gostar dele. Pouco depois, a minha mãe adoptiva morreu e o mundo abateu-se em meu redor. Mudei de nome e fui para a Faculdade de Medicina. Rezei por Troy ao longo dos anos, da mesma maneira que rezo por todas as pessoas perdidas que conheço. Pensei que ele se tinha esquecido da minha existência.

— Evidentemente que não — retrucou Nate. Houve um mosquito preto que aterrou na sua coxa, ao qual ele deu uma palmada com a força suficiente para rachar lenha. Caso fosse portador de malária, não teria possibilidades de a disseminar por outras pessoas. Na pele da perna começou a aparecer a impressão a vermelho do contorno de uma mão.

Em seguida, Nate entregou a Rachel os termos de legitimação e de renúncia. Ela começou a lê-los com toda a atenção. — Não tenciono assinar nada — insistiu ela. — Não quero este dinheiro.

— Só lhe peço que fique com estes documentos. Reflicta sobre eles e reze.

— Está a divertir-se à minha custa? — Não, mas acontece que não sei o que fazer a seguir. — Não o posso ajudar nisso. Mas vou pedir-lhe um favor. — Com certeza. Seja o que for.

— Não diga a ninguém onde é que eu vivo. Imploro-lhe, Nate, que aceda ao meu pedido. Por favor, proteja a minha privacidade. — Prometo-lhe. No entanto, você tem de encarar a situação com realismo. — O que é que pretende dizer com isso? — Esta história é irresistível. Caso venha a decidir aceitar a herança, passará a ser, plausivelmente, a mulher mais rica do mundo. Na hipótese de renunciar ao espólio, a história passará a ser ainda mais dramática.

— Quem é que poderá interessar-se por isso? — Abençoado seja o seu coração. Aqui, você está protegida dos meios de comunicação social. Actualmente transmitem-se notícias ao longo de vinte e quatro horas por dia, vinte e quatro horas de cobertura noticiosa, sem parar, que abrange tudo o que possa imaginar. Hora após hora de programas dedicados exclusivamente aos noticiários, revistas de informação, debates com pessoas importantes, notícias de última hora. É tudo uma treta. Nenhuma história é demasiado insignificante para que não valha a pena ir à sua origem, imprimindo-se-lhe foros de sensacionalismo. — Mas como é que eles poderiam encontrar-me? — Aí está uma boa pergunta. Nós tivemos sorte porque Troy conseguiu descobrir o seu rasto. E, tanto quanto sabemos, ele não partilhou essa informação com mais ninguém.

— Isso quer dizer que estou a salvo? Você está obrigado pelo segredo da confidencialidade. O que também acontece em relação aos outros advogados da sua firma.

— Isso é uma realidade.

— Além de que quando aqui chegou andava perdido... — Muito perdido.

— Tem de me proteger, Nate. Este é o meu lar. Esta é a minha gente. Não quero ser obrigada a fugir de novo.

268 MISSIONÁRIA HUMILDE NA SELVA DIZ NÃO A UMA FORTUNA DE ONZE MIL MILHÕES DE DÓLARES Que parangona extraordinária que aquilo faria. Os abutres invadiriam o Pantanal a bordo de helicópteros e de aparelhos anfíbios para conseguirem as suas reportagens. Nate sentiu pena de Rachel.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance — prometeu ele.

— Posso contar com a sua palavra?

— Sim. Prometo.

O cortejo de despedida era encabeçado pelo próprio chefe da tribo, seguido pela mulher, atrás da qual vinha uma dezena de homens que precediam Jevy seguido por, pelo menos, mais dez nativos. Todos caminhavam acompanhando o traçado sinuoso do trilho que os levaria ao rio. — Chegou a hora de partir — disse Rachel.

— Calculo que sim. Você tem a certeza de que não há perigo em navegarmos durante a noite? — Tenho. O chefe vai enviar dois dos seus melhores pescadores. Deus protegê-lo-á. Não se esqueça de rezar as suas orações. — Assim farei.

— Todos os dias rezarei por si, Nate. Você é uma pessoa boa com um coração generoso. Merece ser salvo.

— Obrigado. Quer casar-se comigo?

— Não posso.

— Com certeza que pode. Eu tomo conta do dinheiro e você toma conta dos índios. Arranjamos uma palhota maior e deitamos fora todas as nossas roupas.

Ambos desataram a rir-se; quando o chefe da tribo se aproximou, ambos continuavam a sorrir. Nate levantou-se para dizer adeus, olá ou qualquer coisa nesses moldes, e durante um segundo perdeu o sentido da visão. Um ataque de tonturas subiu-lhe do tórax à cabeça. Recompôs-se, clareou a visão e olhou de esguelha para Rachel para ver se ela se teria apercebido.

Não tinha dado por nada. Sentia dores nas pálpebras. As articulações dos cotovelos latejavam.

Ouviu-se uma fanfarra de grunhidos emitidos pelos ipicas que acompanhavam toda a gente a caminho do rio. A comida foi colocada dentro do bote de Jevy e nas duas canoas estreitas onde navegariam os guias e Lako. Nate agradeceu a Rachel que, por seu turno, agradeceu ao chefe da tribo, e depois de concluídas as despedidas adequadas à ocasião, chegara a hora da partida. Com a água a dar-lhe pelos tornozelos, Nate abraçou-a com ternura, dando-lhe palmadinhas nas costas.

— Muito obrigado — disse ele. — Obrigado por quê? — Oh, não sei. Obrigado por ter dado origem a uma fortuna em honorários jurídicos.

— Eu gosto de si, Nate — retorquiu ela com um sorriso -, mas não podia sentir-me menos interessada no dinheiro e nos advogados.

— Também gosto muito de si.

— Por favor, não volte ao Pantanal.

— Não se preocupe.

Estavam todos à espera. Os pescadores já se haviam feito ao rio. Jevy empunhava o seu remo mostrando-se ansioso por partir. — Podíamos passar a lua-de-mel em Corumbá — disse Nate dando um passo na direcção do barco.

— Adeus, Nate. Diga à sua gente que não chegou a encontrar-me. — Assim farei. Até à vista. — Afastou-se entrando no bote onde se deixou cair sentindo a cabeça a andar à roda pela segunda vez. Enquanto se afastavam da margem, Nate acenou com a mão a Rachel e aos índios, mas as figuras deles estavam desfocadas formando uma mancha homogénea.

Arrastadas pela corrente, as canoas deslizavam cortando as águas, impulsionadas pelos remos dos nativos que mantinham as embarcações primitivas numa fila perfeita. Não desperdiçavam esforços nem tempo. Não

tinham pressa. O motor começou a funcionar à terceira tentativa e ao fim de pouco tempo, os dois homens alcançaram as canoas. Quando Jevy reduziu o débito de combustível na válvula reguladora, o motor engasgou-se mas não se foi abaixo. Quando chegaram ao primeiro nó do rio, Nate olhou por cima do ombro. Rachel e os índios não se tinham mexido.

Nate transpirava abundantemente. Apesar de as nuvens encobrirem o Sol e de soprar uma brisa agradável que sentia nas faces, apercebeu-se de que suava. As pernas e os braços estavam molhados. Esfregou o pescoço e as frontes olhando para a humidade que lhe cobria os dedos.

— Oh, merda. Estou doente — praguejou Nate em vez de rezar, tal como tinha prometido.

A febre era baixa mas dentro em pouco subiria rapidamente. A brisa ligeira fazia com que sentisse frio. Aninhou-se no seu lugar procurando qualquer coisa com que se pudesse agasalhar. — Nate, estás a sentir-te bem? — perguntou Jevy, a quem o mal-estar dele não passara despercebido.

Respondeu que não com um abanar de cabeça; sentia dores agudas nos olhos e na coluna vertebral. Limpou o muco que lhe escorria das narinas.

Depois de terem contornado duas curvas do rio, as árvores começaram a ser mais esparsas e as terras mais baixas. O leito do rio alargava-se, confluindo para uma bacia de águas cheias, em cujo centro se viam três árvores semiapodrecidas. Nate sabia que não haviam passado por aquelas árvores quando fizeram o caminho inverso. Navegavam por uma rota diferente. Sem a ajuda das correntes, as canoas abrandaram um pouco de velocidade, embora continuassem a cortar as águas a uma velocidade espantosa. Os guias não se detiveram a examinar a bacia. Sabiam com toda a exactidão para onde se dirigiam.

— Jevy, parece-me que estou com malária — disse Nate. A sua voz estava enrouquecida; começara a sentir a garganta irritada. — Como é que sabes? — Jevy reduziu a potência do motor por breves instantes.

— A Rachel avisou-me. Ontem detectou um caso na outra aldeia. Foi por isso que partimos tão apressadamente.

— Tens febre?

— Tenho e estou com dificuldades de visão.

Jevy parou o motor do bote, começando a gritar aos índios que já estavam quase fora de vista. Afastou os bidões vazios de combustível e o que restava dos mantimentos, desenrolando a tenda em movimentos rápidos.

— Vais sentir muitos arrepios de frio — explicou ele enquanto continuava

a preparar uma cama improvisada. Ao deslocar-se de um lado para o outro, fazia com que o barco oscilasse. — Já alguma vez tiveste malária? — perguntou Nate. — Não. Mas a maior parte dos meus amigos morreu dessa doença. — O quê?! — Foi só uma piada de mau gosto. É uma doença que não mata muita gente, mas isso não impede que venhas a sentir-te muito doente. Mexendo-se com todos os cuidados e mantendo a cabeça tão imóvel quanto lhe era possível, Nate arrastou-se por detrás do assento, colocando-se no centro da embarcação. A sua almofada era um saco-cama. Jevy cobriu-o com as extremidades do tecido leve da tenda, prendendo-as com dois bidões vazios de combustível. Os índios tinham-se aproximado, curiosos por saber o que tinha acontecido. Lako perguntou, exprimindo-se em português. Nate compreendeu a palavra malária dita por Jevy, a qual provocou resmungos no dialecto ipica. Pouco depois retomavam o seu caminho.

O bote dava a impressão de navegar mais depressa. Talvez isso se devesse ao facto de Nate estar deitado no fundo, sentindo o cortar das águas. Qualquer ramo ou tronco à deriva que escapasse à atenção de Jevy, fazia com que Nate se agitasse, apesar de não se mostrar incomodado. Sentia a cabeça a doer e a latejar, como se estivesse com uma ressaca como jamais experimentara. Os músculos e as articulações doíam-lhe tanto que não era capaz de se mover. E cada vez sentia mais frio. Os arrepios já tinham começado. Ouviu um ribombar ensurdecido à distância. Nate pensou que talvez fossem trovões. «Que maravilha!», pensou. «É precisamente aquilo de que necessitamos neste momento.» As chuvas mantiveram-se afastadas. O rio desviou-se uma vez para ocidente, e Jevy avistou os últimos raios alaranjados e amarelados do pôr do Sol. A partir dali, o curso do rio retomava a rota para oriente, aproximando-se da escuridão que se abatia sobre o Pantanal. Por duas vezes, os ipicas detiveram-se para decidirem qual o afluente por que deveriam seguir. Jevy mantinha o bote a uma distância de cerca de trinta metros das canoas, mas à medida que a noite caía, aproximava-se cada vez mais. Não conseguia ver o rosto de Nate oculto pela tenda, mas sabia que o seu amigo sofria. Na verdade, Jevy conhecera em tempos um homem que morrera de malária.

Duas horas depois de terem iniciado a viagem, os guias conduziram-nos a uma série de cursos de água estreitos e ermos com lagoas de águas mansas, e quando chegaram a um rio mais largo as canoas abrandaram de velocidade por uns momentos. Os índios precisavam de descansar. Lako gritou a Jevy explicando-lhe que ali estariam em segurança, já tinham deixado para trás o trecho mais difícil do percurso e o resto deveria fazer-se sem obstáculos de

maior. O rio Xeco ficava a cerca de duas horas de viagem e seguia directamente para o rio Paraguai.

— Conseguiremos fazer o resto da viagem sozinhos? — perguntou Jevy. A resposta foi negativa. Ainda se depararíam com outras confluências de rios com que teriam de se haver, mas os índios conheciam um lugar ao longo do Xeco que não estaria inundado. Era ali que poderiam dormir.

— Como é que está o americano? — perguntou Lako. — Não está muito bem — respondeu Jevy.

O americano ouviu as vozes, apercebendo-se de que o barco se imobilizara. A febre invadiu-o da ponta dos dedos dos pés até à raiz dos cabelos. Sentia a pele e as roupas encharcadas, e o alumínio em que estava deitado também estava molhado. Tinha os olhos inchados e fechados, a boca tão ressequida que lhe doía abri-la. Nate ouviu Jevy perguntar-lhe qualquer coisa em inglês, mas sentiu-se incapaz de lhe responder. Atravessava períodos de inconsciência.

Envoltas em escuridão, as canoas deslocavam-se mais devagar. Jevy seguia atrás delas, mais de perto, e por vezes servia-se da lanterna para ajudar os guias a examinarem os afluentes e as bifurcações do rio. Com a válvula reguladora a meio gás, o motor fora de borda trabalhava de forma irregular, parecendo que gemia constantemente. Pararam apenas uma vez para poderem comer um pão e beber um pouco de sumo, e também para se aliviarem. Prenderam as três embarcações entre si, deixando-as à deriva durante dez minutos.

Lako não escondia a preocupação que sentia por causa do norte-americano.

— O que é que hei-de dizer à missionária a respeito dele? — perguntou a Jevy.

— Diz-lhe que ele tem malária.

Os relâmpagos que se viam à distância obrigaram-nos a terminar o jantar e o pequeno descanso que tão rápidos haviam sido. Os ipicas recomeçaram a remar com maior velocidade do que antes. Há várias horas que não avistavam terra firme. Não havia lugar nenhum onde pudessem ancorar esperando que o temporal amainasse. Finalmente, o motor acabou por desistir. Jevy recorreu ao último bidão cheio de combustível, tentando pô-lo a funcionar de novo. Se o mantivesse a meio gás teria gasolina suficiente para mais ou menos seis horas, o tempo suficiente para chegarem ao rio Paraguai. Chegados aí, encontrariam tráfego fluvial, casas e, em qualquer ponto, o Santa Loura. Conhecia o lugar

exacto onde o Xeco desaguava no Paraguai. Continuando a navegar pelo rio abaixo, deveriam encontrar Welly ao nascer do Sol.

Os relâmpagos não estavam muito distantes, embora não os tivessem apanhado. Cada um dos clarões de luz fazia com que os guias remassem com mais velocidade. Mas os índios começaram a mostrar sinais de cansaço. A determinada altura, Lako agarrou-se a um dos lados do bote, enquanto o ipica na outra canoa se apoiava ao outro; Jevy ergueu a lanterna acima da cabeça e as três embarcações prosseguiram como se fossem uma barcaça.

As árvores e o matagal começaram a ser mais cerrados; o curso do rio alargava-se mais. Avistaram terra firme nas duas margens. Os índios recomeçaram a conversar entre si e quando entraram no rio Xeco deixaram de remar. Sentiam-se exaustos e prontos para parar. Jevy pensou que já passavam três horas da hora a que costumavam deitar-se. Encontraram o ponto de paragem e desembarcaram. Lako explicou que era o assistente da missionária há muitos anos. Já vira inúmeros casos de malária; ele próprio sofrera dessa doença em três ocasiões. Aliviou a cabeça e o peito de Nate, afastando a tenda para lhe apalpar a testa. Disse a Jevy que ele tinha febre muito alta.

— Não podes fazer nada — disse Lako dando o seu diagnóstico por concluído. — A febre baixará, mas haverá outro ataque febril dentro de quarenta e oito horas. No entanto, sentia-se perturbado pelos olhos inchados, um sintoma que nunca tinha visto em outros casos de malária.

O guia mais velho começou a falar com Lako, apontando para o rio de águas escuras. A tradução que este fez a Jevy dizia que ele devia manter-se no centro, ignorando os pequenos afluentes, especialmente os da esquerda, e dentro de duas horas chegaria ao rio Paraguai. Jevy desfez-se em agradecimentos e afastou-se da margem.

A febre não abrandou. Uma hora mais tarde, Jevy verificou o estado de Nate, constatando que continuava a arder em febre. Mantinha-se todo enrolado numa posição fetal, mergulhado numa semi-inconsciência enquanto falava incoerentemente. Jevy obrigou-o a beber umas gotas de água, despejando o resto por cima do rosto do doente.

O rio Xeco era largo e fácil de navegar. Passaram por uma casa, a primeira que viam num mês, ou pelo menos assim parecia a Jevy. Como se fosse um farol que orientasse um barco à deriva, a Lua apareceu entre as nuvens, iluminando as águas diante do bote. — Consegues ouvir-me, Nate? — perguntou Jevy num tom de voz que não era suficientemente elevado para se fazer ouvir. — O nosso destino está a mudar. Seguiu a Lua até ao rio Paraguai.

TRINTA E DOIS

O barco era uma chalana, uma caixa de sapatos flutuante, com um comprimento de pouco mais de dez metros, de fundo chato, que era utilizado no transporte de mercadorias através do Pantanal. Jevy pilotara dúzias de embarcações como aquela. Viu a luz que surgia por detrás de uma curva do rio, e quando começou a ouvir o barulho do motor a gasóleo soube identificar imediatamente o tipo de embarcação.

Jevy também conhecia o comandante que dormia no seu beliche quando o marinheiro parou a chalana. Eram quase três horas da madrugada. Jevy amarrou o bote à proa e subiu a bordo. Deram-lhe duas bananas que ele comeu ao mesmo tempo que lhes apresentava um breve sumário da sua situação. O marujo levou-lhe um café bem adoçado. Rumavam para o norte, em direcção a Porto índio, com destino à base do exército nessa localidade, onde negociariam com o pessoal militar. Podiam dispensar-lhes quase vinte litros de combustível. Jevy prometeu-lhes que lhes pagaria a gasolina quando regressasse a Corumbá, com o que o comandante da chalana concordou. Era hábito ajudarem-se mutuamente quando navegavam pelo rio. Ofereceram-lhe mais café, acompanhado de algumas bolachas de baunilha. Foi então que Jevy perguntou se sabiam alguma coisa do Santa Loura e de Welly.

— Deixámo-lo na foz do Cabixa — acrescentou -, ficou ancorado no sítio onde havia o antigo molhe — explicou Jevy. — Não o vimos lá — disse o comandante abanando a cabeça, gesto que foi secundado pelo marujo. Conheciam bem o Santa Loura e sabiam que não o tinham visto. Caso tivessem, a embarcação não lhes teria passado despercebida.

— Tem de estar onde a deixámos — insistiu Jevy.

— Não está. Ontem, ao meio-dia, passámos pelo Cabixa. Não vimos vestígios do Santa Loura.

Talvez Welly tivesse levado o barco alguns quilómetros rio adentro, com o fito de os procurar. Era forçoso que se tivesse sentido extremamente preocupado.

Jevy tencionava perdoar-lhe por ter deslocado o Santa Loura, mas não sem que antes o repreendesse.

Tinha a certeza de que a embarcação estaria algures no rio Cabixa. Bebeu mais um pouco de café relatando-lhes a situação de Nate a sofrer de malária. Corriam alguns rumores recentes por Corumbá sobre surtos dessa doença que se disseminara por todas as regiões do Pantanal. Ao longo de toda a sua vida, Jevy ouvira rumores semelhantes àqueles.

Ajudaram-no a encher o depósito de combustível do bote com gasolina de um bidão a bordo da chalana. Regra geral, o tráfego fluvial durante a estação das cheias fazia-se três vezes mais rapidamente rio abaixo do que a montante. Um bote equipado com um bom motor tinha obrigação de chegar ao Cabixa em quatro horas, ao pequeno posto comercial em dez e até Corumbá levaria dezoito horas. O Santa Loura, se, e quando o encontrassem, levaria mais tempo a fazer esses percursos, mas pelo menos poderiam contar com redes espreguiçadeiras e comida.

O plano de Jevy era manter-se ancorado para poderem descansar um pouco a bordo do Santa Loura. Queria meter Nate na cama, e ele próprio utilizaria o telefone-satélite, ligando para Valdir que se encontrava em Corumbá. Por seu turno, este encontraria um bom médico que saberia o que fazer logo que regressassem à cidade. O comandante da chalana ofereceu-lhe outra caixa de bolachas baunilha e um copo de cartão cheio de café. Jevy prometeu que se encontraria com eles em Corumbá na semana seguinte. Agradeceu-lhes e desamarrou o bote. Nate estava vivo, embora não se mexesse. A febre não dava sinais de querer baixar. O café teve o efeito de acelerar o ritmo cardíaco de Jevy, ajudando-o a manter-se desperto. Tentou afinar a válvula reguladora do motor, aumentando o débito de combustível até que o motor começou a funcionar, engasgando-se, para logo a seguir se ir abaixo. À medida que a madrugada dava lugar ao nascer do dia, instalava-se sobre a superfície do rio um manto cerrado de neblina.

Chegou à foz do Cabixa uma hora depois do nascer do Sol. O Santa Loura não se encontrava onde o deixara. Jevy acostou ao antigo molhe, após o que foi procurar o proprietário da única casa que havia nas proximidades. Encontrou-o no estábulo a mugir uma vaca. Recordava-se de Jevy, começando logo a relatar-lhe a história do temporal que provocara o naufrágio do barco. A pior tempestade que alguma vez tinha visto. Desencadeara-se a meio da noite, pelo que ele não viu muita coisa. As rajadas de vento haviam sido tão violentas que ele, a sua mulher e filho, tinham procurado protecção debaixo da cama. — Onde é que ele se afundou? — perguntou Jevy.

— Não sei.

— E o rapaz, sabe o que é que lhe aconteceu?

— O Welly? Não sei nada dele.

— Não falou com mais ninguém? Haverá alguém que o tenha visto? De acordo com o que o homem dizia, não havia ninguém que o tivesse visto. Além do mais, ele não tinha falado com nenhum habitante do rio desde que Welly desaparecera durante o temporal. Lamentava muito tudo o que tinha sucedido e, pelo sim pelo não, disse que na sua opinião o mais certo era Welly ter morrido. Nate ainda não sofrera esse destino. Entretanto, a febre abrandara consideravelmente, e quando acordou disse que tinha frio e sede. Com a ajuda dos dedos conseguiu abrir os olhos, avistando somente água em seu redor, o matagal que cobria a margem e a pequena quinta.

— Jevy — chamou numa voz enfraquecida devido à garganta inflamada. Sentou-se tentando manter os olhos abertos durante alguns minutos. Via tudo desfocado. Jevy não lhe deu resposta. Nate sentia que não existia parte nenhuma do seu corpo que não estivesse dorida — os músculos, as articulações, o sangue que fluía através do seu cérebro. Tinha uma sensação de calor no pescoço e no peito, coçando até fazer ferida. Sentiu-se nauseado com o seu próprio odor.

O agricultor e a mulher acompanharam Jevy até ao bote. Não tinham nem sequer uma gota de gasolina, o que irritou o visitante. — Como é que te sentes, Nate? — perguntou Jevy logo que entrou na embarcação.

— Estou a morrer — respondeu articulando as palavras com grande dificuldade.

Jevy apalpou-lhe a testa e, num gesto suave, tocou na pele irritada.

— A febre desceu.

— Onde é que estamos? — Estamos no rio Cabixa. Não encontrei Welly. O barco naufragou durante a tempestade.

— A sorte continua a bater-nos à porta — retorquiu Nate com ironia, fazendo um esgar de sofrimento devido às dores agudas que sentia na cabeça. — O que é feito do Welly? — Não sei. — Achas que estás capaz de aguentar a viagem até Corumbá?

— Se a escolha fosse minha, preferia morrer.

— Deita-te e tenta descansar, Nate.

Começaram a afastar-se da margem, deixando para trás o agricultor e a mulher que ficaram a vê-los partir, com os pés mergulhados na lama até aos tornozelos, acenando num gesto de despedida que foi ignorado.

Nate sentou-se durante algum tempo. O vento contra as faces provocava-lhe uma sensação agradável. Mas passado pouco tempo, voltou a sentir frio. O

peito estremeceu-lhe, percorrido por um calafrio que o obrigou a deitar-se, com movimentos cautelosos, debaixo da tenda. Tentou rezar uma oração por Welly, mas só conseguiu concentrar os seus pensamentos uma fracção de segundos. Muito simplesmente, não queria acreditar que fora acometido de malária.

Hark planeara o pequeno-almoço reforçado com todos os pormenores. Teria lugar numa sala de jantar privada do Hotel Hay-Adams. Seriam servidas ostras e ovos, caviar e salmão, champanhe simples e misturado com sumo de laranja. Por volta das onze horas, já todos se encontravam presentes, usando indumentárias informais; começaram logo a emborcar champanhe com sumo de laranja. Hark assegurara-lhes que aquela reunião informal era de uma importância vital. Teria de se revestir de toda a confidencialidade. Descobrira a única testemunha que lhes permitiria ganhar a causa em tribunal.

Os únicos advogados convidados eram os dos filhos de Troy Phelan. As ex-mulheres ainda não haviam contestado a validade do testamento, mostrando-se pouco entusiasmadas em se envolverem no assunto. A sua posição, na perspectiva da lei, era pouco consistente. O juiz Wycliff fizera saber a um dos advogados das mulheres, com carácter confidencial, que não veria favoravelmente a instauração de qualquer processo frívolo por parte destas.

Frívolos ou não, os seis filhos Phelan não tinham perdido tempo a impugnar o testamento. Os seis tinham acorrido apressadamente à peleja, todos com a mesma alegação básica — Troy Phelan carecera de capacidades mentais aquando da assinatura do último testamento.

Naquela reunião só poderiam estar presentes dois advogados, de preferência apenas um, se fosse possível, por herdeiro. Hark não se fizera acompanhar de nenhum colega, estando ali como representante de Rex. Wally Bright também viera sozinho, defendendo os interesses de Libbigail. Yancy era o único advogado que Ramble conhecia. Grit representava Mary Ross. A doutora Langhorne, a antiga professora de Direito, encontrava-se presente na qualidade de advogada de Geena e Cody. Por seu lado, Troy Júnior contratara e despedira sucessivamente os serviços de três firmas desde a morte do pai. Os advogados mais recentes que contratara pertenciam a uma firma onde trabalhavam quatrocentos causídicos. Os seus nomes eram Hemba e Hamilton, tendo-se apresentado àquela confederação de advocacia pouco coesa.

Hark fechou a porta antes de se dirigir ao grupo. Apresentou uma pequena biografia de Malcolm Snead, um homem com quem se reunira quase todos os dias nos últimos tempos.

— Ele trabalhou para o senhor Phelan durante trinta anos — acrescentou

com uma expressão solene. — É possível que o tenha ajudado a escrever o último testamento. Talvez esteja preparado para dizer que o velho estava completamente doido nessa altura. Os demais advogados mostraram-se surpreendidos com aquela notícia. Antes de retomar a palavra, Hark observou por um momento as suas expressões de felicidade.

— Ou talvez ele esteja preparado para dizer que não teve conhecimento do testamento escrito à mão, e que o senhor Phelan estava perfeitamente racional e lúcido no dia em que faleceu — acrescentou Hark.

— Quanto é que ele quer? — perguntou logo Wally Bright sem meias palavras.

— Cinco milhões de dólares. Dez por cento imediatamente e o resto aquando do acordo financeiro.

O montante que Snead exigia não desconcertou os advogados. O dinheiro que estava em jogo era muito. De facto, a ganância do homem parecia-lhes bastante moderada.

— É claro que os nossos clientes não dispõem dessa quantia — continuou Hark. — Por conseguinte, se quisermos comprar este testemunho, o assunto dependerá de nós. Por mais ou menos oitenta e cinco mil dólares por herdeiro podemos assinar um contrato com o senhor Snead. Estou convencido de que ele nos proporcionará um testemunho que nos permitirá ganhar a causa, ou que venha a forçar um acordo fora do tribunal.

A amplitude de riqueza representada naquele salão era vasta. A conta bancária do escritório de Wally Bright encontrava-se a descoberto. Tinha impostos em atraso. Todavia, no outro extremo do espectro, o escritório de advogados onde Hemba e Hamilton trabalhavam tinha sócios que auferiam mais de um milhão de dólares anualmente.

— Está a sugerir-nos que paguemos a uma testemunha que mentirá em tribunal? — perguntou Hamilton.

— Nós não sabemos se ele está a mentir — respondeu Hark. Era capaz de antecipar todas as perguntas. — Ninguém sabe. Ele encontrava-se a sós com o senhor Phelan. Não existem testemunhas. A verdade será aquilo que o senhor Snead quiser que venha a ser. — Tudo isso me parece duvidoso — argumentou Hemba. — Tem alguma ideia melhor? — perguntou Grit num grunhido. Já ia no quarto copo de champanhe com sumo de laranja.

Hemba e Hamilton eram advogados de uma firma importante, pouco habituados à escumalha das ruas. Não que eles ou os do seu jaez estivessem isentos de virem a ser corrompidos, mas os seus clientes eram empresas com

muito capital, que se serviam de grupos de interesses na efectivação dos seus subornos jurídicos, o que lhes permitia obter avultados contratos governamentais e sonegar dinheiro em contas bancárias na Suíça, cujos beneficiários eram déspotas de países estrangeiros, tudo isto com a ajuda dos seus advogados de confiança. Mas porque eram advogados associados a uma firma de destaque, olhavam com desdém para o tipo de comportamento que Hark lhes sugeria, em que os princípios de ética eram de somenos importância, conduta essa que merecia a aprovação de Grit, Bright e dos outros espalhafatosos.

— Não sei se o nosso cliente estará de acordo com a sua sugestão — adiantou Hamilton.

— O seu cliente será o primeiro a agarrá-la com unhas e dentes — retorquiu Hark. Aquela situação tinha o seu quê de bom humor; atribuir qualquer espécie de ética a TJ Phelan. -Nós conhecêmo-lo melhor do que vocês dois. A questão que aqui se coloca é se a vossa firma está disposta a agir em conformidade com a minha sugestão. — Está a sugerir que nós, os advogados, adiantemos os quinhentos mil dólares iniciais? — Perguntou Hemba sem ocultar o desprezo que aquilo lhe merecia. — Exactamente — confirmou Hark.

— Nesse caso, vejo-me forçado a dizer-lhe que a nossa firma nunca daria consentimento a um esquema nesses moldes.

— Uma vez que é essa a vossa posição, informo-o de que a vossa firma está prestes a ser substituída — interveio Grit. — Não se esqueça de que vocês são a quarta firma contratada no espaço de um mês.

De facto, Troy Júnior já ameaçara despedi-los. Os dois advogados optaram por se remeter ao silêncio, escutando atentamente o que ainda estava para ser dito. Hark retomou a palavra.

— Para se evitar o constrangimento de se pedir a cada um de nós que adiante o pagamento inicial, já contactei um banco disposto a conceder-nos um empréstimo no valor de quinhentos mil dólares, pelo período de um ano. Tudo o que precisamos é de seis assinaturas na papelada do empréstimo. Eu já assinei.

— Por mim, estou disposto a assinar o diabo do papel — atalhou Bright numa explosão de masculinidade. Não manifestava o mínimo receio porque não tinha nada a perder.

— Deixem-me ver se sou capaz de compreender isto como deve ser — interveio Yancy. — Nós pagamos adiantadamente a Snead e só depois é que ele começa a falar. Não é verdade? — Precisamente.

— Não vos parece que devíamos ouvir primeiro a versão que ele tem para apresentar? — A versão dele precisa de ser trabalhada. É aí que está a beleza

desta transacção. Depois de lhe termos pago, ele passa a ser nosso. Teremos a oportunidade de moldar o seu testemunho, estruturando-o de forma a que se adeque às nossas necessidades. É preciso não nos esquecermos de que não existem outras testemunhas, talvez com a excepção de uma secretária. — Quanto é que ela custa? — perguntou Grit.

— Ela é de borla. Está incluída no acordo com Snead. Quantas vezes, ao longo de uma carreira profissional, é que se teria a oportunidade de vir a cobrar uma percentagem da décima maior fortuna do país? Os advogados fizeram os cálculos matemáticos. Um pouco de risco agora para se obter uma mina de ouro mais tarde.

— Vou recomendar à minha firma que aceite esta proposta — disse a doutora Langhorne, surpreendendo todos os presentes. — Mas este assunto tem de ser mantido no segredo dos deuses. — No segredo dos deuses — repetiu Yancy. — Todos nós corremos o risco de vir a ser expulsos da Ordem dos Advogados, provavelmente indiciados. O suborno que paga o perjúrio é considerado crime. — Vocês não estão a compreender — apontou Grit. — Nunca poderá existir crime de perjúrio, uma vez que a verdade é definida por Snead, e apenas por Snead. Se ele afirmar que ajudou a escrever o testamento, dizendo ao mesmo tempo que o velho estava maluco, quem é que neste universo poderá pôr isso em causa? Trata-se de uma jogada brilhante. Por mim, estou pronto a assinar. — Já somos quatro — disse Hark.

— Eu também estou disposto a assinar — adiantou Yancy. Hamilton e Hemba continuavam a mostrar-se bastante reservados. — Temos de discutir o assunto com os colegas da nossa firma — disse o primeiro.

— Teremos nós de vos recordar, rapazes, que todo este assunto é confidencial? — perguntou Bright. A situação tinha a sua comicidade; era o arruaceiro de rua, que se formara na escola nocturna, que admoestava os peritos em jurisprudência, recordando-lhes os princípios da ética.

— Não — redarguiu Hemba. — Não é necessário recordar-nos.

Hark telefonaria a Rex para o pôr ao corrente daquele acordo, o qual, por seu turno, ligaria ao irmão, TJ, informando-o de que os seus dois novos advogados estavam a empatar a negociata. Dentro de quarenta e oito horas, Hemba e Hamilton teriam passado à história.

— Têm de se despachar — advertiu Hark. — O senhor Snead afirma que está falido, consequentemente, não terá o mínimo pejo em negociar com a outra parte interessada.

— Já que esse assunto foi mencionado — interveio Langhorne -, sabemos

mais alguma coisa sobre a identidade da outra parte? Todos nós estamos a contestar o testamento. Alguém terá de ser o requerente. Onde é que está Rachel Lane? — É evidente que ela está escondida — redarguiu Hark. — Josh assegurou-me que sabia onde é que ela se encontra, afirmando que estão em contacto com ela e que a aconselharão a contratar advogados que protejam os seus interesses.

— Por onze mil milhões de dólares, espero bem que sim — acrescentou Grit.

Durante uns momentos, todos reflectiram nos onze mil milhões; cada um dividia esse montante pelas várias grandezas do digito seis, aplicando as suas percentagens ao resultado. Os cinco milhões que pagariam a Snead eram uma soma bastante razoável.

Ao princípio da tarde, Jevy e Nate navegavam com dificuldade a caminho do posto comercial. O motor fora de borda falhava excessivamente, além de terem pouca gasolina. Fernando, o dono do estabelecimento, estava estendido numa rede no alpendre, tentando fugir ao Sol escaldante. Era um homem de idade, um homem experiente, endurecido pelo rio, que conhecera o pai de Jevy. Os dois homens ajudaram Nate a sair do bote. Uma vez mais, ardia em febre. Sentia as pernas fracas e entorpecidas; os três caminhavam com todo o cuidado e muito devagar, percorrendo o molhe estreito e subindo os degraus do alpendre. Depois de terem deitado o doente na rede espreguiçadeira, Jevy fez uma rápida descrição dos acontecimentos da semana anterior. Não havia nada que se passasse no rio que escapasse à atenção de Fernando. — O Santa Loura afundou-se — disse ele. — Houve uma grande tempestade. — Por acaso, viu o Welly? — perguntou Jevy.

— Vi, sim. Foi tirado do rio pela tripulação de um barco de transporte de gado. Pararam aqui. Ele contou-me a história toda. Tenho a certeza de que neste momento já está em Corumbá.

Jevy sentiu-se aliviado ao saber que Welly continuava vivo. No entanto, a perda da embarcação era uma notícia trágica. O Santa Loura eram um dos melhores barcos que navegavam pelo Pantanal. Tinha naufragado numa altura em que o responsável era Jevy. Enquanto conversavam, Fernando examinava Nate. Este mal conseguia ouvir as palavras dos dois homens. Era seguro que não lhes apreendia o sentido. Não que isso lhe interessasse. — Isto não é malária — declarou Fernando tocando na erupção cutânea no pescoço de Nate. Jevy aproximou-se da espreguiçadeira olhando para o amigo. Tinha o cabelo baço e molhado e as pálpebras continuavam cerradas e inchadas. — Então, o que é? —

A malária não provoca uma irritação como esta. A dengue sim. — A febre de dengue? — Sim. Os sintomas são muito parecidos com os da malária... febre e arrepios de frio, articulações e músculos doridos, o que é causado pelos mosquitos. Mas a erupção indica que se trata da febre de dengue.

— O meu pai teve essa febre uma ocasião. Ficou muito doente. — É necessário levá-lo para Corumbá o mais depressa possível. — Pode emprestar-me o seu motor? O barco de Fernando encontrava-se guardado por baixo da construção periclitante. O motor fora de borda estava tão ferrugento como o de Jevy, mas tinha uma potência superior em cinco cavalos. Os dois homens andavam apressadamente de um lado para o outro, trocando os motores e enchendo depósitos de combustível, e depois de ter passado uma hora deitado na rede, o pobre Nate, comatoso, foi levado de novo pelo molhe e deitado no fundo do barco, debaixo da tenda. Estava demasiado doente para se aperceber do que se passava à sua volta.

Eram quase duas e meia da tarde. Corumbá ficava a nove ou dez horas de caminho. Jevy deixou o número de telefone de Valdir com Fernando. Em ocasiões raras, o rio Paraguai era navegado por um barco com rádio a bordo. Se por acaso Fernando encontrasse um com esse tipo de equipamento, Jevy queria que ele entrasse em contacto com Valdir, pondo-o ao corrente da situação.

Começou a afastar-se com toda a rapidez, sentindo-se bastante orgulhoso por, uma vez mais, navegar numa embarcação que cortava as águas a grande velocidade. Na sua esteira ia deixando as águas que pareciam fervilhar.

A febre de dengue podia ser uma doença fatal. O seu pai estivera às portas da morte durante uma semana, com dores de cabeça que quase o cegavam e febres elevadíssimas.

Sentira tantas dores nos olhos que a mãe tivera de manter o marido num quarto às escuras durante vários dias. Havia sido um homem endurecido pelo rio, acostumado a toda a espécie de ferimentos e dores, e quando Jevy o ouvira a gemer como se fosse uma criança apercebeu-se de que o pai estava a morrer. Dia sim dia não era visitado pelo médico, até que finalmente a febre começou a abrandar.

Jevy via os pés de Nate que pareciam espreitar por debaixo da tenda, nada mais. Esperava fervorosamente que ele não morresse.

TRINTA E TRÊS

Nate acordou uma vez, mas não conseguia ver. Voltou a despertar e só avistou escuridão. Tentou dizer qualquer coisa a Jevy acerca de água, apenas um pouco e talvez um pequeno naco de pão. Mas a sua voz não se fazia ouvir. Falar exigia esforço e movimento, principalmente quando se tentava gritar acima do barulho de um motor. Sentia que as articulações estavam todas repuxadas num nó apertado. Tinha a sensação de estar soldado ao fundo de alumínio da embarcação.

Rachel encontrava-se deitada ao seu lado debaixo da tenda fedorenta, com os joelhos flectidos e unidos que tocavam nos dele, na mesma posição em que haviam estado sentados no chão à entrada da palhota dela, e mais tarde no banco corrido debaixo da árvore perto do rio. Um pequeno contacto cauteloso por parte de uma mulher esfaimada pelo toque inocente da carne de outrem. Havia onze anos que vivia entre os índios ipica, cuja nudez mantinha uma distância permanente entre eles e as pessoas civilizadas. Até um simples abraço era uma questão complicada. Onde é que se agarra? Onde é que se dá uma palmada amigável? Por quanto tempo é que o enlace deverá perdurar? Com certeza absoluta que ela nunca tocara em nenhum dos nativos do sexo masculino.

Nate desejava beijá-la, ainda que fosse só na face, porque era evidente que ela passara vários anos privada dessa demonstração de afecto. «Quando é que te deram o último beijo, Rachel?», queria ele perguntar-lhe. «Já estiveste apaixonada. Até que ponto é que essa relação foi carnal?» Todavia, Nate guardava aquelas perguntas para si próprio; estas foram substituídas por um diálogo acerca de pessoas desconhecidas de ambos. Ela tivera uma professora de piano, cujo hálito era tão mau que amarelara as teclas do instrumento. Ele tivera um treinador de lacrosse(1) paralisado da cintura para baixo, *1. Jogo semelhante ao hóquei. (N. da T.) porque quebrara a espinha precisamente durante um jogo de lacrosse. Uma rapariga que pertencia à igreja de Rachel tinha engravidado e o pai condenara-a do alto do púlpito. A rapariga suicidou-se uma semana mais tarde.

Nate esfregou-lhe os joelhos, o que pareceu agradar a Rachel. Mas ele

recusava-se a ir mais longe. Aquele tipo de comportamento com uma missionária não era compensador.

Ela encontrava-se ali para impedir que ele morresse. A própria Rachel tivera de lutar por duas vezes contra a malária. As febres surgiam e desapareciam, os arrepios eram sentidos como se fossem gelo na barriga, desaparecendo pouco depois. Os ataques de náusea surgiam em vagas. E então não se sente nada durante várias horas. Num gesto de ternura, ela tocou-lhe no braço, prometendo-lhe que não iria morrer. «Ela diz isto a toda a gente», pensou Nate. A morte seria bem-vinda.

Os toques entre os corpos pararam. Abriu os olhos e estendeu o braço para Rachel, mas ela tinha desaparecido.

Jevy ouviu duas vezes os delírios de Nate. Em cada uma dessas vezes parou o barco, afastando a tenda do corpo do doente. Obrigava-o a beber um pouco de água, vertendo suavemente alguma entre os cabelos suados.

— Já estamos quase a chegar — dizia ele vezes sem conta. — Estamos quase lá.

As primeiras luzes de Corumbá trouxeram lágrimas aos seus olhos. Jevy vira-as muitas vezes quando regressava das incursões pelo norte do Pantanal, mas nunca estas haviam sido tão bem-vindas. Bruxuleavam sobre a colina à distância. Começou a contá-las até que formaram uma amálgama indestrinçável.

Eram quase onze da noite quando saltou para a água pouco profunda, começando a arrastar o bote para cima do pavimento de cimento quebrado. O ancoradouro estava deserto. Correu colina acima até encontrar uma cabina telefónica.

Já de pijama vestido, Valdir via televisão enquanto fumava o último cigarro do dia, ignorando a mulher que não parava de rezingar, quando o telefone começou a tocar. Atendeu sem se levantar, para logo se erguer de um salto.

— O que é que se passa? — perguntou ela ao ver que o marido corria para o quarto.

— O Jevy está de volta — respondeu ele por cima do ombro. — Quem é esse Jevy? — Vou ao rio — explicou Valdir quando passou por ela já a caminho da porta da rua. O que para ela foi completamente indiferente. Conduzindo através da cidade, telefonou a um médico que era seu amigo, que acabara de se deitar, conseguindo persuadi-lo a encontrarem-se no hospital.

Jevy não parava, de um lado para o outro na doca. O norte-americano estava sentado numa pedra, mantendo a cabeça apoiada em cima dos joelhos.

Sem proferirem palavra, os dois homens instalaram Nate, precavendo-se de todos os cuidados, no assento de trás do automóvel, após o que arrancaram, levantando a gravilha do pavimento, fazendo-a voar atrás de si.

Valdir tinha tantas perguntas a fazer que não sabia por onde é que haveria de começar. As palavras de recriminação poderiam esperar.

— Quando é que ele adoeceu? — perguntou em português. Jevy ia sentado ao seu lado a esfregar os olhos, num esforço para se manter acordado. A última vez que dormira fora na aldeia dos índios.

— Não sei ao certo — respondeu. — Os dias misturam-se uns com os outros. É febre de dengue. A erupção cutânea aparece ao fim do quarto ou quinto dia; acho que ele já está assim há dois dias. Não sei bem.

Seguiam a grande velocidade em direcção à baixa da cidade, ignorando os semáforos e outros sinais de trânsito que encontravam pelo caminho. As esplanadas dos cafés estavam prestes a fechar. O trânsito era reduzido.

— Conseguiram encontrar a mulher?

— Conseguimos.

— Onde — perguntou Valdir.

— Vive próximo das montanhas. Estou em crer que vive na Bolívia, à distância de um dia de Porto índio.

— O local onde ela está vinha indicado no mapa? — Não — respondeu Jevy.

— Então como é que foram capazes de a encontrar? Nenhum brasileiro admitiria alguma vez que se perdera, muito em especial um guia com tanta experiência como Jevy. Isso seria uma ofensa ao seu amor-próprio, podendo até vir a prejudicar o seu negócio.

— Estávamos numa região inundada onde os mapas não servem para nada. Encontrei um pescador que nos ajudou. E o Welly, como é que está? — Está óptimo. O barco afundou-se. — Valdir estava muito mais preocupado com a embarcação do que com o tripulante. — Nunca vi um temporal como aquele. Tivemos de aguentar três tempestades. — O que é que a mulher disse? — Não sei. Nunca cheguei a ter nenhuma conversa com ela.

— Ela mostrou-se surpreendida quando vos viu? — Pelo que me foi dado ver, não. Mostrou-se bastante serena. Acho que gostou do nosso amigo que está ali atrás.

— Como é que correu o encontro dos dois?

— Tem de lhe perguntar.

Nate sentava-se numa posição aninhada no assento traseiro, sem ouvir

nada à sua volta. E, a fazer fé em Jevy, este não sabia nada; não valia a pena pressionar o assunto. Os dois advogados teriam oportunidade de falar mais tarde, logo que Nate estivesse em condições.

Quando chegaram ao hospital já havia uma cadeira de rodas junto do lancil do passeio. Instalaram Nate na cadeira, seguindo atrás do auxiliar de enfermagem pelo passeio. O ar estava quente e pegajoso, continuava a sentir-se imenso calor. Nos degraus da fachada, viam-se uns doze paramédicos de ambos os sexos, todos de uniforme branco, que conversavam em voz baixa enquanto fumavam um cigarro. O hospital não tinha ar condicionado. O médico amigo de Valdir mostrava uma atitude um tanto brusca, ainda que profissional. A papelada de admissão teria de esperar até à manhã seguinte para ser preenchida. Empurraram a cadeira onde Nate ia sentado através do átrio deserto, percorrendo uma série de corredores até chegarem a uma pequena sala de consulta, onde uma enfermeira sonolenta começou a tratar do doente. Jevy e Valdir mantinham-se afastados a um canto, observando o médico e a enfermeira que já tinham começado a despir o doente até este ficar completamente nu. A enfermeira lavou-o com álcool servindo-se de panos brancos. O médico examinou a erupção cutânea que começava no queixo, alastrando até à região da cintura. Tinha o corpo coberto por mordidelas de mosquito, muitas das quais tinha coçado até ficarem em carne viva. Mediram-lhe a temperatura, a pressão arterial e a pulsação.

— Tem todos os sintomas de febre de dengue — constatou o médico dez minutos depois. Em seguida, começou a explicar uma série de pormenores à enfermeira, que mal o ouvia, porque nada daquilo era novidade para ela. Começou a lavar o cabelo de Nate. Este tartamudeou algo que não tinha nada a ver com qualquer dos presentes. Os olhos continuavam inchados e com as pálpebras cerradas; há uma semana que não se barbeava. O seu aspecto físico ter-se-ia enquadrado bem junto de uma sarjeta à entrada de um bar. — A febre subiu bastante — disse o médico. — Ele está delirante. Vamos começar por uma solução intravenosa com antibióticos e analgésicos, além de muita água e talvez um pouco de comida mais tarde.

A enfermeira aplicou uma ligadura espessa de gaze sobre os olhos de Nate, prendendo-a com adesivo de orelha a orelha. Procurou uma veia, onde começou a ministrar a solução intravenosa. De uma gaveta, tirou uma bata amarela que lhe vestiu. O médico voltou a verificar a temperatura.

— Dentro em pouco deverá começar a baixar — disse ele à enfermeira.

— Se isso não acontecer, telefone-me para casa. — De relance, olhou

para o relógio de pulso.

— Obrigado — agradeceu Valdir.

— Logo de manhã, passo por cá para ver qual a evolução do estado dele — acrescentou o médico saindo da sala de consulta.

Jevy vivia nos subúrbios da cidade, onde as casas eram pequenas e as ruas não eram alcatroadas. Enquanto Valdir o levava a casa, adormeceu por duas vezes.

Mrs. Stafford tinha ido a Londres para comprar antiguidades. O telefone tocou uma dúzia de vezes antes que Josh atendesse. O mostrador digital indicava as horas; duas horas e vinte minutos da madrugada. — Fala Valdir — anunciou uma voz.

— Oh, sim, Valdir. — Josh passou os dedos pelos cabelos e pestanejou.

— Espero bem que o motivo que o levou a telefonar-me a esta hora seja importante.

— O seu rapaz regressou à cidade.

— Graças a Deus.

— No entanto, tenho de lhe dizer que ele está muito doente. — O quê?! O que é que se passa com ele? — Tem febre de dengue, uma doença parecida com malária. Transmite-se através dos mosquitos. É bastante comum por estas paragens.

— Eu estava convencido de que ele tinha sido vacinado contra tudo

— retorquiu Josh, que se sentara na cama, passando os dedos pelos cabelos.

— Não há vacina contra a febre de dengue.

— Mas ele não vai morrer, pois não? — Não, de maneira nenhuma. Está internado no hospital. Um dos meus melhores amigos é médico e é ele quem está a tratar de Nate. Garantiu-me que o seu rapaz recuperará a saúde. — Quando é que posso falar com ele? — Talvez amanhã. Neste momento, ele está com febres altas e perdeu a consciência.

— Ele encontrou a mulher?

— Encontrou — confirmou Valdir.

«Lindo menino!», pensou Josh. Suspirou de alívio sentando-se na beira da cama. «Portanto, ela está mesmo nessa região.» — Dê-me o número do quarto onde ele está internado.

— Bem... aqui os quartos de hospital não têm telefone. — Ele está num quarto particular, não é verdade? Vamos lá a ver, Valdir, sabe bem que o dinheiro não constitui problema. Diga-me que ele está a ser bem tratado.

— Nate está em boas mãos. mas os hospitais aqui são um pouco diferentes daqueles a que está habituado. — Acha que eu devia ir até aí? — Se quiser, embora não seja necessário. Não poderá mudar o hospital. Além de que ele está a ser tratado por um bom médico. — Durante quanto tempo é que Nate terá de ficar hospitalizado? — perguntou Josh.

— Apenas por uns dias. Amanhã de manhã já saberemos mais alguma coisa.

— Telefone-me logo de manhã, Valdir. Não se esqueça. Tenho de falar com ele logo que seja possível.

— De acordo; telefono-lhe logo de manhã.

Josh foi até à cozinha para beber um copo de água gelada. Depois foi para a sala de estar onde, inquieto, começou a andar de um lado para o outro. Às três da manhã desistiu; fez uma cafeteira de café bem forte e foi para o escritório da cave.

Porque era um norte-americano cheio de dinheiro, ninguém se poupou a despesas. Administraram a Nate os melhores medicamentos que havia na farmácia do hospital. A febre baixou um pouco e os suores pararam. As dores desapareceram sob o efeito dos melhores fármacos produzidos pela indústria farmacêutica dos Estados Unidos. Duas horas depois de ter chegado ao hospital, quando foi levado numa maca por uma enfermeira e uma auxiliar de enfermagem para o quarto que lhe fora destinado, Nate já ressonava profundamente.

Naquela noite teria de partilhar o quarto, ou melhor dizendo, a enfermaria, com outros cinco doentes. Misericordiosamente, tinha os olhos vendados e estava em estado de semicoma. Não podia ver as feridas abertas, nem os arrepios incontroláveis, do homem de idade deitado perto de si, assim como a criatura inane e encarquilhada do lado oposto da sala. Não se encontrava em condições de sentir o cheiro dos dejectos humanos.

TRINTA E QUATRO

Apesar de não possuir nenhuns bens em seu nome, e de ter estado sempre nas lonas durante a maior parte da sua vida adulta, Rex Phelan tinha um talento inato para os números. Fora uma das pouquíssimas coisas que herdara do pai. Dos herdeiros Phelan, ele era o único que possuía tanto aptidão como perseverança para ler as seis petições que contestavam a validade do testamento de Troy Phelan. Depois de ter concluído a leitura, chegou à conclusão de que as seis firmas de advocacia, basicamente, duplicavam o trabalho que cada uma efectuava. Na realidade, algum do paleio jurídico parecia ter sido inspirado na última petição apresentada em tribunal, ou na que se lhe seguiu.

Seis escritórios de advogados empenhados na mesma luta, em que cada um pretendia cobrar um preço exorbitante da fatia que caberia ao respectivo cliente. Chegara a hora de se estabelecer um pouco de harmonia familiar. Decidiu começar pelo seu irmão TJ, o alvo mais fácil, uma vez que os seus advogados estavam com pruridos de natureza ética.

Os dois irmãos concordaram encontrar-se em segredo; as respectivas mulheres odiavam-se, pelo que as discórdias poderiam ser evitadas se, muito simplesmente, as duas mulheres não tivessem conhecimento daquele encontro. Rex disse a Troy Júnior, numa conversa telefónica, que chegara a altura de enterrarem o machado de guerra. Os interesses económicos assim o exigiam. Combinaram encontrar-se ao pequeno-almoço numa casa de panquecas nos subúrbios, e, alguns minutos depois de terem comido waffles, de permeio com uma conversa sobre râguebi, as arestas haviam sido limadas. Rex foi direito ao assunto relatando a história de Snead. — Isto é tremendo — disse ele manifestando grande euforia. — Literalmente, é um aspecto que tanto nos permitirá ganhar o caso como perdê-lo. — Começou a pôr o irmão ao corrente da situação, mantendo-o na expectativa até chegar à promissória que os advogados pretendiam assinar, todos, à excepção dos que representavam Troy Júnior.

— Os teus advogados estão a lixar a negociata — continuou Rex, sombriamente, lançando um olhar feroz em todas as direcções, como se os espiões estivessem por detrás do balcão de onde saíam os ovos estrelados e as

fatias de presunto fumado.

— O filho da puta quer cinco milhões? — retorquiu Troy Júnior sem poder acreditar que Snead fizesse uma exigência daquelas. — Para nós é um grande negócio. Vê bem, ele está disposto a dizer que era a única pessoa que estava com o nosso pai quando ele escreveu o testamento. Temos de lhe prometer seja o que for para que as coisas nos corram de feição. De início, ele pretende apenas meio milhão de dólares. Mais tarde, poderemos deixá-lo a ver navios quanto ao resto do dinheiro.

Aquela alternativa agradava sobremaneira a Troy Júnior. Além de que mudar de firma de advogados era algo com que já estava bastante familiarizado. Na sua opinião, e com alguma candura, teria de admitir que a firma de Hemba e Hamilton era intimidante. Quatrocentos advogados. Átrios em pedra-mármore. Obras de arte nas paredes. Teria de haver alguém a pagar o bom gosto daqueles advogados.

— Já leste as seis petições? — perguntou Rex, desviando o rumo da conversa.

Troy Júnior espetou um morango da compota e abanou a cabeça num gesto negativo. Nem sequer se dera ao trabalho de ler a que dera entrada em tribunal em seu nome. Hemba e Hamilton tinham-na discutido com ele, mas limitara-se a assinar o documento; era composto por muitas folhas e na altura Biff estava à sua espera dentro do carro.

— Pois bem, eu li todas, devagar e com muita atenção; cheguei à conclusão de que dizem todas o mesmo — continuou Rex. — Temos cinco escritórios de advogados que fazem o mesmo trabalho, isto é, impugnam o mesmo testamento. É um absurdo.

— Tenho andado a pensar nisso — redarguiu Troy Júnior prestimosamente.

— Além de que os seis esperam vir a enriquecer quando chegarmos a um acordo. Quanto é que os teus rapazes te cobram? — Quais são os honorários de Hark Gettys? — contrapôs TJ. — Vinte e cinco por cento — respondeu Rex.

— Os meus querem trinta por cento. Ficámo-nos pelos vinte por cento. — No ar pairou uma breve centelha de orgulho, já que Troy Júnior tinha negociado mais vantajosamente do que Rex.

— Analisemos um pouco os números — prosseguiu Rex. — Hipoteticamente, digamos que decidimos contratar Snead; pressupondo que ele diz aquilo que mais nos convém, contratamos os nossos psiquiatras, a confusão começa a instalar-se, e o titular do espólio quer negociar um acordo. Partamos

ainda do pressuposto de que cada herdeiro receberá, não sei bem, à volta de vinte milhões. Isso perfaz quarenta a esta mesa. Cinco milhões revertem a favor de Hark. Quatro vão para os teus rapazes. E temos um total de nove milhões, o que significa que receberemos trinta e um. — Por mim, estou pronto a aceitar.

— Também eu — secundou Rex. — Mas no caso de eliminarmos de cena os teus rapazes, situação em que uniríamos esforços, isso significa que Hark dividiria os seus honorários por dois. Não temos necessidade de tantos advogados, TJ. O trabalho de qualquer deles é uma réplica dos outros; estão todos à espera de poderem lançar as garras ao nosso dinheiro.

— Eu detesto Hark Gettys — rematou Troy Júnior.

— Óptimo. Deixa que seja eu a tratar com ele. Não te estou a pedir que sejam amigos.

— Por que motivo é que não despedimos Hark e ficamos com os meus fulanos? — Porque foi Hark quem descobriu Snead. Porque Hark encontrou o banco que fará o empréstimo que servirá para comprar Snead. Porque Hark está disposto a assinar os papéis do empréstimo, enquanto os teus rapazes nos vêm com pruridos de ética. Este negócio não cheira a rosas, TJ. Mas o certo é que Hark compreende bem todos os meandros do assunto.

— A impressão que eu tenho dele é que não passa de um sacana, além de ser um vigarista.

— Sim! Mas acontece que é o nosso vigarista. Se unirmos forças, a fatia dele desce de vinte e cinco para vinte por cento. Se conseguirmos convencer Mary Ross a entrar no nosso acordo, então ele descerá para dezassete ponto cinco. Com Libbigail, a percentagem de Hark será de quinze por cento.

— Nunca conseguiremos convencer Libbigail — contrapôs TJ. — Existe sempre uma possibilidade. Se três de nós estivermos de acordo, é muito possível que ela nos dê ouvidos — insistiu Rex. — E quanto ao rufião com quem ela está casada? — Na verdade, Troy Júnior fez aquela pergunta com a maior das sinceridades. Falava com o irmão que era casado com uma stripper.

— Trataremos de todos, um de cada vez. Primeiro, nós dois temos de nos pôr de acordo e depois vamos falar com Mary Ross. O advogado dela é esse fulano... o Grit, um homem que não me impressiona muito pela sua inteligência.

— Não faz sentido começarmos a discutir — retorquiu Troy Júnior com uma expressão de tristeza.

— O assunto acabará por nos custar o raio de uma fortuna. Chegou a altura de declararmos tréguas.

— A mãe há-de sentir-se orgulhosa de nós.

As terras altas que marginavam o rio Xeco eram utilizadas pelos índios há várias décadas. Serviam de acampamento aos pescadores que por vezes pernoitavam ali, para além de serem um ponto de paragem para o tráfego fluvial. Rachel e Lako, acompanhados de um outro homem da tribo, de nome Ten, tinham-se abrigado por baixo de um telheiro de palha, aguardando que a tempestade amainasse. O telheiro deixava passar a água da chuva e o vento soprava de lado, açoitando-lhes o rosto. Junto dos pés, estava a canoa em que tinham viajado, arrastada para fora do Xeco depois de uma luta renhida contra o temporal durante uma hora de horror. As roupas de Rachel estavam encharcadas, mas do mal o menos, a água da chuva era morna. Os índios não usavam roupa nenhuma, com a excepção de um cordão em volta da cintura que prendia um pedaço de couro que lhes protegia os órgãos genitais.

Em tempos, Rachel possuíra um barco de madeira equipado com um motor já bastante antigo. Pertencera aos Cooper, os missionários que a haviam precedido. Quando tinha gasolina, deslocava-se pelos rios entre os quatro povoados dos ipicas. Também lhe permitia ir a Corumbá, uma viagem muito longa de dois dias, que se transformava em quatro na viagem de regresso.

Esse motor acabara por desistir de trabalhar, não tendo havido dinheiro para que ela pudesse comprar outro. Todos os anos, quando submetia o seu modesto orçamento à apreciação da organização Tribos Universais, quase implorava que lhe dessem os meios para adquirir um motor novo fora de borda, ou pelo menos um em segunda mão que estivesse em condições minimamente razoáveis. Descobrira um em Corumbá pelo preço de trezentos dólares. Todavia, por todo o mundo, os orçamentos da missão eram muito restritos. As verbas que lhe cabiam destinavam-se inteiramente à compra de medicamentos e literatura bíblica. «Continue a orar», diziam-lhe os seus dirigentes. «Talvez no próximo ano já haja verba.» Rachel aceitava aquela situação sem levantar quaisquer objecções. Se o Senhor desejasse que ela tivesse um novo motor fora de borda, então ele acabaria por lhe ir parar às mãos. As questões que se prendiam com os «ses» e «quandos» eram deixadas a Deus. Não lhe cabia preocupar-se com esses pormenores.

294 — 295 Sem poder dispor de uma embarcação, Rachel deslocava-se a pé entre as aldeias, quase sempre na companhia de Lako, que coxeava a seu lado. Todos os anos, no mês de Agosto, convencia o chefe da tribo a emprestar-lhe uma canoa e um guia para a jornada até ao rio Paraguai. Quando chegava ao rio, esperava pela passagem de um barco de transporte de gado ou por uma chalana que a levasse para sul. Dois anos antes, Rachel fora forçada a esperar

durante três dias, dormindo nos estábulos de uma pequena fazenda na margem do rio. No espaço de três dias, passou de estranha a amiga, e depois a missionária, quando o agricultor e a mulher se converteram ao cristianismo, na sequência dos seus ensinamentos religiosos e orações.

Amanhã alojar-se-ia em casa deles enquanto aguardaria uma embarcação que a levasse a Corumbá.

O vento ululava através do telheiro. Rachel agarrou na mão de Lako e ambos começaram a rezar, não pela sua segurança, mas pela saúde do amigo de ambos, Nate.

O pequeno-almoço foi servido ao doutor Stafford na sua mesa de trabalho — flocos de cereais e fruta. Recusava-se a sair do escritório e, quando declarou que se manteria ali durante todo o dia, as suas duas secretárias apressaram-se a alterar a data de, nada menos, do que seis reuniões agendadas para aquele dia. Às dez horas comeu um pãozinho, sentado à sua mesa de trabalho. Telefonou para o escritório de Valdir, de onde lhe disseram que o advogado se tinha ausentado para assistir a uma reunião algures no outro extremo da cidade. Valdir tinha um telefone celular. Por que razão é que ainda não teria ligado a Josh? Entretanto, um dos estagiários entregou-lhe um sumário de duas páginas sobre a febre de dengue, informações que obtivera através da Internet. O mesmo estagiário disse-lhe que a sua presença era necessária no tribunal, perguntando ao doutor Stafford se desejava que fizesse mais alguma pesquisa de natureza médica. O doutor Stafford não se deu conta de como a situação era caricata. Enquanto comia o seu pão, Josh lia o resumo. Fora todo escrito em maiúsculas, com um espaço duplo entre linhas e margens de dois centímetros e meio, ocupando cerca de página e meia. Um memorando com o timbre da firma Stafford que rezava: «A febre de dengue é uma infecção de natureza viral comum em todas as regiões tropicais de todo o mundo. É disseminada por um mosquito conhecido pelo nome de Aedes, que prefere morder durante o dia. O primeiro sintoma é o cansaço, seguido rapidamente por graves dores de cabeça por detrás dos olhos, uma febre moderada que, ao fim de pouco tempo, se transforma num estado febril intenso, acompanhado de suores frios, náuseas e vómitos. À medida que a febre sobe, os músculos da barriga das pernas e das costas começam a doer. Esta febre também é conhecida pela designação de «febre que quebra ossos» devido às dores violentas que afectam a massa muscular e as articulações. Depois de todos os outros sintomas se terem manifestado, começa a surgir uma erupção cutânea. É possível que a febre desapareça durante mais ou menos um dia, mas habitualmente volta a sentir-se

com uma intensidade redobrada. Depois de aproximadamente uma semana, a infecção é debelada e o perigo desaparece. Não existe qualquer vacina ou tratamento. É necessário um mês de repouso e muitos líquidos para que o doente se restabeleça.

«Isto nos casos mais benignos. A febre de dengue pode progredir até à fase de febre de dengue hemorrágica, ou síndroma de choque dengue, estados clínicos que por vezes podem ser fatais, especialmente no caso de crianças.» Depois desta leitura, Josh estava preparado para enviar o avião a jacto do falecido senhor Phelan rumo a Corumbá, com a finalidade de trazer Nate de regresso aos Estados Unidos. A bordo seguiriam um médico e uma enfermeira, assim como qualquer equipamento clínico que pudesse vir a ser necessário.

— É o doutor Valdir — anunciou entretanto uma secretária através do intercomunicador. Josh não aceitava quaisquer outros telefonemas. O brasileiro estava no hospital.

— Acabei de visitar o doutor O' Riley — informou ele numa voz lenta, articulando as palavras com clareza. — Ele está bem, embora não esteja muito consciente.

— Consegue falar? — perguntou Josh.

— Não. De momento, não. Estão a ser-lhe ministrados medicamentos para lhe aliviar as dores. — Ele está a ser tratado por um bom médico? — O melhor. Um médico que é meu amigo. Neste preciso momento, encontra-se junto de Nate.

— Pergunte-lhe quando é que o doutor O'Riley estará em condições de poder viajar para os Estados Unidos. Enviarei para Corumbá um jacto particular e um médico.

Josh começou a ouvir um diálogo em plano de fundo. — Isso não será possível nos tempos mais próximos — informou Valdir. — Quando tiver alta do hospital, ele vai precisar de se manter em repouso.

— Quando é que ele sairá do hospital? Outra conversa de fundo.

— Neste momento não lhe posso dizer com exactidão. Josh abanou a cabeça e deitou o que restava do seu pão ázimo para o cesto do lixo.

— Por acaso já conseguiu falar com o doutor O'Riley? — perguntou Josh a Valdir numa voz que era mais um rosnado do que outra coisa. — Não. Acho que ele continua a dormir.

— Ouça o que lhe digo, doutor Valdir, é da maior importância que eu fale com ele logo que possível, de acordo? — Estou a compreender. Mas tem de ser paciente.

— Eu não sou um homem paciente — retrucou Josh.

— Compreendo a sua posição, mas tem de tentar ser paciente. — Telefone-me hoje à tarde.

Josh desligou o telefone batendo com o auscultador no descanso, após o que começou a andar de um lado para o outro. Enviar Nate ao Pantanal, onde depararia com todos os perigos inerentes aos trópicos, fora uma decisão insensata, tendo em conta que era um homem frágil e instável. A conveniência fora o motivo impulsionador. Enviá-lo para longe durante mais ou menos duas semanas, mantendo-o ocupado noutra parte do globo enquanto a firma tentava resolver a encrenca em que ele se metera. Na firma de Josh existiam quatro sócios de segundo plano além de Nate, os quais haviam sido criteriosamente seleccionados por Josh, tendo este assumido o papel de mentor junto deles, cujas opiniões levava em consideração em alguns assuntos que se prendiam com a gestão da firma. Tip era um deles, sendo a única voz que se erguia em defesa de Nate. Os outros três queriam que ele se desvinculasse da firma de advocacia.

A secretária de Nate fora destacada para trabalhar com outro advogado. Ultimamente, o gabinete de Nate fora ocupado por um associado em ascensão, dizendo-se que ali encontrara o seu nicho. Na hipótese de a febre de dengue não acabar com o pobre Nate, as autoridades fiscais estariam à sua espera.

O recipiente que continha a solução intravenosa esvaziou-se lentamente a meio do dia, apesar de ninguém se ter dado ao incómodo de o verificar. Várias horas mais tarde, Nate despertou. Sentia a cabeça leve e em paz, sem febre nenhuma. Tinha o corpo rígido, mas não transpirava. Apercebeu-se da gaze pesada que lhe cobria os olhos, apalpando o adesivo que a prendia e, depois de alguma reflexão, decidiu dar uma olhadela ao que se passava em seu redor. Constatou que recebia a solução intravenosa através do braço esquerdo, e com a mão direita começou a retirar o adesivo que mantinha a gaze no seu lugar. Apercebia-se do som de vozes de pessoas na sala contígua e de passos sobre um chão duro. Ao fundo do corredor também deu conta do movimento de pessoas. Mais próximo, ouviu alguém que gemia numa voz baixa e constante de onde transparecia sofrimento.

Com lentidão, continuou a retirar o adesivo dos cabelos e da pele, amaldiçoando a pessoa que o colara com tanto afinco. Afastou a compressa de gaze para o lado; ficou suspensa da orelha esquerda. A primeira imagem que viu foi de tinta a lascar, uma tonalidade indefinida de um amarelo-esmaecido na parede acima da sua linha de visão. As luzes estavam apagadas, os raios solares filtravam-se através de uma janela. A pintura do tecto também apresentava

fissuras, fendas largas e negras encobertas por teias de aranha e poeira. Do centro do tecto estava suspensa uma ventoinha pouco estável, que oscilava no seu movimento rotativo. A atenção de Nate foi despertada por dois pés fora do lençol, dois pés velhos e cobertos de cicatrizes, onde se viam camadas de ferimentos e calosidades que se estendiam da ponta dos dedos às solas; quando soergueu ligeiramente a cabeça, Nate constatou que pertenciam a um homem pequeno e encarquilhado, cuja cama quase tocava na sua. Dava a impressão de estar morto.

Os gemidos vinham da parede perto da janela. O pobre do fulano era tão pequeno e engelhado como o outro. Permanecia sentado a meio da cama, com o corpo dobrado e enlaçando com os braços as pernas flectidas, formando uma bola enquanto sofria da sua enfermidade mergulhado numa espécie de transe.

O cheiro que pairava na enfermaria era de urina cediça, excrementos humanos e substâncias anti-sépticas com um odor intenso. Ao fundo do corredor ouviam-se os risos das enfermeiras. Todas as paredes tinham a pintura a lascar. Além da cama de Nate havia mais cinco; todas tinham rodízios, tendo sido colocadas ao acaso, sem um mínimo esforço de imprimir um pouco de ordem à enfermaria.

O seu terceiro companheiro de enfermaria encontrava-se deitado perto da porta. Estava nu, à excepção de uma fralda para incontinentes. Tinha o corpo coberto por chagas em carne viva. Também dava a impressão de já ter morrido; Nate esperava sinceramente que fosse esse o caso. Para bem do próprio doente. Não havia quaisquer botões que pudesse premir, nenhum cordão de emergência ou intercomunicador, nenhuma maneira de pedir ajuda, salvo começar a gritar, o que poderia despertar os mortos. Era possível que aquelas criaturas inanimadas se erguessem desejando visitá-lo.

Nate desejava desatar a fugir dali, rodar os pés para fora da cama, colocá-los no chão, arrancar o tubo intravenoso do braço e correr para a liberdade.

Preferia arriscar-se nas ruas. Com certeza que lá fora não existiriam tantas doenças como dentro daquele hospital. Qualquer lugar seria preferível àquela enfermaria de leprosos. Contudo, sentia os pés como se fossem tijolos. Nate reuniu todas as forças para os erguer, um de cada vez, mas pouco se elevaram. Deixou cair a cabeça sobre a almofada, fechou os olhos e pensou em chorar. «Estou num hospital de um país do terceiro mundo», repetiu vezes sem conta, falando consigo próprio. «Saí de Walnut Hill, um hospital cuja diária custava mil dólares, com botões para tudo e mais alguma coisa, chão alcatifado, duche e terapeutas prontos a acorrerem sempre que os chamava.» O homem com o corpo

coberto de chagas gemeu e Nate deixou-se cair ainda mais em cima do colchão. Então, com cuidados extremos, agarrou na ligadura de gaze e voltou a colocá-la sobre os olhos, prendendo-a com a fita adesiva, tal como estivera anteriormente, só que desta feita fixou-a melhor.

TRINTA E CINCO

Snead chegou à reunião munido de um contrato elaborado por si, que preparara sem a ajuda de qualquer advogado. Hark começou a lê-lo, sendo forçado a admitir que não estava nada mal redigido. Tinha o título de Contrato de Serviços de Testemunha Especializada. Os peritos costumavam dar opiniões. Snead abordaria, essencialmente, factos concretos; não obstante, Hark não estava interessado no que o contrato dizia. Assinou-o, entregando a Snead um cheque visado no valor de meio milhão de dólares. Com gestos delicados, Snead aceitou o cheque, examinando todas as palavras nele inscritas, após o que o dobrou, guardando-o no bolso do casaco.

— Agora, por onde é que começamos? — perguntou com um sorriso. Havia tantos assuntos que teriam de ser abordados. Os outros advogados dos Phelan haviam manifestado a sua vontade de estarem presentes. Hark só tinha tempo para uma introdução. — Em termos gerais — começou a dizer -, quero que me descreva o estado de espírito do velho na manhã em que morreu. Snead contorceu-se, mostrando-se agitado enquanto franzia o cenho, como se estivesse mergulhado em pensamentos. Efectivamente, ele desejava dizer o que fosse mais adequado. Sentia-se como se estivesse a arriscar quatro milhões e quinhentos mil dólares.

— Estava completamente fora de si — começou a dizer; as palavras pareciam ter ficado suspensas no ar enquanto ele esperava por um sinal de aprovação.

— E isso era invulgar? — perguntou Hark com um acenar de satisfação. Pensou que até ali estava tudo a correr pelo melhor. — Não. Nos últimos dias de vida era muito raro ele estar lúcido. — Quanto tempo é que passava junto dele? — Excepto alguns intervalos, vinte e quatro horas por dia.

— Onde é que dormia? — O meu quarto ficava ao fundo do corredor, mas ele tinha uma campainha para me chamar. Eu estava de serviço durante todo o dia e toda a noite. Por vezes, ele levantava-se a meio da noite para beber um sumo ou tomar um comprimido. Limitava-se a premir o botão para me chamar, e eu ia buscar o que quer que ele pretendesse. — Além de si, vivia mais alguém com ele? — Ninguém. — Com quem mais é que ele passava o seu tempo? —

Talvez com a jovem Nicolette, a secretária. Ele tinha um fraquinho por ela. — Ele teve relações sexuais com ela? — Isso pode contribuir favoravelmente para o nosso caso? — perguntou Snead.

— Sim — confirmou Hark.

— Sendo assim, eles coisavam que nem coelhos.

Hark não conseguiu evitar um sorriso. A alegação de que Troy Phelan perseguia a sua secretária não espantaria ninguém. Não fora necessário muito tempo para que os dois homens começassem a cantar pela mesma pauta.

— Ouça, senhor Snead, vou dizer-lhe do que é que precisamos. Necessitamos dos sofismas, das pequenas aberrações, dos lapsos, em que ficava absorto, das coisas estranhas que fazia e dizia, enfim, de tudo o que, no seu conjunto convença qualquer pessoa de que ele não estava bom do juízo. Você tem muito tempo. Sente-se e comece a escrever. Reúna as peças todas. Tenha uma pequena conversa com a Nicolette, certifique-se de que eles mantinham relações sexuais, ouça o que ela tem para lhe dizer. — Ela dirá tudo o que quisermos ouvir.

— Esplêndido. Nesse caso, ensaie e assegure-se de que não existem discrepâncias que os outros advogados possam descobrir. As vossas versões têm de condizer. — Não há ninguém que as possa contradizer.

— Ninguém? Nenhum motorista de limusina ou uma criada, uma ex-amante ou talvez uma outra secretária? — Ele teve tudo isso, sem dúvida. Mas o certo é que ninguém vivia no décimo quarto andar além do próprio senhor Phelan e eu. Ele era um homem que vivia numa extrema solidão. Era bastante amalucado.

— Sendo assim, como é que ele foi capaz de se mostrar tão racional na presença dos três psiquiatras? Snead meditou naquela pergunta por alguns instantes. O seu poder de ficção estava a traí-lo.

— Qual é que seria o seu palpite? — perguntou Snead. — O meu palpite diz-me que o senhor Phelan se encontrava bem consciente de que esse exame mental seria difícil, uma vez que tinha consciência de que o seu estado mental começara a deteriorar-se, o que o levou a pedir-lhe que lhe preparasse listas com perguntas que previa seriam feitas pelos psiquiatras; assim, você e o senhor Phelan passaram essa manhã a rever questões tão simples como a data, que ele esquecia constantemente, o nome dos filhos, nomes esses que tinha, virtualmente, esquecido, que colégios é que frequentaram, com quem é que estavam casados, etc, em seguida abordaram questões relativas ao seu estado de saúde. Imagino que depois de você o ter ajudado a meter na cabeça esses

aspectos básicos, terá passado pelo menos duas horas a estimular-lhe a memória com referência aos seus bens, à estrutura do Grupo Phelan, às empresas que possuía, às aquisições que efectuara, ao preço de encerramento de determinadas acções cotadas na bolsa. Cada vez com maior assiduidade, ele confiava em si para se manter a par da actualidade financeira, pelo que para si esses assuntos não eram uma matéria difícil. Foi um aborrecimento para o velho, mas você estava firmemente determinado a mantê-lo lúcido, antes de o ter levado na cadeira de rodas para a sala onde seria examinado. O que acabei de dizer parece-lhe familiar? Aquilo agradava imensamente a Snead. Sentia-se maravilhado perante o dom que o advogado tinha para engendrar mentiras, o que fazia numa questão de segundos.

— Sim, sim, é isso mesmo! Foi assim que o senhor Phelan conseguiu ludibriar os psiquiatras.

— Nesse caso, trabalhe mais essa história, senhor Snead. Quanto mais trabalhar as suas histórias, mais hipóteses terá de vir a ser uma boa testemunha. Os advogados da outra parte atirar-se-ão a si como gato a bofe. Atacarão a credibilidade do seu testemunho, apelidando-o de mentiroso; tem de estar bem preparado. Passe tudo a papel, dessa forma terá sempre um registo escrito das versões que apresentar. — Gosto dessa ideia — retorquiu Snead.

— Datas, horas, lugares, incidentes, aberrações. Tudo o que lhe possa ocorrer, senhor Snead. O mesmo em relação a Nicolette. Obrigue-a a escrever tudo.

— Ela não sabe escrever muito bem.

— Ajude-a. Tudo dependerá de si, senhor Snead. Se quer receber o resto do dinheiro tem de o merecer.

— De quanto tempo é que disponho? — Nós, eu próprio e os outros advogados, gostaríamos de filmá-lo com uma câmara de vídeo dentro de poucos dias. Ouviremos as suas histórias, preparando-o, fazendo-lhe várias perguntas para podermos verificar como é que se comporta. Tenho a certeza de que haveremos de querer alterar alguns aspectos. Tencionamos prepará-lo a pouco e pouco, e talvez façamos várias gravações em vídeo. Quando estiver tudo na perfeição, isso significará que você está pronto para apresentar o seu depoimento. Snead saiu apressadamente do escritório. Queria depositar o dinheiro no banco e comprar um automóvel novo. A Nicolette também precisava de um carro novo.

O auxiliar de enfermagem do turno da noite, ao fazer a ronda aos doentes, reparou no recipiente vazio. As instruções escritas à mão no reverso

indicavam que os fluidos não podiam ser interrompidos. Levou o saco ao dispensário, onde uma estudante de enfermagem, que trabalhava a tempo parcial, misturou as substâncias químicas, devolvendo o recipiente ao auxiliar de enfermagem. Corriam rumores pelo hospital sobre o doente norte-americano em que se dizia que ele era muito rico. Durante o sono, Nate foi revigorado com medicamentos de que o seu organismo não necessitava.

Quando Jevy o visitou antes do pequeno-almoço, Nate estava semi-acordado, continuando com os olhos cobertos visto preferir manter-se na escuridão.

— O Welly veio visitar-te — disse Jevy num murmúrio. A enfermeira de serviço ajudou Jevy a empurrar a cama para fora da enfermaria, levando-a pelo corredor até um pequeno pátio onde o Sol brilhava. A enfermeira accionou uma manivela para que a cabeceira da cama ficasse numa posição reclinada. Removeu os adesivos e a ligadura de gaze; Nate nem pestanejou. Vagarosamente, começou a abrir os olhos, tentando focar a visão. — O inchaço diminuiu — disse Jevy, que se encontrava apenas a alguns centímetros do doente.

— Olá, Nate — saudou Welly. Colocara-se do outro lado da cama. A enfermeira deixou-os sozinhos.

— Olá, Welly — disse Nate numa voz pastosa, profunda e arrastada. Sentia-se zonzo, mas feliz. A sensação de estar drogado era-lhe familiar.

— A febre também desapareceu — acrescentou Jevy depois de lhe ter tocado na testa. Os dois brasileiros trocaram sorrisos, aliviados por não terem morto o americano durante a incursão por terras do Pantanal.

— O que é que aconteceu? — perguntou Nate dirigindo-se a Welly, fazendo um esforço para imprimir coerência às suas palavras, para não dar a impressão de que estava embriagado. Jevy traduziu a pergunta em português. Imediatamente Welly se mostrou muito animado, iniciando uma longa narrativa em que descrevia o temporal e o naufrágio do Santa Loura. De trinta em trinta segundos, Jevy interrompia-o para poder fazer a tradução do que ele acabara de dizer. Nate ouvia, tentando manter os olhos abertos, mas passava por breves períodos de inconsciência. Valdir encontrou-os no pátio. Saudou Nate calorosamente, sentindo grande satisfação por ver o doente sentado na cama, com uma aparência muito melhor. Sacou de um telemóvel que tinha no bolso.

— Tem de falar com o doutor Stafford — disse ele enquanto marcava os números. — Ele está ansioso por saber qual o seu estado de saúde.

— Não tenha a certeza de que... — Nate interrompeu-se sentindo a

cabeça a andar à roda.

— Tome, endireite-se, fale com o doutor Stafford — insistiu Valdir passando-lhe o telefone para a mão e ajeitando a almofada. Nate agarrou no telemóvel.

— Está lá — disse ele.

— Nate! — ouviu do outro lado da linha. — És tu?! — Josh.

— Nate, diz-me que não vais morrer. Por favor, diz-me que não. — Não tenho a certeza — redarguiu Nate.

Com gestos suaves, Valdir empurrou o telefone, colocando-o mais perto da cabeça de Nate, ajudando-o a segurá-lo.

— Fale mais alto — sussurrou. Jevy e Welly retrocederam alguns passos.

— Nate, conseguiste encontrar Rachel Lane? — gritou Josh junto do bocal do aparelho.

Nate tentou organizar as ideias. Franziu o sobrolho esforçando-se para se concentrar.

— Não — respondeu pouco depois.

— O quê?

— O nome dela não é Rachel Lane.

— Que raio de nome é que ela tem? Nate reflectiu por uns instantes, mas foi vencido pela fadiga. Deixou o corpo descair um pouco, continuando a esforçar-se por se recordar do nome. Talvez ela nunca tivesse chegado a dizer-lhe o apelido.

— Não sei — tartamudeou por entre uns lábios que mal se mexiam. Valdir chegou o telemóvel ainda mais perto do ouvido do doente.

304 — 305 — Nate, fala comigo! Encontraste a mulher que nos interessa?

— Sim, encontrei. Por aqui está tudo a correr bem, Josh. Acalma-te.

— E a respeito da mulher?

— É encantadora.

Josh hesitou por breves instantes, mas a verdade é que não podia perder tempo.

— É muito agradável ouvir isso, Nate. Ela assinou os documentos? — Não sou capaz de me recordar do nome dela. — Assinou os papéis ou não? Fez-se uma pausa que pareceu interminável. O queixo de Nate descaiu-lhe para o peito, dando a impressão de que dormitava. Valdir tocou-lhe no braço tentando mover-lhe a cabeça juntamente com o telefone celular.

— Eu gostei dela, verdadeiramente — balbuciou Nate de chofre. —

Muitíssimo.

— Não estás pedrado, pois não, Nate? Eles deram-te analgésicos, não é verdade?

— Isso mesmo — confirmou Nate.

— Ouve uma coisa, Nate. Quando tiveres as ideias mais claras telefona-me, de acordo?

— Não tenho nenhum telefone.

— Serve-te do de Valdir. Por favor, Nate, não te esqueças de me telefonar. O interpelado acenou com a cabeça e fechou os olhos. — Pedi-lhe que casasse comigo — acrescentou Nate ao telefone antes de o queixo lhe pender pela última vez.

Valdir agarrou no telemóvel dirigindo-se para um canto do pátio. Diligenciou por descrever o estado clínico de Nate. — Parece-lhe que há necessidade de eu me deslocar até aí? — gritou Josh pela terceira ou quarta vez.

— Isso não é necessário. Por favor, seja paciente.

— Estou farto de o ouvir dizer-me para ter paciência.

— Eu compreendo como é que se sente.

— Ponha-o bom, Valdir.

— Ele está óptimo.

— Não, não está. Telefone-me mais tarde.

Tip Durban foi dar com Josh de pé junto da janela do seu gabinete, fitando o amontoado de edifícios que constituíam a paisagem defronte de si. Tip fechou a porta e sentou-se. — O que é que ele disse? — perguntou.

Josh continuava a olhar fixamente através da janela. — Disse que a encontrou e que ela é encantadora, tendo-lhe pedido que casasse com ele. — Da sua voz não transparecia qualquer indício de bom humor.

Mesmo assim Tip achou que a situação era bastante divertida. Sempre que se tratava de mulheres, Nate não era muito esquisito, especialmente entre divórcios.

— Como é que ele está de saúde?

— Não sente dores porque o atulharam de analgésicos, está semi-consciente. Valdir disse que já não tem febre e que está com muito melhor aspecto.

— Isso quer dizer que não vai morrer? — Ao que tudo indica, assim é. Tip começou a rir-se à socapa.

— O nosso rapaz é assim mesmo. Nate nunca conheceu um rabo-de-saias de que não gostasse.

Quando Josh se voltou para Tip exibia uma expressão bem-humorada. — Isto é uma verdadeira maravilha! — comentou. — Nate está falido. Ela só tem quarenta e dois anos e, muito provavelmente, há muitos anos que não põe a vista em cima de um homem de raça branca. — Ainda que ela fosse feia como o pecado, Nate não se importaria com isso. Acontece que ela é a mulher mais rica em todo o mundo. — Agora que penso melhor sobre o assunto, isso não me deixa muito surpreendido. Eu estava convencido de que lhe estava a fazer um favor, enviando-o nessa aventura. Jamais me passou pela cabeça que ele tentasse seduzir uma missionária. — Achas que ele se pôs nela? — perguntou Tip.

— Quem é que poderá saber o que os dois fizeram na selva... — Duvido muito — retrucou Tip depois de ter reflectido melhor no assunto. — Conhecemos Nate, mas não a conhecemos. São precisos dois.

Josh sentou-se na extremidade da sua mesa de trabalho, bem-humorado, sorrindo com os olhos postos no soalho. — Tens razão. Não posso ter a certeza de que ela se tenha sentido atraída por Nate. Ele tem muito que se lhe diga. — Ela assinou os papéis? — Não chegámos a abordar essa questão. Estou seguro de que assinou, caso contrário ele não se teria vindo embora. — Quando é que ele tenciona regressar? — perguntou Tip. — Logo que esteja em condições de poder viajar.

— Não estejas tão seguro disso. Por onze mil milhões de dólares, eu próprio era capaz de me deixar ficar por lá durante mais algum tempo.

TRINTA E SEIS

O médico encontrou o seu paciente a ressonar à sombra, no pátio; permanecia sentado em cima da cama, com a boca aberta e com a gaze que fora removida pendendo-lhe de uma das frontes. Perto dele, o amigo do rio fazia uma sesta no chão. Examinou o recipiente do fluido intravenoso e interrompeu o fluxo. Tocou na testa de Nate, constatando que ele não tinha febre.

— Senhor O'Riley — chamou em voz alta batendo ao de leve no ombro do doente. Jevy levantou-se de um salto. O médico não sabia falar inglês.

Este queria que Nate voltasse para a enfermaria, mas quando este desejo foi traduzido por Jevy, o paciente não recebeu o pedido com muito agrado. Nate implorou a Jevy que, por seu turno, suplicou ao médico. Jevy tinha visto os outros doentes, as chagas abertas e as sezões que afligiam os homens moribundos não muito longe dali, mesmo ao fundo do corredor, prometendo ao médico que permaneceria ali, sentado à sombra, junto do amigo até ao anoitecer. O médico acabou por ceder. Na realidade, não se interessava de uma maneira ou de outra.

Do outro lado do pequeno pátio havia uma enfermaria separada, pouco espaçosa, com barras grossas fixas no cimento do pavimento. De vez em quando aparecia um doente que ficava a olhar para o pátio através das grades. Não podiam escapar-se. Ao fim da manhã, surgiu um paciente que gritava, sentindo-se ofendido com a presença de Nate e de Jevy no outro extremo. Tinha uma pele escura coberta de malhas, com uns cabelos avermelhados e desalinhados; tinha uma expressão que não escondia a loucura de que sofria. Enclavinhou os dedos em redor de duas grades, colocando o rosto entre elas e começou a berrar. A sua voz era esganiçada, ecoando por todo o pátio e estendendo-se aos corredores. — O que é que ele está a bramar? — perguntou Nate. Os gritos do lunático sobressaltaram-no, ajudando-o a aclarar as ideias.

— Não consigo compreender uma só palavra. Ele não regula bem da cabeça.

— Eles internaram-me no mesmo hospital em que estão os doidos? — Sim. Lamento muito. A cidade é pequena.

A berraria intensificou-se ainda mais. Pouco depois, surgiu uma

enfermeira do lado de fora das grades, onde estava a salvo, que gritou ao homem ordenando-lhe que se calasse. Ele respondeu-lhe com uma linguagem que fez com que ela se pusesse em debandada. Em seguida, o louco voltou a concentrar-se em Jevy e Nate. Apertou tanto as grades que o nó dos dedos ficaram esbranquiçados, começando a saltar enquanto continuava a gritar. — Pobre tipo — comentou Nate.

Os berros deram lugar a uma sucessão de lamúrias; alguns minutos depois daquela algazarra ter começado, apareceu um enfermeiro por detrás do doente que tentou afastá-lo das barras. Mas o homem não queria ir, o que deu origem a uma pequena escaramuça. Dado que tinha testemunhas, o enfermeiro mostrava-se firme mas cauteloso. No entanto, as mãos do paciente pareciam estar coladas à volta das barras, sendo quase impossível remover-lhe os dedos. Os lamentos transformaram-se em guinchos; o enfermeiro começou a puxar o homem pelas costas.

Finalmente, o enfermeiro desistiu, desaparecendo dali. O louco baixou as calças começando a urinar através das grades, rindo-se estrondosamente ao mesmo tempo que orientava o jacto de urina na direcção de Nate e de Jevy, embora estes se encontrassem fora do seu alcance. Enquanto as mãos estavam fora das grades, o homem foi atacado por detrás pelo enfermeiro que surgiu inesperadamente, firmando-se com toda a força nos braços, no pescoço e na cabeça do doente, arrastando-o dali para fora. Uma vez fora de vista, os gritos cessaram de imediato. — Jevy, tens de me levar daqui para fora — disse Nate depois daquele drama diário ter chegado ao fim, dando lugar, uma vez mais, à quietude no pátio. — O que é que queres dizer com isso? — Leva-me daqui. Estou a sentir-me muito bem. Já não tenho febre e sinto que estou a recuperar as forças. Vamos embora. — Não podes sair do hospital até que o médico te dê alta. Além de que ainda tens isso — acrescentou apontando para o tubo intravenoso no braço esquerdo de Nate.

— Isto não é nada — retorquiu Nate enquanto retirava rapidamente a agulha do braço, arrancando o tubo por onde recebia a solução intravenosa. — Descobre algumas roupas que eu possa vestir, Jevy. Vou dar alta a mim mesmo.

— Tu não conheces a força da febre de dengue. O meu pai teve essa doença.

— Já passou, sinto que sim.

— Não, ainda não estás totalmente curado. A febre ainda há-de voltar e dessa vez será pior do que antes. Muito pior. — Não acredito nisso. Leva-me para um hotel, Jevy, por favor. Ficarei muito bem instalado num hotel. Pago-te

para que fiques comigo e, caso eu venha a ter febre de novo, poderás dar-me comprimidos. Por favor, Jevy.

Este mantinha-se aos pés da cama. Olhou em redor como se houvesse alguém que pudesse compreender a conversa que travavam em inglês. — Não sei... — redarguiu, hesitante. Feitas as contas, aquela ideia não lhe parecia ser má de todo.

— Pago-te duzentos dólares para me arranjares umas roupas e para me levares a um hotel. Dou-te cinquenta dólares por dia para me vigiares até estar completamente restabelecido — acrescentou Nate.

— Isto não tem nada a ver com dinheiro, Nate. Eu sou teu amigo. — Também sou teu amigo, Jevy. E os amigos costumam ajudar-se uns aos outros. Não posso voltar àquela enfermaria. Tu viste aquela pobre gente tão doente nas outras camas. Estão todos a apodrecer, todos a morrer deitados no meio do mijo. Só cheira a dejectos humanos. O pessoal de enfermagem não se interessa com o bem-estar dos doentes. Os médicos não examinam os acamados. O asilo dos doidos é ali. Por favor, Jevy, leva-me daqui para fora. Estou pronto a pagar-te bom dinheiro.

— O teu dinheiro afundou-se juntamente com o Santa Loura — retorquiu Jevy.

Nate sentiu-se enregelar ao ouvir aquela observação. O Santa Loura nem sequer lhe passara pelo pensamento, e tudo o que lhe pertencia — roupas, dinheiro, passaporte e a pasta com todas as engenhocas electrónicas e os documentos que Josh lhe entregara. Desde que deixara Rachel que tinha tido muito poucos momentos de lucidez, resumindo-se estes a uns escassos intervalos em que pensara com coerência acerca de viver e morrer. Durante esse período, não lhe haviam ocorrido à mente coisas tangíveis ou pertences.

— Tenho meios de poder arranjar bastante dinheiro, Jevy. Posso transferi-lo de uma conta nos Estados Unidos. Por favor, não me negues o teu auxílio.

Jevy sabia que a febre de dengue só muito raramente é que era uma doença fatal. O ataque de que Nate fora acometido parecia estar dominado, embora fosse mais do que certo que a febre voltaria a acometê-lo. Ninguém podia censurá-lo por desejar fugir daquele hospital.

— De acordo — acedeu Jevy por fim voltando a olhar à sua volta. Não avistou ninguém por perto. — Não me vou demorar muito, apenas alguns minutos.

Nate fechou os olhos ponderando sobre a falta do passaporte. Para além de que não tinha dinheiro, nem um cêntimo. Também perdera todas as suas

roupas, até mesmo a escova de dentes. Não tinha o telefone-satélite, o telemóvel, nem sequer cartões-de-visita. Para já não mencionar que as coisas no seu país natal não estavam muito melhor. Das ruínas da falência pessoal, poderia esperar poder continuar a manter o automóvel que adquirira em sistema de leasing, as roupas e o mobiliário modesto, assim como o dinheiro reservado a saldar o que devia ao fisco. Nada mais. O pequeno apartamento que arrendara em Georgetown fora perdido enquanto estivera na clínica de desintoxicação. Quando regressasse aos Estados Unidos não teria lugar nenhum onde se pudesse instalar. Por assim dizer, não tinha quaisquer familiares. Os seus dois filhos mais velhos mantinham-se à distância, sem se preocuparem com o que pudesse acontecer ao pai. Por seu lado, os outros dois, que frequentavam a primeira fase do ensino secundário, filhos do segundo casamento, haviam sido levados pela mãe para bastante longe. Há seis meses que não os via, mal tendo pensado neles durante a quadra natalícia.

Aquando do seu quadragésimo aniversário, Nate ganhara um julgamento em que o réu fora condenado a pagar dez milhões de dólares pelo crime de negligência, um médico que falhara no diagnóstico de uma doença cancerígena. Tinha sido a causa mais importante de toda a sua carreira; decorridos dois anos, depois de o réu ter recorrido da sentença, a firma recebera mais de quatro milhões de dólares em honorários. Nesse mesmo ano, o bónus que Nate recebeu cifrou-se em um milhão e meio de dólares. Durante alguns meses vestiu a pele de um milionário, chegando mesmo a comprar uma casa nova. Comprou casacos de pele, diamantes, carros e viagens, fez alguns investimentos pouco avisados. Foi nessa altura que começou a sair com uma antiga colega de universidade que adorava cocaína, e a muralha começou a abrir fendas. Nessa altura, Nate teve uma recaída desastrosa que lhe valeu dois meses de internamento, em que esteve fechado a sete-chaves. A mulher do segundo casamento abandonou-o levando o dinheiro consigo, apesar de ter voltado por um curto período de tempo, sem o dinheiro.

Por uns tempos, fora milionário, mas naquele momento imaginava qual seria o seu aspecto físico visto do topo do telheiro que cobria o pátio — doente, sozinho, falido, tendo sido indiciado pelo tribunal, receoso de voltar ao seu país de origem, e aterrorizado pelas tentações que voltaria a encontrar quando regressasse.

Os esforços que empreendera para encontrar Rachel tinham mantido a sua mente ocupada. Aquela busca empolgara-o. Mas agora que tinha chegado ao fim, sentindo uma vez mais que estava de rastos, pensou em Sérgio, nos

programas de desintoxicação, nos seus vícios e em todos os problemas que o aguardavam. As trevas pairavam de novo acima da sua cabeça.

Não podia passar o resto da vida a navegar em chalanas de um extremo ao outro do rio Paraguai, acompanhado de Jevy e Welly, mantendo-se afastado da bebida, das drogas e das mulheres, esquecido dos seus problemas com a lei. Era forçoso que regressasse. Uma vez mais, tinha de tocar ao som da batuta do maestro.

Um grito penetrante despertou Nate dos seus devaneios. O gritador de cabelos ruivos estava de volta.

Jevy fez rolar a cama por baixo de uma varanda, após o que começou a percorrer um corredor, dirigindo-se para a entrada principal do hospital. Parou junto do anuário onde os empregados da limpeza guardavam as suas coisas, ajudando o paciente a levantar-se da cama. Nate estava fraco e com tremuras, se bem que estivesse firmemente resolvido a escapar dali para fora. Pelo lado de dentro da porta do armário, com gestos bruscos, despiu a bata do hospital e vestiu um par de calções largueirões de jogar futebol, uma camisola de algodão de manga curta e calçou as sandálias de borracha de enfiar o dedo, na cabeça pôs um boné de ganga com pala e um par de óculos de Sol de plástico. Embora tivesse semelhanças, não se sentia minimamente brasileiro. Jevy gastara pouco dinheiro na aquisição do seu novo vestuário. Nate estava a ajustar o boné quando desmaiou.

Jevy ouviu-o tombar contra a porta do anuário que abriu rapidamente, deparando com Nate, que tinha caído desamparado, em cima de um amontoado de baldes e esfregonas que faziam uma barulheira enorme. Agarrou-o por debaixo dos braços e arrastou-o de volta à cama. Colocou-o sobre o colchão, cobrindo Nate com um lençol.

— O que é que aconteceu? — perguntou este abrindo os olhos. — Perdeste os sentidos — replicou Jevy. A cama deslocava-se; Jevy seguia atrás dele. Passaram por duas enfermeiras que pareceram não ter reparado nos dois homens. — Esta ideia não é muito boa — disse Jevy. — Continua a andar.

Pararam perto do átrio, Nate arrastou-se para fora da cama, sentiu mais tonturas e começou a caminhar. Jevy colocou um braço pesado sobre os ombros do amigo, agarrando-o pelos bíceps para que ele não perdesse o equilíbrio.

— Vai com calma — repetia Jevy. — Devagar se vai ao longe. Os funcionários que tratavam das admissões hospitalares nem olharam para eles, o mesmo acontecendo em relação aos doentes que tentavam ser admitidos. Dos enfermeiros e auxiliares de enfermagem, que fumavam nos degraus da entrada

principal, receberam um olhar de relance. O Sol estonteou Nate, que se firmou mais em Jevy. Atravessaram a rua, dirigindo-se ao local onde Jevy estacionara o seu maciço Ford.

Quando chegaram ao primeiro cruzamento, foi por um triz que escaparam à morte.

— Importas-te de conduzir mais devagar, por favor — pediu Nate com alguma brusquidão. Estava todo transpirado e sentia o estômago às voltas.

— Desculpa — retorquiu Jevy; a camioneta abrandou acentuadamente de velocidade.

Servindo-se do seu encanto, ao que aliou a promessa de um pagamento nos dias mais próximos, Jevy conseguiu persuadir uma jovem recepcionista do hotel Palace a alugar-lhes um quarto duplo.

— O meu amigo está doente — segredou-lhe ele acenando na direcção de Nate, que se encontrava inquestionavelmente enfermo. Jevy não queria que aquela bonita rapariga ficasse com a impressão errada. Ao fim e ao cabo, nenhum deles trazia bagagem.

Assim que chegaram ao quarto, Nate deixou-se cair em cima da cama. A pequena escapadela tinha-lhe esgotado as forças, deixando-o exausto. Jevy sintonizou um canal televisivo que transmitia um jogo de futebol em diferido, mas cinco minutos depois já estava farto de ver o jogo. Saiu do quarto com o fito de continuar a namoriscar a recepcionista.

Nate tentou por duas vezes contactar uma telefonista do serviço telefónico internacional. Tinha uma vaga recordação de ter ouvido a voz de Josh ao telefone, o que lhe dizia que essa conversa deveria ter continuidade. À segunda tentativa ficou com os ouvidos cheios de português. Quando tentou fazer-se entender em inglês, pensou ter apreendido as palavras «cartão telefónico». Desligou e adormeceu.

O médico ligou para Valdir. Este descobriu a camioneta de caixa aberta de Jevy estacionada no lado de fora da rua onde se situava o hotel Palace, deparando com o próprio Jevy dentro da piscina, bebendo uma cerveja. Valdir agachou-se à beira da piscina. — Onde é que está o doutor O'Riley? — perguntou ele sem tentar ocultar a irritação que sentia.

— Lá em cima, deitado no quarto — respondeu Jevy bebendo outro gole de cerveja. — Por que motivo é que ele veio para aqui? — Porque quis deixar o hospital. É capaz de o censurar? A única vez que Valdir fora submetido a uma intervenção cirúrgica, esta tivera lugar em Campo Grande, cidade que ficava a quatro horas de distância. Ninguém que tivesse dinheiro estaria na disposição de

se sujeitar a um internamento no hospital de Corumbá. — Como é que ele se sente? — Acho que está óptimo. — Fique de olho nele — disse o advogado. — Eu já não trabalho para si, doutor Valdir. — Sim, mas ainda temos a questão do barco..

— Não posso trazê-lo à superfície do rio. Não fui eu quem o afundou. O naufrágio foi provocado por um temporal. Dadas as circunstâncias, o que é que pretende que eu faça? — Quero que vigie o doutor O'Riley.

— Ele precisa de dinheiro. Pode pedir que lhe seja feita uma transferência bancária? — Suponho que sim.

— E também precisa de um novo passaporte. Perdeu tudo quando o barco se afundou.

— Não o perca de vista. Tratarei de todos os pormenores. O estado febril regressou de mansinho noite adentro, aquecendo-lhe as faces enquanto dormia, instalando-se calmamente enquanto se preparava para a devastação prestes a desencadear-se. O seu cartão-de-visita foi apresentado sob a forma de uma correnteza de gotas ínfimas de suor perfeitamente alinhada acima das sobrancelhas, ao que se seguiu a transpiração nos cabelos desalinhados sobre a almofada, alcançando o ponto de ebulição enquanto continuava adormecido, fervilhando, preparando-se para a erupção. Enviou tremores e pequenas vagas de arrepios que percorreram todo o corpo de Nate, mas ele sentia-se extremamente fatigado, além de que o seu organismo continuava a conter os resíduos de muitas substâncias químicas, o que lhe permitiu continuar adormecido. A pressão por detrás dos olhos começou a acumular-se, de modo a que quando ele os abriu só lhe apeteceu desatar a gritar. Todos os fluidos da sua boca tinham sido drenados para aí.

Finalmente, Nate começou a gemer. Sentiu o impacte violento de um martelo pneumático entre as frontes. Quando abriu as pálpebras, a morte estava à sua espera. Encontrava-se deitado num charco de suor, sentia as faces em chama e os cotovelos e joelhos dobrados pelas dores. — Jevy... — chamou num sussurro. — Jevy! Jevy ligou o interruptor do candeeiro da mesa-de-cabeceira entre as duas camas e Nate recomeçou a gemer ainda mais alto. — Desliga essa luz! — disse ele.

Jevy correu imediatamente para a casa de banho, onde ligou uma fonte de luz mais indirecta. Preparando-se para aquela situação adversa, tomara a precaução de comprar água engarrafada, gelo, aspirinas e analgésicos de venda livre nas farmácias, assim como um termómetro. Estava convencido de estar preparado para o que desse e viesse.

Decorreu uma hora em que Jevy contou todos os minutos. A febre subiu para trinta e nove graus centígrados; os arrepios vinham em vagas de tamanha violência que agitavam a cama que batia contra o soalho. Quando Nate não tremia, Jevy enfiava-lhe comprimidos pela boca dentro que o doente engolia com a ajuda de uns goles de água. Humedecia-lhe as faces com toalhas molhadas. Nate sofria em silêncio e, corajosamente, rilhava os dentes, de forma a que as dores fossem silenciosas. Estava firmemente decidido a sofrer aquelas febres no luxo relativo daquele pequeno quarto de hotel. De cada vez que sentia vontade de gritar, recordava-se do estuque rachado e dos cheiros do hospital.

Às quatro da madrugada, a febre subiu para cerca de trinta e nove e meio e Nate começou a perder a consciência. Os joelhos estavam tão flectidos que quase lhe tocavam no queixo. Mantinha os braços apertados à volta da barriga das pernas. Imprimia grande firmeza ao corpo. Mas pouco depois sentia um arrepio de frio que o distendia, enquanto o corpo era percorrido por um estremecimento. A leitura que o termómetro indicava chegara aos quarenta e um graus centígrados, o que levou Jevy a aperceber-se de que, a qualquer momento, o seu amigo entraria em estado de choque. Finalmente, entrou em pânico não por causa da febre elevada, mas depois de ter visto o suor a gotejar dos lençóis da cama caindo no chão. O amigo já sofrera o suficiente. No hospital teria de haver uma medicação mais adequada.

Descobriu um empregado de limpeza do hotel a dormir no terceiro andar; unindo esforços, os dois homens conseguiram arrastar Nate até ao elevador, atravessaram o átrio deserto àquela hora e dirigiram-se para a camioneta. Às seis da manhã telefonou a Valdir que ainda dormia.

Depois de este ter dado largas a uma série de imprecações dirigidas a Jevy, concordou em chamar o médico.

TRINTA E SETE

O tratamento foi prescrito via telefone pelo médico que estava deitado. Mandou que enchessem o recipiente da solução intravenosa com uma grande quantidade de coisas boas, que espetassem a agulha no braço de Nate e que tentassem encontrar-lhe um quarto melhor do que a enfermaria. Os quartos particulares estavam todos ocupados, pelo que o pessoal de enfermagem se limitou a deixá-lo ficar no corredor da enfermaria dos homens, próximo de uma mesa atravancada de papéis a que chamavam o posto das enfermeiras. Do mal o menos, seria impossível que ignorassem a sua presença. Pediram a Jevy que saísse do hospital. Não havia nada que pudesse fazer ali, para além de esperar o desenrolar do estado clínico do doente.

A determinada altura, durante a azáfama das actividades matinais, um enfermeiro munido de uma tesoura aproximou-se de Nate. Começou a cortar os calções desportivos e a camisola de manga curta de algodão vermelho que adquirira recentemente, substituindo esse vestuário por uma bata amarela do hospital. Durante esse processo, Nate permaneceu todo nu durante cinco longos minutos, à vista de todos os que passavam pelo corredor. Ninguém reparou nele. O que para Nate era completamente indiferente. Os lençóis da cama foram mudados porque estavam encharcados em suor. Os trapos que haviam sido os calções e a camisola foram deitados para o lixo e, pela segunda vez, Nate O'Riley ficou sem roupas que fossem suas.

Sempre que estremecia de mais ou gemia num tom demasiado elevado, o médico, a enfermeira ou o auxiliar de enfermagem mais próximos aumentavam um pouco mais o fluxo da solução intravenosa. Em contrapartida, quando ressonava demasiado alto, aparecia alguém que reduzia o fluxo.

Uma morte por doença cancerígena abriu uma vaga. A cama de Nate foi levada para a enfermaria mais próxima, onde foi colocado entre um trabalhador que perdera um pé num acidente de trabalho e um homem que estava prestes a morrer por deficiência renal. O médico examinou-o duas vezes nesse dia. A febre oscilava entre os quarenta e os quarenta e dois graus centígrados. Ao fim da tarde, Valdir passou de fugida pelo hospital, mas Nate estava a dormir, pelo que não puderam conversar. Relatou os acontecimentos do dia ao doutor

Stafford, que não se mostrou nada agradado.

— O médico diz que isto é normal — disse Valdir falando através do telefone celular no corredor do hospital. — O doutor O'Riley está a caminho da recuperação.

— Não permita que ele morra, Valdir — grunhiu Josh do outro lado da linha, nos Estados Unidos.

Estava a tratar da transferência bancária. Também pusera alguém a tratar de arranjar um novo passaporte.

Uma vez mais, o saco que continha a solução intravenosa ficou vazio sem que ninguém tivesse reparado. As horas foram passando e, gradualmente, a medicação deixou de fazer efeito. A meio da noite, escura como breu, não havia qualquer movimento nas outras três camas, quando por fim Nate conseguiu afastar as teias de aranha provenientes do seu estado de semi-consciência, mostrando alguns sinais de vida. Mal conseguia distinguir os contornos dos seus companheiros de enfermaria. A porta estava aberta, deixando entrar um pouco da luz que vinha do fundo do corredor. Não se ouviam quaisquer vozes nem o ruído abafado de passos. Tocou na bata que usava — ensopada em suor — compreendendo que por baixo dela se encontrava, uma vez mais, todo nu. Esfregou os olhos inchados, tentando endireitar as pernas entorpecidas. Sentia a testa muito quente. Tinha sede e não era capaz de se recordar da última refeição que comera. Tentou não se mexer, com receio de despertar os que dormiam perto de si. Com certeza que dentro em pouco haveria um enfermeiro, ou enfermeira, que fosse àquela enfermaria.

Os lençóis estavam completamente molhados e, por conseguinte, quando voltou a sentir arrepios de frio, não tinha maneira de se manter aquecido. Todo o seu corpo estremecia e vibrava enquanto esfregava os braços e as pernas, com os dentes a baterem descontroladamente uns contra os outros. Depois de os arrepios terem passado, Nate tentou adormecer, conseguindo passar pelas brasas a intervalos durante o resto da noite, mas quando a escuridão da noite estava mais cerrada a febre subiu de novo. As frontes latejavam-lhe tanto que Nate começou a chorar. Enrolou a almofada à volta da cabeça apertando-a com tanta força quanta conseguiu reunir.

Na escuridão que reinava na enfermaria, entrou uma silhueta que foi de cama em cama, até que acabou por deter os seus passos junto do leito de Nate.

Ficou a observá-lo a debater-se, com o corpo violentamente agitado debaixo do lençol, soltando gemidos enfraquecidos que eram abafados pela almofada. Tocou-lhe suavemente num braço. — Nate — segredou.

Em circunstâncias normais, ele ter-se-ia sobressaltado. Todavia, as alucinações tinham-se tornado num sintoma normal. Baixou a almofada até ao peito, tentando focar a figura. — É a Rachel — disse ela num sussurro.

— Rachel...? — murmurou Nate sentindo dificuldade em respirar. Tentou sentar-se e depois experimentou abrir os olhos com a ajuda dos dedos. — Rachel? — Estou aqui, Nate. Foi Deus que me enviou para o proteger. Estendeu a mão na direcção do rosto dela, que a tomou nas suas. Beijou-lhe a palma. — Não vai morrer, Nate — acrescentou Rachel. — Deus tem outros planos para si.

Nate estava incapaz de dizer fosse o que fosse. Lentamente, os seus olhos ajustaram-se à escuridão, começando a distinguir os contornos da sua silhueta.

— É você — disse ele sem poder acreditar. Ou seria apenas outro dos seus sonhos? Voltou a reclinar-se para trás, repousando a cabeça na almofada e relaxando o corpo, quando os músculos se descontraíram e as articulações começaram a soltar-se. Cerrou as pálpebras, mas não largou a mão de Rachel. As dores agudas que sentia por detrás dos olhos abrandaram. O calor abandonou-lhe as faces e a testa. As febres elevadas tinham minado todas as suas forças e Nate voltou a mergulhar num estado de semi-inconsciência, tendo-se apoderado de si um sono pesado que não era induzido pelas substâncias químicas, mas pela exaustão.

Começou a sonhar com anjos -jovens donzelas vestidas de branco que flutuavam entre as nuvens que pairavam acima da sua cabeça, que estavam ali com a missão de o proteger, entoando hinos em vozes segredadas que ele nunca ouvira, mas que ainda assim lhe pareciam familiares.

Deixou o hospital às doze horas do dia seguinte, munido das ordens que o seu médico lhe dera, acompanhado por Jevy e Valdir. Não havia vestígios de febre, nem tão-pouco qualquer erupção cutânea; Nate sentia-se dorido apenas nas articulações e músculos. Insistiu em que lhe dessem alta, com o que o médico concordou pressurosamente. Este sentia-se muito feliz por se ver livre daquele paciente.

A primeira paragem foi num restaurante onde comeu uma tigela cheia de arroz e um prato a transbordar de batatas cozidas. Evitou comer bifes e costeletas. Jevy não lhe seguiu o exemplo. Ambos continuavam com fome depois da aventura em que se tinham metido. Valdir bebia um café em pequenos goles, enquanto fumava os seus cigarros e observava os dois homens a comer.

No hospital, ninguém tinha dado pela entrada ou saída de Rachel. Nate confiara aquele segredo a Jevy, indagara da sua veracidade junto das enfermeiras e demais pessoal hospitalar. Depois do almoço, Jevy deixou-os e começou a

percorrer a pé a baixa da cidade, à procura de Rachel. Foi até à margem do rio para falar com a tripulação que chegara no último barco de transporte de gado. Ela não viajara com eles. Os pescadores também não a tinham visto. Às primeiras impressões, ninguém tinha dado conta da chegada de uma mulher branca vinda do Pantanal.

Sozinho, no escritório de Valdir, Nate ligou o número de telefone do escritório de advogados Stafford, um número que teve algumas dificuldades em recordar. Foram chamar Josh que na altura se encontrava numa reunião.

— Fala comigo, Nate — disse ele. — Como é que te sentes? — Já não tenho febre — respondeu Nate, balouçando-se no cadeirão de Valdir. — Sinto-me lindamente. Estou um pouco dorido e cansado, mas além disso estou bem.

— Pela tua voz pareces estar de boa saúde. Quero que regresses imediatamente.

— Dá-me mais uns dois dias.

— Vou enviar um avião a jacto até aí, Nate. Descolará ainda esta noite.

— Não. Não faças isso, Josh. Não é boa ideia. Regressarei aos Estados Unidos quando me apetecer. — De acordo, Nate. Fala-me da mulher, Nate.

— Conseguimos encontrá-la. Ela é de facto a filha ilegítima de Troy Phelan e não mostra o mínimo interesse no dinheiro que herdou.

— Sendo assim, como é que conseguiste convencê-la a aceitá-lo? — Josh, ninguém é capaz de convencer esta mulher a fazer seja o que for. Tentei e não cheguei a parte alguma, portanto, decidi parar.

— Deixa-te disso, Nate. Ninguém despreza uma quantia tão avultada de dinheiro como aquela de que estamos a falar. Com certeza que foste capaz de lhe incutir um pouco de bom senso. — Nem de perto nem de longe, Josh. Ela é a pessoa mais feliz que alguma vez conheci, inteiramente contente com a perspectiva de passar o resto da sua vida a trabalhar entre a sua gente. É onde Deus quer que ela esteja.

— Mas apesar disso, ela assinou os papéis, não é verdade? — Nem por sombras — replicou Nate.

Fez-se uma pausa muito demorada enquanto Josh absorvia o que acabara de ouvir.

— Deves estar a brincar — disse ele passado algum tempo, mal se ouvindo do outro lado da linha, no Brasil.

— Não. Tenho muita pena, chefe. Esforcei-me o mais que me foi possível para a convencer a, no mínimo dos mínimos, assinar os documentos, mas ela não cedeu nem um milímetro. Nunca há-de vir a assiná-los.

— Ela chegou a ler o testamento? — perguntou Josh. — Leu, sim.

— E tu disseste-lhe que se tratava de onze mil milhões de dólares? — Exactamente. Ela vive sozinha numa palhota com um telhado de colmo, sem água canalizada nem electricidade, come uma alimentação simples e usa roupas modestas, não dispõe de telefone ou de máquinas de fax, sem se mostrar nada incomodada com a falta das coisas de que eventualmente poderia necessitar. Vive na Idade da Pedra, Josh, precisamente onde deseja estar; esse dinheiro só traria alterações a esse modo de viver. — É uma atitude incompreensível.

— Quando estive no povoado pensei a mesma coisa. — É uma pessoa inteligente? — É formada em medicina, Josh, para além de ter uma licenciatura de um seminário; fala cinco línguas.

— Com que então é médica? — Sim, mas não tivemos oportunidade de abordar o assunto das litigações com origem na prática de medicina.

— Tu disseste que ela era encantadora.

— Ah disse? — retorquiu Nate, intrigado.

— Há uns dois dias, quando falámos ao telefone. Acho que estavas pedrado.

— Estava e ela é de facto encantadora.

— Portanto, gostas dela? — Ficámos amigos. — Não servia de nada informar Josh de que ela estava em Corumbá. Nate albergava a esperança de conseguir encontrar Rachel com rapidez, e, enquanto ela estivesse no mundo civilizado, tentaria discutir o assunto da herança de Troy Phelan.

— Foi uma aventura e pêras — continuou Nate. — Para dizer o mínimo. — Passei noites sem conseguir dormir preocupado por tua causa. — Acalma-te. Continuo inteiro.

— Já transferi cinco mil dólares. É Valdir quem os tem.

— Obrigado, chefe — agradeceu Nate.

— Telefona-me amanhã.

Valdir convidou-o para jantar mas ele declinou o convite. Recebeu o dinheiro e saiu, dirigindo-se a pé para o hotel, sentindo-se de novo em liberdade ao percorrer as ruas de Corumbá. A primeira paragem que fez foi numa loja de vestuário, onde comprou roupa interior, calções de safari, algumas camisolas de algodão todas brancas e de manga curta, e um par de botas próprias para longas caminhadas. Depois de ter transportado todo o seu novo guarda-roupa ao longo de quatro quarteirões, até chegar ao hotel Palace, Nate sentiu-se exausto. Dormiu duas horas sem acordar. Jevy não encontrou qualquer indício da presença de Rachel. Perscrutava minuciosamente a multidão que se deslocava pelas ruas

movimentadas da cidade. Falou com as pessoas do rio que tão bem conhecia, sem que ninguém lhe pudesse dar qualquer informação da chegada da missionária. Percorreu o átrio de todos os hotéis da baixa, aproveitando a oportunidade para namoriscar com as recepcionistas. Ninguém tinha visto uma norte-americana de quarenta e dois anos que viajasse sozinha.

À medida que a tarde chegava ao fim, Jevy começava a duvidar da história que o amigo lhe confidenciara. A febre de dengue fazia com que as pessoas vissem coisas, que ouvissem vozes, fazendo com que se acreditasse em fantasmas, especialmente quando a noite já ia avançada. Malgrado aquelas dúvidas, não interrompeu as suas buscas.

Depois de ter despertado da sua sesta e de ter comido outra refeição, Nate também começou a percorrer as ruas sem destino certo. Caminhava numa passada lenta, acautelando o seu bem-estar, tendo o cuidado de tentar andar só pela sombra, constantemente acompanhado de uma garrafa de água. Descansou no cimo de uma pequena colina sobranceira ao rio, admirando a grandiosidade do Pantanal que se estendia à sua frente numa extensão de centenas de quilómetros.

A fadiga não lhe dava tréguas e, num passo incerto, regressou ao hotel, onde descansaria mais um pouco. Voltou a adormecer, tendo despertado com Jevy que batia à porta do quarto. Tinham combinado encontrar-se às sete horas para o jantar. Já passava das oito da noite e quando Jevy entrou no quarto começou imediatamente a procurar garrafas vazias. Não encontrou nenhuma. Comeram galinha assada na esplanada de um café, ao ar livre. A noite era animada pelo som de música e pelas pessoas que passeavam a pé. Os casais com crianças compravam sorvetes, regressando tranquilamente a suas casas.

Os adolescentes deslocavam-se em grupo sem que, aparentemente, tivessem um destino predeterminado. Os bares estavam à cunha com pessoas nos passeios que chegavam às ruas. As mulheres e os homens jovens iam de um bar para o seguinte. A noite estava quente e as ruas eram seguras; ninguém se mostrava preocupado com a possibilidade de vir a ser roubado ou alvejado.

A uma mesa próxima, sentava-se um homem que bebia Brahma gelada directamente de uma garrafa de vidro castanho; Nate mantinha-se atento a todos os goles que o homem bebia.

Depois da sobremesa, Nate e Jevy despediram-se um do outro, combinando encontrar-se de manhã bem cedo para outro dia passado à procura de Rachel. Nate tomou uma direcção e Jevy a oposta. Sentia-se descansado e farto de camas.

A dois quarteirões do rio, as ruas estavam mais silenciosas. As lojas haviam encerrado; as casas mantinham-se às escuras; o movimento do trânsito era menos intenso. Diante de si, avistou as luzes de uma pequena capela. «É ali», disse ele quase em voz alta, «que a encontrarei.» A porta da frente mantinha-se toda aberta para trás, o que permitia que Nate visse da rua várias filas de bancos corridos de madeira, o púlpito vazio, um mural que representava Cristo na cruz, e as costas de uma mão-cheia de crentes que se inclinavam para a frente, rezando e meditando. A música que vinha do órgão era uma suave melodia harmoniosa que o atraía ao interior da capela. Parou à entrada, contando cinco pessoas espalhadas pelos bancos; não viu duas que se sentavam uma ao pé da outra, tão-pouco avistou alguém que tivesse a mais pequena semelhança com Rachel. Abaixo do mural, o banco do organista estava desocupado. A música era transmitida através de um altifalante.

Nate podia esperar. Dispunha de todo o tempo que quisesse; era possível que ela ainda aparecesse. Num passo arrastado, encaminhou-se para a fila de bancos mais recuados, onde se sentou sozinho. Começou a olhar atentamente para a reprodução da crucificação. Os pregos que haviam perfurado as Suas mãos, a espada ao Seu lado, a agonia que transparecia da Sua face. Teriam eles realmente matado Cristo daquela maneira tão horrenda? A determinada altura da sua miserável vida secular, Nate tinha lido ou ouvido falar das histórias básicas que narravam a existência de Cristo: a imaculada concepção, daí a origem do Natal; o caminhar sobre as águas; talvez mais um ou dois milagres; teria Ele sido engolido pela baleia, ou teria sido outra personagem qualquer? E então, a traição de Judas; o julgamento perante Pilatos; a crucificação, daí a Páscoa, e, finalmente, a ascensão aos céus.

Sim, Nate possuía aqueles conhecimentos básicos. Talvez tivesse sido a sua mãe que lhe falara da vida de Jesus. Nenhuma das duas mulheres com quem casara tinha o hábito de ir à igreja, embora a número dois fosse católica, pelo que em anos alternados assistiam à Missa do Galo à meia-noite. Entraram mais três pessoas vindas da rua. Entretanto, uma porta lateral deu entrada a um homem jovem com uma viola que se dirigiu para o púlpito. Eram exactamente vinte e uma horas e trinta minutos. Dedilhou alguns acordes e começou a cantar; o seu rosto iluminava-se ao entoar as palavras de fé e devoção. Num banco mais à frente, houve uma mulher baixinha que começou a bater palmas ao ritmo da melodia, fazendo coro com o jovem.

Talvez aquela música atraísse Rachel. Era forçoso que ela sentisse um desejo enorme de orar numa igreja a sério, com chão de madeira e vitrais nas

paredes, na companhia de gente toda vestida que lia Bíblias escritas numa linguagem actualizada. Com certeza que ela deveria visitar as igrejas sempre que vinha a Corumbá.

Depois de terminar a canção, o jovem iniciou a leitura das Escrituras, começando a ensinar religião. A maneira como se expressava em português era a mais articulada e lenta que Nate ouvia desde que iniciara a sua pequena aventura. Sentia-se mesmerizado por aqueles sons arrastados e suaves, proferidos numa cadência feita de serenidade. Apesar de não compreender uma única palavra, tentava repetir as frases. Pouco depois os seus pensamentos começaram a divagar.

O seu corpo purgara-se de febres e substâncias químicas. Estava bem alimentado, mantinha-se alerta e sentia-se descansado. Voltava a ser a mesma pessoa de antes da doença e isso, subitamente, causou-lhe uma sensação deprimente. O presente estava de volta, de mão dada com o futuro. Os fardos que deixara com Rachel tinham ido, uma vez mais, ao seu encontro; encontraram-no no interior daquela capela. Nate necessitava que ela se sentasse junto de si, que lhe tomasse a mão e que o ajudasse a rezar.

Odiava as suas fraquezas. Começou a enumerá-las, uma a uma, sentindo-se entristecido com a extensão daquela lista. Os demónios aguardavam que regressasse a casa — os bons amigos e os maus amigos, os lugares que costumava frequentar e os hábitos antigos, as pressões que já não tinha capacidade para suportar. A vida não poderia ser vivida com pessoas do género de Sérgio, ao preço de mil dólares por dia. A vida tão-pouco podia ser vivida na liberdade das ruas.

O jovem começara a rezar, mantendo os olhos fortemente cerrados e com os braços erguidos ao alto, agitando-os suavemente. Nate também fechou as pálpebras invocando o nome de Deus. O Senhor esperava.

Com as duas mãos, Nate agarrou-se às costas do banco defronte de si. Repetiu a lista, enumerando entredentes numa voz sussurrada todas as fraquezas, falhas, aflições e os males que o assolavam perfidamente. Confessou todas as suas lacunas. Num reconhecimento longo e glorioso do fracasso da sua vida, pôs a sua alma a nu perante Deus. Não ocultou nada. Afastou dos seus ombros o número suficiente de fardos para esmagarem três homens, e, quando finalmente terminou a sua confissão, tinha os olhos marejados de lágrimas.

— Peço perdão — murmurou ele ao Senhor. — Por favor, ajuda-me. Com a mesma celeridade com que a febre abandonara o seu corpo, sentiu aquela bagagem incómoda a abandonar-lhe a alma. Com o toque sereno de uma mão, o

seu passado tinha sido limpo. Soltou um profundo suspiro de alívio, embora sentisse a pulsação acelerada. Voltou a ouvir o som da viola. Abriu os olhos e limpou as faces. Em vez de ver o homem jovem junto do púlpito, Nate avistou o rosto de Cristo, que mostrava uma expressão de agonia e sofrimento morrendo crucificado. A morrer por si na cruz.

Ouviu-se uma voz que chamava por Nate, uma voz que vinha do íntimo, uma voz que o guiava pela nave abaixo. Mas o convite era confuso. Sentia muitas emoções em conflito. De súbito, sentiu os olhos secos.

«Por que motivo é que estarei a chorar no interior abafado de uma pequena capela, ouvindo uma canção numa língua que não compreendo, numa cidade a que jamais voltarei?» As perguntas surgiam-lhe à mente em catadupas; as respostas eram evasivas. Era extraordinário que Deus lhe perdoasse um número surpreendente de iniquidades, fazendo com que Nate sentisse, sem margem para dúvidas, que os fardos que carregava se tinham aligeirado. Embora fosse um passo bastante mais difícil esperar-se que ele se tornasse num crente.

Enquanto ouvia a música, começou a sentir-se desconcertado. Deus não poderia estar a chamá-lo a Si. Ao fim e ao cabo, ele era Nate O'Riley — um bêbedo, um viciado, um apaixonado por mulheres, um pai ausente, uma desgraça de marido, um advogado ganancioso, um homem que se furtava ao pagamento dos seus impostos. Aquela triste lista parecia não ter fim.

Nate sentia-se entontecido. A música acabou e o jovem preparou-se para entoar outra canção. Num passo apressado, Nate abandonou a capela. Ao dobrar uma esquina, lançou um rápido olhar por cima do ombro, não só na esperança de avistar Rachel, mas também para se certificar de que Deus não tinha enviado ninguém em sua perseguição.

Necessitava de alguém com quem pudesse desabafar. Sabia que ela se encontrava em Corumbá e desejou ardentemente conseguir encontrá-la.

TRINTA E OITO

O despachante é uma personagem integrante da vida no Brasil. Nenhum negócio, actividade bancária, firma de advocacia, gaipo médico, ou qualquer pessoa endinheirada poderia operar sem os serviços de um despachante. Ele é o facilitador por excelência. Num país onde a burocracia parece ter tentáculos, para além de ser extremamente antiquada, o despachante é o fulano que conhece todos os funcionários públicos da cidade, os que trabalham nos tribunais, os burocratas, os agentes alfandegários. É conhecedor do sistema, sabendo como é que se deve lubrificá-lo. No Brasil não se consegue obter nenhum papel ou documento oficial sem que se permaneça numa fila formada por muita gente, e o despachante é o fulano que se coloca nessa fila em nosso lugar. Por uma pequena quantia, ele está disposto a esperar durante oito horas para renovar a inspecção periódica do nosso automóvel, após o que afixa a vinheta no vidro do pára-brisas, enquanto a pessoa que o incumbiu dessa tarefa trabalha num escritório qualquer. Votará por nós, irá ao banco, embalará coisas, irá ao correio — a lista das tarefas é interminável.

Nenhum obstáculo de natureza burocrática é demasiado intimidante para este homem.

As firmas de despachantes exibem os seus nomes em placas, à semelhança do que fazem os médicos ou os advogados. Constam das páginas amarelas. Trata-se de uma função que não requer nenhuma especialização formal. Tudo aquilo de que a pessoa em questão necessita é de muita conversa, paciência e bastante descaramento. O despachante cujos serviços Valdir utilizava em Corumbá conhecia um outro sediado em São Paulo, um homem de influência com contactos em esferas elevadas e, pelo montante de dois mil dólares, arranjaria um novo passaporte.

Jevy passou as manhãs seguintes junto do rio, ajudando um amigo que reparava a sua chalana. Observava tudo com muita atenção, sem perder pitada de todos os mexericos. Não ouviu uma só palavra a respeito da mulher. Ao meio-dia de sexta-feira estava firmemente convicto de que ela não tinha estado recentemente em Corumbá, pelo menos durante as duas últimas semanas. Jevy conhecia todos os pescadores, os pilotos das embarcações fluviais e os membros

de todas as tripulações. E todos eles, sem excepção, adoravam conversar. Caso uma norte-americana, que vivesse entre os índios, chegasse de repente à cidade, eles teriam conhecimento dessa presença.

Nate prosseguiu com as suas buscas até ao fim da semana. Percorria as ruas, olhava atentamente as pessoas com quem se cruzava, inspeccionava o átrio de todos os hotéis e as esplanadas nos passeios dos cafés, observando todos os rostos, sem contudo avistar ninguém que se assemelhasse, ainda que remotamente, a Rachel.

Ao fim de um desses dias, passou pelo escritório de Valdir, onde foi buscar o seu novo passaporte. Despediram-se como se fossem amigos de longa data, fazendo promessas de que voltariam a encontrar-se dentro em pouco. Ambos sabiam de antemão que esse encontro nunca viria a concretizar-se. Às duas da tarde, Jevy conduziu-o ao aeroporto. Ficaram sentados na sala de embarque durante meia hora, observando os passageiros que desembarcavam de um único avião, após o que começou a ser preparado para uma nova viagem. Jevy desejava passar algum tempo nos Estados Unidos, necessitando que Nate o ajudasse aquando dessa estadia. — Vou precisar de arranjar um emprego — disse ele. Nate ouvia-o com toda a simpatia, sem saber ao certo se ele próprio poderia contar com um emprego quando regressasse.

— Hei-de ver o que é que posso fazer — prometeu a Jevy. Conversaram acerca do Colorado e da região oeste, falaram de lugares onde Nate nunca estivera. Jevy sentia-se apaixonado pelas regiões montanhosas, e depois de ter passado duas semanas no Pantanal, Nate compreendia bem essa paixão. Quando chegou a hora da partida, trocaram um abraço caloroso de despedida. Nate caminhou através do pavimento a escaldar até ao avião, levando todo o seu guarda-roupa num pequeno saco maleável.

O aparelho com um motor de turbina a hélice tinha capacidade para vinte passageiros, tendo feito duas escalas antes de aterrar em Campo Grande. Nesse aeroporto, os passageiros foram transferidos para um avião a jacto com destino a São Paulo. A senhora que ocupou o lugar ao seu lado pediu uma cerveja quando o carrinho das bebidas passou por eles.

Nate examinava a lata que se encontrava a menos de vinte e cinco centímetros de si. «Nunca mais», disse a si próprio. Fechou os olhos e pediu a Deus que lhe desse forças para resistir. Pediu que lhe trouxessem um café.

O voo com destino ao Aeroporto de Dulles descolou à meia-noite. Chegaria a D. C. às nove horas do dia seguinte. Procurar Rachel fizera com que Nate se tivesse ausentado dos Estados Unidos durante quase três semanas.

Não tinha a certeza do lugar onde deixara o carro estacionado. Não tinha casa onde pudesse viver, para além de não possuir os meios que lhe permitiriam arranjar uma habitação. Todavia, não se sentia preocupado. Josh haveria de tratar de todos esses pormenores.

Atravessando as nuvens, o avião desceu a uma altitude de quase três mil metros. Nate estava acordado e bebia um café, sentindo-se apavorado ao pensar nas ruas da sua cidade. As ruas eram brancas e frias. O solo encontrava-se coberto por um espesso manto de neve. Durante alguns minutos, enquanto se acercavam de Dulles, a paisagem era de uma beleza rara, mas foi então que Nate se recordou do quanto odiava o Inverno. Usava um par de calças de um tecido fino, não calçara meias mas uns ténis baratos, vestia uma camisola polo de marca falsificada, pela qual pagara seis dólares no aeroporto de São Paulo. Não usava casaco. Naquela noite, pernoitaria num lugar qualquer, provavelmente num hotel, sem ninguém que vigiasse os seus movimentos em D. C, pela primeira vez, desde o dia quatro de Agosto, na noite em que, num passo cambaleante entrara no quarto de um motel situado nos subúrbios. Acontecera durante a mais degradante das recaídas, longa e patética. Esforçara-se ao máximo para se esquecer desse episódio.

Mas esse fora o Nate de outros tempos, agora era outro homem. Tinha quarenta e oito anos de idade, a treze meses dos cinquenta, pronto para encetar uma vida diferente. Deus dera-lhe forças, reforçando a sua capacidade de determinação. Talvez lhe restassem trinta anos. Não os passaria a agarrar garrafas vazias. Tão-pouco seriam passados a fugir.

Os veículos limpa-neves andavam numa grande azáfama enquanto o avião rolava lentamente em direcção ao terminal. O piso das pistas de aterragem estava molhado devido aos flocos de neve que continuavam a cair. Quando Nate desembarcou, entrando no túnel de passagem dos passageiros, sentiu o impacto do Inverno e pensou nas ruas húmidas e quentes de Corumbá. Josh aguardava junto da passadeira de bagagem e, como seria de esperar, trouxera um sobretudo suplementar.

— Estás com um aspecto horrível. — Foram as suas primeiras palavras.

 — Obrigado. — Nate agarrou no agasalho vestindo-o de imediato. — Estás magro que nem um palito.

— Se quiseres perder uns sete quilos, só tens de encontrar o mosquito certo.

Juntaram-se à multidão que se dirigia para as saídas, corpos que se tocavam aos encontrões, um empurrão ali, uma cotovelada aqui, pessoas que se

amontoavam ainda mais para poderem caber através das portas. «Bem-vindo a casa», disse Nate a si próprio. — Viajas com pouca bagagem — comentou Josh apontando para o saco maleável. — Trago comigo tudo o que possuo neste mundo.

Sem meias e luvas, Nate sentia-se gelar no lancil do passeio quando Josh chegou depois de ter ido buscar o automóvel. A queda de neve abatera-se durante a noite, tendo adquirido proporções de tempestade. Os mantos de neve que embatiam nos edifícios caíam no solo, atingindo uma altura de mais de cinquenta centímetros. — Ontem estavam cerca de trinta e cinco graus em Corumbá — comentou Nate quando já se afastavam do aeroporto. — Não me digas que tens saudades do calor. — Tenho. De repente sinto essa falta.

— Olha uma coisa... aGayleestáem Londres. Pensei que talvez pudesses ficar uns dias em nossa casa. — Na casa de Josh poderiam dormir à vontade quinze pessoas.

— Com certeza, agradeço-te muito. Onde é que guardaste o meu carro?

— Na minha garagem.

Claro que estaria. Era um Jaguar que Nate comprara em sistema de leasing e quase poderia afirmar que estaria nas melhores condições mecânicas, lavado e polido; os pagamentos mensais também teriam sido escrupulosamente efectuados. — Obrigado, Josh.

— Guardei o teu mobiliário num pequeno armazém. A roupa e os artigos de primeira necessidade estão no carro dentro de malas. — Obrigado. — Nate não se sentia minimamente surpreendido. — Como é que te sentes? — Estou óptimo.

— Ouve o que te digo, Nate. Li um pouco acerca da febre de dengue. É preciso um mês para que a recuperação física seja total. Não me escondas nada.

Um mês. Era a estocada de abertura na luta que se travaria pelo futuro de Nate na firma de advocacia. «Tira outro mês, meu velho. Talvez ainda estejas demasiado doente para poderes começar a trabalhar.» Nate podia escrever o argumento. Contudo, não haveria lugar a luta nenhuma.

— Sinto-me um pouco fraco, mais nada. Tenho andado a dormir muito e a beber muitos líquidos.

— Que género de líquidos?

— Por que é que não vais direito ao assunto?

— É o que faço sempre.

— Estou desintoxicado, Josh. Acalma-te. Nada de recaídas. Josh ouvira aquelas palavras em inúmeras ocasiões. Aquela troca de palavras fora um pouco

mais ríspida do que fora desejo dos dois homens; continuaram a rolar estrada fora mantendo-se em silêncio por algum tempo. O movimento de trânsito era reduzido. As águas do rio Potomac tinham congelado parcialmente, vendo-se grandes placas de gelo que flutuavam à superfície em direcção a George-town. Quando chegaram à ponte Chain, devido ao movimento do trânsito, tiveram de parar.

— Não tenho a intenção de voltar a trabalhar no escritório, Josh

— anunciou Nate como se fosse a coisa mais normal do mundo. — Esses dias acabaram.

Josh não manifestou qualquer reacção visível. Poderia ter-se sentido desiludido, porque um amigo de há muito, um excelente litigante, estava prestes a desistir da sua carreira. Por outro lado, também poderia ter-se sentido deliciado em virtude de uma enorme dor de cabeça abandonar a firma sem provocar quaisquer problemas. Havia ainda a possibilidade de ter sentido indiferença, uma vez que, provavelmente, a saída de Nate seria inevitável. Fosse de que maneira fosse, a questão da fuga aos impostos, em última análise, faria com que fosse expulso da Ordem dos Advogados.

— Porquê? — limitou-se Josh a perguntar.

— Por variadas razões, Josh. Digamos simplesmente que me sinto cansado.

— A maior parte dos litigantes está acabado depois de vinte anos a exercer advocacia.

— É o que me consta.

Já chegava de conversa de aposentação. Nate já tomara uma decisão e Josh não se sentia inclinado a fazê-lo mudar de ideias. Faltavam duas semanas para o último jogo da Super BowP(1) e os Redskins não se haviam qualificado para a final.

*1. Campeonato anual da Liga Nacional de Futebol — futebol americano, jogo com as mesmas técnicas do râguebi. (N. da T.) Ambos agarraram no tema do desporto, a exemplo do que os homens costumavam fazer sempre que tinham de manter uma conversa em que se debatiam matérias mais importantes.

Até mesmo debaixo de uma espessa camada de neve, aos olhos de Nate as ruas continuavam a ter um aspecto maléfico.

Os Stafford eram proprietários de uma espaçosa vivenda em Wesley Heights, na zona nordeste de D. C. Também possuíam uma casa de campo em Chesapeake e outra no Maine. Os quatro filhos já eram adultos, vivendo cada um

em seu lado. Mrs. Stafford preferia viajar enquanto o marido preferia trabalhar.

Nate foi ao porta-bagagens do seu automóvel, de onde trouxe algumas peças de roupa mais quentes, após o que desfrutou de um duche bem quente nos alojamentos destinados aos convidados. No Brasil a pressão da água era menor. A água do chuveiro da casa de banho do quarto do hotel nunca saía quente. Os sabonetes eram mais pequenos. Começou a estabelecer comparações com tudo o que o rodeava. Sorriu ao pensar no chuveiro a bordo do Santa Loura, uma corrente acima da sanita que, quando puxada, debitava água do rio mais ou menos morna. Era mais resistente do que pensara; a aventura em que se metera tinha-lhe ensinado isso mesmo. Nate barbeou-se e lavou os dentes, pondo em prática os seus hábitos com alguma morosidade. Em muitos aspectos, era bastante agradável estar de regresso ao seu país natal.

O escritório que Josh tinha na cave era mais espaçoso do que o seu gabinete na baixa da cidade, embora estivesse tão atravancado como este. Encontraram-se aí para tomar café. Chegara a hora de pôr Josh ao corrente do desfecho do assunto que o levara ao Brasil. Nate começou pelos esforços malfadados que havia empreendido para encontrar Rachel por via aérea, a aterragem de emergência com a consequente colisão contra o solo, a vaca morta, os três garotinhos, o Natal tristonho passado no Pantanal. Com muitos pormenores, narrou o episódio em que montou a cavalo, passando ao encontro no pântano com um crocodilo curioso. Em seguida, descreveu o salvamento por helicóptero. Não aludiu à noite de bebedeira na véspera de Natal; não teria a mínima finalidade, para além de que se sentia extremamente envergonhado dessa fraqueza. Fez a descrição de Jevy, de Welly, do Santa Loura e da viagem para norte. Falou de si e de Jevy, de quando se tinham perdido no bote, e de se sentir aterrorizado mas demasiado atarefado para se deixar consumir pelo medo. Agora, na segurança da civilização, Nate pensou que aquelas peripécias tinham sido aterradoras.

Josh mostrava grande perplexidade ao ouvir a narrativa daquela aventura. Sentia vontade de pedir desculpa a Nate por o ter enviado para uma região tão traiçoeira, embora, ao que tudo indicava, tivesse sido uma incursão deveras empolgante. À medida que a narrativa continuava, o número de crocodilos ia aumentando. A anaconda solitária, que tomava banhos de Sol próximo do rio, foi acrescida de outra que nadara perto do bote dos dois homens. Nate também descreveu os índios, aludindo à sua nudez e à comida sensaborona, à existência remansosa, falando do chefe da tribo que se recusara a deixá-los partir.

E de Rachel. Chegado a esse ponto da narrativa, Josh agarrou no seu

bloco de apontamentos de papel amarelo, começando a tomar notas. Nate descreveu-a com muita minúcia, desde a voz suave e bem articulada até às sandálias e às botas que calçava para grandes caminhadas pelo mato. A palhota onde vivia e a maleta de medicamentos, Lako e a maneira como este coxeava, descrevendo também a forma como os nativos a olhavam quando passava por eles. Também contou a história da garotinha que morrera devido à mordidela de uma cobra. Contou a Josh o pouco que ela lhe dera a conhecer da sua vida.

Com a precisão de um veterano das salas de tribunal, Nate abrangeu tudo o que dizia respeito a Rachel, do que se inteirara durante a sua visita. Utilizou com muita exactidão as palavras de que ela se servira, quando abordou o assunto do dinheiro e dos documentos. Recordou-se do comentário que ela fizera, tendo classificado o testamento escrito à mão por Troy Phelan como primitivo. Nate contou ainda o pouco de que se recordava do dia em que tinham partido do Pantanal. Desdramatizou o horror da febre de dengue. Conseguira sobreviver, facto que, por si só, o deixava bastante desconcertado. Entretanto, surgiu uma criada que lhes serviu sopa e chá quente para o almoço.

— Este é o ponto da situação — disse Josh depois de ter comido umas quantas colheres de sopa. — Caso ela renuncie aos direitos da herança que Troy lhe legou, isso significa que o dinheiro continuará a fazer parte da totalidade do património que ele deixou. No entanto, se o testamento for considerado nulo, qualquer que seja o motivo, então teremos que este é inexistente.

— Como é que a validade do testamento pode vir a ser impugnada? Foram contratados psiquiatras que falaram com ele minutos antes de ter saltado da varanda.

— Agora já há mais psiquiatras, bem remunerados e com opiniões divergentes das anteriores. A situação vai ficar muito confusa.

Todos os testamentos anteriores foram destruídos na máquina de retalhar papel. Na hipótese de um dia se vir a descobrir que ele morreu sem deixar um testamento válido, então os sete filhos de Troy partilharão equitativamente a globalidade dos seus bens. Uma vez que Rachel recusa a parte que lhe caberia em herança, essa quota-parte seria dividida pelos outros seis.

— Esses idiotas receberão mil milhões de dólares cada. — Qualquer coisa como isso — confirmou Josh.

— Quais é que são as probabilidades de o testamento vir a ser dado como nulo? — Não são boas. Por mim, prefiro ter o nosso caso ao deles, no entanto, as coisas podem vir a sofrer alterações. Nate começou a percorrer a cave, mordiscando uma bolacha de água e sal, sopesando os assuntos em questão.

— Por que motivo é que se deverá contestar a validade do testamento, se Rachel recusa aceitar o espólio? — Existem três razões — atalhou Josh rapidamente. Como era seu hábito, já analisara todas as facetas da situação à luz de todas as perspectivas possíveis. Havia um plano mestre que seria revelado a Nate com todos os pormenores. — Primeiro, e da maior importância, o meu cliente elaborou um testamento cuja validade não pode ser impugnada. Legou os seus bens em conformidade com os seus últimos desejos. Eu, na qualidade de seu advogado, não tenho outra opção além de me bater para salvaguardar a integridade do testamento. Em segundo lugar, conheço bem os sentimentos que o senhor Phelan nutria pelos filhos. Sentia-se absolutamente horrorizado em face da probabilidade de eles, fosse de que maneira fosse, virem a apropriar-se do seu dinheiro. Partilho os sentimentos dele quanto a esses herdeiros, e sinto-me estremecer só de pensar no que aconteceria se cada um deles herdasse mil milhões de dólares. Em terceiro lugar, existe sempre a probabilidade de Rachel vir a mudar de ideias.

— No teu lugar, não contaria muito com essa hipótese. — Ouve, Nate; ao fim e ao cabo, ela é humana. Ficou com os documentos. Vai esperar alguns dias e depois há-de começar a pensar neles. Talvez nunca lhe tenha entrado na mente qualquer pensamento de riqueza. Não obstante, a determinada altura ela terá forçosamente de pensar em todas as coisas boas que poderia concretizar com esse dinheiro. Explicaste-lhe qual a finalidade dos fideicomissos e das fundações de beneficência? — Eu próprio mal conheço os princípios básicos desses organismos, Josh. Já te esqueceste de que fui litigante? — Vamos lutar para proteger as últimas vontades do senhor Phelan, Nate. O problema é que o lugar à mesa mais importante continua por ocupar. Rachel precisa de ser representada por alguém. — Não, não precisa. O assunto é-lhe completamente indiferente. — O processo de litigação não poderá avançar sem que ela contrate os serviços de um advogado.

Nate nunca estaria à altura do grão-mestre dos estrategas. Vindo de algures, o buraco negro abriu-se e ele já começara a cair nele. — Deves estar a brincar — retorquiu Nate cerrando os olhos. — Não. E não podemos adiar este assunto por mais tempo. Troy já morreu há um mês. O juiz Wycliff anda desesperado por saber do paradeiro de Rachel Lane. Foram instaurados seis processos que impugnam a validade do testamento, e eles estão a ser sujeitos a uma enorme pressão. Todos os pormenores são noticiados na imprensa. Caso façamos a mais pequena alusão ao facto de Rachel estar decidida a recusar esta herança, acabaremos por perder o domínio da situação. Os herdeiros Phelan e os

respectivos advogados entrarão em paranóia. O juiz, bruscamente, perderá qualquer interesse em defender a validade do último testamento de Troy.

— Por conseguinte, eu é que serei o advogado dela? — Não existe outra maneira de se poder resolver esta situação, Nate. Se insistires em querer desistir da tua carreira, muito bem, mas tens de aceitar a defesa deste último caso. Só tens de te sentar à mesa e salvaguardar os interesses de Rachel Lane. Nós encarregamo-nos do trabalho mais difícil.

— Mas existe um conflito de interesses. Acontece que eu ainda sou sócio da firma.

— Trata-se de um conflito de somenos importância — adiantou Josh -, uma vez que os nossos interesses são coincidentes. Nós, os representantes do património de Rachel, partilhamos o mesmo objectivo na salvaguarda do testamento. Sentamo-nos à mesma mesa. E, tecnicamente, poderemos argumentar que abandonaste a firma em Agosto passado.

— Existe muita verdade no que acabaste de dizer. Ambos reconheceram aquela triste verdade. Josh bebia pequenos goles do seu chá com os olhos presos em Nate.

— Mais cedo ou mais tarde, vamos ter de ir falar com Wycliff para lhe dar a saber que encontrámos Rachel, dizendo-lhe que ela não tem intenções de se apresentar neste momento, mas que não está bem certa daquilo que pretende fazer, embora queira que tu protejas os seus interesses.

— Isso significa que teremos de mentir ao juiz.

— Trata-se apenas de uma pequena mentira, Nate; mais tarde ele ainda nos há-de agradecer. Está ansioso por dar andamento aos processos, o que lhe é impossível de concretizar até ter notícias de Rachel. No caso de seres o advogado dela, então, a guerra poderá começar. Eu encarrego-me de mentir.

— Portanto, passo a representar um escritório com somente um advogado que trabalha na sua última causa. — Precisamente — anuiu Stafford.

— Vou sair da cidade, Josh. Não quero ficar aqui — Nate disse isto e depois riu-se. — Onde é que poderia ficar? — Para onde é que tencionas ir? — Não sei. Ainda não tive oportunidade de pensar nesse assunto.

— Tenho uma ideia — adiantou Josh.

— Tenho a certeza que sim.

— Vai para a minha casa na baía de Chesapeake. Durante os meses de Inverno não costumamos ir para lá. Fica em Saint Michaels, a duas horas da cidade. Sempre que a tua presença for necessária, metes-te no automóvel e vens até cá, podes ficar em minha casa. Uma vez mais, Nate, nós faremos todo o

trabalho. Nate pôs-se a analisar uma estante durante algum tempo. Vinte e quatro horas antes, estivera a comer uma sanduíche sentado num banco de um parque em Corumbá, observando os passantes enquanto esperava que Rachel aparecesse. Prometera a si mesmo que jamais voltaria a entrar, voluntariamente, na sala de um tribunal. Todavia, foi forçado a admitir, ainda que a contragosto, que aquele plano tinha os seus méritos. Era inquestionável que não poderia imaginar um cliente melhor. O caso jamais seria apresentado em tribunal. Levando em consideração o montante em dinheiro que se encontrava em jogo, pelo menos poderia auferir honorários suficientes que lhe permitissem subsistir durante alguns meses.

Josh acabou de comer a sopa, passando ao ponto seguinte da sua lista.

— Proponho que passes a receber dez mil dólares mensais em honorários.

— Essa quantia é muito generosa da tua parte, Josh. — Acho que haveremos de conseguir que sejam pagos pelo espólio do velho. Uma vez que não existirão despesas de administração, poderás endireitar a tua vida. — Até... — disse Nate sem terminar a frase. — Até que saldemos as contas com o IRS. — O juiz já disse mais alguma coisa? — De vez em quando telefono-lhe. Almoçámos na semana passada. — Isso quer dizer que ele está do nosso lado? — Conhecemo-nos há muito tempo. Podes esquecer a cadeia, Nate. O governo ficará satisfeito com uma multa choruda e com uma sentença de suspensão por cinco anos em que não poderás exercer advocacia.

— Por mim, podem expulsar-me da Ordem dos Advogados para sempre. — Ainda não. Precisamos de ti em mais um caso. — Quanto tempo é que o governo esperará? — Um ano. O teu assunto não é prioritário.

— Obrigado, Josh. — Nate começava a sentir-se cansado. O voo que durara toda a noite, a violência da vida na selva e o confronto mental com Josh faziam sentir os seus efeitos. Só desejava uma cama macia e quente num quarto às escuras.

TRINTA E NOVE

Às seis horas da manhã de domingo, Nate saía de um segundo duche bem quente, o terceiro que tomava no espaço de vinte e quatro horas, começando a fazer planos para uma partida apressada. Uma noite passada na cidade e já se sentia ansioso por sair dali. A vivenda na margem da baía chamava por si. Há vinte e seis anos fizera de D. C. a sua casa, mas uma vez tomada a decisão de se ir embora, estava desejoso de partir.

Sem endereço certo, era fácil abandonar a cidade. Encontrou Josh na cave, sentado à sua mesa de trabalho, a falar ao telefone com um cliente da Tailândia. Enquanto Nate ouvia a conversa daquele lado da linha, sobre depósitos de gás natural, sentia-se bastante feliz por estar prestes a desistir da prática da advocacia. Josh era doze anos mais velho do que ele e era um homem muito rico; a noção que tinha de divertimento era estar sentado à sua secretária, num domingo, às seis da manhã. «Que Deus não permita que isso me aconteça», disse Nate a si mesmo, embora soubesse que tal não lhe aconteceria. Se voltasse a trabalhar no escritório, regressaria ao mesmo frenesi. Quatro períodos de desintoxicação significavam que um quinto estaria ao virar da esquina. Não tinha uma força de vontade tão grande como a de Josh. Dentro de dez anos estaria morto.

O facto de sair da cidade revestia-se de um certo elemento de empolgamento. Processar médicos era uma actividade nefasta, que dispensava de bom grado. Também não sentiria a falta de ocupar uma posição de relevo nos escritórios de advogados de nomeada. Tivera a sua carreira, os seus triunfos. O êxito profissional não lhe trouxera nada, além de uma vida desgraçada; não era capaz de lhe fazer frente. O sucesso atirara-o para a sarjeta. Agora que o horror da cadeia tinha desaparecido, podia começar a desfrutar de uma vida nova.

Partiu com um porta-bagagem cheio de roupa, deixando o resto numa caixa de cartão na garagem de Josh. A neve parara de cair, apesar de os limpa-neves continuarem a remover a que ainda ficara no solo. O piso das ruas estava escorregadio; depois de ter percorrido alguns quarteirões, ocorreu-lhe que não se sentava ao volante de um automóvel há cinco meses. Não havia trânsito, o que lhe permitiu percorrer a Wisconsin a uma velocidade moderada, em direcção à

Chevy Chase, após o que seguiu para Beltway, onde o gelo e a neve haviam sido removidos.

Sozinho, dentro do seu belo carro, voltou a sentir-se de novo como um verdadeiro norte-americano. Pensou em Jevy ao volante da sua espaventosa e perigosa camioneta de caixa aberta Ford, perguntando a si mesmo quanto tempo é que o brasileiro se aguentaria em Beltway. Também pensou em Welly, um rapaz tão pobre que a família nem sequer tinha carro. Decidiu que escreveria algumas cartas nos dias mais próximos, endereçando uma delas aos camaradas que deixara em Corumbá.

O telefone despertou-lhe a atenção. Agarrou nele; aparentemente, funcionava em boas condições. Claro que Josh se assegurava de que as contas fossem pagas. Telefonou para casa de Sérgio, com quem conversou durante vinte minutos. Foi repreendido por não ter ligado mais cedo. Sérgio tinha-se sentido preocupado. Nate explicou a situação dos telefones no Pantanal. Acrescentou que as coisas tinham tomado um rumo diferente, que existiam alguns factores desconhecidos, mas que a sua aventura ainda não terminara: Tencionava abandonar a sua profissão e evitar ir parar a uma cadeia.

Sérgio não fez nenhuma pergunta quanto ao seu estado de sobriedade. A julgar pela maneira como Nate falava, não lhe restavam dúvidas de que estava limpo de bebidas, sentindo-se mais forte. Deu a Sérgio o número de telefone da casa de campo, após o que prometeram que haveriam de almoçar juntos dentro em pouco. Em seguida ligou para o filho mais velho, que vivia em Northwestern, em Evanston, deixando uma mensagem no atendedor de chamadas. Onde é que um estudante universitário de vinte e três anos poderia estar às sete horas de uma manhã de domingo'? Certamente que não assistiria a uma das primeiras missas dominicais. Nate não queria saber. O que quer que o filho estivesse a fazer, nunca estragaria tanto a sua vida como o pai fizera. A filha tinha vinte e um anos e ora estudava ora não estudava na Universidade de Pitt. A última conversa que os dois tinham tido abordara o tema das propinas, no dia anterior àquele em que Nate se instalara no quarto de um motel, acompanhado de uma garrafa de rum e de um saco cheio de comprimidos. Não conseguiu encontrar o número de telefone da filha.

336 — 337 A mãe dos dois filhos casara-se por duas vezes desde que ela e Nate se haviam divorciado. Era uma pessoa desagradável a quem ele telefonava somente quando era absolutamente indispensável. Esperaria dois dias antes de lhe ligar para lhe pedir o número de telefone da filha.

Estava decidido a fazer a dolorosa viagem à região oeste, no Oregon,

para, pelo menos, poder visitar os filhos mais novos. A mãe destes também havia voltado a contrair matrimónio, e, notavelmente, com outro advogado, apesar de ser evidente que este levava uma vida livre de vícios. Pedir-lhes-ia que lhe perdoassem, tentando estabelecer os princípios frágeis de um relacionamento paternal. Não tinha bem a certeza de como é que poderia realizar esse desejo, mas prometeu a si mesmo que tentaria.

Chegado a Anápolis, Nate parou num café onde tomou o pequeno-almoço. Ouviu a previsão meteorológica da boca de um grupo de ruidosos clientes habituais sentados a uma mesa compartimentada; sem prestar muita atenção ao jornal, começou a folhear o Post. Não leu nada que lhe despertasse interesse, quer nas parangonas quer nas notícias de última hora. As notícias eram sempre as mesmas: problemas no Médio Oriente e desacatos na Irlanda do Norte; escândalos no Congresso; os mercados financeiros ora estavam em alta ora em baixa; um derramamento de petróleo; um outro medicamento para combater a SIDA; guerrilheiros que chacinavam camponeses na América Latina; tumultos na Rússia.

As roupas estavam-lhe largas e para engordar um pouco pediu três ovos estrelados com bacon e pãezinhos. Entretanto, aos seus ouvidos chegou um consenso, ainda que pouco sólido, vindo da mesa do lado, segundo o qual estava prestes a nevar mais. Atravessou a Chasepeake através da ponte da baía. As auto-estradas na costa oriental não haviam sido bem limpas de neve. O Jaguar patinou por duas vezes, o que levou Nate a abrandar a velocidade a que seguia. O automóvel tinha um ano e não era capaz de se recordar da data em que o sistema de leasing caducaria. A sua secretária é que tratara da papelada. Ele limitara-se a escolher a cor. Decidiu empandeirá-lo assim que lhe surgisse uma oportunidade, substituindo-o por um jipe de tracção às quatro rodas que compraria em segunda mão. Em tempos parecera-lhe importante que um advogado conduzisse um carro de marca. Presentemente, não tinha qualquer utilidade para um veículo daqueles.

Quando chegou a Easton, virou para a Estadual 33, via cujo piso alcatroado se encontrava coberto com cerca de cinco centímetros de neve solta. Nate seguia pelo traçado deixado por outras viaturas, e ao fim de pouco tempo começou a passar por pequenas localidades adormecidas, onde se viam cais cheios de barcos à vela. As margens da baía de Chasepeake estavam cobertas por um espesso lençol de neve; as águas eram de um azul profundo.

Saint Michaels tinha uma população de treze mil habitantes. Ao longo de alguns blocos, a Estrada 33 transformava-se na rua principal, atravessando o

centro da povoação. De ambos os lados havia toda uma variedade de estabelecimentos, edifícios antigos lado a lado, todos bem preservados e prontos para a fotografia de postal.

Durante toda a sua vida, Nate ouvira falar de Saint Michaels. Tinha um museu de marinha, um festival de ostras e um porto com muito movimento, dúzias de casas graciosamente antiquadas que ofereciam alojamento, em cujo preço estava incluído o quarto e o pequeno-almoço, e que atraíam os citadinos por ocasião de fins-de-semana prolongados. Passou pela estação dos correios e por uma pequena igreja, onde o prior removia a neve acumulada nos degraus com uma pá.

A vivenda situava-se na Rua Green, a dois blocos da principal, com a fachada virada a norte e de onde se desfrutava uma panorâmica do cais. Fora construída no estilo vitoriano, com duas empenas gémeas; o extenso alpendre da frente estendia-se em redor das paredes laterais. Estava pintada de um azul-acinzentado com caixilharia em branco e amarelo; a casa tinha amontoados de neve que chegavam quase até à porta da frente. O relvado desse lado era pequeno e o caminho particular de acesso à garagem estava coberto por uma altura de mais de meio metro de neve. Nate estacionou junto do lancil do passeio e com alguma dificuldade conseguiu chegar ao alpendre. Logo que entrou, ligou as luzes encaminhando-se para as traseiras. Num armário junto da porta de trás descobriu uma pá de plástico.

Passou uma hora maravilhosa a limpar o alpendre, removendo a neve do caminho de acesso e do passeio, até chegar ao carro. Sem grande surpresa, constatou que o interior fora ricamente decorado com móveis de estilo; estava tudo limpo e bem arrumado. Josh dissera-lhe que contratara uma mulher a dias que ia à casa todas as quartas-feiras para limpar o pó, tratando do que fosse necessário. Mrs. Stafford costumava passar duas semanas na casa de campo durante a Primavera e uma no Outono. Durante os últimos dezoito meses, pernoitara três vezes naquela casa. Tinha quatro quartos de cama e quatro casas de banho. Aquilo é que era um pequeno chalé.

Mas não havia café em parte alguma, o que representava a primeira emergência do dia. Nate fechou as portas à chave e dirigiu-se para o centro da povoação. Os passeios estavam limpos da neve que se tinha derretido. De acordo com o termómetro na vitrina do barbeiro, a temperatura era pouco mais de zero graus centígrados. Todos os estabelecimentos estavam encerrados.

Nate examinava as montras enquanto rolava a pouca velocidade. Mais à frente, começou a ouvir-se o badalar do sino da igreja. A fazer fé no boletim que

o sacristão de idade entregou a Nate, o pároco era o padre Phil Lancaster, um homem baixinho mas rijo que usava uns óculos com armação de osso e lentes espessas, com uns cabelos anelados e ruivos misturados com fios grisalhos. Tanto se lhe poderia dar trinta e cinco anos de idade como cinquenta. O rebanho de crentes que se reunira para a missa das onze horas era esparso e de idade avançada; o tempo de invernia certamente que manteria os fiéis arredios da igreja. No interior do pequeno santuário, Nate contou vinte e uma pessoas, número em que se incluíam Phil e o organista. Viu muitas cabeças grisalhas. Era uma igreja bonita com um tecto abobadado, bancos e soalho de madeira escura, e nas paredes viam-se quatro vitrais. Quando o sacristão solitário se sentou no último banco, Phil ergueu-se com a sua sotaina negra e deu as boas-vindas a todos os que tinham ido à igreja da Trindade, onde toda a gente se sentia como se em suas casas. O seu timbre de voz era alto e nasalado, não necessitando de microfone. Na sua oração, agradeceu a Deus pela neve e pelo Inverno, pelas estações do ano que eram enviadas para que não nos esquecêssemos de que Ele dominava tudo e todos. Com alguma dificuldade, os crentes entoaram os cânticos e as orações. Quando o padre Phil ia a meio do seu sermão reparou em Nate, o único visitante sentado na penúltima fila de bancos. Trocaram sorrisos e, por um breve momento assustador, Nate receou que o padre estivesse prestes a apresentá-lo à pequena congregação.

O sermão religioso versava o tema do entusiasmo, uma escolha estranha dada a idade média dos seus fiéis. Nate esforçava-se por prestar atenção, mas os seus pensamentos começaram a divagar. Regressaram à pequena capela em Corumbá, com as portas da frente todas abertas para trás, os vitrais ao alto, o calor que entrava no interior, o Cristo em agonia crucificado na cruz, o jovem que tocara viola.

Munindo-se de todas as precauções para não ofender Phil, Nate mantinha o olhar fixo no globo de luz mortiça preso na parede por detrás e acima do púlpito. Em face da espessura das lentes dos óculos do padre, deduziu que ele não se aperceberia do seu desinteresse.

Sentado na pequena igreja aquecida, finalmente a salvo das incertezas da sua grande aventura, a salvo das febres e dos temporais, a salvo dos perigos de D. C, a salvo dos seus vícios, a salvo da extinção espiritual, compreendeu que pela primeira vez, desde que tinha memória, se entrava em paz consigo mesmo.

Não existia nada que lhe pudesse incutir receio. Deus empurrava-o para uma direcção qualquer. Não tinha a certeza para onde, mas também não sentia medo. «Sê paciente», aconselhou a si próprio. Foi então que disse uma oração

murmurada. Agradeceu a Deus por ter poupado a sua vida e também rezou por Rachel, porque sabia que ela orava por ele.

A serenidade que aqueles momentos lhe proporcionaram fez com que lhe aflorasse um sorriso aos lábios. Quando o serviço religioso terminou, abriu os olhos e viu que Phil lhe sorria. Depois da bênção, os crentes desfilaram à frente de Phil perto da porta principal, elogiando o sermão e mencionando pequenas notícias relativas às actividades religiosas. A fila formada pelas pessoas deslocava-se com lentidão; era um ritual. — Como é que a sua tia tem passado? — perguntou Phil a um dos membros do seu rebanho, após o que escutou atentamente a descrição da última aflição por que a tia em questão passara. — Como é que vai essa anca? — perguntou a outro. — Como é que achou a Alemanha? — Distribuía apertos de mão e inclinava-se para a frente para não perder uma única palavra. Sabia o que é que ia na mente dos seus paroquianos.

Nate aguardava pacientemente fechando a fila. Não tinha pressa. Não tinha mais nada para fazer.

— Bem-vindo — disse o padre Phil enquanto apertava a mão de Nate, agarrando-o pelo braço. — Bem-vindo à igreja da Trindade. — Apertava a mão de Nate com tal força que este se interrogou se seria o primeiro visitante nos últimos anos.

— O meu nome é Nate O'Riley — apresentou-se ele, acrescentando: — Venho de Washington — como se aquelas palavras ajudassem a defini-lo.

— É um prazer ter a sua companhia nesta manhã — continuou Phil, com os seus olhos ampliados que pareciam dançar por detrás das lentes dos óculos. Fazendo-se uma análise mais de perto, as rugas revelavam que ele teria pelo menos cinquenta anos. A sua cabeça tinha mais anéis grisalhos do que ruivos.

— Vou ficar alojado na casa dos Stafford durante alguns dias — informou Nate.

— Sim, sim, uma casa encantadora. Quando é que chegou?

— Esta manhã.

— Veio sozinho?

— Sim — confirmou Nate.

— Nesse caso, tem de almoçar connosco.

Aquela hospitalidade um tanto agressiva fez com que Nate se risse.

— Bem... obrigado, mas...

— Não, insisto — interrompeu Phil desfazendo-se em sorrisos. — Sempre que neva, a minha mulher faz ensopado de borrego. Neste momento já está ao lume. Durante os meses de Inverno recebemos tão poucos visitantes. Por

favor, a residência paroquial é mesmo por detrás da igreja.

Nate encontrava-se nas mãos de um homem que já havia partilhado a sua mesa de domingo com centenas de pessoas.

— Na verdade, eu só estou aqui de passagem, e eu... — O prazer será todo nosso — insistiu Phil que já agarrara no braço de Nate começando a levá-lo em direcção ao púlpito. — Em Washington, qual é a sua profissão? — Sou advogado — replicou Nate. Uma resposta mais minuciosa seria algo complicado.

— O que é que o trouxe até aqui?

— É uma história muito comprida.

— Oh, que maravilha! Laura e eu adoramos ouvir histórias. Vamos fazer um almoço prolongado e contar histórias. Vamos passar uns momentos magníficos. — O entusiasmo do padre era irresistível. O pobre pastor estava esfaimado por novos tópicos de conversa. E por que não?, pensava Nate. Na casa de Josh não havia comida. E, aparentemente, todas as lojas estavam fechadas. Passaram pelo púlpito, transpondo uma porta que dava acesso às traseiras da igreja. Laura estava a apagar as luzes. — Este é o senhor O'Riley, de Washington — disse Phil à mulher em voz alta. — Ele aceitou o nosso convite para almoçar. Laura sorriu apertando a mão de Nate. Tinha cabelos curtos e grisalhos, parecendo, no mínimo, ser dez anos mais velha do que o marido. Se um convidado inesperado à sua mesa a deixou surpreendida, não o demonstrou. Nate ficou com a impressão de que aquela era uma situação que se repetia bastante amiúde. — Por favor, trate-me por Nate — pediu ele.

— Pois que seja Nate — anunciou Phil, despindo a sotaina. O presbitério era contíguo aos terrenos da igreja, de frente para uma rua lateral. Num passo cauteloso, percorreram o pavimento coberto de neve.

— Como é que achaste o meu sermão? — perguntou o pároco à mulher quando subiam os degraus do alpendre.

— Foi excelente, meu querido — respondeu ela sem o mínimo traço de entusiasmo. Nate ouvia e sorria, certo de que ao longo de vários anos, todos os domingos, Phil tinha feito a mesma pergunta, no mesmo lugar e à mesma hora, tendo recebido a mesma resposta.

Qualquer hesitação que Nate pudesse sentir quanto a ficar para o almoço, dissipou-se assim que entrou em casa. O aroma pesado e rico do ensopado de borrego atravessava a sala de estar. Phil espevitou o carvão, que ardia com chamas alaranjadas na lareira, enquanto Laura acabava de preparar a refeição.

Na sala de jantar estreita, entre a cozinha e a sala de estar, a mesa fora

posta para quatro pessoas. Nate sentiu-se satisfeito por ter aceitado o convite para almoçar, não que lhe tivesse restado a alternativa de poder recusá-lo.

— Temos todo o prazer em recebê-lo — disse Phil quando ocupavam os seus lugares à mesa. — Tive um palpite de que talvez hoje tivéssemos convidados.

— Este lugar destina-se a quem? — perguntou Nate acenando na direcção do lugar vazio.

— Aos domingos pomos sempre a mesa para quatro pessoas — adiantou Laura deixando que a explicação se ficasse por aí. Deram as mãos enquanto Phil agradecia de novo a Deus pela neve e pelas estações, assim como pela comida.

— E não deixeis que nos esqueçamos do que os outros querem e do que têm necessidade — concluiu o pastor. Aquelas palavras despertaram algo na recordação de Nate. Já as ouvira há muitos, muitos anos.

Ao mesmo tempo que a comida era passada entre os comensais, estes travavam uma conversa trivial cujo tema eram os acontecimentos da manhã. As pessoas que tinham assistido ao serviço religioso das onze horas tinham uma média de idades de quarenta anos. Na realidade, a neve mantivera muita gente afastada da igreja. Para não falar do surto de gripe que grassava pela península. Nate elogiou o casal pela beleza simples do santuário. Há seis anos que viviam em Saint Michaels.

— Você tem um belo bronzeado para Janeiro — comentou Phil pouco depois de terem começado a comer. — Não ficou com essa cor em Washington, pois não? — Não. Acabei de regressar do Brasil. — O casal parou de comer inclinando-se mais para a frente. A aventura desenrolava-se de novo. Nate levou à boca uma grande colherada de ensopado, que, por sinal, estava delicioso, com um molho espesso, após o que começou a contar a história da viagem.

— Por favor, continue a comer — dizia Laura mais ou menos de cinco em cinco minutos. Nate comia uma garfada, mastigava lentamente e prosseguia. Referiu-se a Rachel como sendo unicamente «a filha de um cliente». As tempestades adquiriram contornos de maior violência, as serpentes passaram a ser mais compridas, o barco mais pequeno e os índios menos amigáveis. Os olhos de Phil dançavam de espanto enquanto Nate passava de um capítulo ao seguinte. Era a segunda vez que Nate narrava aquela história desde que regressara. Para além de alguns pequenos exageros aqui e ali, cingiu-se bastante à veracidade dos factos. Mesmo ele se sentia abismado. Era uma história extraordinária de contar, propiciando aos seus anfitriões uma versão enriquecida e alongada dos episódios que vivera. Sempre que tinha oportunidade, o casal

fazia perguntas.

Depois de Laura ter levantado os pratos do almoço serviu bolinhos de chocolate para a sobremesa. Nate e Jevy tinham acabado de chegar ao primeiro povoado dos ipicas.

— Ela ficou surpreendida quando o viu? — perguntou Phil depois de Nate ter descrito a cena em que o grupo de nativos conduzira a mulher para fora da aldeia, a fim de ir ao encontro dos dois homens.

— Para dizer a verdade, nem por isso — retorquiu Nate. — Ela parecia saber que estávamos prestes a chegar.

Nate fez o seu melhor para descrever os índios e a cultura da Idade da Pedra em que viviam, mas faltavam-lhe as palavras adequadas que reproduzissem fielmente as imagens reais. Comeu dois bolos, esvaziando o prato com grandes trincadelas durante os breves intervalos da narrativa.

Afastaram os pratos da sua frente para tomarem o café. No que dizia respeito a Phil e a Laura, os almoços de domingo tinham mais a ver com a conversa do que com a comida. Nate perguntava a si mesmo quem teria sido o último conviva a ter a sorte de ser convidado para um almoço com histórias.

Era difícil a Nate desdramatizar os horrores da febre de dengue de que sofrera, mas, animadamente, fez uma tentativa. Uns dois dias no hospital, alguns medicamentos e recuperara a saúde. Quando terminou a narrativa começaram as perguntas. Phil queria saber tudo acerca da missionária — a sua denominação religiosa, grau de fé, e a espécie de trabalho que desenvolvera junto dos nativos. A irmã de Laura tinha vivido na China, onde trabalhara no hospital de uma igreja, durante quinze anos, o que deu origem a mais histórias.

Eram quase três da tarde quando Nate se encaminhou para a porta. Os seus anfitriões teriam permanecido sentados à mesa com todo o prazer, ou ido para a sala de estar, onde continuariam a conversar até ao cair da noite, mas Nate sentia necessidade de dar um passeio. Agradeceu-lhes pela hospitalidade que lhe haviam dispensado, e quando os deixou a acenar no alpendre sentia-se como se os conhecesse há muitos anos.

O percurso até Saint Michaels levou uma hora. As ruas eram estreitas e flanqueadas por casas que já tinham cem anos. Nada destoava naquela atmosfera; não se viam cães vadios, lotes sem construções ou edifícios abandonados. Até mesmo a neve estava alinhada — fora cuidadosamente acumulada de forma a que os passeios e as ruas ficassem limpos, para não ofender qualquer vizinho. Nate parou junto do molhe, ficando a admirar os barcos à vela. Nunca tinha pisado o convés de um barco daquele tipo. Decidiu

que não partiria de Saint Michaels até que fosse forçado a fazê-lo. Viveria na vivenda, onde tencionava permanecer até que Josh, com toda a cortesia, o pusesse na rua. Pouparia o dinheiro que ganhasse e, quando o assunto da herança Phelan fosse concluído, haveria de arranjar uma maneira de poder continuar por ali.

Próximo do porto, por mero acaso, descobriu uma pequena mercearia que estava prestes a fechar. Comprou café, sopa enlatada, bolachas de água e sal e papas de aveia para o pequeno-almoço. Perto do balcão estavam expostas diversas marcas de cerveja.

Sorriu ao ver as garrafas, sentindo-se feliz por ter conseguido deixar esses dias para trás.

QUARENTA

Grit fez com que o despedissem via fax e por correio electrónico, a primeira vez que aquilo acontecia no seu escritório. Foi Mary Ross quem o despediu sumariamente, às primeiras horas da manhã, depois de ter passado um fim-de-semana com os irmãos num ambiente de tensão constante.

Grit não acatou a decisão com elegância. Respondeu-lhe com outro fax apresentando-lhe uma conta pelos seus serviços até à data — cento e quarenta e oito horas, a seiscentos dólares a hora, o que perfazia a quantia de oitenta e oito mil e oitocentos dólares. Estes honorários seriam aplicados contra a percentagem que lhe caberia aquando do acordo relativo à herança, ou a qualquer outro desfecho favorável. Grit não queria os seiscentos dólares à hora. Grit pretendia uma fatia do bolo, uma porção avultada da quota-parte da sua cliente, os vinte e cinco por cento que negociara. Grit queria receber milhões; sentado no seu gabinete trancado, olhando em transe para a máquina de fax. Era-lhe impossível acreditar que a sua fortuna tivesse desaparecido assim sem mais nem menos. Acreditava realmente que, ao cabo de alguns meses de árduas litigações, o espólio Phelan seria dividido entre os filhos. Podiam atirar-se vinte milhões a cada um dos seis, e ficar-se a observá-los a atacarem-nos que nem cachorros esfomeados, e a fortuna Phelan continuaria virtualmente intacta. Para a sua cliente, vinte milhões de dólares tinham o mesmo valor que cinco milhões para ele, e Grit, bem no seu íntimo, seria forçado a confessar que já pensara em várias maneiras de gastar esse dinheiro.

Ligou para o escritório de Hark com a intenção de o amaldiçoar, mas foi informado de que o doutor Gettys estava demasiado ocupado naquele momento para poder atendê-lo.

Actualmente, o doutor Gettys representava três dos quatro herdeiros da primeira família. A sua percentagem descera de vinte e cinco para vinte, e mais recentemente para dezassete ponto cinco. Apesar dessa redução, o total combinado dos três herdeiros seria bastante mais compensatório.

O doutor Gettys entrou na sua sala de reuniões poucos minutos depois das dez, saudando o remanescente dos advogados da família Phelan, ali reunidos para uma reunião da maior importância. — Tenho uma informação que desejo

dar-vos — começou ele com uma expressão radiante. — O doutor Grit deixou de estar envolvido neste caso. A sua ex-cliente, Mary Ross Phelan Jackman, pediu-me que passasse a representá-la, e, ao cabo de muitas reflexões, concordei em aceitá-la como minha cliente.

As suas palavras caíram como pequenas bombas em redor da mesa de reuniões. Yancy afagou as barbas desgrenhadas, interrogando-se quanto ao método de coerção que fora utilizado para arrancar a mulher dos tentáculos de Grit. No entanto, sentia-se relativamente seguro. A mãe de Ramble já tinha recorrido a todos os meios, possíveis e imaginários, para tentar convencer o miúdo a contratar os serviços de outro advogado. Mas o rapaz odiava a mãe.

A doutora Langhorne mostrou-se surpreendida, especialmente porque Hark tinha acabado de acrescentar Troy Phelan à sua lista de clientes. Mas depois daquele breve choque, também ela se sentiu segura. A sua cliente, Geena Phelan Strong, detestava os meios-irmãos e meias-irmãs mais velhos. Certamente que não recorreria aos serviços dos advogados deles. Ainda assim, teria de combinar um jantar para cimentar melhor o seu poder. Depois de terminada a reunião, telefonaria a Geena e a Cody. Poderiam jantar no Promenade, perto do Capitólio, e talvez chegasse mesmo a ver de fugida o vice-presidente de um subcomité influente. A nuca de Wally Bright ficou vermelha quando ouviu aquela novidade. Hark atacava os clientes de surpresa, andava à babugem. Da primeira família, somente Libbigail é que não mudara de advogado, e Wally Bright não hesitaria em matar Hark se ele tentasse roubar-lha.

— Mantenha-se afastado da minha cliente, está a ouvir? — advertiu ele em voz alta num tom de agressividade; todos os presentes se imobilizaram de estupefacção.

— Acalme-se.

— Uma porra é que me acalmo. Como é que nós podemos acalmar-nos quando você anda a roubar clientes? — Eu não roubei Mrs. Jackman. Foi ela que me telefonou. E não eu quem lhe ligou.

— Nós conhecemos bem o jogo que você anda a fazer, Hark. Não somos estúpidos. — Wally disse isto enquanto olhava para os outros advogados, seus colegas. Com certeza que não se consideravam estúpidos, mas não estavam muito seguros quanto ao grau de estupidez de Wally.

A verdade é que nenhum deles confiava nos outros. Colocando a questão em termos simples, o dinheiro em jogo era excessivo, pelo que nenhum poderia partir do princípio de que o advogado sentado ao seu lado não puxaria de uma faca.

Fizeram entrar Snead, o que alterou o foco da discussão. Hark apresentou-o ao grupo. Pobre Snead, que parecia um homem em frente de um pelotão de tiro. Sentou-se à cabeceira da mesa, com duas câmaras de vídeo assestadas na sua direcção.

— Isto é apenas um ensaio — garantiu-lhe Hark.-Não esteja nervoso. — Os demais advogados sacaram de blocos de apontamentos de papel amarelo cheios de perguntas, aproximando-se um pouco mais de Snead.

Hark colocou-se atrás dele, dando-lhe uma palmadinha encorajadora no ombro antes de retomar a palavra. — Vamos lá a ver, senhor Snead, quando prestar o seu depoimento, os advogados da outra parte terão autorização para o interrogarem em primeiro lugar. Por conseguinte, durante a próxima hora, teremos mais coisa menos coisa a mesma situação, o senhor tem de assumir que nós somos o inimigo. De acordo? Sem dúvida alguma que Snead não estava muito pelos ajustes, contudo aceitara o dinheiro daqueles advogados. Tinha de entrar no jogo deles.

Hark agarrou no seu bloco de apontamentos e começou a fazer-lhe perguntas sobre assuntos simples, como por exemplo a data do seu nascimento, passado, família, escola, temas simples que não eram obstáculo para Snead e que tinham a finalidade de o acalmar. Em seguida, abordou os primeiros anos em que trabalhara para o senhor Phelan, abrangendo um milhar de perguntas que, à primeira vista, pareciam ser absolutamente irrelevantes.

Depois de um intervalo para que pudessem ir à casa de banho, a doutora Langhome tomou a palavra, começando a interrogar Snead impiedosamente acerca das famílias Phelan, das mulheres, dos filhos, dos divórcios e das amantes. Snead pensou que aquilo era uma lavagem de roupa suja absolutamente desnecessária, mas os advogados davam a impressão de estar a gostar do que ouviam. — Conhecia a existência de Rachel Lane? — perguntou Langhorne. Snead ponderou por breves instantes antes de responder. — Ainda não pensei nesse assunto. — Por outras palavras, «ajudem-me a dar uma resposta». — Qual seria a sua opinião? — perguntou ao doutor Gettys.

— Eu arriscar-me-ia a dizer que você estava a par de tudo o que dizia respeito ao senhor Phelan, muito em especial, sobre as suas mulheres e filhos — respondeu Hark com rapidez, dando seguimento àquela ficção. — Nada escapava à sua atenção. O velho confidenciava-lhe tudo, incluindo a existência de uma filha ilegítima. Ela tinha uns dez ou onze anos quando você começou a trabalhar para o senhor Phelan. Ao longo dos anos, ele tentou estabelecer contacto com a filha, mas esta não queria nada com ele. Imagino que essa atitude

o magoasse profundamente, tanto mais que era um homem que costumava obter tudo o que desejava, e quando Rachel o rejeitou a dor transformou-se em cólera. Atrevo-me a dizer que ela passou a desagradar-lhe a partir desse momento. Consequentemente, a hipótese de ele lhe ter deixado toda a sua fortuna seria um acto de pura insanidade mental.

Uma vez mais, Snead sentiu-se maravilhado perante a habilidade de Hark para inventar enredos com tamanha rapidez. Os outros advogados também se mostraram impressionados.

— O que é que acham desta versão? — perguntou-lhes Hark. Os interpelados acenaram unanimemente num gesto de aprovação. — É preferível que o ponhamos a par de todo o passado de Rachel Lane — sugeriu Bright.

De seguida, Snead repetiu para as câmaras de filmar a mesma história que Hark acabara de congeminar, e ao fazê-lo demonstrou uma habilidade bastante razoável para expandir o tema. Quando terminou, os advogados não foram capazes de ocultar a satisfação que sentiam. Aquele verme estaria disposto a dizer fosse o que fosse. E não havia ninguém que pudesse contradizê-lo. Sempre que faziam uma pergunta a Snead que ele não soubesse como responder da melhor maneira, respondia dizendo: — Bem, ainda não pensei sobre isso. — Era então que os advogados se prontificavam a ajudá-lo. Hark, que parecia antecipar todas as fraquezas de Snead, habitualmente tinha um enredo rápido à mão de semear. No entanto, amiúde, os outros advogados também participavam com os seus pequenos esquemas, todos ansiosos por revelarem as suas habilidades para a mentira.

Fase após fase, a história ia sendo engendrada, cada vez mais refinada, cuidadosamente estruturada, de molde a que se pudesse garantir que o senhor Phelan não estivera no seu juízo perfeito, na manhã em que rabiscara o seu último testamento. Snead era instruído pelos causídicos, provando ser bastante fácil de influenciar. De facto, era tão influenciável que os advogados começaram a sentir-se preocupados com a possibilidade de ele poder vir a dizer demasiado. A sua credibilidade não poderia ser atacada. No seu testemunho não podia existir a mais pequena lacuna.

Ao longo de três horas arquitectaram a história que ele contaria, para durante as duas horas seguintes tentarem desacreditá-lo com um contra-interrogatório impiedoso.

Não lhe permitiram que almoçasse. Desdenharam dele chamando-lhe mentiroso. A certa altura, Langhorne pusera-o à beira das lágrimas. Quando ficou exausto e prestes a entrar em colapso, mandaram-no para casa

acompanhado de um grande número de cassetes vídeo, com instruções para que as estudasse exaustivamente. Disseram a Snead que ainda não estava preparado para testemunhar. As suas histórias não resistiriam a um interrogatório cerrado. O pobre homem dirigiu-se para casa ao volante do seu novo Range Rover, cansado e atordoado, mas também firmemente decidido a praticar as suas mentiras até que os advogados aprovassem a sua mestria.

O juiz Wycliff sentia prazer nas pequenas refeições que comia no seu gabinete. Como era habitual, Josh comprou sanduíches numa charcutaria grega, próxima do Largo Dupont. Desembrulhou-as juntamente com os pacotes de chá gelado e os pickles, colocando tudo sobre a pequena mesa de canto. Ambos começaram a comer; inicialmente falaram do quanto andavam atarefados, até que sem grandes demoras abordaram o assunto do espólio Phelan. Devia ter havido qualquer coisa de novo, caso contrário Josh não teria telefonado ao juiz.

— Descobrimos o paradeiro de Rachel Lane — começou ele por dizer. — Esplêndido! Onde? — A expressão de alívio que se espelhou no rosto de Wycliff era indisfarçável.

— Ela obrigou-nos a prometer que não divulgaríamos essa informação. Pelo menos de momento.

— Ela encontra-se no país? — O juiz esqueceu-se momentaneamente da sua sandes de carnes frias.

— Não. Vive numa região muito recôndita, algures no mundo, e bastante contente por viver aí.

— Como é que conseguiu encontrá-la? — O advogado que a representa foi quem a encontrou. — Quem é o advogado dela? — Um fulano que trabalhou na minha firma. Chama-se Nate O'Riley, um antigo sócio. Deixou-nos em Agosto passado.

Wycliff semicerrou os olhos, avaliando aquela informação. — Mas que coincidência extraordinária. Ela contratar os serviços de um antigo sócio do escritório de advogados que o pai utilizava. — Não existe coincidência nenhuma — atalhou Josh. — Como advogado que representa o espólio, eu fui forçado a encontrá-la. Incumbi Nate O'Riley dessa missão. Ele descobriu onde é que ela vivia e, consequentemente, Rachel Lane contratou-o. Na realidade, é até muito simples.

— Quando é que ela tenciona aparecer? — Duvido muito que o faça pessoalmente.

— E quanto aos documentos de notificação e de renúncia. — Hão-de chegar. Ela é uma mulher muito determinada, e, para lhe ser franco, não tenho a

certeza de quais são os seus planos. — Josh, temos um testamento cuja validade está a ser impugnada. A guerra já começou. Este assunto não pode ser adiado por mais tempo. É forçoso que este tribunal tenha jurisdição sobre ela. — Juiz, ela nomeou um representante jurídico. Os seus interesses serão acautelados. Sendo assim, estamos prontos a ir à luta. Iniciemos o processo e vejamos o que é que os outros interessados têm a dizer.

— Existe alguma possibilidade de eu falar com ela?

— É impossível.

— Deixe-se disso, Josh.

— Juro-lhe. Veja uma coisa, ela é missionária numa região extremamente remota, num outro hemisfério. Não posso adiantar-lhe mais nada.

— Quero falar com o doutor O'Riley.

— Quando? — perguntou Josh.

Wycliff aproximou-se da sua mesa de trabalho agarrando na agenda que lhe ficava mais próxima. Tinha tantos compromissos. A sua vida era regida pelo sumário dos actos de processos, por um calendário de julgamentos e pelas datas de apresentação de moções. Por sua vez, a secretária mantinha uma agenda das demais actividades do seu gabinete.

— O que é que lhe parece a próxima quarta-feira?

— Óptimo. Durante a hora de almoço? Só nós três, uma reunião informal.

— Com certeza.

O advogado O'Riley planeara ler e escrever durante toda a manhã. No entanto, os seus planos foram alterados por um telefonema do pároco.

— Está muito ocupado? — perguntou o padre Phil com a sua voz forte que ressoava através do telefone.

— Bom... não, na verdade, não — respondeu Nate. Estava sentado num sofá fundo de couro, coberto por uma manta de retalhos, junto da lareira, bebendo café enquanto lia Mark Twain. — Tem a certeza? — Claro que tenho a certeza.

— Pois bem; estou na igreja a trabalhar na cave, a fazer umas remodelações, e preciso de ajuda. Pensei que talvez se sentisse aborrecido, bem vê, em Saint Michaels não há muita coisa que se possa fazer, pelo menos durante o Inverno. A previsão meteorológica diz que hoje voltará a nevar.

O ensopado de borrego ocorreu imediatamente ao pensamento de Josh. No dia anterior tinha sobrado uma grande porção. — Estarei aí dentro de dez minutos.

A cave situava-se directamente abaixo do santuário, Nate ouviu o barulho

de marteladas enquanto descia cautelosamente os degraus pouco firmes. Era um espaço aberto comprido e largo, com um tecto baixo. Era patente que o processo de remodelação já tivera início há muito tempo, sem que o fim estivesse à vista. O plano geral parecia ser uma série de pequenas divisões junto das paredes que davam para o exterior, deixando um espaço aberto no centro. Nate deparou com Phil no meio de dois cavaletes de carpinteiro, com uma fita métrica na mão e serradura nos ombros. Usava uma camisa axadrezada de flanela, calçava botas, e teria muito facilmente passado por carpinteiro.

— Obrigado por ter vindo — agradeceu o padre com um sorriso rasgado.

— Não tem de quê. De facto, estava aborrecido — retorquiu Nate. — Estou a fazer algumas divisórias de madeira — explicou ele abrangendo com um gesto da mão o trabalho que fizera até então. — Com duas pessoas a trabalhar é mais fácil. O senhor Fuqua costumava ajudar-me, mas agora já tem oitenta anos e as costas já lhe pregam partidas. — O que é que está a construir? — Seis salas de aula para estudos bíblicos. A parte do centro será um local de reunião dos paroquianos. Comecei este projecto há dois anos. O nosso orçamento não nos permite muita coisa em termos de novos projectos, portanto decidi meter mãos à obra. Este tipo de trabalho mantém-me em forma.

Há vários anos que o padre Phil não se encontrava em forma. — Diga-me o que é que devo fazer — redarguiu Nate. — E não se esqueça de que sou advogado.

— O que significa que não costuma fazer muito trabalho manual, pois não?

— Não — confirmou Nate.

Cada um agarrou na extremidade de uma placa de madeira prensada, esforçando-se por arrastá-la através do chão até à sala de aula em que o pároco andava a trabalhar. A placa media cerca de um metro e vinte por quase dois metros, e quando começaram a erguê-la Nate constatou que realmente era trabalho para duas pessoas. Phil grunhia, franzia o sobrolho e mordia a língua.

— Agora segure-a aí, não a deixe deslocar-se — instruiu o pároco quando a placa se encaixou no resto da estrutura. Nate pressionou a placa contra os dois pilares verticais com cerca de sessenta centímetros por metro e vinte, enquanto Phil, com toda a rapidez, a pregava no seu lugar com os pregos necessários.

Depois de bem segura, martelou mais seis pregos nos pilares verticais, ficando a admirar a sua obra. Em seguida, sacou de uma fita métrica e começou a medir o espaço adjacente em aberto.

— Onde é que aprendeu a arte de carpinteiro? — perguntou Nate

observando-o com grande interesse.

— Corre-me no sangue. José era carpinteiro.

— Quem é ele?

— O pai de Jesus.

— Oh, está a referir-se a esse José.

— Costuma ler a Bíblia, Nate?

— Nem por isso.

— Mas devia — disse Phil.

— Gostaria de começar.

— Se quiser, posso ajudá-lo.

— Obrigado.

Phil rabiscou as dimensões na placa de madeira prensada que haviam acabado de instalar. Mediu cuidadosamente, voltando a medir. Ao fim de pouco tempo, Nate compreendeu por que motivo é que aquele projecto levava tanto tempo. Phil não estava com pressa nenhuma, acreditando firmemente num rigoroso regime de intervalos para tomar café.

Decorrida uma hora, subiram as escadas até ao piso principal, dirigindo-se para o gabinete do pároco, onde a temperatura era cerca de quatro graus mais elevada do que na cave. Phil deixara uma cafeteira de café forte no bico de um pequeno fogão. Encheu duas chávenas, começando a examinar as fileiras de livros nas prateleiras.

— Aqui está um guia maravilhoso de devoções diárias, um dos meus preferidos — disse ele retirando um dos livros com gestos cuidadosos, limpando-o como se estivesse coberto de pó, após o que o entregou a Nate. Era um volume encadernado que tinha a sobrecapa intacta. Phil era muito cuidadoso com os seus livros. Seleccionou um outro que também deu a Nate. — Este contém estudos da Bíblia para as pessoas que têm sempre muitos afazeres. É muito bom.

— O que é que o leva a pensar que eu sou uma pessoa muito ocupada? — Você é um advogado de Washington, não é verdade? — Tecnicamente, sim, mas esses tempos estão prestes a chegar ao fim. Phil uniu a ponta dos dedos olhando para Nate com uma expressão que só os eclesiásticos é que conseguem mostrar. Os seus olhos diziam: «Continua. Conta-me mais. Estou aqui para te ajudar.» Sentindo-se encorajado, Nate partilhou alguns dos seus problemas, passados e presentes, dando ênfase ao apuro em que estava metido por fuga aos impostos, assim como a expulsão iminente da Ordem dos Advogados. Evitaria a cadeia, mas ser-lhe-ia exigido que pagasse uma multa e não tinha meios financeiros para

a satisfazer.

A despeito de todas as dificuldades, não se sentia infeliz ao pensar no futuro. Na realidade, sentia um alívio enorme por estar prestes a abandonar a sua profissão.

— O que é que está a pensar fazer? — perguntou Phil.

— Não faço a mais pequena ideia.

— Confia em Deus?

— Sim, acho que sim.

— Então, não tem nada a temer. Ele mostrar-lhe-á o caminho. Conversaram durante o tempo suficiente para que a manhã se prolongasse até à hora do almoço, altura em que caminharam até à porta contígua e, uma vez mais, se deliciaram com o ensopado de borrego. Laura juntou-se-lhes mais tarde. Trabalhava como educadora de infância, dispondo apenas de meia hora para almoçar. Por volta das duas da tarde regressaram à cave, onde, com alguma relutância, retomaram o trabalho. Ao constatar o ritmo que Phil imprimia às suas tarefas, Nate ficou convencido de que aquele projecto jamais seria concluído durante a sua vida. Era possível que José tivesse sido um carpinteiro de grande mestria, mas o lugar do padre Phil era no púlpito. Todos os espaços abertos na parede tinham de ser medidos mais de uma vez, ponderados, analisados de vários ângulos, após o que voltavam a ser medidos. A placa de madeira prensada que se destinava ao espaço vazio foi submetida ao mesmo procedimento. Por fim, ao cabo de muitos apontamentos tomados a lápis, os suficientes para confundir um arquitecto, Phil, com grande trepidação, muniu-se da moto-serra e começou a serrar a placa de madeira prensada. Depois de cortada, levaram-na para o espaço aberto, prenderam-na e fixaram-na com pregos. O ajustamento era sempre perfeito, e de cada vez que isso acontecia, Phil mostrava-se genuinamente aliviado. Duas das salas de aula, à primeira vista, estavam prontas para serem pintadas. Mais ao fim da tarde, Nate decidiu que na manhã seguinte assumiria as funções de pintor.

QUARENTA E UM

Dois dias passados a executar tarefas agradáveis na cave gelada da igreja da Trindade não produziram muitos resultados. Não obstante, consumiu-se uma grande quantidade de café, e finalmente os restos do ensopado de borrego foram todos comidos, e algumas placas de madeira prensada e pinceladas de tinta foram aplicadas no lugar certo, ao mesmo tempo que tinha início uma nova amizade. Na terça-feira à noite, Nate tirava pedaços de tinta das unhas quando o telefone começou a tocar. Era Josh que o chamava ao mundo real.

— O juiz Wycliff quer falar contigo amanhã-disse ele. — Tentei ligar-te mais cedo.

— O que é que ele quer? — perguntou Nate numa voz que tentava não trair o receio que sentia.

— Tenho a certeza de que te quererá fazer algumas perguntas sobre a tua nova cliente.

— Estou demasiado ocupado, Josh. Meti-me numa empreitada de remodelação, bem vês, pinturas, instalação de placas de isolamento, coisas desse género.

— Oh, a sério?!

— Sim. Estou a ajudar a remodelar a cave da igreja. O tempo é da maior importância.

— Não te conhecia esses talentos.

— Tenho mesmo de ir, Josh?

— Acho que sim, meu velho. Concordaste em aceitar este caso. Isto para não dizer que já informei o juiz. A tua presença é necessária, meu rapaz.

— Quando e onde? — Encontramo-nos no meu escritório às onze horas. Vamos no mesmo automóvel.

— Não quero ir ao escritório, Josh. Só me traz más recordações. Encontramo-nos no tribunal.

— De acordo. Está lá ao meio-dia. No gabinete de Wycliff. Nate acrescentou outro tronco de madeira ao fogo que ardia na lareira, ficando a olhar para os flocos de neve que esvoaçavam pelo alpendre. Podia vestir um fato e andar com uma pasta por onde quer que fosse. Poderia mostrar o aspecto e falar

de maneira supostamente apropriada a um advogado. Podia dizer «Meritíssimo» e «Com licença do tribunal», além de também ser capaz de apresentar as suas objecções e submeter as testemunhas a interrogatórios implacáveis. Tinha capacidade para fazer todas essas coisas que milhões de outros faziam, mas deixara de se considerar um advogado. Graças a Deus que aqueles dias tinham passado à história.

Poderia voltar a fazê-lo, mas somente uma vez mais. Nate tentou convencer-se de que procedia dessa maneira para bem da sua cliente, Rachel, embora soubesse que isso lhe seria indiferente. Ainda não lhe escrevera, embora tivesse planeado essa carta em diversas ocasiões. A que Nate enviara a Jevy levara três horas a redigir, um grande esforço para página e meia. Depois de três dias passados na neve, sentia saudades das ruas húmidas de Corumbá, com o seu movimento indolente de gente a passear, as esplanadas dos cafés, um ritmo de vida que parecia dizer que tudo poderia esperar até ao dia seguinte. À medida que os minutos iam passando, a neve caía com mais intensidade. Nate pensou que talvez estivesse prestes a desencadear-se outro nevão, o que encerraria todas as estradas, impossibilitando-o de fazer a viagem até Washington.

Mais sandes da charcutaria grega, mais pickles e chá. Josh preparou a mesa enquanto esperavam que o juiz Wycliff chegasse. — Aqui tens o processo do tribunal — disse ele entregando a Nate uma volumosa pasta de lombada vermelha. — E aqui estão as tuas alegações — acrescentou entregando-lhe outra pasta de cartolina amarela. — Precisas de ler isto e assinar o mais depressa possível.

— A herança já deu entrada das alegações? — perguntou Nate. — Amanhã. As alegações de Rachel Lane estão aí, já se encontram preparadas, aguardando apenas a tua assinatura.

— Há qualquer coisa neste assunto que não bate certo, Josh. Estou a submeter alegações contra a impugnação de um testamento em representação de uma cliente que não tem conhecimento do assunto. — Envia-lhe uma cópia. — Para onde? — Para o único endereço que se lhe conhece, o das Missões Tribos Universais, em Houston, no estado do Texas. Está tudo no ficheiro. Numa manifestação de frustração perante os preparativos de Josh, Nate abanou a cabeça. Sentia-se como se fosse um peão num jogo de xadrez. A Alegação do Requerente, Rachel Lane, era composta por quatro folhas onde se negava, quer na generalidade quer na especialidade, as alegações apresentadas nas seis petições que impugnavam a validade do testamento. Nate leu-as todas enquanto Josh falava ao telemóvel.

Depois de equacionadas todas as alegações inflamadas, e de destrinçada a terminologia jurídica, o caso apresentava-se com bastante simplicidade: Saberia Troy Phelan o que é que estava a fazer quando escreveu o seu último testamento? Nate tinha a certeza de que o julgamento seria um autêntico circo, com os advogados a colocarem os psiquiatras, de toda a espécie e tipo, no banco das testemunhas. Empregados, ex-empregados, antigas namoradas, pessoal da limpeza, criadas, motoristas, pilotos, guarda-costas, médicos e prostitutas; qualquer pessoa que houvesse passado cinco minutos com o velho seria chamada a tribunal para testemunhar.

Nate sentia que não tinha estômago para aquilo. À medida que ia lendo o processo, este ia-se tornando cada vez mais pesado. Encheria uma sala quando a guerra, finalmente, fosse dada por terminada.

Ao meio dia e meia, o juiz Wycliff fez a sua entrada habitual de pessoa muito atarefada, desculpando-se por ter tanto que fazer enquanto despia a toga apressadamente.

— Você é o Nate O'Riley — disse ele estendendo a mão. — Sim, senhor juiz, tenho muito prazer em conhecê-lo. Um pouco a custo, Josh desenvencilhou-se do telefone celular. Ficando apertados, sentaram-se em redor da pequena mesa e começaram a comer.

— Josh disse-me que você conseguiu encontrar a mulher mais rica do mundo — acrescentou Wycliff ao mesmo tempo que engolia apressadamente a sua comida. — Sim, consegui. Foi há cerca de duas semanas. — E não me pode dizer onde é que ela vive? — Ela implorou-me que não dissesse. O que eu lhe prometi. — Estará ela disposta a vir ao tribunal numa data a indicar posteriormente? — Ela não será obrigada a isso — explicou Josh. Como seria de esperar, ele precavera-se com um resumo que tinha em arquivo, um memorando em papel do escritório de advogados Stafford, onde era abordada a questão da presença de Rachel aquando do julgamento. — Uma vez que ela não sabe nada a respeito das capacidades mentais do senhor Phelan, nunca poderá vir a ser uma testemunha quanto a essa matéria.

— Mas ela é uma das partes interessadas — argumentou Wycliff. — Sim, de facto é. Mas a sua presença pode ser dispensada. Nada nos impede de defender os seus interesses sem que ela esteja presente.

— Dispensada por quem? — Por Vossa Excelência.

— Tenciono apresentar uma moção na altura mais adequada — interveio Nate -, pedindo ao tribunal que permita que o julgamento seja realizado na ausência de Rachel Lane.

Do outro lado da mesa, Josh sorriu-lhe. «Assim é que é, meu rapaz.» — Calculo que poderemos abordar esse assunto numa fase posterior — redarguiu Wycliff. — Estou mais preocupado com a leitura pública do processo. Acho que é desnecessário dizer que a parte que contesta a validade do testamento está bastante ansiosa para que este assunto tenha um seguimento imediato.

— Amanhã mesmo, como representante do património, darei entrada das nossas alegações — disse Josh. — Estamos preparados para o confronto.

— E quanto à requerente? — Ainda estou a trabalhar na sua alegação — respondeu Nate com uma expressão sombria, como se andasse há vários dias a trabalhar naquele assunto. — Mas posso apresentá-la amanhã. — Está preparado para proceder à leitura pública do testamento? — Sim, meritíssimo.

— Para quando é que podemos esperar os documentos de notificação e renúncia de direitos da sua cliente?

— Não lhe posso indicar uma data exacta.

— Tecnicamente não terei autoridade jurídica sobre a sua cliente até receber esses documentos — argumentou Wycliff. — Sim, compreendo isso. Tenho a certeza de que nos chegarão às mãos dentro em pouco. O serviço postal de que ela dispõe é bastante moroso. Josh sorriu ao seu protegido.

— Mas você realmente encontrou-a, mostrou-lhe uma cópia do testamento, explicou-lhe o significado da notificação e da renúncia de direitos, e concordou em representá-la? — Sim, meritíssimo — respondeu Nate, mas somente porque a isso era obrigado.

— Importa-se de dizer isso mesmo num depoimento ajuramentado para que conste do processo? — Isso é um pedido um tudo nada invulgar, não lhe parece? — perguntou Josh.

— Talvez seja, mas uma vez que vamos começar a revelar as especificidades do processo sem que haja prova de notificação ou renúncia de direitos por parte da herdeira, quero que fique registado no processo que ela foi contactada e que tem conhecimento daquilo que estamos a fazer.

— Boa ideia, juiz — concordou Josh, como se, para começar, a ideia tivesse sido sua. -Nate assinará o depoimento.

O visado acenou trincando um grande naco da sua sanduíche, na esperança que lhe permitissem acabar de comer sem o obrigarem a dizer mais mentiras.

— Ela mantinha uma relação estreita com Troy Phelan? — perguntou Wycliff.

Nate mastigou durante tanto tempo quanto lhe foi possível antes de

responder.

— O que estamos a dizer não vai ficar registado, não é verdade? — Claro. Isto não passa de uma troca de palavras informal. Sim, e esse tipo de conversa era o que podia vir a ganhar ou a perder processos judiciais.

— Não me parece que fossem muito chegados. Há vários anos que ela não via o pai.

— Como é que ela reagiu quando leu o testamento? O tom de voz de Wycliff era realmente o de quem trocava mexericos, e Nate apercebeu-se de que o juiz queria inteirar-se de todos os pormenores.

— Para dizer o mínimo, tenho de admitir que ela se mostrou surpreendida — respondeu Nate com alguma secura. — Aposto que sim. Perguntou-lhe quanto é que iria herdar? — Sim, acabou por perguntar. Na minha opinião, acho que se sentiu avassalada, tal como qualquer pessoa no seu lugar. — Ela é casada? — continuou o juiz. — Não — respondeu Nate.

Josh compreendeu que as perguntas acerca de Rachel poderiam prolongar-se por mais algum tempo. Além de que eram perigosas. Wycliff não poderia tomar conhecimento, pelo menos de momento, de que Rachel não tinha qualquer interesse em aceitar o legado. Caso ele continuasse a espiolhar, e se Nate se cingisse à verdade, alguma coisa acabaria por ceder.

— Sabe, juiz — atalhou Josh mudando o rumo da conversa como quem não quer a coisa -, este caso não é complicado. A revelação pública dos termos do testamento não levará uma eternidade. Os outros estão ansiosos. Nós estamos ansiosos. Existe um monte de dinheiro à espera e toda a gente lhe quer deitar a mão.

Por que razão é que não havemos de acelerar a exposição dos factos e marcar uma data para o julgamento? Apressar um caso litigioso, que se prendia com uma homologação, era coisa de que nunca se ouvira falar. Os advogados que normalmente se encarregavam de casos de heranças eram pagos à hora. Qual o motivo de tanta pressa? — Essa é uma sugestão interessante — comentou Wycliff. — O que é que tem em mente? — Que tenhamos uma reunião assim que seja viável, onde se procederá à leitura pública do testamento. Reuniremos todos os advogados ao mesmo tempo, pedindo a cada um que apresente uma lista de documentos e testemunhas em perspectiva, com vista a uma possível decisão judicial. Dar-se-ia um prazo de trinta dias para que fossem apresentados todos os depoimentos e, se for caso disso, marcar-se-ia o julgamento para daqui a noventa dias. — Sendo assim, tudo se processaria com uma rapidez excessiva — contrapôs Wycliff.

— Procedemos constantemente desta maneira no tribunal federal. Acredite que funciona. Os advogados que representam a outra parte aproveitarão a oportunidade imediatamente, porque os seus clientes estão todos falidos.

— E quanto a si, doutor O'Riley? A sua cliente também está ansiosa por receber o dinheiro? — No lugar dela, não estaria, senhor doutor juiz? — perguntou Nate. Os três desataram a rir-se.

Quando Grit, finalmente, conseguiu entrar em comunicação telefónica com Hark através da linha destinada aos casos litigiosos, as suas primeiras palavras foram: — Estou a pensar em ir falar com o juiz.

— Muito bom-dia para si também, Grit — replicou Hark depois de ter carregado no botão de gravação do seu aparelho. — Sou bem capaz de contar ao juiz toda a verdade, que Snead vendeu o seu testemunho por cinco milhões de dólares, e que nada do que ele disser corresponderá à verdade.

Hark riu-se num tom de voz apenas suficientemente elevado para Grit poder ouvi-lo.

— Você não pode fazer isso, Grit.

— Claro que posso.

— Você não está a mostrar muita inteligência, pois não? Ouça o que lhe digo, Grit. Em primeiro lugar, assinou o impresso do empréstimo, tal como nós fizemos, o que o implica em qualquer acção menos correcta que possa vir a alegar. Em segundo lugar, e muito importante, tem conhecimento da existência de Snead pela simples razão de ter estado envolvido no caso como representante de Mary Ross. Ora acontece que a relação advogado-cliente é confidencial. Caso venha a divulgar qualquer informação de que tenha tomado conhecimento na qualidade de advogado, isso significa que estará a quebrar essa confidencialidade. Se fizer alguma estupidez, ela apresentará queixa junto da Ordem dos Advogados, e eu, pessoalmente, certificar-me-ei de que venha a ser expulso da Ordem. Ficará impossibilitado de exercer advocacia, Grit. Compreendeu o que lhe disse? — Você é escumalha, Gettys. Roubou-me a minha cliente. — Se a sua cliente estivesse satisfeita com os seus serviços, o que é que a teria levado a procurar outro advogado? — Ainda não acabei consigo. — Não faça nenhum disparate.

Grit desligou o telefone batendo com o auscultador no descanso. Hark saboreou o momento, após o que retomou o seu trabalho.

Nate seguiu sozinho no seu automóvel até ao centro da cidade, atravessando o rio Potomac, passando pelo monumento em homenagem a Lincoln e deslocando-se tranquilamente por entre o trânsito sem grandes pressas.

Os flocos de neve embatiam no pára-brisas, embora os nevões mais cerrados ainda não se tivessem materializado. Chegado à Avenida Pensilvânia, quando parou junto de um semáforo com a luz vermelha, viu o edifício através do espelho retrovisor, intercalado entre mais uns doze, onde passara a maior parte dos últimos vinte e três anos. A janela do seu gabinete era no sexto andar. Mal conseguia distingui-la. Na Rua M, seguindo para Georgetown, começou a avistar os locais que costumara frequentar — os velhos bares e espeluncas onde tinha passado horas longas e sombrias, na companhia de pessoas de quem já não conseguia recordar-se. No entanto, ainda era capaz de se recordar do nome dos empregados dos bares. Todos os pubs tinham uma história. Nos dias em que bebia, qualquer dia mais difícil no escritório ou na sala de um tribunal teria de ser impreterivelmente suavizado por algumas horas passadas a tomar bebidas alcoólicas. Não era capaz de ir para casa sem esse paliativo. Dobrou a esquina da Wisconsin, avistando um bar onde numa ocasião se metera numa rixa com um universitário, um rapaz mais bêbedo do que ele próprio. Uma das colegas do rapaz, uma rapariga espalhafatosa, fora o pomo da discórdia. O empregado por detrás do balcão do bar mandou-os para a rua, dizendo-lhes que resolvessem a disputa à força dos punhos.

Na manhã seguinte, Nate fora forçado a ir para o tribunal com um adesivo no rosto.

Também reparou num pequeno café onde comprara cocaína suficiente para ter estado quase a matar-se. A brigada anti-estupefacientes tinha passado uma busca ao estabelecimento quando ele se submetia a uma cura de desintoxicação. Dois dos seus compinchas, corretores da bolsa, tinham ido parar à cadeia.

Nate passara os seus dias de orgias gloriosas naquelas ruas, enquanto as ex-mulheres esperavam que fosse para casa, e os filhos cresciam sem a presença do pai. Sentia-se envergonhado pela infelicidade que lhes causara. Quando saía de Georgetown jurou a si mesmo que nunca mais voltaria ali.

Quando chegou à casa de cidade dos Stafford, carregou o automóvel com mais roupas e artigos de higiene, partindo imediatamente a grande velocidade.

Na algibeira tinha um cheque no valor de dez mil dólares, o primeiro mês de honorários. O IRS queria receber sessenta mil dólares em impostos atrasados que não haviam sido pagos. A multa, no mínimo, seria do mesmo montante. Devia à segunda ex-mulher aproximadamente trinta mil dólares, correspondentes à falta de pagamento das pensões alimentares dos filhos; os compromissos financeiros mensais haviam-se acumulado enquanto ele recuperara com a ajuda

de Sérgio.

O facto de ter declarado falência pessoal não o desobrigava daquelas dívidas. Admitiu que, em boa verdade, o seu futuro financeiro se apresentava bastante sombrio. Os filhos mais novos custavam-lhe três mil dólares mensais, cada um, em pensão alimentar. Os dois mais velhos ficavam-lhe quase tão caros em propinas universitárias e alojamento. Poderia viver do dinheiro que o espólio Phelan lhe pagaria durante alguns meses, mas a julgar pela forma como Josh e Wycliff tinham falado, deduzia que a decisão judicial seria apresentada mais cedo do que inicialmente se pensara. Logo que esse assunto fosse encerrado de uma vez por todas, Nate teria de se apresentar a um juiz federal, perante quem se daria como culpado por evasão fiscal, entregando a licença que lhe permitia praticar advocacia. O padre Phil começara a ensinar-lhe a não se preocupar com o futuro. Deus costumava tomar conta dos Seus.

Uma vez mais, Nate interrogou-se se Deus não estaria a receber mais do que aquilo que poderia ter desejado.

Em virtude de ser incapaz de escrever em qualquer papel além das folhas dos blocos de apontamentos de papel amarelo com linhas bem espaçadas e margens folgadas, Nate agarrou num e tentou iniciar uma carta endereçada a Rachel.

Tinha a morada da Tribos Universais, em Houston. Tencionava assinalar o sobrescrito que endereçaria a Rachel Lane com «Pessoal e Confidencial», apensando-lhe uma pequena missiva de explicação: «A Entregar à Interessada».

Haveria de haver alguém na organização da Tribos Universais que saberia quem ela era e onde se encontrava. Talvez existisse alguém que soubesse que Troy Phelan era o seu pai biológico. Era possível que essa pessoa tivesse juntado dois mais dois, pelo que presentemente saberia que Rachel era a herdeira dessa fortuna. Nate também supunha que Rachel entraria em contacto com a organização Tribos Universais, no caso de ainda não o ter feito. Estivera em Corumbá na altura em que o visitara no hospital. Parecia-lhe ser razoável acreditar que tivesse telefonado para Houston, informando alguém da visita que ele lhe fizera. Rachel também mencionara o orçamento anual que a Tribos Universais lhe concedia. Tinha de existir um método de correspondência postal. Na hipótese de a sua carta ir parar às mãos certas nos escritórios em Houston, haveria a possibilidade de vir a ser remetida para o lugar apropriado em Corumbá. Começou por escrever a data, ao que acrescentou «Querida Rachel». Passou uma hora a olhar para o fogo que ardia na lareira, tentando pensar nas palavras que lhe pareciam ser as mais inteligentes. Finalmente, recomeçou a

redacção da carta com um parágrafo sobre a neve. Teria ela saudades da neve da sua meninice? O tempo seria o mesmo em Montana? Do lado de fora da janela, acumulara-se no solo cerca de trinta centímetros.

Sentiu-se compelido a confessar que estava a agir como seu advogado; assim que entrou no ritmo da terminologia jurídica, o texto da carta fluiu-lhe com facilidade. Explicou-lhe por palavras tão simples quanto lhe foi possível, todos os trâmites relativos ao processo judicial.

Escreveu-lhe sobre o padre Phil, a igreja e a cave. Começara a estudar a Bíblia e estava a gostar. Rezava por ela. Quando terminou, a missiva era composta por três páginas, o que fez com que Nate se sentisse bastante orgulhoso de si próprio. Leu-a por duas vezes, tendo concluído que merecia ser enviada. Se, não sabia bem como, ela encontrasse o caminho da palhota de Rachel, Nate sabia que ela a leria inúmeras vezes, sem sequer lhe dedicar o mais pequeno pensamento quanto a qualquer falha de estilo na sua escrita. Sentia-se desejoso de poder vê-la de novo.

QUARENTA E DOIS

Uma das razões para a falta de progressos nas obras da cave da igreja, devia-se à propensão que o padre Phil tinha para dormir até tarde. Laura dizia que saía de casa todas as manhãs, durante os dias de semana, às oito horas para ir trabalhar no jardim infantil, e, em mais de metade desses dias, o pároco ficava aninhado debaixo dos cobertores. Era uma ave noctívaga, alegava ele em sua defesa, adorando ver os filmes antigos a preto e branco que a televisão transmitia depois da meia-noite. Por conseguinte, quando ele telefonou às sete e trinta da manhã de sexta-feira, Nate ficou surpreendido. — Já leu o Post? — perguntou ele.

— Não costumo ler os jornais — replicou Nate. Perdera esse hábito durante o último período de desintoxicação. Em contrapartida, Phil costumava ler cinco jornais diários. Os artigos que a imprensa publicava constituíam uma boa fonte de material para os seus sermões. — Talvez deva ler — acrescentou o pároco. — Porquê? — Porque publicaram uma história a seu respeito. Nate calçou as botas e percorreu dois quarteirões até um café na rua principal. Na primeira página de um jornal local vinha publicado um bom artigo que abordava a procura da herdeira perdida de Troy Phelan. O processo por meio do qual ela, fazendo-se representar pelo seu advogado, o doutor Nate O'Riley, disputava as alegações dos que contestavam a validade do último testamento do seu falecido pai, dera entrada no dia anterior, já bastante tarde, no tribunal de círculo do condado de Fairfax. Uma vez que não havia muito que se pudesse dizer sobre Rachel, a história concentrava-se no seu advogado. De acordo com o seu depoimento ajuramentado, que também fora apresentado em tribunal, ele descobrira o paradeiro de Rachel Lane, tendo-lhe mostrado uma cópia do testamento escrito à mão, discutindo com ela os vários aspectos de natureza jurídica, após o que fora nomeado, não se sabia bem como, seu advogado. O artigo não dava qualquer indicação exacta quanto ao actual local da residência de Rachel Lane. O doutor O'Riley fora, em tempos, sócio do escritório de advogados Stafford; era um advogado proeminente especializado em litigações; abandonara a firma em Agosto passado. Em Outubro apresentara um processo de falência pessoal; fora indiciado em Novembro e havia uma acusação final, ainda

pendente, em que era acusado de evasão fiscal. O IRS afirmava que ele lhes devia sessenta mil dólares de impostos em atraso. Certificando-se de que cobria tudo o que dizia respeito à vida do advogado, o repórter acrescentava que ele se divorciara por duas vezes, o que não tinha o mínimo interesse para o caso. Para completar a humilhação, o artigo era acompanhado de uma fotografia que não o beneficiava em nada, uma em que Nate tinha um copo na mão, tendo sido fotografado num bar em D. C. por ocasião de um evento qualquer, que tivera lugar há muitos anos. Examinou a imagem granulada que reproduzia a sua pessoa, com os olhos brilhantes, as faces avermelhadas pelo álcool, um sorriso apatetado como se estivesse na companhia de pessoas de quem gostava. Era deveras constrangedor, mas tinha de levar em consideração que aquilo pertencia a outra vida.

Como é evidente, nenhuma história estaria completa sem uma rápida narrativa das estatísticas escabrosas da vida e morte de Troy Phelan — três mulheres, sete filhos, pelo menos os que se lhe conheciam, bens no valor de mais ou menos onze mil milhões de dólares, sem esquecer o seu último voo da varanda de um décimo quarto andar.

O doutor O'Riley não pudera ser contactado para qualquer comentário. Por seu lado, o doutor Stafford não tinha nada a acrescentar. Os advogados dos outros herdeiros da família Phelan já haviam dito tanta coisa que, evidentemente, nenhum repórter lhes pedira que fizessem mais comentários.

Nate dobrou o jornal e regressou à casa de campo de Josh. Eram oito horas e trinta minutos. Ainda tinha hora e meia antes que os trabalhos de remodelação começassem na cave da igreja. Os sabujos agora já conheciam o seu nome, mas farejarem-lhe o rasto seria uma tarefa mais difícil. Josh arranjara as coisas de forma a que a sua correspondência transitasse através de uma caixa postal em D. C. Tinha um novo número de telefone que correspondia a um escritório em nome de Nathan F. O'Riley, Advogado. Os telefonemas eram atendidos por uma secretária no escritório de Josh que tomava nota das mensagens.

Em Saint Michaels, só o pároco e a mulher é que conheciam a sua identidade. Corria que Nate era um advogado endinheirado de Baltimore que andava a escrever um livro.

Manter-se escondido era um vício. Talvez fosse por essa razão que Rachel adoptara esse estilo de vida.

Todos os advogados dos Phelan, os quais, no seu todo, se sentiram electrificados com a notícia, receberam cópias das alegações de Rachel Lane.

Provava-se que ela estava viva e disposta a fazer-lhes frente, se bem que a sua escolha de advogado fosse um tanto ou quanto intrigante. A reputação de que O'Riley gozava era importante — um litigante eficiente, com rasgos de brilhantismo, mas que era incapaz de suportar as pressões da sua profissão. Contudo, os advogados da família Phelan desconfiavam que quem mandava dos bastidores era Josh Stafford, opinião que também era partilhada pelo juiz Wycliff. Fora ele quem dera a mão a O'Riley depois de um período de desintoxicação, de que ele saíra limpo de substâncias nocivas, e encarregara-o daquela causa, indicando-lhe a direcção da sala de tribunal.

Os advogados dos Phelan reuniram-se na sexta-feira de manhã no escritório da doutora Langhorne, um edifício de linhas modernas entre muitos dos que se situavam na Avenida Pensilvânia, no bairro empresarial. A sua firma almejava alcançar o topo — com apenas quarenta advogados não tinha dimensão suficiente para atrair os clientes mais importantes do mundo empresarial, o que não obstava a que a administração fosse ambiciosa. A decoração era ostensiva, com traços de pretensões mais elevadas, os tiques de um bando de advogados desesperados por entrarem nas altas esferas da advocacia.

Haviam combinado reunir-se uma vez por semana, todas as sextas-feiras às oito da manhã, reuniões essas que não deveriam ultrapassar duas horas, e cuja finalidade era discutirem os aspectos litigiosos da herança Phelan, na sequência do que arquitectavam planos de acção. A ideia partira de Langhorne. Apercebera-se de que teria de desempenhar o papel de mediadora, enquanto os rapazes se mantinham ocupados a pavonearem-se entre discórdias mesquinhas. Para não mencionar que havia muito dinheiro que poderia vir a ser perdido num julgamento onde os requerentes, todos num dos lados da sala, se apunhalavam pelas costas.

Pelo menos na sua opinião, parecia-lhe que as investidas haviam chegado ao fim. Os seus clientes, Geena e Cody, mantinham-se inabaláveis. Ao que tudo indicava, Yancy conseguia manter as rédeas de Ramble bem esticadas. Por seu lado, Wally Bright vivia praticamente com Libbigail e Spike.

Hark representava os outros três — Troy Júnior, Rex e Mary Ross -, parecendo dar-se por satisfeito com o que lhe coubera em sorte. A poeira começara a assentar em redor dos herdeiros. Os relacionamentos eram cada vez mais familiares. As questões em jogo haviam sido definidas. Os advogados compreendiam que a única opção era trabalhar em equipa, caso contrário corriam o risco de vir a perder a causa.

A questão número um era Snead. Tinham passado horas consecutivas a

ver os vídeos dos seus primeiros esforços como testemunha; todos haviam preparado apontamentos minuciosos para aperfeiçoar o desempenho do homem. Os enredos que engendravam eram vergonhosos. Yancy, em épocas passadas, aspirara a vir a ser argumentista, chegando ao ponto de elaborar um guião de cinquenta páginas destinado a Snead, em que as alegações despudoradas eram suficientes para fazer com que o pobre Troy Phelan parecesse ter sido completamente desarranjado do juízo.

A número dois era Nicolette, a secretária. Dentro de alguns dias tencionavam submetê-la impiedosamente à prova do vídeo, sendo necessário que ela dissesse determinadas coisas. Bright saiu-se com a ideia de que talvez o velho tivesse sido acometido por uma trombose, enquanto tinha relações sexuais com ela horas antes de se submeter ao exame levado a cabo pelos três psiquiatras, o que poderia ser testemunhado em tribunal tanto por Nicolette como por Snead. Uma trombose traduzir-se-ia numa diminuição das suas capacidades mentais. Uma ideia que não era descabida de todo e que, de uma maneira geral, foi bem aceite por todos, tendo dado origem a uma discussão alongada sobre a autópsia. O pobre do homem, estatelado no piso de tijoleira, tendo sofrido um trauma terrível no crânio, tal como seria de esperar. Poderia a autópsia revelar a existência de uma trombose? A questão número três prendia-se com os peritos contratados pelos advogados. O psiquiatra de Grit abandonara apressadamente o caso juntamente com este, pelo que haviam ficado reduzidos a quatro, um por cada firma. Durante um julgamento, quatro não seria um número difícil de gerir, de facto, quatro poderiam ser persuasivos, muito em especial se todos chegassem às mesmas conclusões, ainda que por vias diversas. Todos concordaram em que também deveriam ensaiar os testemunhos dos seus psiquiatras, submetendo-os a um interrogatório cerrado, em que tentariam abalar os seus testemunhos exercendo sobre eles em elevado grau de pressão.

A número quatro tinha a ver com outras testemunhas. Era forçoso que encontrassem outras pessoas que tivessem mantido contactos com o velho, durante os últimos dias que antecederam a sua morte. Snead poderia ajudá-los nesse assunto.

A última alínea a ser debatida era a presença de Rachel Lane e do seu advogado.

— Não existe nada no processo que tenha sido assinado por essa mulher — disse Hark. — É como se fosse uma renúncia de direitos. Ninguém sabe onde vive, à excepção do advogado que a representa, e esse não diz nada quanto a esse assunto. Foi preciso um mês para que descobrissem o seu paradeiro. Ela

ainda não assinou nada. Tecnicamente, o tribunal não tem jurisdição sobre ela. Na minha opinião, é por demais evidente que esta mulher sente relutância em se dar a conhecer.

— O que também acontece com algumas das pessoas que ganham a sorte grande — interveio Bright. — Querem manter o assunto em segredo, para que todos os vadios da vizinhança não comecem a bater às suas portas.

— E se ela não quiser aceitar o dinheiro? — sugeriu Hark, uma pergunta que deixou todos os presentes estupefactos. — Isso é um autêntico disparate — contrapôs Bright, impelido pelo seu instinto com as palavras a morrerem-lhe na boca, ao considerar a probabilidade do impossível.

Enquanto abanavam a cabeça, numa manifestação de incredulidade, Hark insistiu no assunto.

— Trata-se apenas de um pensamento, mas acho que devíamos levá-lo em linha de conta. Ao abrigo da lei em vigor na Virgínia, qualquer pessoa poderá renunciar a uma doação testamentária. Nesse caso, a herança continuará a fazer parte do património, sujeita às provisões dos demais bens. Na hipótese de este testamento vir a ser dado como nulo, e não existirem outros testamentos, isso significa que os sete filhos de Troy Phelan partilharão em partes iguais o espólio no seu todo. Admitindo que Rachel Lane renunciaria a todos os bens, os nossos clientes acabariam por partilhá-los entre si.

Os cálculos estonteantes começaram a desfilar pelo pensamento dos advogados. Onze mil milhões de dólares, menos o que seria deduzido em imposto sucessório, a dividir por seis. A este número aplicar-se-ia a percentagem acordada, e estariam perante a probabilidade de uma riqueza considerável. Os honorários de sete dígitos transformaram-se em honorários compostos por oito dígitos.

— Essa probabilidade parece-me um tudo nada forçada — argumentou Langhorne numa voz lenta enquanto o seu cérebro continuava num frenesi, elaborando os cálculos matemáticos.

— Não estou assim tão seguro de que seja — redarguiu Hark. Era óbvio que ele sabia mais do que os outros. Uma renúncia de direitos é um documento muito simples de executar.

Esperar-se-á que nós acreditemos que o doutor O'Riley viajou até ao Brasil, encontrou Rachel Lane, pô-la ao corrente do que aconteceu a Troy Phelan, fez com que ela o contratasse, mas não conseguiu obter uma simples assinatura num documento, pouco extenso, que daria ao tribunal o poder de jurisdição? Há qualquer coisa aqui que não bate certo.

— Brasil? — interrogou Yancy, o primeiro a reagir. — Sim. Ele acabou de regressar do Brasil. — Como é que teve conhecimento dessa viagem? Com movimentos lentos, Hark pegou numa pasta de cartolina de onde retirou alguns papéis.

— Tenho um investigador que é muito bom — informou ele. Na sala fez-se silêncio. — Ontem, depois de ter recebido as alegações de Rachel Lane e o depoimento ajuramentado do doutor O'Riley, tal como vocês receberam, telefonei para esse investigador. Em três horas apenas, inteirou-se do seguinte: No dia vinte e dois de Dezembro, Nate O'Riley partiu do Aeroporto de Dulles a bordo do voo directo 882 da Varig com destino a São Paulo. Quando chegou a essa cidade, seguiu num outro voo da Varig, o 146, para Campo Grande, onde apanhou o voo doméstico da Air Pantanal até uma pequena cidade do interior, Corumbá, onde chegou no dia vinte e três. Ele permaneceu nessa região durante quase três semanas, após o que regressou ao Aeroporto de Dulles.

— Talvez tenha ido de férias — alvitrou Bright entredentes. Estava tão abismado como os outros.

— É possível, mas duvido muito. O doutor O'Riley passou o último Outono numa clínica de desintoxicação, o que não aconteceu pela primeira vez. Estava na clínica quando Troy saltou para a morte. Teve alta no último instante, no mesmo dia em que partiu para o Brasil. A viagem tinha um único objectivo: descobrir Rachel Lane. — Como é que está a par de tudo isso? — perguntou Yancy sem se conseguir conter.

-Na realidade, estas informações não são muito difíceis de obter. Especialmente, os pormenores relativos aos voos. Qualquer detective particular é capaz de as obter.

— Como é que soube que ele estava internado numa clínica de desintoxicação? — Espiões — replicou Hark sem adiantar mais nada. Fez-se um grande silêncio dando-lhes tempo para digerirem aquela resposta. Sentiam-se todos imbuídos de um sentimento ambivalente: desprezo e admiração por Hark. Dava a impressão de estar sempre de posse de informações que desconheciam, e contudo, naquela altura ele estava do seu lado. Formavam uma equipa.

— Estamos perante a situação de saber quem é que levará a melhor — continuou Hark. — Vamos insistir para que o processo seja tornado público o mais depressa possível. Vamos atacar a validade do testamento como se a nossa vida dependesse disso. Não vamos dizer nada quanto ao facto de o tribunal não ter jurisdição sobre Rachel Lane. Caso ela não compareça pessoalmente, ou por documento que protele a aceitação dos seus direitos, então teremos uma

indicação excelente de que não deseja tomar posse da herança.

— Jamais acreditarei numa coisa dessas — disse Bright. — O que se deve ao facto de você ser um advogado. — E você, o que é que é? — O mesmo, com a diferença que não sou tão ganancioso. Quer acredite quer não, Wally, existem pessoas neste mundo que não são motivadas pelo dinheiro.

— São em número de vinte — interveio Yancy. — E são todos meus clientes.

Ouviram-se algumas risadas tímidas que desanuviaram a tensão. Antes de darem a reunião por encerrada, uma vez mais os advogados forçaram-se em concordar que tudo o que havia sido dito era confidencial. Embora todos acatassem essa decisão, nenhum confiava inteiramento nos outros. As notícias respeitantes ao Brasil eram particularmente melindrosas.

QUARENTA E TRÊS

O sobrescrito era castanho e ligeiramente maior do que o tamanho normalizado. Além da indicação do destinatário em Houston, a organização Tribos Universais, estava escrito em letras de imprensa a negro: Para Rachel Lane, Missionária na América do Sul, Pessoal e Confidencial.

Foi recebido pelo funcionário que distribuía a correspondência, que o examinou durante alguns momentos antes de o fazer seguir para o andar de cima, onde seria entregue a um dos seus superiores hierárquicos. O sobrescrito continuou a sua jornada ao longo da manhã até que foi parar, ainda por abrir, à secretária de Neva Colher, a coordenadora da Missões da América do Sul. Ficou sem respiração, não querendo acreditar no que via — ninguém sabia que Rachel Lane era uma das missionárias da Tribos Universais. Isto é, ninguém além dela própria.

Era evidente que quem fizera transitar o sobrescrito não estabelecera a ligação entre o nome do destinatário e o nome que aparecera nas notícias mais recentes. Era uma manhã de segunda-feira, dia em que os escritórios não estavam muito activos.

Neva trancou a porta do seu gabinete. No interior do sobrescrito havia uma carta endereçada a «Quem Conheça a Interessada», acompanhada de um outro sobrescrito mais pequeno devidamente fechado. Começou a ler as palavras em voz alta, estupefacta, ao constatar que havia alguém que conhecia, ainda que parcialmente, a identidade de Rachel Lane. «Para Quem Conheça a Interessada, Em anexo, envio uma carta endereçada a Rachel Lane, uma das vossas missionárias que trabalha no Brasil. Agradeço que lhe seja enviada por abrir.

Conheci Rachel há mais ou menos duas semanas. Encontrei-a no Pantanal, a viver entre os índios ipicas, onde, tal como é do vosso conhecimento, ela vive há onze anos. O objectivo da minha visita foi tratar de uma questão de natureza jurídica que se encontra pendente. Para vossa informação, acrescento que ela está bem. Prometi a Rachel que não daria a conhecer a ninguém, quaisquer que fossem as circunstâncias, o local onde vive. Ela não deseja ser perturbada com mais qualquer assunto de carácter jurídico, e eu concordei em respeitar o seu desejo.

Ela precisa de dinheiro para comprar um barco novo a motor, e também tem necessidade de fundos adicionais que lhe permitam adquirir medicamentos. Será com todo o prazer que enviarei um cheque a favor da vossa organização que cubra estas despesas; só têm de me informar dos pormenores para que possa fazer esta doação.

Tenciono voltar a escrever a Rachel, apesar de não fazer a mais pequena ideia da maneira como a correspondência chega às suas mãos. Será possível que me façam o favor de me escreverem algumas linhas, dizendo-me se esta carta foi recebida e se a missiva que enviei a Rachel chegou às suas mãos? Com os meus agradecimentos.» Era assinada por Nate O'Riley. No rodapé da carta estava indicado um número de telefone em Saint Michaels, Maryland, assim como o endereço de um escritório de advogados em Washington. Manter correspondência com Rachel era bastante fácil. Duas vezes por ano, nos dias um de Março e Agosto, a Tribos Universais enviava encomendas para os correios de Corumbá. Nestas incluíam-se fornecimentos de medicamentos, literatura da religião cristã, e qualquer outra coisa de que ela pudesse necessitar ou desejar. A estação dos correios concordara em guardar as encomendas de Agosto durante trinta dias, e, caso não fossem levantadas, seriam devolvidas ao remetente em Houston. O que nunca acontecera. Em Agosto de todos os anos, Rachel fazia a sua caminhada anual até Corumbá, ocasião que aproveitava para telefonar para a organização, praticando o seu inglês durante dez minutos. Recebia as suas encomendas e voltava para junto dos ipicas. Em Março, depois da estação das chuvas, as encomendas eram enviadas rio acima, transportadas por uma chalana, sendo entregues numa das fazendas próximas da foz do rio Xeco. Mais cedo ou mais tarde, Lako acabava por ir buscá-las. Os embrulhos enviados em Março eram sempre mais pequenos do que os que eram remetidos em Agosto. Ao longo de onze anos, Rachel nunca recebera uma carta que lhe fosse endereçada pessoalmente, pelo menos através da organização Tribos Universais.

Neva copiou para um bloco de apontamentos o número de telefone e a morada, após o que escondeu a carta dentro de uma gaveta.

Enviá-la-ia dentro de mais ou menos um mês, juntamente com as encomendas que seguiam sempre em Março.

Trabalharam durante quase duas horas, cortando placas com cerca de sessenta centímetros por metro e vinte, que se destinavam à sala de aula seguinte. O chão estava coberto de serradura. O som da serra com que cortavam a madeira continuava a ecoar nos ouvidos dos dois homens. Estava na hora de tomarem um café. Sentaram-se no chão com as costas contra a parede, perto de

um aquecedor portátil. Encheram as chávenas com um café com leite forte contido numa garrafa termos.

— Ontem perdeu um sermão excelente — disse Phil com um esgar sorridente.

— Onde?

— O que é que quer dizer com isso, onde? Aqui, é claro.

— Qual foi o tema?

— O adultério.

— A favor ou contra?

— Contra, como sempre.

— Não me parece que esse assunto seja um grande problema entre os seus paroquianos.

— Costumo fazer este sermão uma vez por ano.

— Sempre o mesmo sermão?

— Sim, mas sempre actualizado.

— Quando é que foi a última vez que um membro da sua congregação teve um problema de adultério? — Há uns dois anos. Um dos membros mais jovens da nossa paróquia convenceu-se de que o marido tinha outra mulher em Baltimore. Ele tinha de viajar até lá uma vez por semana por causa dos seus negócios, tendo ela reparado que quando ele regressava a casa era um homem diferente. Tinha mais energia, mais entusiasmo pela vida. Esse estado de espírito mantinha-se durante uns dois ou três dias, após o que ele assumia a sua personalidade habitual, mostrando-se carrancudo. Ela convenceu-se de que ele se tinha apaixonado.

— Deixe-se de rodeios. — Ele ia consultar um quiroprático.

Phil riu-se estrondosamente através do nariz, emitindo um som cacarejante que era contagiante e que, habitualmente, era mais divertido do que o final de qualquer piada. Quando o ataque de bom humor passou, beberam o café simultaneamente. — Na sua outra vida, Nate, alguma vez teve problemas com o adultério? — perguntou Phil.

— Nunca, de maneira alguma. Não se tratava de um problema, mas sim de uma maneira de viver. Eu andava atrás de tudo o que caminhasse. Qualquer mulher, mais ou menos atraente, não significava mais do que uma «rapidinha» potencial. Eu era casado, mas nunca pensei que estivesse a cometer adultério. Não era um pecado; era um mero jogo. Phil, eu era um cachorrinho doente. — Não devia ter-lhe feito essa pergunta.

— Não, pelo contrário, a confissão faz bem à alma. Sinto vergonha da

pessoa que costumava ser. Das mulheres, das bebidas, das drogas, dos bares, das rixas, dos divórcios, dos filhos que negligenciei... a minha vida estava num autêntico caos. Quem me dera poder voltar a esses dias para alterar a minha atitude. Mas é importante que agora não me esqueça o ponto até onde avancei. — Ainda lhe restam muitos anos bons, Nate.

— Só espero que sim. A questão é que não tenho a certeza do que fazer daqui para a frente. — Seja paciente. Deus mostrar-lhe-á o caminho.

— Claro que sim, à velocidade a que avançamos, tudo me diz que posso vir a ter uma carreira bastante prolongada por aqui. Phil sorriu mas não desatou a rir com o seu riso casquinado. — Continue a estudar a Bíblia, Nate, e reze. Deus precisa de pessoas como você. — Suponho que sim.

— Confie em mim. Levei dez anos até encontrar a vontade de Deus. Durante algum tempo corri sem rumo certo, mas depois parei e escutei. A pouco e pouco, Ele indicou-me o caminho da religião. — Nessa altura, que idade tinha? — Tinha trinta e seis anos quando entrei no seminário. — Era o mais velho? — Não. Não é invulgar ver pessoas na casa dos quarenta que frequentam o seminário. Está sempre a acontecer.

— Quantos anos é que são necessários?

— Quatro anos.

— É pior do que a Faculdade de Direito.

— Não foi mau, mesmo nada. De facto, foi bastante agradável.

— Não posso dizer o mesmo em relação à Faculdade de Direito. Continuaram a trabalhar por mais uma hora até à hora do almoço. Finalmente, a neve começara a derreter-se na sua totalidade, e havia um restaurante onde Phil gostava de ir, um pouco mais à frente, em Tilgham, cuja especialidade era caranguejos. Nate sentia-se ansioso por poder pagar-lhe um almoço.

— Tem um belo carro — comentou o pároco enquanto colocava o cinto de segurança. A serradura que tinha nos ombros espalhou-se pela superfície do assento de pele do Jaguar, cujo interior não tinha um grão de poeira. O que para Nate era completamente indiferente. — É um carro de advogado; claro que o comprei em leasing, uma vez que não tinha dinheiro para o comprar a pronto. Pago oitocentos dólares por mês. — Lamento muito.

— Adoraria ver-me livre dele e comprar um pequeno jipe ou qualquer coisa do género.

A Estrada 33 estreitava-se na linha limítrofe da pequena cidade; pouco depois rolavam pela via sinuosa que acompanhava a baía. Estava deitado na cama, embora não estivesse a dormir, quando a campainha do telefone tocou.

Eram apenas vinte e duas horas, mas o seu organismo continuava habituado à rotina de Walnut Hill, a despeito da viagem que fizera ao hemisfério sul. Por vezes, ainda sentia alguma fadiga residual que lhe ficara da febre de dengue. Era difícil acreditar que durante grande parte da sua vida profissional tinha trabalhado até às nove e dez da noite, jantando num bar qualquer onde ficaria a beber até à uma da madrugada. Sentiu-se deprimido só de pensar nesse modo de vida. Dado ser raro que o telefone tocasse, atendeu imediatamente com o pressentimento de que aquele telefonema não lhe traria boas notícias.

— Gostaria de falar com o doutor Nate O'Riley, por favor — disse uma voz feminina.

— Fala Nate O'Riley.

— Boa-noite, senhor doutor. O meu nome é Neva Colher; recebi uma carta sua endereçada à nossa amiga no Brasil.

A coberta da cama foi arremessada para o chão enquanto Nate dava um salto para fora da cama.

— Sim! Recebeu a minha carta? — Recebemos. Li-a esta manhã e vou remeter a Rachel a missiva que lhe enviou.

— Magnífico! Como é que ela costuma receber a correspondência? — Ao longo do ano, em datas previamente combinadas, envio-a para Corumbá.

— Agradeço-lhe essa informação. Gostaria de lhe escrever outra vez.

— Isso não constitui problema nenhum, mas por favor não ponha o nome dela nos sobrescritos.

Foi então que ocorreu a Nate que seriam vinte e uma horas em Houston. Estava a ligar-lhe de casa, o que lhe pareceu um tanto estranho. A voz não deixava de ser simpática, ainda que desse a sensação de estar a apalpar o terreno. — Há algum problema? — perguntou Nate.

-Não, excepto que aqui ninguém tem conhecimento da verdadeira identidade de Rachel. Isto é, ninguém além de mim. Agora que o senhor está envolvido, existem duas pessoas no mundo que sabem onde é que ela vive e quem é.

— Ela obrigou-me a jurar-lhe que nunca divulgaria esse segredo. — Foi-lhe difícil encontrá-la? — Pode-se dizer que sim. No seu lugar, não me preocuparia com a possibilidade de mais alguém descobrir o seu paradeiro. — Mas como é que conseguiu? — Através do pai. Tem conhecimento de Troy Phelan? — Tenho. Comecei a recortar os jornais.

-Antes de ter deixado este mundo, ele descobriu-lhe o rasto até ao Pantanal. Não faço a mínima ideia de como é que ele conseguiu essa proeza.

— Tinha os meios necessários.

— De facto tinha. De uma maneira geral, sabíamos onde é que ela se encontrava e fui até lá, contratei um guia, perdemo-nos mas acabámos por encontrá-la. Conhece-a bem? — Não estou bem certa se haverá alguém que conheça bem a Rachel. Ela telefona todos os anos de Corumbá para Augusta, a fim de falar comigo. Há cinco anos tentou gozar uma licença, altura em que almocei com ela uma vez. Mas não, não posso dizer que a conheça muito bem. — Recentemente, teve notícias dela? — Não — respondeu Neva Collier.

Rachel estivera em Corumbá há duas semanas. Nate tinha a certeza disso porque ela fora ao hospital. Tinha falado com ele, tocara-lhe e depois desvanecera-se juntamente com as febres. Mas não ligara para os escritórios da missão? Que estranho. — Ela está bem — continuou Nate. — Muito à vontade com a sua gente. — O que é que o levou a querer encontrá-la? — Alguém tinha de o fazer. Compreende o que o pai fez? — Estou a tentar entender.

— Alguém tinha de notificar Rachel, o que só poderia ser feito por um advogado. Por um mero acaso, eu era o único advogado da firma que não tinha mais nada que fazer na altura.

— E agora representa-a, não é verdade? — Tem andado a prestar atenção? — É muito possível que o nosso interesse não seja passageiro. Ela é uma de nós e encontra-se, por assim dizer, fora do nosso alcance. — A sua afirmação peca por defeito.

— O que é que ela tenciona fazer com respeito à herança que o pai lhe deixou? Nate esfregou os olhos fazendo uma pausa deliberada com o objectivo de protelar a continuação do diálogo. A senhora simpática do outro lado da linha estava a adiantar-se de mais. Nate duvidava que ela se apercebesse disso.

— Não quero ser grosseiro, Ms. Collier, mas não posso discutir consigo os assuntos de que Rachel e eu conversámos sobre a questão da herança que o pai lhe deixou.

— Claro que não. Não foi minha intenção intrometer-me. Mas acontece que não sei bem o que é que a Tribos Universais deve fazer nesta fase.

— Nada. A vossa organização não tem de se envolver, a menos que Rachel vos peça que intervenham.

— Estou a ver. Por conseguinte, devo limitar-me a acompanhar os acontecimentos através dos jornais.

— Tenho a certeza de que o processo será muito bem documentado. — O senhor aludiu a algumas coisas de que ela tem necessidade no Pantanal.

Nate contou-lhe a história da garotinha que morrera devido à falta de um

antídoto.

— Em Corumbá não consegue encontrar os medicamentos de que carece. Adoraria poder enviar-lhe tudo aquilo de que ela precisa. — Obrigada. Pode remeter o dinheiro à minha atenção para a organização Tribos Universais, e eu certificar-me-ei de que ela receba as provisões. Temos quatro mil missionários como Rachel espalhados por todo o mundo; os nossos orçamentos não chegam para acudir a todas as necessidades.

— As outras são tão extraordinárias como Rachel? — São. Foram escolhidas por Deus.

Combinaram em manter-se em contacto. Nate enviar-lhe-ia todas as cartas que lhe apetecesse escrever. Neva remetê-las-ia para Corumbá. Se qualquer um deles recebesse notícias de Rachel, deveria telefonar ao outro.

De volta à cama, Nate reproduziu a gravação que fizera da conversa. As coisas que ficaram por dizer eram espantosas. Rachel acabara de receber através dele a notícia de que o pai morrera, tendo-lhe legado uma das maiores fortunas do mundo. Depois, chegara furtivamente a Corumbá porque Lako lhe dissera que Nate se encontrava gravemente doente. Em seguida partira, sem telefonar a ninguém da organização Tribos Universais para discutir o assunto do dinheiro.

Quando a deixara na margem do rio, estava convencido de que ela não tinha o mínimo interesse no dinheiro. Agora estava ainda mais convencido disso.

QUARENTA E QUATRO

O «Grande Prémio» dos depoimentos teve início na segunda-feira, no dia dezassete de Fevereiro, numa sala espartana do tribunal do condado de Fairfax. Era uma sala para testemunhas, mas o juiz Wycliff conseguira puxar alguns cordelinhos, tendo-a reservado para as duas últimas semanas do mês. Estavam agendadas, pelo menos, quinze pessoas que apresentariam o seu testemunho; os advogados eram incapazes de se pôr de acordo quanto aos lugares e horas. Wycliff tivera de intervir. Os depoimentos seriam dados de uma maneira organizada, um após outro, hora após hora, dia após dia, até que o último fosse ouvido. Era raro que houvesse uma maratona judicial como aquela, mas havia que levar em linha de conta a raridade do que se encontrava em jogo. Os advogados haviam demonstrado uma capacidade deveras espantosa para disponibilizarem as suas agendas, de forma a poderem estar presentes aquando da fase da leitura pública do processo Phelan. Alguns julgamentos tiveram de ser adiados; outros depoimentos tinham sido cancelados; prazos importantes foram prorrogados; a leitura de outros processos fora entregue a colegas de profissão; marcações de férias foram alegremente adiadas até ao Verão. Os associados foram incumbidos de causas de menor relevância. Nada era tão importante como as complicações do caso Phelan. Para Nate, a perspectiva de passar uma quinzena numa sala de tribunal apinhada de advogados, com testemunhas que seriam impiedosamente interrogadas, era um tormento que se assemelhava bastante ao inferno.

Uma vez que a sua cliente não queria o dinheiro, por que razão é que ele se haveria de preocupar com quem o viesse a herdar? No entanto, a sua atitude alterou-se quando conheceu os herdeiros Phelan. O primeiro chamado a depor foi o senhor Troy Phelan Júnior. O oficial de diligências fê-lo jurar que só diria a verdade, mas com o seu olhar dissimulado e faces avermelhadas, ao cabo de poucos segundos de se ter sentado à cabeceira da mesa, perdeu toda e qualquer credibilidade que pudesse ter merecido até então. Assestada ao seu rosto, na cabeceira oposta, estava uma câmara de vídeo.

O pessoal de Josh preparara centenas de perguntas com que Nate devia massacrar a testemunha. As investigações, e demais trabalho jurídico, haviam

ficado a cargo de meia-dúzia dos seus associados, pessoas que Nate nunca viria a conhecer. Todavia, poderia, de improviso, atacar aquela sessão judicial sem a mínima preparação. Não passava de um mero depoimento, que ele se encarregaria de refutar com a maior das facilidades; Nate passara por situações similares em mil ocasiões.

Apresentou-se a Troy Júnior que o brindou com um pequeno sorriso de nervosismo, assemelhando-se bastante com o condenado que olha para o seu carrasco. «Isto não vai doer, pois não?», parecia perguntar.

— Neste momento, encontra-se sob a influência de quaisquer substâncias ilegais, medicamentos prescritos por um médico ou álcool? — começou Nate a perguntar com uma expressão cordial, o que suscitou inquietação nos advogados dos Phelan sentados no outro extremo da mesa. Apenas Hark o compreendeu. Ao longo da sua carreira, já ouvira quase tantos depoimentos como Nate O'Riley. O sorriso sumiu-se dos lábios de Troy Júnior.

-Não, não estou — ripostou ele. Sentia a cabeça a latejar sob os efeitos de uma ressaca, se bem que naquela altura estivesse sóbrio.

— E compreende que acabou de jurar que só diria a verdade?

— Sim.

— Sabe qual o significado da palavra perjúrio?

— Claro que sei.

— Qual é o seu advogado? — perguntou Nate fazendo um gesto com a mão na direcção dos que estavam sentados no lado oposto. — Hark Gettys.

A arrogância que o doutor O'Riley patenteava voltou a inflamar os outros advogados, sentimento que desta feita também foi partilhado por Hark. Nate nem se dera ao incómodo de se inteirar da identidade de cada advogado, tão-pouco se informara de qual o cliente que cada um deles representava. O desdém que sentia por todo o grupo era-lhes ofensivo.

Durante os primeiros dois minutos, Nate instigara o espírito grosseiro que continuaria a persistir ao longo do dia. Não restava qualquer dúvida de que não tinha a mínima confiança em Troy Júnior, pensando que o fulano talvez estivesse sob o efeito da bebida. Era um truque muito antigo. — Com quantas mulheres é que já foi casado? — E você, quantas é que teve? — ripostou Júnior devolvendo-lhe a pergunta, após o que olhou para o seu advogado procurando um sinal de aprovação.

Nate não perdeu a serenidade. Quem é que poderia saber o que os advogados da família Phelan teriam andado a dizer nas suas costas? Mas isso não lhe interessava.

— Permita-me que lhe explique uma coisa, senhor Phelan — continuou Nate sem mostrar o mais pequeno indício de irritação. — Vou abordar este assunto muito devagar, portanto ouça-me com toda a atenção. Eu é que sou o advogado, o senhor é a testemunha. Até aqui, estou a fazer-me entender? Num gesto lento, Troy Júnior acenou com a cabeça.

— O senhor não faz perguntas, limita-se a dar respostas. Compreende o que lhe estou a dizer? A testemunha acenou de novo.

— O senhor não faz perguntas e eu não dou respostas. Está a perceber?

— Sim, sim.

— Ora vamos lá ver, não me parece que tenha dificuldades em dar-me respostas se prestar atenção às perguntas. Estamos entendidos? Júnior acenou outra vez.

— Continua confuso sobre alguma coisa?

— Não, não.

— Esplêndido. Caso venha a sentir-se confuso de novo, por favor, sinta-se à vontade para consultar o seu advogado. Estou a fazer-me entender?

— Eu compreendo.

— Magnífico. Tentemos mais uma vez. Com quantas mulheres é que foi casado?

— Com duas.

Uma hora mais tarde deram o assunto dos casamentos por terminado, assim como o dos filhos e dos divórcios. Júnior suava profusamente perguntando a si mesmo por mais quanto tempo é que o seu depoimento se arrastaria. Os advogados dos Phelan olhavam com uma expressão abstracta para alguns papéis, interrogando-se sobre a mesmíssima coisa. Contudo, Nate ainda nem sequer consultara nenhuma das páginas dos papéis que lhe haviam preparado. Era capaz de descascar a pele de qualquer testemunha fitando-a simplesmente nos olhos, fazendo-lhes uma pergunta que levaria à seguinte. Para ele, não existia nenhum pormenor que fosse demasiado insignificante para merecer ser investigado. «Que liceu é que a sua primeira mulher frequentou, faculdade e primeiro emprego? Foi o primeiro casamento dela? Dê-nos o historial dos seus empregos. Agora falemos do divórcio.

Quanto é que ficou estabelecido que pagaria em pensão alimentar ao seu filho? Satisfez sempre esses pagamentos?» Em grande parte, o testemunho não tinha a menor utilidade para o caso em questão, não se destinando a obter informações, mas a irritar a testemunha, advertindo-o implicitamente de que tinha podres no seu passado que poderiam vir a ser revelados. Fora ele quem

instaurara o processo. Consequentemente, teria de sofrer aquele interrogatório.

O historial dos empregos levou-os até quase à hora do almoço. Troy Júnior atrapalhou-se muito quando Nate o massacrou com perguntas sobre os vários empregos que tivera nas empresas do pai. Existiam dúzias de testemunhas que poderiam ser chamadas a depor, as quais refutariam a versão que ele apresentava, afirmando o seu elevado grau de eficiência profissional. À medida que nomeava cada um dos empregos, Nate perguntava-lhe o nome de todos os seus colegas de trabalho e dos supervisores. A cilada fora armada. Hark deu-se conta da sua aproximação, o que o levou a pedir que a audiência fosse suspensa. Saiu para o átrio com o seu cliente, onde lhe fez sermão dizendo-lhe que tinha de se cingir à verdade. A sessão da tarde foi brutal. Nate fez perguntas à testemunha sobre o legado de cinco milhões de dólares que recebera por ocasião do seu vigésimo primeiro aniversário, altura em que todo o painel de advogados dos Phelan pareceu ficar hirto de espectativa.

— Isso já aconteceu há muito tempo — replicou Troy Júnior com uma expressão de resignação. Decorridas quatro horas com Nate O'Riley, sabia antecipadamente que a volta seguinte seria dolorosa.

— Ora bem, tentemos avivar-lhe a memória — prosseguiu Nate com um sorriso nos lábios. Não mostrava quaisquer sinais de fadiga. Na verdade, passara por situações idênticas tantas vezes que chegava a mostrar alguma ânsia de aprofundar todo e qualquer pormenor.

A sua actuação era soberba. Odiava ser obrigado a estar ali a atormentar pessoas que esperava sinceramente jamais voltar a ver. Quantas mais perguntas Nate fazia, mais determinado se sentia a iniciar uma nova carreira profissional.

— Como é que o dinheiro lhe foi oferecido? — perguntou.

— Inicialmente foi depositado numa conta bancária.

— E tinha acesso a essa conta, certo?

— Sim, tinha — confirmou Júnior.

— Havia mais alguém que fosse titular dessa mesma conta? — Não. Só eu.

— Como é que retirou esse dinheiro da conta? — Passei cheques.

Não restavam dúvidas de que os passara. A sua primeira aquisição fora um Maseratti azul-escuro, novinho em folha. Falaram sobre o diabo do automóvel durante quinze minutos.

Depois de ter ficado de posse daquele dinheiro, Troy Júnior nunca mais voltara a frequentar qualquer das faculdades por onde passara, não que qualquer delas se mostrasse ansiosa pelo seu regresso às aulas. Limitara-se a passar a vida

em festas, embora esta informação não tivesse sido dada sob a forma de uma confissão. Nate massacrou-o acerca dos empregos que tivera desde os vinte e um anos até aos trinta, e pacientemente conseguiu deslindar factos suficientes para revelar que Troy Júnior nunca trabalhou durante esse período de nove anos. Jogava golfe e râguebi, trocava de carros com o maior dos gostos, passou um ano nas Bahamas e outro em Vail; tinha vivido maritalmente com um número extraordinário de mulheres, antes de acabar por casar com a número dois quando tinha vinte e nove anos, permitindo-se uma vida em grande estilo até que o dinheiro se acabou. Foi então que o filho pródigo se arrastou até à presença do pai, pedindo-lhe que lhe desse emprego.

Com o decorrer da tarde, Nate começou a visualizar o descalabro que aquela testemunha semearia para si própria e para aqueles que o rodeavam, caso conseguisse deitar as suas mãos gananciosas à fortuna de Troy Phelan. Com esse dinheiro, era inquestionável que ele acabaria por se matar.

Às dezasseis horas, Troy Júnior pediu para ser dispensado o resto do dia. Nate recusou. Durante o intervalo que se seguiu, o juiz Wycliff, no seu gabinete ao fundo do corredor, recebeu uma mensagem. Enquanto aguardavam, Nate olhou pela primeira vez para as perguntas que Josh lhe preparara.

A mensagem com a resposta que veio do gabinete do juiz instruía a continuação dos trabalhos.

Uma semana depois do suicídio de Troy Phelan, Josh contratara uma firma de investigações, incumbindo-os da missão de investigarem todos os herdeiros da família Phelan. Essas investigações cingiram-se mais aos aspectos de natureza económica do que aos pessoais. Nate fez uma súmula dos pontos mais relevantes enquanto a testemunha fumava um cigarro no corredor.

— Que tipo de carro é que conduz actualmente? — perguntou Nate quando Troy retomou o seu depoimento. O interrogatório tomara outra direcção.

-Um Porsche.

— Quando é que o comprou? — Já o tenho há algum tempo.

— Tente responder com precisão à pergunta que lhe fiz. Quando é que o comprou?

— Há uns dois meses.

— Antes ou depois da morte do seu pai?

— Não tenho a certeza. Acho que foi antes. Nate ergueu uma folha de papel.

— Em que dia é que o seu pai faleceu? — Deixe-me pensar. Sei que foi numa segunda-feira, hum... parece-me que foi no dia nove de Dezembro.

— Comprou esse Porsche antes ou depois do dia 9 de Dezembro? — Tal como já lhe disse, acho que foi antes.

-Não, uma vez mais está enganado. No dia 10 de Dezembro, uma terça-feira, foi à Irving Motors, em Arlington, onde adquiriu um Porsche Carrera turbo 911, preto, pelo preço de noventa mil dólares, mais coisa menos coisa, certo?- Nate fez a pergunta enquanto lia uma folha de papel.

Troy Júnior mostrou-se agitado, voltando a demonstrar que se sentia nervoso. Olhou para Hark que encolheu os ombros, como se lhe dissesse: «Responda à pergunta. Ele tem os papéis com essa informação.»

— Sim, comprei.

— Nesse dia, comprou mais alguns automóveis?

— Sim — confirmou Troy Júnior.

— Quantos?

— Ao todo, dois.

— Dois Porsches?

— Sim — confirmou TJ.

— Num total de quase cento e oitenta mil dólares?

— Um valor que rondará esse montante.

— Como é que os pagou?

— Ainda não paguei.

— Isso significa que esses carros foram uma oferta que a Irving Motors lhe fez? — Não foi precisamente isso. Comprei-os a crédito. — E o senhor tinha condições para que lhe concedessem esse crédito? — Tinha, pelo menos na Irving Motors.

— Eles já lhe pediram que liquidasse essa dívida? — Sim, pode-se dizer que sim. Nate pegou em mais alguns papéis. — De facto, eles instauraram-lhe um processo para reaverem os automóveis ou para receberem o dinheiro em dívida, não é verdade? — Sim, é.

— Hoje transportou-se nesse Porsche para vir prestar o seu depoimento? — Sim. Está estacionado no parque de estacionamento. — Vamos lá a ver se sou capaz de compreender uma coisa. No dia 10 de Dezembro, no dia a seguir à morte do seu pai, o senhor foi à Irving Motors onde adquiriu dois carros de preço elevado, servindo-se de uma espécie qualquer de crédito, e agora, dois meses mais tarde, ainda não pagou um cêntimo sequer dessa dívida e foi processado. Correcto? A testemunha assentiu com um acenar de cabeça.

— Esse não é o único processo que lhe foi instaurado, não é verdade? — Não — aquiesceu Troy Júnior sentindo-se derrotado. Nate quase sentiu pena

dele.

Fora processado por uma companhia de aluguer de mobiliário por falta de pagamento. Devia à American Express mais de quinze mil dólares pelo cartão de crédito. Uma semana depois da leitura do testamento do pai fora processado por um banco. Júnior convencera essa instituição bancária a conceder-lhe um empréstimo de vinte e cinco mil dólares, tendo como fiador apenas o nome de família. Nate tinha cópias de todos esses processos litigiosos, que esmiuçou até ao último pormenor.

Às dezassete horas desencadeou-se outra disputa, em consequência da qual o juiz Wycliff recebeu outra mensagem. Este apareceu então pessoalmente na sala, inquirindo sobre o andamento do processo. — Quando é que lhe parece que poderá dispensar esta testemunha? — perguntou a Nate.

— O fim ainda não está à vista — replicou Nate fitando Júnior, que entrara num estado de transe, rezando em silêncio por uma bebida.

— Sendo assim, prossiga até às dezoito horas — instruiu Wycliff. — Podemos retomar a audiência amanhã às oito horas? — perguntou Nate como se falasse de uma ida à praia.

— Oito e meia — estabeleceu o juiz, abandonando a sala. Durante a última hora de interrogatório, Nate bombardeou Júnior com perguntas aleatórias que abordavam toda uma diversidade de assuntos. A testemunha não fazia a mais pequena ideia de qual o objectivo do seu interrogador; Júnior encontrava-se nas mãos de um mestre. Assim que se concentravam num tópico e Troy começava a sentir-se à vontade, Nate mudava logo o rumo das perguntas, atingindo-o com algo novo.

Que quantia em dinheiro é que tinha dispendido desde o dia 9 de Dezembro até ao dia 27, o dia em que se procedera à leitura do testamento? O que é que comprara à mulher como prenda de Natal, e como é que havia pago esses presentes? O que é que tinha comprado aos filhos? De volta ao assunto dos cinco milhões de dólares, investira algum dinheiro em acções ou títulos de investimento? Quanto é que Biff ganhara no ano anterior? Por que motivo é que a tutela dos filhos desta fora atribuída ao ex-marido? Quantos advogados é que contratara e dispensara desde a morte do pai? E assim por diante. Precisamente às dezoito horas, Hark pôs-se de pé, anunciando que o depoimento fora suspenso. Dez minutos mais tarde, Troy Júnior encontrava-se num bar no átrio de um hotel, a cerca de três quilómetros de distância.

Nessa noite, Nate dormiu no quarto das visitas da casa dos Stafford. Mrs. Stafford estava algures dentro de casa, mas ele não chegou a cruzar-se com ela.

Josh tinha ido a Nova Iorque numa viagem de negócios.

O segundo dia de interrogatórios teve início à hora indicada. O elenco era composto pelas mesmas personagens, apesar de os advogados terem optado por se vestirem de uma maneira mais informal. Júnior usava uma camisola de algodão encarnado. Nate reconheceu as feições de um bêbedo — olhos avermelhados rodeados pela pele inchada, o nariz e as bochechas rosadas, as gotículas de suor acima dos sobrolhos. Aquele rosto fora o seu durante muitos anos. Tratar uma ressaca fizera parte integrante da higiene matinal, tal como o chuveiro e o fio dental: «Toma uns comprimidos, bebe muita água e café forte. Se te vais comportar de maneira estúpida, há que ser duro.» — Compreende que continua sob juramento, senhor Phelan? — começou Nate por perguntar.

— Compreendo.

— Neste momento, está sob a influência de quaisquer substâncias ilegais ou de bebidas alcoólicas?

— Não, senhor doutor, não estou.

— Óptimo. Regressemos ao dia nove de Dezembro último, o dia em que o seu pai faleceu. Onde é que se encontrava quando ele foi examinado por três psiquiatras? — Estava no interior do edifício, numa sala de reuniões juntamente com a minha família.

— E teve oportunidade de verificar esse exame do princípio ao fim, certo?

— Assim foi.

— Haviam sido colocados dois monitores a cores na sala, não é verdade? Cada um tinha um ecrã com mais ou menos vinte e cinco centímetros de largura, correcto? — Se assim o diz. Não lhes medi a largura.

— Mas não há dúvida nenhuma de que conseguia vê-los, ou não? — Sim — confirmou Júnior. — O seu ângulo de visão não estava obstruído? — De facto tinha uma visão sem qualquer obstáculo.

— E tinha uma razão precisa para querer observar o seu pai de perto?

— Tinha, sim.

— Teve alguma dificuldade em ouvir o que ele dizia?. — Não.

Os advogados sabiam onde é que Nate pretendia chegar. Na perspectiva destes, tratava-se de um aspecto menos positivo do caso, mas que apesar disso não poderia ser evitado. Cada um dos seis herdeiros teria de percorrer aquela via-sacra. — Por conseguinte, observou e ouviu tudo o que se passou durante todo esse exame mental? — Assim foi. — Não lhe escapou coisa alguma? — Não me escapou nada — confirmou Troy Júnior.

— Desses três psiquiatras, o doutor Zadel foi contratado pela sua família, não é verdade?

— É verdade.

— Quem é que o contactou?

— Os advogados da família.

— Confiava nos seus advogados ao ponto de lhes permitir que contratassem os serviços de um psiquiatra? — Sim, confiava.

Ao longo dos dez minutos seguintes, Nate interrogou-o para que lhe dissesse com exactidão quais os motivos por que haviam seleccionado o doutor Zadel, para que este procedesse a um exame tão crucial e, durante o processo, Nate obteve aquilo que desejava. Zadel fora contratado porque possuía credenciais excelentes, tendo sido vivamente recomendado, além de ser um psiquiatra com muita experiência.

— Ficou satisfeito da forma como ele conduziu esse exame mental? — perguntou Nate. — Suponho que sim — admitiu Troy Júnior.

— Houve alguma coisa na conduta profissional do doutor Zadel que lhe tenha desagradado?

— Que me recorde, não houve.

A caminhada até à beira do penhasco prosseguiu com Troy Júnior a reconhecer que se sentira satisfeito com a avaliação psiquiátrica, satisfeito com Zadel, satisfeito com as conclusões a que os três médicos tinham chegado, tendo abandonado o prédio sem a mais pequena dúvida de que o pai se encontrava bem consciente do que fazia.

— Depois desse exame, qual foi a primeira vez que pôs em questão as faculdades mentais do seu pai?

— Quando ele saltou da varanda abaixo.

— No dia 9 de Dezembro?

— Exactamente.

— Portanto, começou a sentir dúvidas imediatamente? — Sim — admitiu Troy Júnior.

— O que é que o doutor Zadel lhe disse quando manifestou essas dúvidas.

— Não falei com o doutor Zadel.

— Não falou?!

— Não — confirmou TJ.

— Desde o dia 9 de Dezembro até ao dia 27 do mesmo mês, data em que o testamento foi lido em tribunal, quantas vezes é que falou com o doutor Zadel?

— Não me lembro do número de vezes.

— Chegou a encontrar-se com ele?

— Não.

— Telefonou para o consultório desse médico?

— Não.

— Por acaso, já o viu desde o dia 9 de Dezembro? — Não.

Tendo-o encaminhado até à beira, chegara a altura de lhe dar um empurrão.

— O que é que o levou a dispensar os serviços do doutor Zadel? Em certa medida, Júnior fora preparado para aquela pergunta. — Vai ter de fazer essa pergunta ao meu advogado — respondeu ele na esperança de que Nate se afastasse de si ainda que por pouco tempo.

— Eu não estou a interrogar o seu advogado, senhor Phelan. Estou a perguntar-lhe, a si, por que motivo é que dispensou os serviços do doutor Zadel? — Terá de perguntar aos meus advogados. Faz parte da nossa estratégiajurídica.

— Os advogados discutiram esse assunto consigo antes de o senhor ter dispensado os serviços do doutor Zadel? — Não tenho a certeza. Digo-lhe com toda a sinceridade que não me recordo.

— Sente-se satisfeito pelo doutor Zadel já não trabalhar para si? — Claro que estou.

— Porquê? — perguntou Nate.

— Porque ele estava enganado. Ouça uma coisa, o meu pai era um mestre a ludibriar os outros, facto que é inegável. Enganou toda a gente durante esse exame, da mesma maneira que procedeu ao longo de toda a sua vida, e em seguida saltou da varanda abaixo. Enganou Zadel e os outros psiquiatras. Eles acreditaram na encenação dele. É óbvio que ele se tinha passado dos carretos. — Por ter saltado da varanda abaixo? — Sim, porque saltou, porque legou todo o seu dinheiro a uma herdeira qualquer desconhecida de todos nós, porque não fez nenhum esforço para encontrar uma forma de a sua fortuna não ser sujeita a impostos sucessórios, por que havia já algum tempo que estava doido varrido. Para começar, por que é que pensa que tomámos a iniciativa de proceder a esse exame mental? Se ele não estivesse tarado, teríamos nós sentido a necessidade de contratar três psiquiatras, para que estes o examinassem antes de ele assinar o testamento'? — Todavia, os três psiquiatras afirmaram que ele estava de plena posse das suas capacidades mentais — argumentou Nate. — Sim e estavam redondamente enganados. Ele saltou da varanda abaixo. As pessoas com juízo não andam por aí a atirar-se das janelas.

— E na hipótese de o seu pai ter assinado o testamento composto por muitas páginas, e não o que escreveu posteriormente à mão, e tivesse saltado tal como fez? Diria que ele estava louco? — Se isso tivesse acontecido, agora não estaríamos aqui. Foi a única ocasião durante aquela experiência penosa, que se arrastava há dois dias, em que Troy Júnior se bateu por um empate. Nate sabia quando é que deveria avançar, para mais tarde regressar ao mesmo assunto.

— Passemos ao assunto dos hotéis Rooster Inns — anunciou ele, e os ombros de Troy Júnior descaíram cerca de sete centímetros. Tratava-se de mais uma das suas aventuras empresariais que redundara em falência, nada mais nada menos. Todavia, Nate tinha de tomar conhecimento de todas as minúcias, por mais ínfimas que fossem. Uma falência levara a outra. Todos os fracassos empresariais suscitavam questões relativas a outros negócios malfadados à nascença.

A vida de Júnior era uma história triste. Se bem que fosse difícil sentir alguma simpatia pelo homem, Nate apercebeu-se de que o pobre sujeito nunca tinha podido contar com o apoio de um pai. Ansiara por merecer a aprovação de Troy Phelan, sem nunca o conseguir. Josh confiara-lhe que Troy Sénior se sentia extremamente deliciado sempre que os empreendimentos dos filhos fracassavam.

Às dezassete horas e trinta minutos do segundo dia de depoimento, o advogado dispensou a testemunha. Rex seria o próximo. Durante todo o dia, mantivera-se à espera no corredor, sentindo-se deveras agitado por o seu testemunho ter sido adiado de novo. Entretanto, Josh regressara da Nova Iorque. Nate juntou-se-lhe para um jantar mais cedo do que o costume.

QUARENTA E CINCO

Rex Phelan passara a maior parte do dia anterior no corredor a falar através do telefone celular, enquanto o irmão era massacrado pelo interrogatório implacável de Nate O'Riley. Rex já estivera presente em julgamentos suficientes para saber que os processos litigiosos se traduziam em compassos de espera: esperar pelos advogados, pelos juízes, pelas testemunhas, pelos peritos, aguardar que fossem marcadas datas de julgamento, esperar em tribunais onde se recorria de sentenças, esperar nos corredores pela nossa vez de prestar testemunho. Quando ergueu a mão direita, jurando que só diria a verdade, já sentia um desprezo enorme por Nate.

Tanto Hark como Troy Júnior o tinham avisado quanto ao que o esperava. Aquele advogado era capaz de se introduzir sob a pele de uma pessoa, provocando uma infecção como se fosse um furúnculo. Uma vez mais, Nate começou pelas perguntas mais inflamatórias e ao cabo de dez minutos, por toda a sala, começara a reinar um ambiente de tensão. Durante três anos, Rex fora alvo de uma investigação por parte do FBI. Havia um banco que declarara bancarrota em 1990; Rex tinha sido o director, para além de investidor maioritário. Os depositantes perderam o seu dinheiro. Os credores ficaram sem os seus empréstimos. Há vários anos que aquele processo litigioso se arrastava, sem que se avistasse um fim próximo. O presidente do banco encontrava-se na cadeia, e as pessoas mais próximas do epicentro do litígio pensavam que Rex seria o próximo a ser encarcerado. Havia roupa suja em quantidade suficiente para que Nate prosseguisse por várias horas. Para se divertir um pouco, advertia Rex continuamente de que este se encontrava sob juramento. Também existiam boas hipóteses de o FBI vir a tomar conhecimento daquele depoimento. Já a tarde ia a meio quando Nate desviou o rumo da conversa para os bares onde se praticava strip tease. Rex era proprietário de seis desses estabelecimentos — todos em nome da mulher — situados na área de Fort Lauderdale. Comprara-os a um homem que acabou por ser abatido durante um tiroteio. Como tema de conversa, eram assuntos absolutamente irresistíveis. Nate abordou os bares um a um — Lady Luck, Clube Lolita, Clube Tiffany, etc. — fazendo-lhe uma centena de perguntas. Perguntou-lhe acerca das raparigas, das strippers, de onde é que

eram oriundas, quanto é que ganhavam, se consumiam estupefacientes, que drogas é que usavam, se apalpavam os clientes, e assim sucessivamente. Fez pergunta após pergunta sobre os aspectos económicos do tráfico de carne humana. — A sua actual mulher não trabalhava num desses clubes? — perguntou Nate depois de três horas em que reproduziu, com toda a minúcia, o retrato do negócio mais perverso que existia em todo o mundo.

A resposta era afirmativa, mas Rex mostrava-se incapaz de a articular. A garganta e o pescoço ficaram avermelhados e por breves instantes deu a impressão de estar prestes a investir por cima da mesa.

— Ela trabalhava como contabilista — respondeu ele por fim com os músculos das mandíbulas contraídos.

— Ela alguma vez chegou a dançar em cima das mesas? Fez-se outra pausa enquanto Rex apertava o rebordo da mesa com todas as suas forças.

— Claro que não — replicou. Era uma mentira, o que todos os presentes na sala sabiam.

Nate começou a folhear alguns papéis procurando a verdade. Todos o examinavam com expressões cautelosas, como se esperassem que a qualquer momento ele sacasse de uma fotografia de Amber, em que ela usasse fio dental como cuecas e calçasse sapatos de saltos aberrantemente altos.

Às dezoito horas, a sessão foi suspensa de novo, com a promessa de mais para o dia seguinte. Depois de a câmara de vídeo ter sido desligada, na altura em que a estenógrafa do tribunal estava ocupada a guardar o seu equipamento, Rex deteve-se à porta. -Não quero ouvir mais perguntas acerca da minha mulher, de acordo? — disse ele apontando um dedo a Nate.

-Mas isso é impossível, Rex. Todos os seus bens estão em nome dela. — Nate acenou-lhe com alguns papéis, como se estivesse de posse de todos os registos do casal. Hark empurrou pressurosamente o seu cliente através da porta.

Nate deixou-se ficar sentado durante uma hora, examinando os seus apontamentos, desejando poder estar em Saint Michaels sentado no alpendre da casa de campo de Josh com vista para a baía. Precisava de telefonar aPhil.

«Este será o teu último caso», não se cansava de repetir a si mesmo. «E estás a defendê-lo em nome de Rachel.» Às doze horas do segundo dia, os advogados dos Phelan discutiam abertamente se o depoimento de Rex teria a duração de três ou quatro dias. Haviam-lhe sido feitas penhoras, tendo-lhe sido instaurados processos no valor de sete milhões de dólares, e contudo os credores não podiam executá-las porque todos os bens se encontravam em nome da mulher de Rex, Amber, a antiga stripper. Nate agarrou na documentação

correspondente a cada um desses julgamentos, colocando-os em cima da mesa, examinando-os de todos os ângulos e direcções concebíveis, após o que voltou a colocá-los dentro da respectiva pasta de cartolina, onde permaneceriam, ou talvez não. O tédio começara a enervar toda a gente, à excepção de Nate, o qual, sem se saber bem como, continuava a mostrar um comportamento bastante empenhado enquanto prosseguia inflexivelmente.

Para a sessão da tarde, seleccionou o tópico do salto de Troy Phelan e os eventos que conduziram a essa situação. Seguiu a mesma linha de perguntas que adoptara em relação a Troy Júnior, tornando-se por demais evidente que Hark preparara Rex para aquele estilo de interrogatório. As respostas que ele deu às perguntas sobre o doutor Zadel haviam sido bem ensaiadas, embora fossem adequadas. Rex cingiu-se à afirmação do seu grupo — muito simplesmente, os três psiquiatras tinham-se enganado porque Troy Phelan saltara da varanda três minutos mais tarde. Cobriu-se mais algum território familiar quando Nate abordou impiedosamente o assunto desolador dos empregos que ele tivera nas empresas do Grupo Phelan. Em seguida, passaram duas horas penosas a gastar os cinco milhões de dólares que Rex recebera como legado, aquando do seu vigésimo primeiro aniversário. Às dezassete horas e trinta minutos, abruptamente, Nate anunciou que dava o seu interrogatório por concluído, saindo da sala. Em quatro dias tinham-se ouvido o depoimento de duas testemunhas. Dois homens postos a nu defronte das câmaras de vídeo, uma visão que não era nada bonita de se ver. Os advogados da família Phelan dirigiram-se para os respectivos automóveis, afastando-se do tribunal. Talvez o pior já estivesse para trás. Ou talvez não. Os seus clientes tinham sido crianças mimadas ao longo de toda a sua infância, ignoradas pelos progenitores, lançados ao mundo munidos de contas bancárias com montantes avultados, numa idade em que estavam mal preparados para gerirem o seu dinheiro, esperando-se que eles viessem a prosperar. Tinham feito más escolhas, mas, em última análise, todas as culpas deveriam ser assacadas a Troy Phelan. Aquele era o juízo de valores que todos os advogados dos Phelan faziam. Libbigail foi conduzida à sala ao princípio da manhã de sexta-feira, ocupando o lugar de honra. O seu penteado tinha um estilo semelhante ao de um corte de cabelo quase à escovinha, com os lados rapados até ao couro cabeludo e com a altura de cerca de dois centímetros no topo da cabeça. Do pescoço e dos pulsos pendiam-lhe peças de bijutaria ordinária; quando ergueu a mão para ser ajuramentada, ouviu-se um chocalhar à altura do cotovelo.

Fitou Nate com uma expressão de horror. Os irmãos tinham-lhe contado o

pior.

Mas era sexta-feira, e Nate desejava sair da cidade tanto ou mais do que desejava comer quando sentia fome. Sorriu a Libbigail começando por lhe fazer perguntas relativamente fáceis sobre os seus antecedentes. Acerca dos filhos, empregos e casamentos. Durante trinta minutos foi tudo muito agradável. Em seguida, começou a esmiuçar o seu passado.

— Por quantas vezes é que se submeteu a períodos de desintoxicação devido ao abuso de álcool e de estupefacientes?-perguntou ele a certa altura.

A pergunta chocou-a, pelo que ele fez uma confissão inesperada. — Eu próprio já estive internado em três ocasiões pelo mesmo motivo. Portanto, não tem razão para se sentir envergonhada. — A candura que ele mostrou deixou-a desarmada.

— Na verdade, não sou capaz de me recordar — retorquiu Libbigail. — Mas há seis anos que não uso nada que possa ser considerado nocivo.

— Magnífico — disse Nate. De um viciado para outro. — Ainda bem por si.

A partir daquele ponto, começaram a conversar sobre as coisas como se estivessem a sós na sala. Nate tinha forçosamente de se intrometer em assuntos que deveriam ser pessoais, pedindo desculpa por ser obrigado a proceder daquela maneira intrusiva. Também lhe fez perguntas sobre os cinco milhões de dólares, e, com alguma dose de bom humor, ela contou-lhe fábulas de drogas boas e de homens maus. Ao contrário dos irmãos, Libbigail conseguira encontrar estabilidade na sua vida. O nome dele era Spike, o ex-motoqueiro que também se submetera a um período de desintoxicação, saindo manso que nem um cordeiro. Ambos viviam numa pequena casa nos subúrbios de Baltimore.

— O que é que faria se herdasse um sexto dos bens do seu pai? — perguntou-lhe Nate.

— Compraria montes de coisas — respondeu ela. — O mesmo que você. O mesmo que qualquer outra pessoa. Mas desta vez seria mais esperta com o destino que daria ao dinheiro. Mesmo muito esperta.

— Qual é a primeira coisa que compraria? — A maior Harley que existisse no mundo para a oferecer a Spike. Em seguida, comprava uma casa mais bonita, embora nunca uma mansão. — Os seus olhos dançavam enquanto dispendia o dinheiro na sua imaginação.

O depoimento de Libbigail durou menos de duas horas. Foi seguida de Mary Ross Phelan Jackman, a irmã e, a exemplo desta, olhou para Nate como se ele tivesse garras. Dos cinco herdeiros em idade adulta da família Phelan, Mary

Ross era a única que continuava casada com o primeiro marido, apesar de ele ter tido um casamento anterior. Era ortopedista. Ela vestia-se com bom gosto e usava jóias elegantes.

As primeiras perguntas revelaram a experiência estudantil prolongada que era comum aos seis, sem que no entanto tivessem existido prisões, vícios ou expulsões. Agarrara no dinheiro que o pai lhe legara para viver na Toscânia durante três anos, ao que se seguiu Nice durante outros dois. Com vinte e oito anos contraíra matrimónio com o médico, que tinha duas filhas de um casamento anterior; actualmente, uma tinha sete anos e a outra cinco. Não ficou bem claro quanto é que ainda restaria dos cinco milhões de dólares. O médico é que geria os investimentos financeiros, o que levou Nate a concluir que deveriam estar praticamente falidos. Endinheirados, mas profundamente endividados. As investigações que Josh fizera, com referência ao passado de Mary Ross, davam conta da existência de uma casa muito espaçosa, com automóveis importados que se amontoavam no caminho de acesso à garagem, um apartamento na Flórida e uma estimativa dos rendimentos do médico que se cifravam em setecentos e cinquenta mil dólares anuais. Pagava ao banco vinte mil dólares por mês, a sua quota-parte do que restava dos prejuízos de uma sociedade que fracassara, quando tentaram montar um negócio de lavagem automática de viaturas na região setentrional da Virgínia.

O médico também possuía um apartamento onde mantinha uma amante. Era muito raro que Mary Ross e o marido fossem vistos juntos em público. Nate optou por não aprofundar aqueles assuntos do foro pessoal. Subitamente, ficou cheio de pressa, se bem que tivesse o cuidado de não o demonstrar.

Depois do intervalo para o almoço, Ramble entrou na sala com uma postura relaxada, acompanhado do seu advogado, Yancy, que seguia à sua frente apontando atarantado, enquanto o apaparicava sem saber que mais é que lhe havia de fazer; era óbvio que se sentia aterrorizado agora que se esperava que o seu cliente conduzisse uma conversa inteligente. O cabelo do miúdo estava pintado de um vermelho fulgurante, cor que condizia mais ou menos com as borbulhas da cara. Não havia uma única região no seu rosto que não estivesse mutilada — tinha as feições cobertas de protuberâncias, marcas e cicatrizes. A gola do casaco de cabedal estava virada para cima, ao estilo de James Dean, de maneira a tocar nos brincos, que oscilavam suspensos das orelhas.

Depois de algumas perguntas, ficou amplamente demonstrado que o rapaz era tão estúpido quanto aparentava à primeira vista. Dado que ainda não tinha tido a oportunidade de desperdiçar o dinheiro que lhe caberia em legado, Nate

deixou-o em paz. Ficou comprovado que só muito raramente é que ia à escola, vivendo sozinho na cave e sem nunca ter tido um emprego que fosse remunerado; gostava de tocar viola, planeando vir a ser uma estrela a sério de música rock dentro de muito pouco tempo. A nova banda que formara chamava-se, adequadamente, Os Macacos Demoníacos, mas ainda não tinha a certeza se gravariam sob aquele nome. Ramble não praticava qualquer actividade desportiva, nunca vira o interior de uma igreja, falava com a mãe o menos possível, preferindo ver o canal televisivo da MTV sempre que estava acordado e não tocava a sua música.

Nate pensava que seriam necessários mil milhões de dólares em terapia psicológica para endireitar aquele pobre miúdo. Em menos de uma hora deu o interrogatório por terminado.

Geena foi a última testemunha da semana. Quatro dias depois da morte do pai, ela e Cody, o marido, haviam assinado um contrato para a compra de uma casa no valor de três milhões e oitocentos mil dólares. Quando Nate a atacou com esta informação, logo depois de ela ter jurado dizer a verdade, Geena começou a gaguejar, exprimindo-se incoerentemente ao mesmo tempo que olhava para a sua advogada, a doutora Langhorne, que se mostrava igualmente surpreendida. A sua cliente não lhe mencionara a existência daquele contrato.

— Como é que planeava pagar essa casa? — perguntou Nate. A resposta era por demais evidente, embora ela fosse incapaz de a confessar.

— Nós temos dinheiro — respondeu na defensiva, o que abriu a porta por que Nate irrompeu sem mais demoras.

— Passemos ao assunto do seu dinheiro — acrescentou ele com um sorriso. — Tem trinta anos de idade. Há nove anos recebeu cinco milhões de dólares, não é verdade?

— Recebi, sim.

— Quanto é que lhe resta desse montante? Geena debateu-se com a resposta durante muito tempo. A resposta não era assim tão simples quanto isso. Cody ganhara muito dinheiro. Haviam investido algum e gasto muito, pelo que os recursos financeiros de ambos eram uma amálgama, o que impedia que se pudesse olhar para qualquer balanço, concluindo-se que possuíam a quantia «X», o remanescente desses cinco milhões. Nate ia-lhe dando corda com que ela se enforcava a pouco e pouco.

— Neste momento, quanto é que a senhora e o seu marido têm depositado nas vossas contas bancárias? — perguntou ele. — Para lhe responder, teria de verificar.

— Por favor, dê-me apenas um cálculo. Dê-me só uma estimativa.

— Sessenta mil dólares.

— Quantas propriedades é que possuem?

— Somente a casa onde vivemos.

— Qual é o valor dessa propriedade? — Para lhe poder dar uma resposta, teria de mandar avaliá-la. — Só quero um cálculo. Uma verba aproximada. — Trezentos mil dólares. — E qual é o valor da hipoteca? — De, aproximadamente, duzentos mil dólares.

— Qual é o valor aproximado da vossa carteira de investimentos? Geena rabiscou alguns números cerrando os olhos. — Mais ou menos no valor de duzentos mil dólares. — Tem mais alguns bens que valha a pena mencionar? — Na realidade, não. Nate fez os seus próprios cálculos.

— Temos pois que, em nove anos, os cinco milhões de dólares que o seu pai lhe legou ficaram reduzidos a algo na ordem dos trezentos a quatrocentos mil dólares. Estarei correcto? — Certamente que está enganado. Quer dizer, parece ser um número tão baixo.

— Sendo assim, diga-nos outra vez como é que planeava pagar essa nova casa? — Com o dinheiro que Cody ganha no seu trabalho. — E quanto à herança do seu falecido pai? Alguma vez pensou nisso? — Talvez um pouco.

— Neste momento foi processada pela imobiliária que lhe vendeu a casa, não é verdade? — Sim e nós também lhes movemos um processo judicial. Há muitos assuntos em questão.

Ela mostrava-se matreira e desonesta, de uma verbosidade falsa e rápida, dizendo apenas meias verdades. Nate pensou que ela poderia ser o membro da família Phelan mais perigoso com quem falara até então.

Começaram a analisar as aventuras empresariais de Cody, tendo-se revelado rapidamente qual o destino que o dinheiro levara. Ele perdera um milhão de dólares especulando em minas de cobre, em 1992. Também investira meio milhão na empresa Snow-Packed Chicken, dinheiro que veio a perder na totalidade. Houvera ainda o negócio de uma estufa para a criação de minhocas, na Geórgia, que lhes levara seiscentos mil dólares; o fracasso deveu-se a uma vaga de calor que lhes cozinhou os vermes destinados a isco de pesca.

Agiam como se fossem dois garotos irresponsáveis, levando uma vida rodeados de um luxo que era custeado pelo dinheiro dos outros, sonhando com a grande oportunidade das suas vidas. Próximo do fim do depoimento de Geena, em que Nate continuava a dar-lhe toda a corda que ela desejasse, testemunhou, com uma expressão imperturbável, que o seu envolvimento na impugnação da

validade do testamento não tinha nada a ver com o dinheiro em jogo. Afirmou que amara profundamente o pai, amor que ele lhe retribuíra, e se ele tivesse estado de posse de todas as suas faculdades mentais teria olhado pelos interesses dos filhos quando fez o último testamento. O facto de ter legado a herança a uma completa estranha era uma prova irrefutável da doença mental de que sofrera. Geena encontrava-se ali com o objectivo de defender a reputação do pai.

Era uma pequena dissertação bem orquestrada que não conseguiu convencer ninguém. Nate deixou que o assunto passasse em branco. Já eram cinco da tarde e estava cansado de lutar contra aquela gente.

Quando saiu da cidade, tentou furar pelo trânsito congestionado que mal se deslocava através da Estrada Interestadual 95, rumo a Baltimore, os seus pensamentos concentravam-se nos herdeiros da família Phelan. Nate imiscuíra-se nas suas vidas privadas, ao ponto de essa intrusão ser constrangedora. Sentia simpatia por eles devida à forma como haviam sido educados, pelos valores que nunca lhes tinham sido ensinados, pelas suas vidas ocas que giravam à volta de nada, além do dinheiro.

Todavia, Nate estava convencido de que Troy Phelan sabia exactamente aquilo que estava a fazer quando rabiscou o seu último testamento. Uma quantidade tão grande de dinheiro nas mãos dos filhos provocaria uma situação caótica, sem mitigação possível, e uma desolação indescritível. Optara por deixar toda a sua fortuna a Rachel que não tinha o mínimo interesse nessa herança. Excluíra os outros, cujas vidas eram consumidas pelo dinheiro. Nate estava determinado a salvaguardar a validade do último testamento de Troy Phelan. Mas também se sentia bastante consciente de que a partilha final do espólio, em última análise, seria determinada por alguém no hemisfério norte.

Já era tarde quando chegou a Saint Michaels; ao passar pela igreja da Trindade sentiu vontade de parar, entrar e ajoelhar-se para rezar, pedindo a Deus que lhe perdoasse por todos os pecados que cometera ao longo da semana. A confissão e um banho quente eram necessários depois de cinco dias de depoimentos.

QUARENTA E SEIS

Na qualidade de profissional que trabalhava numa grande cidade, sentindo-se permanentemente arrasado, Nate nunca fora apresentado ao ritual de se manter sentado. Por outro lado, Phil era um praticante muito experimentado dessa actividade. Sempre que um dos seus paroquianos adoecia, esperava-se dele que visitasse a família com quem se sentaria demoradamente. No caso de haver uma morte, sentava-se com a viúva. Se por acaso um vizinho passasse por sua casa, independentemente do adiantado da hora, ele e Laura sentar-se-iam com o visitante conversando com ele. Por vezes praticavam aquela arte a sós, no alpendre, no balouço, sozinhos. Havia dois cavalheiros de idade, membros da congregação de Phil, que esperavam que ele passasse uma vez por semana por suas casas, onde não fazia nada além de permanecer sentado durante uma hora, enquanto eles dormitavam ao calor da lareira. As conversas eram agradáveis, mas não eram um factor que fosse exigido. Era perfeitamente adequado que se limitasse a permanecer sentado desfrutando da quietude.

Contudo, Nate apanhou-lhe o jeito com bastante rapidez. Sentava-se com Phil no alpendre da casa de campo dos Stafford; os dois homens usavam camisolas grossas de lã e luvas e bebiam cacau bem quente, que Nate preparava no microndas. Olhavam fixamente para a baía à sua frente, para o porto e para as águas encapeladas mais à distância. A conversa tinha lugar a intervalos irregulares, embora o silêncio fosse predominante. Phil sabia que o amigo tivera uma má semana. Naquela altura, Nate já o pusera ao corrente da maior parte dos pormenores da confusão que se gerara em torno do assunto Phelan. A relação que os dois homens mantinham era de confidencialidade.

— Estou a planear fazer uma viagem por estrada — anunciou Nate tranquilamente. — Quer vir comigo? — Onde? — perguntou Phil.

— Preciso de ver os meus filhos. Tenho dois ainda pequenos, o Austin e a Angela, que vivem em Salem, no Oregon. Provavelmente irei lá em primeiro lugar. O meu filho mais velho estuda na Universidade de Northwestern, em Evanston, e tenho uma filha em Pittsburgh. Será uma pequena viagem bastante agradável. — Quanto tempo está a pensar em levar? — Não tenho pressa. Umas duas semanas. Tenciono guiar durante todo o percurso.

— Quando foi a última vez que os viu? — Há mais de um ano que não vejo a Kaitlin e o Daniel, os dois do meu primeiro casamento. Em Julho do ano passado levei os mais novos a um jogo com os Orioles. Embebedei-me e não me recordo da viagem de regresso a Arlington. — Sente saudades deles? — Claro, calculo que sim. Verdade seja dita que nunca passei muito tempo com nenhum deles. Conheço-os tão pouco. — Você tinha de trabalhar muito.

— Trabalhava muito e ainda bebia mais. Nunca parava em casa. Nas raras ocasiões em que podia ir a qualquer lado, ia até Las Vegas, ou jogava golfe, ou fazia pesca submarina nas Bahamas. Nunca levei os garotos comigo. — Isso é uma realidade que não pode alterar.

— Não, de facto não posso. Por que é que não vem comigo? Teríamos muitas horas em que poderíamos conversar.

— Obrigado, mas neste momento não me posso ir embora. Finalmente, estou a fazer progressos na cave. Detestaria interromper o trabalho a meio.

O único filho de Phil tinha vinte e tal anos e reprovara nos exames da faculdade; em seguida saíra de casa rumo à Costa Leste. Inadvertidamente, Laura disse que não faziam a mais pequena ideia do local onde vivia. Há mais de um ano que não telefonava aos pais. — Espera que essa viagem seja um êxito? — perguntou Phil. — Não sei bem o que esperar. Quero abraçar os meus filhos e pedir-lhes desculpa por ter sido tão mau pai, mas não estou certo de como é que isso os ajudará em alguma coisa nesta fase das suas vidas.

— No seu lugar, não faria isso. Eles têm consciência de que você foi um mau pai. Flagelar-se a si próprio não trará proveito a ninguém. Mas é importante que vá ao encontro dos seus filhos, que dê o primeiro passo no cimentar de um novo relacionamento. — Eu falhei tanto em tudo o que diz respeito aos meus filhos.

— Não pode continuar a supliciar-se a si mesmo, Nate. É-lhe permitido pôr o passado para trás das costas. Deus certamente que já o fez. Paulo assassinou os cristãos antes de se converter ao cristianismo, e contudo não se flagelou pelos seus actos passados. Tudo acaba por ser perdoado. Mostre aos seus filhos a pessoa em que se transformou.

Avistaram um pequeno barco de pesca que se afastava do porto, dirigindo-se para as águas abertas da baía. Era o único ponto na panorâmica em frente dos dois homens; examinavam a pequena embarcação com toda a concentração. Nate pensava em Jevy e Welly que naquele preciso momento estariam no rio, navegando numa chalana carregada de toda a espécie de produtos e géneros, equipada com um motor a gasóleo que funcionaria

regularmente, levando-os para o interior do Pantanal. Jevy iria ao leme, enquanto Welly dedilharia a sua viola. Todo o mundo estava em paz. Mais tarde, bastante depois de Phil ter regressado a casa, Nate aninhou-se junto da lareira começando a escrever outra carta a Rachel. Era a terceira. Datou-a com data de sábado, vinte e dois de Fevereiro. «Querida Rachel», começou por escrever. «Passei uma semana muito desagradável com os seus meios-irmãos e meias-irmãs.» Escreveu-lhe sobre eles, começando por Troy Júnior e terminando três páginas à frente com Ramble. Foi sincero quanto aos defeitos que lhes achou, aludindo aos danos que infligiriam a si próprios, e aos outros, caso o dinheiro lhes fosse parar às mãos. Também mostrou simpatia.

Ia enviar um cheque endossado à Missões Tribos Universais, no valor de cinco mil dólares, para que ela pudesse comprar um barco, um motor e medicamentos. Havia muito mais, caso ela necessitasse. Os juros da fortuna de Rachel rendiam cerca de dois milhões de dólares diários, informou Nate, o que lhe permitiria fazer inúmeras coisas boas com esse dinheiro.

Hark Gettys e os seus conspiradores de jurisprudência tinham cometido uma grande asneira quando dispensaram os serviços dos doutores Flowe, Zadel e Theishen. Os advogados não haviam hesitado em admoestar os psiquiatras, ofendendo-os e causando prejuízos irreparáveis.

A nova fornada de psiquiatras gozavam do benefício do testemunho de Snead, recentemente maquinado, com base no qual poderiam formular as suas opiniões clínicas. O que não acontecera com Flowe, Zadel e Theishen. Quando Nate os chamou a depor na segunda-feira seguiu a mesma linha de interrogatório com os três. Começou pelo doutor Zadel, a quem mostrou o filme em vídeo do exame médico a que o senhor Phelan se submetera. Perguntou-lhe se tinha alguma razão para alterar a sua opinião médica.

Zadel, como seria de esperar, respondeu que não. O vídeo fora feito antes do suicídio. O depoimento ajuramentado, composto por oito páginas, fora preparado escassas horas depois por insistência de Hark e dos outros advogados dos Phelan. Nate pediu a Zadel que lesse esse depoimento ajuramentado em voz alta, para que o estenógrafo do tribunal fizesse um registo. — Tem alguma razão que o leve a querer alterar qualquer das opiniões que constam do depoimento ajuramentado? — perguntou Nate.

— Não, não tenho — respondeu Zadel, fitando Hark. — Estamos a vinte e quatro de Fevereiro, mais de dois meses desde o dia em que procedeu a um exame mental na pessoa do senhor Phelan. Continua a manter a opinião de que ele se encontrava de posse de todas as suas faculdades mentais, estando pois em

condições para executar um testamento válido? — Confirmo essa opinião — replicou Zadel, sorrindo a Hark. Flowe e Theishen também sorriam; ambos se sentiam genuinamente felizes por poderem apertar com os advogados que os haviam contratado, para pouco depois dispensarem os seus serviços. Nate mostrou o vídeo a cada um dos três advogados, fazendo-lhes as mesmas perguntas. Os três leram em voz alta o respectivo depoimento ajuramentado para que constasse das actas. A sessão foi suspensa às quatro horas da tarde de segunda-feira. Pontualmente, às oito horas e trinta minutos, na terça-feira de manhã, Snead foi conduzido à sala onde lhe indicaram que se sentasse no lugar de honra. Usava um fato escuro e um lacinho no colarinho da camisa, vestuário que lhe imprimia uma aura de inteligência de que não era merecedor. Os advogados tinham seleccionado cuidadosamente o seu guarda-roupa. Havia várias semanas que moldavam e programavam a mente de Snead, ao ponto do pobre homem duvidar se seria capaz de proferir uma palavra espontânea ou sincera. A entoação de todas as sílabas tinha de ser a mais adequada. Era forçoso que projectasse uma atitude de segurança, ao mesmo tempo que teria de evitar o mais pequeno indício de arrogância. Ele e apenas ele é que servia de parâmetro à realidade, sendo crucial que as suas histórias fossem absolutamente credíveis.

Há muitos anos que Josh conhecia Snead. Fora um empregado de que o senhor Phelan falava com frequência, dizendo que tinha de o despedir. Dos onze testamentos que Josh elaborara a pedido de Troy Phelan, somente num deles é que o nome de Malcolm Snead fora mencionado. Uma doação no valor de um milhão de dólares feita em seu nome, legado esse que alguns meses mais tarde fora revogado por um novo testamento. O senhor Phelan eliminara o nome de Snead precisamente porque este lhe perguntara quanto é que poderia esperar vir a receber.

Snead mostrara-se demasiado preocupado com o dinheiro, o que não agradou ao seu patrão. O facto de o nome dele constar da lista de testemunhas dos requerentes só podia significar uma coisa: dinheiro. Era pago para testemunhar, e Josh sabia. Duas semanas de algumas investigações simples revelaram a existência de um novo Range Rover, um apartamento recentemente arrendado, num edifício onde as rendas começavam em mil e oitocentos dólares por mês, e uma viagem a Roma em primeira classe.

Snead sentou-se de frente para a câmara de vídeo, deixando adivinhar um certo mal-estar. Tinha a impressão de ter permanecido sob a mira de uma câmara durante um ano. Passara o dia todo de sábado e metade do domingo no escritório de Hark, onde, uma vez mais, fora massacrado com perguntas. Durante várias

horas consecutivas vira-se em vídeo. Escrevera dúzias de páginas com histórias fictícias, cujo tema eram os últimos dias de vida de Troy Phelan. Ensaiara o seu testemunho com a bimba da Nicolette. Snead sentia-se preparado. Os advogados tinham previsto as perguntas acerca de dinheiro. Caso lhe perguntassem se era remunerado pelo seu testemunho, Snead fora instruído no sentido de mentir. Era muito simples. Não havia maneira de poder evitar aquilo. Snead tinha de mentir no respeitante a meio milhão de dólares que já tinha na sua mão, também seria forçado a mentir sobre a promessa de outros quatro milhões e meio quando se chegasse a um acordo, ou a outro desfecho que lhe fosse favorável. Tinha de mentir quanto à existência de um contrato celebrado entre ele e os advogados. Uma vez que estava prestes a mentir sobre o senhor Phelan, não via por que motivo não haveria de mentir também a respeito do dinheiro.

— Senhor Snead, quanto é que lhe pagaram para oferecer o seu depoimento neste caso? — perguntou Nate em voz alta depois de se ter apresentado.

Os advogados de Snead tinham previsto que a pergunta seria: «Está a ser pago?» e não: «Quanto?». A resposta que Snead ensaiara era um veemente: «Não, claro que não estou a ser pago!» Todavia, para a pergunta que ainda pairava na sala, ele não tinha uma resposta pronta. A hesitação apoderou-se dele. Parecia sentir falta de ar ao olhar para Hark com uma expressão frenética; a espinha do advogado ficara hirta, o seu olhar imobilizou-se como se fosse um veado assustado.

Snead fora advertido de que o doutor O'Riley fizera devidamente o seu trabalho de casa, dando a impressão de saber tudo antes mesmo de fazer as perguntas. Nos longos e dolorosos segundos que se seguiram, o doutor O'Riley fitou-o mostrando-lhe o sobrolho franzido, inclinando a cabeça de lado enquanto passava uma vista de olhos por alguns papéis.

— Vamos lá, senhor Snead, eu sei que está a ser pago. A questão é, quanto? Snead fez estalar os nós dos dedos com a força suficiente para que pudesse quebrá-los. Os vincos da sua testa ficaram cobertos de gotas de suor.

— Bem, eu... hum... não estou a...

— Deixe-se disso, senhor Snead. No mês passado comprou ou não comprou um novo Range Rover?

— Bem, sim, de facto...

— E também alugou um apartamento de dois quartos em Palm Court, certo?

— Sim, aluguei.

— E regressou há pouco tempo de uma viagem de duas semanas a Roma, não é verdade?

— Sim, é.

O homem sabia tudo! Os advogados dos Phelan pareciam ter encolhido nos seus assentos, cada um mais agachado do que o outro, como se esquivassem as cabeças de forma a que o ricochetear das balas não os atingissem.

— Portanto, quanto é que lhe estão a pagar? — insistiu Nate, encolerizado. — Não se esqueça de que se encontra sob juramento! — Quinhentos mil dólares — soltou Snead da boca para fora. Nate ficou a olhar para ele como que mesmerizado, sem acreditar no que ouvia, deixando descair o queixo com lentidão. Até mesmo o estenógrafo do tribunal ficou imobilizado.

Dois dos advogados da família Phelan conseguiram respirar um pouco, ligeiramente. Apesar de todo o horror de que aquele momento se revestia, sem dúvida que poderia ter sido bastante pior. E se Snead tivesse entrado em pânico, confessando a existência do acordo de cinco milhões de dólares? Mas aquilo era uma consolação muito fraca. De momento, o facto de se ter ficado a saber que eles tinham pago meio milhão de dólares a uma testemunha, poderia ter efeitos catastróficos para a causa dos advogados.

Nate começou a remexer nuns papéis como se procurasse um determinado documento. As palavras continuavam a ecoar através dos ouvidos de todos os que se encontravam na sala. — Assume que já recebeu esse dinheiro, não é verdade? — perguntou Nate.

— Sim — limitou-se Snead a responder sem ter a certeza se se esperava que ele mentisse ou que se cingisse à verdade. — Meio milhão de dólares, e mais quanto para depois? — perguntou Nate de súbito, impelido por um palpite.

— Nada — replicou Snead ansioso por começar a mentir. Era uma negativa casual, podendo até merecer alguma credibilidade. Os outros dois advogados dos Phelan recomeçaram finalmente a respirar.

— Tem a certeza do que está a dizer? — inquiriu Nate. Estava a apalpar o terreno. Caso lhe desse na veneta, poderia ter perguntado a Snead se já fora condenado pelo crime de profanação de sepulturas.

Tratava-se de um jogo em que as paradas eram muito altas, e Snead manteve-se firme.

— Claro que tenho a certeza — respondeu ele com o grau suficiente de indignação para lhe imprimir alguma plausibilidade.

— Quem é que lhe pagou esse dinheiro?

— Os advogados dos herdeiros Phelan.

— Quem é que assinou o cheque?

— Foi emitido por um banco, visado.

— Foi o senhor quem insistiu em que eles lhe pagassem para testemunhar? — Calculo que se possa pôr as coisas nesses termos — admitiu Snead.

— Foi o senhor quem foi ter com eles, ou foram eles que tomaram a iniciativa de falar consigo?

— Eu é que fui falar com os advogados.

— O que é que o levou a isso? Até que enfim, parecia que estavam a entrar em terrenos que lhe eram familiares. Sentiu-se um relaxar generalizado no lado da mesa dos Phelan. Os advogados começaram a rabiscar alguns apontamentos.

Por debaixo da mesa, Snead cruzou as pernas, exibindo um franzir de cenho que pretendia denotar inteligência perante a câmara de filmar.

— Porque eu estava junto do senhor Phelan antes de ele morrer, o que me permitiu saber que o pobre homem não estava bom do juízo. — Há quanto tempo é que ele tinha perdido o juízo? — Ao longo de todo o dia.

— Quando ele acordou nesse dia já tinha enlouquecido?

— Quando lhe servi o pequeno-almoço, ele já não sabia o meu nome.

— Por que nome é que ele o chamou?

— Por nenhum, limitou-se a resmungar-me.

Nate apoiou-se sobre os cotovelos, ignorando a papelada que o rodeava. Aquela era uma verdadeira contenda com que ele estava a sentir bastante prazer. Sabia de antemão qual o rumo que desejava tomar, mas o mesmo não acontecia com o pobre Snead. — Viu-o despenhar-se da varanda? — Vi, sim.

— E a queda?

— Também — confirmou Snead.

— E o embate contra o chão?

— Sim, também vi.

— Encontrava-se próximo dele quando os três psiquiatras o examinaram?

— Sim — confirmou Snead.

— E isso aconteceu por volta das duas e meia da tarde? — Tanto quanto me recordo, sim.

— E ele tinha estado doido durante todo esse dia? — Receio bem que sim.

— Durante quantos anos é que trabalhou para o senhor Phelan? — Trinta anos.

— Tinha conhecimento de tudo o que se passava na sua vida? — Tanto quanto qualquer pessoa pode saber acerca de outra. — Portanto, conhecia o advogado dele, o doutor Stafford? — Sim, cruzei-me com ele em diversas ocasiões.

— O senhor Phelan tinha confiança no doutor Stafford? — Suponho que sim.

— Pensei que o senhor estava a par de tudo — retrucou Nate mordaz. — Tenho a certeza de que ele confiava no doutor Stafford. — O doutor Stafford estava sentado junto dele no dia do exame mental? — Estava — confirmou Snead.

— Na sua opinião, qual era o estado mental do senhor Phelan durante esse exame? — Ele mostrou-se desequilibrado, sem saber ao certo onde é que se encontrava e o que é que estava a fazer ali.

— Tem a certeza absoluta disso? — perguntou Nate.

— Tenho.

— A quem é que disse isso?

— Não me cabia mencionar esse assunto.

— E por que não? — Teria sido despedido. Parte das minhas funções era calar a boca. A isto chama-se discrição.

— Sabia que o senhor Phelan se preparava para assinar um testamento onde dispunha de toda a sua vasta fortuna. No entanto, não estava de posse das suas faculdades mentais, mas mesmo assim o senhor não disse nada ao seu advogado, um homem em quem ele tinha confiança? — Não era a mim que competia tomar essa atitude. — Porque o senhor Phelan tê-lo-ia despedido? — Imediatamente.

— Partindo do princípio de que isso é verdade, e depois de ele ter saltado? Falou com alguém sobre esse assunto?

— Com ninguém.

— E por que não? Snead respirou fundo e voltou a traçar as pernas. Pensou que se estava a aguentar muito bem.

— Era um assunto particular — replicou Snead com solenidade. — Eu considerava que o meu relacionamento com o senhor Phelan era confidencial.

— Isto é, até agora. Até lhe terem oferecido meio milhão de dólares, não é verdade? Snead não conseguiu pensar numa resposta rápida, além de que Nate não lhe dava muitas oportunidades.

— O senhor não só está a vender o seu testemunho, mas também a trair a relação confidencial que mantinha com o senhor Phelan, não é verdade, senhor

Snead? — Estou a tentar desfazer uma injustiça.

— Tanta nobreza da sua parte. Se eles não lhe estivessem a pagar, teria tomado a mesma atitude? Snead conseguiu emitir um «sim» pouco convincente que fez com que Nate desatasse a rir às gargalhadas. Riu-se alto e bom som durante muito tempo enquanto examinava o rosto solene, e parcialmente oculto, dos advogados dos Phelan. Riu-se quase na cara de Snead. Levantou-se e contornou a cabeceira do seu lado da mesa continuando a rir-se consigo mesmo.

— Mas que audiência! — comentou Nate antes de retomar o seu lugar à mesa.

Lançou um olhar de relance a alguns apontamentos antes de continuar.

— O senhor Phelan morreu no dia 9 de Dezembro. A leitura do seu testamento foi realizada no dia 27 do mesmo mês. Durante o espaço de tempo que mediou essas duas datas, confiou a alguém que ele se encontrava fora do seu juízo quando assinou o testamento? — Não — replicou Snead.

— Claro que não; esperou até depois da leitura do testamento, e então, ao aperceber-se de que o seu nome não constava, decidiu ir falar com os advogados com o fito de chegar a um acordo com eles, não é verdade, senhor Snead? — Não — respondeu a testemunha, mas Nate ignorou-o. — O senhor Phelan estava mentalmente doente? — Não sou perito nesse campo.

— O senhor há pouco disse que ele estava fora do seu juízo. Acha que se tratava de uma condição permanente?

— Tinha fases, ia e vinha.

— Há quanto tempo é que ia e vinha?

— Há vários anos.

— Concretamente, quantos anos? — insistiu Nate.

— Talvez uns dez. Isto é só uma ideia generalizada. — Durante os últimos catorze anos da sua vida, o senhor Phelan executou onze testamentos; num desses, ele legava-lhe um milhão de dólares. Nessa altura ocorreu-lhe dizer a alguém que ele estava mentalmente desequilibrado? — Não era a mim que competia abordar um assunto dessa natureza. — Que seja do seu conhecimento, ele consultou algum psiquiatra? — Tanto quanto me é dado saber, não.

— Alguma vez lhe sugeriu que devia procurar ajuda terapêutica? — Estaria a exceder as minhas funções se fizesse uma sugestão dessa natureza.

— Hipoteticamente, se por acaso o encontrasse caído no chão com um ataque de convulsões, teria sugerido a alguém que ele talvez estivesse necessitado de auxílio?

— Claro que teria agido dessa forma.

— Caso o encontrasse a tossir expelindo sangue, teria informado alguém?

— Sim — admitiu Snead.

Nate preparara uma súmula com cerca de cinco centímetros de espessura onde estavam listados todos os bens do falecido senhor Phelan. Folheou uma página ao acaso, perguntando a Snead se sabia alguma coisa acerca das perfurações Xion. A testemunha esforçou-se ao máximo para espevitar a memória, mas a sua mente fora tão sobrecarregada com novos dados que esta lhe falhou. E sobre as comunicações Delstar? Uma vez mais, Snead fez um esgar sorridente, mas não conseguiu estabelecer ligação alguma entre o nome e os seus conhecimentos.

A quinta empresa que Nate mencionou despertou qualquer coisa nas suas recordações. Todo orgulhoso, Snead informou o advogado de que estava ao corrente dessa empresa. Há algum tempo que o senhor Phelan a tinha adquirido. Nate tinha perguntas a fazer relativas às vendas, produtos, aplicações financeiras e lucros, abordando também uma lista interminável de estatísticas financeiras. Snead não deu nenhuma resposta que estivesse certa.

— Até que ponto é que o senhor se encontrava ao corrente das aplicações financeiras do senhor Phelan? — perguntou Nate repetidamente.

Em seguida começou a fazer-lhe perguntas sobre a estrutura do Grupo Phelan. Snead memorizara os aspectos básicos, contudo, quanto aos pormenores mais pequenos, os seus conhecimentos resumiam-se a quase nada. Não foi capaz de nomear nenhum gestor de uma escala intermédia. Nem sequer sabia o nome dos contabilistas da empresa.

Nate continuou a massacrá-lo sem lhe dar tréguas, concentrando-se nos pontos que lhe eram desconhecidos. Mais para o fim da tarde, altura em que Snead já começara a mostrar-se cansado e atordoado, Nate, a meio de um milhão de perguntas cujo tema eram as questões financeiras, fez-lhe uma pergunta inesperada.

— Assinou algum contrato com os advogados quando aceitou a quantia de meio milhão de dólares? Um simples «não» teria sido suficiente, mas Snead foi apanhado de surpresa. Hesitou, olhou para Hark e depois para Nate, que folheava os seus documentos como se estivesse de posse de uma cópia desse contrato. Snead não tinha dito uma única mentira durante as últimas duas horas, consequentemente, não reagiu com a rapidez necessária.

— Hum... claro que não — respondeu a gaguejar, não conseguindo convencer ninguém.

Nate apercebeu-se da mentira permitindo que o assunto morresse.

Existiam outras maneiras de obter uma cópia do contrato.

Os advogados dos Phelan encontraram-se num bar semiobscuro, a fim de lamberem as suas feridas. O desempenho desolador de Snead parecia-lhes ser ainda mais catastrófico depois de duas rodadas de bebidas fortes. Poderia ser um pouco mais trabalhado com vista ao julgamento, mas o facto de ele ter recebido tanto dinheiro havia manchado para sempre o seu testemunho.

Como é que O'Riley se teria inteirado daquele assunto? Ele mostrava-se de tal maneira seguro de que Snead fora pago. — Foi o Grit — alvitrou Hark. «Grit», repetiram todos em pensamento. Com certeza que Grit não se teria passado para o outro lado.

— É o resultado de lhe terem roubado a cliente — disse Wally Bright depois de um longo silêncio. — Cale a boca — ripostou a doutora Langhorne.

Hark sentia-se demasiado cansado para oferecer luta. Acabou a bebida que tinha à frente mandando vir outra. Na confusão de todos os depoimentos, os outros advogados dos herdeiros Phelan tinham-se esquecido completamente da existência de Rachel. Continuava a não haver qualquer registo da sua pessoa no processo judicial.

QUARENTA E SETE

O depoimento de Nicolette, a secretária, teve a duração de oito minutos. Indicou o seu nome e endereço, ao que se seguiu um breve historial relativo aos seus empregos, enquanto os advogados dos Phelan, no outro extremo da mesa, se instalavam nas suas cadeiras aguardando os pormenores das indiscrições de natureza sexual da testemunha com o senhor Phelan. Tinha vinte e três anos de idade e poucas qualificações académicas, para além de um corpo de linhas esbeltas, uns belos seios e umas feições bonitas emolduradas por uns cabelos louros. Mal conseguiam esperar para a ouvir falar de sexo durante algumas horas.

— Alguma vez manteve relações sexuais com o senhor Phelan? — perguntou Nate indo direito ao assunto.

Ela tentou mostrar-se constrangida com aquela pergunta melindrosa, mas acabou por responder afirmativamente.

— Em quantas ocasiões?

— Não as contei.

— Durante quanto tempo?

— Geralmente, dez minutos.

— Não é isso que quero saber; estou a referir-me ao período de tempo. A partir de que mês até que data? — Oh, eu só trabalhei para ele durante cinco meses. — Aproximadamente, vinte semanas. Mais ou menos quantas vezes por semana é que tinha relações sexuais com o senhor Phelan? — Calculo que duas vezes por semana.

— O que significa mais ou menos quarenta vezes.

— Imagino que sim. Dá a impressão de ser muito, não acha? — Para mim, não, não acho. Quando se entregava a essas práticas sexuais, o senhor Phelan costumava despir a roupa? — Claro. Ambos nos despíamos.

— Por conseguinte, ele ficava completamente nu? — Sim — confirmou Nicolette.

— Ele tinha algumas marcas de nascença no corpo? Quando as testemunhas engendram mentiras, é frequente que lhes escapem os aspectos mais óbvios. O que também acontece com os seus advogados. Ficam tão obcecados

com as suas histórias fictícias que lhes passam despercebidos um facto ou dois. Hark e os seus correlegionários tinham acesso às informações que diziam respeito às ex-mulheres de Troy Phelan — Lillian, Janie e Tira — e qualquer destas lhes poderia ter dito que Troy possuíra duas marcas de nascença redondas de um vermelho-púrpura, cada uma do tamanho de um dólar de prata, mesmo ao cimo da perna direita, perto da anca, precisamente abaixo da cintura. — Que eu me lembre, não — replicou Nicolette.

Aquela resposta surpreendeu Nate, mas por outro lado não. Ter-lhe-ia sido bastante fácil acreditar que Phelan andava metido com a secretária, uma coisa que ele fazia há décadas. No entanto, poderia ter acreditado com a mesma facilidade que Nicolette mentia.

— Portanto, não lhe viu quaisquer marcas visíveis? — voltou Nate a perguntar.

— Nenhuma.

Os advogados dos Phelan sentiram-se invadidos por um sentimento de medo. Seria possível que outra das suas testemunhas principais estivesse prestes a desmoronar-se, mesmo em frente dos seus olhos? — Não tenho mais perguntas a colocar-lhe — disse Nate, saindo da sala para voltar a encher a sua chávena com café. Nicolette fitou os advogados. Estes olhavam com fixidez para a superfície da mesa, interrogando-se onde é que essas marcas de nascença se situariam.

Depois de Nicolette ter saído, Nate fez deslizar uma cópia do relatório da autópsia através do tampo da mesa, aproximando o documento dos seus adversários que não escondiam a estupefacção que sentiam. Não proferiu uma só palavra; não era necessário. Ali estava o velho Troy em cima de uma laje de pedra, um corpo nu com a carne definhada e contundida, com as marcas de nascença que pareciam olhar para eles.

Passaram o resto de quarta-feira, e todo o dia de quinta-feira, a interrogar os quatro psiquiatras recentemente contratados, cujo testemunho tinha como objectivo pôr em causa o parecer médico dos três primeiros colegas, afirmando que eles, efectivamente, não sabiam o que é que andavam a fazer.

Os seus testemunhos eram repetitivos e fáceis de adivinhar — as pessoas de posse das suas faculdades mentais não costumavam saltar de varandas abaixo.

Como grupo, eram menos distintos do que Flowe, Zadel e Theishen. Dois dos quatro já se tinham aposentado, auferindo ocasionalmente alguns honorários aqui e ali como testemunhas profissionais. Um deles ensinava numa faculdade comunitária sobrelotada. Enquanto outro ganhava a vida, com algumas

dificuldades, num pequeno consultório dos subúrbios.

Todavia, não eram pagos para impressionar ninguém; ao invés, o objectivo da sua presença era simplesmente agitar as águas. Troy Phelan fora conhecido por se comportar de maneira errática e excêntrica. Havia quatro peritos em psiquiatria que afirmavam que ele não estivera de posse de todas as suas faculdades mentais para poder executar um testamento. Por outro lado, havia três que afirmavam o contrário. Era necessário que se rodeasse o assunto de alguma densidade, mantendo-o emaranhado, na esperança de que os que defendiam a validade do testamento acabassem, um dia, por ficar fartos, concordando em que se chegasse a um acordo extra-judicial. Caso contrário, a última palavra caberia a um júri composto por leigos, que teriam de deslindar os meandros da linguagem médica até que as opiniões divergentes fizessem um mínimo de sentido.

Os novos peritos em psiquiatria eram generosamente remunerados a fim de não abdicarem das suas convicções, pelo que Nate nem sequer tentou alterá-las. Já levara ao banco das testemunhas um número suficiente de médicos para saber que não devia contradizê-los em assuntos de medicina. Em vez disso, optou por se concentrar nas suas credenciais e experiência clínica. Obrigou-os a verem o filme em vídeo e a criticarem os três primeiros psiquiatras.

Quando a sessão foi suspensa na quinta-feira à tarde, já haviam sido ouvidos quinze depoimentos. Entretanto, fora programada outra rodada para o fim de Março. Wycliff planeara o julgamento para meados de Julho. As mesmas testemunhas voltariam a depor, mas dessa feita fá-lo-iam perante um tribunal aberto ao público que os observaria, e na presença de um júri que sopesaria cada palavra.

Nate abandonou a cidade. Dirigiu-se para a região oeste através da Virgínia, após o que se dirigiu para sul através do vale Shenandoah. Sentia a mente entorpecida ao fim de nove dias em que sondara implacavelmente, até ao pormenor, a vida íntima de desconhecidos. A certa altura pouco definida da sua vida, por força do seu trabalho e vícios, perdera todo o sentido de decência e pudor. Aprendera a mentir, a ser dissimulado, a enganar, a ocultar, a assediar e a atacar testemunhas inocentes sem mostrar o mais pequeno resquício de sentimentos de culpa. Mas na tranquilidade do interior do seu automóvel, ao abrigo da escuridão da noite, Nate sentia-se envergonhado da sua atitude. Teve compaixão dos filhos de Troy Phelan. Lamentou a sorte de Snead, um homenzinho com uma vida triste que se limitava a tentar sobreviver. Desejou não ter atacado os novos psiquiatras com tanto vigor.

O sentimento de vergonha regressara à sua mente e Nate sentia-se feliz com isso. Sentia-se orgulhoso de si próprio por ser capaz de ter vergonha. Ao fim e ao cabo, isso significava que voltara a ser humano.

À meia-noite parou num motel barato perto de Knoxville. Nevava intensamente no Midwest, nos estados do Kansas e Iowa. Deitado na cama enquanto consultava um atlas, traçou um percurso através do sudoeste.

Dormiu a segunda noite em Shawnee, em Oklahoma; na terceira pernoitou em Kingman, Arizona; a quarta em Redding, Califórnia. Os filhos do segundo casamento eram Austin e Angela, com, respectivamente, doze e onze anos, e frequentavam o sétimo e sexto anos de escolaridade. A última vez que estivera com eles tinha sido em Julho passado, três semanas antes da última recaída, altura em que os levara a ver um jogo dos Orioles. Aquela saída, que tão agradável fora, posteriormente transformou-se numa cena medonha. Nate bebera seis cervejas durante o jogo — os garotos tinham-nas contado porque a mãe lhes dissera que o fizessem -, tendo conduzido durante as duas horas de Baltimore a Arlington sob a influência do álcool.

Nessa altura, os filhos estavam prestes a mudar-se para Oregon com a mãe, Christi, e com o segundo marido desta, Theo. A ida àquele jogo seria a última vez que Nate teria oportunidade de estar com os filhos nos tempos mais próximos, e, em vez de se despedir deles numa atmosfera agradável, tinha-se embriagado. Discutiu com a ex-mulher no caminho de acesso à garagem com as crianças como espectadoras, mas para eles aquela cena não tinha nada de invulgar. Theo ameaçara-o com o cabo de uma vassoura. Mais tarde, Nate despertou dentro do carro que estacionara num lugar reservado a deficientes, no parque de estacionamento de um McDonald's, com uma embalagem de seis cervejas vazias no assento traseiro.

Quando se tinham conhecido, catorze anos antes, Christi era directora de um colégio particular em Potomac. Na altura, ela fizera parte de um júri. Nate era um dos advogados. Ela usava uma saia preta curta no segundo dia do julgamento, e a litigação, praticamente, ficou interrompida. O primeiro encontro que ambos combinaram teve lugar uma semana mais tarde.

Durante três anos, Nate manteve-se afastado de todas as substâncias nocivas, o tempo suficiente para se casarem e terem dois filhos. Quando a barragem começou a abrir fissuras, Christi sentiu-se assustada desejando fugir. Pouco depois, a situação explodiu e ela agarrou nos filhos e abandonou a casa, mantendo-se afastada durante um ano. O casamento durou dez caóticos anos. Actualmente, Christi trabalhava num colégio em Salem; por seu turno, Theo era

sócio de uma pequena firma de advocacia nessa cidade. Nate acreditara sempre que fora ele quem levara a família a abandonar Washington. Não lhes podia assacar quaisquer culpas por terem fugido para a outra costa do país.

Quando chegou às proximidades de Medford, a quatro horas de distância, ligou para o colégio servindo-se do telefone do automóvel, tendo ficado em espera durante cinco minutos, período de tempo utilizado, tinha a certeza, para ela trancar a porta e serenar as ideias. — Estou — disse Christi, finalmente.

— Christi, sou eu, Nate — retorquiu ele sentindo-se como um idiota por ter de identificar a sua voz perante uma mulher com quem vivera durante dez anos.

— Onde é que estás? — perguntou ela como se estivesse perante a iminência de um ataque que a visaria.

— Próximo de Medford.

— No Oregon?

— Sim, gostaria de ver os garotos.

— De acordo; quando? — Esta noite, amanhã, não estou com muita pressa. Há já alguns dias que estou em viagem, só a ver a paisagem. Não tenho um itinerário definido.

— Sim, com certeza, Nate. Tenho a certeza de que poderemos combinar qualquer coisa. Mas bem vês, os garotos andam muito atarefados com a escola, o bailado, os treinos de futebol, etc. — Como é que eles estão? — Estão muito bem. Obrigada por perguntares. — E tu? Como é que a vida te tem tratado? — Estou óptima. Adoramos viver no Oregon.

— Eu também estou bem. Obrigado por teres perguntado — acrescentou Nate com ironia. — Estou desintoxicado e sóbrio, Christi, de verdade. Finalmente, consegui libertar-me das drogas e da bebida de uma vez por todas. Tudo indica que dentro em pouco abandonarei o exercício da advocacia, mas sinto-me realmente muito bem. — Isso é esplêndido, Nate. — Ela já ouvira as mesmas afirmações em ocasiões anteriores. As suas palavras eram medidas. Planeava com a antecipação de duas frases.

Combinaram jantar na noite seguinte, o que permitiria a Christi o tempo suficiente para preparar os filhos, arrumar a casa; um compasso de espera que também daria a Theo o tempo necessário para decidir qual o papel que desempenharia naquela reunião. Tempo suficiente para se ensaiarem e planearem saídas airosas. — Não tenciono atrapalhar o dia-a-dia de ninguém — prometeu Nate antes de desligar.

Theo optou por trabalhar até tarde, não estando presente na reunião. Nate

abraçou Angela demoradamente. Austin ficou-se por um aperto de mão. Nate prometera a si mesmo que não se manifestaria efusivamente sobre o quanto tinham crescido desde a última vez em que os vira. Christi recolheu-se no seu quarto enquanto o pai reatava a relação com os filhos.

Tão-pouco tencionava desfazer-se em desculpas acerca de atitudes que não poderia apagar da vida dos três. Sentaram-se no chão da sala de estar, conversando sobre bailado, escola e futebol. Salem era uma cidade bonita, muito mais pequena do que D. C, e os garotos tinham-se adaptado sem problemas de maior, tendo feito muitos amigos e frequentando uma boa escola, onde os professores eram simpáticos.

O jantar foi spaghetti com salada, e prolongou-se por uma hora. Nate contou as peripécias por que passara nas selvas brasileiras, levando o imaginário dos filhos na sua viagem em que procurara uma cliente cujo paradeiro se desconhecia. Era evidente que Christi não lera os jornais que relatavam as notícias da herança Phelan. Não estava ao corrente de nada que se relacionasse com aquele assunto.

Às sete em ponto, Nate disse que tinha de se ir embora. Os garotos ainda precisavam de fazer os trabalhos de casa, além de que a escola começava cedo.

— Amanhã tenho um jogo de futebol, pai — disse Austin, fazendo com que o coração de Nate quase parasse de bater. Não se recordava da última vez em que os filhos o tinham tratado por pai. — É na escola — adiantou Angela. — Queres assistir? A pequena ex-família partilhou um momento em que pairou um certo mal-estar, em que se limitaram a olhar uns para os outros. Nate não sabia o que dizer.

— Eu vou assistir ao jogo — interveio Christi, dissipando a estranheza daquele momento. — Podemos aproveitar para conversar. — Claro que estarei presente — disse Nate. Antes de sair, os filhos abraçaram-no. Afastando-se no seu automóvel, Nate desconfiava que Christi queria vê-lo durante dois dias consecutivos para poder examinar os seus olhos. Ela estava bem familiarizada com os sinais.

Nate permaneceu em Salem durante três dias. Assistiu ao jogo de futebol sentindo um orgulho extraordinário no filho. Foi convidado de novo para jantar, mas concordou em aceitar com a condição de Theo se lhes reunir durante a refeição. Também almoçou com Angela e com as amigas da filha no refeitório da escola. Decorridos três dias, chegara a altura de partir. Os garotos precisavam de retomar a rotina do seu dia a dia, sem as complicações que Nate levava à sua vida. Por seu lado, Christi já estava saturada de fingir que nunca tinha

acontecido nada entre os dois. Além de que Nate tinha começado a apegar-se demasiado aos filhos. Prometeu-lhes telefonar e contactá-los através do correio electrónico, insistindo em que voltariam a ver-se dentro em pouco.

Partiu de Salem com o coração destroçado. Até que ponto é que um homem poderia descer para ter deixado uma família maravilhosa como aquela? Não se recordava de quase nada que se relacionasse com a infância dos filhos — não lhe ocorria cena alguma das peças teatrais escolares, das máscaras que tinham usado no Dia das Bruxas, das manhãs dos dias de Natal, das idas ao centro comercial da área onde viveram. Agora eram praticamente adultos e estavam a ser criados por outro homem.

Dirigiu-se para oriente, acompanhando o fluir do trânsito.

Enquanto Nate percorria um pouco ao acaso o território de Montana, com o pensamento concentrado em Rachel, Hark Gettys tinha dado entrada em tribunal de uma acção para que fosse negado provimento às alegações que a herdeira apresentara contra a contestação do testamento. As suas razões eram claras e evidentes, substanciando o seu ataque com uma súmula composta por vinte páginas em que trabalhara durante um mês. Estava-se a sete de Março, quase três meses depois da morte do senhor Phelan, embora ainda não tivessem decorrido dois meses desde que Nate aceitara o caso, aproximadamente três semanas desde que o processo fora tornado público, quatro meses antes de o caso ser submetido a tribunal e este continuava sem ter jurisdição sobre Rachel Lane. Não fossem as alegações apresentadas pelo seu advogado, continuaria a não haver o mínimo vestígio da sua presença. Nenhum dos documentos oficiais que haviam dado entrada no tribunal tinham a sua assinatura.

Hark referia-se a ela designando-a por «parte fantasma». Ele e os outros advogados que representavam os requerentes tinham instaurado um processo litigioso contra uma sombra. A mulher era candidata a herdar onze mil milhões de dólares. O mínimo que poderia ter feito era assinar o documento de renúncia de direitos em conformidade com a lei. Uma vez que se dera ao incómodo de contratar os serviços de um advogado, certamente que também poderia submeter-se à jurisdição do tribunal.

A passagem do tempo beneficiava enormemente os herdeiros, se bem que para estes fosse difícil mostrarem-se pacientes enquanto sonhavam com tamanha riqueza. Cada semana que decorria sem notícias de Rachel era mais uma prova de que ela não tinha qualquer interesse nos trâmites judiciais daquele processo. Durante as reuniões que se realizavam às sextas-feiras de manhã, os advogados dos Phelan reviam a leitura pública do testamento, falando dos respectivos

clientes e engendrando a estratégia que seguiriam. No entanto, passavam a maior parte do seu tempo a especular sobre o motivo por que Rachel ainda não se tinha apresentado oficialmente. Sentiam-se fascinados com a possibilidade ridícula de que talvez ela não quisesse herdar o dinheiro. Era uma hipótese perfeitamente absurda, e contudo, fosse de que maneira fosse, tratava-se de um assunto que, inevitavelmente, era abordado todas as manhãs de sexta-feira. Entretanto, as semanas davam lugar aos meses. A vencedora do número da lotaria não reivindicava o prémio que lhe coubera. Existia ainda outra razão bastante relevante para que fosse exercida pressão sobre os que se batiam pela legitimação do testamento de Troy Phelan. Dava pelo nome de Snead. Hark, Yancy, Bright e Langhorne haviam assistido impotentes ao depoimento da sua testemunha principal até o terem memorizado; no entanto, não se sentiam confiantes quanto à capacidade que o homem teria para influenciar os jurados. Nate O'Riley pusera-o a ridículo, o que acontecera no decurso de uma mera acareação. Imagine-se quão afiadas estariam as lâminas das adagas por ocasião do julgamento do caso, perante um júri composto, na sua maioria, por pessoas da classe média que se esforçavam por pagar as suas contas todos os meses. Ficariam a saber que Snead metera ao bolso meio milhão de dólares para testemunhar a sua versão da história. Seria extremamente difícil convencer os jurados.

O problema de Snead saltava à vista. Mentia, e os mentirosos acabavam, eventualmente, por ser apanhados em tribunal. Depois de ter tido tantos deslizes ao longo do seu depoimento, os advogados sentiam-se verdadeiramente aterrorizados com a perspectiva de o apresentarem perante um júri. Mais uma ou duas mentiras que fossem do conhecimento público, e o caso deles iria por água abaixo sem apelo nem agravo.

Por outro lado, as marcas de nascença haviam feito com que Nicolette fosse inútil como testemunha.

Os seus próprios clientes não eram pessoas que fossem particularmente merecedoras de simpatia. Com a excepção de Ramble, o mais assustador de todos, cada um recebera cinco milhões de dólares, quantia que se destinara a ajudá-los a singrar na vida. Nenhum dos jurados ganharia esse montante ao longo de toda a sua vida. Os filhos de Troy Phelan poderiam queixar-se de tudo o que quisessem quanto ao terem sido criados sem a presença de um pai, mas acontecia que metade dos jurados teria tido progenitores divorciados. A batalha dos psiquiatras também seria um osso duro de roer, para além de ser um segmento do julgamento que os preocupava acima de tudo o mais. Nate O'Riley

desfizera o testemunho de muitos médicos em salas de tribunal durante mais de vinte anos. Os quatro substitutos que tinham contratado não seriam capazes de resistir aos brutais contra-interrogatórios de Nate.

A fim de evitarem um julgamento, seriam forçados a chegar a um acordo extra-judicial. Para que esse acordo fosse viável, era necessário encontrarem uma lacuna. A aparente falta de interesse por parte de Rachel Lane seria mais do que suficiente, sendo inquestionavelmente a melhor jogada que poderiam fazer. Josh revia, com um sentimento de admiração, a moção apresentada onde se pedia que fosse negado provimento ao processo. Adorava todas as manobras jurídicas, os estratagemas que se arquitectavam para frustrar os planos dos adversários, as tácticas utilizadas, e sempre que alguém, até mesmo um oponente, fazia as coisas como deve ser, em silêncio, não se coibia de o aplaudir. Toda a táctica de Hark era perfeita — o sentido de oportunidade, a exposição de motivos e a forma soberba como argumentava na súmula do processo. Os requerentes tinham um caso pouco consistente, mas os seus problemas, quando comparados com os de Nate, eram de somenos importância. Nate não fora contratado por um cliente. Ele e Josh haviam conseguido manter aquele pormenor em segredo de há dois meses a esta parte, todavia, a artimanha estava prestes a passar à história.

QUARENTA E OITO

Daniel, o filho mais velho de Nate, insistiu em encontrar-se com o pai num pub. Já era noite quando este encontrou o bar situado a dois quarteirões do complexo universitário, numa rua ladeada por clubes e bares. A música, os anúncios com luzes intermitentes que publicitavam várias marcas de cerveja e os universitários de ambos os sexos que gritavam pelas ruas — tudo aquilo lhe era sobejamente familiar. Era Georgetown alguns meses atrás, mas Nate já não se sentia atraído por aquele ambiente. Há apenas um ano ele teria retribuído os gritos de euforia daqueles jovens, acompanhando-os de um bar ao seguinte, acreditando na sua imaginação que continuava a ser um jovem de vinte anos capaz de se aguentar durante toda a noite.

Daniel aguardava-o numa mesa compartimentada pouco espaçosa; estava acompanhado por uma rapariga. Ambos fumavam. Cada um tinha à sua frente uma garrafa de vidro castanho com gargalo esguio. Pai e filho trocaram um aperto de mão, dado que qualquer manifestação mais afectuosa teria feito com que o filho se sentisse pouco à vontade.

— Esta é a Stef— disse Daniel apresentando a rapariga. — É modelo — acrescentou, pressuroso, tentando provar ao seu velho que andava atrás de uma mulher de elevado calibre.

Por qualquer razão, Nate tivera esperanças de que poderia passar algumas horas a sós com o filho. Mas esse seu desejo não seria concretizado.

A primeira coisa em que reparou no aspecto de Stef foi o facto de ela usar um baton acinzentado, que fora aplicado em camadas generosas sobre os lábios cheios que pareciam fazer beicinho, lábios que mal se distenderam quando ela o brindou com o sorriso vago da praxe. Saltava à vista que ela era suficientemente macilenta e incaracterística para poder ser modelo. Tinha uns braços tão escanzelados que mais se assemelhavam a cabos de vassoura.

Embora Nate não as pudesse ver, estava certo de que as pernas ossudas da rapariga dariam a impressão de lhe chegar aos sovacos, e de certeza absoluta que teria pelo menos duas tatuagens gravadas na pele em redor dos tornozelos.

Ela desagradou-lhe de imediato, e ficou com a sensação de que o sentimento era mútuo. Não era capaz de imaginar o que é que Daniel lhe teria

dito.

O filho concluíra o ensino liceal no Colégio Grinnell há um ano, após o que passara o Verão na índia. Há treze meses que Nate não o via. Não estivera presente na cerimónia de fim do curso(1), nem tão-pouco enviara um cartão ou um presente, não se dera ao incómodo de lhe telefonar para o felicitar. Naquela mesa já se instalara um ambiente de tensão maior do que seria desejável, sem que a manequim expelisse constantemente baforadas de fumo, enquanto fitava Nate com um olhar completamente abstracto. — Queres beber uma cerveja? — perguntou Daniel quando viu um empregado de mesa por perto. Era uma pergunta cruel, uma pequena ferroada profunda que se destinava a infligir sofrimento. — Não, só quero água — respondeu Nate.

— Continuas a manter-te sóbrio, hem? — continuou Daniel depois de ter feito o pedido em voz alta ao empregado de mesa. — Sempre — replicou Nate com um sorriso, tentando esquivar-se às ferroadas do filho.

— Tiveste alguma recaída desde o Verão passado? — Não. Falemos de outra coisa qualquer.

— Dan disse-me que se submeteu a uma cura de desintoxicação — interveio Stef, expelindo o fumo do cigarro através das narinas. Nate sentiu-se surpreendido ao constatar que ela era capaz de iniciar e terminar uma frase. As suas palavras eram arrastadas e a voz tão oca quanto as órbitas oculares.

— De facto, é verdade, por várias vezes. Que mais é que ele lhe contou? — Eu também já passei por uma clínica de desintoxicação — acrescentou ela. — Mas só numa ocasião. — Dava a impressão de sentir grande orgulho naquela façanha, em simultâneo com uma manifestação de tristeza pela sua falta de experiência naquelas andanças. As duas garrafas de cerveja diante dela estavam vazias.

*1. Ao contrário do que é uso no nosso país, nos Estados Unidos a conclusão do ensino secundário é uma ocasião muito importante em que os diplomas são entregues numa cerimónia pública. (N. da T.) — Muito agradável — comentou Nate, passando a ignorar a presença da rapariga. Era incapaz de fingir que simpatizara com ela, além de que dali a um mês ou dois ela já teria arranjado outro apaixonado, também a sério.

— Como é que vão os estudos? — perguntou Nate a Daniel.

— Quais estudos?

— Estou a referir-me à faculdade.

— Desisti de estudar. — As suas palavras eram desabridas e tensas. Por detrás da sua maneira de falar, a tensão era visível. Nate pressentiu que a sua

pessoa influenciara aquele abandono dos estudos; só não sabia exactamente como e porquê. Entretanto, chegou a água que pedira. — Vocês já jantaram? — perguntou.

Stef evitava comer e Daniel não tinha fome. Por seu turno, Nate sentia-se esfomeado mas não lhe apetecia comer sozinho. Com o olhar, percorreu o pub. Algures, num outro canto, alguém fumava marijuana. Aquele bar era uma pequena espelunca barulhenta, o género de lugar que Nate tanto apreciara numa vida não muito distanciada.

Daniel acendeu outro cigarro, um Camel sem filtro, os piores paivantes cancerígenos que existiam no mercado, expelindo uma nuvem de fumo espesso na direcção do candeeiro suspenso acima da mesa. Mostrava-se irritado e tenso.

A rapariga encontrava-se ali por dois motivos. Para impedir que fossem trocadas palavras agrestes e talvez mesmo uma discórdia. Nate desconfiava que o filho, possivelmente, estaria sem dinheiro, situação que o levava a querer descarregar em cima do pai, acusando-o de falta de apoio, ao mesmo tempo que receava agir desse modo porque o velho se encontrava num estado de fragilidade, para não mencionar que tinha tendência para se ir abaixo entrando num poço sem fundo. Stef serviria de moderadora, apaziguando a cólera de Daniel, bem como a sua linguagem.

A segunda razão era para abreviar aquele encontro tanto quanto fosse possível.

Nate precisou apenas de quinze minutos para chegar àquelas conclusões.

— Como é que a tua mãe tem passado? — perguntou ao filho. — Está óptima — respondeu Daniel esforçando-se por esboçar um sorriso. — Estive com ela no Natal passado. Tu estavas fora. — Estive no Brasil — explicou Nate.

Perto dos três, passou uma universitária que usava umas calças de ganga coladas ao corpo. Stef inspeccionou-a de alto a baixo; finalmente, a expressão do seu olhar deixava adivinhar alguma vivacidade.

A rapariga conseguia ser mais escanzelada do que Stef. Como é que um aspecto esquelético conseguira estar tão em moda? — O que é que se passa no Brasil? — perguntou Daniel. — Uma cliente. — Nate já estava farto das histórias da sua aventura.

— A mãe disse-me que tens um problema qualquer com o I.R.S. — Tenho a certeza de que isso dá grande satisfação à tua mãe. — Imagino que sim. Ela não me pareceu muito incomodada com o teu problema. Vais parar à cadeia? — Não. Achas que podemos mudar de conversa? — Com certeza, pai. Mas não há mais nada de que possamos falar, nada além do passado, e por aí não

podemos enveredar. Stef, a mediadora, revirou os olhos na direcção de Daniel, como se lhe dissesse: «Já chega!» — Por que razão é que desististe de estudar? — perguntou Nate, ansioso por arrumar aquele assunto de uma vez por todas. — Por vários motivos. Começou a ser aborrecido.

— Ele ficou sem dinheiro — interveio Stef dando uma ajuda. Lançou a Nate o seu melhor olhar abstracto.

— Isso é verdade? — inquiriu Nate.

— É uma das razões — confirmou Daniel.

O primeiro instinto de Nate foi sacar do livro de cheques resolvendo de imediato os problemas do rapaz. Era o que sempre fizera. Para ele, ser pai traduzira-se sistematicamente numa longa ida às compras. Caso não se possa estar presente, a solução é enviar dinheiro. Mas a diferença era que Daniel já tinha vinte e três anos, já frequentara a faculdade, e saía com as iguais da Miss Bulimia ali presente, tendo chegado a altura de se afundar ou nadar pelos seus próprios meios.

Além de que o livro de cheques já não era o que fora em tempos passados.

— Deves trabalhar durante algum tempo; só te fará é bem — disse Nate. — O trabalho fará com que dês mais valor aos estudos. Stef discordava. Tinha dois amigos que haviam desistido de estudar e que passaram a andar ao deus-dará. Enquanto ela continuava com aquela conversa fiada, Daniel recolheu-se mais no seu canto da mesa compartimentada. Esvaziou a sua terceira garrafa de cerveja. Nate podia pregar-lhe toda a espécie de sermões alusivos aos malefícios do álcool, mas sabia que tudo o que dissesse sobre esse assunto soaria a falso.

Depois de quatro cervejas, Stef já estava embriagada e Nate não tinha mais nada a acrescentar. Escreveu num guardanapo de papel o número de telefone em Saint Michaels, entregando-o a Daniel.

— Durante os dois meses mais próximos poderás contactar-me através deste telefone. Se precisares de alguma coisa liga-me.

— Até à vista, pai — retorquiu Daniel.

— Tem cuidado contigo.

Nate saiu para o ar gelado, dirigindo-se para o lago Michigan. Dois dias mais tarde chegou a Pittsburgh, onde teria a terceira e última reunião que acabou por não se realizar. Tinha falado por duas vezes com Kaitlin, a filha fruto do casamento número um, e o que combinaram ficara bastante claro. Ela deveria encontrar-se com o pai às sete e meia, para jantarem, em frente do restaurante no átrio do hotel onde ele ficaria alojado. O apartamento dela ficava apenas a 20

minutos de distância. Às oito e meia entrou em contacto com ele, dando-lhe a notícia de que uma amiga estivera envolvida num acidente de viação que a levara ao hospital, onde a situação não agourava nada de bom.

Nate sugeriu que combinassem almoçar no dia seguinte. Kaitlin disse-lhe que isso não seria possível porque a amiga sofrera uma contusão na cabeça e estava ligada a um sistema de reanimação; tencionava permanecer junto dela até que o seu estado clínico estabilizasse. Vendo que a filha fazia uma retirada estratégica, Nate perguntou-lhe a morada do hospital. De início, ela disse que não sabia, depois não tinha a certeza, e em seguida, após ter reflectido melhor, aquela visita não era boa ideia porque não podia abandonar a cabeceira da cama da doente.

Nate comeu no quarto, sentado a uma pequena mesa junto da janela de onde desfrutava de uma vista que abrangia a baixa da cidade. Depenicava a comida pensando em todas as razões mais plausíveis que pudessem levar a filha a não querer encontrar-se com ele. Uma argola nas narinas? Uma tatuagem na testa? Teria ela passado a fazer parte de uma seita religiosa, tendo rapado a cabeça? Seria possível que ela tivesse engordado cinquenta quilos ou perdido vinte e cinco? Estaria ela grávida? Tentou deitar as culpas para cima da filha, de molde a que não fosse forçado a encarar a evidência. Ter-lhe-ia ela assim tanto ódio? Na solidão do seu quarto de hotel, numa cidade onde não conhecia ninguém, era fácil entregar-se a sentimentos de auto-comiseração, sofrendo uma vez mais pelos erros que cometera no passado.

Agarrou no telefone tentando fazer algo que lhe ocupasse os pensamentos. Ligou para o padre Phil perguntando-lhe como é que iam as coisas por Saint Michaels. Phil estivera adoentado com gripe e, dado que a cave da igreja era muito fria, Laura não lhe permitia que continuasse com os trabalhos de remodelação. «Que maravilha!», pensou Nate. Malgrado existirem muitas incertezas no seu caminho, a única constante, pelo menos num futuro mais próximo, seria a perspectiva de um trabalho regular na cave da igreja da Trindade. Em seguida telefonou a Sérgio, com quem manteria a conversa semanal que servia para o encorajar no bom caminho. Os demónios estavam todos bem presos pela rédea que tinha nas mãos, e Nate sentia-se surpreendentemente senhor da situação. O quarto do hotel tinha um pequeno bar no frigorífico, mas ele ainda não se aproximara dele.

O telefonema seguinte foi para Salem; manteve uma conversa muito agradável com Angela e Austin. Era estranho como as crianças mais novas queriam conversar com o pai, enquanto os mais velhos não tinham nada a dizer.

Por fim, telefonou a Josh, que na altura se encontrava no escritório da cave de sua casa, a pensar nas complicações do caso Phelan.

— Tens de regressar, Nate — disse ele. — Tenho um plano.

QUARENTA E NOVE

Nate não foi convidado para a primeira volta das negociações de paz. Existiam duas razões que justificavam a sua ausência. Em primeiro lugar, era Josh quem organizara a cimeira, consequentemente, encontrava-se no seu território. Até à data, Nate conseguira evitar ir ao escritório onde trabalhara, desejando que aquele estado de coisas se mantivesse. Em segundo lugar, os advogados da família Phelan consideravam que Josh e Nate eram aliados, o que tinha toda a razão de ser. Josh pretendia desempenhar o papel do fazedor da paz, o intermediário. Para obter a confiança da parte contrária, tinha forçosamente de ignorar a outra, ainda que por pouco tempo. O seu plano consistia em reunir-se com Hark e demais advogados antes de falar com Nate, e, se necessário, durante alguns dias, andar de um lado para o outro até que conseguissem chegar a um acordo que satisfizesse ambas as partes.

Ao cabo de uma sessão prolongada de amena conversa sobre trivialidades, Josh pediu que lhe prestassem atenção. Havia muitos assuntos que teriam de abordar. Os advogados dos Phelan estavam ansiosos por começar.

Qualquer acordo pode ser alcançado no espaço de alguns segundos, durante a suspensão de uma audiência que tenha lugar durante um julgamento acalorado: sempre que uma testemunha se mostra hesitante, ou quando um administrador que ocupou o cargo recentemente deseja recomeçar tudo de novo, libertando-se de um processo litigioso que se pode vir a arrastar por muito tempo. Por outro lado, qualquer acordo pode levar meses até se concretizar, enquanto o processo judicial se aproxima lentamente da data do julgamento. No seu todo, os advogados dos Phelan sonhavam com uma «rapidinha» e a reunião no gabinete de Josh era um primeiro passo. Acreditavam verdadeiramente que estavam prestes a transformar-se em milionários.

Josh começou por lhes dar a conhecer, diplomaticamente, a sua opinião, de acordo com o que a causa deles carecia de consistência.

Não tivera conhecimento prévio dos planos do seu cliente em elaborar um testamento holografado, o que acabara por criar uma situação caótica, não obstante, o testamento era válido. Tinha passado duas horas com o senhor Phelan, no dia anterior ao da sua morte, tendo revisto os últimos pormenores do

testamento mais recente; Josh estava preparado para testemunhar que ele sabia exactamente o que estava a fazer. Também atestaria, caso fosse necessário, que quando se encontraram Snead não estivera em parte alguma por perto.

Os três psiquiatras que tinham submetido o senhor Phelan a um exame mental foram cuidadosamente escolhidos pelos filhos, ex-mulheres e advogados da família Phelan, possuindo um palmarés profissional absolutamente inatacável. Por seu lado, os que haviam sido contratados recentemente eram pouco fiáveis. As suas credenciais não eram as melhores. Na opinião de Josh, o confronto entre os especialistas em psiquiatria seria ganho pelo primeiro grupo.

Wally Bright envergava o seu melhor fato, que não era grande coisa. Absorveu aquelas palavras de crítica com as mandíbulas cerradas, mantendo o lábio inferior entre os dentes para evitar dizer qualquer coisa estúpida, enquanto tomava apontamentos inúteis num bloco de papel amarelo com linhas, porque era o que todos os outros faziam. Não estava na sua natureza permanecer tranquilamente sentado aceitando menosprezos daquele jaez, ainda que proferidos por um advogado de renome como Josh Stafford. No mês anterior, Fevereiro, o seu pequeno escritório apresentara um lucro de vinte e seis mil dólares em honorários, tendo sido gastos os quatro mil habituais em despesas de administração. Wally não levara nada para casa. É claro que a maior parte do seu tempo havia sido dedicado ao assunto Phelan.

Josh patinava sobre gelo fino quando resumiu o testemunho apresentado pelos clientes destes advogados.

— Tive oportunidade de ver os vídeos desses depoimentos — disse ele com tristeza. — Muito francamente, com a excepção de Mary Ross, estou em crer que darão umas testemunhas terríveis aquando do julgamento.

Os advogados dos visados aceitaram aquela conclusão sem se mostrarem desconcertados. Aquilo era uma reunião para se tentar chegar a um acordo amigável e não uma audiência em tribunal. Josh não se alongou muito no tocante aos herdeiros. Quanto menos fosse dito, melhor. Os seus advogados estavam bem cientes de que eles seriam massacrados perante qualquer júri.

— O que nos leva ao assunto de Snead — continuou Josh. — Também vi o vídeo do testemunho que ele apresentou, e, muito francamente, se o consideram uma testemunha apta a apresentar-se num julgamento estão a cometer um erro crasso.

De facto, na minha opinião, os senhores encontram-se no limiar de um caso de negligência profissional.

Bright, Hark, Langhorne e Yancy chegaram-se mais aos seus blocos de

apontamentos. Entre eles, Snead era uma palavra obscena. Já tinham discutido quem era o culpado de um desastre de tais proporções. Perderam horas de sono preocupados por causa do homem. Tinham desembolsado meio milhão de dólares e, como testemunha, ele não valia absolutamente nada.

— Conheço Snead há quase vinte anos — prosseguiu Josh, passando os quinze minutos seguintes a traçar eficazmente o perfil do homem, classificando-o como sendo um mordomo de fracos talentos, um pateta em quem nem sempre se podia confiar, um empregado a que o senhor Phelan aludira com frequência, manifestando o seu desejo de o despedir. Os advogados acreditaram em todas aquelas palavras.

O resultado foi o testemunho de Snead passar à história. Josh fez a proeza de, em sentido figurado, esventrar a testemunha principal sem sequer ser obrigado a mencionar o facto de ele ter sido subornado com quinhentos mil dólares, a fim de contar a versão que mais convinha aos advogados.

Nicolette teve o mesmo destino quanto ao seu depoimento. Ela mentia, tal como o seu compincha Snead.

Não tinham conseguido encontrar outras testemunhas. Havia alguns empregados que se sentiam agravados, mas estes não queriam ter nada a ver com o julgamento. Em qualquer dos casos, o seu testemunho estaria inquinado. Existiam ainda dois rivais do mundo empresarial que tinham sido cilindrados ao tentarem competir com Troy Phelan. No entanto, estes dois adversários não sabiam nada quanto às capacidades mentais do falecido.

Josh concluiu dizendo que o caso deles não tinha grandes hipóteses. Contudo, todos os casos eram arriscados quando em presença de um júri.

Também falou de Rachel Lane como se a conhecesse há muitos anos. Não disse nada de muito específico, mas generalizou o suficiente para transmitir a impressão de que a conhecia bastante bem. Nas suas palavras, ela era uma senhora encantadora que levava uma existência extremamente simples, num outro país, não sendo do género de pessoa que compreendesse processos litigiosos. Fugia de toda e qualquer controvérsia. Sentia desprezo por qualquer confrontação. E tinha mantido um relacionamento muito mais estreito com o pai do que qualquer pessoa poderia imaginar. Hark desejava perguntar a Josh se a conhecia pessoalmente. Alguma vez vira Rachel? Teria ouvido alguma menção ao seu nome antes de ter lido o testamento? Mas aquele não era o lugar nem a altura mais propícia para debater esses pontos discordantes. O dinheiro estava prestes a ser colocado sobre a mesa e a percentagem de Hark seria de dezassete ponto cinco. A doutora Langhorne mandara proceder a uma investigação na

cidade de Corumbá, continuando a perguntar a si mesma o que é que uma mulher de quarenta e dois anos, norte-americana, poderia estar a fazer num lugar como aquele. Ela e Hark, nas costas de Bright e Yancy, pela calada, tinham-se aliado, confiando um no outro. Já haviam falado demoradamente sobre a possibilidade de, de uma maneira dissimulada, darem a conhecer o paradeiro de Rachel Lane a determinados repórteres. Não lhes restava a mínima dúvida de que a imprensa haveria de a encontrar nessa região, em Corumbá. Obrigá-la a ter de se dar a conhecer, e durante esse processo, o mundo tomaria conhecimento daquilo que planeava fazer com o dinheiro que herdara. Se, tal como sonhavam e estavam esperançados, ela renunciasse à herança, isso significaria que os seus clientes poderiam fazer pressão para virem a receber a totalidade do espólio.

Seria um risco que correriam, pelo que continuavam a avaliar os prós e os contras.

— O que é que Rachel Lane tenciona fazer com todo o dinheiro que está em jogo? — perguntou Yancy.

— Não estou bem certo — respondeu Josh, como se ele e Rachel discutissem aquele assunto todos os dias. — Muito provavelmente, ficará com algum para si própria, entregando a maior parte a obras de beneficência. Na minha opinião, foi por este motivo que o senhor Phelan fez o que fez. Calculou que se os vossos clientes viessem a herdar o dinheiro, este não duraria mais de noventa dias. Ao legar a sua fortuna a Rachel, sabia que esta acabaria por acabar por beneficiar os que mais dela necessitam. Fez-se uma longa pausa na conversa depois de Josh ter terminado com aquela conclusão. Lentamente, os sonhos começaram a desmoronar-se. Era evidente que Rachel Lane existia e não tinha intenções de renunciar ao dinheiro que lhe coubera em herança. — Por que é que ela não se deu a conhecer até agora? — perguntou Hark finalmente.

-Bem... para se poder responder a essa pergunta é necessário conhecê-la. Para ela, os bens materiais não têm o menor significado. Não estava à espera de ser contemplada no testamento do pai. Mas então, inesperadamente, descobre que herdou milhares de milhões de dólares. Ainda está numa espécie de estado de choque.

Outra longa pausa enquanto os advogados dos Phelan garatujavam nos seus blocos de apontamentos.

— Estamos dispostos a levar este processo litigioso até ao supremo tribunal, caso venha a ser necessário — adiantou Langhorne. — Ela compreende que este assunto poderá arrastar-se vários anos? — Ela já se apercebeu disso — replicou Josh. — Essa é uma das razões por que gostaria de considerar as

possibilidades de um acordo extra-judicial. Agora tinham começado a fazer progressos.

— Por onde é que começamos? — perguntou Wally Bright sem estar com rodeios.

Era uma questão que se revestia de alguma dificuldade. Numa das cabeceiras da mesa encontrava-se um filão de ouro no valor de onze mil milhões de dólares, mais coisa menos coisa. O imposto sucessório cifrar-se-ia em mais de metade, deixando em jogo cinco mil milhões. Na outra cabeceira estavam os herdeiros da família Phelan, todos falidos, à excepção de Ramble. Quem é que lançaria para a mesa o primeiro montante? De quanto é que seria? Dez milhões por herdeiro? Ou cem? — Comecemos pelo testamento — sugeriu Josh, que já planeara a sua estratégia. — Partindo do princípio de que a sua validade será legitimada, contém uma linguagem clara, impedindo que seja feita qualquer doação a favor dos herdeiros que tentarem impugná-lo. Cláusula que se aplica aos vossos clientes. Por conseguinte, os senhores, logo à partida, começam na estaca zero. Em seguida, está estipulado no testamento que cada um dos vossos clientes herdará uma quantia em dinheiro igual ao valor das suas dívidas à data da morte do senhor Phelan. — Josh ergueu outra folha de papel examinando-a durante uma fracção de segundos. — De acordo com o que me foi dado saber até agora, Ramble Phelan não contraiu quaisquer dívidas, pelo menos até ao momento. Geena Phelan Strong incorreu em dívidas no valor de mais ou menos quatrocentos e vinte mil dólares até ao dia nove de Dezembro. Libbigail e Spike tinham dívidas de aproximadamente oitenta mil dólares à mesma data. Mary Ross e o seu marido médico contraíram dívidas no valor de novecentos mil dólares. Troy Júnior descartou-se da maior parte das suas numa ou outra declaração de falência, embora continue a dever cento e trinta mil dólares. Rex, tal como todos sabemos, é o merecedor do prémio. Ele e a sua adorável esposa, Amber, em nove de Dezembro estavam endividados num total de sete milhões e seiscentos mil dólares. Algum problema relativamente aos números que acabei de vos apresentar? Não. Os números estavam correctos. Era o número seguinte que os preocupava.

— Nate O'Riley tem-se mantido em contacto com a sua cliente. Para que este assunto fique arrumado de uma vez por todas, ela está disposta a oferecer a cada um dos seis herdeiros a quantia de dez milhões de dólares.

Os advogados nunca tinham feito cálculos e escrito com tamanha rapidez. Hark representava três dos clientes; dezassete ponto cinco por cento proporcionar-lhe-ia honorários no valor de cinco milhões e duzentos e cinquenta

mil dólares. Geena e Cody tinham concordado com uma percentagem de vinte por cento, fatia que se destinaria a Langhorne, o que permitiria que a sua pequena firma viesse a auferir dois milhões de dólares. A situação era a mesma no respeitante a Yancy, embora dependendo da aprovação do tribunal, uma vez que Ramble ainda não atingira a maioridade. E Wally Bright, um advogado de pacotilha que mal conseguia ganhar a vida publicitando divórcios rápidos nas paragens de autocarros, receberia metade dos dez milhões, como consequência do contrato irracional que Libbigail e Spike haviam celebrado com ele. Wally foi o primeiro a reagir.

— Não existe a mínima hipótese de a minha cliente entrar num acordo por menos de cinquenta milhões — conseguiu ele dizer com algum descaramento, apesar de sentir o coração parado e o esófago fortemente obstruído.

Num gesto de aprovação, os outros acenaram com a cabeça. Franziram o cenho tentando aparentar uma expressão desdenhosa perante a quantia irrisória que lhes era proposta, quando, na realidade, em pensamento já tinham começado a gastar os honorários que aufeririam num futuro próximo.

Wally Bright nem sequer era capaz de escrever correctamente o número cinquenta milhões de dólares, não sabendo colocar os zeros nas casas certas. No entanto, foi capaz de lançar aquele número para a mesa como se fosse um grande apostador de Las Vegas. Antes do início da reunião, tinham acordado que, se a questão do dinheiro fosse abordada, não concordariam com um número inferior a cinquenta milhões de dólares por herdeiro. Na altura, aquela exigência não lhes parecera nada de transcendente. Agora, a perspectiva dos dez milhões sobre a mesa parecia-lhes ser extraordinariamente atraente.

— Estamos a falar de uma quantia que se cifra em um por cento da herança — adiantou Hark.

— Podem ver o assunto sob essa óptica — retrucou Josh. — De facto, existem muitas maneiras de se encarar a questão. Mas eu prefiro começar da estaca zero, que é exactamente a situação em que os senhores se encontram neste momento, optando por trabalhar numa direcção progressiva, ao invés de considerar a globalidade do espólio, trabalhando do topo para baixo.

Mas Josh também desejava ganhar a confiança dos seus colegas de profissão. Durante algum tempo atiraram números de um lado para o outro, antes de Josh retomar o seu raciocínio. -Não, pessoalmente, se eu representasse qualquer dos herdeiros, não me ficaria pelos dez milhões.

Os seus oponentes imobilizaram-se de imediato, escutando atentamente o

que ele dizia.

— Ela não é uma mulher gananciosa. Acredito que Nate O'Riley será capaz de a convencer a chegar a um acordo em que oferecerá vinte milhões de dólares a cada um dos herdeiros.

Os honorários tinham-se duplicado-mais de dez milhões só paraHark. Quatro milhões para Langhorne e Yancy. O pobre Wally, que presentemente se ficara pelos dez, de repente teve um ataque de diarreia pedindo licença para abandonar a reunião.

Nate sentia-se feliz, entretido a pintar ombreiras de portas quando o seu telemóvel começou a tocar. Josh obrigava-o a manter o maldito aparelho à mão.

— Se for para mim tome nota do número — disse o padre Phil. Media uma junção complicada onde seria instalada a próxima placa de madeira prensada. Era Josh.

— As coisas não poderiam ter corrido melhor — anunciou ele. — Parei quando chegámos aos vinte milhões; eles queriam cinquenta. — Cinquenta? — retorquiu Nate, perplexo.

— Sim, mas eles já começaram a gastar o dinheiro. Aposto que pelo menos dois deles, neste momento, estão no concessionário da Mercedes.

— Quem é que achas que vai gastar o dinheiro mais depressa? Os advogados ou os clientes? — Por mim, aposto nos advogados. Acabei de falar com o juiz Wycliff agora mesmo. A reunião ficou marcada para quarta-feira às três da tarde, no gabinete dele. Devemos poder finalizar o assunto nessa altura.

— Mal posso esperar — retorquiu Nate recolhendo a parte inferior do telefone articulável. Estava na hora de fazerem um intervalo para tomar um café. Sentaram-se no chão com as costas encostadas a uma parede, bebendo o café com leite bem quente. -Eles queriam cinquenta milhões de dólares? — perguntou Phil. Tivera oportunidade de se inteirar de todos os pormenores do caso. Sozinhos na cave, eram poucos os segredos que os dois homens não haviam partilhado enquanto trabalhavam. As conversas eram mais importantes do que o avanço do trabalho.

Phil era um membro do clero. Nate era advogado. Tudo o que dissessem entre si encontrava-se protegido no âmbito de um qualquer princípio de ética relativo à confidencialidade a que a profissão de ambos os obrigava.

— É um bom ponto de partida — disse Nate. — Mas o certo é que se contentarão com bastante menos.

— Espera que sejam capazes de chegar a um acordo? — Claro que sim. Na próxima quarta-feira teremos uma reunião com o juiz. Certamente que ele

exercerá mais pressão. Nessa altura, tanto os advogados como os respectivos clientes já terão começado a contar o dinheiro. — Quando é que está a pensar em partir? — Calculo que na sexta-feira. Quer vir comigo? — Não me posso dar a esse luxo — respondeu Phil. — Claro que pode. A minha cliente é quem pagará a conta. Pode ir comigo como meu conselheiro espiritual durante a viagem. O dinheiro não constitui qualquer obstáculo. — Não seria correcto.

— Deixe-se disso, Phil. Poderei mostrar-lhe o Pantanal. Terá oportunidade de conhecer os meus amigos Jevy e Welly. Faremos uma viagem de barco.

— Ainda não conseguiu fazer com que essa perspectiva seja suficientemente interessante no que me diz respeito. — Não é uma viagem perigosa. No Pantanal existem algumas actividades dedicadas aos turistas. É uma vasta região ecologicamente protegida. A sério, Phil, se estiver interessado posso proporcionar-lhe essa viagem.

— Não tenho passaporte — argumentou Phil enquanto bebia pequenos goles do seu café. — Já para não dizer que ainda tenho muito trabalho a fazer por aqui.

Nate planeava estar ausente durante uma semana e, sem saber bem porquê, gostaria que quando regressasse a cave estivesse nas mesmas condições em que a deixava.

— Estou à espera que Mrs. Sinclair morra a qualquer instante — acrescentou Phil numa voz tranquila. Nesta altura não posso ir para fora.

A igreja aguardava que Mrs. Sinclair falecesse há pelo menos um mês. Até uma simples viagem a Baltimore deixava Phil receoso. Nate sabia que ele jamais viajaria para fora do país. — Portanto, vai encontrar-se de novo com ela — acrescentou Phil. — Sim, vou.

— Sente-se entusiasmado com a perspectiva desse encontro? — Não sei. Sinto-me ansioso por poder vê-la de novo, mas não tenho a certeza de que ela me queira ver. Rachel sente-se muito feliz e não quer ter nada a ver com o nosso mundo. Ressentir-se-á com todos os problemas de ordem jurídica.

— Sendo assim, o que é que o leva a proceder dessa maneira? — Porque não há nada a perder. Se ela rejeitar o dinheiro outra vez, ficaremos na situação em que presentemente nos encontramos. Os outros interessados ficarão com tudo. — O que será um desastre — comentou Phil.

— Sim. Seria difícil encontrar um grupo de pessoas com menor capacidade para gerir dinheiro a sério do que os herdeiros Phelan. Se entrarem de posse dessa fortuna acabarão por se aniquilar. — Não pode explicar isso

mesmo a Rachel? — Já tentei. Ela não mostrou o mínimo interesse em ouvir falar deste assunto.

— Por conseguinte, ela nunca virá a mudar de ideias? — Não. Jamais — confirmou Nate.

— Isso quer dizer que a viagem até lá será uma perda de tempo? — Receio que sim. Mas pelo menos terei a consolação de ter tentado.

CINQUENTA

Com a excepção de Ramble, todos os herdeiros da família Phelan insistiram em permanecer na sala do tribunal, ou nas imediações, durante a reunião. Todos eles tinham telemóveis, a exemplo do que acontecia com cada um dos advogados dentro do gabinete de Wycliff. Tanto os advogados como os clientes tinham perdido muitas horas de sono por causa daquele assunto.

Com que frequência é que qualquer pessoa adquiria o estatuto de milionário de um momento para o outro? No que dizia respeito aos herdeiros Phelan, podia-se dizer que pelo menos duas vezes; mas desta feita haviam prometido a si mesmos que agiriam com muito mais sensatez. Não voltariam a ter outra oportunidade. Percorriam os corredores do tribunal, esperando. Fumavam do lado de fora das portas principais do tribunal. Mantinham-se aquecidos no interior dos seus carros, no parque de estacionamento, sem esconderem a agitação que os invadia. Olhavam constantemente para os relógios de pulso, tentavam concentrar-se na leitura dos jornais, conversando nervosamente e sem nexo quando se cruzavam. Nate e Josh sentavam-se num dos extremos da sala. Como seria de esperar, Josh envergava um fato escuro que devia ter custado bom dinheiro. Nate usava uma camisa de algodão com manchas de tinta branca no colarinho. Não usava gravata. O seu vestuário era complementado por umas calças de ganga e botas de montanhismo. Wycliff dirigiu-se em primeiro lugar aos advogados dos Phelan sentados no outro lado da sala. Informou-os de que não se sentia inclinado a ignorar as alegações apresentadas por Rachel Lane, pelo menos de momento. Havia muita coisa em jogo para que ela pudesse ser eliminada sumariamente do processo judicial. O doutor O'Riley estava a fazer um excelente trabalho representando os interesses da herdeira; consequentemente, o processo judicial prosseguiria de acordo com os trâmites normais.

O objectivo daquela reunião era o debate de um possível acordo entre as partes, algo por que todos os juízes almejavam para cada um dos casos submetidos à sua apreciação. Wycliff continuava a sentir-se fascinado perante a perspectiva de um julgamento alongado que se revestisse de grande celeuma, embora lhe fosse impossível admiti-lo. O seu dever era forçar uma conclusão,

encorajando e persuadindo as partes a chegarem a um entendimento. No entanto, a persuasão e o encorajamento não seriam necessários. Sua Excelência examinara todas as petições e documentos subjacentes, tendo visto os vídeos de todos os depoimentos do princípio ao fim. À medida que se inteirava minuciosamente das provas, avaliava a situação, oferecendo as conclusões solenes a que chegara a Hark, Bright, Langhorne e Yancy, de acordo com as quais, na sua douta opinião, eles não tinham um caso que fosse muito viável em tribunal.

Os advogados aceitaram bem o que o juiz lhes dizia. Para eles, o que ouviam não constituía grande surpresa. O dinheiro fora colocado em cima da mesa e eles só desejavam deitar-lhe a mão. «Chame-nos tudo o que lhe apetecer», diziam a si mesmos, «vamos mas é a despachar-nos para recebermos o dinheiro». Por outro lado, Wycliff dizia que nunca se poderia prever as conclusões a que um júri chegaria. O juiz falava como se tivesse de sortear jurados todas as semanas, o que não era o caso. E os advogados estavam bem cientes disso.

Dois dias antes da reunião que teria lugar na segunda-feira, com vista a um acordo inicial, pediu a Josh que lhe recapitulasse os assuntos que seriam debatidos.

— Quero saber exactamente em que ponto é que nos encontramos — dissera Wycliff.

Josh foi breve. A questão fundamental era simples. Cada um dos herdeiros pretendia cinquenta milhões de dólares. Rachel, a única beneficiária, propunha que recebessem vinte milhões cada unicamente com o intuito de se chegar a um acordo amigável, sem nunca admitir que a outra parte pudesse ter um caso suficientemente sólido para ser apresentado em tribunal. — Entre esses números existe uma diferença substancial — comentou Wycliff.

Embora Nate se sentisse entediado, tentou mostrar-se alerta. Ao fim e ao cabo, estavam a meio de umas negociações extraordinariamente importantes, no sentido de se chegar a um acordo, que envolvia uma das maiores fortunas do mundo deixada por um homem que se guindara ao topo exclusivamente graças ao seu esforço. Josh repreendera-o pelo desleixo do seu vestuário. Foi aspecto a que não ligou. Mantinha-se interessado a observar atentamente a expressão fisionómica dos advogados sentados no outro lado da sala. Formavam um bando bastante irritante que não se mostrava ansioso ou preocupado, mas sim animado e desesperado por saber quanto é que caberia a cada um. Os seus olhares eram rápidos e penetrantes; o movimento das suas mãos era impulsivo.

Como seria divertido se Nate se levantasse abruptamente, anunciasse que Rachel não estava disposta a oferecer um único cêntimo para que se chegasse a um acordo e saísse intempestivamente da sala. Durante alguns segundos, os advogados permaneceriam sentados em estado de choque e depois iriam em sua perseguição como se fossem cães raivosos.

Quando Josh acabou de falar, Hark tomou a palavra em representação do grupo de advogados. Tomara uns quantos apontamentos, o que lhe permitira trabalhar cuidadosamente as suas observações. Conseguiu atrair a atenção de todos os presentes ao admitir que o desenrolar do processo instaurado não seguira o curso mais desejável. Os seus clientes não eram boas testemunhas. Por outro lado, as opiniões clínicas dos psiquiatras recentemente contratados não eram tão sólidas como as dos três primeiros. Não se podia confiar no depoimento de Snead. Admitiu todas estas lacunas com uma sinceridade que era admirável.

Em vez de se pôr com teorias de carácter jurídico, Hark concentrou-se nas pessoas. Falou sobre os seus clientes e os dos seus colegas, dos filhos de Troy Phelan, admitindo que numa primeira análise não formavam um grupo de pessoas muito simpáticas. Argumentou que depois de se raspar a camada da superfície, ficando-se a conhecê-los da mesma maneira que os advogados os conheciam, compreendia-se que, muito simplesmente, as hipóteses de virem a ganhar a causa em tribunal eram nulas. Durante a sua meninice haviam sido mimados, criados num ambiente privilegiado de riqueza por amas que nunca ficavam por muito tempo, inteiramente ignorados pelo pai, que, ou estava constantemente na Ásia a comprar novas fábricas ou vivia com a secretária mais recente no andar que mantinha no prédio dos escritórios. Hark não tinha a intenção de menosprezar os mortos, mas o senhor Phelan fora o que todos sabiam. Por seu lado, as mães dos filhos eram uma colecção de mulheres um tanto estranhas, no entanto, elas também tinham suportado uma vida com Troy que fora um verdadeiro inferno.

As crianças da família Phelan nunca tiveram a oportunidade de crescer num ambiente familiar normal. Ninguém lhes ensinara as lições que a maior parte das crianças aprendem junto dos progenitores. O pai fora um homem de negócios de grande proeminência, cuja aprovação desejavam ardentemente 436 sem nunca a terem obtido. As mães mantinham-se ocupadas nos seus clubes e a cultivar a arte de fazer compras. Na concepção do pai, proporcionar aos filhos um começo de vida adequado traduzira-se em oferecer a cada um cinco milhões de dólares, quando ele ou ela atingiu os vinte e um anos. Uma medida que sob certos aspectos pecava por tardia, enquanto noutros surgia numa fase bastante

prematura da vida dos filhos. O dinheiro não podia proporcionar a sabedoria, a orientação e o carinho de que tinham carecido ao longo da sua infância. Tudo isto provara, sem qualquer ambiguidade, que não se encontravam preparados para gerir as responsabilidades inerentes a uma riqueza recentemente adquirida.

Essas doações tiveram resultados desastrosos, e contudo também lhes haviam proporcionado uma certa medida de maturidade. Agora, que podiam beneficiar da passagem dos anos, os filhos da família Phelan podiam olhar para os erros que cometeram no passado. Sentiam-se envergonhados pela forma insensata como geriram o seu dinheiro. Todos os presentes poderiam imaginar-se a despertar num belo dia, como se fosse o filho pródigo, à semelhança do que acontecera a Rex quanto tinha trinta e dois anos — divorciado, falido e em frente de um juiz que estava prestes a sentenciá-lo a uma pena de cadeia por não ter pago a pensão alimentar dos filhos. Também não era difícil a ninguém imaginar-se sentado na cela de uma prisão durante onze dias enquanto o irmão, que também estava falido e divorciado, tentava convencer a mãe a que lhe pagasse a fiança. Rex dissera que tinha passado esse período atrás das grades de uma prisão, a tentar recordar-se do que fizera com o dinheiro.

A vida fora difícil para os filhos da família Phelan. Muitas das vicissitudes por que tinham passado foram provocadas por eles próprios, embora muitas das adversidades tivessem sido inevitáveis por causa da conduta dopai.

A acção final de negligência paternal era aquele último testamento escrito à mão. Jamais seriam capazes de compreender o rancor do homem que os havia rejeitado durante toda a sua infância e admoestado quando adultos, culminando com a sua anulação como herdeiros.

— Eles fazem parte da família Phelan — acrescentou Hark, concluindo a sua dissertação -, são a carne e o sangue de Troy Phelan, para o melhor e para o pior, o que certamente lhes confere o direito a uma porção justa da herança do pai.

Quando acabou, Hark sentou-se; o silêncio abatera-se sobre a sala. Aquele tinha sido um pedido feito bem do fundo do coração, que fez com que Nate e Josh, e até mesmo Wycliff, se sentissem comovidos. Jamais surtiria efeito diante de um júri, uma vez que Hark nunca poderia admitir em tribunal à porta aberta que a causa dos seus clientes carecia de solidez. Mas naquelas circunstâncias, e momento, a pequena prelecção foi perfeita.

Supostamente, era Nate quem controlava o dinheiro, pelo menos era essa a cartada que jogava naquele jogo. Poderia ter regateado e feito pressão, iludir e esquivar-se durante uma hora, conseguindo com que mais alguns milhões

continuassem a fazer parte do património Phelan. Todavia, pura e simplesmente, não estava com disposição para agir dessa maneira. Se Hark era capaz de mostrar honestidade, pois bem, também ele. Fosse como fosse, tudo aquilo não passava de um estratagema.

— Qual é o mínimo que os seus clientes estão dispostos a aceitar? — perguntou a Hark; o olhar dos dois prendeu-se qual ecrã de radar a detectar um sinal.

— Não tenho a certeza que tenhamos um número mínimo. Estou em crer que cinquenta milhões de dólares por herdeiro é um montante razoável. Eu sei que parece ser muito, e de facto é, mas temos de levar em consideração o valor global da herança. Depois de deduzido o imposto sucessório estamos a falar apenas em cinco por cento da totalidade do dinheiro.

— Cinco por cento não é coisa por aí além — admitiu Nate, deixando que as palavras pairassem entre os dois. Hark examinava-o atentamente, embora os seus colegas não o fizessem. Estavam dobrados sobre os seus blocos de apontamentos, preparados para fazerem os cálculos percentuais sobre o último número que fora avançado. — Na realidade não é — secundou Hark.

— A minha cliente concordará com cinquenta milhões — acrescentou Nate. Naquele preciso momento, o mais provável seria a sua cliente estar a ensinar cânticos da Bíblia a crianças pequenas, sentada à sombra de uma árvore junto ao rio.

Wally Bright acabara de auferir honorários no valor de vinte e cinco milhões de dólares, e o seu primeiro impulso foi desatar a correr pela sala para beijar os pés de Nate. Em vez disso, exibiu um franzir de cenho a que tentou imprimir inteligência tomando apontamentos minuciosos, apontamentos esses que mais tarde não seria capaz de decifrar.

Como é evidente, Josh sabia que aquele seria o desfecho do caso; os seus contabilistas já tinham executado os cálculos matemáticos, ao contrário de Wycliff. Acabara de se chegar a um acordo, não se realizaria julgamento algum. Só lhe restava mostrar-se satisfeito com o desenrolar da situação. — Muito bem — disse o juiz -, quer isto dizer que temos um acordo entre as partes? Por nenhuma outra razão para além do hábito, os advogados dos Phelan amontoaram-se em redor de Hark pela última vez, tentando trocar algumas palavras murmuradas, mas estas falharam-lhes. — Temos acordo — anunciou Hark que passara a ser vinte e seis milhões de dólares mais rico.

Por mero acaso, Josh trouxera um rascunho do acordo a que finalmente se chegara. Começaram a preencher as linhas em branco quando, subitamente, os

advogados dos herdeiros Phelan se recordaram dos seus clientes. Pediram licença para se ausentar e correram para o corredor, onde começaram a surgir telefones celulares de todas as algibeiras. Troy Júnior e Rex esperavam junto de uma máquina de refrigerantes no primeiro andar do tribunal. Geena e Cody liam os jornais numa sala de tribunal vazia. Libbigail e Spike estavam sentados na cabina da sua velha camioneta de caixa aberta estacionada na rua; um pouco mais abaixo, Mary Ross esperava dentro do seu Cadillac no parque de estacionamento. Ramble refugiara-se na cave de sua casa, com a porta trancada e com os auscultadores do gravador portátil na cabeça, divagando num outro mundo.

O acordo não seria válido até que fosse aprovado e assinado por Rachel Lane. Os advogados dos Phelan desejavam que o conteúdo permanecesse estritamente confidencial. Wycliff concordou em selar o processo de posse do tribunal. Ao cabo de uma hora, o acordo fora finalmente concluído. Foi assinado por cada um dos herdeiros Phelan e pelos respectivos advogados. Também foi assinado por Nate.

Só faltava uma assinatura. Nate informou os demais de que necessitaria de alguns dias para a obter.

Se eles sonhassem com a verdade, pensou enquanto abandonava o edifício do tribunal.

Na sexta-feira à tarde, Nate e o pároco partiram de Saint Michaels no automóvel do advogado adquirido em leasing. O pároco sentou-se ao volante para se habituar a conduzir a viatura. Nate passava pelas brasas no assento do passageiro da frente. Quando atravessavam a ponte sobre a baía despertou, começando a ler a Phil, que queria ser posto ao corrente de todos os pormenores do desfecho do caso, o acordo final.

O avião Corrente do Golfo IV ào Grupo Phelan encontrava-se a postos no Aeroporto Baltimore-Washington. As linhas do aparelho eram aerodinâmicas reflectindo a luz do Sol; era suficientemente espaçoso para transportar vinte pessoas para qualquer parte do mundo. Phil desejava poder vê-lo mais de perto, pelo que pediram aos pilotos que lhes fizesse uma visita guiada. Não havia problema nenhum: tudo o que o doutor O'Riley desejasse.

A cabina de passageiros era toda em madeira e couro, com sofás, divãs e mesa de reuniões, além de vários ecrãs de televisão. Nate ter-se-ia sentido satisfeito em viajar como qualquer pessoa normal, mas Josh insistira. Pouco depois, ficou a ver Phil que se afastava, após o que voltou a entrar a bordo do avião. Dentro de nove horas aterraria em Corumbá.

O contrato que estabelecia o destino do espólio era intencionalmente breve; fora redigido com tão poucas palavras e com frases essas tão curtas e simples quanto os que elaboravam tal tipo de documentos, quase impossíveis, conseguiam inventar. Josh obrigara-os a reescrevê-lo por diversas vezes. Na hipótese de Rachel Lane estar minimamente predisposta a assiná-lo, seria imperativo que compreendesse com toda a clareza o significado de todas as palavras. Nate estaria presente para esclarecer qualquer dúvida, embora ele soubesse de antemão que ela tinha pouca paciência para aquele tipo de assuntos.

Os bens que herdaria ao abrigo do testamento do pai, no qual eram expressas as últimas vontades deste, seriam aplicados num fideicomisso, que teria o nome de Fundação Rachel, uma vez que não se tinha conseguido arranjar um nome mais criativo. O capital permaneceria intacto por um período de dez anos, podendo-se dispor apenas dos juros e dividendos que se fossem vencendo, canalizando-os para obras de beneficência. Decorridos esses dez anos, cinco por cento do capital, acrescidos dos dividendos e juros, poderiam começar a ser dispendidos anualmente, de acordo com o discernimento dos fiduciários. Os desembolsos anuais viriam a ser aplicados em toda uma variedade de obras de caridade, com uma ênfase particular no trabalho missionário da organização Missões Universais. No entanto, a linguagem do contrato era tão indefinida que os fiduciários poderiam utilizar o dinheiro em quase toda a espécie de causas de carácter benemérito. A fiduciária principal era Neva Colher, das Tribos Universais, detendo ela a autoridade de nomear até doze fiduciários que a coadjuvassem no seu trabalho. Os fiduciários seriam autónomos, gerindo-se a si próprios, tendo de prestar contas somente a Rachel, caso ela o desejasse.

Na hipótese de ela o querer, nunca teria de ver ou tocar no dinheiro. O fideicomisso seria estabelecido com a assistência de advogados designados pela Missões Tribos Universais. Era uma solução extremamente simples.

Tudo o que era necessário limitava-se a uma única assinatura rápida, o nome de Rachel Lane ou qualquer que fosse o apelido dela. Uma simples assinatura no documento que estabelecia a fundação, outra no acordo celebrado com os herdeiros Phelan, e o assunto da herança Phelan seria encerrado atempadamente sem fogo-de-artifício. Nate poderia dar seguimento à sua existência, enfrentando os seus problemas, acarretar com as consequências e começar a reconstruir a sua vida. Sentia-se ansioso por poder começar.

Na hipótese de Rachel se recusar a assinar os documentos do fideicomisso e do acordo com os herdeiros, então Nate precisaria de obter a sua assinatura num documento de renúncia de direitos hereditários. Poderia não

aceitar o legado, mas seria obrigada a notificar o tribunal da sua decisão.

Uma renúncia de direitos faria com que o testamento de Troy não cumprisse qualquer finalidade. Continuaria a ser válido, embora fosse impossível pô-lo em prática. Os bens seriam herdados por ninguém, pelo que o efeito seria o mesmo que se ele tivesse morrido sem ter deixado testamento. Caberia à lei dividir o espólio em seis partes, uma para cada um dos demais herdeiros Phelan. Como é que ela reagiria? Queria acreditar que Rachel se sentiria maravilhada por poder vê-lo de novo, todavia, Nate não estava muito convencido disso. Recordava-se dela a acenar com a mão enquanto o barco em que ele seguia se afastava da margem, exactamente antes de ser acometido da febre de dengue. Nesse momento, Rachel estivera entre a sua gente, acenando-lhe com a mão, despedindo-se dele para sempre. Ela não desejava ser incomodada com as coisas que faziam parte deste mundo.

CINQUENTA E UM

Valdir aguardava a chegada de Nate no aeroporto de Corumbá quando o Corrente do Golfo começou a efectuar as manobras de aterragem, dirigindo-se para o pequeno terminal. Era uma da manhã; o aeroporto estava deserto, vendo-se apenas uma mão-cheia de pequenos aviões no extremo mais afastado da pista de aterragem. Nate lançou-lhes um olhar fugidio, perguntando-se se o de Milton teria sido trazido do Pantanal.

Saudaram-se como se fossem velhos amigos. Valdir sentiu-se impressionado com o aspecto saudável que Nate apresentava. Da última vez que se tinham visto, ele mal se tinha nas pernas sob o efeito da febre de dengue e parecia um esqueleto. Afastaram-se do aeroporto no Fiat de Valdir com os vidros das janelas abertos, deixando entrar o calor opressivo que Nate sentia nas faces. Os pilotos seguiriam num táxi. Nas ruas empoeiradas não se via vivalma. Ninguém as percorria. Chegados à baixa da cidade, pararam em frente ao hotel Palace. Valdir entregou uma chave a Nate.

— Quarto 212 — disse ele. — Encontramo-nos às seis. Nate dormiu quatro horas e já esperava no passeio quando o Sol da manhã começou a espreitar por entre os edifícios. O firmamento estava límpido, foi uma das primeiras coisas em que Nate reparou. A estação das chuvas acabara há um mês. O ar mais fresco não tardaria a instalar-se, apesar de, em Corumbá, a temperatura durante o dia só muito raramente descer abaixo dos 25 graus centígrados.

No saco a tiracolo, Nate guardara os documentos, uma câmara fotográfica, um novo telefone-satélite, um outro telemóvel, um bip, quase um litro do repelente de insectos mais forte conhecido na química moderna, uma pequena prenda para Rachel e duas mudas de roupa. Tanto os membros superiores como os inferiores estavam completamente cobertos; usava umas calças espessas de caqui que lhe protegiam as pernas e mangas compridas que lhe tapavam os braços.

Era possível que sentisse algum desconforto e suasse um pouco, mas nenhum insecto conseguiria penetrar na sua armadura. Pontualmente às seis horas, Valdir chegou ao hotel; os dois seguiram velozmente para o aeroporto.

Com alguma morosidade, a cidade despertava para um novo dia.

Valdir tinha alugado um helicóptero a uma empresa de Campo Grande por mil dólares à hora. Tinha capacidade para transportar quatro passageiros e era manobrado por dois pilotos, tendo um raio de acção de quase quinhentos quilómetros.

Valdir e os pilotos já tinham estudado os mapas que Jevy traçara do rio Xeco e dos afluentes. Dada a ausência de cheias, era muito mais fácil navegar pelo Pantanal, quer por via fluvial quer aérea. Os rios mantinham-se dentro dos limites das suas margens. As bacias não transbordavam dos leitos. As fazendas encontravam-se acima do nível de água, o que permitia identificá-las através dos mapas de navegação aérea.

Nate arrumou o seu saco dentro do helicóptero, esforçando-se por não pensar no último voo que fizera, em que sobrevoara as regiões do Pantanal. A lei das probabilidades estava a seu favor. Não havia a mínima hipótese de se despenhar em dois voos consecutivos. Valdir preferiu ficar em terra, próximo de um telefone. Não gostava de voar, especialmente de helicóptero, e muito em particular se tinha de sobrevoar o Pantanal. Quando descolaram, o céu estava calmo e sem uma única nuvem. Nate prendera o cinto de segurança e as correias que lhe prendiam os ombros; também usava um capacete de protecção. Começaram a afastar-se de Corumbá, seguindo o curso do rio Paraguai. Os pescadores por quem passavam acenavam-lhes. Os garotos dentro do rio, com água até aos joelhos, imobilizavam-se e olhavam para cima. Sobrevoaram uma chalana carregada de bananas que navegava para o Norte, seguindo na mesma direcção que o avião tomara. Avistaram uma outra chalana de aspecto pouco estável que rumava para o Sul.

Nate adaptou-se às oscilações e vibrações do aparelho. Através dos auscultadores ouvia os pilotos que tagarelavam em português. acorreu-lhe à mente a viagem do Santa Loura e a ressaca que sentira na última vez que saíra de COrumbá com destino ao Norte. Subiram a uma altitude de cerca de seiscentos metros, que manteriam a partir dali. Ao fim de trinta minutos de voo, Nate avistou o pequeno posto comercial de Fernando, situado à beira do rio.

Ficou espantado com a diferença que se verificava no Pantanal de uma estação do ano para outra.

Continuava a existir uma enorme diversidade de terras pantanosas, bacias e rios cujos cursos sinuosos se estendiam erraticamente em todas as direcções, mas naquela altura do ano era muito mais verdejante depois de o nível das águas ter baixado. Mantiveram-se numa rota acima do Paraguai. O firmamento

continuava límpido e azul sob o olhar atento de Nate. Recordou-se da colisão contra o solo a bordo do avião de Milton na véspera de Natal. Em poucos instantes, o temporal desencadeara-se violentamente acima das montanhas.

Descendo a cerca de trezentos metros num voo circular, os pilotos começaram a apontar como se houvessem chegado ao seu destino. Nate ouviu a palavra Xeco avistando um afluente que confluía para o Paraguai. É claro que ele não tinha a mais pequena recordação do rio Xeco. Durante o seu primeiro encontro com esse curso de água, estivera aninhado debaixo de uma tenda estendida no fundo de um pequeno barco, desejando morrer. Seguiram para ocidente, afastando-se do rio principal, acompanhando o curso serpenteante do Xeco, em direcção às montanhas da Bolívia. Os pilotos começaram a prestar mais atenção ao que se encontrava abaixo do helicóptero.

Procuravam uma chalana azul e amarela.

No solo, Jevy começou a ouvir o barulho monocórdico e ensurdecido dos rotores do aparelho. Apressou-se a lançar um sinal luminoso cor de laranja. Welly seguiu-lhe o exemplo. Os clarões eram intensos, deixando no seu rasto uma coluna de fumo azul e prateado. Decorridos alguns minutos, os dois homens no solo avistaram o helicóptero. O aparelho começou a descrever círculos a uma velocidade reduzida.

Jevy e Welly tinham usado machetes para desbravarem uma clareira numa zona de mato cerrado, a cerca de cinquenta metros da margem do rio. No mês anterior aquela zona estivera submersa. O aparelho começou a oscilar de um lado para o outro preparando-se lentamente para a pista de aterragem.

Depois das pás dos rotores se terem imobilizado, Nate saltou para o solo abraçando os seus velhos camaradas de aventura. Há mais de dois meses que não os via, e o facto de ter regressado àquele local constituia uma surpresa partilhada pelos três. O tempo era precioso. Nate receava as tempestades, a escuridão, as cheias e os mosquitos, desejando prosseguir viagem tão rapidamente quanto lhe fosse possível. Encaminharam-se para a chalana ancorada no rio. Junto da embarcação encontrava-se um bote comprido e novo, que dava a impressão de aguardar a sua primeira viagem. Estava provido de um motor fora de borda novinho em folha, tudo cortesia do património Phelan. Nate e Jevy entraram imediatamente a bordo do bote, despedindo-se de Welly e dos pilotos e começando a navegar a grande velocidade.

Os povoados situavam-se a cerca de duas horas de distância, explicou Jevy aos gritos para se fazer ouvir acima do barulho do motor. Ele e Welly tinham chegado na tarde anterior a bordo da chalana. O curso do rio estreitara-se

demasiado para que a embarcação pudesse continuar, o que os levara a acostar próximo de solo plano onde o helicóptero poderia pousar. Em seguida tinham-se aventurado no bote, tendo acabado por chegar próximo do primeiro povoado. Jevy reconhecera o local mas fizera meia volta antes que os índios dessem conta da sua presença. Duas horas de viagem, talvez três. Nate só esperava que não se transformassem em cinco. Recusava-se terminantemente, fossem quais fossem as circunstâncias, a dormir no chão, ou numa tenda, ou mesmo numa rede espreguiçadeira. Não exporia nenhuma região da sua pele aos perigos que espreitavam na selva. Os horrores que sofrera por causa da febre de dengue encontravam-se bem vivos na sua memória.

Caso não conseguissem encontrar Rachel, Nate regressaria a Corumbá no helicóptero, onde jantaria agradavelmente na companhia de Valdir e onde depois dormiria numa cama como deve ser, tentando encontrá-la de novo no dia seguinte. O espólio seria mais do que suficiente para comprar o diabo do helicóptero, se fosse caso disso.

Mas Jevy mostrava-se confiante, o que não era nada invulgar. Continuavam a cortar as águas com a proa que ressaltava acima da superfície do rio, enquanto o motor potente imprimia velocidade ao bote. Que agradável que era poder-se contar com um motor fora de borda que funcionava eficientemente e sem quaisquer falhas. Eram invencíveis.

Uma vez mais, Nate sentiu-se fascinado pela grandiosidade do Pantanal; os crocodilos que se deslocavam em águas baixas, zurzindo as suas caudas, enquanto passavam velozmente por eles, os pássaros que descreviam os seus voos a pique até próximo da superfície das águas, a desolação magnífica de toda aquela região. Já tinham entrado demasiado no interior para avistarem as fazendas. Procuravam um povo que vivia ali há vários séculos. Há apenas vinte e quatro horas, Nate estivera sentado no alpendre de uma vivenda, coberto por uma manta de retalhos, a beber café enquanto observava os barcos que percorriam a baía, esperando que o padre Phil lhe telefonasse para o informar que ia a caminho da cave. Precisou de uma hora a bordo da embarcação para tomar consciência do local onde se encontrava de novo. O rio não lhe parecia familiar. A última vez que tinham estado com os ipicas andavam perdidos, assustados, encharcados e esfaimados, confiantes nas indicações que lhes haviam sido dadas por um jovem pescador. As águas tinham subido e os marcos de referência estavam completamente submersos.

Nate observava o céu como se esperasse que dele começassem a cair bombas.

Pouco depois avistou uma curva do curso do rio que lhe pareceu vagamente familiar, talvez já estivessem perto. Será que ela o saudaria com um sorriso, um abraço, desejando sentar-se à sombra e ter uma conversa banal em inglês? Existiria alguma probabilidade de ela ter sentido a sua falta, ou sequer pensado nele? Teria ela recebido as cartas? Março já ia a meio, época do ano em que as encomendas chegavam. Nesta altura, Rachel já teria o seu barco novo e os medicamentos de que necessitava? Ou pelo contrário, fugiria quando o visse? Procuraria refúgio junto do chefe da tribo, pedindo-lhe que a protegesse e que afugentasse o norte--americano pela última vez? Teria Nate alguma oportunidade de se encontrar com ela? Tencionava mostrar-se firme, muito mais do que na última vez em que a vira. Não era culpa sua que Troy Phelan tivesse deixado um testamento em termos tão ridículos, tão-pouco estava ao alcance dela alterar o facto de ser filha ilegítima. Também não estava na sua mão alterar as coisas, e pedir-lhe um pouco de cooperação não era nada de mais. Das duas uma: ou concordava com a constituição da fundação ou renunciava aos direitos da herança. Nate recusava-se a partir sem ter conseguido a assinatura dela. Rachel podia voltar costas ao mundo, mas jamais deixaria de ser filha de Troy Phelan. Esse facto, por si só, exigia uma certa medida de cooperação. Nate ensaiava em voz alta os argumentos de que se valeria. Jevy não conseguia ouvi-lo.

Falar-lhe-ia dos meios-irmãos e das meias-irmãs. Pintar-lhe-ia um quadro pavoroso, descrevendo-lhe o que aconteceria se eles tomassem posse da totalidade da fortuna. Enumerar-lhe-ia as boas causas para que ela poderia contribuir, caso se dispusesse a assinar os termos que estabeleciam a fundação. Ensaiou várias vezes estes argumentos.

O arvoredo em ambas as margens passou a ser mais cerrado, com as copas das árvores inclinadas sobre o rio, aflorando à superfície. Nate reconheceu o túnel.

— Ali, mais acima — disse Jevy apontando em frente e para a direita, indicando o ponto onde tinham visto, pela primeira vez, as crianças a nadar no rio. Reduziu a velocidade do motor; passaram devagar pelo primeiro povoado sem terem avistado um único nativo. Deixaram de ver as palhotas num ponto onde o rio bifurcava e os cursos de água se tornavam menos caudalosos.

O território era familiar. Navegavam por um curso sinuoso que os levava mais para o interior da floresta, contornando os nós do rio que quase formavam círculos; ocasionalmente, avistavam as montanhas através das clareiras. Chegados à segunda aldeia, detiveram-se próximo da árvore de grande porte onde tinham dormido na primeira noite, em Janeiro passado.

Desceram para terra no mesmo sítio onde Rachel ficara de pé, acenando-lhes num gesto de despedida, no momento em que a febre de dengue fazia a sua entrada. O banco corrido continuava no mesmo lugar com as canas de bambu de que era feito fortemente apertadas. Nate perscrutava o povoado enquanto Jevy amarrava o bote. Avistou um jovem índio que corria pelo trilho na direcção dos dois homens. O ruído do motor fora de borda fora ouvido.

O nativo não sabia falar português, se bem que através de grunhidos e gestos com as mãos conseguisse transmitir-lhes a mensagem de que deveriam permanecer naquele local, junto do rio, até que recebessem novas instruções. Se o índio os reconheceu, não deu qualquer indicação disso. Dava a impressão de estar atemorizado.

Assim, voltaram a sentar-se no mesmo banco à espera não sabiam bem de quê. Eram quase onze horas. Os dois homens tinham muito de que falar. Jevy continuara a trabalhar nos rios, pilotando as chalanas carregadas de mercadorias e equipamentos que se destinavam às populações do Pantanal. Ocasionalmente, pilotava barcos de turistas, tarefa que era muito melhor remunerada. Falaram da última visita de Nate, da forma como tinham partido do Pantanal com o motor fora de borda que Fernando lhes emprestara, os horrores do hospital e os esforços empreendidos para encontrar Rachel em Corumbá.

— Deixa que te diga uma coisa-disse Jevy. — Falei com muita gente que costuma andar pelo rio, e posso garantir-te que essa senhora não esteve na cidade nessa altura. Ela nunca esteve no hospital. Sonhaste, meu amigo.

Nate não estava com disposição de o contradizer. Ele próprio já não tinha a certeza.

O proprietário do Santa Loura tinha andado a difamar Jevy por toda a cidade. A embarcação naufragara quando ele era o responsável, mas toda a gente sabia que o barco se afundara por causa do temporal. Fosse como fosse, o homem era um idiota chapado. Tal como Nate já esperava, a conversa tomou o rumo do futuro de Jevy nos Estados Unidos. Já pedira um visto, no entanto precisava de alguém que se responsabilizasse por ele, bem como de um emprego nesse país. Nate pôs-se com rodeios e meias palavras, contornando o assunto de reunir a coragem suficiente para lhe dizer que ele próprio, dentro em pouco, também seria forçado a procurar emprego.

— Vou ver o que é que poderei fazer — disse Nate. Jevy tinha um primo que vivia no Colorado que também andava à procura de emprego.

Surgiu um mosquito que começou a voar à volta da mão de Nate. O seu primeiro impulso foi esmagá-lo com uma palmada violenta, mas optou por se

manter atento ao insecto que aferia a eficácia do seu super-repelente de insectos. Quando se cansou de inspeccionar o seu alvo, de súbito, fez um voo a pique na direcção das costas da mão direita. Mas mais ou menos a cinco centímetros do seu objectivo parou inesperadamente, afastou-se e desapareceu à distância. Nate sorriu. Tinha as orelhas, pescoço e rosto cobertos de uma substância oleosa.

De uma maneira geral, o segundo ataque de febre de dengue provoca crises hemorrágicas. É bastante mais grave do que o primeiro, sendo frequentemente fatal. Nate O'Riley recusava-se a ser vítima dessa doença.

Continuavam a conversar sentados de frente para o povoado; Nate prestava atenção a tudo em seu redor. Esperava ver Rachel a caminhar elegantemente na sua passada larga por entre as palhotas, percorrendo o trilho para saudá-los. Certamente que naquela altura já saberia que o homem branco estava de volta. Mas saberia ela que o visitante era Nate? E se o ipica não os tivesse reconhecido, e Rachel se sentisse aterrorizada por poder haver mais alguém que tivesse encontrado a aldeia onde vivia? Foi então que avistaram o chefe da tribo que caminhava lentamente na direcção dos dois homens. Trazia uma longa lança ritual e era seguido por um ipica que Nate reconheceu. Pararam no extremo do trilho, a uns bons quinze metros do banco. Nenhum deles sorria; de facto, o chefe da tribo afivelara uma expressão particularmente desagradável.

— O que é que querem? — perguntou ele em português.

— Diz-lhe que pretendemos falar com a missionária — disse Nate a Jevy que traduziu a resposta.

— Porquê? — foi a réplica sucinta.

Jevy começou a explicar que o norte-americano viajara de muito longe para chegar ali, dizendo-lhe que era muito importante que encontrasse a mulher.
— Porquê? — perguntou o chefe uma vez mais.

Porque tinham assuntos que precisavam de ser discutidos pelos dois, coisas importantes que nem Jevy nem o chefe poderiam compreender.

Eram da maior importância, caso contrário o norte-americano não estaria ali.

Nate recordava-se do chefe da tribo como sendo um homem de carácter esfusiante, sempre com um sorriso rápido, com a gargalhada fácil e um temperamento que se alterava de um momento para o outro. Naquele momento, a sua fisionomia não traía muito em termos de expressão. À distância de cerca de quinze metros os seus olhos reflectiam dureza. Em tempos insistira com os dois homens para que se sentassem junto da sua fogueira, partilhando o seu pequeno-almoço com eles. Agora mantinha-se tão distanciado quanto lhe era possível.

Havia algo de errado. Qualquer coisa tinha mudado.

Disse-lhes que esperassem, começando a afastar-se no seu passo lento, de retorno ao povoado. Decorreu meia hora. Naquela altura com certeza que Rachel já fora informada da identidade dos dois homens, o chefe tê-la-ia informado. E, contudo, ela não foi ao encontro deles.

Passou uma nuvem que obscureceu o Sol e Nate pôs-se a observá-la atentamente. Era formada por uma massa leve e branca, não sendo minimamente assustadora; não obstante, sentiu-se receoso. Se ouvisse alguns sinais de trovoada à distância, estaria pronto a sair dali no mesmo instante. Sentados no bote, comeram algumas bolachas de água e sal com queijo. Entretanto, o chefe da tribo chamou-os com um assobio, interrompendo a merenda a meio. Viera da aldeia e estava sozinho. Os três encontraram-se a meio do caminho; Nate e Jevy seguiram-no durante aproximadamente trinta metros, após o que mudaram de direcção encaminhando-se para trás das palhotas através de um outro trilho. Nate avistava a clareira comum da aldeia. Estava deserta, não se via um único ipica que deambulasse por ali. As crianças não brincavam. As raparigas não varriam a suj idade em redor das suas habitações. As mulheres não cozinhavam nem limpavam. Não se ouvia um único som. O único movimento era o do fumo que se evolava das fogueiras da aldeia. Foi então que começou a ver rostos nas aberturas que serviam de janela, pequenas cabeças que espreitavam pelas entradas das palhotas. Estavam a ser observados. O chefe da tribo tomava a precaução de os manter afastados das palhotas, como se os dois homens fossem portadores de doenças contagiosas. Começaram a percorrer outro caminho que atravessava a floresta num breve trecho. Quando entraram numa clareira ficaram do lado oposto à palhota de Rachel.

Não viram qualquer indício da sua presença. O chefe conduziu-os passando pela porta da frente e contornando a pequena habitação, e, ao lado desta, abaixo de um maciço de árvores frondosas, avistaram as sepulturas.

CINQUENTA E DOIS

As duas cruzes brancas, semelhantes entre si, eram feitas de madeira cuidadosamente serrada e polida pelos índios, dois pedaços cruzados por ráfia. Eram pequenas, com uma altura inferior a trinta centímetros, a extremidade fora enterrada na terra recentemente revolvida, à cabeceira das duas campas. Não tinham inscrição nenhuma, nada que indicassem quem é que tinha falecido, ou quando.

Debaixo das árvores estava escuro. Nate colocou o saco no chão entre as duas sepulturas. O chefe da tribo começou a falar rapidamente em voz baixa.

— A mulher foi enterrada na da esquerda. O corpo de Lako está na da direita. Morreram no mesmo dia, há cerca de duas semanas — traduziu Jevy. O chefe acrescentou mais qualquer coisa. — Desde que nos fomos embora, houve um surto de malária que matou dez pessoas — acrescentou Jevy.

O chefe da tribo fez uma narrativa alongada sem interrupções, não dando tempo a Jevy para traduzir as suas palavras. Nate ouvia o que ele dizia e era como se não ouvisse nada. Olhava para a elevação de terra à sua esquerda, um amontoado de terra escura que formava um pequeno rectângulo perfeito, cuidadosamente ladeado por ramos sem folhas com a largura de pouco mais de dez centímetros. Rachel Lane fora sepultada naquela campa, a pessoa mais corajosa que lhe fora dado conhecer, porque não sentira o mínimo receio da morte. Para ela, a morte teria sido bem-vinda. Descansava em paz; finalmente, a sua alma encontrava-se junto do Senhor, enquanto o seu corpo jazia para todo o sempre entre as pessoas que ela tanto amara.

E Lako jazia junto dela, com o seu corpo terreno curado de todas as enfermidades e deficiências físicas.

O sentimento de choque desapareceu com a mesma rapidez com que se fizera sentir. A morte de Rachel era trágica, mas por outro lado não o era. Não fora uma esposa e mãe jovem que tivesse deixado uma família. Não tinha um círculo vasto de amigos que se apressassem a lamentar a sua morte prematura. Somente uma mão-cheia de indígenas da terra que adoptara é que teriam conhecimento da sua morte. Ela fora o elemento de estranheza entre os nativos que a haviam sepultado.

Nate conhecia-a o suficiente para saber que ela não teria desejado que alguém sofresse com a sua morte. Não aprovaria lágrimas de desgosto e ele não tinha nenhumas para chorar por ela. Durante alguns momentos fitou a sepultura sem querer acreditar no que via, mas a realidade começou a instalar-se na sua mente. Não se tratava de uma velha amiga com quem tivesse partilhado muitos momentos. Mal a conhecera. Os motivos que o tinham impelido a descobrir o paradeiro de Rachel deviam-se exclusivamente ao seu egoísmo. Invadira a privacidade da missionária que lhe pedira para não regressar ali.

Apesar de todos aqueles raciocínios, Nate sentia o coração desfeito. Desde que abandonara o Pantanal que não passara um dia em que não pensasse nela. Sonhara com ela, tinha sentido o toque da sua mão; recordava-se da sabedoria de Rachel. Fora ela quem o ensinara a rezar, incutindo-lhe um sentimento de esperança. Tinha sido a primeira pessoa em várias décadas que vira nele algo de bom.

Nate nunca conhecera uma pessoa como Rachel Lane, e sentia uma saudade tremenda.

O chefe da tribo mantinha-se em silêncio.

— Ele disse que não podíamos ficar aqui muito tempo — disse Jevy. — E por que não? — perguntou Nate sem despregar o olhar da campa de Rachel.

— Os espíritos disseram que fomos os culpados pelo surto de malária. Ocorreu quando viemos cá da primeira vez. Os nativos não estão satisfeitos com a nossa visita.

— Diz-lhe que os espíritos dele são uma cambada de palhaços. — Ele tem qualquer coisa que te quer mostrar.

Com movimentos vagarosos, Nate ergueu-se, colocando-se de frente para o chefe. Atravessaram a entrada da palhota onde Rachel vivera, dobrando os joelhos para poderem entrar. O chão era de terra batida. No interior havia duas divisões. A da frente tinha umas mobílias demasiado primitivas para se poder acreditar que existissem; uma cadeira feita de canas de bambu atadas com ráfia. Um sofá com cepos a fazer de pernas e palha como estofo. A divisão das traseiras era o quarto e a cozinha. Rachel dormira numa rede espreguiçadeira, à semelhança dos índios. Debaixo desta havia uma pequena mesa, em cima da qual fora colocada uma caixa de plástico que contivera medicamentos. O chefe apontou para a caixa e começou a falar. — Dentro da caixa estão algumas coisas para ti — traduziu Jevy para inglês. — Paramim?! — Sim. Ela sabia que estava a morrer. Pediu ao chefe da tribo que vigiasse a palhota. Se chegasse um norte-americano, ele devia mostrar-lhe a caixa.

Nate receava tocar-lhe. O chefe pegou na caixa, entregando-lha. Nate saiu do quarto e sentou-se no sofá improvisado. O chefe da tribo e Jevy saíram da palhota.

Ela não tinha chegado a receber as cartas que ele lhe enviara, pelo menos não estavam dentro da caixa. Havia um cartão de identidade brasileiro, documento que era exigido a todos os que não eram índios naquele território. Encontrou três cartas endereçadas pela Tribos Universais. Nate não as leu porque no fundo da caixa viu o testamento que ela deixara. Estava dentro de um sobrescrito branco de tamanho normalizado, e tinha algumas palavras em brasileiro que indicavam o nome da remetente. Rachel escrevera numa letra de imprensa impecável as palavras: O Último Testamento de Rachel Lane Porter. Nate olhava para o sobrescrito como se não acreditasse no que via. As mãos tremiam-lhe ao abri-lo com todo o cuidado. No interior havia duas folhas agrafadas e dobradas de papel de carta branco. Na primeira folha, em letras garrafais a toda a largura do topo, ela escrevera, novamente em letra de imprensa, Último Testamento de Rachel Lane Porter. Dizia o seguinte: «Eu, Rachel Lane Porter, filha de Deus, residente no Seu mundo, cidadã dos Estados Unidos da América, de posse de todas as minhas faculdades mentais, declaro pelo presente documento que este é o meu último testamento.

1. Não tenho testamentos anteriores que devam ser anulados. Este é o meu primeiro e último. Todas as palavras foram escritas pelo meu punho. Este testamento é inteiramente holografado.

2. Tenho em meu poder uma cópia do último testamento do meu pai, Troy Phelan, com data de 9 de Dezembro de 1996, por meio do qual ele me legou a totalidade dos seus bens. Estou a tentar imprimir a este testamento os mesmos moldes que ele utilizou no seu.

3. Não rejeito nem declino o espólio que ele achou por bem deixar-me. Tão-pouco desejo vir a receber os bens que me foram legados. Qualquer que seja o valor da doação, desejo que seja aplicado num fidei-comisso.

4. Os rendimentos provenientes desse fideicomisso devem ser utilizados da seguinte maneira: a) a continuação do trabalho efectuado pelos missionários da organização Tribos Universais espalhados por todo o mundo, b) espalhar a palavra do Evangelho de Cristo, c) proteger os direitos dos povos indígenas do Brasil e demais países da América do Sul, d) alimentar os que passam fome, curar os doentes, providenciar abrigo aos que não têm casa e salvar as crianças.

5. Nomeio o meu amigo Nate O'Riley como administrador do fideicomisso, conferindo-lhe plenos poderes na administração do mesmo.

Também o nomeio como testamenteiro deste testamento. Assinado aos seis de Janeiro de 1977, em Corumbá, Brasil. Rachel Lane Porter.» Nate releu aquele testamento várias vezes. A segunda folha fora dactilografada em português. De momento, a tradução teria de aguardar.

Examinou a terra entre os pés. O ar era opressivo sem que corresse uma aragem. O mundo estava mergulhado num silêncio absoluto; não se ouvia um só som que viesse do povoado. Os ipicas continuavam escondidos do homem branco e das pestes de que era portador. A terra seria varrida para que o solo se mantivesse liso e limpo? O que é que acontece quando chove e os telhados de palha deixam passar a água? A terra formaria poças, transformando-se em lama? Na parede que Nate tinha defronte de si haviam sido colocadas umas prateleiras toscas que estavam cheias de livros — livros de religião, ensaios sobre teologia e várias Bíblias. As prateleiras estavam ligeiramente desniveladas, com um declive de dois a quatro centímetros para a direita.

Aquele fora o lar de Rachel durante os últimos onze anos da sua vida.

Nate voltou a reler o testamento. O dia seis de Janeiro fora aquele em que ele abandonara o hospital de Corumbá. Ela não tinha sido um sonho. Tocara-lhe e dissera-lhe que ele não morreria. Em seguida escrevera o testamento.

A palha roçagava debaixo de si sempre que se movia. Sentia-se numa espécie de transe quando Jevy espreitou pela entrada. — O chefe quer que deixemos a aldeia — informou ele. — Lê isto — retorquiu Nate entregando-lhe as duas folhas de papel, colocando a segunda em cima da outra. Jevy avançou até ao sítio onde havia mais luz que entrava através da porta, começando a ler com lentidão.

— Estão aqui declarações de duas pessoas — disse ele pouco depois. — A primeira é um advogado, que afirma que Rachel Lane Porter assinou o testamento no seu escritório, em Corumbá. Na altura, estava mentalmente sã, tendo perfeita consciência do que estava a fazer. A assinatura dele foi oficialmente autenticada por um... como é que se diz... — Um notário — adiantou Nate.

— Sim, um notário. A segunda pessoa, que assinou ao fundo da página é a secretária do advogado, que, ao que tudo indica, afirma a mesma coisa que o advogado disse. A assinatura dela também está autenticada pelo notário. O que é que isto significa? — Mais tarde explico-te.

Saíram para a luz do Sol. O chefe da tribo mantinha os braços cruzados defronte do peito — a sua paciência estava quase a esgotar-se. Nate retirou a máquina fotográfica que guardara dentro do saco, começando a fotografar a

palhota e as duas campas. Pediu a Jevy que segurasse na máquina enquanto se agachava junto da campa de Rachel. Manteve-se na mesma posição para que Jevy tirasse as fotografias. O chefe da tribo não concordou em ser retratado junto de Nate. Mantinha-se tão distante dele quanto lhe era possível. Começou a resmungar, manifestação que levou Jevy a recear que o homem estivesse prestes a explodir. Chegaram ao trilho, dirigindo-se para a floresta e, uma vez mais, o chefe teve o cuidado de os manter afastados da aldeia. Quando o arvoredo começou a ser mais cerrado, Nate parou, voltando-se para lançar um último olhar à palhota que fora de Rachel. Sentia vontade de a levar consigo, arranjar maneira de a erguer do solo transportando-a para os Estados Unidos, preservá-la como se fosse um monumento, de maneira a que milhões de pessoas, cujas vidas seriam tocadas por ela, tivessem um lugar que pudessem visitar para expressar a sua gratidão. Nate sentia o mesmo em relação à sepultura. Rachel merecia um santuário em sua memória. Essa seria a última coisa que ela teria desejado. Nate deixara de avistar Jevy e o chefe, o que o levou a estugar o passo para os alcançar.

Conseguiram chegar ao rio sem terem infectado nenhum dos indígenas. O chefe da tribo resmungou qualquer coisa a Jevy quando entraram no barco.

— Ele diz que não quer que voltemos à aldeia — informou Jevy. — Diz-lhe que não tem razões para se preocupar com essa possibilidade. Jevy não traduziu aquelas palavras, pondo o motor em funcionamento e começando a afastar-se da margem do rio.

O chefe já iniciara o caminho de regresso ao povoado. Nate perguntava-se se ele sentiria falta de Rachel. Ela vivera junto daquele povo ao longo de onze anos. Dera a impressão de ter exercido grande influência junto dele, embora não tivesse conseguido a proeza de o converter ao cristianismo. Lamentaria ele o seu falecimento ou, pelo contrário, sentiria alívio por os seus deuses e espíritos terem passado a reinar em plena liberdade? O que é que sucederia aos ipicas que se tinham convertido ao cristianismo, agora que Rachel desaparecera? Recordou-se dos shalyuns, os curandeiros das tribos índias que atormentavam Rachel. Certamente que celebrariam a sua morte ao mesmo tempo que assediariam os que ela conseguira converter. Ela batera-se por uma boa causa e agora descansava em paz. Jevy desligou o motor, começando a conduzir o bote com a ajuda de um remo. A corrente era fraca e as águas mansas. Com muita cautela, Nate montou o telefone-satélite em cima do banco. O firmamento estava limpo, o que permitia um sinal forte; ao cabo de dois minutos estabelecera ligação com a secretária de Josh, que foi a correr chamar o seu chefe.

— Diz-me que ela assinou o raio do documento, Nate. — Foram as primeiras palavras que ele disse. Gritava ao telefone do outro lado da linha.

— Não precisas de gritar, Josh. Eu ouço-te na perfeição.

— Desculpa. Diz-me só que ela assinou os papéis.

— Ela assinou um fideicomisso, mas não foi o nosso. Ela morreu, Josh.

— Não! — exclamou Josh, estupefacto.

— Sim. Morreu há já duas semanas. De malária. Deixou um testamento holografado, tal e qual o pai fez.

— Tem-lo em teu poder?

— Sim. Está seguro. A fortuna toda será aplicada num fideicomisso.

Eu serei o fiduciário e administrador.

— E é válido?

— Estou em crer que sim. Foi inteiramente escrito pelo seu punho, assinado, datado e testemunhado por um advogado de Corumbá e pela secretária deste.

— A mim parece-me que é válido.

— E agora o que é que vai acontecer? — perguntou Nate. Visualizava Josh por detrás da sua mesa de trabalho, com os olhos fechados enquanto se concentrava, uma mão no auscultador do telefone e os dedos da outra a passarem pelos cabelos. Quase conseguia ouvi-lo a arquitectar um plano de acção através do telefone. — Não vai acontecer nada. O testamento de Troy Phelan é válido. As suas últimas vontades serão cumpridas.

— Mas ela morreu.

— O espólio que ele deixou será transferido para a herança a que ela teria direito. É uma situação que se verifica com frequência em acidentes de viação quando um dos cônjuges morre num dia e o outro vem a falecer no dia seguinte. Os legados passam de espólio para espólio. — E em relação aos outros herdeiros? — O acordo continua em vigor. Eles receberão o seu dinheiro, ou o que restar depois de os advogados retirarem as suas fatias. Presentemente, os herdeiros são as pessoas mais felizes à face da Terra, com a possível excepção dos seus advogados. Não existe nenhuma lacuna que possam atacar. Temos dois testamentos que são válidos. Parece-me que acabaste de te transformar num fiduciário para o resto da tua carreira profissional.

— E passarei a exercer plenos poderes — acrescentou Nate. — Ficas com muito mais do que isso. Lê-me esse testamento. Nate retirou o documento do fundo do seu saco a tiracolo começando a lê-lo vagarosamente, palavra a palavra. — Não demores a regressar — disse Josh.

Jevy também absorvia todas as palavras, apesar de dar a impressão que examinava o rio. Depois de Nate ter desligado e guardado o telefone, Jevy começou a fazer perguntas. — Herdaste o dinheiro? — Não. O dinheiro será aplicado num fideicomisso. — O que é um fideicomisso? — Pensa nisso como se fosse uma grande conta bancária. O dinheiro fica no banco, protegido enquanto rende juros. O fiduciário é quem decide onde é que os juros serão aplicados.

Jevy continuava a não estar muito esclarecido. Tinha muitas perguntas que gostaria de fazer; Nate apercebeu-se da confusão que lhe ia na cabeça. No entanto, aquela não era a melhor altura para uma lição de iniciação da lei testamentária anglo-saxónica, heranças e fideicomissos. — Vamos embora — disse Nate.

O motor recomeçou a funcionar; o bote cortava velozmente as águas do rio, rugindo ao contornar os nós, deixando um manto de espuma. Chegaram à chalana ao fim da tarde. Welly pescava. Os pilotos do helicóptero jogavam às cartas na popa do barco. Nate voltou a telefonar a Josh para lhe dizer que mandasse regressar o avião a jacto que se encontrava no aeroporto de Corumbá. Não necessitaria dele. Tencionava levar o seu tempo a regressar aos Estados Unidos.

Josh levantou algumas objecções, uma vez que não lhe restava mais nada que pudesse fazer. A confusão do espólio Phelan fora resolvida. Na verdade, não havia necessidade para pressas. Josh disse aos pilotos que contactassem Valdir quando regressassem à cidade, após o que dispensou os seus serviços. A tripulação da chalana admirava as manobras do helicóptero que desapareceu no firmamento como se fosse um insecto, após o que levantaram âncora. Jevy estava ao leme. Welly sentava-se no convés à proa da embarcação, mantendo os pés suspensos a alguns centímetros da superfície da água. Nate deitou-se num dos beliches tentando passar pelas brasas. Mas o motor a gasóleo situava-se num compartimento contíguo. O barulho regular impedia-o de conciliar o sono.

A embarcação tinha um terço do tamanho do Santa loura, até os beliches eram mais pequenos. Nate deitara-se de lado, observando as margens do rio por que iam passando ao longo do percurso. Fosse de que maneira fosse, Rachel concluíra que ele largara o vício do álcool de uma vez por todas, apercebera-se de que quaisquer outros vícios pertenciam ao passado, que os demónios que haviam controlado a sua vida tinham sido encarcerados para todo o sempre. Rachel vira algo de bom no seu íntimo. De uma maneira qualquer, ela dera-se conta de que ele tentava encontrar-se. Fora ela quem descobrira qual seria o seu

destino. Deus dissera-lhe. Jevy despertou-o depois de ter escurecido.

— Temos Lua — disse ele. Ambos se sentaram na proa da embarcação. Welly estava ao leme logo atrás dos dois, navegando à luz da lua-cheia acompanhando o curso sinuoso do rio Xeco que acabaria por confluir no Paraguai.

— O barco é lento — comentou Jevy. — Vamos levar dois dias para chegar a Corumbá.

Nate sorriu-lhe. No que lhe dizia respeito, a viagem poderia levar um mês.

FIM